

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS**

LUCIA RIBEIRO CHERMONT

REVISTA *AONDE VAMOS?*

um projeto judaico-brasileiro e suas redes nacionais e transnacionais
(RJ, 1943-1977)

FRANCA

2024

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS**

LUCIA RIBEIRO CHERMONT

REVISTA *AONDE VAMOS?*

um projeto judaico-brasileiro e suas redes nacionais e transnacionais

(Rio de Janeiro, 1943-1977)

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, como pré-requisito para obtenção do título de Doutora em História

Área de Concentração: História e Cultura
Linha de Pesquisa: História e Cultura Social
Orientadora: Profa. Dra. Valéria dos Santos Guimarães
Bolsista: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001

FRANCA

2024

C521r Chermont, Lucia Ribeiro
REVISTA AONDE VAMOS? : um projeto judaico-brasileiro e suas redes nacionais e transnacionais (RJ, 1943-1977) / Lucia Ribeiro Chermont. -- Franca, 2024
352 p. : tabs., fotos

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Franca
Orientadora: Valéria dos Santos Guimarães

1. História contemporânea. 2. Judeus no Brasil e sionismo. 3. História da imprensa periódica. 4. História Cultural. 5. Guerra Fria. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Franca. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

LUCIA RIBEIRO CHERMONT

REVISTA *AONDE VAMOS?*

um projeto judaico-brasileiro e suas redes nacionais e transnacionais
(Rio de Janeiro, 1943-1977)

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” como pré-requisito para a obtenção do título de Doutor em História.

Area de concentração: História e Cultura Social

Orientadora: Profa. Dra. Valéria dos Santos Guimarães

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Valéria dos Santos Guimarães (presidente)
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP)

Profa. Dra. Joëlle Rachel Rouchou
Faculdades Integradas Hélio Alonso (FACHA)

Prof. Dr. Roney Cytrynowicz
Narrativa Um – Projetos e Pesquisas de História

Prof. Dr. Marcos Chor Maio
Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ)

Profa. Dra. Beatriz Kushnir
Universidade Estadual do Rio de Janeiro (PPGARQ/UNIRIO, INCT-Proprietas)

Franca, 10 de abril de 2024

Ao meu filho, que nasceu juntamente com a historiadora,
o que me trouxe muita sorte.

AGRADECIMENTOS

O período do doutorado foi de muitas perdas, minha mãe faleceu e meu filho saiu de casa. Então, convivi com o luto e a síndrome do ninho vazio concomitantemente. Logo depois, veio a pandemia, um grande desafio de proporções mundiais e que também acarretou em muitas perdas. Mas a capacidade humana de resiliência foi enorme. Gostaria de agradecer a todos que sobreviveram a tudo isso e que ainda estão seguindo em frente.

Segundo o *Talmud*, quem salva uma vida salva o mundo inteiro, então, um agradecimento especial para Marina Pedroso, Marta Fuess e Heloísa Pait, cada uma a sua maneira salvou o mundo inteiro mais de uma vez.

Aos amigos e parentes, que quase entenderam minha ausência em função da intensa dedicação ao doutorado. Agradeço, principalmente, ao meu filho e à minha nora, fontes inesgotáveis de alegria e felicidade.

Agradeço aos colegas de orientação, professores e amigos que ajudaram na trajetória com ombro amigo, dicas, entrevistas ou exemplos.

Aos professores Roney Cytrynowicz e Joelle Rouchou, que participaram da banca e enriqueceram minha pesquisa com suas observações. Agradeço à minha orientadora, Valéria dos Santos Guimarães, pela paciência e dedicação, que tornou possível a realização deste trabalho, na verdade, um grande sonho realizado.

A revisão final de João Lucas Poiani Trescentti.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

*Imprensa é um exército de 26 soldados de chumbo com o
qual se pode conquistar o mundo.*
Johannes Gutenberg

*O homem não é inteiramente culpado, não foi ele que
começou a história; nem completamente inocente, já que
ele a continua.*
Albert Camus

RESUMO

O objetivo desta tese é realizar uma análise da revista *Aonde Vamos?* (RJ, 1943-1977) e, especificamente, da seção Os Judeus no Mundo. A revista foi um semanário de grande projeção na comunidade judaica nacional, com consistentes conexões nacionais e internacionais, com assumido viés ideológico conservador e de direita sionista. Veio à luz durante um período de grandes transformações, como a integração e a afirmação desse grupo frente ao trágico legado do Holocausto e às expectativas da então recente e tensa fundação do Estado de Israel. A pesquisa se propôs a responder como se deram as articulações e as trocas culturais entre local e global por meio da análise da seção Os Judeus no Mundo, destinada a publicar informações internacionais, bem como localizar os mediadores e as redes que se formaram em torno da revista, a fim de melhor compreender a circulação das informações, sua utilização dentro de determinadas perspectivas ideológicas e a criação de representações da conjuntura do período da Guerra Fria. Para tanto, foi adotado o critério metodológico de seleção de assuntos de destaque como as repercussões do Relatório Krushev, a ênfase dada ao antissemitismo soviético pela direita e a esperança da renovação socialista pela esquerda, entre outros. Como referência teórica, a tese se guiou pelas abordagens da história cultural e das representações e seus recentes desdobramentos, utilizando especialmente do conceito de transferências culturais. Como resultados gerais, foi possível apreender que a revista ocupou um papel de importante mediador cultural ao permitir a circulação, muitas vezes de forma inédita, de textos e notícias internacionais, com editores e colaboradores adotando uma postura de tradutores culturais, ao tornar legível ao público leitor no Brasil o que circulava sobre temáticas relativas aos judeus e ao judaísmo fora das fronteiras nacionais. É possível afirmar, igualmente, que a *Aonde Vamos?* e seus produtores corroboram para formar uma identidade judaica brasileira dentro de uma perspectiva capitalista liberal e conservadora, sempre vinculada ao sionismo de direita.

Palavras-chave: Revista *Aonde Vamos?*; História da imprensa periódica; História Cultural; Guerra Fria; Sionismo.

ABSTRACT

The objective of this thesis is to carry out an analysis of the magazine *Aonde Vamos?* (RJ, 1943-1977) and, specifically, the section The Jews in the World. The magazine was a weekly with great projection in the national Jewish community, with consistent national and international connections, with an assumed conservative and right wing Zionist ideological bias. It became known during a period of great transformations, such as the integration and affirmation of this group in the face of the tragic legacy of the Holocaust and the expectations of the then recent and tense foundation of the State of Israel. The research aimed to answer how cultural articulations and exchanges took place between local and global through the analysis of the section The Jews in the World, intended to publish international information, as well as locating the mediators and networks that were formed around the magazine, in order to better understand the circulation of information, its use within certain ideological perspectives and the creation of representations of the situation during the Cold War period. To this end, the methodological criteria for selecting prominent subjects were adopted, such as the repercussions of the Khrushchev Report, such as the glorification of Soviet anti-Semitism by the right and the hope for socialist renewal by the left, among others. As a theoretical reference, the thesis was guided by approaches to cultural history and representations and their recent developments, using especially the concept of cultural exchanges. As general results, it was possible to understand that the magazine played an important role as a cultural mediator by allowing the circulation, often in an unprecedented way, of international texts and news, with editors and collaborators adopting the stance of cultural translators, by making it readable to the public reader in Brazil what was circulating on topics related to Jews and Judaism outside national borders. It is also possible to say that *Aonde Vamos?* and its producers contribute to forming a Brazilian Jewish identity within a liberal and conservative capitalist perspective, linked to right-wing Zionism

Keywords: *Aonde Vamos?* Magazine; History of the periodical press; Cultural History; Cold War; Zionism.

RÉSUMÉ

L'objectif de cette thèse est de réaliser une analyse de la revue *Aonde Vamos?* (RJ, 1943-1977) et plus particulièrement de la section Les Juifs dans le monde. Le magazine était un hebdomadaire avec une grande projection dans la communauté juive nationale, avec des connexions nationales et internationales constantes, avec un parti pris idéologique conservateur et sioniste de droite assumé. Il est apparu au cours d'une période de grandes transformations, comme l'intégration et l'affirmation de ce groupe face à l'héritage tragique de l'Holocauste et aux attentes de la fondation alors récente et tendue de l'État d'Israël. La recherche visait à répondre à la manière dont les articulations et les échanges culturels se produisaient entre local et global à travers l'analyse de la section Les Juifs dans le monde, destinée à publier des informations internationales, ainsi qu'à situer les médiateurs et les réseaux qui se sont formés autour de la revue, dans afin de mieux comprendre la circulation de l'information, son utilisation dans certaines perspectives idéologiques et la création de représentations de la situation pendant la période de la guerre froide. Pour cela, des critères méthodologiques de sélection des sujets marquants ont été adoptés, comme les répercussions du rapport Khrouchtchev, l'accent mis sur l'antisémitisme soviétique à droite et l'espoir d'un renouveau socialiste à gauche, entre autres. En tant que référence théorique, la thèse s'est inspirée des approches de l'histoire et des représentations culturelles et de leurs évolutions récentes, en utilisant notamment la notion de transferts culturels. De manière générale, il a été possible de comprendre que la revue jouait un rôle important de médiateur culturel en permettant la circulation, souvent de manière inédite, de textes et d'actualités internationales, les éditeurs et collaborateurs adoptant la posture de traducteurs culturels, en faisant il permettait au lecteur public brésilien de lire ce qui circulait sur des sujets liés aux juifs et au judaïsme en dehors des frontières nationales. On peut aussi dire qu'*Aonde Vamos?* et ses producteurs contribuent à former une identité juive brésilienne dans une perspective capitaliste libérale et conservatrice, toujours liée au sionisme de droite.

Mots-clés: *Aonde Vamos?* revue; Histoire de la presse périodique; Histoire culturelle; Guerre froide; Le sionisme.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Nota sobre a mudança do formato da revista Aonde Vamos?	58
Figura 2 - Capa da revista Aonde Vamos? com Getúlio Vargas.....	62
Figura 3 - Legenda da capa da revista Aonde Vamos? com Getúlio Vargas.....	63
Figura 4 - Capa da Aonde Vamos? com subtítulos e gráficos.....	63
Figura 5 - Contracapa da Aonde Vamos? com subtítulos e gráficos.....	64
Figura 6 - Legenda dos gráficos da capa de Aonde Vamos?	64
Figura 7 - Capa da Aonde Vamos? O circo Goldman vem aí!	66
Figura 8 - Capa de Ano novo.....	66
Figura 9 - Capa de Rosh Hashaná.....	66
Figura 10 - Capa de Purim.....	66
Figura 11 - Capa de Yom Haatzmaut	67
Figura 12 - Anúncio da Gillette.....	67
Figura 13 - Clichê em que figura Stefan Zweig	68
Figura 14 – Formandos.....	68
Figura 15 - Artigo sobre Diego Rivera.....	68
Figura 16 - Seção Sociais.....	68
Figura 17 - Artigo sobre Tel Aviv.....	69
Figura 18 - Anúncio da empresa aérea Varig.....	69
Figura 19 – Desenho.....	69
Figura 20 - Seção Notícias da Guerra.....	69
Figura 21 - Suplemento Infantil.....	70
Figura 22 - Página com vários tamanhos de fonte.....	70
Figura 23 - Títulos com fonte maior.....	70
Figura 24 - Título com fonte maior	71
Figura 25 - Destaques em negrito.....	71
Figura 26 - Destaques em negrito (2)	72
Figura 27 - Destaques fios e boxe.....	73
Figura 28 - Quatro colunas.....	73
Figura 29 - Quatro colunas (2)	74
Figura 30 - Seção Os Judeus no Mundo, 1955.....	131
Figura 31 - Seção Os Judeus no Mundo, 1958.....	132

Figura 32 - Seção Os Judeus no Mundo, 1959.....	132
Figura 33 - Seção Os Judeus no Mundo, 1963.....	133
Figura 34 - Primeira edição do jornal Unser Stime.....	160
Figura 35 - Primeira edição do jornal Unser Stime (2)	161
Figura 36 - Capa da revista O Cruzeiro, n. 1.....	172
Figura 37 - Seção Pif Paf, revista O Cruzeiro	176
Figura 38 - Capa da revista Life, n. 1	183
Figura 39 - Coluna 7 Grifos	226
Figura 40 - Recado ao leitor	229
Figura 41 - Anúncios com carimbo Pago.....	243
Figura 42 - Anúncios com carimbo Pago (2)	244

LISTA DE ABREVIATURAS

AHJB/MJSP	Arquivo Histórico Judaico Brasileiro - Museu Judaico de São Paulo
BNHD	Biblioteca Nacional Hemeroteca Digital

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO 1 - AONDE VAMOS? UMA REVISTA JUDAICA BRASILEIRA.....	24
1.1 Construindo identidades	24
a Aspectos gerais.....	24
b Materialidade da revista e projeto gráfico.....	56
1.2 A revista e seu contexto.....	79
a A revista na imprensa brasileira e a imprensa judaico-brasileira.....	79
b A revista e sua época.....	97
1.3 Considerações finais.....	121
CAPÍTULO 2 - OS JUDEUS NO MUNDO – UM OLHAR GLOBAL	123
2.1 Seções	123
a Apresentação geral.....	123
b Os Judeus no Mundo.....	130
2.2 Comparação com a imprensa nacional e internacional	158
a Unzer Stime (Nossa Voz).....	158
b O Cruzeiro.....	171
c Life Magazine.....	181
2.3 Considerações finais.....	192
CAPÍTULO 3 - MEDIADORES E REDES DE SOCIABILIDADE	196
3.1 Os mediadores.....	196
a Diretores e redatores-chefes de Aonde Vamos?.....	196
b Grupos de pertencimento.....	232
c Seções de instituições: nacionais e internacionais.....	234
d Anunciantes.....	246
e Agências Internacionais de Notícias.....	251
3.2 Redes em torno da revista.....	254
a Redes de mediadores nacionais e internacionais.....	254
b Redes temáticas.....	271
3.3 Considerações finais.....	278
CONSIDERAÇÕES FINAIS	280
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	287
APÊNDICES	305

INTRODUÇÃO

Trabalhei¹ por longo período, 12 anos de 2004 a 2016, no extinto Arquivo Histórico Judaico Brasileiro², momento em que também escrevi minha dissertação de mestrado, aliás, de natureza bastante autobiográfica, uma vez que pesquisei a concentração judaica no bairro paulistano de Higienópolis, local onde nasci, cresci e morei. Segundo o demógrafo René Decol (1999), a concentração judaica na região de Santa Cecília e Higienópolis superou, numericamente, a do bairro do Bom Retiro, na década de 1980. Justamente por isso, optei pela História Oral, o que me possibilitou entrevistar in loco membros da comunidade e dividir minhas dúvidas e inquietações com eles. Considero uma linda jornada que me trouxe muita realização e aplacou minhas questões pessoais.

No dia da defesa, um membro da banca questionou-me por que em todos esses anos de coordenação do maior acervo judaico reunido numa instituição no Brasil, optei, para o mestrado, por não me valer da documentação disponível, no que reiterou: nada no acervo te inspirou? A pergunta inquietou. De fato, o acervo era realmente muito rico, por exemplo, havia uma revista que era muito requisitada por pesquisadores, porque costumava inflamar os ânimos dos leitores em sua época de circulação, a saber: *Aonde Vamos?*. Com esse periódico não havia meio termo, pois contava com adoradores e os que o odiavam. Sabia da sua disponibilidade no acervo, e, inquieta com a colocação do professor, comecei a buscar mais informações a respeito.

Cumpre destacar que o referido arquivo possuía a coleção física e digital quase completa da revista, mais de 30 anos de um hebdomadário. Encontrei o objeto, tinha acesso à fonte, logo, parecia o melhor dos mundos. No entanto, por questões alheias à minha vontade, o arquivo faliu e providências urgentes tiveram de ser tomadas. O acervo e a sede do arquivo foram incorporados por outra instituição e eu decidi seguir outro rumo. Antes de todo esse processo, tinha recebido de presente do penúltimo presidente do arquivo uma cópia da versão digital da revista, com o combinado de que eu deveria realizar a pesquisa. Aqui estou eu, cumprindo minha promessa.

¹ Será usada a primeira pessoa do singular quando se tratar de relato de experiência da autora.

² O Arquivo Histórico Judaico Brasileiro-AHJB (1976-2016) reuniu rico acervo documental referente à imigração e permanência judaica no Brasil. Nos anos de 2004 a 2016, trabalhei no AHJB como coordenadora de pesquisa e projeto, fui responsável pelos acervos textuais e de periódicos e por períodos o fotográfico. Em 2011, o AHJB teve aprovado apoio da Fapesp no programa Apoio à Infraestrutura de Pesquisa – Centros Depositários de Informações, documentos e/ou coleções biológicas. O projeto foi elaborado pelo então diretor do acervo, Roney Cytrynowicz, pela consultora arquivística do AHJB, Solange Souza, e pela coordenadora de pesquisa e projeto, cargo que eu exercia à época. Fui coordenadora diária das atividades arquivísticas da equipe contratada para executar o projeto. Atuei no departamento educativo e de pesquisa desenvolvendo visitas à diversos públicos e exposições dos mais variados temas. Era responsável pelo material de divulgação, com página mensal em veículos, como o impresso *Tribuna Judaica*, e redes sociais.

Primeiramente, para focar a imprensa como fonte da pesquisa histórica, tem-se que, no século XIX, o documento com sentido de fonte para o historiador foi amplamente aceito, porém, a definição do que vem a ser um documento histórico foi alvo de debates. Um historiador da Escola Metódica do século XIX teria certeza de que o documento é, em essência, o texto oficial. O debate girava em torno da autenticidade do texto. Uma vez estabelecida a autenticidade, o texto escrito era considerado a fonte histórica por excelência. A imprensa, naquela época, estava fora do parâmetro aceito pela comunidade profissional de hoje.

No entanto, o conceito e a abrangência do termo documento histórico foram ampliados. A Escola dos *Annales*, no século XX, colaborou com o alargamento da noção de fonte. Ao determinar que a busca do historiador seria guiada por tudo que fosse humano, Marc Bloch (2001) demonstrou que, ao mesmo tempo em que se amplia o campo do historiador, se abrange, necessariamente, a tipologia da sua fonte.

Para Maria Helena Capelato (2015), a imprensa, antes considerada fonte suspeita, passou a ter significado e importância, além de ser reconhecida fonte e objeto de estudos sobre o passado e material de pesquisa valioso para a compreensão de uma época. A recusa do uso de jornais e revistas como fontes para o estudo do passado fundamentava-se na concepção que exigia objetividade na leitura das fontes “fidedignas”, por meio das quais se pretendia chegar à “verdade do fato”.

A distinção entre o verdadeiro e o falso, embora necessária, passou a ser encarada de outra forma, e o documento “falso” passou a ser considerado tão relevante quanto o “verdadeiro”, cabendo averiguar por qual motivo e como ele foi produzido. A análise do jornal como fonte e objeto histórico também pressupõe uma avaliação crítica do documento, ou seja, sua desconstrução.

Segundo as historiadoras Heloisa de Faria Cruz e Maria do Rosário da Cunha Peixoto (1981), no caso da pesquisa histórica da imprensa, além das advertências sobre o caráter ideológico de seu discurso, de seu comprometimento com os interesses de proprietários e anunciantes, deve-se enfrentar a reflexão sobre a sua historicidade. Pensar a imprensa implica tomá-la como uma força ativa da história, e não como um mero depositário de acontecimentos dos diversos processos e conjunturas. Como indica Robert Darnton (2010), é preciso pensar sua inserção histórica enquanto força ativa da vida moderna, muito mais como parte integrante do processo do que registro dos acontecimentos, atuando na constituição de novos modos de vida, perspectivas e consciência histórica.

As pesquisas sobre a imprensa começaram a ter destaque na historiografia brasileira a partir das décadas de 1970 e 1980, quando Maria Ligia Coelho Prado e Maria Helena Capelato

desenvolveram uma pesquisa de mestrado sobre o jornal *O Estado de São Paulo*. O estudo foi considerado inovador, porque as autoras optaram pela análise de um jornal tradicional da “grande imprensa” e muito conhecido por sua prolongada atuação como órgão informativo e opinativo. A intenção da pesquisa não era fazer uma história da imprensa, mas situar o jornal como ator de destaque na vida política do país, num determinado período de sua existência. Por meio da leitura do jornal, procuraram reconstruir projetos, ideias, lutas, compromissos e interesses dos protagonistas da história da época (Capelato; Prado, 1980).

Constatou-se que os estudos de periódicos estrangeiros continham uma tendência geral de ficarem circunscritos aos grupos a que correspondiam, deixando uma grande lacuna nesse estudo historiográfico específico.

No caso do estudo da imprensa judaica no Brasil, os primeiros jornalistas e pesquisadores que abordaram o tema publicaram seus resultados nas revistas da própria comunidade em diversas línguas. Jacob Nachbin³ publicou cinco artigos sobre a história da imprensa judaica no Brasil, no *Jornal Di Zukunft (O Futuro)*, de Nova York, em 1930. O historiador Isaac Raizman (1968) - desconhecendo os periódicos em língua portuguesa produzidos pelos judeus sefarditas -, sem ambições acadêmicas e baseado em suas vivências pessoais de gráfico, das lembranças de jornalista e ativista político, aproveitou parte das informações de Nachbin e escreveu *A fertl yohrhundeit idiche Prese in Brazil (Um quarto de século da imprensa judaica no Brasil)*, correspondendo ao período de 1915 a 1940. Outro pioneiro nos estudos históricos sobre a imprensa judaica foi o historiador Nachman Falbel, cujo livro *Judeus no Brasil – estudos e notas* (2008) tem estudos sobre a imprensa judaica e aborda, principalmente, seus anos iniciais.

Posteriormente, os Centros ou Núcleos de Estudos Judaicos criados, como o Centro de Estudos Judaicos do Programa de Pós-Graduação em Letras Estrangeiras e Tradução da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP ou o Núcleo Interdisciplinar de Estudos Judaicos, vinculado ao Programa de Pós-Graduação de História Social da UFRJ, ou mesmo professores, como Maria Luiza Tucci Carneiro, do departamento de História da USP, têm concentrado as pesquisas sobre a temática judaica. Mas, mesmo nesses nichos específicos, a pesquisa e a produção de conhecimento sobre a imprensa judaica publicada no Brasil é muito importante e significativa, ainda que tenha deixado algumas lacunas, como era de se esperar quando se trata de tema e corpus tão vasto. Pode-se afirmar que dissertações e teses sobre o assunto ainda são poucas, podem ser citadas: a dissertação de Esther Terdiman, *Imprensa ídiche*

³ Jacob Nachbin foi um poeta, jornalista e historiador que se destacou por uma intensa atuação cultural na comunidade judaica do Rio de Janeiro.

em São Paulo: vivência e dinamismo - San Pauler Ídiche Tsaitung (A Gazeta Israelita de São Paulo) 1937, defendida em 1997 no Centro de Estudos Judaicos da Faculdade de Língua e Literatura da Universidade de São Paulo, que mergulha no recorte temporal de um ano no veículo que durou entre 1931 e 1941; a tese de doutorado de Taciana Wiazovski, *Cultura em Comentário: uma revista de cultura e resistência (1960-1973)*, defendida no Departamento de História Social na Universidade de São Paulo, que analisa e revista que era a versão brasileira da revista norte-americana *Commentary* (NY, 1945-atual) e foi, a partir de 1960, ícone do neoliberalismo e anticomunismo, período que foi publicada no Brasil em português; a dissertação de Julia Souza Oliveira, *A Columna e o sionismo no Rio de Janeiro em princípio do século XX: reflexão acerca de uma identidade em construção*, defendida em 2019 no Programa de pós-graduação de História da Universidade Estadual de São Paulo.

Neste estudo sobre a revista *Aonde Vamos?*, a proposta é, justamente, cobrir uma dessas lacunas, ao pesquisar a fundo um dos periódicos que, como se pode verificar por meio desta investigação, é considerado um dos mais importantes do período para a comunidade judaica, principalmente devido à sua longevidade e ao momento de publicação, e mesmo por conta do fato de ter sido escrito para um público mais amplo e interessado nos temas e polêmicas suscitados pelo seu corpo editorial e de colaboradores. Juntam-se a tal panorama as reflexões propostas pelo grupo Transfopress Brasil⁴, que trabalha com a imprensa alófona, para o qual, inclusive, cooperei com o levantamento de títulos publicados em ídiche no Brasil do século XX. A *Aonde Vamos?* não faz parte do corpus da imprensa alófona, porém, algumas das questões levantadas por parte dos pesquisadores desse grupo foram inspiradoras para a presente tese, entre elas a variação de escalas temporais e espaciais de indagação e observação e o interesse pelas relações, interações e circulações de pessoas, ideias, objetos e mercadorias para além de fronteiras nacionais, regionais, continentais, ou seja, pelas conexões transnacionais (Luca; Guimarães, 2017, p. 8-9).

A revista *Aonde Vamos?*, objeto desta pesquisa, foi editada em português, mas é enriquecida pelas questões suscitadas pelo grupo já citado, que considera, de acordo com sua proposta de estudo, serem necessárias análises das interações dos periódicos com a sociedade, sob o ponto de vista global ou, para ser mais preciso, transnacional. Objetiva-se a compreensão

⁴ Grupo de Estudos da Imprensa em língua estrangeira no Brasil – TRANSFOPRESS Brasil - é uma rede de pesquisadores sediada na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp) e congrega pesquisadores de várias instituições brasileiras e estrangeiras, sendo coordenado por Valéria Guimarães e Tânia Regina de Luca, ambas professoras doutoras da referida universidade. Está vinculado à rede internacional TRANSFOPRESS – *Transnational network for the study of foreign language press*, sob coordenação geral de sua idealizadora, Profa. Dra. Diana Cooper-Richet, do *Centre d’Histoire Culturelle des Sociétés Contemporaines – Université de Versailles Saint-Quentin-en-Yvelines* (CHCSC-UVSQ).

para além da representação óbvia das comunidades estrangeiras, possibilitando entender esses periódicos como mediadores culturais entre duas ou mais sociedades, salientando as trocas simbólicas e a intensa circulação de ideais e de pessoas.

Optou-se, também, em concordância com a linha de pesquisa da orientação, pela análise da revista em função da perspectiva da história cultural e das representações, que considera a história como um processo na sua relação com o social. Como afirma Roger Chartier, “o objetivo central é identificar o modo como, em diferentes lugares e momentos, uma determinada realidade social foi construída, pensada e dada a ler” (Chartier, 1988, p. 16-17). No livro *À Beira da falésia – a história entre certezas e inquietudes*, do mesmo autor, tem-se:

O desafio é a articulação da descrição de percepções, representações e racionalidades dos atores, com a identificação das interdependências desconhecidas, que, juntas, delimitam e informam suas estratégias, superando as singularidades subjetivas e as determinações coletivas, dando atenção particular ao conjunto das noções (‘configuração’, ‘*habitus* social’, ‘sociedade de indivíduos’) pensadas de maneira nova nas relações entre o indivíduo e o mundo social (Chartier, 2002, p. 10).

Sendo assim, diante dos conceitos que utilizam os homens de uma época, fornecendo-lhes uma noção própria do período, a tarefa do historiador é, segundo Roger Chartier (1988, p. 49), a de “[...] substituir a busca de uma determinação pela de uma *função*”, esta que só pode ser apreendida se for considerado globalmente o sistema ideológico da época examinada.

A história da leitura também foi uma referência norteadora, que, para Robert Darnton (2010), tem como finalidade entender como as ideias eram transmitidas por vias impressas, considerando que ela deve ser usada para o estudo da imprensa. Assim, estabeleceu-se base que possibilita a transposição da representação óbvia da comunidade judaica brasileira, permitindo entender a revista e seus agentes como mediadores culturais entre duas ou mais sociedades, salientando as trocas simbólicas e a intensa circulação de ideais e de pessoas.

Ainda no campo metodológico, também foram bastante relevantes as obras sobre as análises interdisciplinares da leitura, dos impressos e dos mediadores, dentro da perspectiva transnacional e da história global, o que possibilitou um detalhamento mais acurado da metodologia a ser empregada, junto às perspectivas das abordagens da história cultural e das representações, a exemplo dos livros: *Intelectuais Mediadores: práticas culturais e ação política*, organizado por Ângela de Castro Gomes e Patrícia Hansen (2016), e *Intelectuais à brasileira*, de Sérgio Miceli (2001).

A obra *Intelectuais Mediadores: práticas culturais e ação política* foi organizada a partir da junção de artigos de diversos pesquisadores, em que se lê que os mediadores não

eram/são meros reprodutores, mas influenciadores políticos, ideológicos e culturais não isentos de intenções. A análise das experiências coletivas e das redes de sociabilidades traz explicações dos modos de produção intelectual que as análises das trajetórias de “grandes nomes”, muitas vezes, desconsideram.

As pesquisas organizadas na obra partem da mudança de relações culturais e das variedades de práticas, funções, produtos e modos de operar dos intelectuais, enquanto elaboradores e veiculadores de bens simbólicos. Os trabalhos apresentados na coletânea permitem compreender as aproximações e estratégias dos intelectuais inspiradores, organizadores e divulgadores. Os sujeitos atuantes na cultura transitam nessas esferas, tendo atuações, muitas vezes, duplas. São os guardiões de memórias, leitores, revisores, editores, contadores de histórias, agentes educadores, trabalhadores em espaços institucionais que fazem a recepção e difusão das culturas. Geralmente, não são identificados na historiografia dentro da categoria intelectual.

No livro, a proposta de revisão historiográfica dos elementos que constituem a produção cultural em análises sobre os portadores e mediadores procura expor que os intelectuais, nas mediações empreendidas, também produzem novos significados na apropriação de textos, ideias, saberes e, na circulação, criam outros sentidos na transferência ou nas trocas. O mesmo intelectual pode desenvolver produções culturais e atuar em espaços díspares, sendo mediador e criador em diferentes circunstâncias, acumulando funções e posições ao longo de sua trajetória profissional. Desse modo, retiram a hierarquia do valor dado às atividades teóricas em relação aos profissionais de outras frentes e valorizam outros aspectos: circunstâncias, redes de sociabilidade e processos de transmissão cultural.

O livro de Sérgio Miceli, por sua vez, objetiva uma análise da elite intelectual brasileira, especificamente modernista. O autor ressalta a importância de relacionar as atividades desses sujeitos, caso de seu repertório, das redes de sociabilidades e das possibilidades de ação intelectual disponível. A relevância dos grupos ideológicos e as funções exercidas em instituições culturais e políticas também devem ser levadas em conta. Todos esses elementos não podem estar dissociados das disposições da atividade intelectual, haja vista que elas moldaram as experiências sociais desses indivíduos, concedendo inteligibilidade e racionalidade ao grupo estudado.

As fontes utilizadas pelo autor foram as memórias, os diários íntimos, os volumes de correspondência, as biografias etc. dos diferentes tipos de intelectuais. O material possibilitou uma apreensão das relações e posições de cada categoria de intelectual no interior do campo de produção cultural, juntamente com o lugar social, escolaridade e referências culturais a que

estavam expostos. Em suma, Miceli apresenta uma proposta de pesquisa que enfrenta e aborda o incontornável envolvimento dos homens das letras e outros na militância política, nas organizações de caráter político e ideológico que competem pelo controle do Estado.

Levando-se em consideração as afirmativas dos trabalhos citados, a revista contou, por longo período, com militância ideológica-política, situada na direita sionista e aliada ao Bloco Capitalista, no período da Guerra Fria, sob a liderança do redator-chefe Aron Neumann. Foi de grande auxílio identificar o espaço destinado à discussão sobre o Estado de Israel, uma vez que o período de publicação da revista correspondeu à luta pela sua criação e, posteriormente, sofreu uma guinada definitiva na direção do Bloco Capitalista, dentro do contexto da Guerra Fria. *Aonde Vamos?* circulou em uma época em que se buscava a consolidação do Estado e do seu sistema político, da transição dos antigos movimentos ideológicos sionistas que se consolidaram como partidos políticos, cujo reordenamento tinha por meta atuar dentro das novas conjunturas do Estado estabelecido, com novos e antigos conteúdos ideológicos.

Os estudos históricos israelenses, por sua vez, passaram por uma reformulação com o controverso fenômeno historiográfico dos Novos Historiadores, ocorrido em Israel a partir da segunda metade da década de 1980, que desafiaram as versões tradicionais da história de Israel. A liberação de uma grande quantidade de documentação oficial referente ao processo de criação do Estado de Israel em 1948, bem como à Guerra de Independência ou Primeira Guerra Israelo-Árabe de 1948–1949, permitiu uma nova abordagem historiográfica com relação à história política contemporânea do Oriente Médio. A narrativa histórica, que até então não contava com o aporte documental, foi beneficiada pela política arquivística, podendo tomar fôlego por rediscutir temas históricos fundamentais, como o problema do refugiado palestino e as relações internacionais na região, especialmente a agenda de política externa israelense, com relação a seus vizinhos, nos primeiros anos de existência do Estado. Dois historiadores israelenses, Benny Morris⁵ e Avi Shlaim⁶, destacam-se nesse processo, formando o principal objeto da crítica e análise historiográfica do grupo. Mas, embora referidos como um grupo, as ideias políticas dos historiadores variam.

A bibliografia desse grupo foi relevante para a pesquisa, porque a revista colocou-se como representante das correntes dos sionistas gerais e dos revisionistas, que correspondem à direita sionista. Essas correntes sionistas foram importantes difusoras da visão tradicional da história de Israel, amplamente divulgada nas páginas da revista, a exemplo das ideias

⁵ Benny Morris nasceu em Ein HaHoresh, Israel, em 1948. É professor de História no Departamento de Estudos do Oriente Médio da Universidade Ben-Gurion do Negev, na cidade de Bersebá, Israel.

⁶ Avraham “Avi” Shlaim nasceu em Bagdá, no Iraque, em 1945. É historiador israelense, professor emérito de Relações Internacionais da Universidade de Oxford e membro da Academia Britânica.

defendidas nos livros: *A invenção do Povo Judeu*, de Shlomo Sand, e *Israel uma história*, de Anita Shapira.

O livro de Shlomo Sand⁷ desconstrói aspectos consolidados da história de Israel e do povo judeu. Desmonta algumas verdades construídas sobre o Israel Antigo e a história da comunidade judaica que foram desenvolvidas recentemente, durante o século XIX e principalmente o XX, dentro de projetos políticos específicos.

Segundo o autor, as concepções essencialistas elaboradas no final do século XIX e no início do XX quase não foram contestadas até hoje. As evoluções importantes que substancialmente modificaram a disciplina da história no mundo ocidental do final do século XIX, as mutações significativas dos paradigmas da pesquisa no âmbito da nação e da ideia nacional não chegaram aos departamentos de estudo da história do povo judeu nas universidades israelenses e não adentraram nas cátedras de ensino do judaísmo nas universidades norte-americanas ou europeias.

Ressalta-se que a crítica, realizada no livro, é pertinente, mas há usos políticos e ideológicos que a levam ao limite da desconstrução e da deslegitimação, pois se desconsidera o fato de que, como apresentado no estudo de Benedict Anderson, todas as nações “mais do que inventadas, nações são imaginadas, no sentido de que fazem sentido para alma e constituem objeto de desejo e projeções” (Anderson, 2008, p. 10), o que não seria exceção para o povo judeu.

O livro de Shapira⁸ conta a história de Israel numa narrativa organizada cronologicamente. Apresenta o surgimento do sionismo na Europa, no contexto das relações entre judeus, árabes, turcos e outros setores da Palestina sob o domínio otomano. A autora não se limita a relatar, exclusivamente, a guerra e os conflitos árabes-israelenses, ao contrário do que a maioria dos livros sobre o assunto costuma fazer. Apesar de não ignorar a narração dos conflitos, optou por discorrer sobre os motivos que levaram às guerras e sobre os fatos ocorridos nos períodos de paz. A historiadora analisa, conjuntamente, o desenvolvimento político, social e cultural da Palestina sob o mandato britânico e propõe compreender de forma profunda os desafios de construção da nação israelense, incluindo a imigração em massa, a modificação dos

⁷ Shlomo Sand nasceu em um campo de refugiados em Linz, na Áustria, em 1946. Atualmente, é historiador israelense, professor emérito de História Contemporânea na Universidade de Tel Aviv e faz parte do grupo dos Novos Historiadores israelenses.

⁸ Anita Shapira é historiadora israelense. Nasceu em 1940, em Varsóvia, na Polônia. Foi fundadora do Yitzhak Rabin Center, professora emérita de História judaica na Universidade de Tel Aviv e ex-chefe do Instituto Weizmann, para o Estudo do Sionismo, na Universidade de Tel Aviv. Recebeu o Prêmio Israel de História em 2008.

hábitos culturais, a política de guerra, a diplomacia mundial e a criação de instituições democráticas e de uma sociedade civil.

Desse modo, a escolha da revista *Aonde Vamos?* justifica-se não só pela provocação intelectual de um professor da banca ou por sua disponibilidade acessível, mas pela relevância do veículo no seio da imprensa judaica no Rio de Janeiro e, também, por se tratar de um objeto de estudo pouco explorado pela perspectiva fonte e objeto. A orientação editorial conservadora, neoliberal, e de direita sionista do semanário, diferente das que se observa na grande imprensa brasileira do período, apresenta versões enriquecedoras sobre os acontecimentos em curso, as disputas e as escolhas de suas representações para a consolidação da identidade, sempre tão complexa, dos judeus como cidadãos brasileiros ou do mundo, bem como suas relações transnacionais. Sua análise objetivou contribuir para a história das representações, circulação de ideias e produção cultural da comunidade judaica brasileira nos seus aspectos nacionais e transnacionais, verificando suas interações, conexões e trocas culturais, bem como para compreender seu papel no contexto da história da imprensa brasileira.

Tem-se como pressuposto central que a revista *Aonde Vamos?* teve um papel importante na construção da dinâmica das representações e circulação de informações dentro e fora da comunidade judaica brasileira, atuando como um importante mediador cultural no período de transição entre o grupo imigrante e a sua inserção como grupo nacional propriamente dito. Foi o único periódico judaico de amplitude nacional publicado durante o período das restrições impostas pelo Departamento de Imprensa e Propaganda na ditadura do Estado Novo (1937-1945). Na mesma época, a Congregação Israelita Paulista (CIP) de São Paulo publicava a *Crônica Israelita*, que tinha como público-alvo os associados da sinagoga. Ao final do período ditatorial, a revista tinha grande penetração na comunidade judaica brasileira e assinantes por todo país, correspondentes nas principais cidades brasileiras onde existiam comunidades judaicas organizadas, como São Paulo, Belo Horizonte, Salvador, Recife, Porto Alegre, Belém, Manaus e Curitiba, além de uma ampla rede transnacional de contatos em cidades estrangeiras, Nova Iorque, Londres, Paris, Berlim e Buenos Aires. Tais dados demonstram a construção das redes de mediadores e de circulação de ideias de interesse de seus leitores da comunidade judaica brasileira e internacional.

Ademais, foram realizadas algumas entrevistas para este estudo, uma vez que, segundo Delgado (2010, p. 124-125):

O conhecimento histórico e também a memória são campos sempre permeáveis aos interesses dos sujeitos individuais e coletivos, que atuam nas diversas conjunturas [...] São também terrenos férteis para expressão de disputas políticas, sociais e, sobretudo,

de registros das práticas de exercício do poder. História e memória são altamente seletivas. A prevalência da rememoração ou do esquecimento apresenta ressonância significativa no conteúdo da produção historiográfica, que se entrelaça à memória coletiva.

Sobre a questão das memórias seletivas, pode-se trazer como exemplo a entrevista do último diretor de *Aonde Vamos?*, Ronald Fucs, que ao ser perguntado, passados mais de quarenta anos de sua atuação na revista, se o redator-chefe Aron Neumann tinha sido o fundador da publicação, respondeu categoricamente que sim, mesmo que Neumann tivesse publicado um texto autobiográfico⁹ afirmando o contrário, republicado, aliás, quando de sua morte. O que se demonstra é que o poder e a influência do redator-chefe sobre a revista eram tamanhos que abafaram seu próprio relato com vistas à verdade. Fucs não estava mentindo, mas reproduziu a verdade absorvida e constantemente confirmada pela memória coletiva do grupo, inclusive pela historiografia produzida na área dos estudos judaicos¹⁰.

A tese foi estruturada em três capítulos, no primeiro, denominado “Uma revista judaica brasileira”, o periódico foi apresentado dentro de seu contexto. Foram realizados levantamentos e analisadas informações referentes à periodicidade da revista, o número de páginas, edições especiais, tiragem e o endereço onde estava sediada. Ademais, há análise da materialidade e do projeto gráfico da publicação ao longo de sua existência, como colunas, imagens, tamanho das matérias veiculadas. A revista foi posicionada dentro do contexto da imprensa brasileira, cuja análise da imprensa judaica publicada no Brasil seguiu a perspectiva diacrônica. Também se verificou alguns posicionamentos pontuais dos editores da *Aonde Vamos?* sobre assuntos específicos, a exemplo do Holocausto, da criação do Estado de Israel e do Golpe civil-militar de 1964.

O segundo capítulo, cujo título é “Os judeus no mundo – um olhar global”, tem como eixo central a seção que lhe dá nome, publicada na revista entre os anos de 1955 e 1963. Sua escolha deu-se para proporcionar uma análise das perspectivas mundiais e transnacionais da revista, para além das questões com Israel, que apareciam regularmente, haja vista que a linha editorial de *Aonde Vamos?* vinculava-se ao sionismo de direita. Primeiro, foi realizado um levantamento das seções da revista ao longo de sua existência, em que se posicionou a seção “Os Judeus no Mundo”. Foram selecionados para análise comparativa dois temas que surgiram na seção e gradualmente ganharam amplo espaço na revista: o relatório Krushev, apresentado

⁹ O artigo autobiográfico de Aron Neumann será objeto de estudo na tese.

¹⁰ O professor Nachman Falbel, do Departamento de História da Universidade de São Paulo, produziu importantes pesquisas sobre a imprensa judaica e reproduz essa afirmativa de que Aron Neumann foi o fundador da *Aonde Vamos?* (Falbel, 2008).

no XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética, em 1956, e o julgamento do nazista Adolf Eichmann, capturado em 1960, levado para Israel, onde foi julgado em 1961. Para análise comparativa, foram selecionadas duas publicações nacionais: *Unzer Stime* (Nossa Voz, SP, 1947-1964), bilíngue ídiche-português, produzido pelos judeus progressistas da comunidade de São Paulo, vinculado à Casa do Povo, com perfil editorial alinhado aos ideais da esquerda progressista e não sionista. E a revista *O Cruzeiro* (RJ, 1928-1975), periódico semanal mais vendido no período. Para o comparativo internacional, foi selecionada a revista americana, pioneira em fotojornalismo, *Life Magazine* (NY, 1936-2000) publicada em inglês.

No terceiro capítulo, “Mediadores e redes de sociabilidade”, são abordados os grupos de pessoas e instituições envolvidos no projeto da revista, suas fontes de informações, seus mediadores culturais. Primeiramente, realizando um levantamento dos diretores e redatores-chefes, suas trajetórias e grupos de afinidades; as instituições nacionais e internacionais que publicaram na revista, bem como o seu posicionamento; os anunciantes e o perfil destes e as agências internacionais que forneciam as informações publicadas na revista. Para apreender como se davam essas redes de forma nacional e transnacional, pesquisaram-se os representantes das sucursais das cidades brasileiras e os articulistas nacionais e internacionais que publicaram artigos assinados. Foram arrolados os artigos publicados durante um ano inteiro e selecionados um ano por década, respectivamente: 1943, 1953, 1963 e 1973. Posteriormente, levantaram-se as temáticas principais em torno das quais esses grupos se mobilizaram e formavam essas redes.

A revista *Aonde Vamos?*, editada em português, marcou sua presença na comunidade judaica brasileira de sua época, pois ajudou a formar uma concepção judaico-brasileira propriamente dita, o que permite relacioná-la às segundas e terceiras gerações, tendo unido judeus de várias origens, falantes ou não do ídiche. Foi adorada pela direita e criticada veementemente pela esquerda, como, por exemplo, o posicionamento do jornalista Alberto Dines e do jornal *Unzer Stime*. Foi lida, inclusive, por aqueles que não estavam interessados em política, mas que gostavam do seu aspecto cultural, conforme o relatado pela professora Nancy Rozenchan (2020).

CAPÍTULO 1 - AONDE VAMOS? UMA REVISTA JUDAICA BRASILEIRA

Nos idos de 1956, uma revista com o nome sugestivo de *Aonde Vamos?*, que um dia tinha sido um guia turístico, trazia uma notícia bombástica: uma liderança do governo comunista russo havia publicado um relatório secreto, que ficou conhecido como Relatório Krushev. O tal documento iria abalar as convicções da esquerda por todo o mundo, porque revelava atrocidades do regime soviético que poucos queriam admitir. Ao mesmo tempo, deu argumentos para a direita revanchista, que viu ali uma oportunidade de justificar a reiterada desmoralização que fazia do socialismo. A *Aonde Vamos?* foi a primeira a dar o furo jornalístico no Brasil, publicando-o na íntegra, em português. Voltada à comunidade judaica, representava as linhas sionistas mais conservadoras da época e defendia veementemente o bloco capitalista no contexto de um mundo altamente polarizado durante a Guerra Fria. A publicação do relatório na revista foi acompanhada de inúmeras análises, além de traduções de notícias e comentários publicados nos jornais do mundo todo. É sobre a história desta importante revista da comunidade judaica que esta tese pretende se debruçar, tentando enfrentar o desafio de situá-la em seu contexto e analisá-la em uma perspectiva transnacional.

Neste primeiro capítulo será apresentada a revista *Aonde Vamos?* e, para tal, foram realizados levantamentos referentes à sua periodicidade, números de páginas, as edições especiais, o número de tiragem, seu endereço, locais de impressão e composição, dentro da divisão temporal que a pesquisa propõe. Uma breve análise da materialidade e do projeto gráfico também fazem parte dessa apresentação.

Ademais, a revista será inserida dentro do universo da imprensa brasileira, assim como será apresentado um histórico da imprensa judaica publicada no Brasil, e posicionamentos e contextos pontuais sobre acontecimentos mundiais, nacionais e locais manifestos nas páginas da *Aonde Vamos?*.

1.1 Construindo identidades

a Aspectos gerais

A revista *Aonde Vamos?* surgiu em 1941, na cidade do Rio de Janeiro, totalmente desvinculada de qualquer comunidade, como um suplemento de turismo. Em 1943, a contracapa da edição de 11 de março apresentou uma discreta chamada “Aos leitores”, em que informava que a publicação era, a partir de então, autônoma e aquele se tratava do primeiro

exemplar da nova fase. Assim deu-se a única explicação da revista aos leitores sobre a mudança, que passaria a ser destinada aos judeus estabelecidos no Brasil.

Nessa nova fase, a revista foi veiculada como anteriormente, ou seja, em português, entre os anos de 1943 e 1977, como um hebdomadário publicado às quintas-feiras. Em função da longevidade da revista, foi proposta uma divisão em três fases para a análise neste capítulo. Serviu de base norteadora da divisão temporal dessas fases a atuação de um importante mediador da publicação, o redator-chefe Aron Neumann¹¹. O recorte deu-se da seguinte forma: 1ª fase - período de busca pela consolidação, que vai de 1943 a 1952, corresponde ao início da publicação destinada à comunidade judaica até quando Aron Neumann assumiu formalmente a função de redator-chefe. A 2ª fase - período de maior prestígio e influência da revista, que vai de 1952 até 1973, corresponde à etapa em que Aron Neumann assumiu formalmente como redator-chefe até seu falecimento. Por fim, a 3ª fase - período final, que vai de 1973 até 1977, corresponde ao falecimento do redator-chefe Aron Neumann até quando a revista deixou de ser publicada.

Neste item serão apresentadas as informações levantadas referentes à periodicidade, ao número de páginas, as edições especiais, à tiragem, aos números de registro oficial, ao endereço, ao local onde era composta e impressa. Dessa forma, almeja-se ter uma visão da revista e de sua estrutura.

Durante esse período, a revista atuou demarcando sua identidade, a princípio, ligada à colônia imigrante judaica e, depois, judaica brasileira. Utiliza-se aqui o conceito de Jeffrey Lesser (2015), que os imigrantes fixados no Brasil formavam comunidades que possuíam identidades coletivas próprias, e que, em alguns casos, não podiam ser integradas nas representações racistas pelas quais as elites brasileiras definiam a identidade nacional. Assim, a solução dessas comunidades teria sido produzir, através de mecanismos de negociação, identidades hifenizadas, tais como japonês-brasileiro, libanês-brasileiro, judaico-brasileiro etc.

Para Lesser, esse hífen seria intrínseco às identidades comunitárias imigrantes. Os brasileiros hifenizados incorporaram muitos elementos da cultura majoritária, mesmo permanecendo distintos. O conceito de “mestiçagem” sugere o surgimento de uma “raça” brasileira nova e uniforme, essa mistura de povos foi muitas vezes entendida como uma união de diferentes identidades. O autor propõe outra explicação para esse processo, como a criação de uma multiplicidade de brasileiros hifenizados, que não formaram um grupo único e uniforme. Todo esse processo se dava com mecanismos de construção e preservação de

¹¹ Aron Neumann (Alemanha, 1908–Rio de Janeiro, 1973) será um dos mediadores abordados no capítulo 3.

identidades coletivas postos em ação pelos imigrantes, ao mesmo tempo em que ocorriam embates em torno de identidades específicas e sobre a identidade nacional brasileira. Assim, segundo Lesser, identidade nacional e identidade étnica interagem como num jogo de espelhos.

Na primeira fase da revista, de 1943 a 1952, surgiram as edições especiais anuais referentes às festas judaicas¹², como a edição especial de *Rosh Hashaná*¹³, de 26 de setembro de 1946, com 82 páginas, devido ao acréscimo de anúncios, com felicitações à comunidade judaica. Nesta edição, além da imagem de um soldado carregando balas e tocando *shofar*¹⁴, há imagens de imigrantes judeus na então Palestina, na capa¹⁵, e das inúmeras felicitações, como, por exemplo, na página destinada à cidade de Porto Alegre: “A Organização Sionista Revisionista, Juventude Nordia e Betar¹⁶”, saúdam à Coletividade Israelita pela data de Ano Novo 5707, almejando a realização breve do Estado Judaico em Eretz Israel” (Aonde Vamos?, 1946a, p. 11), nada foi encontrado sobre a festividade nas matérias ao longo da publicação. Ficou explícito o vínculo da identidade judaica com a ambição sionista da criação do Estado Judaico, tanto na imagem da capa quanto na felicitação citada. Nas outras edições, entre 1943 e 1946, a revista possuía, em média, 22 páginas.

No ano de 1947, a revista começou a realizar edições com número maior de páginas, variando entre 22 e 26. Houve o surgimento da edição especial de *Pessach*¹⁷ em 1947, com 30

¹² O calendário judaico baseia-se nos movimentos da Lua e do Sol, sendo, assim, um calendário lunissolar. Os meses são contados a partir dos ciclos lunares, e os anos a partir dos ciclos solares. Os anos podem variar de 12 a 13 meses, com 29 ou 30 dias. Os anos, nesse sistema, são 11 dias mais curtos em relação ao calendário gregoriano, que é o mais utilizado no mundo. A fim de regular essa diferença e para as festas judaicas não caírem em outra estação, pois têm, além do significado espiritual, um significado agrícola, foram criados anos bissextos, que, de tempos em tempos, incluem um mês. Por esse motivo, as festas judaicas não têm um dia fixo no calendário gregoriano, mas caem em períodos próximos.

¹³ *Rosh Hashaná* (em hebraico significa “cabeça do ano”), o Ano Novo Judaico é uma festa que ocorre no primeiro dia do primeiro mês *Tishrei*, do calendário judaico. É um importante feriado judaico, marca o início de um período de introspecção de dez dias de Reverência ou Dias de Penitência, em hebraico, *Yamim Noraim*, que acaba no dia de *Yom Kipur*, o Dia do Perdão, uma das datas mais importantes do judaísmo. No calendário judaico, começa no crepúsculo do décimo dia do mês de *Tishrei* (coincide com setembro ou outubro), continuando até o seguinte pôr do sol. Os judeus tradicionalmente observam esse feriado com um período de jejum de 25 horas e oração intensa.

¹⁴ *Shofar* é um instrumento de sopro antigo e, para os judeus, é tradicionalmente sagrado. Geralmente, e de preferência, é feito de chifre de carneiro, em memória do carneiro que foi oferecido em lugar de Isaac, no altar como um sacrifício a Deus. O *shofar* é tocado no serviço religioso de *Rosh Hashaná* após a leitura da Torá. Nos tempos antigos, era usado em ocasiões solenes e foi mencionado pela primeira vez na Revelação Divina no Monte Sinai. Também era tocado durante as batalhas travadas contra inimigos perigosos.

¹⁵ Uma pequena amostra das capas das edições especiais será apresentada no item 1.1 b. Materialidade da revista e projeto gráfico, deste capítulo.

¹⁶ Movimento Juvenil Betar, criado em 1923, em Riga, Letônia, para divulgar o Revisionismo Sionista (direita sionista). Em 1920, rompeu com a Organização Sionista Mundial. As correntes sionistas serão abordadas no item 1.2 b. A revista e sua época, deste capítulo.

¹⁷ *Pessach* (em hebraico, significa “passar por cima”) é a Festa da Libertação, comemora a libertação dos escravos israelitas do Egito, liderada por Moisés. A festa é comemorada por oito dias nas comunidades judaicas em todo o mundo. Em Israel, são sete dias de festa. Inicia-se ao entardecer do dia 14 do mês *Nissan* (corresponde a março ou abril). Pelos costumes judaicos, é vedado comer alimentos fermentados e à base de farinha de trigo, como forma de lembrar o que viveram os antepassados durante a saída do Egito.

páginas, que não eram de anúncios, mas de textos ligados à festividade e, com frequência, relacionados ao desejo da criação do Estado de Israel. Nesta edição, além da capa, com duas crianças comendo *maztá*¹⁸, tem-se o editorial assinado por Neumann, a seção infantil e a tradução de fragmentos do artigo *Pessach*, que saiu no jornal de Varsóvia *Dos Neie Leben*, de autoria de Raquel Oierbach, em 1943, que se referem à festividade.

Voltamos a comemorar “Pessach” – as noites de “seider”¹⁹. O que outrora parecia lenda, tornou-se hoje episódio vivo.

O que a “Hagadah”²⁰ nos relatava, parecia-nos antigamente apenas o fraco eco de acontecimentos de alhures. Hoje que sentimos as chicotadas da escravidão na carne de nossa carne, ansiamos de novo pela grande imigração – para a mesma terra de sempre. Agora compreendemos o que significa ser escravo e ser livre. Compreendemos o que significa “Mizraim”²¹ e Eretz Israel. E apreciamos, de maneira diversa de outrora, “Pessach”, o “Seider”, e a “Hagadah” (Neumann, 1947b, p. 3).

No artigo, Neumann fez uma relação entre a narrativa bíblica da libertação dos judeus do Egito com a luta pela criação do Estado de Israel, numa perspectiva sionista contemporânea. Explicitando a importância que o autor, redator-chefe da revista, dava à criação do Estado judaico nos dias da publicação do artigo.

A adesão dos anunciantes continuou, a edição especial de *Rosh Hashaná* (11 de setembro de 1947) contabilizou 96 páginas. Além dos anúncios, a capa trazia um desenho do ativista sionista Efraim Moses Lilian (Galícia, 1874-Alemanha, 1925), um judeu preso num emaranhado rezando em direção a Jerusalém, vista ao longe. As matérias abordavam a tragédia que se abateu sobre a comunidade judaica da Europa durante a Segunda Guerra Mundial, e a criação da UNSCOP²², pela ONU, para a elaborar um Plano de partilha da Palestina, com o desejo que no ano vindouro houvesse a criação do Estado Judaico.

¹⁸ *Maztá* é um pão ázimo sem fermento que se come durante os dias da festa judaica de *Pessach*, quando fica proibido comer *chametz* (fermento e qualquer comida ou bebida feita à base de cinco grãos, que pela lei judaica são autofermentados: trigo, centeio, cevada, aveia ou espelta).

¹⁹ O *Seder* ou *Seider* de *Pessach* (em hebraico significa ordem) é um jantar cerimonial judaico em que se recorda a história da saída e a libertação dos judeus do Egito (Êxodo). O *Seder* é realizado na primeira noite de *Pessach* em Israel, e na primeira e segunda noites fora de Israel.

²⁰ *Hagadá* ou *Hagadah* (em hebraico significa “narrar”) é o texto utilizado no *Seder* de *Pessach*, o jantar especial quando é narrada a história da libertação dos israelitas do Egito, conforme o Livro de Êxodo, acrescido de orações, canções e provérbios.

²¹ *Mizraim* é o nome hebraico para a terra do Egito, onde os israelitas foram escravizados, segundo o relato bíblico.

²² Pouco depois do fim da Segunda Guerra Mundial, em maio de 1947, a ONU, a pedido da Inglaterra, criou o *United Nations Special Committee on Palestine* (UNSCOP), para elaborar o plano de partição da área do Mandato Britânico na Palestina. Em julho de 1947, forças britânicas interceptaram o navio, posteriormente denominado “Exodus 1947”, que levava ilegalmente 4.500 refugiados judeus para a área do Mandato, violando as restrições à imigração judia, estabelecidas pelo chamado Livro Branco, de 1939. O caso teve grande repercussão na mídia, provocando comoção internacional e fortalecendo a posição das organizações sionistas que lutavam pela criação de um Estado judeu.

A atual linha de orientação de “AONDE VAMOS?” data dos dias que precederam o ano novo judaico de 5704 [1943] e foi determinado pelos acontecimentos da Europa, imediatamente antes e durante o ano de 5703 [1942], bem como pelos acontecimentos locais. Quando judeus, que ainda viviam, foram depois suprimidos pelas formas que todos conhecemos.

Aqui [no Brasil] vivíamos – judeus e sionistas – como marranos, numa estagnada calmaria, sob a guarda e uma ditadura que não permitia mantivéssemos atividades sionistas nem nos reuníssemos publicamente como judeus para tratar de questões essenciais, sem a presença de agentes da polícia [...]

Lembro-me bem do ambiente angustioso da redação de “AONDE VAMOS?”, no ano novo judaico de 5704, quando impedidos de publicar livremente material de interesse hebraico, tivemos que encher as páginas dessa revista com material inadequado, sem o menor interesse para nós, com receio da censura, da polícia, de nós mesmos (Neumann, 1947, p. 20).

O autor equipara a opressão dos cristãos-novos pela Inquisição à opressão exercida pelo Estado Novo de Vargas (1937-1945) à comunidade ou à imprensa judaica brasileira, que era impedida de publicar o que realmente acontecia na Europa, por medo da censura, da polícia e de uma autocensura, que contribuía para o agravamento do pânico frente à situação de incerteza. Aos cristãos-novos era proibido praticar seu judaísmo, da mesma forma, aos judeus, durante o Estado Novo, era proibida a realização de atividades e manifestação do sionismo. A esperança estava concentrada na futura criação do Estado judaico e os seus respectivos desdobramentos para a comunidade judaica mundial, como cita Mariana Roizentul:

Em véspera deste ano de 5708, apresenta-se uma tarefa imensa e vital para as comunidades judaicas do mundo. Todas as circunstâncias levam a crer que o problema palestinese terá alguma solução no futuro próximo. Então todos teremos que resolver se será o ‘nosso país’ que estaremos preparando e onde pretendemos morar ou continuar a dar apenas o apoio filantrópico. Esta decisão é séria e envolve muita responsabilidade por parte dos líderes dessa juventude que ativizam e movimentam... (Roizentul, 1947, p. 18).

Nos anos seguintes, de 1948 a 1950, seguiram os mesmos números de páginas, com o aumento da quantidade delas nas edições especiais anuais. Mas em 1951, a maioria dos exemplares contava com 18 páginas, fora as edições especiais de *Pessach* (19 de abril de 1951), com 24 páginas. Destaca-se, por exemplo, que na capa desta edição foi reproduzido o mural do artista israelense Reuven Rubin (Romênia, 1893-Israel, 1974), intitulado “Primeiro Seder dos que voltaram do Exílio” e apresenta os imigrantes recém-chegados a Israel. No editorial, Neumann relaciona o Levante do Gueto de Varsóvia com a narrativa de *Pessach* (a saída dos judeus do Egito), que naquele ano foram comemoradas com um dia de diferença. Para ele, faltou aos judeus da Europa a consciência da lição do êxodo, quando os israelitas partiram em direção a sua própria terra. Mais uma vez, uma mensagem sionista tratava de ressaltar a importância da existência do Estado de Israel para os judeus. A revista ofereceu um presente

especial de *Pessach* aos seus leitores, a reprodução de um jornal imaginário editado em Jerusalém no ano 3801 do calendário judaico, ou seja, ano 40 da era comum. Era a tradução de trechos da publicação *Chronicles: news of the past*, de Israel Eldad²³ e Moshe Aumann²⁴, histórias contadas em um formato de jornal divertido, com notas e matérias cujos títulos eram, por exemplo: Revelado o plano secreto de Calígula, estava preparado um ataque surpresa ao Templo ou Ampliada a Lei dos pobres, Rabbi Gamliel apela para a unidade religiosa.

A edição de *Rosh Hashaná* (28 de setembro de 1951), com 59 páginas, mensagem do presidente de Israel, Chaim Weizmann²⁵, pelo Ano Novo Judaico, e do rabino L. I. Emmanuel²⁶ na primeira página. Naquele ano, a revista promoveu uma inovação, isto é, criou a edição especial comemorativa do 3º aniversário do Estado de Israel, sendo publicadas felicitações pela criação do Estado (10 de maio de 1951), com 35 páginas, o que pode ter sido uma estratégia para sensibilizar e elevar o número de páginas com anúncios pagos. Nesta edição, o subtítulo do artigo “A movimentada passagem do ‘Iom Haatzmaut’ em Israel” cita:

Graças a um esforço extraordinário, e em combinação com um importante órgão da imprensa israelense, conseguiu o correspondente especial de “Aonde Vamos?” em Israel colher e transmitir aos nossos leitores o noticiário dos festejos do DIA DA INDEPENDÊNCIA em todo Israel [...] Não poupamos esforços – e despesas – para tornar possível tamanho feito, a saber, de possibilitar ao nosso público o prazer de acompanhar “de perto” e em quase todos os pormenores a passagem do “IOM HAATZMAUT” no próprio Israel (Movimentada [...], 1951, p. 1).

Sendo assim, ao longo da publicação, encontram-se inúmeras matérias sobre as comemorações nas várias partes de Israel, com destaque, por exemplo, às informações fornecidas pela JTA²⁷. As comemorações no Brasil, especialmente nas capitais Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre também foram destaques. Mas Neumann, além do editorial enaltecendo a felicidade da existência do Estado, não perdeu a oportunidade, em outro artigo,

²³ Israel Eldad (Ucrânia, 1910-Israel, 1996) foi filósofo sionista revisionista.

²⁴ Moshe Aumann (Alemanha, 1926-Israel, 2017) graduou-se em Ciências Sociais, Inglês e Jornalismo na City College of New York (CCNY). Trabalhou no Ministério das Relações Exteriores de Israel por 35 anos, 3 anos na Embaixada de Israel, em Washington-DC, como Cônsul Geral e Ministro-Conselheiro para as Relações com as Igrejas. No final da vida, dedicou-se ao estudo e à prática das relações judaico-cristãs e israelo-cristãs.

²⁵ Chaim Weizmann (Bielorrússia, 1874-Israel, 1952) foi químico e trabalhou, a partir de 1903, na Inglaterra. Em 1917, como líder do movimento sionista, foi um dos redatores da Declaração Balfour, estabelecendo as bases que facilitariam a criação de um Estado judaico sob o mandato britânico na Palestina. Foi presidente da Organização Sionista Mundial de 1920 a 1931 e de 1935 a 1946, e, a partir de 1929, presidiu também à Agência Judaica. Foi o primeiro presidente do Estado de Israel de 1949 a 1952.

²⁶ Rabino I. S. Emmanuel historiador e rabino. Atuou na comunidade sefardi no Rio de Janeiro, entre 1950 e 1953. Especializou-se em judeus caribenhos, judeus de Salônica e no período holandês, no Brasil.

²⁷ A *Jewish Telegraphic Agency* (JTA) foi fundada próxima do final da Primeira Guerra Mundial, em 1917. Considerada uma das principais fontes de informações internacionais sobre a comunidade judaica. A JTA será abordada em detalhes no capítulo 3.

de realizar suas críticas. Denunciou o mau uso da verba e poder de alguns indivíduos próximos aos órgãos de imprensa oficiais, que recebiam subsídio governamental, diferente da *Aonde Vamos?*, órgão independente que se sustentava por meio da venda de assinaturas ou de pequenas empresas anunciadoras, que faziam o verdadeiro jornalismo livre de segundos interesses. Afirmou isso como se a revista não fosse vinculada ao sionismo revisionista e sionista geral, ou seja, como se fosse livre de interesses específicos. No entanto, ainda com esses desafios a enfrentar, tomando as considerações do principal responsável pela revista, a edição especial anual de *Yom Haatzmaut*²⁸ consolidou-se daí em diante.

Dessa forma, a revista foi pontuando sua identidade, judaica e sionista, centrada nas festividades do calendário, posicionando-se, construindo-se e sendo construída pelos anunciantes, que aderiram de forma significativa, porque publicavam anúncios nas edições especiais, cuja ideia era marcar essa identidade comum. A última edição especial anual, criada pela revista, circulou no Dia da Independência de Israel e trouxe um novo marco identitário, que pôde unir e arregimentar pessoas em torno do sionismo, criando uma ponte entre os judeus moradores no Brasil, e os de lá, agora israelenses, num esforço de comemoração comum.

Nessa primeira fase e início da segunda foi encontrado, impresso na revista, seu número de registro oficial, como os do DIP e DNI. O Departamento de Imprensa e Propaganda - DIP foi um órgão criado no Brasil em dezembro de 1939, por decreto do presidente Getúlio Vargas, e serviu como instrumento de censura e propaganda do governo durante o Estado Novo. Todos os periódicos que circulavam foram obrigados a obter um registro no DIP, para, dessa forma, ter autorização para publicação. O registro da revista *Aonde Vamos?*, na sua primeira edição, em 11 de março de 1943, conforme foi publicado no cabeçalho, é: Registro no DIP sob o n. 4.614, em 6 de maio de 1943, mudou o número do registro para n. 10.698, com o mesmo texto. Tem-se a hipótese que, no processo de transição dos proprietários da revista, o número de registro da revista no DIP tenha sido alterado.

Com o fim do Estado Novo, o DIP foi imediatamente extinto pelo decreto-lei n. 7.582, em 25 de maio de 1945, quando foi substituído pelo Departamento Nacional de Informações - DNI, subordinado ao Ministério da Justiça e Negócios Interiores. Em 22 de novembro de 1945, saiu publicado, no cabeçalho da revista: registrado no DNI sob o n. 10.698, ou seja, o mesmo número do DIP. No entanto, o DNI teve curta existência, sendo extinto logo no ano seguinte pelo Decreto-Lei n. 9.788, de 6 de setembro de 1946. Mesmo com a extinção do departamento,

²⁸ *Yom Haatzmaut* é o Dia da Independência de Israel, comemorado no dia 5 do mês de *Iyar*, que, no ano de 1948, correspondeu a 14 de maio, quando David Ben Gurion declarou o fim do Mandato Britânico da Palestina e aconteceu a fundação do Estado de Israel.

a revista publicou seu número de registro do DNI no cabeçalho até o terceiro dia de março de 1955.

Sobre o endereço da revista, pode-se afirmar que mudou pouco no Rio de Janeiro ao longo dos muitos anos de sua publicação, pois teve um longo período de estabilidade. Houve certa mobilidade nos anos iniciais, a exemplo de 1943, quando esteve sediada na Rua 7 de Setembro, 217, onde permaneceu até 8 de agosto de 1946. Na edição de 15 de agosto de 1946, no expediente, constou a Rua do Ouvidor, 56, onde se estabeleceu até 18 de dezembro de 1947. Na edição seguinte, de 25 de dezembro de 1947, constava o endereço Rua Treze de Maio, 23, salas 1538/39/40, local em que permaneceu pelos próximos 29 anos. Todas as ruas citadas ficavam na região central do Rio de Janeiro, sendo assim, a revista estava localizada no coração do centro comercial da Capital Federal. Ou seja, totalmente inserida comercialmente, não localizada em um espaço de exclusão ou separado, disputando espaço em pé de igualdade com os outros veículos produzidos e destinados ao público nacional, não imigrante ou descendentes de imigrantes.

Quanto ao local onde era composta e impressa, foi realizada uma pesquisa das informações publicadas na própria revista. Alguns desafios foram encontrados durante o arrolamento das informações, como, por exemplo, longos períodos de descontinuidade de publicação das informações na revista, a versão digital conta com algumas edições ilegíveis e números faltantes no acervo físico do Centro de Memória do Museu Judaico de São Paulo, local onde foram consultados os exemplares físicos da *Aonde Vamos?*. Até maio de 1952, as informações referentes ao local de composição e impressão apareciam na parte inferior da contracapa, com letras bem pequenas, muitas vezes ilegíveis na versão digital. Depois dessa data, as informações mudaram para a ficha técnica, em local e com tamanho de letra de melhor visibilidade, o que possibilitou maior precisão dos dados. Uma hipótese seria que quando Aron Neumann assumiu a direção da redação da revista, procurou estabelecer padrão mais profissional, dessa forma, passou a destacar o local onde a revista era composta e impressa.

A proposta foi levantar algumas informações sobre essas empresas para compreender o universo em que a revista estava inserida, fosse por questões de afinidade ou somente por relações comerciais.

Seu primeiro local de impressão foi a Industrial Gráfica Ltda., situada à rua Sacadura Cabral, 183, que exerceu essa atividade de 11 de março de 1943 até 22 de julho do mesmo ano, e, no seguinte, imprimiu uma única edição, a de 6 de julho de 1944. Nada foi encontrado referente a essa empresa gráfica.

Nesse intervalo, as Oficinas Gráficas da Liga Marítima Brasileira, à rua Barão de São Felix, 11-A, imprimiram somente duas edições, e, em 12 de agosto de 1943, a impressão foi efetuada pelas Oficinas Gráficas Espírito Santo, à rua Barão de São Felix, 11-A, até 29 de junho de 1944, quando voltou a ser realizada pela Industrial Gráfica Ltda. uma única vez, 6 de julho de 1944. Sobre as Oficinas Gráficas da Liga Marítima Brasileira, foram encontrados livros publicados na década de 1910; quanto às Oficinas Gráficas Espírito Santo localizou-se um livro publicado em 1944.

Depois dessa descontinuidade de locais de impressão, a Gráfica Perfecta, à rua São Carlos, 19, assumiu a atividade de 20 de julho de 1944 até 16 de agosto de 1945. Essa gráfica editou livros na década de 1940. Somente com as Oficinas Gráficas, de “*Vida Turfista*”, rua Sacadura Cabral, 183, a partir de 23 de agosto de 1945, que se conseguiu alguma estabilidade, pois ela ficou responsável pela impressão até 21 de julho de 1949. O endereço das oficinas gráficas da revista *Vida Turfista* é o mesmo do primeiro local onde foi impressa a revista, a Industrial Gráfica Ltda. Não foi detectada evidência de vínculo ou continuidade entre as duas empresas, mas fica o registro da observação. A revista *Vida Turfista* foi editada no Rio de Janeiro, na primeira metade do século XX, e era especializada em corridas de cavalos, ao publicar informações sobre as corridas semanais que se realizavam no hipódromo da Gávea, assim como assuntos pertinentes ao tema.

Após, a revista retornou a ser impressa nas Oficinas Espírito Santo, de 28 de julho de 1949 até 24 de novembro de 1949. Ficou de 8 de junho de 1950 até 5 de abril de 1951 sendo impressa nas Oficinas Gráficas do *Jornal do Brasil* (RJ, 1891-atual), tradicional jornal brasileiro, fundado pelo jornalista Rodolfo Epifânio de Sousa Dantas e que, na atualidade, pertence ao empresário Omar Resende Peres Filho, que sublicenciou a marca, de propriedade de Nelson Tanure. Mais uma vez, a impressão foi trocada para a Companhia Editora Fortaleza, à rua Fonseca Teles, 10, a partir de 12 de abril de 1951 até 22 de novembro de 1951. Essa editora publicava livros da área do Direito.

Em 29 de novembro de 1951, surgiu o nome de Oficinas Gráficas de *Folha Carioca* como local de impressão e não foi possível verificar o término da prestação do serviço por essa editora, em função dos exemplares estarem ilegíveis. Nelson Werneck Sodré (1966, p. 386) considerou que a empresa surgiu em 1944. No Catálogo de Periódicos da Biblioteca Nacional, há edições impressas da revista de 1944 a 1953.

Sobre o uso de depoimentos orais como fonte histórica pode-se encontrar auxílio no texto de Julie Cruikshank.

Os relatos orais sobre o passado englobam explicitamente a experiência subjetiva. Isso já foi considerado uma limitação, mas hoje é reconhecido como uma das principais virtudes da história oral: fatos pinçados aqui e ali nas histórias de vida dão ensejo a percepção de como um modo de entender o passado é construído, processado e integrado à vida de uma pessoa. Os antropólogos e historiadores que incorporam essa subjetividade a suas análises tendem a adotar duas abordagens diferentes. Uma focaliza o que os depoimentos revelam sobre a história social: as complexidades da vida e as contradições inerentes às relações de poder. A outra abordagem se interessa mais pela formação das narrativas e pelos meios que estas formas de narrativas empregam para influenciar e firmar a memória. (CRUIKSHANK, 2006, p. 156)

Como se constatou, nos nove anos da primeira fase, a revista foi impressa em oito locais diferentes, com várias idas e vindas. Foram desde gráficas com pouca produção, que produziam livros pouco conhecidos, e de editora de livros especializados, além de oficinas gráficas de jornais da época. Não foi constatado exatamente o vínculo da revista com essas gráficas, mas na entrevista dada por Jayme Szwarcfiter (2022), que trabalhou na revista, ele informou que geralmente o vínculo com as gráficas era somente de caráter comercial.

A *Aonde Vamos?* era uma empresa jornalística desvinculada da instituição mantenedora, como, por exemplo, os veículos de informação de sinagogas, clubes ou entidades assistenciais. Essas constantes mudanças aconteceram, muito provavelmente, porque tinham por objetivo reduzir o custo da impressão, na busca pela sustentabilidade da revista.

Em sua segunda fase, de 1952 a 1973, não houve alteração na periodicidade, uma vez que a *Aonde Vamos?* continuou sendo um hebdomadário publicado regularmente todas às quintas-feiras. Com relação ao seu número de páginas, de 1952 a 1954, oscilou entre 18 e 24. Mas em 1955, houve a consolidação do número expressivo de anúncios na revista, caso das edições especiais anuais de *Yom Haatzmaut* (28 de abril de 1955), com 68 páginas, na capa estão os bustos de Moisés, Theodor Herzl e um imigrante israelense de *kibutz*²⁹. Em frente de Herzl tem-se o manuscrito do livro *O Estado Judeu*, escrito por ele em 1896. Essa capa traça uma linha imaginária dos marcos da trajetória judaica de Moisés, o líder que os tirou da escravidão do Egito para a terra prometida. Foi Herzl quem idealizou o retorno e a criação de um moderno Estado para os judeus e a concretização desse ideário, com o imigrante israelense contemporâneo. A revista o apresenta como fosse o destino natural e certo para a comunidade judaica, no entanto, contraditoriamente, os judeus envolvidos com a revista permaneceram no

²⁹ *Kibutz* (em hebraico significa reunião ou juntos) é um modelo de organização comunitária israelita. São comunidades coletivas voluntárias, que desempenharam papel importante na criação do Estado judeu. Combinam o socialismo e o sionismo. É uma experiência israelita e parte de um dos maiores movimentos comunais seculares na história. Inspirados pela ideologia socialista, os membros do *kibutz* desenvolveram um modo de vida em comunidade que atraiu interesse de todo o mundo.

Brasil e não participaram desse movimento de ida para Israel, o que a imagem da capa da edição procurou naturalizar.

No interior dessa edição, são encontradas na página do editorial duas orações em hebraico e português: *Vssechezenu*: “E nossos olhos se voltaram para o seu retorno a Sion em misericórdia. Bendito sejas, Deus, Nosso Senhor, o Rei do Universo, que reconduz Sua Glória a Sion”; e *Ashrei*³⁰, cujo significado em hebraico é feliz. No final da página, tem-se o artigo de Neumann: Eternamente fiel a Sion e Yerushalaym, que continua na página seguinte. Podem ser encontradas também: mensagem por ocasião do Aniversário do Estado de Israel, do General David Shaltiel³¹, ministro plenipotenciário em visita ao Brasil, e do presidente de Israel, Yitzhak Ben Zvi³²; Contos dos Montes de Jerusalém de Zeev Shul; notícias das comemorações no Brasil. Mas o que, de fato, chamou atenção foi a matéria, sem autoria, denominada Israel ao completar sete anos. O artigo, com quatro páginas, tinha como proposta mostrar os progressos do país e estava dividido nos seguintes subitens: População e imigração; Absorção e integração dos imigrantes; Habitação; Integração cultural; O processo democrático; Estabilização econômica e crescimento – renda nacional; Investimento nacional; Preços; Agricultura; Indústria; Recursos naturais; Comércio; Transporte – estrada de ferro – rodovias – frota mercante; Transporte aéreo; Educação; Educação superior; Serviços sociais e saúde; Progresso na comunidade árabe – primeira experiência democrática – melhora do nível de vida – progresso na educação; Relações internacionais. Geralmente são constituídos de textos curtos, enfatizando por meio de dados numéricos o sucesso da jovem nação, como, por exemplo: “Habitação, mais de 110.000 habitações foram construídas desde a proclamação da Independência, a maioria das quais já estão ocupadas por novos imigrantes” (Israel [...], 1955, p. 4).

A edição de *Rosh Hashaná* (15 de setembro de 1955) contou com 100 páginas, tendo em vista que seu público anunciante pareceu mostrar-se disposto a comprar espaço para

³⁰ *Ashrei*, uma das orações mais repetidas na tradição judaica. Na prática tradicional, uma pessoa recita *Ashrei* pelo menos três vezes ao dia e ela é composta principalmente do Salmo 145. As palavras de *Ashrei*, principalmente, louvam a Deus por tornar nossas vidas alegres quando estamos perto dele, por governar o mundo com justiça e por prover todas as nossas necessidades. (Learning [...], 2023)

³¹ David Shaltiel (Alemanha, 1903-Israel, 1969) foi um militar israelense e oficial da inteligência e, posteriormente, diplomata. Ficou conhecido por ser o comandante distrital da Força de Defesa de Israel em Jerusalém durante a Guerra de 1948. Nos anos de 1950 a 1952, serviu como adido militar de Israel na França. Veio para o Brasil duas vezes, primeiro, numa rápida visita como Inspetor-Geral das FDI (o exército israelense), para contatos na área militar, e, depois, como primeiro Embaixador de Israel no País. O General David Shaltiel apresentou as credenciais ao Presidente Getúlio Vargas (1882-1954) em 8 de abril de 1952 e ficou no cargo até 11 de dezembro de 1955, quando, então, foi transferido para o México e depois para a Holanda, onde encerrou a carreira pública em 1966.

³² Yitzhak Ben-Zvi (Rússia, 1884-Israel, 1963) foi o segundo presidente de Israel e o que por mais tempo ocupou o cargo. Ele foi eleito presidente em 8 de dezembro de 1952, assumiu o cargo em 16 de dezembro do mesmo ano e o exerceu até a sua morte, em 1963.

parabenizar a comunidade. Naquele ano, também houve ampliação na média do número de páginas, entre 20 e 26. Denotando, dessa forma, um aumento do prestígio da revista e da comunidade judaica brasileira, que, segundo Mônica Grin (1997), na década de 1950, teve grande ascensão social e econômica na sociedade brasileira. Podem ser encontradas mensagens de congratulações pelo Ano Novo Judaico, do presidente da República Café Filho, do presidente de Israel Ben Zvi, do general David Shaltiel, do rabino Jacob Fink³³, do rabino Henrique Lemle³⁴ e de Moyses Kahan, presidente da Federação Israelita do Estado de São Paulo, o que também identifica o prestígio que a revista teve nesse período.

Entre 1956 e 1957, a média do número de páginas aumentou ainda mais, oscilando entre 26 e 30. Nos anos de 1958 a 1967, o número de páginas praticamente estabilizou-se em 26, mas foram encontradas algumas poucas edições com até 34 páginas. Permaneceu a adesão às edições especiais anuais, contando com 156 páginas na dedicada ao aniversário de 10 anos do Estado de Israel (24 de abril de 1958). Confirmando seu grande prestígio, foram publicadas as mensagens do presidente Ben Zvi, do primeiro ministro Ben Gurion, e do rabino chefe Isaac Nissin, de Israel. Explicitando os fortes vínculos da revista com o Estado.

Nesta edição, começou a ser publicado o livro *Nova velha pátria (Alt NeuLand)*, de Theodor Herzl³⁵, que teve continuidade nas edições seguintes. A *Nova velha pátria* é um romance utópico publicado pelo fundador do sionismo político, em 1902, seis anos após o livro *O Estado Judeu (Der Judenstaat)*. Neste último, Herzl ampliou sua visão de retorno judeu à Terra de Israel, o que se tornou um texto importante para o sionismo. O romance descreve o projeto para a viabilização da emancipação nacional judaica, segundo sua perspectiva. Apresenta o modelo de sociedade social liberal e igualitário, semelhante a uma sociedade de bem-estar moderna, cujo modelo foi denominado de Mutualismo, baseado em uma economia mista, com propriedade pública da terra e dos recursos naturais, cooperativas agrícolas, bem-estar, ao mesmo tempo que incentivava o empreendedorismo privado, ainda que repudiasse o sistema de classes. Não foi encontrada nenhuma publicação do livro em português, anterior a essa publicação, na *Aonde Vamos?*. Pode-se, dessa forma, considerar essa tradução e

³³ Jacob Fink atuou no Rio de Janeiro.

³⁴ Henrique Lemle (Alemanha, 1909-Brasil, 1979) foi rabino, recebeu seu doutorado em 1932 e serviu como rabino em Mannheim e Frankfurt. Sob o regime nazista, Lemle foi enviado para o campo de concentração de Buchenwald até ser libertado por meio de esforços Internacionais, que o ajudaram a migrar para o Reino Unido. Posteriormente, migrou para o Brasil, depois de se estabelecer, fundou a sinagoga Associação Religiosa Israelita – ARI, no Rio de Janeiro, cofundou o Conselho Fraterno Cristão-Judaico no Brasil e publicou vários livros judaicos, incluindo um livro de orações judaicas em português.

³⁵ Theodor Herzl (Hungria, 1860-Áustria, 1904) foi um jornalista judeu austro-húngaro que se tornou fundador do moderno sionismo político.

publicação, em português, o primeiro contato do público brasileiro com esse importante livro para o sionismo moderno.

Já a edição de *Rosh Hashaná* (11 de setembro de 1958), com 129 páginas, publicou mensagem do presidente de Israel, enviada pela Embaixada de Israel no Brasil, e do rabino Jacob Begun³⁶, artigos referentes à festividade, como: Por vir de Aron Neumann; Inscrevei-nos no Livro da Vida de Trude Weiss-Rosmarin³⁷; O significado de Rosh Hashaná de Harold U. Ribalow³⁸; Ano Novo Judeu na Turquia de Sam Cohen³⁹; Retrospectiva dos Momentos Importantes do Ano que Passou e continuou a publicação do livro *Nova velha pátria*, de Theodor Herzl.

Pode-se verificar ao longo dos anos a alternância de líder religioso, que publicava mensagem de Ano Novo Judaico na revista, mas o líder político de Israel era figura sempre presente. Nesta edição, os autores de dois dos artigos eram jornalistas e escritores internacionais de renome, o que demonstra a ampla e significativa rede de contatos em torno da *Aonde Vamos?*

Nos anos de 1968 a 1972, na estrutura de paginação da revista ainda predominavam 26 páginas. Contudo, as edições especiais otimizaram as possibilidades de arregimentar verba com anúncios nas festividades do calendário judaico, além de serem um marcador do local social, cultural e religioso onde a revista estava inserida, assim como salientaram a existência de um público anunciante disposto a investir: a edição de 20 anos *Yom Haatzmaut* (25 de abril de 1968), com 120 páginas, apresenta mensagem do embaixador de Israel no Brasil e várias matérias sobre a data. A revista publicou, além do editorial, às vésperas da proclamação do Estado judaico, escrito por Aron Neumann, duas retrospectivas. A primeira, ocupando três páginas, denominada Relações Brasil e Israel, uma rememoração das atividades sionistas no

³⁶ Rabino Jacob Begun: nasceu em 1937 no Brasil, filho de imigrantes da Bielorrússia que vieram nas primeiras décadas do século XX, ajudados pela ICA, para as colônias agrícolas no Rio Grande do Sul. Adolescente, recebeu uma bolsa para estudar em uma escola do movimento Lubavitch (ortodoxia), em Nova Iorque. Morou nos EUA por dez anos, quando retornou ao Brasil como rabino. Inicialmente, morou no Rio de Janeiro, onde criou escola para crianças e campos de estudos, e, depois, em São Paulo, fez o mesmo trabalho no bairro do Bom Retiro. Na década de 1970, transferiu-se para Higienópolis, onde fundou a primeira escola ortodoxa e sinagoga do rito *asquenazi* (judeus de origem europeia além Pirineus) no bairro.

³⁷ Trude Weiss-Rosmarin (Alemanha, 1908- EUA, 1989) foi uma escritora, editora, erudita e ativista feminista. Com o seu marido, cofundou a *School of the Jewish Woman* em Nova Iorque, em 1933, e a revista trimestral *Jewish Spectator* (NY, 1939-2002), que editou por 50 anos. Foi autora de 12 livros, incluindo *Judaísmo e Cristianismo: as Diferenças* (1943), *Toward Jewish-Muslim Dialogue* (1967) e *Freedom and Jewish Women* (1977).

³⁸ Harold U. Ribalow (Rússia, 1919-EUA, 1982) foi escritor, editor e antólogo americano. Foi colunista esportivo da Agência Telegráfica Judaica e do *National Jewish Post* durante a década de 1940 até o início da seguinte. Ribalow escreveu *Jewish Baseball Stars* (1984) e *Great Jewish Chess Champions* (1986), em coautoria com seu filho, Meir. Ele também foi um escritor contribuinte sobre o tema “Judeus no esporte” para a *Enciclopédia Judaica*. Harold Ribalow foi antólogo literário internacionalmente influente da literatura judaica e autor, além de seus volumes sobre esportes, de 15 livros sobre vários assuntos judaicos. Desde 1983, o prêmio literário anual da *Hadassah Magazine* para a ficção judaica é denominado Prêmio Harold U. Ribalow.

³⁹ Há muitas referências com esse nome, não foi possível verificar exatamente quem foi o autor do artigo.

país e suas relações com o governo. A segunda, contando com 22 páginas, discorria sobre a história da luta da criação e consolidação de Israel, ano a ano. Foram publicados, também, trechos do diário de Samuel Tolkowsky⁴⁰, lançado originalmente em Israel, traduzido para o português e publicado pela segunda vez na *Aonde Vamos?*⁴¹. O diário aborda o período que Tolkowsky participou, em 1917, em Londres, do comitê político da Organização Sionista Mundial criado para supervisionar e assessorar Chaim Weizmann e Nahum Sokolov⁴², que, durante a Primeira Guerra Mundial, colaboraram e mantiveram entendimento com o governo inglês. Naquela época, a Palestina estava sob controle da Turquia. Durante sua participação no comitê, Tolkowsky anotou em seu diário todas as atividades sionistas de que participou. Pode-se observar que a revista forneceu, por meio de tradução e publicação em suas páginas, material histórico importante e inédito para o público brasileiro da história do movimento sionista. Dessa forma, valorizou a história e contribuiu para a educação de seus leitores em defesa da causa.

Nesta edição, deu-se destaque, em uma matéria sem autoria, pela primeira vez, ao fato de o ministro Menachem Begin ter falado no Knesset, em nome do governo, sobre perseguições aos judeus na Polônia (Begin [...], 1968, p. 59-61). Ademais, publicou um texto sem autoria, denominado “Carta aberta de um Sionista Brasileiro a Begin”. Ambos os textos, pode-se inferir, eram de autoria do redator-chefe, Aron Neumann.

Menachem Begin (Rússia, 1913-Israel, 1992) concluiu o curso de Direito na Universidade de Varsóvia em 1935. Ao atuar no movimento sionista na década de 1930, tornou-se, em 1938, na Polônia, o líder do movimento juvenil sionista de direita, o *Betar*. Com o início da Segunda Guerra Mundial, em 1939, ele fugiu para Vilna. Foi deportado para a Sibéria pelo governo soviético, em 1940, e, após, em 1941, foi libertado, quando se juntou ao exército polonês no exílio. Acabou indo para a Palestina em 1942, onde se juntou ao *Irgun*, uma das organizações militares clandestinas que lutavam contra as autoridades britânicas, que controlavam o território, para fundar ali o Estado judaico. Em 1947, assumiu a liderança do *Irgun* e foi responsável, entre outras ações, pelo atentado à bomba contra o hotel King David, em Jerusalém, onde funcionava a central administrativa britânica, ocasião em que morreram 91 pessoas. Após a independência de Israel em 1948, o *Irgun* formou o partido de direita *Herut*

⁴⁰ Samuel Tolkowsky (Bélgica, 1886-Israel, 1965) foi um agrônomo, sionista e diplomata israelense. Foi assistente de Chaim Weizmann e Nahum Sokolov (Polônia, 1859-Inglaterra, 1936), dois importantes líderes do Movimento Sionista, além de cônsul-geral de Israel, na Suíça, de 1949 até 1951, quando foi promovido a ministro israelense.

⁴¹ O artigo informa que trechos do diário de Samuel Tolkowsky já tinham sido publicados nos números 1007, 15 de novembro de 1962, e 1008, 22 de novembro de 1962, da *Aonde Vamos?*.

⁴² Nahum Sokolov (Polônia, 1859-Inglaterra, 1936) foi líder sionista, autor, tradutor e pioneiro do jornalismo em língua hebraica. Em 1931, foi presidente do Congresso Sionista Mundial, posição ocupada até 1935. Entre 1931 e 1933, atuou como presidente da Agência Judaica.

(“Liberdade”), com Begin na liderança, sendo a principal oposição ao governo israelense até 1967. Begin ingressou no governo em 1967, lá permanecendo até 1970, como ministro sem pasta.

Essa ênfase explicita que, além de educar seu público sobre a história do movimento sionista, de forma inédita, a revista também não perdia oportunidade de enaltecer sua perspectiva sionista. Depois de publicar a coragem e bravura como Begin defendeu os judeus poloneses, a carta externava a felicidade pela subida ao governo de um membro do partido *Herut*, ainda que Neumann não fosse revisionista, linha sionista do partido. O artigo denunciava a centralidade de um único grupo, os trabalhistas, no governo, na Organização Sionista Mundial, dando as diretrizes para os programas de *alyah* (imigração judaica para Israel), que beneficiavam somente elementos do próprio grupo. Assim, o redator-chefe tendia a ser favorável a sua perspectiva sionista para o público nacional.

Na edição de *Rosh Hashaná* (12 de setembro de 1968), com 138 páginas, contém uma reflexão do redator-chefe da revista, saudação do ministro israelense Gabriel Doron, encarregado de negócios de Israel no Brasil, sobre a festividade, além de um artigo sobre a obra deixada por Maimônides⁴³, juntamente com a tradução de uma carta de instrução moral deixada para seu único filho, Abraham. No entanto, o único rabino que publicou nesta edição foi um acadêmico, e o assunto nada se relaciona com a festividade, uma vez que se intitula: “Ciência e *Halachá*”⁴⁴, do rabino Azriel Rosenfeld. A biografia do autor esclarece sobre a pretensão intelectual e de alto nível de conteúdo pretendido pela revista: Azriel Rosenfeld (EUA, 1931-2004) foi professor acadêmico, diretor do Centro de Pesquisa em Automação da universidade de Maryland, onde também ocupou cargos de professor afiliado nos Departamentos de Ciência da Computação, Engenharia e Psicologia. Ele tinha uma formação eclética, doutorado em Matemática pela Universidade de Columbia (1957), ordenação rabínica (1952) e doutorado em Literatura Hebraica (1955) pela *Yeshiva University*, doutorado honorário em Tecnologia pela Universidade de Linköping, na Suécia (1980), e na Universidade de Oulu, na Finlândia (1994), e doutorado honorário em Letras Humanas pela *Yeshiva University* (2000). Foi premiado com o título honorário de Doutor em Ciências do *Technion*, Instituto de Tecnologia de Israel (2004,

⁴³ Maimônides (Córdoba, 1138-Cairo, 1204), nascido Moisés ibne Maimom, também conhecido pelo acrônimo Rambam. Maimônides foi a figura intelectual central dos pós-judaísmo medieval e hoje é considerado, por algumas linhas, a segunda maior autoridade no que diz respeito à Lei Judaica. Publicou o *Mishne Torá* (Recapitulação da Lei) com 14 volumes, obra significativa e decodificadora do *Talmud*. Além de ser reverenciado pelos estudiosos judeus, Maimônides também foi estudioso proeminente da história das ciências islâmicas e árabicas. Foi influenciado por Alfarábi, Avicena e pelo seu contemporâneo, Averbóis. Sendo assim, tornou-se um proeminente filósofo e polímata tanto na tradição judaica quanto na islâmica. Exerceu as funções de rabino, médico e filósofo no Egito. Após sua morte, seu corpo foi levado à Galileia, sendo sepultado em Tiberíades.

⁴⁴ *Halachá* (caminho) é o conjunto de leis e costumes que regem o judaísmo tradicional.

conferido postumamente). Rosenfeld foi um dos principais pesquisadores no campo da análise de imagens por computador. Por quase 40 anos, ele fez muitas contribuições fundamentais e pioneiras para quase todas as áreas desse campo. Foi editor fundador da revista pioneira *Computer Graphics and Image Processine* (1972), além de ter publicado mais de 30 livros.

Outro artigo com o mesmo teor intelectual acadêmico é “Sexo sem medo no judaísmo”, de Louis A. Berman (EUA, 1921-2018), professor emérito de Psicologia. Lecionou na Universidade de Illinois, em Chicago, de 1957 até a sua aposentadoria em 1989. Pesquisava temáticas sobre psicologia e tradição judaica.

Mas o que chamou atenção nessa edição foi seu alto nível de conteúdo da literatura judaica mundial, alguns inéditos em língua portuguesa. Primeiramente, tem-se o conto: *Uma certa Pedra*, do escritor Shmuel Yossef Agnon (Ucrânia, 1888-Israel, 1970), uma das figuras centrais da ficção hebraica moderna, suas obras lidam com o conflito entre a vida judaica tradicional e o mundo moderno. Agnon recebeu muitos prêmios, incluindo o Prêmio Israel, entre 1954 e 1958. Recebeu o Prêmio Nobel de Literatura em 1966, o primeiro concedido a um escritor hebraico. Ele publicou, além de vasta obra literária, diversos contos em revistas judaicas, principalmente em Israel, mas também em outros lugares. Certamente, esse conto foi publicado de forma inédita em língua portuguesa.

Depois, *Aí vem um homem*, autobiografia de Alexander Granach, que ocupou 13 páginas da revista. Alexander Granach (Império Austro-húngaro, 1890-EUA, 1945) foi um ator alemão-austriaco cuja carreira aconteceu nas décadas de 1920 e 1930, emigrou para os Estados Unidos em 1938. Ele entrou no cinema em 1922, mesmo ano que atuou no cinema mudo em *Nosferatu* (1922). Granach escreveu um romance autobiográfico, com o título alemão *Da geht ein Mensch*, publicado em 1945, logo após a sua morte. O livro foi lançado ao mesmo tempo em uma versão em inglês, com o título *There Goes an Actor*. Foi reconhecido, na época, como um trabalho notável e foi republicado como: *From the Shtetl to the Stage: the Odyssey of a Wandering Actor*, por Transaction Publishers, 2010. Em português não foi encontrada nenhuma outra publicação da obra, além dessa na revista *Aonde Vamos?*.

Outro artigo, uma longa análise da obra *Herzog*, de Saul Bellow, denominada *O judeu na literatura de ficção americana*, escrito por Dan Vogel⁴⁵. Saul Bellow (Canadá, 1915-EUA, 2005) foi um escritor judeu, recebeu o Nobel de Literatura e o Prêmio Pulitzer de Ficção em 1976. Seu livro *Herzog* foi publicado em 1961, tornou-se um clássico da moderna literatura

⁴⁵ Não foi possível identificar quem foi Dan Vogel. A despeito de ter sido localizado um escritor americano homônimo, o ano de nascimento é 1955, o que invalida sua presença, pois seria muito jovem para ter escrito esta análise.

norte-americana e consolidou Saul Bellow como um dos grandes escritores de seu tempo, porque conseguiu captar como nenhum outro as neuroses do homem urbano contemporâneo. Em português, essa obra só viria a ser publicada em 2011 pela editora Companhia das Letras. Sendo assim, a análise e os trechos reproduzidos pela revista eram totalmente inéditos para o público brasileiro.

Finalizando as publicações literárias dessa edição, com o conto “Esther”, de Janette Fishenfeld (Brasil, 1932-1987), uma autora judia brasileira que cresceu em Niterói, onde passou a maior parte de sua vida. Ela era autora de contos, colunista, formada em Biologia, ativista sionista e líder da *Women’s International Sionist Organization* - WIZO. Tornou-se coordenadora do departamento cultural da WIZO em 1961, também colaborava com revistas da comunidade judaica e, em 1966, publicou o livro *Os dispersos*, com quatro contos publicados na *Aonde Vamos?*, três deles inéditos. Suas histórias retratavam uma comunidade judaica brasileira nuançada, às vezes confusa, enquanto outras exibiam uma visão idealista da vida em Israel. A revista, dessa forma, não apenas divulgava a literatura mundial judaica, mas também promovia e estimulava os autores locais (Igel, 1997, 1999).

Sendo assim, pode-se constatar que todo o período da década de 1950 até 1972 foi de ascensão, com pequena flutuação no número de páginas, mas com grande sucesso na veiculação de anúncios nas edições especiais. Houve o fortalecimento da divulgação da linha sionista defendida pela revista, uma vez que a direita sionista começou a mostrar força na política israelense e na área cultural, dando destaque para tradução e divulgação dos autores da literatura judaica brasileira e mundial.

A redação da revista permaneceu sediada na rua Treze de Maio, 23, salas 1538/39/40, por toda a segunda fase, sem alteração. Pode-se concluir com esse dado, de forma afirmativa com a hipótese de que a segunda fase foi de estabilidade e consolidação da revista.

A única informação obtida referente à tiragem da revista, uma vez que esse dado não consta em suas páginas, foi relatada em entrevista (Fucs, 2020) pelo último diretor, Ronald Fucs⁴⁶, quem trabalhou na *Aonde Vamos?* de 1968 até o seu fechamento, em 1977. Segundo Fucs, a tiragem era em torno de cinco mil exemplares.

Sobre os locais de composição e impressão da revista nos anos de 1952 a 1973, foram levantadas as informações divulgadas na própria publicação. A Companhia Brasileira de Artes Gráficas, Rua Riachuelo, 128 – RJ surgiu como local de impressão em 20 de março de 1952 e

⁴⁶ Ronald Fucs (BA, 1942) será um dos mediadores abordados no capítulo 3.

em 18 de agosto de 1955, compareceu o nome da gráfica de impressão: “Cia. Brasileira de Artes – Gráficas imprimiu”, mas sem o endereço, condição que permaneceu até 25 de abril de 1963.

Sobre essa gráfica, foram encontradas, nos catálogos de obras gerais da Biblioteca Nacional, 142 publicações, sendo 134 livros, seis periódicos, uma música e uma partitura, que abarcam os anos de 1943 até 1995. A revista *Aonde Vamos?* não está entre essas publicações citadas. Mas, como foi possível constatar pela própria revista, essa gráfica imprimiu a *Aonde Vamos?* durante 11 anos. A hipótese é que se tratava de um vínculo comercial entre as empresas em função da diversificada cartela de clientes e produtos impressos pela gráfica.

A Gráfica Editora Rio-São Paulo, rua Barão do Bom Retiro, 589, foi o local de impressão da revista pelo curto período de 2 de maio de 1963 a 27 de julho de 1963. Pouco foi encontrado sobre essa editora, apenas alguns livros publicados no ano de 1963.

A partir da edição de 9 de janeiro de 1964, surgiu um novo endereço de impressão: “Composto e impresso nas oficinas da Editora Jornal das Moças Ltda., Rua Euclides da Cunha, 106”. A revista foi impressa nesse local até 4 de fevereiro de 1965. Foi realizada uma busca nos catálogos de obras gerais e de publicações seriadas da Biblioteca Nacional sobre a Editora Jornal das Moças Ltda. e a única publicação encontrada foi o *Jornal das Moças*. Mas se constatou que era responsável também pela impressão de livros e outros periódicos.

Entre as edições de 11 de fevereiro de 1965 e 12 de setembro de 1968, saiu, na revista, “Composto e impresso nas Oficinas da Editora Mory Ltda., Rua da Gambôa, 110”, e, a partir de 26 de setembro de 1968, as oficinas da editora mudaram de endereço para Rua do Resende, 65/67 – GB.

Numa busca na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, várias ocorrências apareceram no que respeita à editora. A Editora Mory Ltda. esteve em atividade desde o ano de 1947, pois consta nos ativos do Balanço Geral de dezembro daquele ano o Relatório da Companhia Impressora Americana S.A. publicado no *Jornal do Commercio* (Relatório [...], 1948, p. 12). Toma-se conhecimento do proprietário da editora no *Jornal do Brasil* de 9 de julho de 1949, que cita:

A chegada ao Brasil do sr. John D. Montgomery, presidente da Câmara de Comércio de Miami Beach, conhecido jornalista de Miami, ex-presidente do Rotary Club de Miami Beach, ex-membro da Administração do Porto de Miami, atual vice-presidente da Comissão de Propaganda do Estado da Flórida e proprietário da Editora Mory. Ltda., nesta cidade (*Jornal do Brasil*, 1949, p. 8).

Foram encontrados também vários periódicos que a editora imprimia⁴⁷, todos publicados na cidade do Rio de Janeiro. A revista *Aonde Vamos?*, por sua vez, não consta na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, local em que foi realizado o levantamento, entre as publicações impressas pela editora.

Em 1969, a revista mudou de gráfica novamente, na edição de 6 de fevereiro de 1969, saiu publicado na revista: “Composto nas oficinas gráficas da Editora e impressora de Jornais e Revistas S.A., Rua Riachuelo, 359 e voltou a ser impresso nas oficinas do Jornal das Moças, Rua Euclides da Cunha, 106”. O *Jornal das Moças* deixou de ser publicado em 1965, no entanto, sua oficina gráfica esteve em atividade e situada no mesmo endereço.

No jornal *O Fluminense* (1982, p. 13), informou-se que a Editora e impressora de Jornais e Revistas S. A. era a *holding* das empresas que compunham o conglomerado pertencente a Antônio de Pádua Chagas Freitas⁴⁸. Ele foi proprietário dos jornais *A Notícia* e *O Dia*, e tinha como secretário de redação José Leão Padilha⁴⁹, quem, por sua vez, foi, concomitantemente, diretor da *Aonde Vamos?* (1944-1973) e diretor de redação dos jornais mencionados. Nesse caso, constatou-se que a Editora e impressora de Jornais e Revistas S. A. um vínculo para além das questões comerciais. As relações entre o diretor da revista e o político serão analisadas no capítulo três.

Na revista *Aonde Vamos?*, até a edição de 15 de abril de 1971, não se encontram informações sobre a gráfica em que ela foi impressa, condição diversa da edição de 6 de maio de 1971, ocasião em que a referência reapareceu. Continuou sendo composta nas oficinas gráficas da Editora e Impressora jornais e revistas S.A., Rua Riachuelo, 359, mas o local de impressão mudou: “impresso nas oficinas da Gráfica Castro Ltda, rua Pedro Ernesto, 85”.

Pouco foi encontrado a respeito da Gráfica Castro Ltda⁵⁰, sabendo-se que foi aberta em 1969, no Rio de Janeiro, e era uma Sociedade Empresária Limitada e não foi fechada, mas baixada. Foi editora de livros e periódicos na década de 1970.

⁴⁷ *Revista do Esporte*, no ano de 1970; o Suplemento literário Autores e Livros do jornal *A Manhã*, nos anos de 1948 e 1949; *O Pasquim*, 1970 a 1973; *Daily Post*, 1982 a 1986. Além disso, havia outros que a editora compunha e imprimia: *Boletim da ABI* – Órgão Oficial da Associação Brasileira de Imprensa, em 1979; *A Luta Democrática*: um jornal de luta feito por homens que lutam pelos que não podem lutar, 1979; *O Pasquim*, em 1984; *A Gazeta da Farmácia*, de 1973 a 1980; *Opinião*, de 1973 a 1977.

⁴⁸ Antônio de Pádua Chagas Freitas (RJ, 1914–1991), jornalista, advogado e político, pois foi eleito Deputado Federal do Distrito Federal (1955–1960); Deputado Federal do Estado da Guanabara (1960–1971); Governador da Guanabara (1971-1975) e do Rio de Janeiro (1979-1983). A Editora e impressora de Jornais e revistas S.A. era proprietária dos jornais *O Dia* (RJ, 1951–atual) e *A Notícia* (RJ, 1894–1930; 1938–1979; 1991–1997). Dados bibliográficos conforme Keller; Xavier, [s. d.].

⁴⁹ José Leão Padilha (PI, 1906-RJ, 1986), cuja análise será realizada no capítulo 3.

⁵⁰ GRÁFICA Castro S. A. CNPJ. Informações conforme: <https://cnpj.biz/33464249000107>. Acesso em: ago. 2020.

Nos onze anos de duração da segunda fase da revista, ela foi composta e impressa num mesmo local por quatro gráficas, sendo três delas com grande cartela de clientes. Lembrando que o periódico integrava uma empresa jornalística e não tinha patrocinador fixo. Somente quando a revista começou a ser composta na mesma gráfica, onde o diretor já trabalhava - o que indica, provavelmente, que a composição da revista era oferecida por um preço abaixo do mercado ou, quem sabe, até sem custo -, houve estabilidade neste item da produção do periódico. A impressão era realizada em outro local, sendo, nesse período, impressa em duas gráficas diferentes, mas, mesmo assim, apresentando uma estabilidade nas relações comerciais na prestação desse serviço bem maior em relação à fase anterior.

Pode-se destacar um curtíssimo período de dois meses em que a revista foi composta e impressa em uma gráfica de São Paulo, em 1963, o que chamou atenção pelo fato de a sua sede estar a 400 quilômetros de distância de sua cidade de origem e por não faltarem ofertas de gráficas na então Guanabara, onde se situava a revista. A hipótese é que a revista, em busca da sua viabilidade econômica, teria encontrado nessa opção uma boa solução para reduzir os custos ou mesmo efetuar a impressão sem custo algum, patrocinado por algum colaborador paulista, condição que, a despeito de não poder ser comprovada, merece ser observada.

Outro dado seria que a Editora Mory Ltda., que compôs e imprimiu a revista de 1965 a 1968, tratava-se da editora proprietária do jornal diário, em língua inglesa, *Brasil Herald*, destinado aos americanos estabelecidos no Rio de Janeiro. Observou-se, nessa gráfica, um possível vínculo com outra comunidade estrangeira, particularidade que convida a refletir a respeito de uma possível aproximação entre ambas as publicações. Mas, como a editora tinha uma grande cartela de jornais e revistas que imprimia e muitos não pertenciam a comunidades estrangeiras, é possível que as relações fossem somente comerciais.

Na terceira fase, que corresponde aos anos de 1973 a 1977, quando, em 22 de janeiro de 1973, faleceu o editor chefe da revista, Aron Neumann, a princípio a publicação continuou como um hebdomadário, publicado às quintas-feiras, regularidade que manteve por 31 anos, condição bastante expressiva. Mas, em 1975, começou a sair de forma irregular, por vezes semanal, quinzenal e mensal, sem dia fixo para sair. Até metade de 1976, foi publicada quinzenalmente, mas, no segundo semestre, tornou-se mensal, com interrupção no mês de outubro. No último ano de publicação, saíram quatro edições esparsas, em 15 de março, 15 de maio, 30 de julho e 12 de setembro — sendo que, pela numeração, foi possível verificar que foram publicadas em sequência, sem lançamentos faltando entre essas datas.

A edição especial de *Yom Haatzmaut* (3 de maio de 1973), com relação ao número de páginas, destaca-se que continuou alta, com 160. A edição de 1973 é significativa, pois foi a

primeira após a morte do redator-chefe, cuja marca havia sido impressa no periódico. Essa edição alcançou o maior número de páginas até então, foram publicados ao todo 19 artigos, sendo 13⁵¹ formada por documentos ou textos históricos traduzidos, as restantes eram matérias republicadas⁵². Talvez na incerteza com relação ao futuro, a equipe da revista foi buscar no passado sionista um norte para tempos vindouros. Parece pouco promissor uma revista publicar 19 textos, com somente três deles assinados por colaboradores ativos. Por mais que a data e o espaço fossem uma oportunidade para a construção e divulgação da versão histórica defendida pela publicação, a discrepância para a construção entre textos de domínio público antigos e os artigos dos colaboradores deixa dúvidas sobre as relações dos novos dirigentes da *Aonde Vamos?*. Sendo que um deles era colaborador regular da revista, pois enviava seus artigos de Israel. Os outros dois eram brasileiros, possivelmente próximos da revista ou já haviam enviado

⁵¹ Os textos históricos traduzidos foram: 1) texto da Proclamação de Independência de Israel, 14 de maio de 1948; 2) discurso de Menachem Begin quando foi proclamado o Estado de Israel; 3) mensagem de Chaim Weizmann, primeiro presidente de Israel, para Ben Gurion, ao ser informado que tinha sido escolhido para ser o presidente do governo provisório; 4) discurso do representante da União Soviética, na ONU, Semion Tsarapkin, antes da votação pela partilha da Palestina, 4 de dezembro 1947 (na revista foi impresso o ano de 1948 e não 1947, o correto para votação da Partilha da Palestina na ONU); 5) trecho do depoimento de Jabotinsky à Comissão Real para a Palestina, 11 fevereiro 1937; 6) apelo de Jabotinsky para que os judeus saíssem da Europa rumo à Palestina o quanto antes, 1938; 7) texto de Jabotinsky, quando da morte de Theodor Herzl; 8) discurso inaugural de Theodor Herzl no 1º Congresso Sionista, 24 agosto 1897; 9) as metas definidas no primeiro Congresso Sionista; 10) epílogo do livro *O Estado Judeu*, de Theodor Herzl; 11) relato sobre a vida no kibutz Kfar Blum, em 1948, por Edward I. Parsons (Edward I. Parsons segundo informações publicadas na própria revista era autor, advogado originário de Boston, que viveu no kibutz Kfar Blum, em 1948); 12) conto “O trabalho da manhã”, de Dvora Dayan (Ucrânia, 1890-Israel, 1956) foi uma pioneira da segunda aliá (imigração para a Palestina), moradora do *Kibbutz Degania* e uma das fundadoras do *Moshav Nahalel*, ativista social, escritora, publicitária e membro do conselho editorial da revista *Davar Hapoelat* (Israel, 1934-1981). Sua escrita foi importante para o movimento das mulheres trabalhadoras, era um símbolo da nova mulher israelense. Foi esposa do político do partido Mapai, Shmuel Dayan (Ucrânia, 1891-Israel, 1968), mãe do militar e político israelense Moshe Dayan (Mandato Britânico na Palestina, 1915-Israel, 1981) e avó da escritora e política pacifista israelense Yael Dayan (Israel, 1939), do ator, cineasta e roteirista Assi Dayan (Israel, 1945-2014), do artista plástico Udi Dayan (Israel, 1942-2017) e do escritor, poeta, jornalista Yonatan Gefen (Israel, 1947); 13) carta de Yossef Trumpeldor (Rússia, 1880 – Galileia, 1920), sionistas que ajudou a organizar o *Zion Mule Corps* (Legião Judaica) e a trazer imigrantes judeus para a Palestina. Morreu defendendo o assentamento de Tel Hai, em 1920, posteriormente tornou-se um herói nacional reivindicado tanto pela direita como pela esquerda sionista) para seus pais contando sobre a intenção de criar uma colônia judaica na Palestina, em 5 de novembro 1905.

⁵² Os textos republicados foram: 1) o editorial escrito por Aron Neumann, no primeiro aniversário de Israel; 2) repercussão na imprensa brasileira da proclamação do Estado de Israel; 3) repercussão da comunidade judaica frente a votação da Partilha da Palestina na ONU. Somente três artigos publicados foram escritos por colaboradores: 1) um artigo sobre espionagem israelense, do jornalista brasileiro Eliezer Strauch, judeu, brasileiro, trabalhou no jornal *O Globo* (no Brasil, em Paris e em Jerusalém), foi correspondente do israelense *Yedioth Aharonoth* em Paris e editor-chefe da edição brasileira da revista *Shalom*. É autor do livro *Serviço Secreto de Israel*, 1976; 2) artigo sobre a vida cultural e artística em Israel, do correspondente de Israel, Moshe Ron (Israel, 1945), MSc. em Línguas Românicas e Literatura Inglesa pela Universidade Hebraica (1968), PhD. em Literatura Comparada pela Yale University (1975). Foi professor da Universidade Hebraica de Jerusalém, aposentou-se em 2007. Foi, também, editor literário e tradutor; 3) artigo sobre a auto identificação judaica do intelectual brasileiro Jacob Pinheiro Goldberg (Brasil, 1933). Intelectual, acadêmico, psicólogo, advogado, assistente social e escritor de origem judaico polonesa. Graduado em psicologia pela Universidade Católica de Santos, em serviço social pela PUC-SP e em direito pela Universidade Federal Fluminense. Doutor em psicologia pela Universidade Mackenzie. Autor de livros, ensaios, crônicas, palestras publicadas no Brasil e no Exterior, além de ter artigos em jornais e revistas e ser fonte frequente de entrevistas em rádio, televisão e internet.

seus artigos antes do falecimento de Neumann. Mas ficou evidenciado a perda nas relações em torno da publicação.

A edição especial de *Rosh Hashaná* (13 de setembro de 1973) com 160 páginas e muitos anúncios, demonstra que no ano de falecimento do redator chefe, não houve grande abalo na publicidade das edições especiais. Com relação ao conteúdo, o editorial foi uma republicação do texto de Neumann, que havia saído na edição especial de *Rosh Hashaná* de 1966, e em homenagem aos trinta anos da existência da revista publicaram uma relação de todos os artigos do falecido Aron Neumann, além de todos os artigos publicados por assunto, o que ocupou 21 páginas. E, nessa edição, como na de *Yom Haatzmaut* desse ano, não foi publicada nenhuma manifestação com relação à festividade de autoridades brasileiras ou israelenses. No entanto, quanto aos colaboradores, ocorreu uma melhora. Foram publicados sete artigos assinados, destes, dois haviam sido publicados na edição especial de *Yom Haatzmaut* deste ano, assinados pelo brasileiro Eliezer Strauch e o correspondente israelense Moshe Ron. Os outros articulistas⁵³, todos norte-americanos, publicaram pela primeira vez na revista. Foi possível constatar que nesse primeiro ano do falecimento de Aron Neumann, a edição especial de *Yom Haatzmaut* contou com poucos colaboradores e nenhuma manifestação de representantes políticos, fossem brasileiros ou israelenses. Ao que parece, a opção da equipe foi publicar

⁵³ Os outros articulistas foram: Max F. Baer (Alemanha, 1913-EUA, 1994), nos Estados Unidos, ainda jovem, se tornou membro da Organização Juvenil *B'nai B'rith*, em 1929. *B'nai B'rith* é a mais antiga organização judaica em todo o mundo e também a mais antiga organização dedicada aos Direitos Humanos ainda em funcionamento. Funciona sob uma estrutura semelhante à da maçonaria. O correspondente formou-se na Universidade do Arizona e obteve um diploma de doutorado em direito pela *Creighton University*, em Omaha; mestrado em educação pela *Columbia University* e doutorado em educação pela *George Washington University*. Foi líder por 65 anos na *B'nai B'rith*. Publicou o artigo “O confronto de gerações”; Solomon S. Bernards (EUA, 1914-2004), por sua vez, formou-se rabino no *The Jewish Theological Seminary* em 1942 e doutorou-se em letras hebraicas em 1950. De 1950 a 1961, Bernards serviu no comando da *Nott Terrace Synagogue* (agora *Agudat Achim*) em Schenectady, NY, onde expandiu a participação das mulheres em serviços regulares de oração. Em 1959, ele testemunhou perante um painel do Congresso para condenar a General Electric Co. por mudar suas lojas para o sul e explorar os trabalhadores locais. Ele marchou com Martin Luther King Jr. em Selma, Alabama, e trabalhou na *Anti-Defamation League* (ADL), ONG judaica internacional com sede nos Estados Unidos e especializada na defesa dos direitos civis, até sua aposentadoria em 1982.; publicou o texto “O ano chave 1973”, sobre o crescimento dos evangélicos nos Estados Unidos; Trude Weiss-Rosmarin (Alemanha, 1908-EUA, 1999) foi escritora, editora, erudita e ativista feminista. Com o seu marido, ela fundou a *School of the Jewish Woman* em NY, no ano de 1933, e, em 1939, fundou a *Jewish Spectator*, uma revista trimestral, que ela editou por 50 anos. Foi autora de 12 livros, incluindo *Judaísmo e Cristianismo: as Diferenças* (1943), *Toward Jewish-Muslim Dialogue* (1967) e *Freedom and Jewish Women* (1977). Publicou o artigo “Tu nos escolheste...”, uma nova abordagem sobre a eleição de Israel; Evelyn Garfiel (EUA, 1900-1987) fez doutorado em psicologia pela *Columbia University*. Em 1923, ela se casou com o russo e rabino Max Kadushin, formado no *Jewish Theological Seminary* (JTS). Nas décadas de 1920 e 1930, foi professora de psicologia nas Universidades de Chicago e Wisconsin (em Madison). Ela atuou nos conselhos do Hadassah e da Liga Feminina da Sinagoga Unida. Em 1958, publicou *The Service of the Heart*, uma exploração do livro de orações que explicava as origens e o propósito de diferentes orações e a estrutura do serviço. Ela também publicou um livro sobre gramática hebraica e vários artigos, a exemplo de: “A origem do *sidur*” (*Sidur*, livro de rezas no judaísmo); Josephine Zadovsky Knopp, professora de literatura comparada na Temple University, na Filadélfia, EUA. Publicou o artigo “Os caminhos da *Mentshlekhykayt*, um estudo da moralidade na ficção de Bernard Malamud e Philip Roth”.

intensamente textos históricos vinculados ao sionismo moderno, a referência identitária importante para a revista. Já a edição de *Rosh Hashaná*, ainda sem manifestação política brasileira ou israelense, apresentou um retorno dos articulistas judeus, acadêmicos americanos, com papel significativo para as mulheres. No entanto, ao que tudo indica, houve uma perda dos contatos vinculados ao Estado de Israel, que poderiam ser mais próximos ou com vínculos até mais pessoais com Aron Neumann.

No ano seguinte, 1974, a edição de *Yom Haatzmaut*, com 150 páginas, apresentou uma recuperação do prestígio e das relações da revista. Contou com mensagens do presidente e da primeira-ministra de Israel, Ephraim Katzir (Ucrânia, 1916-Israel, 2009) e Golda Meir (Ucrânia, 1898-Israel, 1978), respectivamente. Publicaram-se mini biografias dos homens que fizeram Israel: Herzl, Pinsker, Ahad Haam, Montefiore, Weizmann, Jabotinsky, Ben Gurion, Sharett, Eshkol e Golda Meir. A revista não se preocupou com o fato, ou melhor, não fez qualquer tipo de observação ao ato de Golda Meir constar entre os homens que fizeram Israel. Uma mulher primeira-ministra, pouco comum mundialmente, e também para a jovem nação israelense, deveria causar esse tipo de situação ambígua com relação ao gênero do líder em questão. Mas a mudança mais significativa foi encontrada, de fato, nos artigos dos colaboradores, que apresentaram maior diversidade com relação à origem dos autores, sendo que foram sete no total: “Um inesperado *Yom Kipur*”, de Hélio Sigres⁵⁴; “Os judeus palestinos alguém esqueceu?”, de James W. Parkes⁵⁵; “Bi-nacionalismo árabe-judaico”, de Saul S. Friedman⁵⁶; “Haifa, a cidade amistosa”, de Carl Alpert⁵⁷; “Uma nova época do movimento trabalhista”, de Moshe Ron; “A ficção israelense e os árabes”, de Ben Segal⁵⁸; “A fuga do

⁵⁴ Helio Sigres foi engenheiro, trabalhou no ramo de empreendimento imobiliário, no Rio de Janeiro, e escreveu *Astória*, em 1999.

⁵⁵ James William Parkes (Inglaterra, 1896-1981) foi um clérigo anglicano, historiador e ativista social. Com a publicação de *O judeu e seu vizinho*, em 1929, criou as bases de uma reavaliação cristã do judaísmo. Ele também publicou obras sob o pseudônimo John Hadham.

⁵⁶ Saul S. Friedman (EUA, 1937-2013) foi historiador e professor de história judaica e do Oriente Médio na *Youngstown State University*, em 1969. Em 2000, fundou o programa *YSU Judaic and Holocaust Studies* e seis anos depois se aposentou. Friedman era pesquisador do antissemitismo e publicou sobre o Holocausto e a história do Oriente Médio. Além de 12 livros, ele produziu documentários no final dos anos 1980, cinco dos quais receberam prêmios Emmy regionais.

⁵⁷ Carl Alpert (EUA, 1913–2005) foi jornalista, autor, trabalhador comunitário e especialista em relações públicas, primeiro na América e depois em Israel, onde se estabeleceu em 1952.

⁵⁸ Ben Segal (Inglaterra, 1912-2003) foi um importante estudioso no campo linguístico do aramaico e hebraico. Foi professor de línguas semíticas na *School of Oriental and African Studies* (Soas), da Universidade de Londres, de 1961 até sua aposentadoria em 1979.

agente de seguros”, de Aharon Megued⁵⁹. Nesta edição, publicaram-se, também, trechos de entrevista com Amós Oz⁶⁰.

Pode-se constatar que houve uma recuperação da rede de articulistas nacionais e internacionais. Observa-se, também, uma mudança na perspectiva com relação à política israelense, agora um pouco mais à esquerda, ou seja, não mais tão vinculada ao sionismo nacionalista dos revisionistas⁶¹. A matéria sobre o binacionalismo e a divulgação da entrevista com uma importante voz da esquerda pacifista israelense, que estava em gestação naqueles anos, Amós Oz, foram marcos dessa virada de perspectiva política nas páginas da publicação.

A edição de *Rosh Hashaná* de 5 de setembro de 1974, com 146 páginas, demonstra que a *Aonde Vamos?* ainda contava com número significativo de publicidade nas edições especiais após o falecimento de Neumann. A revista apresentou maior segurança, independência e maturidade ao publicar um texto de felicitações pelo Ano Novo Judaico, intitulado “Rosh Hashaná 5735”, assinado como *Aonde Vamos?*. Certamente produzido pela equipe da revista, que, em vez de republicar um texto produzido pelo Aron Neumann, mostrava sua maturidade ao criar material inédito. Houve outro texto publicado com a assinatura *Aonde Vamos?*, “A quem clamarei?”, de Abraham Ben Shmuel⁶², um erudito judeu do século XII, o que bem demonstra que a nova equipe iniciava seus primeiros voos independentes.

O embaixador de Israel no Brasil enviou mensagem de felicitação e houve uma recuperação ainda maior com relação a edição de *Yom Haatzmaut* deste ano. Dos colaboradores com as matérias destacam-se: “03 tipos de devoção”, de Gershon Scholem⁶³; “O paradeiro da princesa do Rabi Nakhman”, de Braslav⁶⁴, tradução do ídiche para o hebraico do Rabi

⁵⁹ Aaron Megued (Polônia, 1920-Israel, 2016) foi um escritor e editor polonês, que imigrou para Israel com sua família em 1926. Foi para o *kibutz* de *Sdot Yam* e trabalhou no porto de Haifa. Ele deixou o kibutz em 1950 e estabeleceu-se em Tel Aviv, onde editou um jornal e, juntamente com um grupo de amigos, fundou o semanário literário *Masa*, que se tornou o suplemento literário do jornal *Lamarjav*. Durante anos, ele serviu como adido em Londres.

⁶⁰ Amós Oz (Mandato Britânico na Palestina, 1939-Israel, 2018) foi um importante escritor israelense, cofundador do movimento pacifista Paz Agora (*Shalom Achshav*), em 1978.

⁶¹ Este tema será retomado e aprofundado no capítulo 3.

⁶² Abraham ben Samuel Abulafia (Aragão, 1240-Malta, 1291) foi o fundador da escola da Cabala Profética.

⁶³ Gershom Scholem (Alemanha, 1897-Israel, 1982) foi filósofo e historiador. Especialista na mística judaica e conhecido como fundador do moderno estudo da cabala, Gershom foi o primeiro professor de misticismo judaico na Universidade Hebraica de Jerusalém.

⁶⁴ Rabi Nachman de Braslav (Ucrânia, 1772-1810) foi um rabino e teólogo judaico. Fundou o movimento chassídico de Braslav, que promove a espiritualidade por meio da popularização e internalização do misticismo judaico, como um aspecto fundamental da fé judaica.

Steinsaltz⁶⁵ e do hebraico para o inglês de Yehuda Hanoghi⁶⁶; “A biblioteca pública”, de Anne Dobris Henkin⁶⁷; “A arte ritual judaica” de Cecil Roth⁶⁸; “Cantos da sinagoga do século XII” de Israel Adler⁶⁹; “A nova abordagem dos estudos bíblicos” de Joseph Shaechter⁷⁰; “Badenheim 1939”, de Aharon Appelfeld⁷¹; “Uma contrabandista”, de Rosa Palatnik⁷² e tradução de José Steinberg⁷³; “A cabana”, de Uri Orlev⁷⁴.

Pode-se perceber que os colaboradores provenientes de Israel voltam a publicar e a ser traduzidos na revista. Dois destaques, o primeiro para a tradução e publicação em primeira mão do texto “Badenheim 1939”, de Appelfeld, publicado em livro em 1978. No Brasil, cumpre

⁶⁵ Rabino chassídico Adin Even-Israel Steinsaltz (Jerusalém, 1937-2020), professor, filósofo, crítico social, autor, tradutor e editor. Foi o primeiro estudioso, desde o sábio medieval Rashi, a concluir a tradução completa e comentários sobre o *Talmud* Babilônico e a Bíblia (Pentateuco). Em 1965, ele começou a tradução, para o hebraico moderno, do *Talmud* e sua conclusão se deu em 2010. Ele atuou como acadêmico residente no *Woodrow Wilson Center for International Studies*, em Washington, DC e no *Institute for Advanced Studies*, na *Princeton University*. Seus títulos honorários incluem doutorados da *Yeshiva University*, *Ben Gurion University of the Negev*, *Bar Ilan University*, *Brandeis University* e *Florida International University*.

⁶⁶ Cumpre destacar que nada foi localizado a seu respeito.

⁶⁷ Não foram encontrados dados sobre ela, mas segundo o texto publicado, passou a infância, nos anos 1920, no *Lower East Side*, bairro situado na parte sudeste da cidade de Nova Iorque, nos EUA, localizado em Manhattan. Foi tradicionalmente um bairro de imigrantes e da classe operária.

⁶⁸ Cecil Roth (Inglaterra, 1899-Israel, 1970) foi historiador e acadêmico de religião e cultura judaica, além de professor de estudos judaicos na Universidade de Oxford, por vinte cinco anos, e, depois, lecionou história judaica na Universidade Bar Ilan, em Israel.

⁶⁹ Israel Adler (Alemanha, 1925-Israel, 2009) emigrou para Palestina em 1936, estudou em escolas religiosas judaicas. Foi para Paris, em 1949, onde estudou no *Conservatoire National de Musique*, na *École Pratique des Hautes Études* e no *Institut de Musicologie* de la Sorbonne. Entre 1950 e 1963, trabalhou e foi responsável pela seção Hebraica/Judaica da *Bibliothèque Nationale*. Doutorado-se na Sorbonne em 1963 e, no mesmo ano, assumiu o cargo de diretor do departamento de Música da Biblioteca Nacional e Universitária Judaica, em Israel. Fundou o Centro de Pesquisa de Música Judaica na Faculdade de Humanidades da Universidade Hebraica. Entre 1969 e 1971, atuou como Diretor da Biblioteca Nacional e Universitária Judaica. Em 1971, Adler foi nomeado Professor Associado de Musicologia na Universidade de Tel Aviv e, em 1973, ingressou no corpo docente do Departamento de Musicologia da Universidade Hebraica de Jerusalém. Em 1967, fundou em Israel o *Musicological Society*. Foi fundador e codiretor do YUVAL-France (Centro de Preservação das Tradições Musicais dos Judeus), fundador e presidente do Conselho Provisório da Associação Internacional de Arquivos Sonoros, Vice-presidente da Associação Internacional de Bibliotecas de Música, Arquivos e Centros de Documentação e membro da *Commission Internationale Mixte* de RISM e RILM. De 1991 a 1997 foi membro do Comitê Executivo do Conselho Internacional de Música da UNESCO, e em 1997, foi eleito membro do Conselho de Administração da Sociedade Internacional de Musicologia. Também foi editor-chefe da *Encyclopedia Judaica* de 1965 até sua morte.

⁷⁰ Joseph Shaechter (1901, Áustria-1994, Israel) foi rabino, filósofo e membro do Círculo de Viena, de 1925 a 1936.

⁷¹ Aharon Appelfeld (Romênia, 1932- Israel, 2018) foi escritor israelense, sobrevivente do Holocausto e professor de literatura na Universidade Ben-Gurion do Negev, em Israel. Seu livro *Badenheim*, *‘ir nofesh* foi publicado em 1978, tendo sido lançado no Brasil com o título *Badenheim 1939*, em 2012, com tradução de Moacir Amâncio. Aharon Appelfeld publicou o romance pela primeira vez como um conto intitulado “Badenheim 1919” no jornal hebraico *Moznaim*, em seu exemplar 36 (dezembro de 1972). Uma tradução para o inglês de Betsy Rosenberg foi publicada na revista *Ariel*, número 35 (1974).

⁷² Rosa Palatnik (Polônia, 1904-Brasil, 1981) foi escritora de língua ídiche.

⁷³ José Steinberg (Brasil, 1932) é ator e foi professor de língua e literatura hebraica na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Atuou em várias novelas, como: *Meu Bem, Meu Mal*; *Selva de Pedra*; *Xica da Silva*. Também destacou-se em minisséries e filmes.

⁷⁴ Uri Orlev (Polônia, 1931-Israel, 2022) foi escritor e tradutor. Durante a Segunda Guerra Mundial viveu no gueto de Varsóvia e no campo de Bergen-Belsen. Ao final da guerra, foi para a Palestina, onde morou no kibutz Ginegar até 1962. Em 1996, recebeu o prêmio internacional Hans Christian Andersen por sua contribuição à literatura infantil. Em 2006, recebeu o prêmio Bialik de literatura, juntamente com Ruth Almog e Raquel Chalfi.

destacar, foi lançado somente em 2012, a revista disponibilizou ao seu público a moderna literatura israelense, no calor da sua produção. O segundo, a tradução para o português, realizada pelo ator José Steinberg, de um conto da escritora judia de origem polonesa, mas naturalizada brasileira, Rosa Palatnik, que escrevia em ídiche. A revista ofereceu aos não leitores e conhecedores da língua ídiche, em 1974, a possibilidade de conhecer o que foi produzido em ídiche em solo nacional. Tratou-se de ação relevante, pois muitos dos filhos dos imigrantes já não eram fluentes nessa língua.

Já nos anos que antecederam o final da revista, por exemplo, caso de 1975, figuraram 26 páginas por edição, que, a partir do meio do ano, aumentaram para 30, uma vez que as edições começaram a sair de forma irregular, continuando com essa numeração de páginas até o fim da publicação. No entanto, entre 1975 e 1977, pode-se verificar uma diminuição do número de páginas das edições especiais de *Yom Haatzmaut* e *Rosh Hashaná* quando se compara com os anos anteriores. Pode-se fazer um comparativo das edições especiais: *Yom Haatzmaut* (10 de abril de 1975, 30 de abril de 1976 e 15 de maio de 1977) com 90, 82 e 38 páginas, respectivamente; e *Rosh Hashaná* (30 de agosto de 1975, 25 de setembro de 1976 e 12 de setembro de 1977), que apresentaram 90, 94 e 50 páginas cada.

A edição *Yom Haatzmaut* de 1975 contou com uma mensagem do presidente de Israel, prof. Ephraim Katzer, e do embaixador do mesmo país no Brasil, Modekhai Shneeirson, ressaltando o prestígio da revista. O editorial não tinha assinatura, o que permite creditar a escrita à equipe da revista. Houve, também, matéria de conteúdo histórico didático, sem autoria, intitulada: “Os precursores do sionismo”. Provavelmente, produzida pela equipe, assumindo autonomia e independência num momento de adaptações, tendo em vista o falecimento do redator-chefe. As matérias assinadas⁷⁵, duas apenas, foram de colaboradores habituais, Moshe Ron e Carl Apert, e outras quatro de colaboradores inéditos. Além dos articulistas americanos e israelenses, houve um espaço para um franco-tunisiano, o que identifica a abertura de espaço de fala para os judeus árabes, para os árabes, cujo tema abordado dizia respeito à questão

⁷⁵ A relação dos artigos e colaboradores das matérias assinadas dessa edição: “Quem é judeu árabe?”, de Albert Memmi (Tunísia, 1920-França, 2020), que foi escritor e ensaísta; “Nossos vizinhos palestinos”, de Aryeh Eliav (URSS, 1921-Israel, 2010), político israelense que participou do Knesset (Parlamento israelense) por vários partidos, em três períodos diferentes entre 1965 e 1992, 1965 e 1968, Alinhamento, e 1968 e 1969, Partido Trabalhista; 1969-1975, Alinhamento; 1975, Independente; 1975-1976, Ya’ad, Movimento dos Direitos Civis; 1976-1977 Facção Socialista de Israel; 1988-1991 Alinhamento; 1991-1992 Alinhamento; A noiva e o caçador de borboletas peça de Nissim Aloni (Mandato Britânico na Palestina, 1926-Israel, 1998) foi um dramaturgo e tradutor israelense; Simpósio sobre os países árabes de Moshe Ron; Uma prova de fé de Carl Apert; Jean Henri Dunant precursor de Herzl de Philip Slomovitz (Rússia, 1896-EUA, 1993), jornalista norte-americano. Trabalhou em jornais judaicos em Detroit, Michigan, tornou-se editor do *Detroit Jewish News*. Slomovitz era ativo em organizações sionistas e outras organizações judaicas americanas. Em 1943, fundou a *American Association of English-Jewish Newspapers*, da qual permaneceu presidente até 1953.

palestina. Uma mudança do olhar sobre Israel como um país, contemplando sua diversidade étnica judaica e não judaica, isto é, uma abordagem distinta da que era dada regularmente por Neumann.

A edição especial de Ano Novo judaico de 1975 trouxe editorial com mensagem da festividade, cuja assinatura foi *Aonde Vamos?*, demonstração de que, mais uma vez, a equipe apresentou maturidade, unidade e independência por não mais ter a liderança de Aron Neumann, já falecido. Foram publicadas oito matérias assinadas, duas por autores no Brasil: Isaac Akcelrud⁷⁶, “Dialética do judaísmo”, e Rosa Palatnik, “A apagada vela de Yom Kipur”. Esta última há de se destacar, já vinha escrevendo na revista desde o ano anterior. Dos autores estrangeiros foram seis artigos⁷⁷, sendo um de Carl Alpert, colaborador habitual da revista. Percebe-se nesse ano um vínculo maior com autores norte-americanos, ainda que colaboradores israelenses tenham figurado, eles começaram a fugir ao padrão do sionismo revisionista impresso por Neumann, numa mudança de postura e contatos em torno da revista. Os editores priorizavam nomes renomados em detrimento da fidelidade nas contribuições, pois somente dois autores já haviam escrito na publicação anteriormente.

Já a edição de *Yom Haatzmaut* de 1976 contou com as mensagens da ex-primeira ministra Golda Meir, do presidente Efraim Katzir e primeiro-ministro Itzhak Rabin, de Israel, além do embaixador de Israel no Brasil, Mordechai Schneerson. Sendo assim, mesmo com a

⁷⁶ Isaac Akcelrud será abordado no terceiro capítulo, foi o último redator-chefe da *Aonde Vamos?*.

⁷⁷ Artigos assinados dessa edição: “Livre arbítrio e vida judaica”, de Alexandre Voronel (URSS, 1931), professor de Física na Universidade de Tel Aviv desde 1973. Estudou nas universidades de Kharkov e Moscou enquanto trabalhava no Instituto de Medições Físicas e Tecnológicas de Moscou no início dos anos 1960. Fundou e editou o jornal *Samizdat Judeus na URSS* em 1972–1974, jornal clandestino. Em 1975, emigrou para Israel. Desde 1990 é editor-chefe do popular jornal literário 22, publicado em língua russa em Tel Aviv; “Sete portas de retorno à minha cidade”, de Amnon Shamosh (Síria, 1929-Israel, 2022). Autor e poeta israelense que participou da Guerra Árabe-Israelense de 1948 em uma unidade do *Palmach*. O *Palmach* foi a força de combate de elite do exército clandestino da comunidade judaica durante o período do Mandato Britânico na Palestina. Foi estabelecido em 15 de maio de 1941. Ele foi um dos fundadores do *kibutz* Ma’avan Baruch; “Mobília”, de Haim Grade (Rússia, 1910-EUA, 1982), um dos principais escritores em língua ídiche do século XX. Grade estudou na *yeshiva* quando adolescente, mas adotou uma visão secular do judaísmo, em função de suas ambições poéticas. Ele perdeu sua família no Holocausto e, após, mudou-se para Nova Iorque. Escreveu principalmente ficção, mas também poesia, ambos em ídiche. Em 1970, ele ganhou o Prêmio Itzik Manger pela contribuição à literatura em ídiche; “O significado dos Dias Temíveis”, de Abraham J Karp (Polônia, 1921-EUA, 2003), estudou na *Yeshiva University* (1942) e foi ordenado rabino no *Jewish Theological Seminary* (1945), ambos em Nova Iorque. Foi rabino em várias sinagogas americanas, a partir de 1956 trabalhou no Templo Beth El de Rochester, NY. Em 1972, aposentou-se do rabinato. Concomitante ao rabinato, foi professor visitante no Dartmouth College e na Universidade Hebraica de Jerusalém. Lecionou história judaica americana no Seminário Teológico Judaico (1967-71, 1976) e no Philip Bernstein de Estudos Judaicos na Universidade de Rochester, onde aposentou-se em 1991. Foi ativo na Assembleia Rabínica, como membro do conselho executivo e do comitê editorial. Foi presidente da Sociedade Histórica Judaica Americana (1972-1975) e nomeado membro da Academia Judaica de Artes e Ciências (1984). Colecionou acervo de 3.500 itens referente ao judaísmo americano, que doou para o *Jewish Theological Seminary*, em 1990. Sua coleção era composta de objetos rituais e cerimoniais, pinturas, registros de sinagogas, jornais e diários. Autor de inúmeros livros; “Fé e dúvida”, de Normam Lamm (EUA, 1927-2020), rabino ortodoxo moderno, estudioso, administrador acadêmico, autor e líder comunitário. Ele foi o terceiro presidente e chanceler da *Yeshiva University* até sua aposentadoria em 2013 e “O Julgamento do *Hatikvá*”, de Carl Albert.

considerável diminuição no número de páginas, a revista mantinha o prestígio entre os dirigentes de Israel. O editorial sem assinatura, mas produzido pela equipe e denominado “Independência para todos”, termina de forma autoconfiante, com relação ao futuro. Tom bastante distinto do antigo redator-chefe, cuja marca era o nacionalismo, com pouca boa vontade em advogar a favor dos palestinos e contribuir com atitude a ser tomada em relação a eles, conforme trecho a seguir.

Israel inicia o seu 29º ano de existência soberana, firme e confiante, consciente de seu papel construtivo nas relações internacionais e seguro da missão que lhe cabe na construção de um mundo pacífico e harmonioso, em que as nações conviverão e cooperarão, pois já não se ensinará a guerra e as armas serão transformadas em arados (Independência [...], 1976, p. 73).

Quanto aos artigos, foram publicados cinco⁷⁸, assinados somente por Isaac Akcelrud, do Brasil, que já havia comparecido anteriormente na revista. Os demais colaboradores eram de Israel, políticos israelenses de partidos com postura política mais à esquerda ou professores acadêmicos.

A edição especial de *Rosh Hashaná* de 1976 apresenta a mensagem de Ano Novo Judaico, que se tratou da tradução do discurso proferido por Golda Meir, em Moscou, no ano da Declaração de Independência de Israel, a saber, em 1948. O texto ressalta a importância da “Reconstrução e do Retorno”, o que permite indagar: os editores da *Aonde Vamos?* estariam refletindo sobre o Ano Novo Judaico ou sobre o futuro incerto da revista com a escolha desse texto como mensagem para seus leitores? Provavelmente, era uma mensagem da importância do auxílio para a sobrevivência do periódico, que neste momento já não se encontra em boa situação. Mesmo com problemas de sustentabilidade financeira, a edição contou com mensagens do embaixador de Israel no Brasil, Mordechai Shnneerson; do Lubavitcher Rebe, de Nova Iorque, provavelmente uma mensagem pública reproduzida na revista; do prefeito do Rio de Janeiro, Marcos Tamoyo; do governador do Estado homônimo, Floriano Faria Lima,

⁷⁸ Os artigos dessa edição foram: “Os desafios que enfrentam os judeus do mundo e Israel”, de Yosef Aharon Almogi (Polônia, 1910-Israel, 1991), político israelense que serviu como membro do Knesset entre 1955 e 1977, além de ocupar vários cargos ministeriais: Ministro sem pasta, 1962; Habitação, 1962-1965; Desenvolvimento, 1962-1965; Trabalho, 1968-1974. Participação no Knesset (Parlamento israelense) Mapai, 1955-1965; Rafael, 1965-1968; Partido Trabalhista, 1968-1969; Alinhamento, 1969-1977; “Nosso direito a este país - considerações sobre o direito histórico do povo judeu à terra de Israel”, de J. H. ben-Sasson ou H. Ben-Sasson, ao que tudo indica, foi o editor do livro *A History of the Jewish People*, 1976; “Israel: unidade e fratura”, de Isaac Akcelrud; “Novas formas de anti-semitismo”, de Shlomo Avineri (Polônia, 1933), cientista político israelense, professor de Ciência Política na Universidade Hebraica de Jerusalém e membro da Academia de Ciências e Humanidades de Israel. Ele também atuou como professor visitante na Universidade da Europa Central em Budapeste e foi membro do Think Tank acadêmico com sede em Munique; “A aldeia industrial”, de Raanan Waitz. Foi encontrado um Fundo Pessoal-Raanan Waitz (1913-1998) no Central Zionist Archives (CZA), série documental: Líderes e ativistas do movimento sionista e do *Yishuv* cujos documentos pessoais são preservados no CZA.

cujo público visado era a Federação Israelita do Rio de Janeiro. Constan, ainda, duas matérias sem assinatura: “A prece” e “Nacionalidade sem direitos, o fracasso da assimilação forçada”. Já as matérias assinadas foram seis⁷⁹, saltando aos olhos, assim, a diferença com relação às outras edições especiais dessa festividade. Geralmente, escreviam na revista grandes personalidades internacionais, mas nessa edição foram cinco brasileiros, todos, aliás, jovens ativistas comunitários. O único artigo internacional foi de Carl Alpert, que era correspondente regular da revista. A mudança significativa do perfil dos articulistas representa uma queda brusca das redes de contato internacionais. Mesmo os articulistas nacionais não se configuravam nomes de expressão na comunidade judaica ou mesmo fora dela. Essa realidade também favoreceu mudança significativa no conteúdo, porque não participaram rabinos ou lideranças comunitárias. Mas, mesmo assim, a edição contou com felicitações do prefeito e do governador do Rio de Janeiro, bem como do embaixador de Israel, que mandava felicitações com regularidade.

A edição de *Yom Haatzmaut*, de 1977, sem nenhuma mensagem de representante político de Israel ou do Brasil. Somente duas matérias assinadas: “Os judeus e o átomo”, de Isaac Akcelrud, e “Afirmamos a integridade o judaísmo de Lawrence McCoombe”⁸⁰. Sendo que Isaac Akcelrud era o redator-chefe da revista, dessa forma, somente o artigo de McCoombe foi de colaborador. O editorial, o último da festividade publicado, já manifestava o clima em torno da revista e prenunciava seus momentos finais. O texto do editorial é assertivo:

YOM HAATZMAUT

Recado ao leitor

Estamos aí. Com dificuldades, problemas, deficiências. Munidos da velha tenacidade judaica, persistindo, desafiando, de cabeça erguida. Este número prova que não estamos sós. O apoio de um punhado de judeus permitiu a circulação deste número de *Yom Haatzmaut*, o que vale para nós como um renovado compromisso.

Esta revista foi criada pela combatividade de Aron Neumann para denunciar o holocausto, para provocar a resistência judaica contra a bestialidade nazista. Não foi

⁷⁹ Os articulistas desta edição são: Lourdes Gonçalves (nada foi encontrado sobre ela, mas pelo texto “Tamar e Muhamed”, era uma carioca que passou um tempo em um *kibutz*, em Israel), o conto aborda o encontro entre uma judia e um árabe, num *kibutz*, em Israel; Francisco Correa Neto (Brasil, 1932), descendente de cristãos-novos, optou pelo judaísmo convertendo-se formalmente. Foi professor da Área Judaica do colégio Max Nordau, no Rio de Janeiro. Foi presidente da Congregação Judaica P’nei Or de Petrópolis. Publicou vários livros (informações cedidas por Elias Salgado e Paulo Valadares), com o artigo: Por quem os sinos doam; Cecília Nussenbaum, membra do movimento universitário judaico, com o artigo Refazenda, sobre as dificuldades do movimento universitário judaico; Boris Blinder (São Paulo, 1937-1994), que fez seminário de professores no colégio Renascença e completou Formação em língua hebraica e cultura judaica no *Machon* Chaim Grimberg, em Israel (1957). Foi professor de hebraico no colégio Renascença e, a partir de 1958, diretor do Colégio I. L. PERETZ, na Vila Mariana até 1993. Foi presidente da Organização Sionista Brasileira e membro ativo da Organização Sionista Mundial. Publicou Saudação ao *Kinus* (encontro anual) sionista; Isaac Akcelrud, OLP, mímica & realidade. Este último redator-chefe da revista. O único articulista estrangeiro foi Carl Alpert, com o texto “Os russos adaptam-se”.

⁸⁰ Lawrence McCoombe (EUA, 1943-2001) foi consultor financeiro, padre episcopal, professor e compositor.

feita para agradar ninguém. Desconhece louvaminhas. Serve a causa sionista, aberta e francamente. Agora o canibalismo nazista ergue o braço genocida e o uivo do lobo já nos agride na América Latina. A praga assimilacionista⁸¹, a raça indigna dos capituladores já não pode confiar no largo oceano que protege o bem-remunerado abrigo galútico, com sua carne gorda.

Continuaremos, pois. Custe o que custar, não seremos nós aqui em “Aonde Vamos?” que baixaremos a guarda. Esta edição de Yom Haatzmaut indica que iniciaremos nova fase, com novos recursos, novos estímulos e apoios, mas animados pelos mesmos e inalterados ideais.

Vai começar em breve a nova fase de “Aonde Vamos?” (Recado [...], 1977, p. 3).

Apesar das palavras de confiança no início de uma nova fase da revista, que prometiam trazer renovação e continuidade, essa foi a última edição de *Yom Haatzmaut* publicada.

Já a edição de *Rosh Hashaná* de 1977 e, conseqüentemente, último exemplar da revista, apesar da informação otimista que fecha o editorial assinado pelo então Diretor Ronald Fucs, “Aonde Vamos?, cuja gradual recuperação da crise por que passou já se torna manifesta. R.F.”, contou com a saudação de ano novo do Primeiro Ministro Menachem Begin, de Israel, aos judeus do mundo; do embaixador de Israel no Brasil, Moshe Erell⁸², e do prefeito do Rio de Janeiro, Marcos Tamoyo. Consta, também, uma tradução, provavelmente a primeira em português, do importante texto “Os dias temíveis”, do filósofo judaico Franz Rosenzweig⁸³. Seus textos só seriam traduzidos e publicados em português, na década de 1990, pela editora Perspectiva. Um texto sem autoria⁸⁴, mas provavelmente escrito por Ronald Fucs, que comandava a revista sozinho naquela conjuntura, e cinco artigos assinados⁸⁵. Todos eram de autores estrangeiros, sendo dois autores que já haviam escrito antes, um do fiel colaborador Carl Alpert e outro da Trude Weis-Rosmarin. Ao que tudo indica, as dificuldades eram financeiras, pois a revista tinha penetração nos grupos ativistas comunitários judaicos brasileiros e correspondentes internacionais. O problema não era a representatividade, reconhecimento ou redes de contatos, mas econômico.

⁸¹ Assimilacionista vem de assimilado, que, no contexto judaico, se refere à pessoa ou situação que abre mão de sua própria cultura ou tradição e adere à cultura e tradição do meio circundante.

⁸² Moshe Erell (Polônia, 1923-Israel, 2009) foi embaixador de Israel no Brasil de 1977 a 1980.

⁸³ Franz Rosenzweig (Alemanha, 1886-1929) foi um dos mais importantes filósofos-teólogos judeus do século XX. Descontente com o aprendizado impessoal da academia, Rosenzweig fundou a *Casa do Aprendizado Judaico*, em Frankfurt. Local com objetivo de se engajar no diálogo com os seres humanos ao invés de apenas acumular conhecimento. Muitos intelectuais judeus proeminentes estiveram associados ao círculo.

⁸⁴ O artigo sem autoria denominado “S. A. o mal-estar dos intelectuais do mundo árabe”.

⁸⁵ Os artigos assinados da última edição de *Rosh Hashaná*: “Lar Nacional ou abrigo para refugiados – um estudo conciso do tema amplo da migração judaica” e “A inércia”, de Reuven Nutkis, que foi correspondente de Jerusalém, do jornal *The Detroit Jewish News*, em 1977; “O ideal sionista em construção”, de Eliezer Schweid (Jerusalém, 1929-2022), estudioso, escritor e professor de filosofia judaica na universidade Hebraica de Jerusalém. Ele foi, também, membro do Centro de Assuntos Públicos de Jerusalém; Os “filhos de Jesus” e “O anti-semitismo”, de Robert L. Cohn, professor emérito de estudos religiosos e judaicos na Lafayette College, em Easton, Pensilvânia. Trabalha nas áreas de estudos bíblicos, experiência judaica na Polônia e memória e identidade. Aposentou-se em 2014; “Tu nos escolheste...”, de Trude Weis-Rosmarin; “Gamla um nome a ser lembrado”, de Carl Alpert.

Pode-se concluir, verificando o levantamento realizado, que a revista publicou, na maioria do tempo de atividade, exemplares semanais, em torno de 26 páginas, sem vínculo formal com nenhuma instituição e sendo veículo, a princípio, majoritariamente de representação de comunidade imigrante. No Brasil de 1940, somavam-se 55.563 judeus e, em 1960, o número quase dobrou, pois saltou para 96.199. Em 1960, houve o declínio da imigração e, a partir de então, o número de judeus no censo referiu-se majoritariamente aos judeus brasileiros, sendo que até a década de 1950, o Rio de Janeiro concentrava a maior comunidade judaica do país. Essa predominância, posteriormente, foi transferida para São Paulo. Um dos motivos dessa mudança foi o forte desenvolvimento industrial propiciado no pós-Segunda Guerra Mundial (Decol, 2001).

A revista contou com uma significativa receptividade dos anunciantes, que, até o último ano de atividade, mesmo com sua periodicidade incerta, levou ao aumento no número de páginas nas edições especiais de *Yom Haatzmaut* e de *Rosh Hashaná*, em função dos anúncios veiculados. Outras datas do calendário judaico também produziram edições especiais anuais, como *Chanuka*⁸⁶ e *Purim*⁸⁷, assim como a edição especial não judaica do ano novo do calendário gregoriano, mas estas não foram tão regulares e nem tiveram o sucesso de anunciantes e, conseqüentemente, o aumento de número de páginas, como as edições de *Rosh Hashaná* e *Yom Haatzmaut*. Por esse motivo, essas duas edições especiais foram selecionadas para a análise.

No ano de 1973, a revista estava situada na Rua Treze de Maio, 23, salas 1538/39/40, local onde permaneceu por 29 anos, desde 1947. O endereço mudou em 1976, como se pode observar na edição de 15 de novembro daquele ano, já no ocaso da revista, local em que continuou estabelecida até o último exemplar, isto é, à Rua Alcino Guanabara, 17/21, s 109. A sede da revista esteve em todo o período de sua existência no centro comercial, não inserido em redutos imigrantes, mas disputando seu lugar espacialmente e legitimamente brasileiro.

⁸⁶ *Chanuka* em hebraico significa “inauguração”. No século II, o império Selêucida ocupava o Oriente Médio, e o rei Antíoco Epifânio emitiu decretos contra os judeus, proibindo-os de praticarem e estudarem o judaísmo. O feriado marca a derrota dos selêucidas por Judas Macabeu e seus irmãos, que reinauguraram o Templo profanado e ascenderam a *Menorá* (candelabro de sete braços, que ficava no Templo) com óleo para um único dia, que, milagrosamente, durou oito. A festa é celebrada, conforme a tradição, durante o mesmo tempo em que o candelabro ficou aceso, a saber: começa-se no dia 25 do mês de *Kislev* (corresponde ao mês de dezembro no calendário gregoriano), quando é acesa uma vela a mais por dia na *chanukia* (candelabro de nove braços).

⁸⁷ *Purim* (plural de “sorteio”, em hebraico). Festa judaica que comemora a salvação dos judeus persas, do antigo Império Aquemênida, do plano de Hamã para exterminá-los, tal como está escrito no Livro de Ester, um dos livros da Bíblia hebraica. A festa de *Purim* é caracterizada pela recitação pública do Livro de Ester e pelo uso de máscaras e fantasias. Celebrado no 14º dia do mês de Adar, o décimo segundo mês (em alguns anos, também o décimo terceiro mês) do calendário hebraico. Em Jerusalém, *Purim* é celebrado no 15º dia de Adar, conhecido como *Purim Shushan*. Assim como em todas as festas judaicas, *Purim* tem início no pôr do sol da véspera do dia do calendário comum.

Quanto ao local onde a revista era composta e impressa, na terceira fase, desde 1971, tratava-se das oficinas gráficas da Editora e Impressora jornais e revistas S.A., Rua Riachuelo, 359, e impressa nas oficinas da Gráfica Castro Ltda, rua Pedro Ernesto, 85”. Esses locais continuaram até o fim da revista, em 1977.

Fazendo-se um resumo sobre os lugares de composição e impressão, foram arroladas, durante todo o período de atividade da revista, ao todo, 14 referências de espaços⁸⁸. Pode-se observar que a revista foi impressa em vários tipos de gráficas, desde as dedicadas à publicação de livros, às oficinas gráficas de revistas que imprimiam outros periódicos, além de empresas gráficas e de impressão que forneciam amplo espectro de serviços para esse mercado editorial. Pode-se notar, além disso, que, ao longo da publicação, existiu grande descontinuidade da divulgação das informações sobre o local onde a revista era impressa, ficando a dúvida se as datas são totalmente precisas ou se houve algum ocultamento ou desentendimento pontual com as empresas. Verificaram-se, também, muitas edições sem a informação do local onde a revista era impressa no próprio corpo da publicação.

Constataram-se relações além do comercial, com somente uma gráfica, as Oficinas Gráficas da Editora e impressora de Jornais e Revistas S.A., a última a realizar a sua composição, de 1969 até o término da revista em 1977. As oficinas gráficas tinham em comum com a revista o seu diretor, entre os anos de 1944 e 1973, Leão Padilha, que era diretor de redação dos jornais *A Notícia* e *O Dia*, que pertenciam, assim como a gráfica, ao político carioca Chagas Freitas. Leão Padilha, no entanto, afastou-se da revista em 1973, mas a composição continuou sendo realizada na gráfica vinculada ao seu trabalho até o final.

Buscou-se, neste item, além de apresentar sucintamente a periodicidade, o número de páginas, os marcos temporais, culturais e identitários de suas edições anuais comemorativas, que foram legitimadas pelo público anunciante até o término da publicação. Ademais, foram indicadas a sua localização no interior da cidade, os locais de composição e impressão, com informações sobre esses estabelecimentos. Mas também, e, principalmente, procurou-se justificar a divisão da revista nessas três fases.

Uma vez levantadas informações sobre os locais de impressão e composição da *Aonde Vamos?*, será possível, com auxílio desses dados, partir para análise da questão de sua materialidade e do seu projeto gráfico.

⁸⁸ São elas: Industrial Gráfica Ltda, Oficinas Gráficas da Liga Marítima Brasileira, Oficinas Gráficas Espírito Santo, Gráfica Perfecta, Oficinas Gráficas de “Vida Turfista”, Oficinas Gráficas do Jornal do Brasil, Companhia Editora Fortaleza, Oficinas Gráficas de Folha Carioca, Companhia Brasileira de Artes Gráficas, Gráfica Editora Rio-São Paulo, Oficinas gráficas da Editora Jornal das Moças Ltda., Oficinas gráficas da Editora Mory Ltda., Oficinas gráficas da Editora e impressora de Jornais e Revistas S.A. e Oficinas da Gráfica Castro Ltda.

b Materialidade da revista e projeto gráfico

Ao privilegiar a imprensa como objeto de estudo, é importante um olhar cuidadoso sobre o seu suporte, o material que possibilita que a informação e seu conteúdo sejam transmitidos ao leitor. A revista é um objeto concreto que se manipula e pode tocar, relevante ressaltar que as escolhas dos elementos que compõem a materialidade dos periódicos não têm nada de natural ou orgânico. Elas são fruto de escolhas, possibilidades e técnicas dentro de um período histórico. Assim, como o projeto gráfico, o uso de letras pequenas ou grandes, a organização em colunas ou em textos sem divisão, o tamanho dos artigos/matérias são detalhes relevantes que contribuem para uma maior aproximação com o público que o periódico visa atingir. Outra questão é que determinada materialidade implicará necessariamente, além do perfil do público leitor, um determinado preço da folha.

Em função da longa duração da revista, de 1943 a 1977, ela acompanhou vários momentos da indústria gráfica nacional. Segundo Mário Camargo (2003), o período antecedente da revista foi promissor para o mercado gráfico, porque o Estado Novo criou um programa de incentivo à industrialização que isentou o pagamento de imposto à produção de papel. Tanto a celulose como o papel foram classificados como produtos básicos e incluídos nos financiamentos da Carteira de Crédito Agrícola e Industrial do Banco do Brasil, criada em 1937. Mesmo que esse mecanismo tivesse como objetivo tornar-se um “poderoso instrumento de coerção” (Martins; Luca, 2013, p. 172), obrigava os veículos a divulgarem informações em consonância com o governo, caso contrário teriam dificuldade em obter financiamento para a aquisição do papel.

Outro momento que viabilizou melhorias no setor nacional, mas de forma distinta, foi o período da Segunda Guerra Mundial, quando empresários e técnicos brasileiros não puderam mais contar com as importações, visto que os países fornecedores de bens industriais e de consumo estavam mobilizados na produção de armamento. Essa situação, no entanto, teve efeitos positivos porque obrigou o desenvolvimento da indústria nacional, criando condições e a capacidade de o Brasil produzir equipamento gráfico, papel e tinta.

Os anos de 1950 representaram outro grande salto industrial. Em geral, naquele período, os materiais impressos no Brasil tinham qualidade baixa por causa da obsolescência das máquinas, desatualizadas devido aos trinta anos de restrições à importação. Quando eleito, o presidente Juscelino Kubitschek possibilitou que a indústria gráfica se atualizasse, importando

novos produtos. A consequência foi uma expansão sem precedentes na história do setor, que cresceu 143% de 1950 a 1960 (Camargo, 2003, p. 85).

Dessa forma, a partir da década de 1950, surgiram empresas que ofereciam trabalho diversificado, como impressão de livros, revistas, catálogos e outros. Pode-se incluir nessa categoria algumas gráficas que compunham e imprimiram a revista *Aonde Vamos?*: a Companhia Brasileira de Artes Gráficas, 24 de abril de 1952 a 25 de abril de 1963; Oficinas Gráficas da Editora Jornal das Moças Ltda., composição e impressão de 9 de janeiro de 1964 a 4 de fevereiro de 1965 e impressão de 6 de fevereiro de 1969 a 15 de abril de 1971; Editora Mory Ltda., de 11 de fevereiro de 1965 a 12 de setembro de 1968, que imprimia, além da *Aonde Vamos?*, outros periódicos; Editora e impressora de Jornais e Revistas S.A., de 6 de fevereiro de 1969 até o final da sua publicação.

De maneira geral, todas as gráficas e oficinas gráficas que prestaram serviço à revista *Aonde Vamos?*, fosse de composição ou impressão, eram atuantes no setor, pois realizavam expressivo número de trabalhos gráficos para esse mercado. Pode-se afirmar, pelas técnicas existentes no Brasil, que, muito provavelmente, essas empresas utilizavam o sistema de composição mecânica – com tipos para texto e clichê para imagem (fotos, ilustrações, charges, desenhos) separados – denominada Linotipia⁸⁹, e da impressão plano-cilíndrica ou rotativa⁹⁰.

No Brasil, é importante salientar que o ramo de atividade gráfica exigia grande talento dos operadores, pois, para a composição, usavam-se ainda as máquinas tipográficas. Tanto que, na década de 1950, a empresa americana *Linotype* instalou uma filial em solo brasileiro, vendendo peças de reposição de máquinas que já não fabricava havia dez anos (Camargo, 2003, p. 85). Coexistiram, nas gráficas brasileiras, maquinário e técnicas de vários estágios tecnológicos, em função da permanência de métodos e equipamentos de vários tipos.

A qualidade da impressão da revista *Aonde Vamos?* pode ser considerada de bom nível, em função de ser realizada em gráficas ou oficinas gráficas profissionais que ofereciam seus serviços ao mercado, fosse publicando livros, periódicos e/ou outros materiais impressos, de boa qualidade. Dessa forma, a hipótese é que seus editores a idealizaram como uma revista

⁸⁹ A linotipo era uma máquina de composição de tipos de chumbo, criada pelo alemão Ottmar Mergenthaler, em 1884, nos Estados Unidos. Esse invento representou grande importância por marcar um novo e fundamental avanço na história das artes gráficas. Superou a lentidão com que eram realizadas as composições dos textos na tipografia tradicional, compostos à mão, com a junção dos tipos móveis um por um. A impressora tipográfica rotativa, por sua vez, foi desenvolvida e patrocinada pelos grandes periódicos europeus durante todo o século XIX. A impressão plano-cilíndrica foi inventada pelo alemão Friedrich König (1774-1833), com o auxílio do mecânico Adreas Friedrich Bauer (1783-1860) e patrocinada por empresários ingleses, em 1811 (Yuukura, 2017).

⁹⁰ A rotativa foi um aperfeiçoamento da plano-cilíndrica desenvolvido em várias etapas e por vários pesquisadores. Possui uma chapa curva, que se encaixa num cilindro, envolvendo-o completamente, o que permite atingir altas velocidades, sendo bastante apropriado para grandes tiragens. A substituição das velhas impressoras pelas rotativas e da composição manual pela linotipo promoveu grande renovação na imprensa (Craig, 1897).

semanal destinada, primeiramente, para as camadas médias da comunidade judaica, que poderiam arcar com o custo de uma revista composta e impressa nas boas gráficas do mercado e, posteriormente, por outros, judeus ou não, que se interessassem por ela. Essas gráficas possibilitaram um número expressivo de tiragem, o que também demonstra a ambição do crescimento do público leitor, ampliando, assim, a influência de sua mensagem.

Do ponto de vista das possibilidades do seu formato, *Aonde Vamos?* ousou muito pouco, pois apresentou uma concepção bastante conservadora na busca por inovações nesse quesito. Quando surgiu em 1943, seu formato era de 31 por 23 cm, que perdurou por um longo período. Só alterou as dimensões em 3 de janeiro de 1974, para 28 por 21 cm, ou seja, permaneceu com o mesmo tamanho por 31 anos.

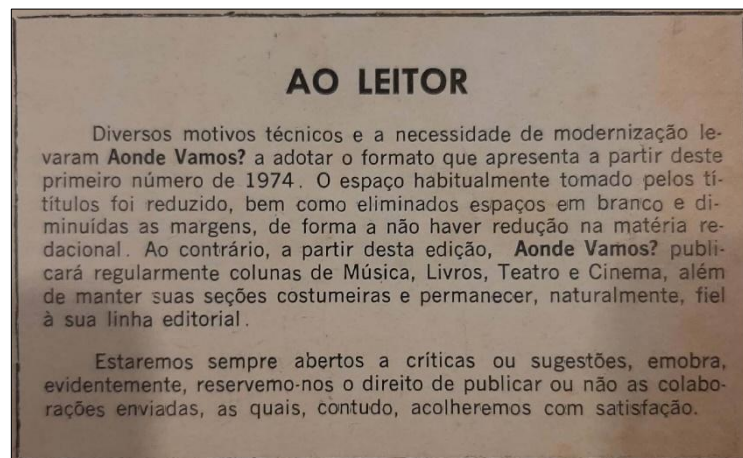
Essa alteração de tamanho redefiniu, também, a única alteração das margens internas da revista, que era, desde a primeira edição, 1 cm à esquerda e em cima, e de 2 cm à direita e embaixo. Após o novo formato, em 1974, ficou com 2 cm em cima e embaixo, e com 1 cm nas laterais.

Ao Leitor

Diversos motivos técnicos e a necessidade de modernização levaram **Aonde Vamos?** a adotar o formato que apresenta a partir deste primeiro número de 1974. O espaço habitualmente tomado pelos títulos foi reduzido, bem como eliminados espaços em branco e diminuídas as margens, de forma a não haver redução na matéria redacional. Ao contrário, a partir dessa edição **Aonde Vamos?** publicará regularmente colunas de Música, Livros, Teatro e Cinema, além de manter suas seções costumeiras e permanecer, naturalmente, fiel à sua linha editorial.

Estaremos sempre abertos a críticas ou sugestões, embora evidentemente, reservemo-nos o direito de publicar ou não as colaborações enviadas, as quais, contudo, acolhemos com satisfação (Nota [...], 1974, p. 30).

Figura 1 - Nota sobre a mudança do formato da revista *Aonde Vamos?*



Fonte: Nota Ao Leitor. *Aonde Vamos?*, p. 3, 3/1/1974.

O motivo da alteração do tamanho foi informado aos leitores em uma nota publicada na revista (Figura 1). A nota não informou detalhadamente, mas foi relatado na entrevista (Fucs, 2020) com o último diretor da *Aonde Vamos?* que, após o falecimento do redator-chefe Aron Neumann, no começo de 1973, descobriu-se que ele havia contraído um número exorbitante de dívidas e a publicação estava financeiramente em uma situação delicada. A princípio, o novo diretor acreditava poder contornar a situação, mas com a crise do papel, cujo preço foi elevado para quatro, dificultou a recuperação da revista. Sendo assim, um motivo não citado, mas que deve ter contribuído para a diminuição do tamanho de *Aonde Vamos?* foi a redução de custos.

Além da questão das dívidas da revista, na década de 1970, o sistema econômico mundial foi abalado, encerrando a denominada “Era de Ouro” da economia no pós-Segunda Guerra Mundial, marcado principalmente por dois fatores. Primeiro, o presidente norte-americano Richard Nixon, em 1971, modificou a estratégia com relação ao dólar. Por causa do enfraquecimento da moeda americana e da impossibilidade de restringir a especulação do mercado cambial, rompeu com o padrão-ouro, o denominado Sistema Bretton Woods de gerenciamento econômico internacional, estabelecido em julho de 1944.

Outro fator de importância, foi a crise no Oriente Médio, que culminou na Guerra de *Yom Kipur* (5 a 25 de outubro de 1973). Os Estados Unidos declararam apoio a Israel, em função disso a Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP), composta em sua maioria por países árabes⁹¹, impôs embargo aos países do Ocidente, gerando a redução da oferta de óleo bruto no mercado mundial. Dessa forma, “entre outubro de 1973 e março de 1974, ante a redução da oferta em cerca de 50%, os preços do petróleo aumentaram em mais de 300%, gerando déficits nas balanças comerciais das nações importadoras” (Tavares, 2010, p. 10). Diante de tal situação de desaceleração econômica e de forte pressão nas contas de juros das dívidas externas, os países importadores de petróleo foram pressionados a fazer rápidos e fortes ajustes em suas economias.

No Brasil, já em 1971, houve pequeno aumento dos índices de inflação, o que se repetiu em 1972. Nos anos seguintes, os índices oficiais sofreram o forte impacto de preços tabelados que, na prática, eram amplamente desrespeitados. O controle de preços, pelo governo, não ocultava, em fins de 1973, o avanço da inflação. O tabelamento resultou em grandes tensões, o surgimento de “mercados paralelos”, agravado com a crise do petróleo.

⁹¹ Países fundadores da OPEP, em 1960: Irã, Iraque, Kuwait, Arábia Saudita e Venezuela. Os países que entraram na OPEP até 1973 foram: Catar (1961), Indonésia (1962), Líbia (1962), Emirados Árabes (1967), Argélia (1969), Nigéria (1971) e Equador (1973).

Sendo assim, vários motivos levaram à diminuição do tamanho da revista, desde questões internas do periódico (as dívidas contraídas por Aron Neumann), e externas, tais como a crise mundial acima exposta, com consequências diretas para a economia nacional.

Para a análise do papel e uso de cores utilizadas na revista, optou-se por avaliar separado a capa do miolo. As categorias de tipos de papel empregados na análise foram retiradas do livro *Produção gráfica*, de James Craig (1987).

Quando a revista começou, sua capa era inteiramente em preto e branco e foi impressa em papel imprensa opaco. Durante o ano de 1943, foi, gradualmente, sendo inserido e experimentado o uso de cor na capa, escolha que, depois, assentou-se e permaneceu até o final da publicação. O leiaute da capa também mudou, mas com pouca experimentação, o papel utilizado na capa foi tendo uma gramatura mais densa que a do miolo, usou-se papel brilhante na capa, mas houve alternância do uso de papel brilhante e opaco. Pode-se afirmar que na maioria do tempo a qualidade do papel da capa da revista ficou entre o papel imprensa brilhante e o opaco, por vezes com maior e, em outras, com menor gramatura.

Houve uma mudança na capa em 24 de agosto de 1950, quando foi acrescentado o subtítulo, em hebraico e português: *Semanário Judaico Independente do Brasil*, que permaneceu até o final da veiculação da revista. A hipótese sobre a inclusão do subtítulo recai sobre o futuro redator-chefe Aron Neumann, que escrevia na revista desde 19 de agosto de 1943, dono de uma personalidade intempestiva - o que contribuiu significativamente para que ao longo de sua trajetória tivesse mais inimigos do que amigos -, porque defendia suas ideias de forma combativa, criticava e acusava publicamente todos que fossem opostos aos seus valores e opiniões. Houve, um ano antes do surgimento do subtítulo, por exemplo, um desentendimento com os leitores paulistas.

Em 1949, a revista publicou o nome e endereço de todos os representantes⁹² e sucursais nacionais. Na edição de 6 de janeiro do mesmo ano, o endereço da sucursal⁹³ de São Paulo compareceu, ainda que sem representante na capital paulista. Depois, a partir de 26 de junho de 1949, o nome de todos os representantes e seus endereços começaram a não figurar mais. Na edição de 24 de novembro de 1949, por exemplo, foi publicada uma chamada informativa sobre a mudança do quadro de funcionários, porque a sucursal de São Paulo, cujo endereço, aliás, não foi tornado público, passaria a ter horário reduzido de funcionamento, somente das 15h às 18h. Já em 22 de dezembro de 1949, a revista publicou em uma nota que a comunidade de São Paulo,

⁹² Os representantes das sucursais serão abordados no capítulo 3 da tese.

⁹³ Além de São Paulo, a revista tinha sucursais e representantes nas seguintes cidades: Salvador, Porto Alegre, Curitiba, Belo Horizonte, Recife, Belém e Manaus.

conforme o esperado, estava respondendo plenamente ao apelo em defesa da imprensa judaica independente e seguiu afirmando que, na semana, foram registradas mais sete renovações de assinaturas, somadas às 16 da semana anterior, perfazendo o total de 23, além de mais 11 novas assinaturas. Na página 14, encontra-se esse texto:

Pouco a pouco, com a ajuda dessas pessoas que sinceramente sentem necessidade da fiscalização da vida sionista, por intermédio de uma imprensa livre, sem outros compromissos além da defesa do interesse público, “Aonde Vamos?” recupera o terreno perdido por força das maquinações e da sabotagem com que tentaram colocá-lo à margem do “Ichuv”⁹⁴ paulista (Continua [...], 1949, p. 14).

O fato é que as críticas e acusações da vida sionista realizadas pelo redator-chefe, nas páginas da revista, abalou seu prestígio e representação em São Paulo. O ano de 1950 inteiro foi perpassado pela irregularidade das informações das sucursais e da nota sobre o horário reduzido da sucursal paulista em função da troca de funcionários. A hipótese é que em função da tendência de Neumann, o redator-chefe, de não harmonizar e apenas criticar e acusar publicamente as lideranças da comunidade judaica local, nacional e internacional, foi o motivo que levou, em 24 de agosto de 1950, o acréscimo ao título, na capa da revista, do subtítulo, em português e hebraico: “Semanário Judaico Independente do Brasil”. Principalmente porque a revista, ainda que objetivava ser veículo de informação livre de dependência ideológica, ou seja, sem estar presa ou amarrada a nenhuma instituição ou patrocinador que tolhesse sua capacidade de expressão ou de posicionamento, por se tratar de uma empresa jornalística, não podia deixar de se envolver em assuntos de natureza política.

A revista foi adquirida de uma publicação já existente, sendo assim, o título não foi dado pelos editores da *Aonde Vamos?*⁹⁵. No entanto, o ponto de interrogação no título era forte e suscitava, muito provavelmente, questões existenciais, espirituais, além de políticas. Sobre as temáticas das capas, poucas edições não traziam uma problemática judaica e, majoritariamente, a questão sionista defendida pelos editores.

Mesmo assim, a revista não escapou de publicar na capa a imagem do presidente Getúlio Vargas, durante o Estado Novo, a exemplo da edição de 9 de novembro de 1944 (Figura 2). Durante o governo de Vargas, toda a imprensa estava sob censura, principalmente os intelectuais e as comunidades estrangeiras. Tem-se aqui duas hipóteses, a primeira seria a revista obedecendo a obrigatoriedade imposta pelo governo de divulgar os atos e datas

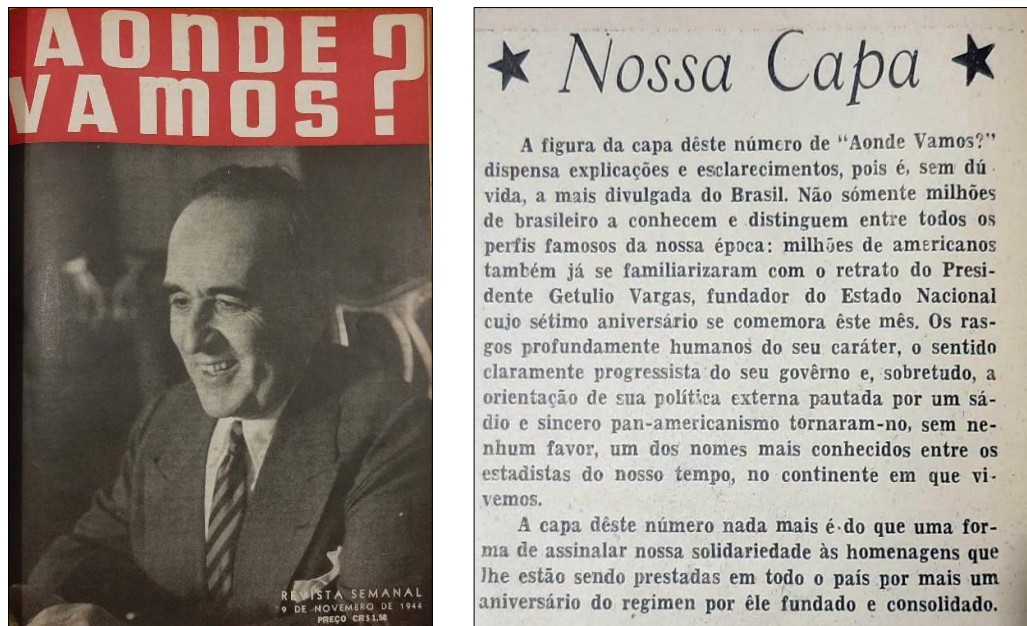
⁹⁴ Termo *Ichuv*, em hebraico, cujo significado é assentamento, refere-se aos assentamentos judeus existentes na Terra Santa antes da criação do Estado de Israel. No entanto, o termo é também usado genericamente para designar a comunidade judaica de uma região.

⁹⁵ A aquisição da revista será abordada neste capítulo, no item “A revista e seu tempo”.

significativas do ditador. Outra, poderia ser uma estratégia da própria publicação para amenizar a desconfiança do governo para com as comunidades imigrantes, mesmo que nessa época seu mandato já estivesse em declínio.

Na contracapa (Figura 3), foi publicada a legenda da foto da capa, com elogios dedicados ao então presidente. A hipótese defendida tende para uma clara demonstração de estratégia de boa vizinhança por parte dos editores.

Figura 2 - Capa da revista *Aonde Vamos?* com Getúlio Vargas e **Figura 3** - Legenda da capa da revista *Aonde Vamos?* com Getúlio Vargas



Fonte: Respectivamente, Capa e legenda na contracapa, *Aonde Vamos?*, 9/11/1944.

Contudo, em geral, nas capas eram abordadas as questões judaicas nacionais e internacionais. Durante os anos do Estado Novo e da Segunda Guerra Mundial, o ponto de interrogação da capa acompanhava, com mais frequência, imagens nacionalistas, no caso de temática brasileira, e assuntos envolvendo o conflito mundial: seus heróis, generais e políticos aliados. No Brasil, as comunidades imigrantes estavam sob vigia do Departamento de Imprensa e Propaganda, na Europa, sob perigo extremo dos nazistas, e, por isso, os editores da revista não estavam confiantes nos locais onde os judeus estavam ou estiveram estabelecidos, o sionismo moderno era um norte. Ao final da Segunda Guerra Mundial e da ditadura de Vargas, com a descoberta dos campos de extermínio, foi confirmada de forma retumbante, para os editores, a necessidade e a urgência da criação do Estado Judaico, na Palestina, que foi acompanhada com muita atenção nas páginas da publicação. Depois da criação do Estado de Israel, o país ocupou grande parte das capas da revista. O que enfatiza a atenção desse grupo de judeus no Brasil constantemente focado no que acontecia em outras partes do mundo e principalmente no Oriente Médio. Travando, dessa forma, um diálogo e contato permanentes com lideranças, jornalistas e judeus em várias partes do mundo. A luta pela consolidação e reconhecimento do Estado de Israel foi tema recorrente, como pode ser constatado na capa da edição de 24 de agosto de 1950, a mesma que acrescentou o subtítulo à revista.

Figura 4 - Capa da *Aonde Vamos?* com subtítulo e gráficos e **Figura 5** - Contracapa da *Aonde Vamos?* com subtítulo e gráficos

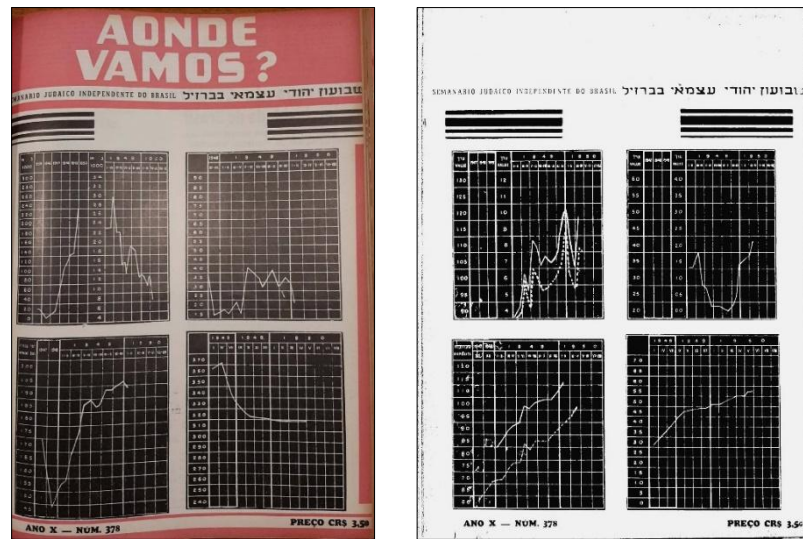


Figura 6 - Legenda dos gráficos da capa de *Aonde Vamos?*

NOSSAS CAPAS

A economia de Israel desperta grande interesse por ser um espelho do desenvolvimento do jovem Estado. As nossas capas trazem gráficos de alguns dos aspectos econômicos e de imigração. Quanto a este último, o da imigração, devemos ressaltar que a baixa no gráfico no mês de maio foi seguida por uma alta de junho e julho, conforme o que noticiamos em outra página da nossa Revista.

Na primeira capa, ao alto, o primeiro gráfico é relativo a Imigração Judaica; o segundo se refere à Construção (terminada 1000m²); em baixo à esquerda, Dias de Trabalho na Indústria — Base: Outubro de 1938 — Setembro, 1939 — índice 100. Na capa de traz, temos: Importação total (em milhões de libras), em cima à direita, Exportação (em milhões de libras); em baixo à esquerda, Depósitos (em milhões de libras) — Bancos e Cooperativas (linha contínua) — Apenas bancos (linha pontilhada); em baixo à direita, Notas bancárias em circulação (em milhões de libras). Em tempo: o clichê da primeira capa em baixo à direita é relativo ao custo de vida.

Fonte: Respectivamente, Capa, contracapa e legenda na contracapa, *Aonde Vamos?*, 24/8/1950.

A edição de 24 de agosto de 1950 publicou na capa e contracapa (quarta capa) uma série de gráficos sem nenhuma atratividade e de difícil leitura, cuja intenção era comprovar e divulgar o sucesso econômico, de desenvolvimento e imigratório do Estado de Israel. Esclarecendo, na legenda, para não deixar dúvidas, que o decréscimo no gráfico de imigração foi suplantado pelo crescimento nos meses seguintes. Num claro projeto ideológico de divulgação do Estado de Israel.

Segundo Michel Gherman (2012), após a Segunda Guerra Mundial, com suas graves consequências para os judeus da Europa, com a criação do Estado de Israel em 1948, as comunidades judaicas ao redor do mundo passaram por reestruturações dentro dos seus modelos

organizacionais. No Brasil não foi diferente, desenhada num modelo institucional plural foi reorganizado buscando homogeneizar e padronizar a comunidade em torno da proposta nacionalista e sionista. Objetivou-se tornar o Estado de Israel e o sionismo a principal referência para aglutinação política, institucional e comunitária judaica. Gerando, assim, uma nova compreensão de identidade judaica, que deslegitimava posições não sionistas e a pluralidade, que eram fortes e estavam presentes na institucionalidade judaica do período anterior à guerra e às descobertas dos crimes nazistas. Nova proposta que a revista *Aonde Vamos?* se apropriou e difundiu amplamente.

Muitas capas da revista tinham toques de humor e crítica ácida, aproveitando para explicitar sua ideia de representação comunitária e de quem teria legitimidade para essa representação. Explicitando a pluralidade política e ideológica dentro do sionismo, em Israel, no mundo e no Brasil, com seus vários grupos em disputa pela legitimidade representativa.

Na capa de 18 de outubro de 1962, publicou-se uma imagem com vários elefantes correndo, com a frase: “O Circo Goldman vem aí!” (Figura 7). Na legenda, pode-se encontrar a explicação:

Arautos e propagandistas de Nahum Goldman anunciam a sua vinda ao Brasil, para a encenação, a partir de segunda-feira próxima, em São Paulo, de uma Conferência de Representantes das Comunidades Judaicas da América Latina. Até o momento não se sabe ainda quem desempenhará os papéis de Representantes dos Judeus do Brasil, os quais, estupefatos, olham para as barracas e tendas levantadas pelo Circo Goldmann em São Paulo e aguardam, apreensivos, o início do espetáculo (Nossa [...], 1962, p. 3).

A capa refere-se a Nahum Goldmann (Lituânia, 1895–Alemanha, 1982), líder sionista que era abertamente crítico às políticas israelenses. Goldmann foi fundador e presidente do Congresso Mundial Judaico⁹⁶, o órgão coordenador de muitas organizações judaicas fora de Israel. Ademais, apoiou Israel em outros países, embora fosse um crítico das políticas oficiais do governo. Entre 1956 e 1968, atuou como presidente da Organização Sionista Mundial, entidade fundada em 1897, durante o Primeiro Congresso Sionista, que visava estabelecer para o povo judeu um lar legalmente garantido na Palestina. Entre as críticas de Goldman ao governo de Israel, que conflitavam de forma pujante com a linha editorial da revista, pode-se citar a referente ao sequestro de Adolf Eichmann, em 1960, quando Goldman pediu que o caso fosse

⁹⁶ Congresso Mundial Judaico, instituição fundada em Genebra, Suíça, em agosto de 1936. Era uma federação internacional de comunidades e organizações judaicas, tinha como principal objetivo atuar como o braço diplomático do povo judeu (Congresso [...], [s. d.]).

levado a um tribunal internacional, ao invés de ser julgado em Jerusalém (Ribas, 2019). Não foi bem-sucedido em sua reivindicação.

Figura 7 - Capa da *Aonde Vamos?* O circo Goldman vem aí!



Fonte: *Aonde Vamos?*, Capa, 18/10/1962.

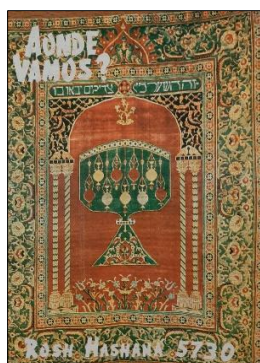
Outra questão a ser abordada é sobre as capas das edições especiais anuais da revista, que, a partir de 1946, foram incrementadas, uma vez que publicaram imagens vinculadas à festividade da edição, diferenciada da capa padrão de cada período. Foram selecionadas algumas capas para ilustrar essa proposta da revista. Como a edição especial da festa judaica de *Purim*, de 12 de março de 1973 (Figura 10), festa que comemora a salvação dos judeus do extermínio na Pérsia antiga, por volta de 450 A.E.C. (antes da Era Comum) e celebrada todos os anos no 14º dia do mês de *Adar*, do calendário judaico. Pela tradição judaica, Haman, conselheiro do rei Achashverosh (Assuero), convenceu o monarca persa da cidade de Sushan (Susa) a exterminar os judeus. Em um sorteio (*Pur*), ficou determinado que a matança começaria no dia 13 de *Adar*. O plano de extermínio foi alterado por meio da intervenção da rainha Esther e seu parente Mordechai, ela, esposa de Achasverosh, que mantinham em sigilo sua condição judaica. A partir de então, celebra-se, nesta data, a salvação dos judeus de Sushan, que venceram seus inimigos. Toda a passagem é narrada na *Meguilat Esther* (Livro de Esther), lida durante a celebração. Na capa da edição especial, contém a imagem de trechos da *Meguilat Esther*. Verifica-se, também, que mesmo o ano novo do calendário gregoriano tendo sido

absorvido pelas temáticas pertinentes à cultura judaica, como o texto de Eric Fromm sobre o *Shabat*, o dia do descanso semanal, segundo o judaísmo, e a esperança e não ilusão no ano secular que se inicia (Figura 8). A figura 11, por sua vez, refere-se à edição especial de *Yom Haatzmaut*, Independência de Israel, e a Figura 9, a de *Rosh Hashaná*, o Ano Novo judaico.

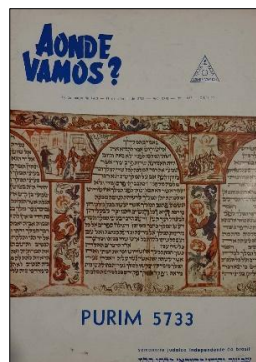
Figura 8 - Capa de Ano novo, **Figura 9** - Capa de *Rosh Hashaná*, **Figura 10** - Capa de *Purim* e **Figura 11** - Capa de *Yom Haatzmaut*



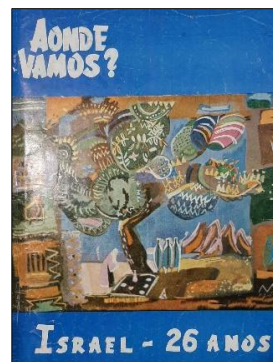
Fonte: Aonde Vamos?, Capa, 2/1/1964.



Fonte: Aonde Vamos?, Capa, 4/9/1969.



Fonte: Aonde Vamos?, Capa, 12/3/1973.



Fonte: Aonde Vamos?, Capa, 25/4/1974.

Quanto ao miolo da revista *Aonde Vamos?*, foi em sua completude em preto e branco, nunca se usou cor no seu interior. A revista, quando surgiu, em 1943, lançou mão do miolo de papel jornal, mas, na edição de 5 de agosto de 1943, começou a misturar, no mesmo exemplar, papel jornal e papel imprensa opaco, cuja qualidade mostra-se um pouco melhor em relação ao primeiro. Houve a tentativa de publicação de todo exemplar com papel imprensa opaco, mas essa opção deveria ser muito cara para a revista, porque não durou seis meses, quando retornaram edições com ambos os papéis. Verificou-se essa alternância no miolo: uso exclusivo de papel jornal, misturando papel jornal e imprensa opaco e uso exclusivo de papel imprensa opaco. Houve, em alguns momentos, a tentativa de uso de papel de melhor qualidade, conhecido por brilhante, no miolo: ação posta em prática em alguns meses de 1958 e também em meados de 1964, o que totalizou seis meses, além de algumas experiências em 1969. Esse período corresponde à ascensão e sucesso da revista, mas como o levantamento demonstrou, o uso de papel de melhor qualidade e de custo maior, no miolo da revista, não era viável para a sua realidade financeira.

Na década de 1970, nos anos em que foi publicada, valeram-se, especialmente no miolo, de papel imprensa opaco. Acredita-se, ainda que hipoteticamente, que a crise financeira da revista foi iniciada em 1973, por se tratar de condição concomitante aos problemas econômicos que assolavam o Brasil e o mundo. No entanto, o uso de papel mais barato em todo o miolo da

publicação, na década de 1970, também pode significar que o redator-chefe tentou, antes de falecer, minimizar os custos da publicação, pois tinha ciência das avultadas dívidas que havia contraído.

No geral, a *Aonde Vamos?* era uma revista pensada a partir de textos, ou seja, imagens eram poucas e as que figuravam estavam circunscritas, em sua maioria, aos anúncios. Publicaram-se matérias longas, com muitas páginas, mas elementos iconográficos eram raros nas páginas da revista, apesar de na primeira edição terem sido reproduzidas, em clichês, fotos e desenhos (Figuras 12 e 13). No entanto, alguns números tinham somente uma ou duas fotos, principalmente nos últimos anos, condição acentuada, provavelmente, para tentar reduzir custos de impressão.

Figura 12 - Anúncio da Gillette e **Figura 13** - Clichê em que figura Stefan Zweig



Fonte: *Aonde Vamos?*, contracapa, 11/3/1943.



Fonte: *Aonde Vamos?*, p. 6, 11/3/1943.

Publicaram-se na revista, entre outras iconografias, imagens de eventos da comunidade judaica brasileira, a exemplo de: casamentos, *barmitzvah*⁹⁷, festas escolares, formaturas, encontros de lideranças comunitárias, reuniões com intelectuais etc. (Figuras 14 e 16). A revista solicitava que enviassem informações dos eventos e atividades da coletividade, prometia publicar as recebidas até uma determinada data, as outras seriam publicadas na edição seguinte. Acredita-se que esse era um importante espaço para divulgar e fidelizar seu público alvo, os judeus brasileiros. Para ser o veículo dessa comunidade, era importante seus membros serem vistos e verem os outros em suas páginas, o que contribuiria para identificarem-se com o periódico.

Esse recurso de fidelização da revista era muito importante e foi potencializado com a presença de representações por todo o Brasil. A montagem desse esquema comercial e

⁹⁷ Cerimônia judaica que marca a passagem de um garoto à vida adulta, aos 13 anos. A partir dessa idade, ele assume sua maioridade religiosa e passa a ter responsabilidades perante sua comunidade e suas tradições.

empresarial, que em parte garantia anunciantes e assinantes, também proporcionava reportagens e matérias desses locais. São fragmentos de notícias o tempo todo, com continuidades e descontinuidades dos representantes e dos locais noticiados. A diagramação fazia às vezes de um almanaque, em que constavam variadas notícias do mundo judaico. Dessa forma, a revista investiu nessa proposta nacional e na ideia de comunidade, justamente numa época em que as comunicações e os transportes não eram tão dinâmicos. Nos anos 1940 a 1970, nem o avião ou mesmo o rádio chegavam em locais mais longínquos, mas a revista o fazia, divulgando os acontecimentos, com a intenção primeira de apresentar uma grande colcha de retalhos que era a comunidade judaica, visando criar uma comunidade judaica brasileira conectada nas páginas da revista.

Algumas matérias internacionais reproduziam imagens do político ou do local abordado. Muitas delas ocupavam-se de questões sobre líderes, políticos, cidades e assuntos referentes a Israel (Figura 17). Também as matérias sobre artistas, pintores e escultores, frequentemente judeus, reproduziam obras e a imagem do artista (Figura 15). Aproveitava-se esse espaço para divulgar os políticos e os grupos de afinidade política e ideológica, tornando-os familiares aos seus leitores. Israel também passava por esse processo de idealização e familiaridade ao serem apresentadas imagens de suas cidades e locais históricos ou da atualidade.

Figura 14 – Formandos, **Figura 15** - Artigo sobre Diego Rivera, **Figura 16** - Seção Sociais e **Figura 17** - Artigo sobre Tel Aviv



Fonte: Aonde Vamos?, p. 23, 1/1/1948.



Fonte: Aonde Vamos?, p. 8, 3/1/1955.



Fonte: Aonde Vamos?, p. 22, 29/6/1950.

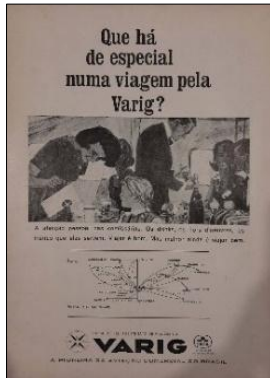


Fonte: Aonde Vamos?, p. 15, 19/3/1959.

Alguns anúncios continham desenhos, bem como algumas matérias (Figuras 18 e 19). Também foram publicadas charges, principalmente nos primeiros anos, algumas, aliás, sem assinatura e procedência de autoria, outras com menção do local onde tinha sido publicada anteriormente, como no caso da charge veiculada na edição de 11 de novembro de 1943, originalmente publicada no de *The New York Times* (Figura 20). A revista tinha uma seção

destinada às crianças, que mudou de nome e de constância, mas que, geralmente, continha desenhos (Figura 21).

Figura 18 - Anúncio da empresa aérea Varig, **Figura 19** – Desenho, **Figura 20** - Seção Notícias da Guerra e **Figura 21** - Suplemento Infantil



Fonte: Aonde Vamos?, p. ult. capa, 11/6/1970.



Fonte: Aonde Vamos?, p. 8, 3/1/1955.



Fonte: Aonde Vamos?, p. 22, 29/6/1950.



Fonte: Aonde Vamos?, p. 15, 19/3/1959.

Alguns elementos gráficos do leiaute do miolo da revista foram analisados e procurou-se observar se havia um modelo ou estilo de padronização gráfica, como, por exemplo, o uso dos caracteres tipográficos para texto, títulos, aberturas etc. Segundo Donald Mackenzie (2018), a forma de impressão de um texto afeta a maneira de ele ser lido. A formatação editorial induz a um determinado tipo de leitura, ressalta alguns elementos e faz demarcações, elementos analisados na sequência.

Um recurso bastante explorado pela revista durante os anos de 1943 até 1945, era o uso de vários tipos de fonte e tamanhos de letra (Figura 22). Pode-se constatar o destaque dado ao texto do pianista Arthur Rubinstein, que chama atenção e leva a leitura a não ignorar seu conteúdo, em detrimento do texto da visita do ministro Eurico Gaspar Dutra aos Estados Unidos. O texto que versa sobre o ministro, com o título comprido e sem chamativos, não estimula sua leitura, condição que se aplica também à letra abaixo da foto, uma vez que são as menores de toda a página, condição pouco atrativa ao leitor. A hipótese é que matéria sobre a visita do ministro provavelmente era uma demanda do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), criado em 1939 com o objetivo de divulgar os ideais do Estado Novo varguista e, por consequência, censurar visões opostas ao regime.

A partir de 1946, ainda houve grande variação de fontes, tamanhos, alternância entre letras grandes e pequenas, mas começou a surgir um padrão de fonte, com a utilização de negrito, itálico e tamanhos variados. O corpo do texto dos artigos foi padronizado, mas os títulos ainda permaneceram com várias fontes, que se diferenciavam, também, da que era empregada

no nome do autor. Registraram-se casos em que as primeiras palavras vieram em tamanho de letra maior que o restante do texto (Figuras 23 e 24). A hipótese é que ao fim do Estado Novo e devido à obrigatoriedade de dar espaço no interior da revista para divulgação e propaganda de atos do governo, esse recurso explícito de marcação e hierarquização de leitura vai se diluindo e não sendo tão necessário durante o período democrático. O que também pode ter dado abertura para a adoção de um estilo menos contrastivo em função da maior liberdade de imprensa promovida após o final do Estado Novo.

Figura 22 - Página com vários tamanhos de fonte, **Figura 23** - Títulos com fonte maior e **Figura 24** - Título com fonte maior



Fonte: Aonde Vamos?, p. 8, 19/8/1943.



Fonte: Aonde Vamos?, p. 22, 12/7/1962.



Fonte: Aonde Vamos?, p. 8, 27/12/1962.

A partir de 1965, houve uma padronização entre letra do texto e título, pois se passou a usar predominantemente dois tipos de fontes, mantidas ao longo do tempo. No ano de 1971, começou com o mesmo padrão, predominantemente dois tipos de letra, depois da metade do ano, foi padronizada uma única fonte para texto, título e nome de autor. Usou-se, com frequência, um interessante jogo de variação do tamanho da letra e negrito para dar ênfase e ressaltar a informação, como pode ser verificado na Figura 25, quando esse recurso foi usado nas chamadas das notas. Outra estratégia adotada foi o negrito no corpo do texto, para direcionar e marcar o conteúdo das informações. Um exemplo é a seção Cinema, em que se empregou, para nomear os filmes e o gênero cinematográfico, a marcação quase topográfica da leitura da seção (Figura 26).

Figura 25 - Destaques em negrito e Figura 26 - Destaques em negrito (2)

Defesa
DESVIO DO JORDÃO
Israel pode impedir

ARMAMENTOS
JORDÂNIA
Causa preocupação

ASILE
ARTISTA TCHECO
Não quer voltar

Sionismo
BG PARA GOLDMANN:
Já não estamos em 1900!

Arqueologia
NOVOS FRAGMENTOS
Encontrados em Messado

Capas Plásticas
Eletrônicas
sem costura
BACK
Vendas através por atacado
Rua 24 de Maio, 53 — 5.º andar
Fones: 25-9155 — São Paulo
End. Telegráfico — "MANURACK"

18 de fevereiro de 1965

Fonte: Aonde Vamos?, p. 17, 18/2/1965.

CINEMA

Espectralho

OS TÍTULOS

ediação
engenharia, indústria e comércio Ltda.
Fabricação e montagem de estruturas metálicas — instalações e de sala cheia —
para chuveiros, chuveiros, garagens, granjas, indústrias, mercados etc.

RUA SANTA LUZIA, 799 — GRUPO 402 — TELEFONES: 252-8742 — 252-4058
ESTRADA BARRIO VERMELHO, 1535 — TEL.: 891-8301 — RIO DE JANEIRO - RJ

6

Fonte: Aonde Vamos?, p. 6, 24/1/1974.

Os fios e os boxes eram usados para destacar os anúncios, as notas, algumas iconografias e informações da revista (Figura 27). Eventualmente, numa mesma página, as seções poderiam ser separadas por fios, aplicados também para destacar o nome do autor do artigo ou poema, isto é, recurso de que se lançava mão para separar temáticas. As vinhetas eram utilizadas nos anúncios para dar um destaque maior que o boxe ou a linha, o que, provavelmente, poderia encarecer os custos para publicação da propaganda, além de se configurar em recurso chamativo em títulos de matérias e nas seções. Ou seja, a diagramação se torna mais arejada a fim de melhor hierarquizar as informações e supostamente facilitar a leitura em um ambiente de extrema concorrência, com farta oferta de revistas ilustradas, com muitas fotografias, cujo sucesso de público era incontestável, caso de *Manchete* (RJ, 1952-2007), *Realidade* (SP, 1966-1976) e *O Cruzeiro* (RJ, 1928-1975). De outro modo, para competir com o mercado de revistas de variedades amplamente concorrido, a *Aonde Vamos?* não podia se furtar de valer-se de estratégias semelhantes, quando não idênticas, às empregadas pelos demais títulos. O fato de atuar em um segmento bem específico, com pautas em geral não cobertas por seus concorrentes, foi o motivo provável de se manter ativa e com tal importância durante tanto tempo.

Com relação à distribuição dos anúncios de publicidade dentro da revista, podiam ser encontrados em quase todas as suas páginas, sem muito local específico, exceto a última capa que, invariavelmente, publicava anúncio de página inteira. Observou-se a existência de edições,

como a de 11 de outubro de 1945, que continha três páginas seguidas só de anúncios, neste caso, as três finais. Durante todo o período do Estado Novo, a *Aonde Vamos?* foi a única revista da comunidade judaica, com exceção do jornal paulista *Crônica Israelita*⁹⁸, que atendia o público da congregação que a publicava. Assim, a revista era como objetivada pelo redator-chefe, órgão destinado à comunidade judaica brasileira, o que se manteve mesmo nos momentos iniciais do período democrático, quando surgiram outras publicações das comunidades imigrantes. Em relação aos anúncios, cumpre destacar que se espalhavam por toda a extensão dos exemplares, com destaque às páginas completas, geralmente as do final da publicação.

Houve a seção denominada Indicador Profissional, publicada entre 1946 e 1957, dividida por cidade, com destaque às capitais, Rio de Janeiro, Salvador, São Paulo, assim por diante, que publicava anúncios dos profissionais locais. As seções Sociais das cidades, que publicaram acontecimentos comunitários, também tinham anúncios das cidades correspondentes (Figuras 14 e 16). A partir de 1975, padronizou-se a publicação da propaganda nas edições comuns, ou seja, eram publicadas em toda a revista na lateral externa e na parte de baixo ou página toda, na última capa mantêm-se anúncios de página inteira.

As edições especiais anuais, em geral, tinham anúncios de páginas inteiras nas primeiras e últimas páginas. Ao longo da publicação, encontravam-se anúncios de meia ou um terço de páginas intercalados com as matérias. Por exemplo, a edição especial de *Rosh Hashaná* de 11 de setembro de 1958, com 130 páginas, continha 25 páginas iniciais inteiras, mais 23 inteiras intercalados com as matérias no interior do exemplar e 20 páginas no final da revista, com anúncios. Salientando o sucesso da venda de espaço para propaganda nas páginas da revista, nas edições especiais anuais. Acredita-se que o fato de a *Aonde Vamos?* ter sido a única revista judaica de âmbito nacional durante o Estado Novo, foi o fator para consolidar seu espaço e fidelizar os membros do grupo que compartilhavam da sua perspectiva político-ideológica. A revista criou, assim, um espaço identitário sólido onde judeus e não judeus se parabenizavam nas festividades judaicas.

A revista foi dividida internamente em duas até quatro colunas, cujo formato variou ao longo de seu período de circulação, uma vez que, em geral, não tinha um fio, recurso tipográfico importante, que as dividisse, só o espaço em branco entre as colunas. O primeiro exemplar da revista foi totalmente dividido em quatro colunas e destinou duas delas para os contos. No final da década de 1940, de outro modo, a divisão em quatro colunas desapareceu, padrão mantido até meados de 1950. No final da década, as páginas destinadas às informações das instituições

⁹⁸ A *Crônica Israelita* era órgão oficial da Congregação Israelita Paulista, fundada por judeus refugiados do nazifascismo.

comunitárias foram divididas em quatro colunas. Esse padrão permaneceu por longo período e a partir de meados de 1971, fixaram-se três colunas para toda a revista, exceto as páginas de divulgação das instituições judaicas e das comunidades locais, que foram divididas em quatro colunas (Figuras 27, 28 e 29). Estabeleceu-se esse padrão até o final da revista, mesmo quando seu tamanho e margens foram alterados, em 3 de janeiro de 1974.

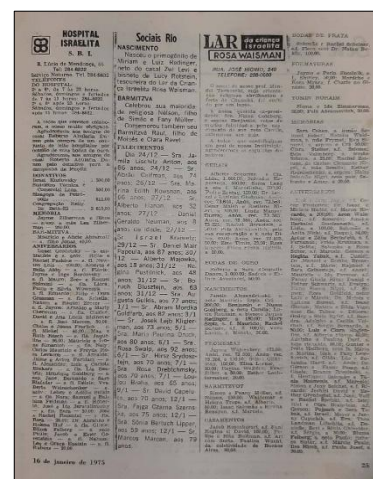
Figura 27 - Destaques fios e boxe, Figura 28 - Quatro colunas e Figura 29 - Quatro colunas (2)



Fonte: Aonde Vamos?, p. 3, 10/1/1974.



Fonte: Aonde Vamos?, p. 24, 16/1/1975.



Fonte: Aonde Vamos?, p. 25, 16/1/1975.

As matérias publicadas na década de 1940 tinham números de páginas que variavam de uma a quatro. Contudo, as que apresentavam mais de duas eram publicadas com uma ou duas páginas seguidas e o restante separado dentro do exemplar, mas na sua maioria as matérias tinham duas páginas. No final da década de 1940, os textos eram maiores e divididos em partes no interior da revista, momento em que também surgiu uma publicação de estudo seriado, publicado em várias edições subsequentes.

O trabalho de Nathan Bistrizky⁹⁹ sobre as comunidades judaicas e o movimento sionista na América Latina, finalizado em 1947, segundo introdução do artigo, foi publicado pelo *bureau* central do *Keren Kayemet Leisrael* - KKL¹⁰⁰, em hebraico, para o público israelense. O escritório latino-americano do KKL editou o trabalho em Buenos Aires, em espanhol, para o

⁹⁹ Nathan Bistrizky nome de nascimento, porque em Israel adotou Nathan Agmon (Rússia, 1896-Israel, 1980), escritor e tradutor israelense. Ele foi para a Palestina em 1920, fez parte da equipe sênior do Fundo Nacional Judaico de 1922 até sua aposentadoria, em 1952. Publicou várias obras dramáticas e foi o primeiro a traduzir *Dom Quixote*, conhecida obra do espanhol Miguel de Cervantes, para o hebraico, em 1958.

¹⁰⁰ *Keren Kayemet Leisrael*, Fundo Nacional Judaico, é uma organização sem fins lucrativos fundada em 1901 na Basileia, na Suíça, para atuar como um fundo econômico do movimento sionista para a compra de terras na Palestina, com a intenção de sediar os judeus. Desde a sua criação, o KKL plantou mais de 240 milhões de árvores em Israel, construiu 180 represas e reservatórios, reflorestou 250.000 hectares de terra e criou mais de 1.000 parques.

público de língua espanhola. Na edição de 19 de maio de 1949, começou a ser publicado o texto “Dos Judeus e do Sionismo na América Latina”, de Bistrizky, em português. Nas próximas 13 edições, ou seja, até 18 de agosto, foram publicadas partes do texto em uma, duas e, às vezes, até três páginas por edição. Ainda que o assunto pudesse não interessar completamente o público brasileiro, era destinado aos judeus fixados no Brasil, a partir de uma visão externa da realidade nacional. De outro modo, um estudo devidamente comprometido com o tema comunidades judaicas latino-americanas produzido em Israel.

O recurso de distribuir as matérias ao longo da revista e nas edições subsequentes estimulava o leitor a folhear toda a revista, com a intenção de localizar seu texto preferido, o que, eventualmente, estimulava o interesse por outras matérias. E nos textos divididos em várias edições, imagine-se, para fidelizar e garantir que o leitor tivesse o interesse na edição seguinte, não era publicado o final do artigo que estava lendo, desfecho a ser encontrado somente no próximo exemplar. Essa seria uma das estratégias de fidelização, assim como a estratégia já citada de solicitar imagens de eventos da comunidade judaica brasileira, que seriam publicados na edição seguinte ao recebimento, ao que tudo indica, gratuitamente. Dessa forma, as comunidades judaicas em todo país podiam ser vistas e verem os outros nas páginas da revista, justificando a intenção dos editores de ser o veículo por excelência da comunidade judaica brasileira.

No início da década de 1950, as matérias tinham em média três páginas e eram divididas no interior da revista. No final dos anos 1960 e, gradualmente, até o final da sua publicação, a divisão das matérias no interior da revista diminuiu, sendo publicadas em páginas consecutivas, ainda que tenham ficado mais longas, com até seis páginas. Talvez com análises maiores e mais profundas sobre os temas abordados, na busca de transparecer aparência de uma revista séria e respeitável.

Com relação ao preço da revista, foi realizado um levantamento que permitiu observar seu aumento na maioria das edições especiais, assim como o número de páginas em função do acréscimo de anúncios veiculados. Por exemplo, nas edições especiais de *Rosh Hashaná* e *Yom Haatzmaut* (Independência de Israel), empresas e famílias publicaram felicitações à comunidade judaica pela chegada do Ano Novo Judaico e pelo aniversário da criação daquele Estado. A seguir, o quadro dos preços da revista e das edições especiais.

Quadro 1 - Preço do exemplar avulso, assinatura anual, semestral e edições especiais

Ano	Data da edição comum e preços	Data da edição especial e preço
1943	11/3/1943 Avulso Cr\$ 1,00; Assinatura anual Cr\$ 50,00; ½ ano Cr\$ 26,00; 3 meses Cr\$ 15,00	Não houve edição especial neste ano.
1955	3/3/1955 Avulso Cr\$ 6,00; Anual Cr\$ 380,00; ½ Cr\$ 200,00 22/9/1955 (houve alteração no preço) Avulso Cr\$ 8,00; Anual Cr\$ 380,00; ½ Cr\$ 200,00 20/10/1955 (houve alteração no preço) Avulso Cr\$ 10,00; Anual Cr\$ 380,00; ½ Cr\$ 200,00	28/4/1955 Edição especial de Independência de Israel Cr\$ 15,00 15/9/1955, Edição Especial de <i>Rosh Hashaná</i> Cr\$ 15,00

1966	5/5/1966 Avulso Cr\$ 600,00; Anual Cr\$ 21.000,00; ½ Cr\$ 12.000,00 29/12/1966 (houve alteração no preço) Avulso Cr\$ 800,00; Anual Cr\$ 27.300,00; ½ Cr\$ 15.600,00	21/4/1966, Edição Especial de Independência de Israel Cr\$ 1.800,00 8/9/1966, Edição Especial de <i>Rosh Hashaná</i> Cr\$ 1.800,00
1975	30/5/1975 Avulso Cr\$ 10,00; Anual Cr\$ 170,00; ½ Cr\$ 90,00	10/4/1975, Edição Especial de Independência de Israel Cr\$ 05,00 30/8/1975, Edição Especial de <i>Rosh Hashaná</i> Cr\$ 10,00

Fonte: Elaborada por Lucia Ribeiro Chermont, 2020.

A edição especial de *Rosh Hashaná* compareceu pela primeira vez no ano seguinte ao surgimento da revista, em 14 de setembro de 1944, e essa edição especial continuou sendo veiculada durante todo o período de sua publicação. A edição especial de *Yom Haatzmaut*, Independência de Israel, saiu pela primeira vez em 10 de maio de 1951, no entanto, com o mesmo preço. O preço dessa edição comemorativa só aumentou três anos depois, em 6 de maio de 1954, ou seja, quando o número de anunciantes cresceu significativamente, o que favorecia a justificativa do aumento do preço da publicação. Essa edição também foi publicada de forma contínua até o encerramento da revista. Houve outras edições especiais, com aumento menor no preço se comparado às edições de *Yom Haatzmaut* e *Rosh Hashaná*, como as de *Pessach*, *Chanuka* e Ano Novo civil.

No entanto, essas edições foram poucas, muito espaçadas e, como já expressei, com aumento reduzido do preço, em comparação ao exemplar comum. Pode-se dar o exemplo do ano de 1970, sobre o preço normal das revistas e das edições especiais: exemplar avulso de 12 de janeiro de 1970: NCr\$ 2,50; edição especial de *Pessach* (9 de abril de 1970): NCr\$ 5,00;

edição especial de *Yom Haatzmaut* (7 de maio de 1970): NCr\$ 18,00; edição especial de *Rosh Hashaná* (24 de setembro de 1970): Cr\$ 20,00. Naquele ano, houve aumentos no preço do exemplar comum, em 5 de novembro de 1970, por exemplo, para Cr\$ 3,00 e pode-se verificar que o preço da edição especial de *Chanuka* (24 de dezembro de 1970), Cr\$ 5,00, foi o mesmo da edição de *Pessach* publicada antes do acréscimo no valor do exemplar comum. No entanto, o que se pode afirmar é que o que dava sentido e significado para o surgimento das edições especiais e o aumento do preço, em função também da expansão da quantidade de páginas com anúncios, era o calendário judaico.

Pode-se constatar no cruzamento entre o setor gráfico e a revista, que ela se beneficiou das opções técnicas disponíveis, da ampla oferta de serviços do ramo gráfico na Capital Federal, utilizando-se de várias gráficas para sua composição e impressão. Nos últimos anos, usou os serviços de gráficas vinculadas ao penúltimo diretor da revista, que disponibilizava para composição e impressão os locais de sua atividade profissional, muito provavelmente a custo zero ou, ainda que não o fosse, pudesse ser um valor bem abaixo do mercado.

Também se pode constatar que a revista foi, do ponto de vista de seu leiaute, bastante presa aos padrões tradicionais, uma vez que a única alteração ocorrida em seu formato em todos os anos de atividade foi em função de questões econômicas internas e externas. A revista não tinha um perfil de experimentação nesse aspecto. Acredita-se que seu redator-chefe era, assim como o leiaute, bastante conservador, ou seja, não se permitia ousar na busca de inovações editoriais, o que, segundo ele, favorecia a expansão de sua visão política ideológica, porque a continuidade visual poderia contribuir na consolidação da sua leitura de mundo.

No entanto, a inclusão do subtítulo ao título da revista foi realizada para marcar o caráter independente do periódico. Suas capas refletiam a proposta ideológica de sionificação da identidade judaica, que era marcada pela defesa do recém-criado estado de Israel como referência máxima do judaísmo a partir de então. Também, para criticar, pontuar e legitimar ou não representantes, lideranças, ou seja, para divulgar sua própria perspectiva dessas questões.

A revista também se utilizou amplamente de recursos gráficos para destacar anúncios e temas, possibilitando, assim, hierarquizar o preço da publicidade e determinar o que era mais relevante ou não a ser publicado. O mesmo foi utilizado no tamanho da letra, negrito ou itálico, tanto nos títulos como no corpo dos textos. Também foi utilizado o recurso de dividir as matérias em várias edições em sequência, gerando curiosidade e fidelizando os leitores interessados nos assuntos abordados.

Pontua-se, mais uma vez, que os marcos temporais comemorativos, que geravam aumento expressivo de anúncios e números de páginas e, conseqüentemente, o preço da revista,

eram as datas comemorativas do calendário judaico. Noutras palavras, a cultura judaica demarcava a identidade da revista.

Uma vez realizada a análise da materialidade e do projeto gráfico da revista, pode-se, então, passar para o estudo do contexto em que circulou, cujo destaque deve recair sobre a imprensa brasileira e judaica brasileira.

1.2 A revista e seu contexto

Aonde Vamos? foi um marco importante, pelo fato de ser quase única publicação judaica brasileira durante o Estado Novo, unindo judeus e não judeus de norte a sul do país, em torno das problemáticas que interessavam a essa comunidade. Muitos dos envolvidos com a revista atuaram e vivenciaram os anos da imprensa ídiche no Brasil, findado com as restrições do Estado Novo, o que configura a publicação como a primeira imprensa judaica longa editada em português. *Aonde Vamos?* transitou entre esses dois mundos, o da imprensa ídiche, cujo declínio no Brasil e no mundo estava a passos largos, e o surgimento da imprensa judaica brasileira editada em português, que buscava construção de uma comunidade judaica brasileira propriamente dita dentro dos padrões que acreditava serem os ideais. Ela também vivenciou e anunciou fortes emoções, como a dor do Holocausto e as suas verdadeiras dimensões ao final da Segunda Guerra Mundial, o entusiasmo pela criação do Estado de Israel, um sonho de todos em torno da revista, entre outros acontecimentos. Sempre muito combativos, seus artigos e editoriais eram sempre explosivos e efusivos em personalidade.

Assim, neste item, a revista será apresentada dentro do contexto da imprensa brasileira e, posteriormente, será apresentada uma breve análise diacrônica da imprensa judaica publicada no Brasil, tanto em português quanto em outras línguas. No item A revista e sua época, serão apresentados alguns posicionamentos pontuais dos editores da *Aonde Vamos?* explicitando, assim, algumas das posturas defendidas por eles ao longo do tempo.

a A revista na imprensa brasileira e a imprensa judaico-brasileira

A revista *Aonde Vamos?*, em função da sua longa duração, vivenciou vários momentos da imprensa brasileira. O surgimento da revista deu-se dentro do contexto do período do Estado Novo (1937-1945), quando a liberdade de imprensa imigrante foi significativamente sufocada. Uma Carta Constitucional outorgada no ano do estabelecimento da ditadura tornava a imprensa um serviço público sujeito ao controle estatal. Em 27 de dezembro de 1939, foi criado o

Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), com o objetivo de controlar toda a produção jornalística, cultural e de entretenimento, além de ter como atividade a produção de conteúdos e, também, administrar o abastecimento de papel jornal. A polícia política vigiava e censurava os profissionais de imprensa e os jornais. Era obrigatória a reprodução da propaganda estatal e com verbas publicitárias, financiamentos e subsídios ou obstáculos ao fornecimento de insumos, quase todos importados, eram realizadas pressões sobre o setor. O Decreto 1.949, de 30 de dezembro de 1939, exigia autorização para a circulação de publicações. Importa destacar, por exemplo, que conseqüentemente, depois de 1940, foram vetados os registros de 420 jornais e 346 revistas (Capelato, 1999, p. 173).

Segundo Tânia de Luca (2006), no período, o governo também fundou e incorporou meios de comunicação. O jornal *A Manhã* (RJ, 1941-1953)¹⁰¹ foi órgão oficial do Estado Novo, subordinado à Superintendência das Empresas Incorporadas ao Patrimônio da União, sob direção de Cassiano Ricardo, tinha como objetivo divulgar as propostas do governo para toda a população. Esse jornal tinha imagens e paginação de alto nível e diagramação moderna, se comparado aos outros periódicos produzidos no Brasil. Foram encampados pelo governo o jornal *A Noite* (RJ, 1911-1957), que já havia feito o mesmo, em 1930, com *O Estado de São Paulo* (SP, 1875- atual), que obrigou seus proprietários a deixarem o país, e a Rádio Nacional (RJ, 1936- atual).

A revista *Aonde Vamos?* surgiu no ano de 1941 como um suplemento de turismo, em contexto conturbado e adverso para uma publicação periódica, anos de censura a todo tipo de veículo de comunicação, em pleno Estado Novo, portanto. Em 1943, foi comprada por Ladislau Vinhaes, Isidoro Waisman e Bela Karakuchansky¹⁰², que a transformaram numa revista destinada à comunidade judaica. Essa estratégia, ao que tudo indica, era uma forma de contornar as restrições do Estado Novo. No artigo “Como a *Aonde Vamos?* chegou a ser o que é” (Neumann, 1962, p. 46-63), Aron Neumann, redator chefe da *Aonde Vamos?*, escreveu que decidiu criar um periódico em 1942 para dirigir-se aos judeus do Brasil. Mas como era impossível criar uma publicação nova, sob o regime do Estado Novo, o único recurso era adquirir um título já existente. Toda a imprensa nacional estava sob vigilância do Departamento

¹⁰¹ Não confundir com *A Manhã*, jornal fundado em 1935 e porta-voz da Aliança Nacional Libertadora (ANL), que circulou por sete meses na cidade do Rio de Janeiro.

¹⁰² Informações sobre os primeiros proprietários da revista foram encontradas no relatório confidencial da Polícia Civil do Distrito Federal, de 28/11/1943, denominado “Caso Aron Neumann”, realizado pelo chefe do serviço secreto, que apresenta os sócios da revista: Ladislau Vinhaes, Bela Karakuschansky e Isidoro Waisman. Cf documentos disponíveis no sítio Arqshoah Holocausto e Antissemitismo: <https://www.arqshoah.com/arquivo/505-arq-495-relatorio-sobre-o-caso-aron-neumann-ainda-incompleta>. Acesso em: 12 jul. 2022.

de Imprensa e Propaganda – DIP, com o processo de nacionalização do governo dificilmente uma revista destinada à comunidade judaica seria aprovada pelo DIP.

A deposição de Vargas, em 1945, pôs fim à ditadura, dando início à experiência democrática e de maior liberdade de imprensa das comunidades imigrantes. O término da ditadura de Vargas coincidiu com o fim da Segunda Guerra Mundial, período de intensa produção industrial de bens de capital, de consumo e da retomada das importações internacionais. Parte do desenvolvimento tecnológico gerado durante o conflito foi aplicado para finalidades civis. Assim, a imprensa beneficiou-se e houve um novo ciclo de modernização tecnológica, embora menor que a revolução tecnológica ocorrida no final do século XIX. Ainda assim, as empresas jornalísticas puderam atualizar seus equipamentos.

Boa parte do denominado período democrático (1945-1964) coincide com o que a pesquisa considerou como a segunda fase da revista, o período de maior prestígio e influência dela, que vai de 1952 até 1973. Certamente, a *Aonde Vamos?* beneficiou-se do desenvolvimento econômico e tecnológico do pós-Segunda Guerra Mundial, o que, somado à liderança do redator-chefe Aron Neumann, também colaborou para o prestígio da revista ao longo desses anos.

No Brasil, a televisão surgiu nesse período, primeiramente com a TV Tupi de São Paulo, em 18 de setembro de 1950, e em 20 de janeiro de 1951, surgiu a TV Tupi carioca. O rádio ainda tinha grande público, mas os jornais eram o principal meio de comunicação que a população utilizava para se informar. Segundo levantamento da agência de publicidade J. Walter Thompson, em 1952, o Brasil tinha 55,77 milhões de habitantes, um PIB de 12,5 bilhões de dólares, um PIB per capita de 224 dólares e 230 jornais, com uma circulação total de 5,75 milhões de exemplares (Associação Nacional de Jornais, 2008).

Segundo Jorge Ferreira (2011), durante o período democrático, houve uma intensa produção da imprensa periódica, nunca antes vista no Brasil. Em torno de 13 jornais foram produzidos na cidade do Rio de Janeiro, cinco eram da grande imprensa. Então, a revista *Aonde Vamos?* conviveu, durante o período democrático, com uma pujante imprensa periódica, e a população da capital da República, judaica e não judaica, recebia informações de cinco grandes jornais, a saber: *Correio da Manhã* (RJ, 1901-1974); *Jornal do Brasil* (RJ, 1891-atual); *O Globo* (RJ, 1925- atual); *O Jornal* (RJ, 1919-1974) e *Última Hora* (RJ, 1951-1991). Mas havia também periódicos com menor circulação no período, entre outros: *Diário Carioca* (RJ, 1928-1965); *Diário da Noite* (RJ, 1929-1961); *O Dia* (RJ, 1951- atual); *Imprensa Popular* (RJ, 1948-1958); *Jornal dos Sports* (RJ, 1931-2010) e *Tribuna da Imprensa* (RJ, 1949- atual).

Esse período finda na noite de 31 de março para 1º de abril de 1964, com o golpe civil-militar, que estabeleceu um regime ditatorial que durou até 15 de março de 1985¹⁰³, apoiado por parte do empresariado, por alguns políticos e, inicialmente, por quase todos os jornais brasileiros. Posteriormente, alguns periódicos mudaram de postura em função da instauração do regime militar e da censura (Ferreira, [s. d.]). A imprensa foi alvo de censura direta e indireta durante a ditadura por meio do Ato Institucional n. 5 (AI-5)¹⁰⁴, instaurado no dia 13 de dezembro de 1968. A Polícia Federal proibiu os jornais de divulgar a própria notícia do AI-5, dessa forma, foi possível camuflar a existência da censura no Brasil. Os jornais foram obrigados a submeter seus textos a censores, houve também restrição à liberdade por meio de pressões econômicas, como verbas publicitárias oficiais ou a anunciantes privados, ameaças e vigilância constante dos editores e jornalistas. O AI-5 só foi revogado em 1978.

A revista *Aonde Vamos?* deixou de ser publicada em 1977, ainda sob o período da ditadura e do AI-5 em vigor. A década de 1970, como já abordado, foi quando houve o declínio de crescimento econômico do pós-Segunda Guerra Mundial. Apesar disso, de maneira geral, no Brasil as camadas médias foram beneficiadas durante o período ditatorial com aumento de renda. Mais especificamente, a crise desencadeou, no país, uma alteração na imprensa nacional, que levou ao desaparecimento de inúmeros periódicos e a supremacia de *O Globo*, o *Jornal do Brasil* e do jornalismo popular de *O Dia*. Dentre as publicações que saíram de circulação nessa década de crise para a imprensa, têm-se jornais como *Correio da Manhã* (RJ, 1901-1974), *Diário de Notícias* (RJ, 1930-1976), *O Jornal* (RJ, 1919-1974) e a revista *O Cruzeiro* (RJ, 1928-1975). Além da revista *Aonde Vamos?*, em 1977.

Para a breve contextualização diacrônica da imprensa judaica publicada no Brasil, em português e em outras línguas, realizou-se uma divisão temporal em três fases, usando o Estado Novo (1937-1945) como referência. Isso porque as políticas públicas adotadas pelo governo estadonovista, em relação à imprensa e, principalmente, no que dizia respeito à imprensa de grupos imigrantes trouxe consequências relevantes para a imprensa judaica publicada no país, tornando-o um importante marcador temporal. As três fases em questão são: 1) do surgimento da imprensa judaica, no começo do século XX, até as leis restritivas do Estado Novo; 2) no período do Estado Novo; 3) após o fim do Estado Novo e da Segunda Guerra Mundial.

¹⁰³ Sobre o fim da ditadura civil-militar há um debate historiográfico, entre historiadores, como Daniel Araújo Reis (2000), Carlos Fico (2009) e outros, no qual alguns defendem que ela acabou em 1979, com a revogação do AI-5 e a anistia; em 1985, após eleito indiretamente o primeiro governo civil; em 1988, com a constituição. Optou-se nessa tese pela data de 1985.

¹⁰⁴ Sobre a censura à imprensa no Brasil durante o período da ditadura civil-militar há debates historiográficos entre Beatriz Kushnir (2004), Anne-Marie Smith (2000), Maurício Maia Souza (1999), sobre quando ela teria começado, optou-se pela perspectiva historiográfica que afirma que o AI-5 foi um marco dessa censura.

Para iniciar a primeira parte da apresentação diacrônica da imprensa judaica publicada no Brasil ressalta-se que foi somente após a vinda da Família Real, em 1808, e em decorrência da Abertura dos Portos e do Tratado de Amizade e de Paz entre Portugal e Inglaterra, em 1810, que se tornou possível o estabelecimento de não católicos no Brasil. Dessa forma, a imigração de judeus no país teve início a partir das primeiras décadas do século XIX. No entanto, o demógrafo René Decol (1999) afirma que, no Brasil, os judeus chegaram em número expressivo e constituíram instituições perenes a partir da segunda década do século XX. O autor estabelece uma divisão para os principais fluxos migratórios: períodos Russo, Centro-Europeu e Pós-Guerra.

No Período Russo (1881-1920), estimulada pelas manifestações antissemitas — os pogroms — teve início a imigração em massa. No Brasil, em 1904, a *Jewish Colonization Association* (ICA)¹⁰⁵ criou a colônia agrícola Phillipson, no interior do Rio Grande do Sul.

O Período Centro-Europeu (1920-1940) teve seu auge entre as duas grandes guerras e foi marcado pela ascensão da direita radical, fortemente nacionalista e explicitamente antissemita, do fascismo e do nazismo, regimes nos quais as minorias eram vistas como ameaça.

Já o Período do Pós-Guerra (após 1945) foi motivado pelo antijudaísmo crescente nos países árabes ao redor da Palestina, quando da criação do Estado de Israel (1948). Sendo assim, de acordo com René Decol (1999), os judeus vieram para o Brasil de lugares diversos e em vários períodos.

Do ponto de vista espacial, segundo o mesmo trabalho, tem-se que a região Sudeste agrega a maior parcela das comunidades judaicas brasileiras, concentradas, sobretudo nos estados de São Paulo e do Rio de Janeiro. A região Sul é a segunda mais significativa numericamente, principalmente o estado do Rio Grande do Sul, terceiro em número de judeus. No interior dos estados, a comunidade judaica concentra-se majoritariamente nas regiões metropolitanas das capitais. Essa concentração judaica criou e gerou instituições sociais, religiosas, esportivas e outras para promover a sociabilidade e interação dessas comunidades. Um aspecto relevante foi a criação da imprensa judaico-brasileira, que exerceu um papel importante nesse processo.

De maneira geral, os judeus podem ser divididos em três tipos, para os quais a religião é comum, mas as tradições são influenciadas pelo local onde eles viviam: os *asquenazim*

¹⁰⁵ Instituição filantrópica judaica inglesa que tinha como objetivo ajudar os judeus que estivessem em situação de opressão em seus países de origem. A ICA procurava retirar as famílias judias dos países opressores, adquirindo terras em outros locais mais favoráveis. Comprava terrenos para a construção de colônias agrícolas e ajudava na instalação dessas famílias. Antes do Brasil, a Argentina foi o local de instalação dessas colônias agrícolas (*Jewish Colonization Association*, 2008).

(plural) são os judeus da Europa além-Pirinéus (*Asquenaz* como os judeus medievais chamavam a região da Alemanha); os *sefaradim* (plural) são os judeus dos países em torno do Mediterrâneo (*Sefarad*, como os judeus medievais chamavam a Península Ibérica), expulsos da Espanha em 1492; *mizrahim* (plural) ou orientais são os judeus dos países árabes, principalmente do Oriente Médio. Dois terços da imigração judaica para o Brasil foram de judeus *asquenazim*.

Como os judeus que imigraram para o Brasil vieram de várias partes do mundo e em momentos distintos, consequentemente nem todos falavam a mesma língua. Os judeus do Leste Europeu falavam o ídiche e os judeus da Europa Ocidental, Norte da África e do Oriente Médio falavam as línguas de seus países de origem ou dialetos judaicos¹⁰⁶. Esses imigrantes criaram boletins e periódicos nas línguas que lhes fossem aprazíveis para comunicarem-se.

Nesta primeira fase do surgimento da imprensa judaica até as leis restritivas do Estado Novo, tem-se, até o momento, como o primeiro periódico publicado em língua estrangeira, encontrado no início do século XX, o jornal *Le Messenger de St. Paul*¹⁰⁷ (1901-1924), publicado em francês, em São Paulo, pela comunidade israelita de origem francesa ou francófona (Guimarães, 2018b). No entanto, o ídiche foi a língua mais utilizada pela imprensa judaica alófona publicada no país. O ídiche é um idioma derivado do germânico, com expressões de línguas de países da Europa Oriental, usa o alfabeto hebraico na forma escrita e era falado por quase a totalidade dos judeus da Europa Oriental até a Segunda Guerra Mundial — quando essa população foi dizimada pelo Holocausto. A imprensa nesta língua foi produzida no Brasil pelos judeus que vieram dos países da Europa Central e Oriental, os denominados *asquenazim*.

Segundo René Decol (2001), estima-se que entre 1920 e o início da Segunda Guerra Mundial mais de 50 mil judeus vieram para terras brasileiras, número que cresceu significativamente nos anos 40 e 50. Estes grupos eram provenientes, em sua maioria, da Europa, mais especificamente do Leste Europeu, e se dirigiram, sobretudo para as cidades, em consonância com sua experiência pregressa. Esses migrantes tinham em sua maioria uma experiência urbana acentuada. Sendo assim, os judeus acabaram se estabelecendo, principalmente, em três grandes centros urbanos: Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre.

O primeiro periódico em ídiche publicado no Brasil, que se tem conhecimento, segundo Nachman Falbel (2008) e Josef Halpern (1999) foi o *Di Menscheit* (*A Humanidade*) que começou a circular em 1º de dezembro de 1915, na cidade de Porto Alegre (Chermont, 2018c). O *Di Menscheit* contava com quatro páginas, formato pequeno e idealizado para ser um

¹⁰⁶ Como por exemplo, o hakitá, dialeto judeu-árabe falado pelas comunidades do Norte da África ou Magreb ou o ladino, o dialeto judeu-espanhol falado pelas comunidades originárias da Península Ibérica.

¹⁰⁷ O periódico surgiu com o nome *Le Messenger de St. Paul* (1901-1905) e mudou para *Le Messenger de São Paulo* (1905-1924) (Guimarães, 2018b).

semanário, declarava-se uma publicação imparcial, não seguindo orientação sionista, nem socialista. Estava vinculado à Sociedade Jornalística Israelita (*Idishe Tzeitungs-Guezelschaft*) e seu editor era o jornalista Josef Halevi (Chermont, 2018a).

Para a publicação do primeiro periódico em ídiche no Brasil foram importados da Argentina os tipos em hebraico, onde, aliás, já existia uma vigorosa imprensa em língua ídiche. Para a montagem e a impressão do *Di Menscheit*, seus editores compunham o jornal à mão e levavam as páginas prontas à uma tipografia, para serem impressas. Esse jornal teve curta duração, saíram apenas seis exemplares, em função de desentendimentos do editor com as lideranças da comunidade judaica local.

Daí em diante, foram inúmeros os periódicos que podem ser denominados como parte da imprensa judaica no Brasil, publicados em ídiche ou em outras línguas, inclusive em português, caso da *Aonde Vamos?*. Os mais importantes, segundo o critério da longevidade, foi o *Dos Iidiche Folkstzeitung* (*Gazeta Israelita*, RJ, 1927-1940), que, no primeiro número, apresenta como editores: Eduardo Horowitz, Jacob Schneider e Salomão Gorenstein; redator chefe: Eduardo Horowitz; redatores de seções: Sabath Karakuschansky, Menasche Halpers e Aron Bergman. Depois de pouco tempo, os investidores abandonaram a publicação, que ficou sob a direção de Sabath Karakuschansky, um dos primeiros proprietários da *Aonde Vamos?*. Ele escrevia os editoriais, matérias sobre temas locais, contos, poesias, traduziu e publicou, em capítulos, o romance *Maria Antonieta*, de Stefan Zweig. A princípio, o jornal, bissemanal, saía às quartas-feiras e sábados; a partir de 1935, tornou-se diário, até o final de suas atividades. Outro jornal que se destacou pelo tempo de publicação foi o *Iídiche Presse* (*Imprensa Israelita*, RJ, 1929-1941). Ambos publicados em ídiche, encerraram suas atividades em função das leis restritivas à imprensa em língua estrangeira emitidas durante o Estado Novo.

Em São Paulo, o periódico em ídiche mais longo foi o *San Pauler Iídiche Tzeitung* (*Gazeta Israelita de São Paulo*, SP, 1931-1941), a princípio era um hebdomadário, mas dois anos depois, saía duas vezes por semana, condição novamente alterada no ano seguinte, pois passou a circular três vezes por semana e, após, a partir de 1939, diariamente, até 1941, quando parou de circular, também em função das proibições de publicações em língua estrangeiras.

A maioria das publicações em língua ídiche era de jornais, hebdomadários, assim como toda a imprensa alófona em geral, tendo em vista a difícil tarefa de rivalizar com a imprensa diária em termos de público leitor e anunciantes, o que ocasionava em vida efêmera para essas folhas.

Os primeiros periódicos judaicos, em português, foram criados pelos judeus de origem *mizrahi* ou *sefaradi*¹⁰⁸, que não falavam o ídiche. O primeiro periódico judeu publicado em português no Brasil, segundo o historiador Nachman Falbel (2008, p. 775), foi o jornal *A Columna* (RJ, 1916-1917). Fundada por David José Perez (Pará, 1883-RJ, 1970), advogado, jornalista, figura de prestígio na comunidade judaica, filho de judeus marroquinos que se estabeleceram no Pará e que não falavam ídiche, e Álvaro de Castilho, engenheiro natural do Rio de Janeiro.

No entanto, a imprensa judaica publicada em português não tinha, em geral, vida longa, com exceção da *Crônica Israelita* (SP, 1938-1969), quinzenal, vinculada à Congregação Israelita Paulista, fundada por refugiados do nazismo que vieram para o Brasil, apareceu com o nome *Mitteilungen der Congregação Israelita Paulista*, todo em alemão. Na edição de 15 de outubro de 1938, mudou o nome para *Crônica Israelita*, órgão oficial da Congregação Israelita Paulista, com artigos em alemão e anúncios em português. Em meados de 1939, foi publicada toda em português, em função do ato legal que impunha a tradução para a língua nacional dos textos escritos em idioma estrangeira e que, depois, proibiu totalmente o uso de qualquer língua que não fosse o português nos periódicos brasileiros (Hirschberg, 1976). Foi o único periódico da comunidade judaica brasileira publicado durante esse período, além da *Aonde Vamos?*, porque se adaptou às restrições impostas pelo Estado Novo.

A *Crônica Israelita*, publicada em São Paulo, ficou por um período sem saber da existência da revista *Aonde Vamos?*. Na edição de 2 de fevereiro de 1943 do jornal, consta publicado, na sexta página: “Apoiari a ‘Crônica Israelita’, o único órgão israelita das Américas em língua portuguesa” e continua sendo publicado até o exemplar de 18 de outubro de 1943, quando é interrompido, mas retornando em 15 de março de 1944. Depois dessa data não foi mais publicado. No entanto, a *Aonde Vamos?* começou a ser veiculada em 11 de março de 1943, o que demonstra uma falta de contatos comuns entre as duas publicações. A revista estabeleceu representação e publicava informações sobre a comunidade judaica de São Paulo no mês seguinte de seu início. Porém, seu vínculo era com os judeus estabelecidos no bairro do Bom Retiro, majoritariamente provenientes do Leste Europeu, que, ao que parece, tinham pouco contato com os judeus alemães e outros refugiados do nazismo, fundadores da Congregação Israelita Paulista, que estabeleceram sua primeira sinagoga e centro comunitário no bairro da Barra Funda.

¹⁰⁸ *Sefaradim* (plural) são os judeus dos países em torno do Mediterrâneo (*Sefarad*, como os judeus medievais chamavam a Península Ibérica), expulsos da Espanha em 1492; *mizrahim* (plural) ou orientais são os judeus dos países árabes, principalmente do Oriente Médio.

Houve também revistas que, assim como o primeiro periódico no Brasil, foram publicadas em Porto Alegre. Em 1927, surgiu o *Dos Naier Wort (A Nossa Palavra)*, com o subtítulo Revista Mensal de Literatura e Problemas Sociais, em ídiche e de vida curta, tendo contado com apenas seis números. As duas revistas publicadas no Rio de Janeiro, nesse período, foram editadas em português, a *Ilustração* (RJ, 1928-1929), mensário de iniciativa de Adolfo Aizen. David Pérez, editor da *Columna*, foi colaborador assíduo do impresso, e a *Revista Israelita* (RJ, 1933-1934), também mensal, tinha direção de Abrão Koogan e o chefe da redação era Salo Brand.

São Paulo também publicou duas revistas, uma em português e outra em ídiche. A revista *Páginas Israelitas* (SP, 1937), um mensário liderado por Nelson Wainer, de curtíssima duração, restringindo-se a alguns meses e a *Velt Schpiguél (Espelho do Mundo)*, (SP, 1939-1940), que era uma revista mensal de literatura, arte e problemas sociais. Seu redator era A. Blai e o administrador era Jacob Kutner (Varsóvia, 1905–São Paulo, 1971). Publicou 14 números e acabou em função do decreto que proibia publicações em língua estrangeira, em 1940 (Falbel, 2008).

Essas revistas são antecessoras e correspondem à tradição a que pertence a *Aonde Vamos?*. Sobre o conceito de revista, Ana Luiza Martins (2001) realizou uma pesquisa sobre o termo e entre as inúmeras definições citou Clara Rocha (1985, p. 33): “[...] uma revista é uma publicação que, como o nome sugere, passa em revista diversos assuntos o que [...] permite um tipo de leitura fragmentada, não contínua, e por vezes seletiva”.

Ademais, segundo Martins, a contraposição entre a revista e o jornal não é tão fácil, pois o primeiro, com periodicidade assídua, geralmente diária, pode se assemelhar em seu formato, principalmente quando a revista se apresenta com páginas soltas, *in-folio*. Uma distinção física é a capa na revista, que não existe no jornal, mas a distinção primordial está na formulação do programa de revista, que divulga artigos de fundo, que esclarecem seus propósitos e as características da publicação.

Então, tem-se que a revista é um projeto editorial mais criterioso, com proposta e características mais definidas e melhor trabalhadas, uma vez que não tem a regularidade diária de muitos jornais. Não foi possível verificar por que os primeiros fundadores da *Aonde Vamos?* optaram pela formato revista, mas o redator-chefe, em seu relato autobiográfico (Neumann, 1962, p. 46-63) foi específico ao mencionar que desejava obter ou fundar uma revista para realizar as denúncias e questionamentos necessários. Para Aron Neumann, um jornal não seria adequado para o que tinha em mente: realizar críticas e denúncias das irregularidades da comunidade judaica local, nacional e mundial.

Por sua vez, as correntes ideológicas a que se vinculavam os periódicos da comunidade judaica radicada no Brasil eram as mais variadas. Por exemplo, o segundo periódico em ídiche que surgiu no Brasil foi em Porto Alegre, o *Di Idiche Tzukunft* (*O Futuro Israelita*, 1920) (Chermont, 2018b), seu editor era o mesmo do primeiro jornal em ídiche brasileiro, o jornalista Josef Halevi. Esse novo periódico tinha orientação anarquista e, segundo Josef Halpern (1999), era apoiado pelo grupo de anarquistas judeus que existiam em Porto Alegre e participavam de ações políticas, juntamente aos alemães e italianos. Esse periódico também durou poucos meses e, com a morte de Josef Halevi, no mesmo ano da fundação do jornal, não teve continuidade.

Uma força mobilizadora das comunidades judaicas, não só no Brasil, mas no mundo todo durante a primeira metade do século XX, foram as correntes do sionismo. Em 1927, surgiu o *Dos Naie Wort* (*A Nossa Palavra*), com o subtítulo Revista Mensal de Literatura e Problemas Sociais, vinculado ao *Poalei Tzion*, em Porto Alegre, mas, de vida curta, a revista teve apenas seis números.

O *Poalei Tzion* foi um movimento sionista socialista europeu, que viria a organizar-se como partido político na então Palestina e, mais tarde, em Israel. Em hebraico, significa “Trabalhadores de Sion”, foi fundado na Rússia, no início dos anos 1900, por dissidentes do *Bund*, partido judaico social democrata, quando este recusou o sionismo como uma solução nacional para os judeus. O novo partido incorporou aspectos do marxismo, mas adicionou o nacionalismo judaico a sua plataforma.

Em 1920, o *Poalei Tzion* rachou internamente. Após a revolução Russa (1917), alguns integrantes da direção, preocupados com os rumos da revolução, decidiram se afastar do programa marxista. Surgiram as alas direita e esquerda do *Poalei Tzion*. A ala direita, comandada por David Ben Gurion e Yitzchak Ben Tzvi, tinha proposta política social-democrata. A ala esquerda, por sua vez, continuou vinculada ao Partido Comunista da União Soviética e seus integrantes russos participaram de batalhas ao lado do Exército Vermelho, por isso, ficaram conhecidas como Batalhões Borochoy (*Poalei [...]*, [s. d.]).

Outros periódicos publicados no Brasil eram vinculados ao *Poalei Tzion* no Rio de Janeiro, como o *Dos Iidiche Folkstzeitung* (*Gazeta Israelita*, RJ, 1927-1940), que surgiu em função de cisões provocadas por divergências políticas, com dissidentes da redação do *Brazilianer Idiche Press*¹⁰⁹ (*Imprensa Israelita Brasileira*, RJ, 1927-1929), que tinha como proposta ser apartidário e dar espaço para todas as instituições comunitárias. Pode-se citar, também, boletins partidários ligados ao *Poalei Tzion*, que começaram e logo encerraram as

¹⁰⁹ O *Brazilianer Idiche Press* era o antigo *Dos Iidiche Vochenblat* (*O Semanário Israelita*, RJ, 1923-1927), que, em 1927, mudou o nome quando começou a sair duas vezes por semana.

atividades, como o jornal *Der Onhoib* (*O começo*, RJ, 1929-1930), criado pelo ativista de esquerda Ruben Zinguer, que tinha trabalhado no *Brazilianer Idiche Presse*, antes de se tornar de esquerda. No entanto, discórdias políticas internas e sobre quem seria dono do jornal prejudicaram sua existência. Depois do fechamento do jornal *Der Onhoib*, um dos seus administradores, Iankel Fuckes, comprou uma tipografia e editou sozinho o *Di Kraft* (*A força*, RJ, 1930). Embora existisse um grupo de apoio em torno do jornal, ele era o dono. Para redigir o jornal, foi contratado o alfaiate Abraham Waldman, ativista do *Poalei Tzion* de esquerda.

Em São Paulo, também foi encontrado um periódico à esquerda, como o *Di Tzeit* (*O Tempo*, 1939-1941), que era uma publicação mensal, que, além das questões políticas, publicava a produção poética e literária dos autores locais. Mas houve publicações em ídiche da direita sionista, do movimento revisionista, que era uma das linhas sionistas defendida pela revista *Aonde Vamos?*. O *Há-Schachar* (*A Aurora*, SP, 1931-1932), editado pela juventude revisionista *Berit Trumpeldor*¹¹⁰, redigido por Michel Zaltzman, continha matérias e folhetins em hebraico. Saíram somente quatro exemplares. Outro periódico do mesmo movimento sionista, o *Unzer Vort* (*Nossa Palavra*, SP, 1934-1935) saía duas vezes por semana e era editado pela Organização Revisionista. Estes são dois exemplos que rompem com a perspectiva de que os sionistas eram fervorosos defensores do uso exclusivo do hebraico e só os progressistas que adotavam o ídiche. Outra publicação foi encontrada com o mesmo nome, *Unzer Vort* (*Nossa Palavra*, SP, 1931-1932), mas se tratava de um jornal clandestino publicado pelo grupo judaico do Partido Comunista Brasileiro, também publicado em ídiche. Pode-se perceber, dessa forma, que o ídiche era usado por todos, em meados da década de 1930 e no Brasil, que se situava fora do eixo de tensão dessas questões, cuja querela acontecia com maior intensidade na Europa Central, Oriental e na Palestina.

Havia publicações de cunho literário, que divulgavam poesia, literatura de autores locais e clássicos da literatura ídiche; periódicos com finalidades sociais e culturais pertencentes aos movimentos juvenis. Como quando Jacob Nachbin desligou-se do *Dos Iidiche Vochenblat*, fundou o *Literarische Zeitschrift* (*Jornal Literário*, RJ, 1924), com o subtítulo *Erschte idische literarische oisabe in Brazil* (*A primeira publicação Literária no Brasil*). Estava vinculado ao *Idische Folks-Bletter Gesellschaft* (Sociedade literário-popular judaica). Foi publicado um único exemplar do jornal.

¹¹⁰ Joseph Vladimirovich Trumpeldor (Rússia, 1880 – Galileia, 1920) foi um dos primeiros ativistas sionistas que ajudou a organizar o *Zion Mule Corps* (Legião Judaica) e a trazer imigrantes judeus para a Palestina. Morreu defendendo o assentamento de Tel Hai, em 1920, posteriormente tornou-se um herói nacional reivindicado tanto pela direita como pela esquerda sionista.

Dos jornais literários, o *Di Neie Velt* (*O Novo Mundo*, RJ, 1927), editado pelo escritor Adolfo Kischinhevsky, que, posteriormente, publicaria o primeiro livro em ídiche no Brasil, *Neie Heimen* (*Novos Lares*), em 1932. Teve vida curta e, no final do mesmo ano, Kischinhevsky criou outro jornal, o *Unzer Leben* (*Nossa Vida*, RJ, 1932), com a mesma finalidade, mas que também durou pouco.

O Grêmio Juvenil *Kadima* publicou um periódico em ídiche, o *Di Yugent* (*A Juventude*, RJ, 1927-1928), para fins sociais e culturais e destinado, como bem revela o nome, à juventude. Em São Paulo, o *Velt Schpiguél* (*Espelho do Mundo*, SP, 1939-1940) era uma revista de literatura, arte e problemas sociais (Falbel, 2008).

Fora das capitais Porto Alegre, Rio de Janeiro e São Paulo, que receberam grande parte da imigração judaica, também foram encontradas duas publicações judaicas. Encontrou-se referência de uma publicação em ídiche, o *Der Shiller* (*O aluno*, BA, 1928), na cidade de Salvador, (Falbel, 1985). Em Belém, surgiu o segundo jornal judaico do Brasil redigido em português, com título em hebraico, para difundir as ideias sionistas, *Kol Israel* (*A voz de Israel*, PA, 1918-1923), com os subtítulos: órgão independente de propaganda sionista e órgão do Comitê *Ahabat Sion*, iniciativa do Major Eliezer Levy (PA, 1877-1947), filho de judeus marroquinos que vieram para o Pará. Segundo artigo publicado pelo neto do major, Sérgio Simon (2019, p. 103):

O que torna peculiar, no entanto, é ter sido publicado em plena região amazônica, e distribuído em barcos pelos rios da bacia do Amazonas para todas as pequenas comunidades judaicas marroquinas que habitavam Cametá, Santarém, Alenquer, Macapá, Igarapé-Miri, etc. Assim, os judeus que moravam no interior da selva eram mantidos informados sobre a Declaração Balfour, a construção do Hospital Hadassah, os esforços internacionais de Chaim Weizmann e a construção dos *kibutzim* e *mochavim* que caracterizavam a colonização judaica inicial em terras da então Palestina (Simon, 2019, p. 103).

Dessa forma, pode-se constatar a relevância e penetração da revista *Aonde Vamos?*, que surgiu na segunda fase, mas tinha assinantes nas grandes cidades do Brasil onde havia comunidade judaica estabelecida e nenhuma publicação para informá-los sobre os assuntos específicos do grupo¹¹¹.

A segunda fase da imprensa judaica publicada no Brasil, que está sendo proposta neste estudo, tem como marco a instauração da ditadura do Estado Novo (1937–1945), quando a imprensa imigrante, principalmente a publicada em língua estrangeira, foi alvo preferencial da

¹¹¹ As cidades onde havia representantes e assinantes da revista *Aonde Vamos?* serão abordadas no capítulo 3 deste trabalho.

nova política de nacionalização e teve sua atuação prejudicada a partir do dia 18 de abril de 1938, quando, pelo Decreto n. 383, o governo proibiu a atividade política de estrangeiros no Brasil. Esse decreto impossibilitava-lhes organizar, criar ou manter estabelecimentos de caráter político, bem como a difusão de propaganda, ideias ou programas para esse fim. Permitia apenas a associação de indivíduos para fins culturais e recreativos.

A coletividade judaica e as outras comunidades imigrantes também passaram a sofrer os efeitos dos atos legais restritivos às atividades de estrangeiros em geral, como aqueles baixados em 1939 e em 1941. O primeiro impunha a tradução para o português de artigos escritos na imprensa em língua estrangeira no país e restringia e controlava a quantidade e o conteúdo de todos os periódicos no Brasil. Os de 1941 interditaram totalmente a publicação de jornais em língua estrangeira e proibiram o uso de línguas não nativas em reuniões e assembleias.

Esse decreto, que proibia as publicações em língua estrangeiras, interrompeu uma importante fase da imprensa judaica publicada em língua ídiche no Brasil, mesmo as publicadas em português foram objeto de vigilância, o que apresentou um desafio às comunidades imigrantes, obrigadas a adaptarem-se e expressarem-se na mídia impressa definitivamente em português. E, por esse motivo, foi escolhido como demarcador temporal da imprensa judaica publicada no Brasil.

Foi nessa segunda fase, um período de repressão e cerceamento de liberdades da imprensa das comunidades minoritárias, que surgiu a revista *Aonde Vamos?*, na cidade do Rio de Janeiro, em 1941, voltada para a área de turismo. Em 1943, como já dito, Bela Karakuschansky e Isidoro Waisman, em parceria com Ladislau Vinhaes, compraram a *Aonde Vamos?* e transformaram-na numa revista direcionada à comunidade judaica brasileira.

Destacam-se algumas considerações referentes a essa compra da *Aonde Vamos?*: primeiro, Bela Karakuschansky era parente de Sabath Karakuschansky¹¹² (Bessarábia, 1900-1977), um jornalista que teve expressiva atuação na imprensa em língua ídiche no Brasil. Sendo assim, pode-se constatar ativistas da imprensa ídiche se ajustando às novas possibilidades de atuação que se apresentavam naquele momento aos jornalistas que escreviam na extinta imprensa judaica ídiche.

Outra consideração relevante para esse processo era o fato de tanto Isidoro Waisman quanto Ladislau Vinhaes serem advogados, o que pode ter ajudado na compra da revista, porque eram conhecedores dos trâmites legais. Além disso, Ladislau era jornalista, escritor,

¹¹² Optou-se pela grafia do nome utilizado na revista. A trajetória de Sabath Karakuschansky, a relação com Bela Karakuschansky e os outros diretores da revista será abordada no capítulo 3 deste trabalho.

funcionário do Ministério da Justiça e brasileiro nato. Sua atuação na imprensa nacional pode ter sido de grande ajuda a esse grupo de judeus que tinha intenção de criar uma revista judaica, em português, que tivesse vida longa.

Num período de vigência das restrições da imprensa em língua estrangeira, o governo não concedia alvará de licença nem para periódicos em português, com a intenção de impedir a publicação de novos impressos. Segundo Maria Helena Capelato: “A partir de 1940, 420 jornais e 346 revistas não conseguiram registro no DIP” (Capelato, 1999, p. 173). Ao que tudo indica, a aquisição do periódico deu-se dessa forma para contornar as restrições do governo brasileiro em conceder alvarás para novas publicações e pela desconfiança do governo com os jornais das comunidades imigrantes. Dessa maneira, para a viabilização da imprensa judaica em português, naquele momento, eram necessárias a interação, criação de estratégias e arranjos maiores do que as representadas pela imprensa em língua ídiche, com indivíduos ou grupos de fora da comunidade judaica.

O decreto que proibia as publicações em língua estrangeiras interrompeu uma importante fase da imprensa judaica publicada em língua ídiche no Brasil, que desde meados dos anos 1920, principalmente no Rio de Janeiro, era intensa. Segundo Samuel Malamud (1983), no sentido cultural, havia público judaico sedento, que, desconhecendo plenamente o português, realizava todas suas manifestações culturais em ídiche. No final dos anos 1920 e durante os anos de 1930, a vida cultural judaica no Rio de Janeiro se tornou caracteristicamente dinâmica e importante para esses imigrantes.

Há de se destacar que uma das primeiras aquisições do imigrante em seu novo ambiente seja a aprendizagem da língua da sociedade adotiva, como meio indispensável de interação com seus membros. Todavia, a característica geral dos grupos imigrantes de judeus, em particular, foi a de usar o idioma adotivo somente em contatos externos, ou seja, na vida econômica, profissional e em relações com a administração e os poderes públicos. Em casa, e tanto mais nos próprios núcleos comunitários, continuava a ser falada a língua de origem e tradicional, o ídiche, para todos aqueles que vieram da Europa Oriental.

Nesse sentido, a revista *Aonde Vamos?* seria o primeiro projeto em português ou o último projeto da imprensa ídiche, mas em português. Herdeira da imprensa feita pelos imigrantes que chegaram a partir dos anos 1910, com perfil urbano e que criaram vários jornais em ídiche. Houve, inclusive, tentativas de criar empresas jornalísticas, mas na sua maioria eram jornais de curta existência. A *Aonde Vamos?* foi sucessora desse mundo, da ideia dessa imprensa. Esses primeiros homens das letras da imprensa ídiche atuaram na revista, inclusive Sabath Karakuschanky, que participou de muitas das empreitadas da imprensa ídiche, foi um

dos primeiros proprietários do periódico, que o transformaram em uma revista voltada para a comunidade judaica. Durante os anos do Estado Novo, ela ofereceu a oportunidade de esse grupo continuar a expressar e se dirigir à sua comunidade, uma vez que era a única revista judaica do Rio de Janeiro, com pretensões de ser o veículo da comunidade judaica brasileira. No entanto, nesse período, foram estabelecidas relações constantes somente com a comunidade judaica da cidade de São Paulo.

As restrições do período não impediram que a comunidade atuasse em outro veículo de comunicação, o rádio. Os judeus mantiveram dois programas de rádio no Rio de Janeiro durante esse período em que o rádio era um significativo meio de comunicação de massa, ainda que controlado e censurado pela ditadura do governo de Getúlio Vargas. Nos anos de 1941 a 1945, quando vigoraram essas restrições à imprensa, no Rio de Janeiro, dois programas de rádio exerciam a função de informar os grupos judaicos sobre o que acontecia com os seus dos dois lados do Atlântico, além de informações da então Palestina. Na programação, havia músicas do folclore judaico, em ídiche e hebraico. O Programa Israelita, na Rádio Guanabara, anunciava na revista *Aonde Vamos?* (1943, p. 9) os dias e horários da transmissão, o mesmo acontecia com *A Hora Seleccionada Israelita-Brasileira* (*Aonde Vamos?*, 1943b, p. 8), na Rádio Bandeirantes, que era diário. Em São Paulo, o programa Hora Israelita foi ao ar pela primeira vez em 1940, na Rádio Piratininga. Quando houve a proibição dos programas étnicos, o nome do programa mudou de Hora Israelita para Programa Mosaico. Depois, o programa foi passando por várias emissoras de rádio e, durante um período, manteve-se diário. Esteve em atividade ininterruptamente até 1980 (Cytrynowicz, M.; Cytrynowicz, R., 2008).

Pode-se ter uma ampla visão do fato de que a revista *Aonde Vamos?* surgiu em um momento específico da história da imprensa no Brasil, o da mudança das relações da imprensa com o poder governamental de forma sistemática e repressora.

Constatou-se, também, que antes do período da ditadura de Vargas, houve uma imprensa judaica em francês, ídiche e português, que teve sua expressividade, mas não perenidade. As restrições sobre a imprensa em língua estrangeira obrigaram as comunidades étnicas a se organizarem e adaptarem-se, criando, muitas vezes, estratégias para sua continuidade. Durante o Estado Novo, a imprensa judaica, agora obrigatoriamente em português, não teve grande expansão, contou apenas com a revista *Aonde Vamos?*, no Rio de Janeiro, o jornal *Crônica Israelita*, em São Paulo, e com o jornal *Hatikva* – Órgão Oficial do Círculo Cultural Iavné (RS, 1944-1947), em Porto Alegre, criado no último ano do Estado Novo. No período, destacam-se os programas de rádios produzidos e voltados para os judeus brasileiros que estavam em atividade.

Na terceira fase da imprensa judaica publicada no Brasil, que corresponde ao período posterior ao término do Estado Novo, a *Aonde Vamos?* ganhou fôlego e se consolidou como publicação da comunidade judaica brasileira, muito provavelmente circulando também fora do círculo restrito ligado à origem étnica, uma vez que era escrita em português e teve ampla distribuição, como visto acima. Foi neste período que aconteceu a retirada de restrição aos jornais em língua estrangeira, o que não acarretou em alterações na *Aonde Vamos?*, que permaneceu sendo publicada em português.

Após o Estado Novo, a imprensa judaica publicada no Brasil pôde atuar de forma plena quando as restrições ao uso de língua estrangeira caíram e a desconfiança com os grupos estrangeiros no geral. Surgiu uma imprensa judaica, inclusive em ídiche, mas essa última com menos força. Como o jornal do *Iidiche Presse*, que retornou suas atividades e foi publicado até 1988; o *Polisher Id* (*O Judeu Polonês*, RJ, 1950-1959), A União dos Israelitas Poloneses no Brasil; o jornal *Di Brazilianer Idiche Tzaitung* (*O jornal Israelita Brasileiro*, RJ, 1952-2008), em ídiche e português. Seu proprietário, Jacob Parnes (Varsóvia, 1901–RJ, 1975), era também diretor do programa radiofônico A Hora Israelita.

Em São Paulo, após a retirada da legislação de restrição, alguns jornais em ídiche foram criados, como o *Der Neier Moment* (*O Novo Momento*, SP, 1947-1983) e o semanário *Unzer Stime* (*Nossa Voz*, SP, 1947-1964), bilíngue, produzido pelos judeus progressistas da comunidade de São Paulo, vinculado à Casa do Povo. Tinha perfil editorial alinhado aos ideais da esquerda sionista e não sionista, foi fechado pela ditadura civil-militar.

O problema do declínio do uso do ídiche tornou-se acentuado na segunda e terceira geração de imigrantes, aqui nascida e quase sempre educada e formada em escolas públicas e particulares da pátria adotiva. Para estas, a língua na escola, na rua, no local de trabalho ou no clube constituía um instrumento prático para a concepção e apreensão da realidade social mais ampla, geralmente mais atrativa e compensadora do que a do grupo restrito. Ainda segundo Henrique Rattner (1977), por volta de 1950, houve o aumento do peso e do papel da segunda geração na vida comunitária e diante do incontestável progresso dos membros da comunidade, em sua busca pela ascensão na vida econômica, social e cultural do país.

Para a primeira geração que conheceu a pujante vida judaica no Leste Europeu pré-guerra, com uma cultura judaica ídiche florescente e vigorosa, nesta fase, este mundo ídiche não existia mais, a não ser nas memórias e saudades de alguns. Mesmo com o ressurgimento de alguns impressos em ídiche ou português e ídiche, buscaram criar e educar os filhos, de acordo com os novos padrões locais ou nacionais, ou seja, a serem brasileiros.

Henrique Rattner (1977), em seu livro, afirma que em São Paulo, na década de 1950, parte do ensino nas escolas judaicas acontecia em ídiche; a partir dos anos seguintes, a língua foi preterida aos poucos até desaparecer por completo dos programas escolares. No livro a tabela n. 11 (Rattner, 1977, p. 131), aborda a distribuição judaica de São Paulo segundo idioma mais falados em casa, observa-se que 57,65% das famílias, em 1968, falavam o português como primeira língua em casa, e apenas 15,43% o ídiche como principal idioma aí usado. No entanto, em sua maioria, as famílias de imigrantes, ou descendentes destes, falavam mais de uma língua. Assim, o português foi citado por 33,24% e o ídiche por 27,46%, como segundo idioma falado em casa. Dessa forma, os membros da segunda geração e seus descendentes eram, em geral, falantes do ídiche e não leitores.

Sendo assim, a maior parte da imprensa judaica a partir de então era a publicada em português, a língua mais usada pelas novas gerações, os filhos dos imigrantes judeus que se estabeleceram em solo nacional, caso em que se inclui a *Aonde Vamos?*.

Após o período ditatorial, no entanto, a imprensa judaica brasileira pôde ressurgir com intensidade, mas, então, o uso do português já era a língua utilizada pelos novos títulos, em função de ser a língua falada pelas novas gerações e pelos imigrantes já familiarizados com o idioma nacional.

Para a revista *Aonde Vamos?*, foram anos de consolidação, principalmente em função de ter sido praticamente a única publicação com pretensões de ser o veículo para toda a comunidade judaica brasileira. Nesses anos em que houve a ampliação da rede dos representantes por todo Brasil. Como já citado, a sucursal paulista surgiu um mês depois da inauguração da revista, ou seja, em 22 de abril de 1943, mas as sucursais de Curitiba, Porto Alegre e Belo Horizonte aparecem somente em 25 de janeiro de 1945; as sucursais da Bahia e Recife, por sua vez, em 6 de abril de 1945; a de Belém figurou na edição de 5 de dezembro de 1946, ou seja, no período democrático, quando as restrições à imprensa às comunidades estrangeiras e o Estado Novo já tinham terminado. A última sucursal, a de Manaus, surgiu em 4 de setembro de 1947. A partir de então, em 18 de junho de 1953, passou a constar no cabeçalho da revista somente a sucursal São Paulo, sem nome do representante, com o endereço, acrescido da informação: “agentes em todo Brasil”. Nesse período, sua rede de representantes pelo Brasil já estava consolidada.

Acredita-se que a revista *Aonde Vamos?* contribuiu para a construção da identidade judaico-brasileira propriamente dita, ou seja, realizou a transição entre uma comunidade de imigrantes para uma comunidade plenamente inserida na sociedade brasileira.

Ainda, para finalizar, mas sem nenhuma intenção de abranger as publicações judaicas brasileiras, somente para salientar a diversidade das publicações em português que surgiram no período, destacam-se as seguintes publicações, que eram, assim como a *Aonde Vamos?*, empresas jornalísticas: A revista *Brasil – Israel*, mensário de divulgação e intercâmbio entre o Brasil e Israel (1949-1992, SP), contava com a seguinte equipe na primeira edição: diretor responsável, Sani Sirotski; diretor-superintendente, Bertha Kogan; diretor-secretário, Benno Milnitzki e responsável em NY, Raquel Kantor. Bertha Kogan, a idealizadora da revista, foi, também, sua última editora. Ela era irmã do jornalista Samuel Wainer, fundador do jornal *Última Hora* (RJ, 1951-1991).

A revista trimestral *Comentário* (RJ, 1960-1973), vinculada ao Instituto Brasileiro Judaico de Cultura e Divulgação, criado em 1956. A revista era financiada pelo *American Jewish Committee* (AJC)¹¹³ e seguiu o modelo da revista americana *Commentary* (NY, 1945-atual), liberal e anticomunista, que se tornou símbolo do neoconservadorismo a partir de 1960. No Brasil, a publicação reuniu grandes nomes da cultura nacional e internacional. Joseph Eskenazi Pernidji foi o diretor responsável entre os anos de 1960 e 1971.

A revista *Shalom* (SP, 1965-1996), mensal, que tinha alto índice de leitura entre não-judeus, em função, principalmente, de seu excelente nível, também merece destaque. Patrícia Finzi foi sua última diretora, entre os anos de 1969 e 1996. Era uma revista com conteúdo e linguagem tipográfica bastante moderna para a época. Foi a única revista publicada pela comunidade israelita que relatou o assassinato do jornalista Wladimir Herzog, nas dependências do DOI-CODI¹¹⁴, e o ato ecumênico na Catedral da Sé, na edição de novembro de 1975, na matéria “A morte de Herzog”, de Mirna Gleich Pinsky.

O jornal *Resenha judaica* (SP, 1970-1997), quinzenal, editado pela Congregação Israelita Paulista, foi sucessora da *Crônica Israelita*. Era uma empresa jornalística que no primeiro exemplar tinha como diretor responsável Dr. Jayme Pasmanik, redator-chefe, Oscar Nimitz e articulistas, Dr. Alfred Hirschberg e Walter Rehfeld. Foi um veículo de comunicação de grande penetração da comunidade judaica paulistana.

Essa análise possibilita um olhar de uma perspectiva mais ampla para apresentação de alguns de seus posicionamentos frente aos acontecimentos vivenciados pela revista.

¹¹³ Comitê Judaico Americano, organização internacional, sem fins lucrativos, criada em 1906, em Nova Iorque, para defesa dos direitos religiosos e civis dos judeus.

¹¹⁴ Destacamento de Operações de Informação - Centro de Operações de Defesa Interna (DOI-CODI) foi um órgão subordinado ao Exército de inteligência e repressão do governo brasileiro durante a ditadura que se seguiu ao golpe civil-militar de 1964.

b A revista e sua época

Serão apresentados um pouco do contexto e alguns dos posicionamentos da revista referentes aos acontecimentos mundiais e nacionais relevantes e ocorridos nos anos em que esteve em circulação, ou seja, de 1943 a 1977.

A revista surgiu do decorrer da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), durante o assassinato sistemático dos judeus pelos nazistas, denominado Holocausto. Muitas matérias sobre o assunto foram publicadas, além de ter sido disponibilizado bastante espaço, como a criação de uma seção especial para o tema, denominada Notícias de Guerra. A maioria das notícias versava sobre as frentes de guerra, muitas delas eram retiradas da imprensa inglesa, como a BBC ou a imprensa escrita londrina, uma vez que vinham antecedidas com a expressão “Londres”. As notícias sobre os campos de concentração e extermínio expressam com detalhes a gravidade da situação no transcorrer do tempo. Destaca-se, em geral, o ano de 1943, momento em que discutiram sobre trabalhos forçados, tortura e morte lenta de judeus. Informações e matérias referentes à guerra também ocuparam outros espaços da revista. Na edição de 29 de abril de 1943 (p. 16) foi publicada uma nota da agência holandesa Aneta, para interligados, que os alemães criaram outro campo de concentração só para judeus perto de Vught, na Holanda ocupada. E que a imprensa, sob controle dos alemães, anunciou a morte de vários judeus que estavam no campo de Westerbork. Esses dois campos tinham a função de trânsito, de onde partiam os trens para os campos de extermínio no Leste.

Também publicaram as ações no Brasil, como a criação do Centro Israelita de Socorro das Vítimas da Guerra (autorizado pela Cruz Vermelha), criado em 9 de maio de 1943. Um espaço gratuito ficou à disposição para divulgação de eventos, anúncios e comunicados de instituições de caráter beneficente e, principalmente, de auxílio às vítimas da guerra. Como foi o caso, por exemplo, do Centro Israelita de Socorro das Vítimas da Guerra, que a *Aonde Vamos?* noticiou comícios, reuniões, eventos de captação em prol do comitê e também as listas dos doadores e as quantias doadas.

As informações publicadas não se referiam somente à comunidade judaica, mas também aos cristãos perseguidos pelos nazistas. Essas informações, provavelmente, saíam na mídia internacional e eram replicadas na revista. Como, por exemplo, na edição de 16 de dezembro de 1943 (p. 21), foi publicada a matéria “Os horrores do Campo de Dachau”, que informou a repercussão na imprensa católica londrina do depoimento das condições terríveis desse campo descrito por um padre que conseguiu escapar do local. Ele relatou que ocorriam torturas, cujas

marcas eram visíveis em suas mãos, trabalhos forçados nas mais miseráveis condições, além de os que não se mostrassem aptos ao trabalho imposto pelos nazistas eram assassinados.

Na edição de 22 de junho de 1944 (p. 13, 19, 20, 21 e 22) foi publicada com grande destaque “a primeira descrição direta que foi possível obter sobre os acontecimentos que se deram no campo de extermínio de Treblinka”. A matéria: “O que aconteceu em Treblinka”, era assinada “Por um que fugiu” e a indicação que ela havia sido extraída da publicação *Mundo Israelita*. O relato começa em 1939, cujo pano de fundo é a cidade de Lodz, na Polônia, onde vivia o narrador. São apresentadas as transformações ocorridas na sua vida e na dos judeus poloneses, com inúmeras migrações para outras cidades, como Varsóvia, destinados a vários campos de concentração, cujo transporte era realizado em vários trens, que se encaminhavam lotados para o destino. Por último, ele foi para o campo de Treblinka. No campo, conta com detalhes a brutalidade da chegada, a ocorrência de valas com corpos queimando, pilhas de mortos, condições degradantes, porque os barracões estavam lotados. As chegadas diárias de trens repletos de judeus e partidas de pessoas que nunca mais foram vistas, por exemplo, era a regra. O depoente conseguiu fugir do campo, com mais dois jovens, que se esconderam nas pilhas de roupas à noite, quando a patrulha era menor e em períodos de tempo regulares. Depois de passarem por três arames farpados, dormiram no bosque. Andaram por três dias até Varsóvia, onde se encaminharam para o Gueto. O narrador conseguiu documentos arianos, teve encontro com contrabandistas, foi abandonado no meio do bosque, mas, por fim, em fevereiro de 1943, atravessou a fronteira.

Outra publicação, nas edições de 6 e 13 de julho de 1944, do documento: “Um relatório da Polônia – relatório sobre o movimento operário subterrâneo israelita na Polônia”, contou com duas páginas, 16 e 21, na edição do dia 6, e quatro, 16, 20, 21 e 22, na do dia 13. Esse relatório foi enviado para o sr. Scherer, membro do Conselho Nacional Polonês em Londres, pelo representante do movimento subterrâneo do Bund, sobre as atividades judaicas para socorrer seus conterrâneos em terras ocupadas pelos nazistas. O documento foi assinado pela Chefia Central, com destaque ao representante do Comitê Central do “BUND”, Varsóvia, 15 de novembro de 1943. O texto publicado na *Aonde vamos?* foi uma reprodução do jornal ídiche *Undzer Tzait*, de Nova Iorque.

O relatório em si consistia no levantamento dos locais e dos dados demográficos dos judeus ainda vivos nos guetos e também dos que foram mortos. Ademais, locais onde os judeus viviam ou se abrigavam temporariamente: campos de trabalhos forçados; florestas; bairros arianos, através de apresentação de documentos falsos; campos de concentração para estrangeiros, e até havia quem tivesse conseguido cidadania paraguaia ou de outro país Latino-

americano. Apresenta o objetivo do comitê, que, primordialmente, era salvar os judeus sob ocupação nazista. Elenca as ações já realizadas pelo comitê de coordenação e a organização judaica em luta e as propostas de ações futuras.

O mesmo documento contém um relatório financeiro, realizado por uma Comissão Fiscal, que atualizava as atas mensalmente com as entradas e saídas dos recursos financeiros. As entradas somam 1.850.00 zlotys (moeda polonesa) ou \$45.000 (dólares). Maior detalhamento foi dado às despesas: empréstimos: \$5.000 aos camaradas do antigo gueto de Varsóvia, para “manutenção pessoal, preparativos para o levante, gasto com a imprensa, etc.”; \$2.000 pago a” direção.....”; \$ 1.000 para o *Poalei Tzion* de esquerda; \$ 3.000 para o *Poalei Tzion* de direita; \$ 400 para o Comitê de Coordenação e à Organização Judaica de luta; \$ 3.000 devolução do empréstimo do Comitê Nacional Judaico; despesas para atividades fixas (sustento de centenas de famílias, aluguéis, roupa, calçado, auxílio médico, resgate de pessoas da prisão, resgate de chantagistas, auxílio para famílias sobreviventes) referente ao período de outubro de 1942 a julho de 1943, \$ 2.500, por mês, total \$ 33.450. O relatório ressalta que nenhum membro do comitê ou seus familiares recebem qualquer tipo de auxílio financeiro, que o Comitê se encontra deficitário e o prognóstico era que cada vez mais as despesas aumentariam. Dessa forma, pede auxílio financeiro para suas atividades ao Conselho Nacional Polonês em Londres.

Foram publicadas, também, semanalmente, listas de sobreviventes por localidade, por exemplo, de Vilna, de Rovno e assim por diante, a partir da edição de 14 de agosto de 1944. Publicaram-se, além disso, listas de pessoas procuradas divulgadas pelas instituições internacionais, cuja intenção era atualizar os leitores sobre os destinos e as soluções para os refugiados. Pode-se verificar uma intensa circulação de informações para inteirar os judeus brasileiros sobre o que ocorria na Europa, Norte da África e Oriente Médio. Também foram amplamente divulgadas as resoluções das organizações internacionais judaicas e não judaicas.

Observou-se uma grande rede de informações e de sociabilidade durante a guerra, para auxílio subterrâneo aos judeus sob jugo nazista e em torno da questão dos refugiados, com atualizações das resoluções mundiais e institucionais sobre eles, seus deslocamentos, listas por cidade ou país, familiares em busca de parentes, sobreviventes em busca de familiares estabelecidos no Brasil.

A revista publicou, com destaque na página do editorial, a libertação de duas cidades, Varsóvia, em 25 de janeiro de 1945, e Berlim, em 3 de maio de 1945. Sobre a primeira, consta o título: “Varsóvia redimida”, que salientou a respeito da libertação da cidade não se tratar de um grande feito estratégico, porque lá só foram encontradas ruínas. “Não há - disse um correspondente de guerra que entrou na capital da Polônia, logo após as vanguardas do exército

vermelho – não há na cidade uma rua que pareça rua. Só ruínas”. Mas, não se pode esquecer, que a libertação da cidade significava redenção, pois Hitler via Varsóvia como a nova Jerusalém, capital do mundo judaico. O artigo finaliza nos seguintes modos:

Embora Varsóvia não fosse Jerusalém, ali podia também afirmar-se o indomável espírito do povo judeu e criar uma epopeia inteiramente digna de Israel. E assim viu o mundo que o espírito era imortal, e tanto brilhava junto ao trono dos reis e ao pé do Tabernáculo e na lâmina da espada de Josué, como na escura miséria do mais miserável bairro do mundo.

As cidades não são feitas apenas de pedra e barro, de cimento e aço, mas principalmente de tradições, e as da capital polonesa atravessarão todos os séculos (Varsóvia [...], 1945, p. 3).

Sobre a segunda cidade, Berlim, a matéria apresentou o seguinte título: “Berlim ocupada pelos russos – daqui arranca um novo período da história”, o artigo ressalta que após a lenta vitória em Stalingrado, as que se seguiram até a ocupação de Berlim não foram encaradas com surpresa. Condição diversa da ocupação da cidade pelo exército vermelho, que, de fato, era tida como um grande feito e, por isso, merecia uma reflexão mais profunda.

Este é um marco fundamental do novo período da história da humanidade, e por muitos séculos o que suceder na política do mundo trará o colorido desse fato: os russos em Berlim, os russos no coração da Europa supercivilizada, o esboroamento da civilização teutônica e o nascimento de uma nova civilização.

Amanhã começará a reconstrução do mundo. É um fardo muito mais pesado do que a destruição do mundo de Hitler, de Himmler, do mundo da opressão, da mentira, das perseguições, dos massacres, dos campos de concentração e da loucura coletiva. Sabemos que é uma grande tarefa. Mas temos o direito de parar um momento para meditar no que ficou atrás (Varsóvia [...], 1945, p. 4).

A revista, não é de se admirar, manifestou grande entusiasmo pela derrota nazista, mas sem perder de vista a tragédia que havia sucedido e o preço alto que seria reconstruir um mundo novo após a guerra.

Ao final da Segunda Guerra Mundial, para Dina Lida Kinoshita (2000), apesar da polarização imediata com a Guerra Fria, o fato de a URSS e de os EUA terem se unido para derrotar um inimigo comum, os nazistas, e o país russo ter apoiado a criação do Estado de Israel, em 1948, criou-se um breve período no pós-guerra, no qual judeus de várias tendências ideológicas tornaram-se simpáticos à esquerda.

Para melhor compreensão dessa problemática será necessário entender o surgimento do movimento nacionalista judaico, que desempenhou um grande papel na história da Europa desde o século XIX. A ideia essencial era que cada nação tinha o direito à sua soberania, o que

estimulou a preocupação com a herança nacional de cada povo. Essa problemática, naturalmente, influenciou as comunidades judaicas estabelecidas na Europa naquele período. Outros elementos contribuíram para a reflexão da questão judaica, como a emancipação dos judeus nos países da Europa Ocidental¹¹⁵, o forte antissemitismo e os pogroms no Leste Europeu. Muitas propostas surgiram como desdobramento dessas reflexões, mas se pode, de forma simplificada, reduzi-las a duas: o sionismo moderno, com todas as suas tendências e linhas da direita à esquerda, que era um movimento de libertação nacional, e o estabelecimento na Terra Ancestral desse povo; a outra proposta era progressista, vinculada aos sociais democratas e socialistas, que propunham autonomia cultural das comunidades judaicas nos países onde estivessem estabelecidos e era centrada na cultura ídiche. Acreditavam que seria a experiência socialista, e não a sionista, a solução para a “questão judaica”.

Apesar dessas duas posturas antagônicas, a União Soviética e as Repúblicas Populares deram um firme apoio na ONU à criação do Estado de Israel. Forneceram, em grande medida por parte da Tchecoslováquia, as armas utilizadas pela *Haganá* (organização militar judaica na Palestina, precursora do exército do Estado de Israel). Afinal, a criação do Estado judeu afetaria os interesses imperialistas, dentro do contexto da Guerra Fria, numa região altamente estratégica, a saber: o Oriente Médio.

A criação do Estado de Israel significou, somente depois, na década de 1950, ponto de inflexão na história do povo judeu. O impacto desse evento foi sentido em todas as comunidades espalhadas pelo mundo, inclusive no Brasil, e a *Aonde Vamos?* foi um dos órgãos muito atuantes para a difusão desta pauta na discussão da comunidade brasileira, como foi possível constatar nos exemplos acima, que demonstram o destaque dado aos assuntos relacionados à criação de um estado judeu. No campo internacional, a luta pelo apoio à criação do Estado de Israel fez-se quase concomitantemente à tentativa da adoção de uma posição mais homogênea, de algumas correntes, com vistas a minimizar as várias tendências ideológicas em prol da consolidação e defesa do novo Estado. Nessa conjuntura, as correntes sionistas de centro e direita procuravam deslegitimar posições não sionistas e sionistas de esquerda.

As relações de apoio entre URSS e Israel mudaram, explicitando, assim, uma reorganização de interesses do Oriente Médio e das comunidades do Leste Europeu no âmbito

¹¹⁵ A Revolução Francesa proclamou o reconhecimento dos judeus como cidadãos da França, o que significa explicitamente sua integração ao povo francês e ao mesmo tempo a recusa de reconhecer um povo judeu, com referências judaicas. Na Europa Ocidental, o reconhecimento dos judeus com cidadãos ou a emancipação que se deu em 1789, na França; 1812, na Prússia; 1834, nos Países Baixos; 1835, na Suécia; 1856, na Suíça; 1867, no Império Austríaco; 1871, na Alemanha; de 1833 até 1841, portanto, por etapas, na Inglaterra. Na Rússia, por sua vez, a emancipação deu-se em pleno século XX, em 1917, com a Revolução Russa (Morin, 2007).

da Guerra Fria. O primeiro momento deu-se nos anos 1950, devido a uma série de fatores. Os mais importantes referem-se ao fato de, no contexto da Guerra Fria, o Estado de Israel ter optado por estar do lado do mundo ocidental¹¹⁶ e à denúncia dos crimes cometidos sob o regime de Stalin – entre eles, o assassinato dos médicos e escritores judeus soviéticos e o processo de Slanski e Arthur London na Tchecoslováquia — revelados por intermédio do relatório de Krushev no XX Congresso do PCUS. Como consequência, os sionistas de esquerda e, mais tarde, outros grupos judaicos socialistas, que participavam das organizações do ICUF¹¹⁷, retiraram-se. Essa posição pelo lado ocidental consolidou-se com o tempo, porque Israel, após a Guerra do Canal de Suez, entrou em confronto com seus vizinhos em 1967, na conhecida Guerra dos Seis Dias¹¹⁸, e, em 1973, na Guerra de Yom Kipur¹¹⁹. Israel não resolveria a questão com a população palestina, que se tornaria uma problemática relevante do ponto de vista nacional e internacional. Servindo de pêndulo, até hoje, para definição partidária, os partidos e grupos de esquerda posicionam-se a favor do diálogo e predispostos ao reconhecimento e à concessão das reivindicações palestinas. Os partidos e grupos de direita mantiveram-se contra qualquer diálogo e reconhecimento palestino (Calandrin, [s. d.]).

Israel, desde sua fundação, foi uma República Parlamentarista baseada no sufrágio universal e na representação proporcional. O sistema de governo de Israel baseia-se em várias leis básicas decretadas por seu parlamento, o *Knesset*. O presidente (chefe de Estado) é eleito pelo *Knesset*, já o primeiro-ministro (chefe de governo) exerce o poder executivo e é escolhido pelo presidente como líder do partido político que tiver mais representatividade (Shapira, 2018).

¹¹⁶ Um marco dessa mudança de posicionamento foi a Guerra do Canal de Suez, em 1956, ocasionada a partir do fato de o presidente egípcio Gamal Abdel Nasser, com o apoio da URSS, ter nacionalizado o Canal de Suez, única ligação entre o Mediterrâneo e o Mar Vermelho e principal escoadouro de petróleo dos países árabes na Europa. O canal estava sob controle do capital privado de origem britânica e francesa. Israel posicionou-se do lado da França e Inglaterra, invadiu a Península do Sinai, que pertencia ao Egito; a França e a Inglaterra, por sua vez, ocuparam e assumiram o controle do canal. A guerra durou apenas uma semana, mas forças invasoras foram retiradas em um mês, sob a supervisão das tropas das Nações Unidas. Como resultado, o Egito alinhou-se firmemente com a União Soviética, que armou o país africano e outras nações árabes (Shapira, 2018).

¹¹⁷ ICUF (*Idisher Cultur Farband*) é uma Associação Cultural Judaica criada em 1937, como desdobramento do Congresso dos Escritores Antifascistas, realizado em Paris no ano de 1935.

¹¹⁸ Gamal Abdel Nasser, presidente do Egito, fechou o estreito de Tiran, única ligação de Israel com o Mar Vermelho e enviou tropas ao Sinai. Em resposta, Israel mobilizou-se, no dia 5/6/1967, quando organizou um ataque aéreo destruindo as bases egípcias, seus aviões e de seus aliados, a Síria e a Jordânia. Assim começou a Guerra dos Seis Dias, sendo que após esse momento, Israel teve uma vitória e exigiu da ONU uma intervenção para o cessar-fogo. Israel abriu a passagem pelo estreito de Tiran e reunificou Jerusalém sob sua autoridade, que estava dividida desde 1949 (Shapira, 2018).

¹¹⁹ No *Yom Kipur*, 6/10/1973, o dia mais importante do calendário judaico, Anwar Sadat, presidente do Egito, com apoio da Síria, realizou um ataque surpresa a Israel na tentativa de recuperar os territórios perdidos na Guerra dos Seis Dias. Foi o início da Guerra de *Yom Kipur*. Os árabes conquistaram as colinas de Golã e um trecho do Sinai. Israel recebeu apoio dos EUA e da ONU, começou a negociar um cessar-fogo, houve um acordo entre Egito e Israel, mas, para Israel, as críticas e as perdas foram grandes (Shapira, 2018).

Todos os primeiros ministros de Israel, de sua fundação até 1977, pertenciam ao MAPAI¹²⁰, partido político social democrata, sionista trabalhista, de centro-esquerda. Em 1968, o MAPAI transformou-se no Partido Trabalhista, conhecido em Israel como *Ha-Avoda*, apresentando as mesmas características do MAPAI. No governo foi substituído, em 1977, pelo *LIKUD*¹²¹ (União, em hebraico), partido que, na época, congregava legendas de centro-direita e da direita conservadora. O *LIKUD* representava os sionistas revisionistas e outros grupos sionistas de direita, era oposição ao MAPAI/*Há-Avoda* desde a década de 1940.

A *Aonde Vamos?* defendia e divulgava em suas páginas o sionismo revisionista e o geral, ou seja, seguia uma linha conservadora. O Movimento Sionista Revisionista era a ideologia, dentro das inúmeras linhas sionistas, que fazia oposição aos sionistas socialistas e trabalhistas. O ideólogo desta corrente foi Vladimir Jabotinsky (Odessa, 1880 – Nova York, 1940), conhecido como Ze'ev Jabotinky. Foi ativista, escritor, tradutor, poeta, jornalista e militar. Fundou, em Odessa, a Organização de Autodefesa Judaica e ajudou a formar a Legião Judaica do exército britânico na I Guerra Mundial (Ze'ev [...], 2008.).

Eles acreditavam que o Estado de Israel só surgiria pela força, com bases paramilitares para combater os ingleses estabelecidos na Palestina (depois de 1917) e os árabes palestinos que resistiam à criação do Estado. Identificavam-se como direita tradicional, não religiosa e nacionalista judaica. Estavam focados na luta pela criação de Israel sem a ajuda internacional, que era a proposta do sionismo político de Theodor Herzl e Chaim Weizmann. Seu principal objetivo político era manter a integridade territorial histórica de Israel e estabelecer um estado judeu com maioria judaica nos dois lados do rio Jordão (Sionismo [...], [s. d.]).

O Revisionismo Sionista surgiu da discórdia dentro da Organização Sionista Mundial, quando houve discordância com relação às diretrizes do movimento, que culminou na separação dos órgãos oficiais do sionismo, na década de 1920. Foi criada uma organização separada. Para difundir a nova proposta, Jabotinsky e seus aliados criaram as seguintes organizações: o Movimento Juvenil Betar, em 1923; o braço político Organização Revisionista Sionista, em 1925; o grupo paramilitar *Irgun*, abreviação em hebraico de Organização Militar Nacional, em 1931 (Shapira, 2018). O principal herdeiro político do movimento revisionista foi o partido *Herut*, que, nas décadas seguintes, uniu-se a legendas menores e formou o Likud.

¹²⁰ MAPAI era um partido sionista social democrata, em Israel, dominante na política israelense até sua fusão com o moderno Partido Trabalhista, em 1968. Durante seu governo, o MAPAI promoveu o estabelecimento de um estado de bem-estar, proporcionando renda mínima, segurança e acesso gratuito (ou quase gratuito) a subsídios habitacionais e serviços de saúde e sociais. O partido foi fundado em 5/1/1930, pela fusão do Hapoel Hatzair e o Ahdut HaAvoda original (fundado em 1919 pela ala direita, do socialista sionista Poale Zion, de Ben-Gurion).

¹²¹ O *LIKUD* foi criado em 1973, por meio de uma coalizão liderada pelo partido *Herut* (Liberdade, em hebraico), que era o maior partido político de direita em Israel.

O jornal *New York Times* publicou uma nota assinada por 24 judeus proeminentes, condenando Menachem Begin e o seu partido *Herut*, durante uma visita de Begin à Nova York. Na nota, eles comparavam a corrente do sionismo revisionista aos “partidos nazistas e fascistas”, a carta foi assinada por Albert Einstein, Hannah Arendt, Sidney Hook e outros importantes judeus americanos:

Entre os mais perturbadores fenômenos políticos dos nossos tempos está a emergência, no recentemente criado Estado de Israel, do ‘Partido da Liberdade’ (*Herut*), um partido político muito semelhante em sua forma de organização, métodos, filosofia política e apelo social aos partidos nazistas e fascistas. Ele foi formado sem sociedade e seguindo o antigo *Irgun Zvai Leumi*, uma organização paramilitar atuante no Mandato Britânico (Abramowitz, 1948, p. 12).

Os dados acima dão subsídios para melhor compreender a linha editorial defendida pela *Aonde Vamos?*. Para Alberto Dines, por exemplo, importante jornalista brasileiro judeu que trabalhou em vários veículos de propriedade da colônia, tais como os de Adolpho Bloch e Samuel Wainer, entre outros, a revista era tão influenciada por essa perspectiva ideológica de extrema direita que, numa entrevista, definiu a *Aonde Vamos?* dentro desse espectro entre as várias possibilidades das correntes sionistas.

[...] era uma revista nacionalista judaica, mas de extrema-direita, sionista e muito crítica do establishment judaico daqui e de Israel. Era contra a coligação que fez o Estado de Israel entre a social-democracia e os centristas, digamos, o pessoal do Ben-Gurion e o pessoal Chaim Weizman (Leal; Grin; Caraciki; Nova; Koifman, 2013, p. 3-12).

A outra corrente ideológica defendida pela *Aonde Vamos?* era o Sionismo Geral (General [...], [S. d.]), que, inicialmente, se referia à maioria dos membros da Organização Sionista que não eram filiados a um partido ou pertenciam às organizações sionistas. O termo foi usado, pela primeira vez, no Congresso Sionista de 1907, para designar delegados que não eram filiados ao sionismo trabalhista nem ao sionismo religioso. No entanto, em 1922, vários grupos e indivíduos estabeleceram a Organização dos Sionistas Gerais como um partido não ideológico dentro da Organização Sionista, quando o movimento sionista estava se tornando polarizado entre Sionistas Trabalhistas e Sionismo Revisionista. Os Sionistas Gerais identificaram-se com as crenças europeias liberais e da classe média na propriedade privada e no capitalismo. Em 1929, fundaram uma organização mundial, realizando sua conferência em 1931. Nessa conferência, abriram-se divisões entre a ala da direita conservadora e aqueles que sustentavam pontos de vista moderados. Eles estavam divididos em questões sociais,

econômicas e trabalhistas (por exemplo, a *Histadrut*¹²²). Os Sionistas Gerais moderados apoiavam as políticas econômicas do Sionismo Trabalhista e toleravam a abordagem de Chaim Weizmann com os britânicos. Os Sionistas Gerais conservadores, de outro modo, rejeitavam o socialismo e eram contra a política britânica na Palestina. Após a independência do Estado de Israel, a distância entre os dois grupos aumentou. Os Sionistas Gerais moderados ajudaram a formar o Partido Progressista, em 1949, e fizeram coalizão com o partido do governo, o MAPAI. Os Sionistas Gerais conservadores concorreram por sua própria legenda e permaneceram na oposição à direita do MAPAI.

O partido Sionista Geral apoiou a iniciativa privada, a suspensão do apoio estatal às instituições coletivas e o fim do controle da economia pela *Histadrut*. No entanto, favoreceu a *Histadrut* no controle de vários aspectos da economia e do bem-estar social. Também apoiou um sistema unificado de educação e uma constituição escrita para consagrar a liberdade democrática e os direitos civis. Era secularista, embora menos que o Partido Progressista.

No ano de 1951, após tornarem-se o segundo maior partido do Knesset, adquiriram inúmeros afiliados quando o partido das Comunidades Sefaraditas e Orientais¹²³ e a Associação Iemenita¹²⁴ fundiram-se aos Sionistas Gerais. Em 1961, a parte conservadora do partido juntou-se à legenda *Herut*, formando o atual Likud. A outra parte moderada juntou-se ao Partido

¹²² A *Histadrut* ou Organização Geral dos Trabalhadores, fundada em 1920, em Israel, foi uma das mais poderosas instituições do Estado e um dos pilares do movimento trabalhista sionista. Além de sindicato, sua atuação na construção do Estado a fez proprietária de um número de empresas e fábricas, o que permitiu que a considerassem, por um tempo, o maior empregador do país. Somente quando Israel afastou-se de uma economia estatizante que a *Histadrut*, juntamente com o governo, deixou de ser a proprietária da maior parte da economia do país. Através de seu braço econômico, *Hevrat HaOvdim* (Sociedade de Trabalhadores), era proprietária e administrava uma série de empresas, incluindo o maior grupo empresarial do país e também o maior banco, o *Hapoalim*. O setor de serviços israelense foi completamente dominado pelo *Histadrut* e pelo governo, sendo que a *Histadrut*, em grande medida, teve domínio sobre o transporte público, agricultura e seguros. Também possuía os serviços de saúde de Israel e a Organização de Manutenção da Saúde. Com a crescente liberalização e desregulamentação da economia israelense desde a década de 1980, o papel e o tamanho do *Histadrut* diminuíram. Uma grande mudança no poder teve lugar em 1994, quando o Partido Trabalhista perdeu a sua liderança e o seu papel de governo. A partir de então, a *Histadrut* começou a funcionar apenas como um sindicato (*Histadrut* [...], [s. d.]).

¹²³ Partido das Comunidades Sefarditas e Orientais representava os judeus sefarditas (originalmente, da Península Ibérica) e os judeus orientais, das comunidades que viviam no Oriente Médio, que já viviam em Israel, na época da Independência, que faziam parte do governo provisório em 1948-1949. O partido ganhou quatro cadeiras nas eleições, em 1949 (*Sephardim* [...], [s. d.]), juntando-se ao governo de David Ben-Gurion do MAPAI. Em 10 de setembro de 1951, afastado do MAPAI, o partido fundiu-se com os Sionistas Gerais, então o segundo maior partido do Knesset. Mais tarde, os Sionistas Gerais fundiram-se com o Partido Progressista para formar o Partido Liberal, que foi, por breve período, o terceiro maior partido de Israel, antes de se fundir com *Herut* para formar *Gahal*, que, posteriormente, tornou-se o Likud (*Sephardim* [...], [s. d.]).

¹²⁴ A Associação Iemenita foi um partido político, em Israel, fundado por judeus iemenitas, em 1923. Participou das primeiras eleições em 1949, quando ganhou uma cadeira no Knesset. Em 10/9/1951, fundiu-se com os Sionistas Gerais, parte minoritária do partido que rompeu com a fusão. Posteriormente, a fusão dos Sionistas Gerais e do Partido Progressista formou o Partido Liberal, que se tornou o terceiro partido do Knesset, em 1961. O Partido Liberal aliou-se ao *Herut* para formar o *Gahal*, que se tornou o Likud (*Yemenite* [...], [s. d.]).

Progressista, formando o Partido Liberal. Este último, por sua vez, em fins dos anos 1980, uniu-se ao moderno Partido Trabalhista.

Nos anos iniciais da revista, durante a Segunda Guerra Mundial, e logo após seu término, a luta sionista publicada em suas páginas girava em torno da defesa da criação do Estado de Israel, com publicações como, da luta pela revogação do Livro Branco¹²⁵, que impôs limites de imigração judaica, transferência de terras, entre outras restrições. Ressaltava a contribuição judaica para vários setores da sociedade do mandato Britânico, na Palestina. Como, por exemplo, a matéria: “Perspectivas industriais de Eretz Israel”, de 22 de novembro de 1945 (p. 18).

Em geral, nos primeiros anos da revista até a criação do Estado de Israel, as matérias traziam opiniões de cúpulas governamentais e também a respeito do desenvolvimento econômico promovido pela presença judaica na Palestina. Procurava-se, dessa forma, defender para o seu público a importância da criação de Israel. A revista publicou na íntegra o Relatório do inquérito Anglo-americano sobre a Palestina, que contou com a seguinte nota: “Superando todas as dificuldades e empecilhos, *AONDE VAMOS?* tem a satisfação de apresentar neste suplemento a tradução em português do texto completo do relatório uma semana após sua publicação em Londres e Nova York”. O texto foi dividido em três exemplares, o primeiro, em 9 de maio de 1946, ocupou nada menos que trinta e uma páginas da revista e continuou nas duas edições subsequentes, com número de páginas reduzido, apenas seis. O relatório, após levantamento minucioso, recomendou que o Livro Branco fosse revogado e que fossem imediatamente recebidos cem mil refugiados judeus na Palestina. O entusiasmo foi tanto que a revista publicou, em 23 de maio (p. 8) a notícia: “Os revisionistas anunciam em breve um governo judaico”, que reproduziu uma entrevista de L. Altman, presidente executivo da Nova Organização Sionista. No entanto, a Inglaterra rejeitou o relatório fundamentado na reação dos árabes, que se opuseram com veemência ao documento.

A luta pela imigração para o futuro estado judaico era na revista, primordialmente, para os refugiados, que não tinham para onde ir após o final da Segunda Guerra Mundial. Não havia uma campanha para que os judeus norte-americanos ou latino-americanos imigrassem para a então Palestina para construir em loco o novo Estado.

Na revista, foram publicadas de forma enaltecida as manifestações brasileiras em prol da criação de Israel, principalmente no Rio de Janeiro e em São Paulo. O que gerou muitos conflitos no movimento sionista nacional, foi a criação da Organização Sionista Unificada do

¹²⁵ Nota na seção “Notícias de última hora: Revogação completa do Livro branco”, edição 25 de abril de 1946, p. 21.

Brasil, que, em sua primeira conferência, em 29 de abril a 1 de maio de 1946, estabeleceu que não teria representação por partidos políticos e que a adesão seria individual. Postura contrária à da revista, que criticava abertamente a organização. No entanto, ainda que se posicionasse contrariamente, publicava e participava das campanhas em prol de Israel promovidas ou não pela organização. Como, por exemplo, a campanha da venda do *Shekalim*¹²⁶, para os representantes da Organização Sionista Mundial. Sobre a campanha de 1946 o texto publicado considerou nos seguintes termos:

A atualidade sionista no Rio de Janeiro

Dentro em poucos dias estará encerrada a venda do Shekolim. Parece incrível, mas até hoje o pequeno grupo de ‘ditadores’ sionistas do Rio de Janeiro nada publicou sobre a campanha eleitoral, as instruções de registro de candidatos [...] que não se degrade os judeus do Brasil no momento máximo com a nomeação ditatorial de quaisquer delegados (Atualidade [...], 1946, p. 27).

A revista classificou a participação no Congresso Sionista Mundial como representante, ou seja, como o momento máximo de um sionista brasileiro, o que contribui como pista da sua perspectiva do que era sionista, uma vez que não realizava campanha de imigração em massa para o futuro Estado. Numa matéria do *Nachlat Yehudei Brasil*¹²⁷, de 23 de julho de 1946, manifestou concordância com a opinião da revista de que “os judeus do Brasil expressassem sua solidariedade para com Eretz Israel e seus sentimentos de profundo amor ao Brasil, fundando na Palestina uma colônia em homenagem ao Brasil”. Dessa forma, as atividades dos sionistas brasileiros, segundo a *Aonde Vamos?*, deveriam ser de apoio ao Estado, com contribuições financeiras, participação partidária e nas instituições sionistas. Eram publicados com frequências as campanhas pró-Israel, antes e depois da fundação do Estado. Como a campanha da *Hagana*, com a seguinte chamada: “A *Hagana* necessita do reforço da retaguarda ativa no *Galut*”¹²⁸, de 4 de março de 1948 (p. 21), às vésperas da criação do Estado. Então, a *galut*, ou seja, os judeus estabelecidos fora de Israel tinham uma função a desempenhar, sem a necessidade de emigrarem para o novo Estado. A revista também publicou, entre outras, as campanhas da *Magbit*¹²⁹, a partir de 1954.

¹²⁶ *Shekalim* é o plural de *Shekel*, antiga unidade de peso e valor. Foi adotado como moeda pelos sionistas, ele era comprado e em troca o comprador teria o direito de voto na eleição do presidente da Organização Sionista Mundial, para delegados representantes dos países participantes dos Congressos Sionista. No Estado de Israel, o *Shekel* tornou-se moeda nacional.

¹²⁷ *Nachlat Yehudei* (Propriedade judaica). A esse respeito não foram encontradas maiores informações, mas deveria ser uma organização sionista internacional que também atuava no Brasil.

¹²⁸ *Galut* (exílio, diáspora) o termo refere-se às comunidades judaicas espalhadas pelo mundo, fora de Israel.

¹²⁹ O Fundo Comunitário Israelita do Rio de Janeiro iniciou suas atividades em 1952, com o nome de *Magbit*. A partir de 1974, passou a utilizar seu nome atual.

No Brasil, as atividades sionistas foram apresentadas na revista, no geral, com bastante ironia e sarcasmo. Como podem ser verificados, por exemplo, nos títulos das matérias: “Monólogos sionistas no Rio de Janeiro”, de 6 de março de 1947 (p. 7), sobre uma reunião para troca de ideias de atividades futuras; “Encenação da segunda sessão de ‘Monólogos sionista’, sobre o mesmo evento”, em 27 de março de 1947 (p. 7); “Acabou em tumulto o ‘meeting’ da OJSUB¹³⁰, gritos, protestos e pancadaria no auditório da ABI”, todos os oradores pertenciam ao grupo sionista-laborista, sobre um evento convocado pelos grupos sionistas progressistas contra os grupos terroristas sionistas, na Palestina. Segundo o texto, grupos apoiadores e contrários foram ao encontro, quando uma oradora sionista trabalhista ressaltou que Israel seria construído pela imigração, que não seria preciso derramamento de sangue, dessa forma, defendendo a *Haganá*¹³¹ e fazendo uma crítica ao *Irgun*, começou o desentendimento geral. A revista considerou uma provocação à convocação do *meeting*. No entanto, publicou na mesma edição, na página 22, a resposta da OJSUB, cujas críticas eram bastante fortes ao próprio Aron Neumann, às suas publicações na revista e ao seu comportamento no evento, que, segundo o texto, foi um dos que mais protestou contra a sua realização.

A partir de 1947, iniciou-se amplo debate sobre a Partilha da Palestina. A Organização das Nações Unidas (ONU), em 1947, a pedido do Reino Unido, criou o UNSCOP (*United Nations Special Committee on Palestine*), para elaborar o plano de partição da área do Mandato Britânico da Palestina. Numa sessão da ONU, realizada em 29 de novembro de 1947, presidida por Oswaldo Aranha, foi votada e aprovada a partilha da Palestina, que seria realizada de forma gradual. A Agência Judaica aprovou a resolução, apesar de ter ficado insatisfeita com as restrições à imigração judaica da Europa e os limites territoriais do futuro estado judeu, menores que os 65% adquiridos. Os árabes palestinos e os Estados Árabes declararam sua oposição a qualquer plano de partilha que propusesse a separação, segregação ou divisão do seu país ou que atribuíssem direitos ou estatutos especiais e preferenciais a uma minoria.

A revista *Aonde Vamos?* acompanhou todo processo, realizando análises dos possíveis votos de cada país, as reações dos árabes palestinos, enviando, entre outras medidas, jornalistas correspondentes. Apesar do clima de euforia, a revista deu amplo espaço às opiniões dos líderes revisionistas, quando publicou matéria de página inteira sobre a opinião da Organização Sionista Revisionista Unida do Brasil, salientando que era totalmente contra a partilha, pois considerava que teriam direito a todo território (*Aonde Vamos?*, 1947a, p. 27). Em duas edições

¹³⁰ OJSUB, Organização Juvenil Sionista Unida Brasileira.

¹³¹ *Hagana* (Defesa) foi uma importante organização paramilitar judaica durante o Mandato Britânico na Palestina, entre 1920 e 1948. Com a criação do Estado, tornou-se as Forças de Defesa de Israel – IDF.

seguintes, a Organização Sionista Revisionista Unida do Brasil publicou nota de meia página do Comitê Central do Rio de Janeiro, intitulado “Insistimos”, em que se lia a recusa veemente da divisão da Palestina, pois, entre outros argumentos, acreditavam na profecia bíblica do profeta Isaías, ou seja, a do retorno do povo à sua terra de forma integral. De outro modo, tratava-se da proposta dos sionistas de direita (Insistimos [...], 1947, p. 10).

A declaração de Independência de Israel, em 14 de maio de 1948, desencadeou, em menos de 24 horas, o ataque dos exércitos do Egito, Jordânia, Síria, Líbano e Iraque, iniciando a chamada Guerra de Independência de Israel, para judeus, e *al-Nakba* (Catástrofe), para os árabes. Durou aproximadamente 15 meses, período em que a revista publicou, já em 22 de abril de 1948, que na sessão do Comitê de Ação Sionista tinha sido determinada a criação de uma autoridade central, porque no dia 15 de maio seria estabelecida a Independência do Estado de Israel. Na sessão foi lida a Declaração de Independência do Estado de Israel aos presentes.

A edição de 20 de maio de 1948 foi inteiramente dedicada ao tema, ao publicar mensagens de felicitações enviadas e recebidas por instituições e organizações nacionais e internacionais; o texto integral da Declaração de Independência do Estado de Israel; mensagem do 1º presidente de Israel, Chaim Weizmann, aos judeus de todo o Mundo; matéria sobre reconhecimento de Israel pelo Brasil; detalhes sobre a cerimônia da declaração de independência em Israel; situação de guerra entre Israel e os países árabes; as manifestações na imprensa brasileira; as comemorações no Brasil: São Paulo e Rio de Janeiro. A edição toda era uma grande celebração, mesmo a matéria sobre a guerra era otimista.

No entanto, na página 15, há um Comunicado – ao Público Israelita da Organização Revisionista Unida do Brasil que afirmou que os sionistas revisionistas participam ativamente de todas as campanhas do *Keren Kayemet* e *Keren Hayessod*, mas não aceitavam os critérios adotados pelo *Keren Kayemet*, baseados, conforme se argumentava, nos da Organização Sionista Unificada, que os revisionistas não participavam, e, assim, deixava de representar o sionismo unido no Brasil. O ponto de discordância era que, o sionismo, segundo os revisionistas, se manifesta plena e legitimamente através de partidos e grupos, que não eram reconhecidos pela Unificada. Como sua organização dizia respeito a um partido e se manifestavam como tal, em consonância com a proclamação do Estado de Israel, apoiavam o *Keren Tel Hai*¹³², segundo a nota, o fundo que possibilitou a revolução contra o jugo estrangeiro na terra de Israel.

¹³² O *Keren* ou *Keren Tel Hai* era o órgão mantenedor do Partido Revisionista e de sua Nova Organização Sionista Mundial - NZO.

Assim sendo, consideramos anti-sionista toda tentativa da direção do Keren Kayemet de precipitar-se, com a sua ação, nas localidades, onde está em andamento a campanha do Keren Tel Hai, já que nós cuidamos de não nos imiscuir, em qualquer parte, na campanha de qualquer outro fundo sionista. É anti-sionista toda tentativa negativa.

Durante a proclamação do Estado de Israel... ninguém imaginou que a voz de Jabotinsky [sionista revisionista], já quando morto, teria tal potência para fazer Bem Gurion [sionista trabalhista] repetir suas palavras e para fazer a Hagana adotar a táticaativista do Irgun – discípulo genuíno de Jabotinsky.

A verdade é que a atitude revisionista era e continua sendo a seguinte: os revisionistas estavam prontos a tomar parte no governo provisório, desde que lhes seja permitido prosseguirem sua política por um Estado Judeu em ambas as margens do Jordão (Comunicado [...], 1948, p. 15).

Uma vez estabelecido o Estado de Israel, a *Aonde Vamos?* acentuou a luta política partidária em Israel e no Estado que apoiava. Posicionou-se criticamente ao Partido MAPAI social democrata, que dominou a política governamental de 1948 a 1977, e como feroz inimigo do Partido MAPAM, socialista, em Israel, e as linhas sionistas dos dois partidos, fosse pela linha sionista revisionista, fortemente nacionalista e belicosa, ou pelos sionistas gerais de linha liberal. Por outro lado, manifestou-se a favor do bloco ocidental capitalista publicando todo tipo de denúncia do bloco comunista, em defesa de sua tese do intrínseco e profundo antagonismo aos valores judaicos e antissemitismo do bloco socialista.

No ano de 1953, houve a farsa da conspiração de médicos em Moscou, que saiu no *Pravda*¹³³, jornal soviético (Prisão [...], 1953). Médicos do hospital do Kremlin, em sua maioria judeus, que eram acusados de assassinar personalidades soviéticas. Foram divulgadas, também, informações que os médicos agiam em nome da organização norte-americana e judaica *Joint*¹³⁴. Mas, com a morte de Stalin, em 5 de março de 1953, os profissionais foram libertados e a farsa descoberta.

Na edição de 9 de abril de 1953, o editorial denominado *Mazal-tov*, escrito pelo editor-chefe Aron Neumann, parabenizou a soltura dos médicos, o reconhecimento da farsa, e, entre outros, polemizou nos parágrafos finais dessa forma:

E os judeus progressistas? Que dizem agora? Os que foram pedir informações a um capitão por aí sobre o que significam os ‘processos de Moscou’ e acreditaram na informação ‘fidedigna’ de que tudo era feito apenas para alertar o povo judeu contra seus próprios inimigos, dos quais ‘aqueles médicos eram expoentes’, estes

¹³³ *Pravda* (Moscou, 1912- atual), em russo, significa: Verdade. Foi um importante jornal da União Soviética e órgão oficial do Comitê Central do Partido Comunista da URSS entre 1918 e 1991. Foi privatizado em 1996 (*Pravda*, [s. d.]), ainda existe e circula na Rússia.

¹³⁴ O *American Jewish Joint Distribution Committee*, também conhecido como *Joint*, foi fundado em 1914, inicialmente para fornecer assistência aos judeus que viviam na Palestina sob o domínio turco. Atualmente, é uma organização de assistência judaica com sede na cidade de Nova Iorque.

comunizantes de meia tijela (sic) dirão agora: - vejam como a justiça soviética apura a verdade (Neumann, 1953, p. 5).

Já a edição de 9 de julho de 1953, também no editorial sem assinatura, mas provavelmente escrito por Aron Neumann, denominado “Ecos e comentários”, relatou-se que a *Histadrut* – Federação dos Sindicatos Operários Israelenses, sob orientação e domínio do MAPAI, inaugurou nova sede na cidade de Tel Aviv. Após realizar inúmeras críticas à suntuosidade e à verba para a construção do edifício, contou que a inauguração foi feita de maneira festiva com a bandeira vermelha da *Histadrut* ao lado da bandeira branca e azul da nação. Citou que, no discurso, Ben Gurion, em resposta às críticas ao edifício, disse que se ainda fosse dirigente da *Histadrut* teria feito uma obra mais modesta. O autor comentou com ironia que, pelo jeito, a obra foi realizada à revelia do homem mais poderoso do MAPAI. Definiu a *Histadrut* da seguinte forma.

É o consórcio mais capitalista, mais rico, mais poderoso do país. Possui e controla um terço da sua economia: 721 firmas, empresas com centenas de milhares de dependentes, como operários de suas indústrias, empregados em seus bancos, cooperativas de controle de produção e distribuição (Ecos [...], 1953, p. 3).

O sionismo geral apoiava a iniciativa privada, eram muito críticos e defendiam a suspensão do apoio estatal às instituições coletivas e o fim do controle da economia pela *Histadrut*. Apesar disso, posteriormente, favoreceu-a apoiando seu controle sobre vários aspectos da economia e do bem-estar.

A revista *Aonde Vamos?* defendia a tese de que a União Soviética era antissemita¹³⁵, perseguindo os judeus soviéticos. Foi de forma sistemática dando espaço para matérias que abordavam o tema dos judeus perseguidos e do antissemitismo generalizado na União Soviética. A tradução de matérias de jornalistas judeus e da imprensa judaica internacional era uma prática recorrente, mas um marco da propaganda anticomunista foram as revelações e desdobramentos que se seguiram à descoberta proporcionada pelo Relatório Krushev (Chermont, 2021). Houve publicação bastante expressiva de artigos, traduções, análises e terminou com a publicação, na íntegra, do relatório, em português, na revista. O Relatório foi

¹³⁵ Antissemitismo é o preconceito concentrado contra qualquer pessoa de origem semita, sejam árabes, assírios, judeus, etc. No entanto, o termo possui uma utilização vinculada ao preconceito (étnico, religioso ou cultural) contra os judeus. O antissemitismo moderno surgiu no século XIX, quando a situação de exclusão dos judeus, nos países europeus, poderia modificar-se com a defesa da igualdade proposta pelo pensamento liberal, que esteve acompanhado do desenvolvimento das teorias raciais e nacionalistas. O termo na concepção moderna do *Antissemitismo* surgiu entre 1879 e 1880, quando Wilhem Marr (1819-1904), jornalista alemão e fundador da liga antissemita, lançou o livro *Zwanglose Antisemitische Hefte*. A obra defende uma classificação pseudocientífica para o termo *Judenhass*, o qual se referia ao ódio aos judeus como um todo (Arendt, 2012).

utilizado para confirmar o que a revista defendia dentro da sua postura político-ideológica no contexto da Guerra Fria¹³⁶.

Após a análise do contexto mundial do período, será realizada uma incursão pelo mesmo tema, mas valendo-se do recorte temporal para a realidade brasileira. Para o Brasil, o período do Pós-Segunda Guerra Mundial, mesmo com a virada pró-Aliados do governo Vargas, pôs em xeque as ditaduras. Um golpe militar, em 29 de outubro de 1945, colocou fim ao Estado Novo e depôs Getúlio Vargas. Com o término da ditadura varguista, o país alinhou-se às nações liberal-democráticas, o que possibilitou a formação de partidos nacionais e de massa. Houve significativo crescimento do número de eleitores, mesmo com os analfabetos não podendo votar. Esse período, denominado Democrático, estendeu-se de 1945 a 1964, como já se apresentou anteriormente.

Tratou-se de momento de rápida expansão para a economia mundial, o que também repercutiu no Brasil. Segundo Gláucio Soares (2001), o período caracterizou-se por uma elevada taxa de crescimento econômico, particularmente industrial, ainda que a condição não pudesse se estender para o campo político, porque houve lento progresso em certas áreas, e um desenvolvimento social quase estagnado. Foi um dos momentos mais importantes do processo de industrialização, com a instalação de setores tecnologicamente avançados, que exigiam grandes investimentos, das migrações internas e da urbanização em ritmo acelerado. Todo processo tinha como foco a busca da modernidade política e do desenvolvimento econômico. Entretanto, o período democrático produziu uma modernização com fortes contradições. Ainda de acordo com Soares (2001, p. 322-323):

A concentração não se deu apenas com a separação das rendas entre proprietários dos bens de produção e os demais. [...] Cresceu uma classe média com salários bem superiores aos da classe trabalhadora. A desigualdade aumentou também dentro das empresas e dentro do Estado. Aumentou o fosso entre os que trabalhavam na administração e os que trabalhavam na produção. [...] Crescia a desigualdade entre assalariados manuais e não manuais dentro da indústria. As cidades, com industrialização capitalista acelerada, ficaram mais desiguais. [...] O setor privado, inclusive o industrial, iniciava um processo de diferenciação salarial interna, à semelhança do que acontecia nos EUA. A desigualdade não corresponde apenas a políticas públicas – o setor privado também tinha uma dinâmica própria que apontava na direção da maior desigualdade.

Segundo os historiadores Fernando Novais e João Manoel de Mello (1998), no início da década de 1950, a desigualdade era extraordinária. Os autores apresentam um comparativo entre

¹³⁶ A publicação do Relatório Krushev na *Aonde Vamos?* e em outras publicações será analisada no segundo capítulo.

os três tipos sociais protagonistas da industrialização acelerada e da urbanização rápida: o imigrante estrangeiro, o rural e o negro urbano e seus descendentes. Os imigrantes estrangeiros e seus filhos já estavam estabelecidos em São Paulo, o centro da industrialização. Ainda que não fossem grandes empresários em 1950, alguns eram donos de pequenos negócios ou trabalhavam por conta própria, outros, por sua vez, já tinham tradição de trabalho na indústria. Depois de grandes sacrifícios pessoais, esses imigrantes deram educação às gerações seguintes, muitos com diploma universitário. Os negros das cidades, ao contrário, permaneceram abandonados à sua própria sorte, atuando nos trabalhos mais árduos, precários e hierarquicamente menos prestigiados. Na década de 1950, tinham superado a situação de miséria absoluta, deixando de ser marginais, inseridos no mercado de trabalho e escolhendo algumas alternativas compensadoras de profissionalização. Porém, seu ponto de partida era muito abaixo do que o do imigrante estrangeiro e também havia limites à sua ascensão na ordem social. Suas condições estavam mais próximas do migrante rural na busca pela mobilidade ascendente, econômica e social.

Sobre a comunidade judaica brasileira do período, pode-se embasar nas considerações em Monica Grin (1997), em cujo artigo analisa a atuação da Federação Israelita do Estado do Rio de Janeiro, observando a situação da comunidade judaica brasileira nos anos 1950. A autora afirma que o quadro político-social possibilitava, naquele momento, a ascensão econômica às camadas médias e altas da sociedade dos seus membros, já que, em matéria étnica, mesmo anteriormente, a sociedade brasileira não exibia mecanismos explícitos de diferenciação. Diferentemente dos países de origem dos imigrantes judeus, que limitavam os ramos de atividades profissionais e adotavam *numerus clausus* (Numerus [...], [s. d.]) ou *numerus nullus*¹³⁷ nas universidades, o Brasil não impunha restrições ao exercício de ofícios, nem limitava o número de judeus em instituições de ensino. Tal circunstância favoreceu a mobilidade e ascensão social dos judeus, cuja identidade não comprometia seu ingresso no cenário social e econômico. O mercado de trabalho e as possibilidades de integração pareciam não exigir qualquer esforço específico desse grupo para a defesa dos direitos relacionados à igualdade de oportunidades e à cidadania.

A *Aonde Vamos?* certamente foi beneficiada pelo crescimento econômico brasileiro, pois, no período, a comunidade judaica brasileira, grupo majoritário envolvido na revista e seu público-alvo, posicionada a essa altura em uma classe média emergente, deixou para trás seus anos de imigrantes e tornou-se integrada por cidadãos brasileiros.

¹³⁷ *Numerus nullus* é uma locução latina que significa “nenhum número”. Empregada pela autora para se referir ao fato de não haver nenhuma possibilidade de entrada em uma instituição.

Sobre a política nacional, foi encontrada nas páginas da revista reflexão de página inteira sobre o fim do Estado Novo (Comentários [...], 1945, p. 23), sob o título de “Comentários Nova Etapa Histórica”, sem assinatura, mas a hipótese é que foi escrito por Aron Neumann. O artigo elogia o Exército pelo golpe que resultou na renúncia do presidente e o fim da ditadura, assegurando, assim, às eleições “limpas e pacíficas, nos termos da lei”. Afirmava que a revista procurava manter-se afastada das questões políticas [brasileiras], mas não podia deixar de manifestar sua satisfação, pois “é inegável que o ambiente sombrio que se vinha formando em torno das próximas eleições fazia temer pela ordem e tranquilidade pública”. Enfatizava, além disso, a importância desse novo período da história para as jovens nações latino-americanas tão marcadas pelo que chamou de caudilhismo.

Em 29 de novembro de 1945, a revista publicou a matéria “Partidos e Candidatos Brasileiros em face da questão judaica”, de Sarah Marques (1945, p. 6-7). Após o fim do Estado Novo, foi permitida a criação de partidos políticos e a população pôde votar. Sendo assim, na matéria, membros das legendas e candidatos foram questionados sobre o seu posicionamento frente à criação do Estado de Israel, na então Palestina. Essa problemática era um dos tópicos centrais da revista naquela conjuntura, como visto acima, tanto que, em 1947, criou-se uma seção exclusiva para análise dos posicionamentos da imprensa brasileira sobre a criação do Estado de Israel e a Partilha (Aonde Vamos?, 1947, p. 3).

Quanto às eleições de 1950, em 6 de julho de 1950, no editorial denominado “Os judeus em face das eleições no Brasil”, sem autoria, a revista apresentou sua opinião sobre qual deveria ser a atitude dos cidadãos brasileiros (Os Judeus [...], 1950, p. 3-17). Primeiro, não acreditava que se devesse votar em candidatos judeus, justamente por serem judeus. Podia-se, como judeus, deixar de votar em candidatos antissemitas ou colaboradores do antissemitismo. Devia-se votar, de acordo com o texto, conforme suas tendências políticas, nas propostas e plataformas dos partidos. Afirmou, ademais, que a revista divulgaria todo ato governamental ou parlamentar, positivo ou negativo, no que se referisse aos judeus, judaísmo, sionismo ou Israel. Em seguida, analisou os partidos em disputa sob esse prisma.

Na UDN, apesar da presença do senador Hamilton Nogueira, próximo de uma parcela da comunidade judaica, os outros representantes do partido pouco lhes favoreciam. Como o Ministro Raul Fernandes, responsável no Itamaraty pela discriminação à imigração de judeus, e pelo pouco caso à criação de relações estáveis com Israel. O PSD era semelhante à UDN, enquanto o PTB, de Getúlio Vargas, era formado pelos que estabeleceram discriminações contra os judeus durante o Estado Novo e que fizeram o Brasil ser o único país das Américas

em que foi proibido o sionismo. O editorial concluiu que muito pouco poderia ser destacado o interesse dos israelitas nessas eleições, segundo Neumann.

Significativo do posicionamento da revista é a forma como anunciou o suicídio do presidente Vargas. O editorial “Trágico desaparecimento do presidente Getúlio Vargas”, em um terço de página, manifestou consternação como toda a população do Brasil pela notícia do suicídio do presidente (Trágico [...], 1954, p. 5). Afirmou que a crise político-militar manteve todo país em estado de muita tensão, porque o final trágico emocionou admiradores e adversários do regime, enlutando a nação. Pediu por suspensão dos erros e acertos por ora. Nos dois terços restantes da página, sob o título: “Assume a presidência da República o Sr. João Café Filho”, salientou a responsabilidade que o antigo vice-presidente tinha, então, enalteceu sua postura como amigo dos judeus, combativo contra o antissemitismo, sionista e liberal. Postura que era diferente da adotada pelo governo anterior, de que era vice-presidente. Afirmou que ainda permaneciam, no novo governo, elementos com ideologias do mandato anterior, mas se tratavam de arranjos necessários. Desejou que o país vivesse sob “o regime da lei e que Deus abençoe, com paz e prosperidade, o governo e seus governantes”.

A posse do presidente Juscelino Kubistchek suscitou grande reflexão, uma vez que o editorial com o título “Presidência da República” relatou que quando o ditador Getúlio Vargas assumiu o governo, em 1951, alguns judeus aliaram-se a ele e galgaram altos postos (Presidência [...], 1956, p. 5-6). No entanto, lembrou que durante o Estado Novo, o antissemitismo era forte no poder público, o que impediu a entrada no Brasil de muitos israelitas, condenando-os às câmaras de gás. Dessa forma, não sentiu, em nenhum momento do governo, a euforia desses que se aliaram a ele. A esperança do fim da discriminação à imigração judaica não ocorreu. Segundo Neumann, Getúlio Vargas, entre 1951 e 1954, nunca mandou mensagem de cordialidade ou felicitações na data de Ano Novo ou qualquer outra à comunidade israelita, tendo profundo desinteresse pela coletividade judaica. Quando nomeou um judeu para a pasta da Fazenda, convidou o nazista Hjalmar Schacht para orientá-lo. Somente quando Café Filho assumiu a presidência, os judeus brasileiros receberam congratulações pelo *Rosh Hashaná*, tanto em 1954 quanto no ano seguinte. E as relações entre Brasil e Israel, que pareciam promissoras em 1951, não passaram de ilusórias, uma vez que nenhum tratado comercial foi realizado, vivia-se em situação semelhante à da “aldeia de Potemkin”¹³⁸.

¹³⁸ Diz a lenda que, em 1737, o líder militar do império russo, Grigory Petemkin, mandou construir várias aldeias falsas para mostrar à czarina Catarina II, na sua excursão à recém-anexada Crimeia, como tudo tinha sido um sucesso e que a urbanização da região estava concluída. No seu trajeto, a czarina veria belas aldeias, que, na verdade, não passavam de fachadas pintadas que encobriam o vazio e a pobreza.

Depois dessas considerações, advertiu que o novo governo continha herdeiros políticos do varguismo, porém, ninguém com manifestações conhecidas de antissemitismo. Advertiu alguns correligionários dos perigos do entusiasmo excessivo advindos das promessas futuras. A revista, por sua vez, esperava somente que os judeus não fossem uma *quantité négligeable*. A expectativa era somente “expurgar a atmosfera do poder público do veneno subjetivo que ficou, em relação aos judeus, dos tempos do Estado Novo e, que ainda agora, francamente se manifesta, de vez em quando.” Depois, desejava-se sucesso e boa sorte ao governo que se iniciava.

Na edição de 26 de janeiro de 1961, foi publicada a imagem de Jânio Quadros na capa e uma matéria na página 7, assinada por Aron Neumann, com o título “Há muitos anos confiamos em Jânio Quadros”, que afirmou ser simpatizante do atual presidente desde sua candidatura à prefeitura de São Paulo. Impressionou o fato de o candidato negar-se a receber auxílio econômico para sua campanha e ter realizado uma revisão radical dos usos e costumes da administração pública. Neumann relatou que nunca usou a revista em favor do candidato, somente quando houve acusações que Jânio Quadros seria antissemita e anti-israelense, a revista foi em busca de informações, as quais dissolveram as intrigas. Depois, elogiou novamente Café Filho por felicitar a comunidade judaica no Ano Novo Judaico nos anos em que esteve na presidência e elogiou Juscelino Kubitschek¹³⁹, “filho de imigrantes, visitou o Lar dos Velhos da “União”¹⁴⁰ [...] jamais esqueceremos”. Apesar de satisfeito com as manifestações de aproximação e reconhecimento dos presidentes com a comunidade judaica, lembrou que o Brasil carece de valores materiais, morais e públicos, o que causa certa reserva com o governo. Manifestou profunda solidariedade ao povo, que já foi escravo, passou fome, discriminação e injustiças. Além disso, depositava grandes esperanças no futuro presidente Jânio Quadros, tanto em nível nacional quanto internacional.

Se no âmbito nacional Neumann, por meio da *Aonde Vamos?*, apoiava forças conservadoras (ainda que fosse contra o antissemitismo disseminado no governo Vargas),

¹³⁹ A edição de 19 de janeiro de 1961, tem, na capa, a imagem do presidente Juscelino Kubitschek, com o título: “Os judeus não esquecerão Juscelino Kubitschek”. Na página 8, seção “O Yishuv Brasileiro”, na primeira matéria com o mesmo título da capa, elogiou o processo limpo e democrático da sucessão presidencial, ao afirmar que não concorda com tudo do atual governo, mas a revista só comenta assuntos ligados à comunidade judaica e não é esse o caso. Exteriorizou a preocupação com o número de nazistas que vieram para o Brasil, pois passaram a adquirir imunidade e impunidade. Teceu elogios pela visita de Juscelino ao Lar dos Velhos da União, que são na maioria refugiados do nazismo, citou-o como fundador de Brasília e alargador do progresso.

¹⁴⁰ “União” Associação Beneficente Israelita foi fundada oficialmente em fevereiro de 1937, mas operava, de fato, desde agosto de 1936. Os estatutos foram registrados em pleno Estado Novo e publicados no Diário Oficial de 17 de agosto de 1938. Foi o 1º Lar dos Velhos Israelitas, do Rio de Janeiro.

sendo coerente com sua tomada de posição *sui generis* já exposta sobre os conflitos ocorridos no seio da comunidade judaica, no circuito da política internacional não seria diferente.

Internacionalmente, Neumann apresentava-se como amigo dos americanos e crítico do governo. Denunciava a existência de uma Internacional Nazista, com sede no Cairo, e ligações com os comunistas. Afirmava que muitos nazistas entraram no Brasil, sobretudo porque, segundo ele, inclusive, houve envolvimento dos Integralistas nesse ocultamento. Durante os anos da Segunda Guerra Mundial e mesmo depois, ainda segundo a tese de Neumann, os países industriais não queriam os refugiados em países como Brasil e outros produtores de matéria prima, justamente para impedir o desenvolvimento industrial dessas nações. Além disso, acusava as nações industrializadas de terem sido contra os nazistas e suas vítimas.

Depois de criar conspirações generalizadas internacionais, Neumann defendeu o Brasil como democracia racial, cuja pátria tinha um papel em potencial a cumprir no mundo. Finalmente, esperava que Jânio Quadros pudesse fazer diferença, já que não buscou acordos econômicos, vendendo ou comprometendo sua agenda política. Finalizou desejando sucesso ao presidente e ao novo mandato.

Procurou-se na revista, a fim de identificar seu posicionamento, alguma notícia da renúncia de Jânio Quadros do cargo de presidente, em 25 de agosto de 1961, da posse de João Goulart, em 7 de setembro de 1961, do debate e/ou plebiscito sobre o sistema parlamentarista e, em janeiro de 1963, do retorno do presidencialismo. O que logrou êxito, uma vez que inexistem exemplares digitais e físicos relativos ao período.

Sobre o período ditatorial, no seminário “Judeus, militância e resistência à ditadura militar”¹⁴¹, o sociólogo Bernardo Sorj afirmou que, de maneira geral, os judeus que atuaram na resistência à ditadura civil-militar eram secularizados (que não seguiam rigidamente a religião) e se integraram à cultura e valores da sociedade brasileira.

No seminário citado acima, o jornalista Alberto Dines comentou que sempre existiram dois grupos distintos dentro da comunidade judaica: os *roite idn* (judeu vermelho ou comunista) e os não *roite*, com extensa vida cultural e social. O historiador Roney Cytrynowicz ressaltou que é importante não superdimensionar o ativismo da comunidade no período da ditadura em prol da redemocratização. Existiram espaços judaicos que foram importantes na resistência à

¹⁴¹ Seminário “Judeus, militância e resistência à ditadura militar” promovido pelo Núcleo Interdisciplinar de Estudos Judaicos do Programa de Pós-graduação em História Social da UFRJ e pelo Programa de Pós-graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz (COC/Fiocruz), realizado no Instituto de História da UFRJ em 21 de maio de 2014. Disponível em: <http://157.86.193.211/portaleng/index.php/en/todas-as-noticias/758-seminario-aborda-a-participacao-da-comunidade-judaica-brasileira-na-resistencia-a-ditadura-civil-militar.html#.YIcnjZBKjIV>. Acesso em: 9 mar. 2024.

ditadura civil-militar, como o Instituto Cultural Israelita Brasileiro, conhecido como Casa do Povo, e a escola Scholem Aleichem, vinculada à instituição, em São Paulo. Além dos movimentos juvenis sionistas de esquerda (trabalhista e socialista), respectivamente, *Habonim Dror*¹⁴² e *HaShomer Hatzair*¹⁴³, pois havia educação e formação política.

A *Aonde Vamos?*, por sua vez, sem mencionar os termos “golpe” ou “revolução”, noticiou as invasões ocorridas No Yishuv São Paulo, em que citou que o jornal *Nossa Voz* (*Unzer Stime*) foi Interditado pelo DOPS e antes teria sofrido uma invasão quebra-quebra. E que a Casa do Povo também fora fechada pelo DOPS, o que, para a revista, foi motivado porque essa instituição era composta majoritariamente por elementos antagônicos ao comunismo, cujo regime, na Rússia, havia tido tantas manifestações antissemitas. A opinião da revista não confere com a realidade, pois a Casa do Povo era constituída por judeus progressistas de vários matizes, muitos filiados ao partido comunista e que atuaram na luta contra a ditadura (No Yishuv [...], 1964, p. 15).

No Rio de Janeiro foi fechada a sede do *Hashomer Hatzair*, movimento juvenil sionista que não tinha objetivos, metas ou atividades relacionadas com a política brasileira. E na edição de 16 de abril de 1964 (p. 47), publicou-se em Cartas: “Hashomer volta a funcionar”, uma nota enviada pela direção do movimento para ser publicada na revista: Cumprindo o dever de comunicar a comunidade judaica, amigos e simpatizantes, o pleno funcionamento da sede do movimento. Ademais, cumpria o dever de informar que, após esclarecido o engano, sobre a ocorrência pronta e imediata da volta à normalidade de todas as atividades culturais e recreativas.

A *Aonde Vamos?* não fez referência direta ao golpe civil-militar, mas na seção “Internacional, América Latina”, o artigo: “Por que a Venezuela não reconhece o Governo do Brasil?”, sem autoria, deixou pistas do posicionamento da publicação (Por que [...], 1964, p. 13). Segundo o artigo, a atitude da Venezuela era incoerente, pois o país teria mais motivos para não ter relações com a política exterior do governo antecessor. Tal atitude foi inspirada no ex-presidente Rômulo Betancourt, que, apesar de democrata e de ter se identificado como amigo dos judeus, nas duas vezes em que subiu ao poder dificultou a entrada de judeus na Venezuela. A tese do autor para as restrições à entrada de judeus seriam as pressões externas, que não queriam a entrada de imigrantes com alto nível intelectual ou profissional. A Europa e os EUA, durante a Segunda Guerra Mundial, temiam o desenvolvimento econômico autônomo dos países latino-americanos.

¹⁴² *Habonim Dror*, em hebraico, significa construtores da liberdade.

¹⁴³ *Hashomer Hatzair*, em hebraico, significa jovem guarda.

O não reconhecimento do governo brasileiro pelo governo venezuelano só interessava a quem não queria a aproximação entre esses dois países. As importações de petróleo para o Brasil vinham do Oriente Médio (Iraque, Kuwait e Líbia) e se a aproximação entre Brasil e Venezuela não interessava aos países do leste e sul mediterrâneos, a condição era a mesma quanto à URSS e seus aliados. A Alemanha, importante membro do Mercado Comum Europeu, também poderia ser prejudicada pela criação do grupo Latino-Americano, uma vez que possuía muitas indústrias químicas, ela, que, aliás, financiou Hitler, teria motivos para recear o surgimento de uma indústria petroquímica na América Latina. Aproximou essa atitude em relação ao entendimento pacífico entre Israel e as nações árabes, pois o entendimento não interessava às grandes e médias potências político-econômicas.

Esse artigo foi pensado com resposta ao fato de em 20 de abril de 1964 a Venezuela não ter reconhecido golpe que destituiu o então presidente João Goulart, como também rompeu relações diplomáticas, solicitando a retirada do embaixador Sanchez Tirado. Essa ação foi baseada na doutrina Betancourt (1959-1964), criada por Rómulo Betancourt para agradar aos EUA e isolar diplomaticamente Cuba. De acordo com essa doutrina, a Venezuela deveria estabelecer ou manter relações diplomáticas apenas com países que tivessem governos eleitos democraticamente, conforme regras constitucionais estáveis. Essa doutrina acabou por complicar as relações da Venezuela com países latino-americanos aliados dos EUA, como, por exemplo, o próprio Brasil. Após críticas dos EUA, a Venezuela direcionou-as apenas contra Cuba, enquadrando-se na política internacional norte-americana.

Durante os anos de 1969 a 1975, dez militantes de esquerda e de ascendência judaico-brasileira foram mortos sob tortura nos porões da ditadura civil-militar: o acadêmico de medicina paulista Chael Charles Schreier; a professora de Química da Universidade de São Paulo (USP) Ana Rosa Kucinski Silva e seu marido, Wilson Silva, que não era judeu; o estudante de economia carioca José Roberto Spiegner; o também aluno de medicina Gelson Reicher; Ana Maria Nacinovic, carioca, filha de pai judeu; Iara Iavelberg, a mulher de Carlos Lamarca; Pauline Philippe Reichstul, uma judia suíça; Maurício e seu filho, André Grabois; e, por fim, mas não menos importante, o jornalista Wladimir Herzog, cujo suicídio forjado se tornou um marco da evidente ação arbitrária do Estado brasileiro contra seus cidadãos, dada a ampla repercussão que obteve. Foram encontradas essas dez histórias, mas pode-se citar no outro espectro, a dos perpetradores e seus aliados, o médico legista Isaac Abramovitch, que assinou os atestados de óbito forjados de Ana Maria Nacinovic e Gelson Reicher, que era conhecido Gelson Reicher e sua família (Kushnir, 2009).

O caso mais emblemático, em função de seus desdobramentos, foi o do jornalista Vladimir Herzog (Iugoslávia, 1937-São Paulo, 1975), como dito acima. Seu assassinato mostrou a face violenta e cruel da repressão para a sociedade brasileira em geral, ou seja, o ocorrido repercutiu além dos círculos da colônia judaica ou dos movimentos de oposição ao governo. O rabino Henry Sobel, da Congregação Israelita Paulista – CIP (Vaisbih, 2014), compareceu ao culto ecumênico, que reuniu as mais variadas autoridades religiosas em repúdio ao assassinato e em homenagem ao jornalista, realizado na Catedral da Sé. Apesar de ter sido ameaçado por oficiais do exército, que exigiram que o rabino não fosse, pelo fato de ser estrangeiro. José Mindlin, que era secretário da Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo (1975-1976), também não se intimidou diante das pressões que envolviam o evento na Catedral da Sé. Wladimir Herzog foi a primeira vítima do regime civil-militar não sepultada em silêncio e, em decorrência da exposição dos fatos, evidenciaram-se os abusos da repressão, o que corroborou para o crescente processo de desmoralização dos militares, acelerando a necessidade da abertura política e redemocratização do país.

A *Aonde Vamos?* não repercutiu esses eventos. O diretor da revista à época, Leão Padilha, trabalhava no jornal *O Dia*, do político Chagas Freitas, que apoiou o golpe civil-militar em 31 de março de 1964, promovendo, por meio de seus jornais, uma cobertura simpática ao golpe e ao novo governo. O Ato Institucional n. 2 (AI-2), em 27 de outubro de 1965, Chagas Freitas ingressou no Movimento Democrático Brasileiro (MDB), vitorioso na Guanabara em 15 de novembro de 1966, se acomodando às oportunidades disponíveis ao momento.

A hipótese é que a revista estava, de certa forma, vinculada a esse grupo civil que se acomodou ao governo ditatorial em busca de interesses políticos e econômicos, sendo assim, calou-se, isto é, não publicou importantes acontecimentos do cenário político nacional, como o AI-2 ou o AI-5, que foram totalmente antidemocráticos até para um liberal de Direita, o caso de Aron Neumann. A revista, assim como outros veículos de comunicação, se silenciou sobre o caso do jornalista Wladimir Herzog.

Neste item, verificou-se que a revista surgiu com a Segunda Guerra Mundial em curso, procurou publicar o maior número de informações sobre o que acontecia com os judeus europeus. Cumprindo, de acordo com sua proposta, um importante papel no seio da comunidade judaica brasileira. Após o fim da guerra, participou do esforço na recolocação dos refugiados, na busca dos judeus estabelecidos no Brasil que procuravam familiares vivos e na dos sobreviventes que procuravam seus entes queridos que pudessem acolhê-los. Acompanhou a criação do Estado de Israel, divulgou e defendeu sua perspectiva sionista vinculada ao revisionismo sionista e aos sionistas gerais, de forma explicitamente combativa.

Acompanhou a política brasileira, mas com certa distância, calou-se sobre o golpe civil-militar de 1964 e suas ações subsequentes, os Atos Institucionais, e sobre o assassinato do jornalista judeu Wladimir Herzog, em uma atitude que pode ser entendida como conivente com os ditadores, visto a assumida tendência ao conservadorismo radical de parte de seus editores, sobretudo de Neumann, embora já falecido à época da ditadura, mas cujo legado manteve-se ao longo do tempo. A hipótese é, como já relatado, que o vínculo com o grupo do político Chagas Freitas, que fazia parte dos empresários que se acomodaram e se beneficiaram com o golpe e com a ditadura, pode ter silenciado a revista.

1.3 Considerações finais

Neste primeiro capítulo pretendeu-se, entre outros, apresentar alguns dados básicos para ter-se uma visão da revista, seus marcos identitários, sua localização, relação com o setor gráfico, seu leiaute e materialidade, seu local na imprensa nacional e judaica brasileira, e alguns de seus posicionamentos frente aos acontecimentos contemporâneos.

Foram apresentados os marcadores identitários escolhidos pelos editores da publicação, com a intenção de estabelecer suas edições especiais, as festividades do calendário judaico. Houve, também, a inclusão do aniversário do Estado de Israel, o *Yom Haatzmaut*, já no terceiro ano de criação do Estado.

A sede da revista esteve, por todo o seu período de atividade, no coração do Rio de Janeiro, o centro histórico e comercial da cidade, o que bem demonstra sua inserção espacial em local da cidade cuja vida comercial era mais intensa, diferenciando-se de ambientes que pudessem ser fechados em seu núcleo étnico judaico.

Também se pode constatar que o leiaute da revista foi bastante conservador. A única alteração ocorrida em seu formato em todos os anos de atividade foi em função de questões econômicas internas e externas. A revista não tinha um perfil de experimentação nesse aspecto. Internamente, a publicação se utilizou amplamente de recursos gráficos para destacar anúncios e temas, possibilitando, assim, hierarquizar o preço da publicidade e determinar o que era mais relevante ou não.

Pôde-se, neste capítulo, ter uma visão da revista *Aonde Vamos?*, que surgiu em um momento específico da história da imprensa no Brasil, o Estado Novo (1937-1945) e a mudança sistemática das relações da imprensa com o poder governamental. De outro modo, foi lançada numa época em que havia maior intervenção através da censura do Departamento de Imprensa e Propaganda, de onde partia monitoramento sistemático e intensivo dos meios de comunicação.

Durante o Estado Novo, a imprensa judaica foi obrigada, por lei, a ser publicada em português. Talvez por isso tenha sido um período de lançamento inexpressivo de periódicos, porque foram expressivos somente: a revista *Aonde Vamos?*, no Rio de Janeiro, e os jornais *Crônica Israelita*, de São Paulo, e *Hatikva*, de Porto Alegre, este criado no último ano do Estado Novo. No período, não se pode desconsiderar os programas de rádio, produzidos e voltados para os judeus brasileiros, que estiveram em intensa atividade.

Com a redemocratização, a imprensa judaica brasileira pôde ganhar fôlego, etapa em que o português se impôs, de fato, porque foi a língua utilizada pela maioria dos novos títulos, em função de ser o idioma falado, sobretudo pelas novas gerações e pelos imigrantes judeus já familiarizados com a língua.

Na política brasileira, *Aonde Vamos?* acompanhou e publicou informações a esse respeito, mas com certa distância. A título de exemplo, calou-se sobre o golpe civil-militar, os Atos Institucionais e sobre o assassinato do jornalista judeu Wladimir Herzog. As hipóteses são que o vínculo com o grupo dotico carioca Chagas Freitas, que fez parte dos empresários que se acomodaram e se beneficiaram com o golpe e depois durante a ditadura, contribuiu para o não posicionamento. Ademais, as camadas médias da população, onde estava inserida grande parte dos leitores da revista, foram beneficiadas no período com aumento de renda, o que também pode justificar essa atitude.

Após ter-se uma noção da revista e do contexto social, político e econômico do período pelo qual circulou, pode-se passar para a análise das temáticas consideradas relevantes, na visão da própria *Aonde Vamos?* e, junto disso, realizar um comparativo com outros títulos selecionados.

CAPÍTULO 2 - OS JUDEUS NO MUNDO – UM OLHAR GLOBAL

O presente capítulo realiza uma apresentação das seções da revista, com foco na seção Os Judeus No Mundo publicada entre os anos de 1955 e 1962. Objetiva, ademais, adentrar nas temáticas internacionais referentes aos judeus no mundo apresentadas na seção e aquelas que, depois, ganharam projeção ao alcançarem amplo espaço na revista. Em continuidade, por meio do levantamento e análise de algumas dessas temáticas, será possível uma comparação com outros periódicos do mesmo período.

Para tal, foram selecionadas duas publicações nacionais, a fim de estabelecer contraponto com a tendência conservadora de *Aonde Vamos?: Unser Stime* (Nossa Voz, SP, 1947-1964), bilíngue ídiche-português, jornal produzido pelos judeus progressistas da comunidade de São Paulo, vinculado à Casa do Povo, com perfil editorial alinhado aos ideais da esquerda sionista e não sionista e a revista *O Cruzeiro* (RJ, 1928-1975), hebdomadário mais vendido no período, integrante da grande imprensa brasileira, ou seja, voltada para um público diverso daquele da *Aonde Vamos?.* Para o comparativo das notícias internacionais do período publicadas na imprensa do exterior foi selecionada a revista americana, pioneira em fotojornalismo, *Life Magazine* (NY, 1936-2000), publicada em inglês. Durante o período da pesquisa, era um hebdomadário, assim como a revista *Aonde Vamos?.* Tinha grande prestígio e grande tiragem, cobriu os grandes eventos mundiais a partir de com fotos icônicas, mas cumpre destacar que as fotografias não serão objeto de estudo. Ademais, a publicação também realizou matérias consagradas, sérias e em profundidade, dos temas publicados.

Acredita-se que ela pode ser um significativo representante da grande imprensa norte-americana, oferecendo possibilidades enriquecedoras para o comparativo com as revistas *Aonde Vamos?.*, o jornal *Unzer Stime* e a revista *O Cruzeiro*.

2.1 Seções

a Apresentação geral

Antes de abordar a seção Os Judeus no Mundo, será realizada breve análise das seções publicadas na revista, o que ajudará a compreender de maneira mais precisa o seu perfil. Para a realização do levantamento das seções, foi necessário estabelecer alguns critérios. Nesse sentido, foram consideradas seções títulos publicados ao menos em duas edições durante um mesmo ano. Não foram listadas, nesse arrolamento, as seções de anúncios, como, por exemplo,

o Indicador Profissional, pois já foram analisadas. Muitas seções alteraram seus títulos ao longo dos anos, sendo assim, tentou-se, neste levantamento, dar destaque ao título utilizado que compareceu o maior número de vezes, mas sempre indicando os alternativos, que também foram apresentados.

Em função da longevidade da publicação, o critério de análise das seções foi o temporal, o mesmo proposto para a análise da descrição da revista: primeira fase, período de consolidação (1943-1951); segunda fase, etapa de maior prestígio e influência da revista, sob edição de Aron Neumann (1952-1973) e terceira, e última, fase, após a morte de Aron Neumann (1973-1977). No levantamento dos anos de 1943 até 1974, deu-se destaque àqueles em que cada seção compareceu, quantas vezes foi publicada no ano correspondente, o nome da seção e se era assinada por um ou mais autores. Dos anos de 1975 a 1977, constam somente as seções, os autores ou não, algumas observações e seus respectivos números. Com as tabelas preenchidas, foi possível organizar um quadro com as seções que duraram mais de um ano, quando surgiram e o período temporal em que foram veiculadas. Ainda foi destacado, por meio de cores, a data de surgimento de cada seção. O resultado da organização das seções por ano de surgimento e duração, bem como as tabelas por ano podem ser verificadas no Apêndice.

A primeira fase da revista (1943-1951) percorreu o período do Estado Novo (1937-1945) e parte do Período Democrático (1945-1964) da política nacional, momentos, aliás, bastante distintos para a atividade da imprensa e, principalmente, para a imprensa periódica judaico-brasileira.

Sendo assim, das 19 seções publicadas no ano de 1943, somente oito permaneceram na revista no ano seguinte. Entre elas, três eram assinadas: A semana, assinada por Sabath Karacuschansky, (1943–1944)¹⁴⁴; Homens e bichos, de Sarah Marques¹⁴⁵, (1943–1946) e De passagem..., sob a pena de Nora¹⁴⁶, (1943 – 1944). Quatro seções sem autoria duraram até o ano seguinte, a saber: Notícias da vida judaica (1943-1944); Aspectos brasileiros (1943-1944); Notícias da guerra (1943-1944); Revista da imprensa (1943-1944, 1952).

Das seções que surgiram nesses anos iniciais, quase todas não permaneceram após o final do Estado Novo e da Segunda Guerra Mundial. Homens e bichos, por exemplo, perdurou até 1946, enquanto Sociais (1943-1977) foi a única que esteve em atividade em todos os anos

¹⁴⁴ Sabath Karacushansky será objeto de análise no terceiro capítulo da tese.

¹⁴⁵ Sarah Marques foi jornalista e colunista em vários periódicos cariocas: *Revista do Rio*, *Diário da Noite*, *Correio da Noite*, entre outros. Foi editora da revista *Mulher Magazine*, de 1947 a 1948, e autora de peças teatrais.

¹⁴⁶ No relatório confidencial da Polícia Civil do Distrito Federal, de 28 de novembro de 1943, denominado “Caso Aron Neumann”, realizado pelo chefe do serviço secreto, foi citado que Aron Neumann, redator-chefe da revista, seria o verdadeiro autor dessa seção (BRASIL, 1943). Aron Neumann será objeto de análise no terceiro capítulo da tese.

de publicação da revista. Em se tratando de um veículo de comunicação de um grupo étnico minoritário dentro do país, faz sentido que a divulgação dos eventos pessoais, familiares e comunitários tenham se constituído em presença permanente na publicação, pois podiam ter a oportunidade de ver e serem vistos pelos seus.

Durante o Estado Novo, além dessas seções, a revista destinava um local de visibilidade, geralmente a terceira ou quarta página, para informações do Presidente da República e propaganda do governo. Esse material era fornecido pelo próprio Governo Federal para toda a imprensa periódica nacional.

Os periódicos acabaram sendo obrigados a reproduzir os discursos oficiais, a dar ampla divulgação às inaugurações, a enfatizar as notícias dos atos do governo, a publicar fotos de Vargas: 60% das matérias publicadas eram fornecidas pela Agência Nacional. Havia íntima relação entre censura e propaganda. As atividades de controle, ao mesmo tempo que impediam a divulgação de determinados assuntos, impunham a difusão de outros na forma adequada aos interesses do Estado (Capelato, 1999, p. 175).

Outra seção, cujo título era Aspectos brasileiros, não tinha texto e era composta por clichês com imagens de cidades e pontos turísticos nacionais. Dentro desse clima nacionalista, buscavam promover uma nova imagem do Brasil, colaborando com as intenções do governo. Dessa forma, pode-se concluir que a ditadura varguista enviava, ou seja, impunha material para ser publicado na revista, nessa época. Mas também indicava as publicações que eram bem vistas pelo poder governamental.

Nos anos seguintes, 1945, 1946 e 1947, houve uma queda das seções, respectivamente, nove, sete e seis. No ano de 1947, das seções que duraram mais de um ano, tem-se quatro: Página Juvenil, histórias da Bíblia (1946-1947); Suplemento Infantil (1947-1950); Noticiário do Exterior (1944-1948) e Sociais (1943-1977). Tentou-se, assim, conquistar o público infantil, talvez a ideia fosse buscar aproximação da revista com famílias judaicas, em que todos os seus membros, independente de idade, tivessem conteúdo de seu interesse em suas páginas.

De 1948 a 1951, as seções anuais voltaram a aumentar para o total de 16, com muitas seções novas. O foco recaiu predominantemente em seções que tinham Israel como mote central, sendo que, por exemplo, no ano de 1949, foram publicadas as rubricas: Da imprensa de Israel (1948-1955, depois 1953), que teve a variante Ecos da imprensa de Israel (1951-1952); Notícias de Israel (1948-1951, depois 1954), a qual contou com a variante Notícias de Israel e do Mundo; Israel Ri (1948-1951), comentários supostamente bem-humorados sobre os acontecimentos do presente e do passado do país. A hipótese defendida seria que, com a criação

do Estado de Israel, a revista difundiria e defenderia amplamente a centralidade do Estado como referência identitária central para a comunidade judaica brasileira.

No ano de 1950, surgiram as seções culturais Música (1950-1962, 1973-1977), Teatro (1950-1957, 1967-1968, 1974-1975), O Filme da Semana (1950-1954), entre outras, algumas com articulistas fixos, como a primeira mencionada, assinada por Abi Detcher, e outras com vários autores. Essas seções eram de grande relevância para a revista e para o seu público. Segundo o jornalista Alberto Dines:

O que “Aonde Vamos” tinha de interessante eram seus colunistas de cultura, grandes militantes na área cultural. Tinha o de teatro e dança, um menino, Avi Deutscher, lembro perfeitamente. Morreu tragicamente num desabamento que houve aqui na Biblioteca Bialik, na Rua do Rosário. Acho que no fim dos anos 1950, na Rua do Rosário, logo no seu início, perto da Uruguaiana. Tinha um edifício moderno, e lá funcionava a nova sede da Biblioteca Bialik, no 6º andar. O prédio desabou todo. Foi uma tragédia. Tem o caso do bibliotecário que foi soterrado. Ele foi lá para tentar salvar algumas primeiras edições e morreu soterrado. E num dos andares tinha uma oficina de ourives onde Avi Deutscher trabalhava com o pai. Eles eram diamantários. Eram belgas, e os judeus belgas vieram para cá fugidos da guerra. Ele era o crítico de teatro e de balé do “Aonde Vamos”, um rapaz muito interessante, muito culto, falava com um ligeiro sotaque francês. Era muito culto e aqueles foram anos importantes do teatro brasileiro. Tinha o crítico de cinema, Jorge Burjan, enteado do Aron Neumann, que era um crítico de cinema formidável, cultíssimo. Eu lia ele (sic) com muita atenção, muito interesse [...] (Leal; Grin, 2013, p. 3-12).

A profa. Dra. Nancy Rozenchan, de Língua e Literatura Hebraica da USP, em uma conversa por telefone (Rozenchan, 2020), afirmou que, em sua casa, assinavam a *Aonde Vamos?*, mas não se interessava por política, adorava a parte cultural da revista. Constatou-se, dessa forma, que a publicação não se limitava às denúncias do redator-chefe e da sua visão sionista de direita, mas também publicava artigos sobre música, literatura, teatro, cultura judaica - sendo que os intelectuais da coletividade ocupavam amplo espaço nesses textos -, além de informações e colunas fixas sobre outras cidades pelo Brasil afora.

Então, para além da questão política, que era amplamente divulgada nas páginas da revista, os seus leitores podiam encontrar informações diversificadas sobre música, teatro e outros contemporâneos da revista ou do passado. Assim, pode-se constatar que além do público alinhado politicamente com suas posturas, a *Aonde Vamos?* atingia o leitor mais à esquerda, que apreciava o lado cultural da publicação. Dessa forma, ela atingia um público mais amplo, isto é, embora seu perfil fosse conservador, a recepção era variada, o que, inclusive, poderia ser inesperado para os próprios editores. Outras hipóteses para essa questão são que essa estrutura diversificada amenizava a intenção da sua propaganda política, apresentando-a mais como uma mera informação imparcial e não a formação intencional de um público adepto à corrente

ideológica específica da revista, ou uma verdadeira intenção de atingir um público amplo, assim como as grandes revistas e jornais que tinham esta estrutura diversificada com essa finalidade.

Nessa fase, entre as seções exclusivamente voltadas para assuntos internacionais têm-se Notícias de Guerra (1943-1944); Lista de sobreviventes (1944-1945); Noticiário do exterior (1945-1948); Da imprensa de Israel (1948-1950, 1953); Notícias de Israel (1948-1951, 1954); Notícias de Israel e do Mundo ou De Israel e do Mundo (1949-1950); Israel ri (1949-1951); Flashes telegráficos da semana (1951-1953), com a variação Resumo do noticiário telegráfico da semana (1951-1955).

Como já explicitado, Israel recebeu destaque após sua criação, mas informações internacionais de outras partes do mundo tinham espaço e visibilidade garantidos em seções exclusivas ou dividindo espaço com as que abordavam notícias israelenses.

Dessa forma, pode-se afirmar que informações sobre as comunidades judaicas norte-americanas, o renascimento e reordenamento judaico na Europa, as comunidades na África e na América Latina não foram desprezadas, apesar do espaço menor destinado a elas.

A segunda fase da revista abarca um longo período, 20 anos, de 1952 até 1972, definida, neste estudo, como espaço temporal de consolidação e maior prestígio. Na política brasileira, corresponde-se, em parte, ao período democrático (1945-1964) e a alguns anos da Ditadura Civil-Militar (1964-1985), momentos em que houve, primeiro, uma maior liberdade de imprensa, no que tange as das comunidades imigrantes. Para a comunidade judaica brasileira, como já abordado, os anos 1950 foram um período de ascensão econômica à sociedade brasileira.

Nessa fase, durante o período democrático, permaneceram as seções culturais e houve ainda o surgimento de outras, como: Livros (1953, 1955, 1964-1967, 1974-1977); Artes plásticas (1954, 1958-1960, 1962-1966); Filme (1954-1961, 1965, 1967); Literatura e arte (1955-1959); Teatro e Ballet (1957-1967); Discos (1957, 1959-1967); Música e ballet (1960-1962) e Resenha bibliográfica (1960-1964). Consolidando-se, assim, a hipótese que a revista se dedicava a esse nicho editorial e possuía um público interessado nessas temáticas, com análises nada conservadoras, para além das questões políticas e ideológicas que defendia de forma intensa.

Referente às seções internacionais de 1952 até 1954, ainda se publicou grande variedade de seções, como Ecos da imprensa de Israel (1951-1952); Revista da imprensa de Israel, com a variante Da imprensa de Israel (1948-1950, 1953); Notícias de Israel (1948-1951, 1954); Resumo do noticiário telegráfico da semana (1951-1955); Noticiário telegráfico (1954-1955). Como se pode constatar pelas datas, essa diversidade não foi além do ano de 1955. Isso porque,

nesta data, foram criadas seções que aglutinaram essa diversidade. São elas: Internacional (1955-1964, 1968-1970); Israel (1955-1962) e Os Judeus no Mundo (1955-1962).

As seções Os Judeus no Mundo¹⁴⁷, Israel e Internacional publicavam, em geral, informações sem autoria, muitas traduções de informações publicadas na imprensa internacional, às vezes com indicação da fonte, mas em outras não. É possível supor que eram textos a cargo do editor, Aron Neumann. Grosso modo, seus assuntos eram distintos: a seção O Judeu no Mundo publicava conteúdo relacionado às comunidades judaicas e judeus fora de Israel, enquanto Israel tratava especificamente de questões israelenses, como política, cultura, sociedade, personalidades, assim por diante. Já a seção Internacional abordava temas globais, não necessariamente ligados à comunidade judaica, mas que a atingiam muitas vezes de forma transversal. No entanto, na prática, os assuntos interpenetravam-se nessas seções e as divisões efetivamente não eram tão claras ou separadas.

No ano de 1963, continuaram as seções culturais. No que respeita às de cunho internacional, somente a Internacional permaneceu igual, mas Os Judeus no Mundo e Israel mudaram o nome para No Mundo (1963-1971) e Em Israel (1963-1971), respectivamente. A seção que abordava a comunidade judaica brasileira O Yishuv Brasileiro (1955-1962) mudou para No Yishuv (1963-1970), o que convida a perceber uma tentativa de padronização das seções dentro da proposta de nomes curtos e mais diretos. Tem-se a hipótese, também, de um amadurecimento das concepções de cada seção, seu foco principal, porque, a partir dessa data, houve uma separação mais efetiva das temáticas pertinentes a cada uma delas de forma mais claramente dividida.

Quanto ao número de seções durante o ano, de 1952 a 1970, houve grande variação, entre 10 e 19 seções anuais. Mas a maior frequência incidiu entre 13 e 14 seções por ano. Os últimos períodos dessa fase, ou seja, 1971 e 1972, presenciaram uma queda brusca no número de seções. Publicou somente cinco seções em 1971: Em Israel (1963-1971); No Mundo (1963-1971); Em cima da hora (1970-1974); Sete Grifos (1960-1977) e Sociais (1943-1977). No ano seguinte, o número foi menor, apenas três: Em cima da hora; Sete Grifos e Sociais. Enfatiza-se que, mesmo nos últimos anos da fase de prosperidade da revista, ela vinha tendo um encolhimento de sua diversidade e pujança. Principalmente, encerraram-se as seções culturais com articulistas, apresentando uma fase de mudança. Apontam-se dois fatores para essa diminuição das seções, um externo e outro interno à revista, quais sejam: os anos 1970 marcaram o fim da ascensão econômica mundial e, consequentemente, a do Brasil. Além disso,

¹⁴⁷ A seção Os Judeus no Mundo será objeto de análise no próximo item deste capítulo.

a descoberta que a revista estava com dívidas exorbitantes só se tornou conhecida após a morte de Aron Neumann, mas esse encolhimento das seções pode ter sido consequência das dívidas adquiridas por ele enquanto ainda estava na liderança da revista, na tentativa de reduzir os custos.

A terceira fase de *Aonde Vamos?*, que não se demonstrou longeva, foi de 1973 a 1977 e corresponde aos anos de tentativa de sobrevivência, liderada pelo jovem Ronald Fucs¹⁴⁸, após a morte repentina do seu grande entusiasta, Aron Neumann, que deixou muitas dívidas, descobertas, aliás, somente naquele momento segundo Fucs. Para o Brasil, ainda reinava a sombria ditadura civil-militar e, assim como para o mundo, o país enfrentava o fim do *boom* econômico proporcionado pelo pós-Segunda Guerra Mundial. Esse processo acabou por abalar o mercado editorial nacional e culminou com o encerramento da revista.

No primeiro ano dessa fase, houve uma retomada das seções que passaram de três, no ano anterior, para cinco, em 1973, enquanto em 1974, passaram para onze seções, condição também alterada nos três últimos anos, em que a quantidade se estabilizou em sete. De modo geral, nesses anos, permaneceram as seções culturais, algumas com autores fixos, outras com vários escritores, como Teatro (1950-1957, 1967-1968, 1974-1975); Música (1950-1962, 1973-1977); Cinema (1964-1965, 1973-1977) e Livros (1953, 1955, 1964-1967, 1974-1977). Algumas tinham sido descontinuadas e foram retomadas nessa fase, permanecendo até o final. Nos anos de 1975 e 1976, há de se destacar, ainda surgiram duas seções: Xadrez (1975-1977) e Artes Visuais (1976-1977).

Pode-se concluir que, nessa fase, tentou-se focar nesse aspecto da revista, que era cultural e, por isso, bem-conceituada pelo seu público leitor, como se constatou no relato do jornalista Alberto Dines e da professora Nancy Rozenchan. Ademais, o enfoque recaía sobre o objetivo principal do periódico, a saber: destinar-se à uma parcela da comunidade judaica nacional. No entanto, não foi suficiente para garantir a sobrevivência da revista após o falecimento de seu principal editor, que vivenciou adversidades maiores, fossem internas ou externas.

Ao realizar essa análise das seções que tiveram maior continuidade dentro da revista, pode-se encontrar três grandes eixos temáticos: o primeiro é a própria comunidade judaica brasileira, evidenciada pela permanência ao longo de toda a existência da seção Sociais (1943-1977), além das *O Yishuv* brasileiro (1955-1962), depois convertida somente a *No Yishuv* (1963-1970). Em outro eixo temático estavam incluídas as seções culturais, que surgiram nos anos 1950, foram ampliadas e permanecem até o final da publicação. O terceiro eixo temático

¹⁴⁸ Ronald Fucs, último diretor da revista, será analisado no terceiro capítulo.

das seções girou em torno das informações internacionais. Pode-se dividi-las em dois sub-blocos, o primeiro abordava as questões da luta pela criação e legitimação do Estado de Israel e da defesa da linha ideológica sionista apregoada pela revista, que direcionava as análises, o que era ou não publicado, enfatizado ou silenciado. Esse eixo temático teve alteração após o falecimento de Aron Neumann e a entrada do último redator-chefe, Isaac Akcelrud¹⁴⁹. O outro sub-bloco do eixo temático internacional abordava os judeus e as comunidades judaicas espalhadas pelo mundo. A seção Os Judeus no Mundo será objeto de análise a seguir. Pode-se concluir que a revista consistia em publicação étnica judaica ou judaico-brasileira, preocupada em divulgar informações culturais para uma classe média judaica capaz de consumi-la, com forte viés sionista de direita e internacional. Conclui-se também que a revista tinha pouco ou nenhuma preocupação social, pois ignorava as profundas desigualdades e injustiças da sociedade brasileira, a exemplo de questões raciais. Com relação à Israel, sua postura estava mais voltada para as questões político-partidárias, uma vez que antes da criação do Estado, lutou pelo seu nascimento e após 1948, combateu o sionismo trabalhista no poder. Análises mais estruturais, com objetivo de melhorar a sociedade israelense, fosse interna ou externamente só ocorreram com o último redator-chefe, Isaac Akcelrud¹⁵⁰, não antes disso.

b Os Judeus no Mundo

A seção Os Judeus no Mundo foi publicada pela primeira vez na revista em 3 de março de 1955 e permaneceu até 3 de janeiro de 1963, o que contabiliza sete anos com esse nome. Posteriormente, mudou o nome para No Mundo (1963-1971), de forma mais estruturada. Procurou-se analisar a primeira fase da seção, durante o período democrático, justamente por não ser a mais estruturada, quando os colaboradores tiveram maior possibilidade de expressar e vender suas ideias com mais liberdade.

Essa seção publicava informações regulares sobre as comunidades judaicas ao redor do mundo. Em geral, não era assinada, ou seja, tem-se também a hipótese de que era uma espécie de editorial sobre as notícias mundiais escritos ou, se não, ao menos em completa consonância com as ideias defendidas pelo redator-chefe, Aron Neumann. Eventualmente, constavam as Agências Internacionais de Informações¹⁵¹ ou o nome do jornal que serviu de fonte da informação, mas muitas notícias eram traduções de artigos ou publicações de jornais

¹⁴⁹ Esse item será objeto de análise no terceiro capítulo desta tese.

¹⁵⁰ Essa temática será objeto de análise no terceiro capítulo desta tese.

¹⁵¹ As Agências Internacionais de Informações que constarem na seção Os judeus no Mundo serão analisadas no capítulo 3.

internacionais sem que houvesse a fonte mencionada, ou seja, uma seleção ou recorte das informações a serem disponibilizadas ao seu público.

Procurou-se, nessa seção e especificamente nesses anos, adentrar na leitura das temáticas publicadas, as representações realizadas por elas dos judeus no mundo e qual a função desse determinado enfoque no referido contexto. Algumas notícias dessa seção migraram para outras partes e/ou para as páginas da revista, em matérias, por exemplo, ganhando maior visibilidade e, por vezes, sendo assunto central do momento. Foram selecionados para análise dois temas que mobilizaram esforços e espaço na revista: a publicação inédita e integral do relatório Krushev, apresentado no XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética, em 1956, e o julgamento do nazista Adolf Eichmann, capturado em 1960 e levado para Israel para ser julgado em 1961, eventos já apresentados no Capítulo 1.

Com relação ao número de páginas, a seção foi publicada com uma, duas, três e até quatro páginas, mas, na maior parte das vezes, veio a público com duas ou uma página e meia. Era dividida em duas colunas, formato que permaneceu durante todo o período. Entre os anos de 1955 e 1958 era publicada, geralmente, entre as páginas 10 e 12, no meio da revista. Depois dessa data variou, mas sua presença deu-se com recorrência entre as páginas 19 e 20. O título e os subtítulos da seção tiveram três tipos de leiaute: primeiro, de 1955 a 6 de março de 1958, o título centralizado no topo da página, tamanho de letra maior, em caixa alta, com negrito e sublinhado, os subtítulos centralizados na coluna, letras em negrito e espaçamento para o corpo do texto; segundo, de 1958 a 26 de novembro de 1959, o título nem sempre era publicado no topo da página, agrupado em duas linhas do lado esquerdo, tamanho de letra maior, em caixa alta e com negrito, com o texto contornando-o. Os subtítulos eram publicados como uma primeira frase, letras em caixa alta e negrito, seguido do corpo do texto; terceiro, de 1959 a 1963, título alinhado à esquerda, com tamanho de letra maior que as versões anteriores, caixa alta, negrito, com friso de destaque do lado direito do título. As informações eram separadas por país, que vinha centralizado na coluna, em negrito acima dos subtítulos com tamanho de texto maior que do corpo do texto. Os subtítulos apareciam logo abaixo do país correspondente, com letra em caixa alta, em negrito e tamanho maior que o corpo do texto.

Acredita-se que a seção foi desenvolvendo um amadurecimento no seu leiaute e capacidade de visualização, que foi tornando-a cada vez mais compreensível e estruturada para o leitor. Esse processo pode ter sido acompanhado pela revista como um todo, mas não foi realizada essa verificação neste estudo. Tem-se, também, a imagem da página após a mudança do título, que se acredita que o novo leiaute incrementou e trouxe melhoria para a leitura e amadurecimento na compreensão da seção. Também deve ter exercido influência no que

significava os judeus no mundo para a revista e, consequentemente, para as seções Israel e Internacional, que se misturavam e interpenetravam, embaralhando as temáticas e o que era pertinente a cada uma das seções. A questão do sentido atribuído a essas seções será objeto de análise ainda neste item.

Figura 30 - Seção Os Judeus no Mundo, 1955 e Figura 31 - Seção Os Judeus no Mundo, 1958



Fonte: Aonde Vamos?, p. 11, 3/3/1955.



Fonte: Aonde Vamos?, p. 10, 13/3/1958.

Figura 32 - Seção Os Judeus no Mundo, 1959 e Figura 33 - Seção Os Judeus no Mundo, 1963

[illegible]

Fonte: *Aonde Vamos?*, p. 11, 10/12/1959.

Fonte: *Aonde Vamos?*, p. 15, 10/1/1963.

Foi realizado um levantamento nos exemplares digitais das edições da revista durante os anos de publicação da seção, para verificar o número de vezes que ela não foi publicada, cuja intenção é constatar sua frequência. Ao longo dos anos de 1955 e 1963, a seção não veio a público em nove oportunidades: 14 de abril, 19 de maio e 18 de agosto de 1955; 12 de novembro de 1959; 25 de maio, 22 de junho, 29 de junho, 13 de julho e 27 de julho de 1961. Verifica-se que o ano de surgimento da seção não foi constante, a hipótese é que até a seção consolidar-se, houve certa demora. Mas a ausência da seção no ano de 1961 requer uma análise mais apurada, que será realizada mais adiante, na análise do julgamento de Adolf Eichmann.

Levando-se em consideração que no período em que esta fase da seção foi publicada, o mundo estava inserido no contexto polarizado da Guerra Fria, a revista posicionou-se como aliada do bloco capitalista, dada a necessidade de escolher um lado, podendo-se concluir que, em suas páginas, defendia o mundo capitalista e difamava o bloco comunista. Mas foram encontradas divulgações de eventos de vertentes políticas de esquerda, como, por exemplo, dados sobre o Congresso do BUND. A União Geral Operária Judaica da Lituânia, Polónia e Rússia (Bund) surgiu em 1897, no mesmo ano do Congresso Mundial Judaico, fundado por Theodor Herzl. “Tornou-se um importante partido social democrata judaico, considerava que a língua e a cultura ídiche sustentavam uma identidade judia e exigiam a autonomia cultural no interior dos países em que viviam” (Sorj, 2010, p. 82).

Realizou-se em Montreal uma Convenção do “Bund” outrora um dos mais poderosos movimentos judeus da Europa Oriental, com tendência socialista e yiddishista. Compareceram delegados de vários países, inclusive um do Brasil. A conferência encerrou-se sexta-feira, tendo aprovado uma resolução, pedindo a Israel a aplicação dos princípios democráticos e socialistas internamente e nas suas relações com os países árabes e outras nações vizinhas, bem como solicitando que o yiddish seja considerado no Estado Judeu em pé de igualdade com as demais línguas ali faladas. A conferência afirmou sua oposição ao sionismo, condenou o imperialismo soviético e os remanescentes do colonialismo capitalista da Ásia e deixou patente a disposição do ‘Bund’ de cooperar com as organizações judaicas nos campos cultural, político e comunal, desde que se revistam de cunho democrático (Aonde Vamos?, 1955, p. 16).

O socialismo era o oposto da postura defendida pela *Aonde Vamos?*. A defesa da inclusão do ídiche como língua oficial de Israel nunca foi pautada nas páginas da publicação e a oposição ao sionismo era totalmente antagônica à ideologia difundida na revista. O inédito na nota, e talvez o motivo da ausência de comentários depreciativos da revista, foi a dupla condenação ao imperialismo soviético e ao colonialismo capitalista, num momento de ânimos acirrados da Guerra Fria. Outra resolução que chamou atenção foi o intuito de colaborar com as organizações judaicas em diversos âmbitos, sobretudo as tivessem princípios democráticos.

Provavelmente, a publicação dessas informações tinha o claro objetivo de afastar os judeus e não judeus brasileiros sionistas do BUND, explicitando seu caráter antissionista e seu alinhamento com os países árabes, vistos como inimigos pela direita sionista. Ou seja, saiu publicado esse congresso porque dizia respeito aos interesses ideológicos de Neumann, e os princípios democráticos de determinados movimentos não necessariamente produziam alianças políticas e ideológicas.

Muitas das matérias da seção eram, de fato, denúncias de antissemitismo, perseguição e desaparecimento de judeus nos países do bloco comunista e, principalmente, da União Soviética. Mas, como se constatou, houve espaço até para os opositores políticos dentro de determinadas premissas. Foi encontrada, na seção, grande diversidade de assuntos, e com relação às temáticas, foi selecionada uma pequena amostragem sobre os judeus e o judaísmo nos Estados Unidos:

Realizou-se na semana a Conferência Central de Rabinos americanos em Asbury Park, no Estado de Nova Jersey, da qual participaram 400 rabinos reformistas. Esta foi a 66ª Convenção Anual dessa Organização. Falando em nome do rabinato reformista americano, a Conferência, após analisar detalhadamente a atitude dos países árabes em relação a Israel, recusaram-se a negociar a paz, abstando-se de impedir as infiltrações em territórios israelenses, negando-se a cessar os pronunciamentos apaixonados contra o Estado Judeu, e fazendo declarações abertas sobre reivindicações territoriais contra Israel, criticou

asperamente os representantes do Departamento de Estado norte-americano que têm encorajado as nações árabes em suas claras intenções contra o Estado Judeu.

A conferência apelou para o presidente Eisenhower e o secretário de Estado, sr. Foster Dulles, no sentido de revigorarem a tradicional política de amizade para com Israel e de utilizarem influência nas Nações Unidas, no sentido de que todos os esforços fossem empreendidos para levar a paz ao Oriente Médio.

A atitude dos rabinos reformistas nem sempre foi de grande simpatia e apoio ao Estado Judeu. Esta iniciativa reflete muito bem que a realidade e a crescente estabilidade de Medinat Israel tendem a levar as diversas instituições judaicas no mundo, que a princípio não apoiavam Israel, a uma reviravolta na sua política em relação ao Estado Judeu.

Recentemente verificou-se uma aparente mudança na política do Conselho Judaico Americano (AONDE VAMOS?) que foi tradicionalmente anti-Israel e agora apresenta-se uma evidente mudança na orientação dos rabinos reformistas (Os Judeus [...], 1955, p. 11).

Verifica-se que informações referentes a Israel e ao seu relacionamento com os países árabes eram regularmente selecionadas para serem publicadas na seção. A matéria informou a mudança de posicionamento do movimento reformista norte-americano que, a princípio, não apoiava Israel, mas posteriormente reformulou sua posição. Apresentando, assim, aos seus leitores mais um sucesso para a causa sionista no judaísmo norte-americano. Mas a diversidade cultural e religiosa judaica também foi assunto na seção.

Foi publicado nos Estados Unidos o primeiro número do ‘African Israelite’ que se declara porta-voz dos judeus falasha¹⁵² no cenário judaico. Informa que há atualmente cerca de cinquenta mil judeus falasha na Etiópia e muitos yemenitas¹⁵³ e que, em breve, será iniciada a emigração, em larga escala, de judeus da Etiópia para Israel (Os Judeus [...], 1955, p. 20).

¹⁵² Judeus da Etiópia, o termo falasha é pejorativo e significa, de maneira geral, “exilado” ou “estranho”, sendo que o próprio grupo se autodenomina Beta Israel. Eles viviam no norte e noroeste da Etiópia, em mais de quinhentas aldeias espalhadas por um vasto território, entre populações que eram predominantemente muçulmanas e cristãs. Ao longo de quase 3 mil anos, os judeus negros da Etiópia mantiveram sua fé e identidade. Falam hebraico e preservaram a religião, em meio à fome, seca e guerras tribais. Segundo sua narrativa, faziam parte de uma das dez tribos perdidas, e seus ancestrais remontariam ao rei Salomão e à rainha de Sabá. Apenas em 1975, foram reconhecidos pelo Estado de Israel como descendentes das tribos perdidas. O gabinete de Israel e o governo federal dos Estados Unidos montaram operações de fuga e emigração para Israel, as maiores foram: “Operação Brothers”, dos campos de refugiados no Sudão entre 1979 e 1990 (isso inclui as principais operações: “Operação Moisés” e “Operação Josué”), e na década de 1990, a partir da capital da Etiópia, Addis Ababa (que inclui a operação Salomão). Grande parte dos judeus da Etiópia nunca havia tido contato com civilização nos moldes ocidentais. Muitos, por exemplo, nunca haviam sentado em uma cadeira ou sequer calçado um sapato. Por isso a adaptação deles em Israel foi especialmente difícil. Atualmente, aproximadamente 90% dos etíopes judeus vivem em Israel.

¹⁵³ Os judeus do Iêmen, segundo sua narrativa, estabeleceram-se no período do Rei Salomão, mas há comprovações históricas de sua presença desde o século II da era Comum. Nos séculos XIX e XX, os judeus do Iêmen conviviam pacificamente com a maioria muçulmana. Após a criação do Estado de Israel, em 1948, muitos judeus exilaram-se em outros países, e os que permaneceram passaram a ser vítimas de constantes ataques. Entre 1949 e 1950, Israel realizou 380 viagens de avião secretas para resgatar os judeus que viviam no Iêmen, ação denominada Operação Tapete Mágico. Os judeus iemenitas chegaram a Israel despreparados para a vida contemporânea. Nenhum deles possuía educação aos moldes do Estado moderno ou formação técnica. Eles tinham disposição para o trabalho pesado e disponibilidade em assumir postos de serviço que outros imigrantes poderiam considerar humilhantes. Atualmente, encontram-se majoritariamente em Israel.

A notícia citada acima aborda a primeira publicação dos judeus negros nos Estados Unidos, a *African Israelite*, porta-voz dos judeus da Etiópia. Esses dois grupos citados, os judeus etíopes e do Iêmen, eram fortemente segregados, em função de sua cultura tribal e total desconhecimento da cultura moderna ocidental. No entanto, encontrou espaço nas páginas da revista, mas sem nenhuma referência, denúncia ou crítica à condição de pária desses subgrupos. Também foi noticiada a quebra dos padrões tradicionais masculinos no serviço religioso sinagoga na América do Norte, a maior comunidade judaica em números de integrantes organizada após a Segunda Guerra Mundial.

Mulher oficiará serviços religiosos

Pela primeira vez na história do judaísmo reformador, uma mulher foi designada para officiar nos serviços religiosos de um templo. Trata-se da sra. Betty Robbins, de 31 anos de idade, mãe de quatro filhos, que foi eleita unanimemente pela congregação do Templo Avodah, de Massapequa, Long Island, New York, cantora oficial do Templo. A nova chazan oficiará seu primeiro serviço religioso naquela sinagoga na noite de Rosh Hashana vindouro (Os Judeus [...], 1955, p. 10).

Muitos outros assuntos também tiveram espaço, como, por exemplo: judeus e judaísmo nos países árabes, no norte de África e na Europa, conferências, congressos e convenções das instituições judaicas mundiais, bem como manifestações antissemitas ao redor do mundo. Além do tema, por vezes central, que versava sobre a situação dos judeus na União Soviética e nos países comunistas.

De acordo com os exemplos selecionados, a revista oferecia espaço para a diversidade política e religiosa judaica, sendo que se, para a política israelense, sua proposta estava vinculada às correntes mais à direita nacionalista, com o sionismo revisionista e ao neoliberalismo, com os sionistas gerais, do ponto de vista religioso, tinha abertura para as novas formas rituais desenvolvidas pelo movimento reformista, por exemplo. O novo lugar da mulher no ritual dentro da sinagoga foi divulgado sem nenhuma crítica, o que atesta a escolha para a publicação, ou seja, não silenciaram sobre tal aspecto. A vitória da esquerda nas instituições judaicas em Buenos Aires também foi divulgada e apreciada pela seção. Dessa forma, a vida dos judeus no mundo foi noticiada contemplando sua diversidade religiosa e política. Neste sentido, é um fato que a revista era aliada ao bloco capitalista, mas não era do ponto de vista religiosa ortodoxa, no sentido de uma religiosidade enrijecida, mas aberta e flexível às outras correntes, ou seja, contemplava o posicionamento de uma direita secular e não religiosa e não negacionista do ponto de vista político, pois reconhecia a existência de grupos não sionistas, como era o caso do BUND, visto que publicava seus eventos e decisões.

Uma hipótese aventada é que o fato de a revista ter um projeto editorial voltado para a comunidade judaica, ainda que culturalmente mais abrangente, sua pretensão era a de se colocar à altura dos grandes veículos da imprensa escrita voltados para as camadas médias e altas da sociedade. Essa pluralidade observada na linha editorial vinha da intenção de ter seu veículo levado a sério, de atingir, além do público judaico brasileiro, maior quantidade de leitores, o que resultaria em maiores vendas, assinaturas, anúncios, etc.

Dois temas presentes na seção Os Judeus no Mundo foram selecionados para uma análise mais atenta, pois tomam grande espaço e visibilidade na revista, a saber: a publicação do relatório Krushev, em 1956, e o processo de captura, envio para Israel e julgamento do nazista Adolf Eichmann, em 1961.

Antes de adentrar na abordagem sobre o relatório, o primeiro tema que será objeto de estudo, será oportuno alguns esclarecimentos. O surgimento do movimento nacionalista judaico na Europa, no século XIX, baseado na ideia de que cada nação tinha o direito à sua soberania, que teve suas manifestações, de forma simplificada, reduzidas a duas: o sionismo moderno, com todas as suas tendências e linhas da direita à esquerda, pretendia o estabelecimento na Terra Ancestral desse povo; a outra proposta era não sionista, isto é, propunha-se autonomia cultural das comunidades judaicas nos países onde estivessem estabelecidas centrada na cultura ídiche, conforme foi apresentado no primeiro capítulo.

Entre as propostas progressistas está o BUND, partido social democrata judaico fundado em 1897, além da organização do Birobidjan, que se desenrolou no bojo da sociedade soviética. No fim dos anos de 1920, Josef Stalin pretendia reorganizar as mais de 100 etnias da URSS, de forma que a maioria fosse absorvida e algumas realocadas para pontos estratégicos. A população judaica residente na URSS girava em torno de 2 milhões de pessoas e já havia comprovado que não abriria mão facilmente da própria cultura. Stalin fez duas tentativas de transferência étnica, uma para a Crimeia e outra para a Ucrânia, mas a população local manteve-se resistente às investidas do líder soviético. Stalin acabou por escolher um local isolado para concentrar os judeus soviéticos, Birobidjan, que ficava a 6400 km de Moscou, na fronteira com a China. Na época, a região ainda sofria com a ameaça do imperialismo japonês, o que se mostrou atrativo para se tornar localidade de ocupação soviética para a preservação nacional. Para se ter uma ideia da dimensão da proposta, havia comitês pró-Biribjan até no Rio de Janeiro

Sendo assim, em 28 de março de 1928, Moscou aprovou a escolha do distrito para ser uma unidade administrativa judaica autônoma dentro da URSS. Mas somente em maio de 1934 foi oficializada a criação do Estado Autônomo. Um ano depois, todas as placas de ruas eram escritas em russo e em ídiche. Era um Estado culturalmente judaico, mas não com seus aspectos

singulares, pois o regime era socialista. Quem queria se mudar para o local ganhava a passagem de trem e podia escolher entre um lote de terra, no campo, ou um terreno na cidade, para construir sua casa e seu comércio. No primeiro ano, a produção era isenta de impostos. A comunidade judaica internacional ficou dividida quanto à iniciativa, mas, ainda assim, forneceu apoio a quem precisasse. Um grupo sediado nos Estados Unidos angariou fundos usando garotos-propaganda, como Albert Einstein. Técnicos da Argentina fizeram vistorias no local para identificar o tipo de cultura mais adaptada ao ambiente (trigo e batatas). No entanto, a geografia e o clima local eram inadequados, pois era expressiva a presença de pântanos, o que dificultava a qualidade de cultivo, obrigando os novos moradores a construir tudo a partir de muito pouco.

Em 1932, o estado, cujo tamanho territorial podia ser comparado ao da Suíça, já tinha 25 mil moradores judeus. Em 1938, eram 40 mil. Entre 1937 e 1938, o ditador soviético mandou matar cerca de 70% dos quadros do Partido Comunista, entre outros desafetos. Ao mesmo tempo, moveu à força cidades inteiras, muitas delas transferidas para a Sibéria. Birobidjan também foi alvo. Os líderes do território foram acusados de trotskismo ou atividades contra o proletariado.

Com o começo da Segunda Guerra, lançou 35 mil jovens (judeus, ucranianos e russos) da região para o front. Em compensação, 10 mil pessoas mudaram-se para lá a fim de fugir das perseguições na Europa. Em 1945, a população judaica local chegou ao auge: 30 mil. Com o fim da guerra, o governo reduziu a repressão. Mas, em 1948, com o chamado “complô dos doutores”, provavelmente motivado pela criação do Estado de Israel, Stalin, pouco antes de sua morte, deu início a novos expurgos de judeus da região e de toda a URSS. Lideranças foram presas, tratou-se de apagar traços da cultura ídiche e judaica na região, a coleção judaica da biblioteca local foi queimada e a sinagoga foi fechada. Birobidjan, por conseguinte, sofreu rápido processo de esvaziamento. Em 1954, somavam-se apenas 14 mil judeus.

Dessa forma, pode-se constatar que o debate político dentro da comunidade judaica entre sionismo e socialismo/comunismo remete ao século XIX, cujos precedentes são anteriores ao contexto da Guerra Fria, evento que, certamente, o acentuou e expôs de forma mais acirrada. Mas as discussões como um todo eram preexistentes e mobilizaram esforços e defesas judaicas ao redor do mundo.

No Brasil, segundo Malamud (1983), os judeus que imigraram nas primeiras décadas do século XX refletiam a estrutura judaica de ideias dos seus países de origem. Nem todos eram sionistas, aliás, até a II Guerra Mundial o movimento sionista não predominava nem aglutinava

a maioria da população das comunidades judaicas da Europa Oriental. O movimento mais popular, especialmente na Polônia, era o Bund.

O sionismo moderno, que advogava a favor da construção do Lar Nacional Judaico em Eretz Israel, encontrou forte oposição de judeus que rejeitavam a sua condição de povo, como unidade nacional que resistiu e sobreviveu ao longo da história e, também, de movimentos políticos como o Bund e o comunista. Os comunistas, cumpre destacar, convictos e adeptos de Moscou na comunidade judaica do Brasil, desencadearam, no fim dos anos de 1920 e início dos anos de 1930, uma luta ferrenha contra o sionismo, enquanto promoviam campanhas financeiras em prol da colonização judaica na Criméia e em Birobidjan.

Somente após estes esclarecimentos pode-se avançar para a análise do Relatório Krushev, divulgado no XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética (PCUS), por Nikita Krushev, Secretário-Geral do PCUS, que apresentou para os delegados soviéticos e para alguns representantes dos partidos das “democracias populares” um relatório sobre a Era Stalin, conhecido como relatório Krushev e/ou discurso secreto. Ele marcou uma reformulação do socialismo empreendido pelo Partido Comunista na União Soviética com o abandono das principais posturas do período em que Stalin esteve no poder. O Congresso teve início no dia 14 de fevereiro de 1956, quando Krushev denunciou o culto à personalidade de Stalin, que havia morrido três anos antes. No relatório, Stalin foi acusado de uso indevido e indiscriminado de violência, por execuções e por fraudes judiciais, desconstruindo a imagem de herói que a propaganda oficial do governo soviético divulgava no pós-Segunda Guerra Mundial. Contudo, o secretário do partido, no relatório, apesar das críticas, reconheceu que Stalin prestou grandes serviços ao Partido Comunista Soviético e à classe operária, pedindo para que as questões discutidas no relatório não fossem divulgadas à imprensa. No entanto, pouco tempo depois de pronunciado o discurso, a imprensa ocidental sabia da notícia e tornou pública parte do documento.

A pauta do relatório surgiu na seção Os Judeus no Mundo e ganhou espaço, relevância e visibilidade. A revista *Aonde Vamos?*, desde o começo 1956, vinha realizando ampla campanha pela busca do paradeiro de escritores judeus desaparecidos e defendendo a tese que a União Soviética era antissemita e perseguia os judeus soviéticos. A edição de 15 de março de 1956, na referida seção, fez alusões ao relatório no subitem, sem autoria, intitulado “Os soviéticos confessam a execução dos escritores judeus”. Nele, há referência a um artigo no jornal nova-iorquino, em ídiche, *Jewish Daily Forward* (1897-atual), escrito por Leon

Crystal¹⁵⁴ — correspondente de renome na imprensa judaica, o que chama atenção para a reverberação do tema (Os Judeus [...], 1956, p. 12).

O jornalista havia viajado para a União Soviética e lá obteve informações de que escritores judeus prementes da literatura ídiche foram aprisionados pela polícia secreta na grande onda antissemita de 1948. Essa onda foi deflagrada quando o presidente do Comitê Judaico Antifascista, criado em 1942, com o apoio soviético, para divulgar as atrocidades da Alemanha Nazista e, conseqüentemente, favorecer seus interesses, Solomon Mikhoels¹⁵⁵ foi “morto num acidente de carro suspeito” (Veidlinger, 2011). O Comitê encontrou documentação desde o final da Segunda Guerra Mundial e posterior a ela, que não reconhecia o assassinato em massa dos judeus, o Holocausto, mas apenas o assassinato dos cidadãos soviéticos. O assassinato de Mikhoels marcou um ponto de viragem na história do judaísmo soviético, assinalando a transição para uma política de perseguições oficiais, com a prisão de numerosas figuras públicas judaicas importantes e pelo fechamento da maioria das instituições judaicas na União Soviética, incluindo o Comitê Judaico Antifascista e o Teatro Estatal Ídiche de Moscou, além da promoção de intensa propaganda estatal contra os “cosmopolitas sem raízes” (Os Judeus [...], 1956, p. 12). Segundo Leon, alguns presos foram executados em 1952, outros libertos depois da morte de Stalin, em 1953, e vários permaneciam desaparecidos.

A edição seguinte, com o título: “Os que sucumbiram – Destino dos Intelectuais Judeus” (Rabinowitz, 1956, p. 8), de autoria de Ezekiel Rabinowitz¹⁵⁶, fez uma análise do artigo publicado por Leon Crystal. Antes do texto, há uma Nota da Redação (N. da R.) informando que, no final de 1948 e início de 1949, houve uma intensa onda de antissemitismo, quando a editora, os jornais, as revistas e os teatros em ídiche de Moscou, Minsk, Birobidjan e outras localidades foram fechados, e muitos críticos, dramaturgos e intelectuais de origem judaica foram presos e perderam seus empregos. Afirma, ademais, que os judeus tinham provocado a

¹⁵⁴ Leon Crystal (1894–1959) nasceu na Ucrânia, foi para os Estados Unidos quando tinha vinte anos, estudou engenharia, mas se interessou pelo teatro judaico. Traduziu peças de Liev Tolstói, Molière e outros autores para o *Yiddish Art Theatre*. Em 1919, tornou-se gerente do *Yiddish Art Theatre* até 1922, quando foi para o *Jewish Daily Forward* como repórter e redator. Nos últimos anos, era o correspondente das Nações Unidas do *Forward*. É autor de uma biografia do presidente Roosevelt e de um livro sobre o escritor russo Leon Tolstoy, ambos em ídiche.

¹⁵⁵ Solomon Mikhoelsv (1890–1948), ator ídiche, diretor do Teatro Estadual *Yiddish* de Moscou e presidente do Comitê Judaico Soviético Antifascista. Foi assassinado em Minsk, em 1948, por ordem de Stalin.

¹⁵⁶ Ezekiel Rabinowitz (Rússia, 1892–EUA, 1982) foi líder do movimento *Tseire-tsiyon* (juventude sionista), cofundador, com Meyer Grosman, da Agência Telegráfica Judaica (JTA). Publicou artigos no *Yudishes vokhnblat* (Jornal Semanal Judeu), *Tog* (Dia), *Tog-morgn-zhurnal* (Diário da manhã), no *Idisher kemfer* (Lutador judeu) e *Dos idische folk* (O povo judeu), de Nova York, e *Moment* (Momento), *Unzer leben* (Nossa vida) e *Hatsfira* (O amanhecer), de Varsóvia. Editou o jornal *Tseire-tsiyon Farn folk* (Para o povo) entre 1925 e 1927. Traduziu escritos de Theodor Herzl para o ídiche: *Gezamlte shriftn* (Escritos coletados). Nova York: *Literarische farlag*, 1920. 2. v. Autor de dois livros: *Justice Louis D. Brandeis, the zionist chapter of his Life*. Nova York: New York Philosophical Library, 1968; *Os judeus: Seu sonho de Sião e o Departamento de Estado*. Nova York: Vantage Press, 1973.

ira de Stalin quando membros do Comitê Judaico Antifascista russo denunciaram a cumplicidade de muitos soviéticos no assassinato de judeus pelos nazistas. Stalin teria iniciado uma campanha antissemita, agravada pelo entusiasmo dos judeus russos com a criação do Estado de Israel. Concluiu que, naquele momento, muitos judeus russos queriam emigrar para Israel e que estes tinham muito interesse pelas “coisas judaicas” (Rabinowitz, 1956, p. 8).

O artigo de Rabinowitz apresenta alguns antecedentes da revelação do destino dos escritores judeus: em 1955, um membro do Comitê Trabalhista Judaico queria informações do paradeiro dos líderes e escritores judeus na União Soviética, dirigindo-se ao embaixador soviético nos Estados Unidos. Na ocasião, fazia-se presente Viatcheslav Molotov (1890–1986), ministro de Relações Exteriores da URSS (1939 a 1949, 1953 e 1956), que demonstrou interesse, permitindo que uma delegação americana investigasse a situação. Porém, posteriormente, retirou a permissão. Outro evento citado por Rabinowitz foi quando o escritor judeu ucraniano Ilya Ehrenburg¹⁵⁷ participou, como delegado da conferência de intelectuais europeus, e foi interrogado sobre o desaparecimento de judeus na União Soviética. Na oportunidade, o escritor ofendeu-se com as perguntas, disse que não se interessava pelos judeus e era antissionista. O artigo então faz uma dura crítica à já conhecida postura do escritor, representante da linha e do esquecimento oficial do partido sobre os desaparecidos. O artigo enfatiza a contribuição dos judeus intelectuais na luta revolucionária no período da Guerra Civil Russa, entre 1918 e 1921, e em outras batalhas, além da contribuição na construção da literatura soviética, informações de conhecimento público, na década de 1920. Pergunta também onde estarão esses escritores amplamente elogiados nesses últimos 25 anos e cita um artigo publicado pelo Dr. Raphael Shpan¹⁵⁸ no jornal vienense *Die Worshen Presse (A Imprensa Semanal)* sobre os dilemas dos judeus na União Soviética. Segundo o artigo, todo o Comitê Judaico Antifascista, com exceção de Ilya Ehrenburg, foi preso e o único crime era pelo fato de serem judeus. Informa, além disso, que a esposa de Molotov era judia, o que, segundo o jornal, foi o motivo para, a princípio, concordar com a investigação, sendo que o artigo termina com a pergunta: “O que o teria feito mudar de ideia?” (Rabinowitz, 1956, p. 23).

A revista ampliou, sistematicamente, ao longo das edições, as matérias, dando cada vez mais espaço ao tema dos judeus perseguidos e do antissemitismo generalizado na União Soviética. A tradução de matérias de jornalistas judeus e da imprensa judaica internacional era uma prática recorrente, mas a temática estava mais voltada para as análises das revelações e

¹⁵⁷ Ilya Grigoryevich Ehrenburg (Kiev, 1891–Moscou, 1967), escritor e jornalista de origem judaica. Recebeu o Prêmio Stalin de Literatura, em 1942 e 1948, e o Prêmio Internacional Lênin da Paz, em 1952.

¹⁵⁸ Nada foi encontrado sobre Raphael Shpan.

desdobramentos que se seguiram à descoberta proporcionada pelo relatório. Em muitos artigos, juntamente com a tradução dos escritos internacionais, constava mais uma nota da redação com uma introdução ao tema.

A matéria “A situação dos judeus russos”, escrita por Joel Cang (1956, p. 24)¹⁵⁹, considera a respeito das denúncias do relatório Krushev. Na seção Os Judeus no Mundo, no item “A grande revolta – mistificação?” (Os Judeus [...], 1956, p. 12), sem autoria, anota-se que os judeus encontraram consolo do 20º Congresso do Partido Comunista. Essa afirmação teve, como base, o artigo “Nossa dor e nossa consolação”, publicado no jornal oficioso bilíngue ídiche e polonês, de Varsóvia, *Folk Stimme* (*Voz do Povo*, 1946–1991), que também não era assinado, e a revista *Aonde Vamos?* sugere que foi publicado por ordem do Partido Comunista. O artigo culpa Lavrenti Beria¹⁶⁰ por todos os males causados aos judeus nos últimos decênios, relacionando uma longa lista de judeus ilustres que foram executados. No entanto, cita que os judeus da Polônia acusam a imprensa norte-americana e europeia de se aproveitar da tragédia dos judeus para distorcê-las. No subitem “Da Prisão a Universidade” (Os Judeus [...], 1956, p. 12), comentou que vários judeus presos durante esses períodos estavam, naquela ocasião, em liberdade e, na mesma seção, no subitem “Outras Libertações” (Os Judeus [...], 1956, p. 12), relatou que, na Hungria, foram soltos os judeus, líderes sionistas, acusados de espionagem; que estavam presos mais 60 intelectuais judeus desde 1918 e que havia o interesse em abrir um Teatro ídiche do Estado, além de outras ações culturais neste sentido. Ainda na mesma seção, em outro subitem, “A Imprensa Comunista Através do Mundo”, afirma que a imprensa comunista, judaica e não judaica, recebeu ordem para criticar as perseguições aos judeus (Os Judeus [...], 1956, p. 12).

Nessa mesma seção, encontram-se as seguintes informações: o diário *Daily Worker* (1924–1958), publicado na cidade de Nova Iorque pelo Partido Comunista dos EUA, que admitiu que houve perseguição aos judeus na União Soviética, no governo de Stalin, e condenou o fato. O diário pró-comunista *Morning Freiheit* (1929–1988), em ídiche de Nova Iorque, pediu, em seu editorial, que o governo soviético explicasse publicamente para a comunidade judaica soviética o que realmente aconteceu e publicasse a lista dos judeus desaparecidos, aos moldes do que apresentou o artigo do *Folk Stimme*, de Varsóvia. A seção também cita a matéria

¹⁵⁹ Joel Cang (Polônia, 1897 ou 1899–Grã-Bretanha, 1974), jornalista e escritor. Foi correspondente de Varsóvia do *News Chronicle* (GB, 1930–1960) e do *Manchester Guardian* (1821–1959) e em 1927 começou a escrever para o *Jewish Chronicle* (1842–2020), principal jornal da comunidade judaica britânica e o mais antigo jornal judaico publicado continuamente no mundo. Foi editor do jornal *The City and East London Observer* (1928–1944).

¹⁶⁰ Lavrenti Beria (Geórgia, 1899–URSS, 1953) político soviético e chefe da polícia secreta na URSS (1929–1953).

realizada pelo *New York Times* sobre as perseguições aos judeus, que já haviam sido anteriormente abordadas e duramente criticadas pelos jornais de Moscou. E, também, que o *Times* (1785–atual), de Londres, publicou no subitem “Stalin e os Judeus” que Stalin tinha se tornado intensamente antissemita, e que, por isso, mas não recebeu apoio dos outros líderes soviéticos.

A tradução e publicação da imprensa internacional não se restringia aos aliados políticos e ideológicos. Não havia restrições, mas amplo espaço para a imprensa comunista, quando esta mantinha uma postura que corroborava as prerrogativas da *Aonde Vamos?*. Tendo isso em vista, é importante ressaltar o papel da imprensa ídiche internacional como difusora de informações.

Na edição de 21 de junho de 1956, por exemplo, começou a publicação do relatório Krushev, que seria dividido e publicado em partes, nas edições seguintes, respectivamente: 28 de junho e 5, 12 e 19 de julho, ocupando, em média, a segunda capa e mais cinco páginas do periódico. É significativo, para a análise das representações do mundo social apresentada pela *Aonde Vamos?*, perguntar-se por que um veículo da comunidade judaica carioca teria o interesse em publicar um relatório secreto apresentado no XX Congresso do Partido Comunista em 25 de fevereiro de 1956, na íntegra, de forma pioneira no Brasil. A resposta pode abrir horizontes sobre os debates e as questões em pauta na comunidade judaica brasileira e mundial do período.

Com o objetivo de verificar o posicionamento e a publicação do relatório em outros periódicos brasileiros da época, foi realizada uma pesquisa na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, em que se descobriu que o *Jornal do Brasil* (RJ, 1891–atual) publicou um breve comentário sobre o relatório no mesmo dia do XX Congresso do Partido Comunista, em 25 de fevereiro de 1956, ou seja, quatro meses antes da *Aonde Vamos?*, e voltou a fazer outro curto comentário no exemplar do dia 30 de março de 1956, não trazendo esse tema mais à baila. A *Voz Operária* (RJ, 1949–1959), órgão oficial do Partido Comunista, fez uma chamada na capa e análise detalhada com trechos do relatório (Resolução [...], 1956, p. 6). O jornal *Última Hora* (RJ, 1951–1991), por sua vez, realizou uma matéria sobre o relatório e referiu que a imprensa conservadora começou a divulgar trechos ou a íntegra do relatório antes mesmo dos jornais e revistas comunistas (Para onde [...], 1956, p. 1), o que contextualiza a publicação do relatório na revista *Aonde Vamos?* e explicita o intenso intercâmbio de informações e ideias tanto de aliados quanto de opositores políticos e ideológicos. Dessa forma, confirma-se que nenhum outro periódico no Brasil publicou o relatório secreto na íntegra antes da *Aonde Vamos?*.

Na edição que começou a publicação do relatório, na segunda capa da revista, há uma Nota da Redação (N. da R.), em que o periódico apresenta sua visão do documento, sua

importância sem precedentes na história, pois desmascara em parte “o clima de barbaridade que prevaleceu por trás da Cortina de Ferro” (Nota [...], 1956, p. 8). Enfatiza, ademais, que o relatório “exclui todas as facetas antissemitas do regime comunista na Rússia e suas consequências em vários países europeus” (Nota [...], 1956, p. 8). Ainda na mesma N. da R., identifica-se como “cidadão do mundo livre” e que o documento só confirma tudo que pensava sobre Stalin. Considera que os judeus, na URSS, que eram simpatizantes do regime, apoiavam-no em prejuízo aos interesses judaicos e humanitários. Construía, dessa forma, um antagonismo entre judaísmo/humanismo, de um lado, e, do outro, o regime da União Soviética. A nota cita Horward Fast (1914–2003), romancista e escritor de televisão, que, na década de 1950, trabalhava no jornal comunista *Daily Worker*, e recebeu o Prêmio Stalin da Paz em 1953, mas acabou rompendo com o Partido Comunista quando da divulgação do relatório de Nikita Krushev. Fast é classificado pela revista como “adorado pelo movimento *halutziano*¹⁶¹ de extrema esquerda” (Nota [...], 1956, p. 8), tendo publicado um artigo no *Daily Worker*, criticando a ausência da denúncia da perseguição aos judeus no relatório Krushev, ressaltando que era um péssimo sinal e concluía que o relatório não era vitória nenhuma se continuasse a negar direitos de seus cidadãos judeus.

A revista *Aonde Vamos?*, ao publicar as denúncias, legitimou e reconheceu o relatório Krushev, ao mesmo tempo em que enfatizou para seu público leitor uma polarização entre o governo soviético e o “mundo humanizado” (Nota [...], 1956, p. 8), impossibilitando seu público brasileiro de ficar impactado e ver com bons olhos essa nova fase da liderança comunista. Impediu, dessa forma, a associação do judaísmo e dos judeus com o comunismo. Também procurou enfatizar no documento a falta de reconhecimento da perseguição aos judeus pelo governo soviético. O relatório veio, desse modo, somente confirmar o que a revista já vinha afirmando em sua campanha desde o começo do ano e reforçou sua postura política ideológica anticomunista.

No exemplar de 12 de julho de 1956, além das seis páginas do relatório Krushev, encontram-se, na seção Os Judeus no Mundo (Os Judeus [...], 1956, p. 12), várias matérias, sem autoria, referentes ao tema, como a intitulada: “Krushev e o antissemitismo” (Krushev, 1956, p. 12), que, nesse ponto, acusava o secretário do partido Comunista e formulador do relatório de ser o responsável pela onda de perseguições aos judeus nos países da Europa Oriental, baseando-se numa acusação que saiu no *New York Times* (1851–atual). O artigo afirmava que Krushev, quando foi primeiro-ministro da Ucrânia, prejudicou os judeus, proibindo-os de atuar

¹⁶¹ Movimento *halutziano* pregava a imigração dos judeus à sua terra considerada ancestral, para estabelecerem-se em colônias coletivas cooperativistas, os *kibutzim*.

em cargos do alto escalão; de manterem escolas, teatros e editoras judaicas e de usarem o ídiche, além de ser conivente com a irrupção antissemita de Kiev. Além disso, o secretário do partido, numa ida à Polônia, teceu comentários negativos sobre o excesso de judeus no comando do partido naquele país. Reiterou que Krushev era mais antissemita que Stalin e que a sinagoga de Losz havia sido profanada. Na mesma seção, há outra matéria com o mesmo teor, sem autoria, cujo título é: “Comunistas judeus atacam Krushev” (Comunistas [...], 1956, p. 12), que abordou a acusação pública do suposto antissemitismo do secretário do partido, vinda de membros dos partidos comunistas do EUA e do Canadá, cobrando explicações e o reconhecimento da destruição da cultura judaica e de seus intelectuais na Rússia nos últimos anos da década de 1940.

O relatório Krushev forneceu ao Bloco Capitalista, no período polarizado da Guerra Fria, um documento legítimo e oficial utilizado amplamente pela propaganda anticomunista, que contribuiu para a justificativa de sua política global denominada contenção. Esta era uma política norte-americana de amplo espectro, abarcando ações estratégicas militares, econômicas e diplomáticas, cujos objetivos eram impedir a divulgação e a influência do comunismo nas Américas. Evitava-se, dessa forma, um “efeito dominó” da expansão da influência da União Soviética.

A revista *Aonde Vamos?*, ao analisar e trazer para seus leitores as conjunturas e debates sobre o relatório Krushev, publicou inúmeras matérias, análises e traduções de artigos que validaram a campanha já em curso sobre o desaparecimento dos escritores judeus. Buscava-se enfatizar a sua defesa em prol da afirmação do caráter antissemita do governo soviético. Para tal, valeu-se amplamente da imprensa internacional, inclusive da comunista, judaica ou não. Espagne (2013, p. 145) afirma a respeito da tradução de livros, mas a ideia cabe para artigos, dentro da noção de transferência cultural, que: “Tradução evidencia o fato de que os conceitos estão enraizados em contextos semânticos e que o deslocamento do contexto semântico relacionado à tradução representa uma nova construção de sentido”.

Esse diálogo transnacional exerceu função legitimadora na construção ideológica e narrativa do periódico, revelando o intenso intercâmbio dessa imprensa que chegava ao Brasil e a existência de uma grande rede de mediadores culturais, que militavam e utilizavam as informações para as construções de suas plataformas políticas e ideológicas, no caso, anticomunista.

Levando em consideração que a imprensa não só informa, mas cria relevância, hierarquiza, coloca pautas em questão, ou seja, constrói referências e representações que serão absorvidas (ou não) de acordo com a concordância de interesses e intenções de determinados

grupos (Cruz; Peixoto, 2007), a revista *Aonde Vamos?* considerou relevante e pertinente a tradução e publicação do relatório secreto nas suas páginas e ainda disponibilizou outros espaços para artigos autorais de jornalistas de renome internacional para complementar sua visão. Totalmente inserida no debate veiculado na imprensa mundial polarizado no período da Guerra Fria, a revista mostrou-se, ao fim e ao cabo, conectada à brigada anticomunista, pois ainda se utilizou da imprensa comunista quando era conveniente para confirmar e validar sua postura ideológica.

Para a análise do outro tema selecionado, requer lembrar que, como citado anteriormente, na seção *Os Judeus no Mundo* não havia uma separação muito clara e delimitada sobre o que era pertinente ao recém-criado Estado de Israel e o que se referia aos judeus do resto do mundo. O assunto mundial central, que mobilizou a revista no ano de 1961, além de trazer mudanças e reflexões sobre as temáticas e publicações das seções *Os Judeus no Mundo*, *Internacional* e *Israel*, foi o julgamento do ex-nazista Adolf Eichmann.

Adolf Eichmann (Alemanha, 1906–Israel, 1962) foi um dos principais agentes articuladores da deportação dos judeus europeus durante o regime nazista na Alemanha (1933-1945). Entrou para o Partido Nazista Austríaco e na SS em 1932, com presteza e dedicação aos mandamentos do líder, subiu rápido de posto na organização nazista. Quando a Áustria foi anexada pela Alemanha, em março de 1938, ele coordenou, em Viena, o Escritório Central para Imigração de Judeus, fazendo emigrar à força 110 mil judeus austríacos entre agosto de 1938 e junho de 1939. Esse escritório foi considerado muito bem-sucedido em suas atividades de imigração forçadas e tornou-se o modelo para o Escritório Central para Emigração de Judeus de todo o Reich. Em setembro de 1939, foi fundado o Escritório Principal de Segurança do Reich, momento em que Eichmann foi nomeado diretor dos departamentos de deportação e outros assuntos judaicos. No novo cargo, foi responsável por organizar, viabilizar e coordenar a deportação de mais 1,5 milhão de judeus de toda a Europa para centros de extermínio na Polônia e na União Soviética ocupadas, além de outros locais de assassinato em massa.

Na Conferência de Wannsee, em janeiro de 1942, na Alemanha, quando foi planejada a “Solução Final” para os judeus da Europa ocupada pelos nazistas, Eichmann compareceu e foi quem escreveu a ata da conferência. Ele e sua equipe coordenaram a emigração forçada de centenas de milhares de judeus da Eslováquia, dos Países Baixos, da França e da Bélgica, além da deportação de judeus da Grécia, do Norte da Itália e da Hungria para os campos de extermínio, entre 1943 e 1944. Contou com seu envolvimento direto na deportação dos judeus da Hungria, de abril até julho de 1944, sendo que ele e sua equipe acompanharam diretamente a deportação de cerca de 440.000 judeus húngaros para os campos de extermínio.

Ao final da Guerra, Eichmann foi capturado pelos EUA, mas conseguiu fugir em 1946. Acabou estabelecendo-se na Argentina com o nome de Ricard Klament, posteriormente, transferiu para lá sua mulher e seus filhos. O serviço secreto israelense descobriu seu destino e sequestrou-o em 11 de abril de 1960. Depois de 11 dias amarrado a uma cama, concordou em assinar um documento, em que aceitava o seu julgamento num tribunal israelense. Enquanto aguardava o julgamento, escreveu suas memórias, insistindo em sua condição de mero cumpridor de ordens superiores durante a Segunda Guerra Mundial.

O julgamento, em Jerusalém, teve grande interesse internacional e ampla cobertura dos meios de comunicação. O prédio do tribunal parecia uma fortaleza, com centenas de policiais que controlavam as saídas. Em torno de 500 jornalistas faziam a cobertura do julgamento e foi montada uma sala com telégrafos e telefones para facilitar a comunicação entre os correspondentes e a redação. O réu insistiu o tempo todo em sua inocência, durante o julgamento foi instalado em um local protegido por vidros blindados.

Esse foi o segundo maior julgamento de nazistas depois do processo de Nuremberg, ocorrido em seguida ao término da Segunda Guerra Mundial. A condenação de Eichmann foi baseada no depoimento de mais de 100 testemunhas, em duas mil provas e 3.500 páginas do protocolo da polícia israelense. Foi a primeira vez que os sobreviventes, homens e mulheres, deram seu relato público sobre os sofrimentos que tinham vivenciado, pois, até aquele momento, os testemunhos eram considerados quase imorais aos ouvidos israelenses dos anos de fundação do Estado. Somente a partir de então, os testemunhos dos sobreviventes deixaram de ser fonte de vergonha e humilhação e, dessa forma, passaram a ser uma referência ideológica para os judeus em Israel e em comunidades ao redor do mundo, assim como para não judeus que desconheciam os acontecimentos do Holocausto (Gherman, 2012).

A expectativa era encontrar um homem terrível, um antisemita fervoroso, um nazista radical. Mas o réu apresentou-se como um burocrata que somente assinava documentos, em condição de subalterno de pouca iniciativa própria e sem senso de responsabilidade. Muitos intelectuais, assim como Hannah Arendt, que assistiram ao julgamento, também transmitido pela televisão, manifestaram perplexidade com o fato de ele não se apresentar como seguidor fanático de Hitler e apenas como cumpridor de ordens sem jamais questioná-las.

O julgamento de Eichmann durou quase um ano, de 11 de abril a 15 de dezembro de 1961 e, finalmente, foi considerado culpado de crimes contra o povo judeu e condenado à morte. Foi enfocado à meia-noite da transição entre 31 de maio e 1º de junho de 1962, única vez que o Estado de Israel impôs a alguém a pena de morte. Suas cinzas foram jogadas no mar.

Na seção Os Judeus no Mundo, eram recorrentes publicações sobre manifestações de antissemitismo, sobre a busca e os possíveis destinos dos nazistas procurados. Foram publicadas referências esparsas ao nazista Adolf Eichmann na seção Os Judeus no Mundo, em uma nota informando que o Centro de Documentação Histórica de Israel ofereceria um prêmio pela captura do nazista, pede contribuições dos sobreviventes para o tal prêmio e, nessa data, se imaginava que Eichmann estaria na África do Sul.

A procura de Adolf Eichmann – O Centro de Documentação Histórica de Israel anunciou que oferecerá um prêmio pela captura de Adolf Eichmann, o general da SS, encarregado da liquidação do judaísmo europeu.

O centro apelou para os milhares de israelenses que estão recebendo pagamentos de indenização dos alemães a fim de que contribuam o fundo que proverá o prêmio.

Eichmann escapou da Alemanha em 1949 e acredita-se que esteja vivendo na África do Sul (Os Judeus [...], 1958, p. 8).

Um ano depois, na mesma seção, informou-se que a Interpol estava colaborando com a polícia israelense na busca do nazista Adolf Eichmann. No entanto, naquele momento, eram somente notas, a exemplo de: “Interpol no Encalço de Eichmann – O super-criminoso de guerra Adolf Eichmann, responsável pelas ordens que determinaram a execução de seis milhões de judeus, está sendo procurado pela polícia da Alemanha e de Israel” (Os Judeus [...], 1959, p. 13).

No entanto, no ano seguinte, quando Eichmann já havia sido capturado, informações sobre o caso foram publicadas na seção Israel, sob o título “Eichmann, assassino de milhões, enfrentará a justiça dos homens” (Eichmann [...], 1960, p. 7). A seção ocupou dez páginas, sendo que nove abordavam vários aspectos do nazista capturado. Na mesma edição, a seção Judeus no Mundo foi publicada com menos de meia página, todas as manifestações e informações mundiais sobre o julgamento foram publicadas na seção Israel. A hipótese é que não estava claro para os editores da revista a especificidade de cada seção, que refletia essa mesma falta de clareza com relação ao Estado de Israel e a diáspora. Em outros termos, uma confusão que refletia sobre questões bem maiores em relação às definições das identidades dos lugares, suas representações e funções dentro das referências, nesse caso, da comunidade judaica brasileira. O mundo judaico antes e depois da Segunda Guerra Mundial sofreu mudanças significativas e a absorção do novo arranjo mundial, como o fim das comunidades do Leste Europeu e a criação do Estado Judaico, exigia um novo posicionamento conceitual do lugar dos judeus no mundo, bem como de Israel. Essa nova conceituação traumática, por um lado, e feliz, por outro, não foi de fácil compreensão, exigia novos posicionamentos para todos os judeus do mundo e atingiu também os editores de *Aonde Vamos?*

Tem-se, assim, durante todo o primeiro semestre de 1960, essa alternância na publicação das informações referentes ao caso Eichmann, por vezes publicadas na seção Os Judeus no Mundo, outras, por sua vez, na seção Israel. Houve, inclusive, migração do tema para a seção Internacional (Internacional, 1960, p. 17-18), com duas matérias, que não foram assinadas e não forneceram indicações sobre a fonte das informações. A primeira foi denominada “Assentada a poeira, impõe-se um reexame”, abordava as viagens do primeiro-ministro de Israel, Ben Gurion¹⁶², para os EUA, Bélgica, França e Holanda para esclarecer e defender a legitimidade de Eichmann ser julgado em Israel - proposta de Ben Gurion e da revista - e não por um tribunal internacional, ideia de Nahum Goldman¹⁶³. A segunda matéria “Dubiedades em torno do caso Eichmann” versou sobre a repercussão na imprensa, inclusive nacional, da resolução do Conselho de Segurança da ONU revogando a necessidade da devolução do nazista à Argentina, onde foi capturado pelas forças israelenses. A revista posicionou-se a favor da não devolução do nazista e que o julgamento ocorresse em Israel. Para tal, afirmou que a maioria das matérias era favorável à resolução da ONU e as que não o fossem eram incoerentes e ambíguas. Para reforçar esse posicionamento, publicou-se, na seção, uma entrevista realizada com Ben Gurion, explicando e defendendo seu posicionamento.

Constata-se, dessa forma, que essa temática é de suma importância, principalmente para a comunidade judaica e, conseqüentemente, para a *Aonde Vamos?* mexeu com os conceitos e os significados dos termos Israel, Diáspora (os judeus no mundo) e Internacional.

Nessas seções, como já abordado no item anterior, seus assuntos eram distintos, Os Judeus no Mundo, a exemplo, publicava assuntos sobre as comunidades judaicas e judeus fora de Israel, enquanto Israel tratava especificamente de questões israelenses, como política, cultura, sociedade, personalidades, assim por diante. Já a seção Internacional abordava temas globais não necessariamente ligados à comunidade judaica, mas que a atingiam muitas vezes de forma transversal. No entanto, na prática, os assuntos interpenetravam-se nessas seções e as divisões efetivamente não eram tão claras ou separadas. E em momentos distintos essa separação refletia questões mais específicas, como será apresentado na análise a seguir.

O assassinato de seis milhões de judeus pelos nazistas durante a Segunda Guerra Mundial foi um marco histórico que redefiniu o significado de judaísmo e povo judeu. Quando a Guerra terminou, em 1945, houve a necessidade da construção de uma nova concepção congregacional, com o objetivo de unir as diferentes instituições judaicas que as

¹⁶² Ben Gurion (Polônia, 1886-Israel, 1973) foi Primeiro-ministro de Israel de 14 de abril de 1948 a 7 de dezembro de 1953 e de 2 de novembro de 1955 a 21 de junho de 1963.

¹⁶³ Nahum Goldman (Rússia, 1895-Alemanha, 1982) foi fundador e presidente do Congresso Mundial Judaico, de 1951 a 1978, e presidente da Organização Sionista Mundial, de 1956 a 1968.

representassem. Dessa forma, fortalecendo-as em caso de governos e manifestações antijudaicas, a fragmentação do modelo anterior foi prejudicial para a defesa comunitária. Dentro dessa reflexão, foram criadas, no Brasil, as Federações Estaduais, como a Federação Israelita do Estado de São Paulo, que congregava todas as sinagogas, independente da corrente religiosa, e as várias instituições judaicas que existiam no Estado num único órgão representativo (Pinkuss, 1990).

Em 1960, mais de dez anos depois da criação do Estado Judaico, ao defini-lo como local ideal para julgar um criminoso que realizou seus crimes na Europa, a revista embaralhou-se entre os conceitos de Israel e diáspora judaica, segundo a análise apresentada a seguir. As hipóteses são que na revista *Aonde Vamos?*, houve, inicialmente, essa confusão e, posteriormente, um progressivo amadurecimento do conceito de cada espaço, pelo menos o que era pertinente a cada uma dessas instâncias. A dúvida ao publicar e escolher a seção de publicação na revista também levou em conta a questão temporal, pois os crimes ocorreram durante a Segunda Guerra Mundial, antes da fundação do Estado, e o julgamento aconteceu em outro contexto da história judaica. Sendo assim, o Holocausto e a criação de Israel eram eventos históricos que necessitavam de um amadurecimento representativo para os editores da revista e o caso Eichmann foi um momento em que essas questões tiveram de ser enfrentadas. Ao que parece, a publicação tinha seus olhos voltados ainda para um mundo judaico que já não mais existia, ou seja, as comunidades judaicas do pré-Segunda Guerra Mundial, mas o mundo era outro e Israel era, naquele momento, a grande realidade conquistada, mas que necessitava de ser apreendida como conceito em construção para todos os judeus do mundo e também para os editores da revista. Tal dado mostrava-se importante, mesmo para uma publicação sionista que havia lutado pela sua criação e consolidação do país.

Apesar de toda a alternância no primeiro semestre de 1960, no segundo, as notícias sobre o caso Eichmann e o julgamento foram publicadas na seção Israel, que se manteve fiel a conteúdos que abordavam esse marco da história judaica contemporânea. Apresentava-se, assim, uma mudança de posicionamento frente às seções da revista.

Antes do julgamento, a revista publicou, na íntegra, as denúncias do Estado de Israel contra Eichmann, o que contabilizou quinze acusações publicadas, em três páginas, assinadas pelo Gideon Hausner¹⁶⁴, procurador geral, sem nenhum comentário dos editores da revista, somente o texto (Hausner, 1961, p. 12-14). A seção Os Judeus no Mundo foi perdendo espaço,

¹⁶⁴ Gideon Hausner (Ucrânia, 1915-Israel, 1990) foi um advogado e funcionário público israelense. Foi procurador-geral de Israel na década de 1960, quando atuou como promotor-chefe no julgamento de Adolf Eichmann. Depois foi membro do *Knesset* (Parlamento), como ministro no gabinete e como presidente do Conselho Internacional do *Yad Vashem*, o Centro de Memória do Holocausto de Israel (Our History, [s. d.]).

sendo que, nesta edição, contou com apenas meia página. A seção Israel, com três páginas, entre outros assuntos, trouxe o debate sobre os juízes escolhidos para julgarem Eichmann. A revista utilizou esse espaço para manifestar suas opiniões, confirmando a hipótese que essas seções eram um tipo de editorial, provavelmente escrito pelo editor-chefe, Aron Neumann. No texto, afirmou que esse evento não se tratava tão somente do julgamento e da condenação de um coronel da Gestapo, mas da oportunidade de conhecer os colaboradores dos nazistas que não alemães, além de judeus e instituições judaicas corresponsáveis pela Shoah. Era, segundo a revista, um período para expor, julgar e condenar os responsáveis de fora, mas também de dentro da comunidade judaica.

Assim, o julgamento de Eichmann migrou definitivamente para a seção Israel, mas estimulou a publicação da situação dos criminosos nazista na Europa. A seção Os Judeus no Mundo, que estava cada vez com menos espaço dentro da revista, publicou o subtítulo “Criminosos de Guerra”, dividido em dois subitens: “Julgamento do Carrasco Chmielewski”, sobre a condenação à prisão perpétua pela promotoria do tribunal de Ansbach, Alemanha, do ex-comandante de um subcampo do campo de concentração de Mauthausen, e “Executados dois Nazistas Estonianos”, sobre o fuzilamento de Ralf Gerretz e Jan Vijk, policiais da Estônia colaboracionistas, que auxiliaram no assassinato de cerca de 125 mil estonianos, majoritariamente judeus. Houve um terceiro condenado, morador da Inglaterra, que recebeu proteção do governo britânico e não foi extraditado. Após essas informações, nesse segundo subitem, sucedeu-se uma série de notas de julgamento de nazistas, como o início do julgamento, na Alemanha, de dois ex-oficiais da SS, acusados de participarem da execução de várias centenas de judeus da Látvia; a denúncia de oficial da Gestapo em Lodz, G. Fucs, de ser responsável pelo assassinato de mais de cem mil pessoas do gueto da cidade; início das investigações do ex-oficial da Gestapo, Dr. Bradisch, que teria executado judeus em Smolensk; mais de trinta pessoas testemunhariam contra Franz Leethaler e Will Papenkort, acusados de coparticipação no assassinato de 500 a 700 judeus na Bielo-Rússia; durante um evento em homenagem às vítimas de um massacre realizado pela Gestapo em Dortmund, Alemanha, em 1944, um deputado socialdemocrata acusou vários magistrados e funcionários da justiça alemã de terem favorecido os criminosos nazistas em seus tribunais (Os Judeus [...], 1961, p. 18-19).

Dessa forma, sabe-se que houve um intenso movimento de busca, captura e julgamento dos criminosos nazistas em todas as partes, mas principalmente na Europa. Essa movimentação contava com uma grande rede de divulgação e mediadores, que transmitiam os acontecimentos aos judeus de todo mundo, ansiosos por informações sobre o destino e a punição dos algozes nazistas. Também, dessa forma, colaboraram na construção de uma memória e identidade

comum judaica no pós-Guerra. Mas a seção, além disso, denunciava os nazistas reconhecidos como tal, que recebiam cargos ou reconhecimento público por algum mérito que ignorava sua atuação no período nazista.

A partir do início do julgamento de Eichmann, em 11 de abril de 1961, a seção Os Judeus no Mundo passou a ter em média meia página ou menos. Enquanto isso, a seção Israel, com muitas páginas, noticiava sobre o julgamento e outros assuntos sobre o Estado, como, por exemplo, questões políticas governamentais. As edições do período também contavam com inúmeras matérias espalhadas pela revista sobre o caso, como bem demonstra a repercussão na imprensa brasileira e internacional a partir de artigos assinados por comentaristas nacionais e internacionais.

A edição seguinte ao início do julgamento, 13 de abril de 1961, publicou a matéria “Repercussões do julgamento de Eichmann na imprensa brasileira” (Repercussões [...], 1961, p. 14-16), cujo teor diz respeito à visibilidade do julgamento, que, segundo a matéria, contou com o destaque e a amplitude dados aos eventos de grande importância internacional. Afirmou que a mesma repercussão havia acontecido na imprensa internacional. Na matéria, apresentou-se um resumo das reações dos periódicos. Os jornais escolhidos foram: *Correio da Manhã* (RJ, 1901-1974), *Jornal do Comércio* (RJ, 1827-2016), *Última Hora* (RJ, 1951-1971), *Diário Carioca* (RJ, 1928-1965), *Jornal do Brasil* (RJ, 1891-atual), *Tribuna da Imprensa* (RJ, 1949-2008), *Diário de Notícias* (RJ, 1930-1970), *Diário da Noite de São Paulo* (SP, 1925-1980) e *O Globo* (RJ, 1925-atual).

Nos resumos selecionados, convergia a defesa da legitimidade da realização do julgamento em Jerusalém e não em um Tribunal Internacional, narrativa adotada pela revista, conforme lê-se a seguir. Ademais, cumpre destaca que outros veículos de comunicação, como o jornal *Tribuna da Imprensa*, também defenderam a tese enfaticamente:

Embora os crimes que ele perpetrrou fossem cometidos com êle, sem êle e independente dele, o fato é que foi êle que os praticou, ‘em pleno exercício de seu livre arbítrio. Conscientemente – acrescenta o articulista – fez sua a consciência do nazismo. É o que faz em Jerusalém é o julgamento dessa consciência’. Por isso negamos validade à discussão sobre a competência do tribunal que julga Adolf Eichmann (Repercussões [...], 1961, p. 14-15).

Na mesma matéria, o *Jornal do Brasil* e o *Diário de Notícias* publicaram manifestações antissemitas ocorridas na véspera do início do julgamento, em represália à comunidade judaica. O primeiro relatou que picharam sinagogas em São Paulo, assim, “motivando o protesto do Consul de Israel e o policiamento intensivo das ruas do bairro judeu” (Repercussões [...], 1961,

p. 14-16). O segundo divulgou manifestações antijudaicas em várias partes do Rio de Janeiro, com aparecimento de suásticas, frases de insultos e ameaças escritas nos muros de sinagogas e residências israelitas. Citou, também, que a polícia precisou tomar providências para proteger clubes e escolas israelitas (Repercussões [...], 1961, p. 14-16).

Os jornais *O Diário Carioca*, *O Globo* e *O Diário da Noite*, de São Paulo, realizaram enquete sobre o julgamento. Em *O Globo*, o inquérito com seus leitores, segundo o resumo, contou com ampla participação, “manifestaram-se juristas, médicos, escritores, jornalistas, educadores, políticos, cientistas, etc” (Repercussões [...], 1961, p. 14-16). A *Aonde Vamos?* publicou algumas das “opiniões de mais interesse”, juntamente com os nomes dos proeminentes que votaram: 1) a favor da pena capital: cientista Jayme Tiomno¹⁶⁵, jornalista e acadêmico Elmano Cardin¹⁶⁶, psiquiatra e professor Jurandir Manfredini¹⁶⁷, jurista Carneiro de Campos¹⁶⁸, professor Gildasio Amado¹⁶⁹; 2) condenação à prisão perpétua: cirurgião Silvio Brauner¹⁷⁰, pastor protestante Galdino Moreira¹⁷¹, deputado Afonso Arinos Filho¹⁷², jornalista Henrique Pongetti¹⁷³, psiquiatra Heitor Peres¹⁷⁴, jornalista e acadêmico Austregésilo Filho¹⁷⁵; 3) pena severa, mas indefinida: escritor Stefan Baciú¹⁷⁶, médico, jornalista e acadêmico Peregrino Junior¹⁷⁷, engenheiro João Carlos Vidal¹⁷⁸; 4) necessitam examinar as provas: historiador José

¹⁶⁵ Jayme Tiomno (RJ, 1920-2011), físico nuclear brasileiro, membro da Academia Brasileira de Ciências e um dos mais renomados cientistas da área do país.

¹⁶⁶ Elmano Cardin (RJ, 1891-1979), jornalista. Recebeu, em 1951, o Prêmio Maria Moors Cabot de jornalismo. Foi eleito sócio honorário do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, em 1937. Foi eleito, em 1950, para a Academia Brasileira de Letras.

¹⁶⁷ Jurandir Manfredini (PR, 1905-RJ, 1974), médico psiquiatra. Foi diretor do Serviço Nacional de Doenças Mentais na década de 1950. Foi um dos fundadores da Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP) e homenageado ao ter seu nome dado ao Hospital Municipal de Jacarepaguá, Rio de Janeiro.

¹⁶⁸ Nada foi encontrado.

¹⁶⁹ Gildasio Amado (SE, 1908-RJ, 1979) foi educador, escritor, jornalista, radialista e advogado. Destacou-se por ser um dos pioneiros a usar a televisão e o rádio com fins educativos de âmbito nacional no Brasil. Participou da criação do Centro Brasileiro de TV Educativa.

¹⁷⁰ Nada foi encontrado sobre Silvio Brauner, mas existe uma Unidade Básica de Saúde da Família (UBS), no Rio de Janeiro, e uma rua, em Pelotas, que levam este nome, o que pode indicar, caso não se trate de homônimos, que era figura pública conhecida.

¹⁷¹ Galdino Moreira foi pastor da Igreja Presbiteriana do Brasil, presidindo seu Supremo Concílio entre 1936-1942.

¹⁷² Afonso Arinos Filho (BH, 1930-RJ, 2020), diplomata, deputado federal pelo Estado da Guanabara entre 1964 e 1967, embaixador brasileiro na Bolívia, de 1979 a 1982, além de membro da Academia Brasileira de Letras.

¹⁷³ Henrique Pongetti (RJ, 1898-1979) foi jornalista e dramaturgo.

¹⁷⁴ Heitor Peres (PE, 1907-RJ, 1990), médico psiquiatra, Membro Titular da Academia Nacional de Medicina.

¹⁷⁵ Austregésilo Filho (PE, 1898-RJ, 1992), jornalista. Membro da Academia Brasileira de Letras.

¹⁷⁶ Stefan Baciú (Romênia, 1918-Havaí, 1993) poeta, romancista, publicitário e acadêmico judeu romeno e brasileiro.

¹⁷⁷ Peregrino Junior (RN, 1989-RJ, 1983), jornalista, médico e escritor, membro da Academia Brasileira de Letras.

¹⁷⁸ João Carlos Vidal, engenheiro e presidente do Instituto de Resseguros do Brasil, empresa que tinha por objetivo reter no país os riscos de empresas nacionais que antes eram transferidos para o exterior.

Honório Rodrigues¹⁷⁹ e o líder católico José Vieira Coelho¹⁸⁰; 5) contra o julgamento em Israel, duvidando da honestidade do processo: o professor de direito internacional Oscar Tenório¹⁸¹.

Pode-se verificar que o julgamento do nazista Adolf Eichmann mobilizou não somente a comunidade judaica nacional e internacional, mas também grupos mais amplos e contou com manifestação de figuras proeminentes. As manifestações e opiniões foram variadas, desde ataques às instituições judaicas, que necessitaram de proteção policial, a manifestações públicas na imprensa a favor e contra a realização do julgamento em Israel, na tentativa de opinar qual seria a penalidade mais adequada ao criminoso. Houve um debate intenso dentro e fora da comunidade israelita no Brasil, sendo que com os nomes citados, a revista tentou explicitar que figuras de renome da sociedade brasileira - dos nomes citados, somente Stefan Baciú era de origem judaica - estavam interessadas no julgamento que aconteceu em Israel. Tal efervescência aumentou o interesse por análises e informações adicionais, que resultaram na diminuição da preocupação com o que ocorria no resto do mundo e, consequentemente, na diminuição da seção Os Judeus no Mundo. Conforme o julgamento foi transcorrendo, a seção foi aumentando seu tamanho e ficando com maior número de páginas, o que se evidenciou a partir de setembro de 1961.

A *Aonde Vamos?* publicou o texto completo das atas do Processo Eichmann dividido em sequência em várias edições, começou na edição 20 de abril de 1961 e terminou somente em 29 de novembro de 1962. Contudo, na edição de 18 de maio de 1961, na seção Yshuv Brasileiro, a matéria “Laconismo e falhas incríveis na inquirição policial de Eichmann”, a revista iniciou com a acusação de que a imprensa em geral, inclusive a judaica, durante muitos anos, silenciou sobre o destino e punição dos nazistas e, subitamente, naquele momento, publicava uma avalanche de informações àquele respeito (Laconismo [...], 1961, p. 16). Defendeu que a revista nunca silenciou sobre esse assunto e, diante do caso, assumiu uma grande responsabilidade. Toda essa introdução tinha como objetivo justificar a publicação das atas completas do Processo, que ocupavam muitas páginas. Primeiro, afirmou que nenhuma outra imprensa periódica na América Latina tinha feito isso, traduzido e publicado as atas para seu público e que divulgaram uma versão condensada mais palatável para o grande público. Explicou que, para os editores da revista, o espaço excessivo dado ao tema poderia ser ruim aos

¹⁷⁹ José Honório Rodrigues (RJ, 1913-1987), historiador, advogado e escritor.

¹⁸⁰ José Vieira Coelho foi professor acadêmico, advogado, membro da Academia Brasileira de Letras e presidente da Ação Católica Brasileira.

¹⁸¹ Oscar Tenório (AL, 1904-RJ, 1979) foi promotor público, juiz, desembargador, professor, presidente da Associação dos Magistrados Brasileiros e da União Internacional dos Magistrados, sediada na Tunísia. De 1967 a 1971 foi vice-reitor da então Universidade do Estado da Guanabara, foi nomeado reitor em 1972.

leitores, que, talvez, preferiam assuntos mais leves. Mas justificou que a seriedade, a qualidade e quantidade de informações de temáticas relevantes oferecida pela revista aconteceu, pois: “sem querermos ser modestos, podemos registrar aqui que o prestígio de AONDE VAMOS? em Israel e no cenário internacional é, por isso, grande” (Laconismo [...], 1961, p. 16).

A hipótese é que essa justificativa se deveu a críticas recebidas pelo público por conta do excessivo espaço dado ao caso na revista, deixando outros assuntos de lado. No entanto, os editores, que, provavelmente, se resumiam ao Aron Neumann não só não aceitaram a crítica, como justificaram que essa centralidade no assunto era a profundidade, qualidade e quantidade de informações oferecidas pela revista e que isso era o motivo do prestígio, inclusive internacional, da publicação. Essa justificativa explicitou a ambição e a certeza do redator-chefe de transpor o público nacional, que apresentou a *Aonde Vamos?* como um veículo de influência e projeção internacional. Neumann também se colocou na posição do veículo de comunicação primordial e grande divulgador do julgamento para o seu público. Realizou, assim, ampla cobertura do julgamento e publicou os depoimentos de todas as testemunhas, de historiadores, das lideranças comunitárias judaicas, além de muitas matérias ao longo da revista, não apenas na seção Israel. Foi muito crítico, sempre procurando erros e possíveis brechas deixadas de lado no julgamento.

Ao publicar o veredito na seção Israel, na edição de 14 de dezembro de 1961, uma única frase foi posta em caixa alta: “SERÁ QUE O POVO JUDAICO, EM TERRAS LIVRES FEZ TUDO O QUE ESTAVA A SEU ALCANCE PARA CORRER EM AUXÍLIO A SEUS IRMÃOS E SOAR O ALARMA PEDINDO SOCORRO?” (Será [...], 1961, p. 12). Neumann, tendo nascido na Alemanha, emigrado antes da eclosão da Segunda Guerra Mundial, muito provavelmente foi atingido pelas questões desse período. Mas a acusação de lideranças, instituições e personalidades da comunidade judaica ultrapassam esse tema. A busca por irregularidades e a necessidade de realizar a autodenúncia comunitária parece ter sido um *continuum* na trajetória da revista sob influência de Neumann.

Corroborando com essa perspectiva investigativa da revista, foi publicado na seção Israel, com o título e subtítulo “Processo Eichmann”, em tom opinativo e de denúncia, que o inquérito policial realizado pelo governo após a captura do nazista foi “suave, inconclusivo e quase amistoso para com o acusado. A polícia permitiu que Eichmann dissesse o que bem entendia e silenciasse onde bem lhe aprouvesse” (Processo [...], 1962, p. 16). Isso, segundo a publicação, teve a finalidade “de proteger certas pessoas e determinados lugares”. Mas considera que a fase do julgamento mudou essa postura, cita o procurador-geral Gideon Hausner, que era Sionista Geral, e foi defendido pela revista anteriormente como um nome justo

para esse julgamento, pois julgou com independência e soberania e “Muito ganhou a justiça israelense aos olhos dos povos e indivíduos de formação democrática do mundo inteiro”. No entanto, na fase final, ou seja, na apelação de Eichmann, “tudo indica haver uma autêntica conspiração de silêncio e confusão por parte das agências noticiosas em torno dos primeiros acontecimentos no Supremo Tribunal” (Processo [...], 1962, p. 16). Isso porque “a agência noticiosa judaica” informou que a Suprema Corte proibiu a divulgação do texto da apelação, tendo em vista que afirmava ser improvável, porque todo o andamento do processo, desde o inquérito policial até o julgamento, foi todo publicado. E continua com sua crítica:

O Supremo Tribunal está acima de quaisquer críticas, não apenas pelo respeito comumente devido à mais alta instância judiciária de um país democrático, mas também e especialmente, por ter revelado invariavelmente uma coerente orientação de liberalismo, principalmente na defesa dos direitos individuais contra a arbitrariedade de autoridade, quaisquer que fosse (vide, nesta edição ‘Supremo tribunal contra Arbitrariedade Governamental’) (Processo [...], 1962, p. 16).

A matéria citou também novas testemunhas para serem entrevistadas na apelação, entre eles, Dov Josef, ministro de Justiça de Israel, e Moshe Sharett¹⁸², que, segundo o texto, foram ocultadas pelas “agências noticiosas”. Não foi possível verificar a filiação partidária do ministro da Justiça, mas Moshe Sharett pertencia ao Partido dos Trabalhadores, a que a revista fazia oposição. Dessa forma, percebe-se que a citação desses dois nomes não foi aleatória, mas uma suposta denúncia ao partido que fazia oposição. Ainda segundo a matéria, a estratégia de Eichmann, desde o início, era clara: fazer todo o possível para ocultar os ex-nazistas que estavam em altos escalões. Quando o nazista teve oportunidade de falar sobre os judeus com quem negociava no julgamento, calou-se. Isso até o conhecimento da sua sentença de morte por enforcamento. Seria, então, uma tentativa de exercer pressão? E, segundo a revista, essas questões foram ocultadas pelas agências de informações numa tentativa de esconder algo, num tom acusatório direto e franco, como de costume.

Na edição de 22 de março de 1962, em Cartas, publicou-se uma correspondência recebida de Daniel Brick¹⁸³, redator-chefe do mensário *Judisk Kronika* (Suécia, 1932-atual), publicado em Estocolmo. Nela, informa-se que Moa Martinson¹⁸⁴ enviou uma matéria

¹⁸² Moshe Sharet (Ucrânia, 1894-Israel, 1965) foi líder sionista. Segundo primeiro-ministro de Israel, de 1953 a 1955, entre os dois mandatos de David ben Gurion. Pertencia ao MAPAI, Partido dos Trabalhadores em Israel. Em 1960, foi presidente da Organização Sionista Mundial.

¹⁸³ Daniel Brick (Lituânia, 1903-Suécia, 1987), fundador e redator-chefe da revista *Judisk Kronika*, que se tornou o principal canal de informação do judaísmo na Suécia.

¹⁸⁴ Moa Martinson (Suécia, 1890-1964), escritora realista do grupo dos escritores proletários suecos, ativa nas décadas de 1930 e 1950.

solicitando que Eichmann não fosse executado, pois não apagaria o ocorrido, não cometeu o crime sozinho, não deveria ser feito de bode expiatório, entre outros argumentos. O editor do *Jewish Kronica*, em solidariedade a ela, também publicou uma matéria assinada com o mesmo teor, considerando que seria melhor que o réu ficasse preso pelo resto de sua vida. Para difundir a defesa de que sua proposta, encaminhou uma cópia traduzida para outros redatores-chefes judeus, que, segundo sua pergunta/resposta, são “quem representa melhor o povo judeu do que a imprensa judaica?” (Cartas, 1962, p. 10).

Abaixo da carta do Sr. Brick, sob o título de Nossa opinião, inicia-se a defesa de livre expressão do editor Brick e a publicação da carta na revista. Depois, afirmou-se que nada o faria mudar de ideia, pois a sentença proferida pela Suprema Corte israelense foi justa, o nazista teve a seu dispor recursos de defesa negados às suas vítimas, bem como direito de apelação, que também estava sendo julgado pelo tribunal. Além disso, acreditara que o veredicto final seria justo, independente da decisão do tribunal. E, contraditoriamente à frase inicial da resposta, determina que nenhum judeu, que não esteve ligado ao nazismo ou ao neonazismo, tem o direito de pedir a mudança da sentença de pena de morte para prisão perpétua. Afirmou estar em desacordo com Martin Buber¹⁸⁵ e outros, que defendiam a incitação a perseguições aos judeus a aplicação da pena capital. Dessa forma, pode-se constatar que a pena capital não fora unânime, também dentro da comunidade judaica. Mas ficou claro qual a postura da *Aonde Vamos?* frente a essa questão.

Eichmann foi enforcado na madrugada de 31 de maio para 1ª de junho de 1962, sendo que as notícias sobre a repercussão foram publicadas na seção Os Judeus no Mundo, na edição de 7 de junho de 1962, sob o título e subtítulo “Execução de Eichmann”, “Repercussões no Mundo”. Segundo a agência *Associated Press*, nos principais jornais do mundo, ecoaram afirmações de que Eichmann teve o que mereceu, entre outros comentários. Também foram apresentados comentários desfavoráveis, como no subitem “Portugal e Espanha”

[...]Arrriba”, órgão da Falange, na Espanha, faz a defesa de Eichmann: ‘Ninguém pode duvidar que o processo contra Heichmann se baseou no ultraje do direito internacional com profundo desprezo por todos os direitos humanos. Os acontecimentos foram um monstruoso abuso da razão e dos direitos’ (Repercussões [...], 1962, p. 20).

¹⁸⁵ Martin Buber (Viena, 1878-Israel, 1965) foi professor de Filosofia da Religião e Ética Judaica na Universidade de Frankfurt, na Alemanha, entre 1924 e 1933. Fugindo da perseguição nazista, partiu para a Palestina em 1938, ingressando na Universidade Hebraica, onde se dedicou à filosofia social e à sociologia da religião. Defensor da coexistência entre árabes e judeus, foi um crítico do modelo adotado na construção do Estado de Israel.

Nessa mesma matéria foram noticiadas inúmeras manifestações antijudaicas após o enforcamento de Eichmann, como duas bombas Molotov que foram jogadas no edifício da escola judaica *Union de Israel* e que o escritório da Companhia de Navegação Zim foi alvejado por metralhadora por desconhecidos, na Argentina. Na Itália, Suécia, Portugal, México e nos Estados Unidos, também houve manifestações, condição diversa do que ocorreu no Brasil, onde não houve nenhum tipo de movimentação de igual teor. A revista publicou o novo posicionamento de Oscar Tenório, na enquete de *O Globo*, publicado na edição de 13 de abril de 1961, ele era o único dos citados que se manifestou contra o julgamento em Israel, duvidando da honestidade do processo. Mas segundo Tenório, mesmo contrário à pena capital, achou excepcional o veredicto do Tribunal de Israel, pois o que estava “sendo punido era um dos crimes mais monstruosos da história” (Repercussões [...], 1961, p. 14).

Esse retorno ao tema de Eichmann marcou o fim da centralidade da seção Israel, em função do foco no julgamento, voltando a certa equidade entre as seções internacionais da revista Os judeus no mundo, Israel e Internacional.

Depois de ter-se analisado as seções da revista e, posteriormente, realizado o estudo da seção Os Judeus no Mundo, que propiciou a compreensão das posturas, posicionamento e representações da revista, será possível, no próximo item deste capítulo, desenvolver um comparativo com as matérias internacionais e suas análises em periódicos nacionais e estrangeiros selecionados para essa finalidade.

2.2 Comparação com a imprensa nacional e internacional

a Unzer Stime (Nossa Voz)

O *Unzer Stime (Nossa Voz)*¹⁸⁶ foi um semanário (3 de abril de 1947 a 17 de outubro de 1951 e 15 de janeiro de 1959 até o final da publicação) e bi-semanário (19 de outubro de 1951 a 27 de dezembro de 1958)¹⁸⁷ bilíngue, português e ídiche, produzido pelos judeus progressistas da comunidade de São Paulo, do Instituto Cultural Israelita Brasileiro – ICIB, mais conhecido como Casa do Povo, publicado de 1947 a 1964. Seu perfil editorial alinhava-se com ideais da esquerda sionista e não sionista. Foi fechado pela ditadura civil-militar, o que obrigou o seu editor-chefe, Hersch Schechter, e outros colaboradores, a exilarem-se.

¹⁸⁶ O acervo digital da revista *Unzer Stime (Nossa Voz)* encontra-se disponível na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional Brasileira.

¹⁸⁷ Levantamento realizado na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional Brasileira.

Segundo Hugueta Sendacz¹⁸⁸, o jornal foi criado para ser um órgão de divulgação do *Idishe Cultur Farband* – União da Cultura Idish (ICUF), organização popular contra o fascismo e o antissemitismo, criada após um Congresso Internacional realizado em Paris, em 1937. Tinha como objetivo, divulgar a cultura ídiche progressista, informando sobre os acontecimentos importantes da política nacional e mundial, das artes dramáticas e musical, das atividades sociais, fortalecendo, assim, os laços da coletividade judaico-progressista. Sua distribuição era feita exclusivamente por assinatura e grande parte dos assinantes moravam no próprio bairro do Bom Retiro. Mas havia quem assinasse o jornal em outros bairros, cidades e países, assim sendo, havia um grande intercâmbio.

Já para Marcos Ajzenberg¹⁸⁹, o jornal tinha duas orientações principais. De saída, dentro da perspectiva judaica, era filiado ao ICUF, organização judaica internacional de esquerda, e politicamente tinha vínculo com o Partido Comunista Brasileiro (PCB), na ilegalidade. Além da Casa do Povo e da Escola Scholem Aleichem, em São Paulo, o *Unzer Stime* tinha afinidade e estava ligado às organizações judaico-progressistas do Brasil, como a Escola e Biblioteca Scholem do Rio de Janeiro, os clubes culturais de Santos, Niterói, Curitiba, Porto Alegre etc. Por causa do ICUF, o jornal também mantinha um diálogo com organizações progressistas da Argentina, EUA, França e países socialistas (URSS, Polônia, etc.).

Pode-se constatar pelos relatos que o *Unzer Stime* contava com uma ampla rede de instituições e comunidades, tanto nacionais como internacionais. Suas opiniões estavam inseridas dentro de um debate compartilhado por um subgrupo da comunidade judaica, os judeus progressistas.

Jacó Guinsburg¹⁹⁰ ressalta que, no jornal, havia uma pequena ala de sionistas de esquerda, que não teve papel relevante, principalmente porque era uma ala muito pequena dentro do Partido Sionista. Eles eram favoráveis ao uso da língua ídiche em Israel, aliás, o elemento cultural que os unia. Ele acrescentou que uma das fontes do jornal era o *Morgen Freiheit* (NY, 1922-1988), veículo judaico diário do Partido Comunista Americano, publicado em ídiche. O *Unzer Stime* propunha-se a ser a voz do setor progressista judaico, em ídiche e em português.

Lilian Starobinas¹⁹¹ salienta que as páginas em língua portuguesa apresentaram

¹⁸⁸ Hugueta Sendacz (Lodz, Polônia, 1926), uma das fundadoras da Casa do Povo. Maestrina do Coral Tradição, que existe desde 1989, e canta exclusivamente em ídiche (Entrevista [...], 2015a).

¹⁸⁹ Marcos Ajzenberg, engenheiro, empresário e militante da Casa do Povo e do Comitê Editorial do jornal *Unzer Stime* (Entrevista [...], 2015c).

¹⁹⁰ Jacó Guinsburg (Moldávia, 1921-São Paulo, 2018), professor, crítico, ensaísta, editor e fundador da editora Perspectiva (Entrevista [...], 2015b).

¹⁹¹ Lilian Starobinas é historiadora e educadora (Starobinas, 2022).

acréscimo gradativo à medida que a publicação consolidava-se temporalmente. Nos primeiros seis meses, o jornal contou somente com uma página em português, a última, mas, depois disso, foi aumentando para uma página e meia ou duas páginas. Esse aumento, segundo Starobinas, denota a ampliação potencial do público leitor, para além dos leitores do ídiche.

Após esclarecer a natureza ideológica e o surgimento do jornal, é importante salientar as diferenças entre a revista e o jornal, respectivamente a *Aonde Vamos?* e o *Unzer Stime*. Mesmo não sendo rigorosamente delimitadas, estão presentes e faz-se necessária sua pontuação. Encontrou-se uma conceituação que oferece um auxílio para essa compreensão:

As designações *Journal* e *Revue*, por outro lado, não são claras [...]. Sabemos que revista é um impresso com peculiaridades. Trata-se, assim como o jornal, de uma coletânea de informações, mas, ao contrário do diário ou hebdomadário, é feita uma seleção para uma publicação que é, em geral, mensal. Além da periodicidade, o que implica no tipo de informação que vai colocar a circular, o formato da revista também é diferente. A revista é um artefato cultural que fica entre o livro (perene e símbolo de prestígio) e o jornal (efêmero e pressionado pela atualidade) (Guimarães, 2016, p. 21-22).

Com relação à materialidade do *Unzer Stime*, destaca-se que ele foi publicado próximo ao tamanho padrão de jornal, 55cm x 36cm, e não alterou seu tamanho até a finalização da publicação, cuja impressão se dava em papel comum. Seu leiaute também pouco mudou ao longo do tempo, dividido em colunas, a letra permaneceu a mesma. Publicava imagens, caricaturas, desenhos, sendo que, nesse período, utilizava-se o clichê. Tinha em torno de oito ou 10 páginas, mas houve edições com apenas seis (final de 1951 até 1958) e, a partir de 1958, foram encontrados exemplares com 12 páginas, havendo, no ano seguinte, alguns com 14 e 18. Depois, até o final da publicação, em 1964, o número de páginas oscilava em torno dessas quantidades. Em 3 de abril, data de aniversário da publicação, era a data em que se lançava edição especial, com número expressivo de anunciantes e, conseqüentemente, aumento significativo no número de páginas.

Figura 34 - Primeira edição do jornal *Unzer Stime* e **Figura 35** - Primeira edição do jornal *Unzer Stime* (2)



Fonte: *Unzer Stime*, São Paulo, n. 1, p.1, 3/4/1947. Fonte: *Unzer Stime*, São Paulo, n. 1, p. 8, 3/4/1947.

Em 2014, o jornal foi relançado, mantendo um diálogo com as suas premissas históricas do judaísmo progressista. O título do jornal apareceu em português, ídiche, coreano e espanhol, porém, seus textos são majoritariamente em português, com espaços dedicados ao ídiche, coreano e espanhol. Foi estabelecido, assim, um diálogo entre passado e presente, bem como com as comunidades imigrantes no bairro do Bom Retiro, onde se situa a Casa do Povo.

Esse periódico foi selecionado para um comparativo das temáticas, análises e posturas das matérias internacionais, nos anos de 1955 a 1962, momento em que a seção “Os Judeus no Mundo” foi publicada na *Aonde Vamos?*. A escolha deu-se em função da postura ideológica do jornal ser diversa da adotada pela revista. Mesmo sendo uma publicação pertencente à comunidade judaica brasileira, muito provavelmente sua perspectiva era bastante distinta ao debruçar-se sobre os mesmos acontecimentos. Verificar os temas e abordagens de suas coberturas internacionais pode auxiliar na compreensão das análises da *Aonde Vamos?*, sua intencionalidade, bem como do próprio *Unzer Stime*. Serão abordados, também, a forma como foi noticiado o relatório Krushev e o caso Eichmann, com a intenção de verificar os respectivos enfoques.

Ao analisar as matérias internacionais do jornal nos anos de 1955 a 1962, constatou-se um foco totalmente diverso do encontrado na *Aonde Vamos?*. A maioria dos eventos noticiados não foi publicada na revista, como, por exemplo, as Resoluções do Conselho Mundial da Paz,

realizado na China, em 1954, e que contou com uma delegação brasileira, o que foi publicado em 4 de janeiro de 1955. O Conselho Mundial da Paz (*World Peace Council*) é uma entidade internacional estabelecida por antifascistas em 1949-1950, que luta contra a guerra, a opressão, o colonialismo e o imperialismo norte-americano¹⁹². Seus princípios explicitam em que lado estava no período da Guerra Fria, a saber, a favor do Bloco Comunista. Todos os encontros, congressos e eventos promovidos ou vinculados ao Conselho Mundial da Paz foram divulgados no *Unzer Stime*.

O jornal publicou o Festival da Juventude de Moscou, na edição de 6 de agosto de 1957. Esse festival era um evento internacional organizado, desde o ano de 1947, pela Federação Mundial da Juventude Democrática (WFDY), organização juvenil de esquerda, juntamente com a União Internacional de Estudantes. No ano de 1957, foi realizado um grande festival, em Moscou, em que participaram 34 mil jovens de 131 países.

Esses são eventos que não constavam nas páginas da revista *Aonde Vamos?*, pois pertenciam ao mundo social, com o qual a revista não se identificava, além de se tratarem de eventos que extrapolavam o âmbito judaico.

Outras pautas recorrentes no jornal da Casa do Povo, diferentemente da *Aonde Vamos?*, versavam sobre racismo e discriminação contra negros e asiáticos em qualquer parte do mundo, sobretudo no Brasil. A edição de 28 de janeiro de 1955, na seção “Anti-semitismo pelo Mundo” citou um restaurante no Canadá multado por se recusar a atender moças negras e asiáticas, incluindo esse tipo de ação no conceito de antissemitismo, numa perspectiva mais ampla.

Multado dois donos de restaurantes no Canadá por preconceito racial. CHATAN, (Ontario) – Os donos de dois restaurantes locais foram multados em 50 dólares, cada um, por se recusarem a servir cinco moças canadenses, três pretas e duas descendentes de chineses, por preconceito racial (Anti-semitismo [...], 1955, p. 10).

A seção noticiou vários acontecimentos semelhantes sofridos por judeus, como a condenação do semanário antissemita *Aspects de la France*, em função de publicações de cunho antissemita. Em geral, na *Aonde Vamos?*, a comunidade judaica e os judeus estavam no centro da temática. Já o jornal *Unzer Stime* identificava-se com a situação de estrangeiro e outras minoria dentro de um contexto mais amplo e inclusivo, considerando relevante a publicação das punições das violações dessas minorias nas páginas do jornal e não somente o antissemitismo, que se refere somente ao preconceito judaico.

¹⁹² A instituição possui portal na internet. Para saber mais, consultar: <https://cebrapaz.org.br/tag/conselho-mundial-da-paz/>. Acesso em: 27 jul. 2022.

Eventos vinculados à comunidade judaica, noticiados somente no jornal, registraram-se, entre outros, em 11 de janeiro de 1955, (Resoluções [...], 1955, p. 6) a exemplo da Conferência de professores de língua e literatura ídiche, na Polônia, realizada por meio de um despacho do Ministério da Educação polonês, que decidiu organizar uma conferência com todos os professores de língua e literatura ídiche na cidade de Lodz, em janeiro de 1956. Essa publicação foi uma de muitas que enfatizou e valorizou a intensa vida cultural judaica na União Soviética e nos países do Leste Europeu. A edição de 18 de fevereiro de 1955 citou uma exposição sobre os últimos 10 anos de vida judaica na Polônia, em Wroclaw, organizada pela União Cultural-Social dos Judeus Poloneses. Ademais, informou que a exposição iria circular por todas as cidades onde houvesse população judaica. Publicou-se, também, o Congresso dos Judeus Poloneses, em Varsóvia. O teatro ídiche e o florescimento da vida cultural judaica na URSS foram tema recorrente, como na edição de 7 de outubro de 1955, na seção “Notícias da URSS e Democracias Populares.

Ida Kaminska e Meyer Mellman em visita à URSS. Varsóvia – Embarcaram para Moscou a diretora artística do Teatro Governamental Idish: Ida Kaminska, e o conhecido artista Meyer Mellman.

Teatro idish em Riga. Tel Aviv – O jornal ‘Frei Israel’ publicou em uma de suas últimas edições a seguinte notícia: O sr. Huka, que recentemente chegou da URSS, informou que em Riga está atuando com grande êxito um Grupo Teatral idish e que em Talim, poucos dias antes de embarcar, assistiu a um concerto de canções folclóricas idish, igualmente com grande sucesso (Notícias [...], 1955, p. 8).

Ou, por exemplo, um Sarau Literário Ídiche na União dos Escritores Soviéticos, informação publicada em 19 de setembro de 1957, que se tratou de perspectiva diversa da divulgada pela *Aonde Vamos?* sobre a vida judaica no Bloco Comunista.

Constata-se que a orientação ideológica dos grupos judaicos, assim como da sociedade da época, direcionava e determinava as informações, bem como a interpretação das matérias que seriam publicadas. Para a *Aonde Vamos?*, o foco recaiu sobre a perseguição aos judeus e sua cultura, e para o *Unzer Stime* estava na valorização e estímulo dessa mesma cultura.

Perspectiva diferente, ou seja, positiva, sobre a situação dos judeus na região também foi publicada, como uma matéria com o título sugestivo “Não há anti-semitismo na Alemanha Oriental” (Não há [...], 1956, p. 6). Também na matéria ‘Repele a rádio de Moscou a calúnia sobre ‘antisemitismo’” (Repele [...], 1958, p. 12), que aborda o que apontou um telegrama publicado no *New York Time* (NY, 1851- atual), ou seja, que a rádio de Moscou difundiu um comentário repelindo afirmações que os judeus eram perseguidos na União Soviética, pois “essa

é a maior mentira inventada sobre o sistema socialista”, conforme citou, na matéria, o escritor Ilya Ehrenburg, o violinista David Oistrach, o pianista Emil Guilels e milhares de outros cientistas e intelectuais, admirados e respeitados por todos na União Soviética.

O escritor Ilya Ehrenburg foi citado pela revista como um escritor judeu que não se importava com coisas judaicas, nem com Israel. Aqui, percebe-se que a identidade judaica do escritor foi representada de duas formas distintas, pois na revista foi questionado seu vínculo judaico em função do desinteresse pelas coisas judaicas e no jornal foi posta como uma prova de que a URSS não perseguia os judeus, identificando-o como um judeu legítimo ou padrão.

No jornal, a efeméride judaica enaltecida, comemorada e noticiada foi a comemoração do Levante do Gueto de Varsóvia, realizada, sobretudo, na Polônia, diferente da *Aonde Vamos?*, que optou por considerar a respeito da criação do Estado de Israel. O Levante do Gueto de Varsóvia foi uma das maiores rebeliões organizadas por judeus contra os nazistas durante a Segunda Guerra Mundial. Aconteceu de 19 de abril a 16 de maio de 1943. Esse era um marco que ressaltava a não centralidade do sionismo, como valor identitário judaico no jornal, diferente da revista, para quem o sionismo era um valor central da identidade judaica.

O Gueto de Varsóvia, formado em 1940, chegou a ter quase 500 mil pessoas, apesar de as condições de moradias serem muito precárias. Em 1942 - em função da chamada Solução Final para a questão judaica, que consistia em eliminar, nos campos de extermínio, todos os judeus da Europa -, começou a deportação de judeus em grande escala para os campos de extermínio. Em janeiro de 1943, recomeçaram as deportações dos moradores do gueto. A resistência organizou operações de sabotagem, para prejudicar o envio dos judeus para os campos de extermínio. Estavam divididos em dois grupos: ZZW (*Zydowski Zwiazek Wojskowy*, ou União Militar Judaica), do movimento juvenil Betar, do sionismo revisionista de Jabotinsky e do ZOB (*Żydowska Organizacja Bojowa*, ou Organização Judaica de Combate, uma aliança de movimentos juvenis, ligados ao sionismo socialista e trabalhista, como *Hashomer Hatzair* e *Dror*). O segundo grupo era maior numericamente. Mesmo com inferioridade de armamentos em relação aos nazistas, os revoltosos organizaram uma eficiente rede de bunkers e esconderijos, que permitia realizar ataques surpresa às tropas nazistas. No final de abril de 1943, a maior parte da resistência judaica havia sido derrotada, mas a revolta terminou oficialmente em 16 de maio, quando os alemães descobriram e encurralaram o comando da resistência, contabilizando-se a morte de 7.000 judeus. Sobreviveram 50 mil judeus, que foram enviados para campos de extermínio, e do lado alemão houve apenas trezentas baixas. O Levante do Gueto de Varsóvia é, até os dias de hoje, o principal símbolo de resistência e heroísmo dos

judeus diante de seus carrascos. Por muitos anos, foi comemorado, principalmente, pela esquerda judaica.

O *Unzer Stime* tinha abertamente uma postura antiamericana, isso foi manifesto desde a publicação de denúncia no jornal *Pravda* (*Verdade*, 1912-atual), jornal do Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética sobre as manobras americanas para um golpe de estado na Síria (Em formação [...], 1955, p. 6). Também foi feito pelo comentário do jornal *Izvestia* (*Informar*, São Petersburgo, 1917-1991), em 8 de novembro de 1955, sob o título “Os ocidentais pretendem transformar o Oriente Médio em Trampolim Agressivo contra a URSS” (Os Ocidentais [...], 1955, p. 6). Houve, ademais, a recorrente preocupação com a eclosão de uma terceira guerra mundial, que, conjecturavam, seria iniciada pelos Estados Unidos. Mas a visão do jornal sobre o sionismo e os Estados Unidos pode ser verificada na matéria “As causas do silêncio sionista” (As causas [...], 1955, p. 6), que aborda a falta de manifestação dos dirigentes sionistas no caso dos judeus acusados de espionagem no Egito, denominado “Caso Lavon”¹⁹³. Posteriormente, segundo o jornal, as “agências noticiosas sionistas” publicaram que houve manifestações contra o enforcamento dos judeus. Neste e em outros casos, tanto o *Unzer Stime* como a *Aonde Vamos?* questionavam a honestidade das informações publicadas pela *Jewish Telegraphic Agency* (JTA), sempre que as notícias se opunham às suas perspectivas ideológicas.

O jornal citou que no “Caso Lavon” a *Aonde Vamos?*, por meio de Aron Neumann, foi o único meio de comunicação da imprensa escrita a questionar o silenciamento das lideranças judaicas. O jornal, no contexto da Guerra Fria, aproveitou esse evento para divulgar sua teoria e representação de que toda política sionista era elaborada em Washington e Nova Iorque e, posteriormente, difundida pelas Unificadas Sionistas na América Latina. Para o *Unzer Stime*, o silenciamento devia-se ao fato de não ser do interesse dos Estados Unidos intervir no governo egípcio de Nasser.

De maneira contrastiva os dois veículos de comunicação em questão analisaram e criticaram o ocorrido de acordo com as suas representações de mundo. Se para a *Aonde Vamos?* o evento refletia o antissemitismo, o não apoio ao Estado Israel e sua necessidade de segurança por parte de algumas lideranças judaicas internacionais, para o *Unzer Stime*, ele demonstrava o poderio e a manipulação norte-americana nos grupos sionistas mundiais.

Seguem-se as análises dos temas selecionados para o comparativo.

¹⁹³ Em 1955, uma unidade de espionagem, constituída por cidadãos judeus egípcios e recrutada pela polícia secreta de Israel, operou no Egito e na Operação Susanah, em que tentou destruir as relações egípcias com as potências ocidentais. A unidade bombardeou instalações americanas e britânicas, esperando que fosse considerado trabalho dos egípcios. Esse evento é chamado de “Caso Lavon”. As autoridades egípcias descobriram a sabotagem e, depois de um julgamento, dois dos membros do grupo receberam a pena de morte.

Sobre um dos temas selecionados para comparativo com o publicado na revista, o relatório Krushev, divulgado no XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética, procurou-se verificar o que o jornal publicou a respeito. Encontraram-se informações sobre o XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética veiculadas pelo jornal publicado na edição de 17 de fevereiro de 1956, sob o título “Reforço da Política Pacifista”, dedicada ao XX Congresso do PC da URSS. Nela, informou-se que o Congresso contou com “a presença de 1.600 delegados e altas personalidades do governo soviético e PC” (Reforço [...], 1956, p. 6). Acresceu-se que a ordem do dia e o relatório do secretário geral levaram cerca de seis horas para serem apreciados, pois houve um relato detalhado sobre a política pacifista externa soviética; o êxito das forças da paz, que tornaram a guerra evitável; e a situação da URSS rumo ao comunismo.

O jornal mostrou-se otimista com o congresso, pois a “linha política, daquele país, tem sido a barreira oposta à orientação *Dulleseana* de tentar levar o mundo ‘ao abismo da guerra’” (Reforço [...], 1956, p. 6). Por orientação *Dulleseana*, o jornal referiu-se à política de John Foster Dulles (1888–1959), diplomata americano republicano, que foi Secretário de Estado dos Estados Unidos, sob o presidente Dwight D. Eisenhower, de 1953 a 1959. Ele foi uma figura proeminente no início da Guerra Fria, defendendo uma postura agressiva contra o comunismo em todo o mundo e ameaçando a União Soviética contra qualquer agressão que pudesse desencadear uma guerra nuclear.

A edição 3 de junho de 1956, na seção Pela Imprensa, com o título Objetivos e Critérios de Certa Imprensa, informa que “A revista ‘*Aonde Vamos?*’ iniciou a publicação do relatório de Krushev sobre Stalin” (Objetivos [...], 1956, p. 6). O jornal, por sua vez, critica a publicação do relatório, pois a intenção da revista não era apresentar para o seu público os erros que podem ser cometidos quando os princípios socialistas são esquecidos ou evidenciar a sinceridade da liderança soviética no intuito de melhorar sua sociedade. Além da honestidade em realizar autocrítica inclusive às suas lideranças, como Stalin. Igualava, neste sentido, as intenções da *Aonde Vamos?* às de Foster Dulles, que tentou encobrir a importância e as questões do congresso, como a necessidade de evitar a guerra, o que, certamente, era de interesse do público da revista. Critica, ademais, a afirmação da revista de que estava preocupada com seus irmãos que “sentem o chão fugir-lhes debaixo dos pés” (Objetivos [...], 1956, p. 6), mas não se dá conta de que a denúncia do culto da personalidade, da violação da legalidade socialista e o debate sadio e bem-intencionado desses assuntos iria, inevitavelmente, fortalecer o regime socialista e a paz mundial. Terminava com a pergunta: “o chão fugirá debaixo dos pés de Krushev ou da bomba atômica?” (Objetivos [...], 1956, p. 6).

A revista *Aonde Vamos?* e o seu redator-chefe Aron Neumann foram citados, com frequência, no *Unzer Stime*, sempre de forma negativa e com toques de ironia. Como, por exemplo, na seção Pela Imprensa – Novos Pontífices da Política Nacional (Novos [...], 1956, p. 6), em que se lamenta as tendenciosas análises da revista *Aonde Vamos?*, que além de se considerar especialista nas questões do Oriente Médio, também começava a emitir opinião sobre o que pensam os comunistas brasileiros, afirmando que são todos contra Israel e a imigração judaica para o Brasil. Depois de argumentar que a revista tinha pleno conhecimento das posições de inúmeros comunistas brasileiros, muitos deles, inclusive, judeus, e elas não coincidiam com o publicado na revista, a seção terminava com a pergunta “Aonde vai a ‘Aonde Vamos?’, afinal?” (Novos [...], 1956, p. 6).

O jornal, assim como a revista, publicava, com frequência, o destino, a prisão e o julgamento dos criminosos nazistas, desde o início do periódico. Sobre o caso do nazista Adolf Eichmann, a primeira notícia surgiu bem depois da *Aonde Vamos?*, na edição de 26 de maio de 1960: “Adolf Eichmann – assassino de judeus europeus – detido em Israel” (Adolf [...], 1960, p. 6), ou seja, já havia passado a procura e a captura na Argentina e ele já estava detido em Israel quando houve o interesse de divulgar a informação no jornal. Houve, inclusive, notícias, que, posteriormente, não se realizaram, como a de 2 de junho de 1960, informando que “Dentro de 50 dias o início do processo da besta-fera nazista Adolf Eichmann” (Dentro [...], 1960, p. 6). O julgamento de Eichmann só começou em 11 de abril de 1961.

Apesar da veiculação das informações sobre Eichmann ter ocorrido quando ele já estava em Israel, bem depois do noticiado na *Aonde Vamos?*, passou a ser assunto recorrente depois dessa data, porque foram publicadas inúmeras matérias a respeito, a exemplo da edição de 16 de junho de 1960, que trouxe três matérias sobre o caso na mesma página. A primeira, “Diário Religioso de Tel Aviv Escreve: Não Quer o Ocidente Que Seja Processado Em Israel o Monstro Nazi Eichmann” (Diário [...], 1956, p. 6), a segunda “Decide o Governo Israeli: Eichmann não será recambiado para Argentina – Pede a Argentina a convocação do Conselho de Segurança da ONU” (Decide [...], 1956, p. 6) e a última, e única assinada, “O Monstro Nazi Adolf Eichmann” (Cau, 1956, p. 6), de Jan Cau¹⁹⁴. O artigo assinado foi publicado no jornal *O Estado de São Paulo* e republicado no *Unzer Stime*, sendo que, na publicação original, o autor ressalta, primeiramente, que Eichmann não poderia ter matado sozinho todos os seis milhões de judeus assassinados durante o regime nazista, mas foi preciso uma ideologia que convencesse a todos

¹⁹⁴ Jean Cau (França, 1925-1993) foi escritor e jornalista. Atuou como secretário de Jean-Paul Sartre e, posteriormente, dedicou-se ao jornalismo, tendo trabalhado em vários veículos, no *L'Express*, *Figaro* e *Paris Match*. Em 1961, recebeu o prêmio Goncourt pela obra *A Misericórdia de Deus*.

os alemães e um exército de funcionários fiéis e comprometidos com o objetivo. No entanto, mais à frente no texto, relata falas do próprio Eichmann, que se autodenominava responsável e vangloriava-se por ser o responsável pelo sucesso e eficiência da eliminação da população judaica de várias partes da Europa, isso porque escolhia os profissionais e comprometia-se pessoalmente com o trabalho. Ressaltava-se, dessa forma, que foi preciso uma ideologia, um exército de funcionários, mas seu papel foi de responsabilidade e importante para a eficiência dos crimes, e deveria, desse modo, ser julgado e punido pelo que fez.

O *Unzer Stime* cita que o jornal religioso *Hatsofe* publicou um artigo de S. Deleth, que afirmou que as grandes potências, principalmente Inglaterra e Estados Unidos, condenaram o julgamento público de Eichmann em Israel (Diário [...], 1956, p. 6), pois poderia aflorar sentimento anti alemão, o oposto do que pretendiam os países ocidentais, que buscavam a inserção da Alemanha no mundo civilizado e apagar os feitos do período da Segunda Guerra Mundial, sendo que poderia servir de propaganda antiocidental dos soviéticos.

Pode-se ressaltar, primeiro, a utilização da informação veiculada por um jornal israelense religioso e, portanto, adepto de posição secular, com perspectivas de mundo, rede de mediadores e públicos distintos. O *Unzer Stime*, assim como a revista *Aonde Vamos?*, utilizou informações publicadas na imprensa comunista para atender às suas finalidades. Constatase um grande intercâmbio da imprensa judaica das mais variadas correntes, assim sendo, eram lidas e republicadas notícias de todo tipo ideológico. Segundo, a perspectiva ideológica e política do jornal partia do lado oposto da revista, vendo e questionando a utilização que o bloco ocidental faria das informações.

Constam informações distintas sobre as análises do jornal a respeito do caso Eichmann, que não foram localizadas na revista *Aonde Vamos?*, além de publicações sobre a defesa, o fornecimento de material e a divulgação do caso pelas instituições do bloco comunista, como a matéria “O Instituto Histórico Judaico de Varsóvia Informa Sobre As Monstruosidades de Eichmann” (Instituto [...], 1960, p. 12), sobre uma conferência organizada pela direção do instituto para explicar os acontecimentos para toda a imprensa polonesa. O evento contou, segundo a matéria, com a presença de toda a imprensa polonesa, representantes das rádios e escritores poloneses. Em 10 de novembro de 1960, saiu na seção Imprensa Israeli Informa consideração sobre os esforços do bloco comunista para elencar material acusatório para o julgamento do caso.

Moscou, Praga e Varsóvia fornecem materiais contra Eichmann. Tel Aviv – O diário ‘Últimas Notícias’, órgão do Mapai, publicou a 26 de outubro em despacho sob o título: ‘A União Soviética fornecerá materiais acerca dos crimes de Adolf Eichmann’,

com o sub-título: ‘Dois observadores soviéticos virão ao processo’.

E o seguinte o texto do referido despacho: ‘A União Soviética, assim como a Tchecoslováquia e a Alemanha Oriental fornecerá a Israel materiais de acusação acerca dos crimes de Adolf Eichmann – comunicaram ao nosso correspondente diplomático da Europa Oriental’.

‘O governo Soviético – continua o despacho – enviará dois altos funcionários governamentais, que se ocuparam com a preparação de materiais de inquérito para o processo de Nuremberg’.

Um dia antes, o mesmo jornal informara que o ministério do Exterior da Tchecoslováquia havia comunicado a Israel, que em Praga começou a coleta de materiais para o processo contra Eichmann.

Alguns dias antes também informou, que em Varsóvia, o Instituto Histórico Judaico começara a coleta de materiais para o processo de Eichmann (Imprensa [...], 1960, p. 10).

O texto apresenta os esforços que os países comunistas estariam realizando para a coleta e fornecimento de materiais sobre os crimes, para auxiliar na acusação durante o julgamento. Além disso, na matéria “Tchecos Mostram Provas dos Crimes de Eichmann e do Nazismo” (Tchecos [...], 1960, p. 6), com informações extraídas da *Folha de São Paulo*, informou que foi encontrada, entre outras, a ata de uma reunião em 1941, com a finalidade de extermínio dos judeus, onde consta a assinatura de Eichmann.

A perspectiva de análise do jornal pôde ser explicitada na matéria “O Processo Eichmann – Acontecimento Marcante na Vida do Povo Judeus” (Perecman, 1961, p. 10), considerando que a prisão de Eichmann trouxe felicidade para todos os judeus do mundo, independente de suas convicções políticas, e para os democratas da mesma forma. Mas na Alemanha Ocidental, tal entusiasmo não ocorreu, houve, inicialmente, um grande silêncio. Muitos ex-nazistas encontravam-se no governo e Eichmann poderia denunciá-los. Enfatizou que o governo de Ben Gurion tinha relações, vendia armas e uniformes para a Alemanha Ocidental cheia de neonazistas. A captura e o julgamento do nazista teriam por objetivo demonstrar para os judeus e não judeus, conhecedores das relações entre Alemanha e Israel, que ela não implicava em fechar os olhos, melhorando a imagem do governo israelense. No texto, chamou atenção que todas às vezes foi enfatizada a Alemanha Ocidental, ou seja, membro do bloco capitalista na Guerra Fria. Sendo assim, a inclusão da Alemanha Ocidental no mundo civilizado era uma preocupação do mundo capitalista, que não contava com a participação dos países e simpatizantes do bloco comunista.

A matéria “Declaração de Líderes Judaicos de Quatro Países – Dever de cada judeu diante do Processo Eichmann”, de 29 junho de 1961, aborda uma conferência ocorrida em Berlin (Oriental) reunindo os dirigentes judaicos da Tchecoslováquia, Alemanha Oriental, Polônia e Hungria. Juntos, eles redigiram uma declaração: “A todos os judeus no mundo inteiro”.

Na declaração se lê:

‘Nós vos chamamos, judeus – irmãos e irmãs, independente da concepção que tenhais do mundo, e de qualquer país do qual sejais cidadãos – para reunirmos juntos nossas forças.

Com toda decisão nós exigimos:

Os culpados do total extermínio dos judeus, de modo todo particular os nazis, que se encontram hoje no poder na República Federal Alemã (Alemanha Ocidental), devem ser submetidos à responsabilidade judicial para receberem o justo castigo.

Com toda força moral daqueles judeus que mais sofreram, e cujos interesses nós aqui representamos; nós, os salvos do assassinio hitlerista, os judeus que retornaram dos campos de concentração, das fileiras combatentes do movimento guerrilheiro, dos Exércitos anti-fascistas, nós exigimos:

Que seja posto um paradeiro ao armamento do militarismo alemão, de modo todo particular ao seu equipamento com armas atômicas!

Nós exigimos, que nossa parte da Europa, que tanto sofreu, seja declarada como zona livre de armas atômicas.

Fiéis à sagrada memória dos seis milhões de judeus, que foram exterminados pelos nazis, fiéis ao mandamento dos combatentes judaicos da resistência, os insurretos do gueto de Varsóvia, dirigimo-nos a todos os judeus do mundo inteiro com apelo de nos unirmos a todas as pessoas que se opõem a qualquer tentativa de trazer novas desgraças a humanidade, de levar a uma nova guerra (Declaração [...], 1961, p. 10).

O jornal, ao publicar a declaração que exigia que todos os que participaram do governo nazista e agora faziam parte do governo da Alemanha Ocidental fossem expulsos de seus cargos e julgados, mantinha um olho no passado e outro no presente. Noutras palavras, realizava a denúncia da existência de ex-chefes nazistas no governo da Alemanha Ocidental e também aventou a possibilidade de a Alemanha Ocidental possuir a bomba atômica, cujo risco era uma nova guerra, o que se configurava em preocupação, sobretudo por conta do contexto da Guerra Fria. A declaração também explicitava a grande presença de comunidades judaicas organizadas dentro dos países do bloco comunista. Participaram da conferência e assinam o documento: Pelo Conselhos das Comunidades Judaicas da Boêmia e Morávia, República Socialista da Tchecoslováquia – Francizek Herman, presidente; Pela União Central das Comunidades Judaicas na Slováquia – Dr. Benjamin Eichler, presidente; Pela Direção Central da União Cultural – Social dos Judeus da Polônia – Herch Smoliar, presidente e Israel Felhendler, membro do presidium; Pela Representação Nacional dos Judeus da República Popular Húngara – Endre Shosh, presidente, Dr. Azá Zaifert, vice-presidente e Dr. Istvan Der, Grão Rabino da Hungria; Pela União das Comunidades na República Democrática Alemã – Herman Baden, presidente e Helmut Aris, vice-presidente; Pela Comunidade Judaica de Dresden – I. Lewinson; Pela União Estadual das Comunidades Judaicas na Thuringia - Herbert Ringer; Pela Comunidade Judaica de Halle - Kowalsky; Pela Comunidade Judaica na cidade Karl Marx – Hans Kleinberg; Pela Comunidade Judaica de Leipzig – Henik; pela Comunidade Judaica de Magdeburgo – Eisenstadt; Pela Comunidade Estadual Judaica em Schwerin – Shneideman,

presidente; Pela Comunidade Judaica da Grande Berlin – Heinz Shenk, secretário-geral; Rabino Nacional da República Democrática Alemã – Martin Riesenburger. A declaração era destinada aos judeus do mundo inteiro, mas os signatários consistiam somente em lideranças judaicas dos países comunistas, os legítimos interlocutores para o jornal *Unzer Stime*.

A declaração citada anteriormente explicitou a existência de uma comunidade judaica atuante no bloco do Leste Europeu, que se considerava legítima, mas articulava e criava ações somente consigo mesma.

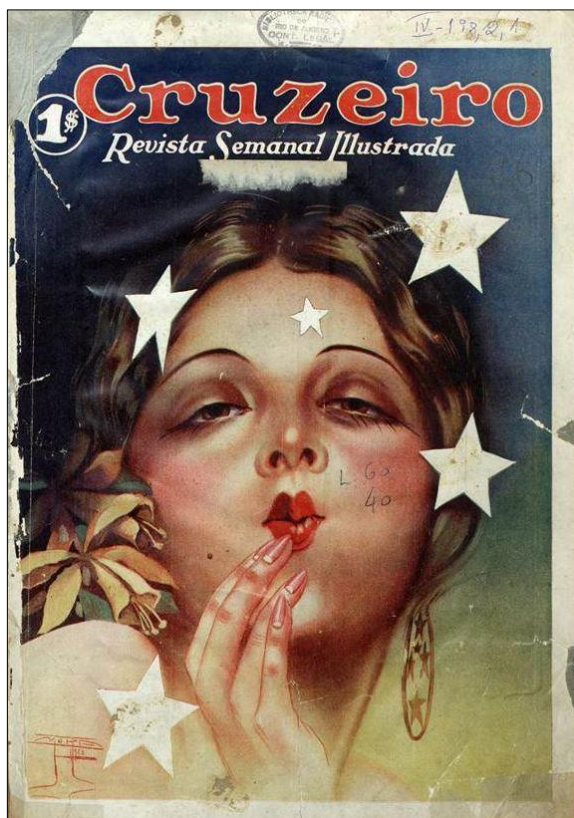
b O Cruzeiro

A revista semanal *O Cruzeiro*¹⁹⁵ foi publicada entre 1928 e 1975, sob a responsabilidade da empresa de Assis Chateaubriand, Diários Associados, que também publicava *O Jornal* (RJ, 1919-1974) e o *Diário da Noite* (RJ, 1929-1964). O lançamento da revista foi um empreendimento ambicioso, pois era impressa no formato tabloide (26 x 33 cm), em quatro cores e em papel de alta qualidade. A sua tiragem contava com 50.000 exemplares, muito acima do habitual, talvez por conta do perfil moderno e inovador. O número de exemplares e de anúncios aumentava a cada nova edição. Dessa forma, a revista, após o seu lançamento, já estava consolidada como uma grande publicação nacional. Segundo dados publicados na própria revista, ela vendeu mais de 700 mil exemplares, quando, no Brasil, havia cerca de 50 milhões de habitantes¹⁹⁶. Sendo assim, trata-se de uma revista brasileira de grande circulação que possibilitará um comparativo para as notícias veiculadas na *Aonde Vamos?*

¹⁹⁵ O acervo digital da revista *O Cruzeiro* encontra-se disponível na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

¹⁹⁶ Esses dados, porém, são contestados por alguns autores, como o jornalista Luiz Maklouf Carvalho, autor do livro *Cobras criadas – A história de David Nasser e O Cruzeiro*. Segundo ele, essa tiragem seria um dos mitos que cercam a história da revista: os 720 mil exemplares anunciados no expediente só teriam existido em uma única edição, a do suicídio de Getúlio Vargas. No entanto, o sucesso de tiragem da revista é incontestável (Carvalho, 2001).

Figura 36 - Capa da revista *O Cruzeiro*, n. 1



Fonte: Revista *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, n. 1, capa, 10/11/1928.

O Cruzeiro assemelhava-se a outras revistas ilustradas de sua época, como, por exemplo, a *Revista da Semana*, mas ela tinha um caráter mais cosmopolita. Utilizava os serviços das agências de notícias internacionais e tinha correspondentes mundo afora, o que, mais uma vez, favorece o comparativo. Este perfil foi importante, pois definiu seu estilo, a ideologia e, sobretudo os leitores que pretendia ter por mira. Houve, inclusive, o surgimento da seção exclusiva para notícias internacionais, *Pelas Cinco Partes do Mundo*, assim como a seção *Os Judeus no Mundo na Aonde Vamos?*. A partir da década de 1940, a revista adquiriu um padrão de qualidade semelhante às publicações internacionais, incluindo, desde então, nas suas primeiras páginas, um detalhado expediente, em que se podia constatar a especialização dos serviços da revista em vários departamentos, como o encontrado em *Life*, *Look*, *Paris Match*, entre outras (Mauad; Louzada; Souza Júnior, 2021).

O sucesso de vendas foi uma tendência, a partir de 1944, uma vez que a revista continuou ampliando com espaço de circulação cada vez maior. Segundo dados de seu próprio expediente, em 1945, publicava 80 mil exemplares, tornando-se a maior revista editadas no Brasil. O suicídio de Getúlio Vargas, em 1954, contribuiu para o momento de maior venda da revista, registrando-se 720 mil exemplares. Outro diferencial era que nenhuma outra imprensa

brasileira possuía tantas sucursais internacionais: Paris, Nova Iorque, Roma e Tóquio. Era distribuída para venda não somente nas grandes cidades brasileiras, mas também, no interior do país, inclusive em locais onde o Diário Oficial nunca chegou.

Durante os anos de 1940 e 1950, os grandes anunciantes disputavam espaço na revista. Todos os anúncios publicados nas 52 edições anuais eram vendidos no mês de janeiro. A época áurea da revista foi nos anos 1950, quando se tornou um dos meios de comunicação mais importantes do Brasil. Naquele período, a televisão ainda dava seus primeiros passos no Brasil, dessa forma, a revista *O Cruzeiro* era o veículo nacional que divulgava as imagens do país para o leitor nacional (Meyrer, 2010).

A revista seguia as posições políticas e ideológicas de Chateaubriand, como a defesa do capital estrangeiro e o combate aos nacionalistas, que, segundo sua definição, eram xenófobos. Defendia, entre outros, a criação de uma cultura nacional baseada no exotismo das paisagens e do povo mestiço. Dessa forma, enaltecia o indígena como o grande símbolo da nacionalidade. Por meio da divulgação de grandes temas nacionais, pretendia construir uma imagem do Brasil vinculada à ideia do exótico, por suas características regionais, desconhecida para a grande maioria dos leitores, tanto quanto por sua população indígena que a revista se propunha a apresentar. Outras questões eram a preocupação com a construção de uma modernidade pautada no modelo norte-americano, pela divulgação de sua indústria cultural através de reportagens sobre a indústria cinematográfica e publicidade. Defendia, no geral, o desenvolvimento nacional e a necessidade de superação do atraso, alinhado aos argumentos dos setores liberais e antinacionalistas.

A revista foi selecionada para um comparativo, neste estudo, em função da sua importância dentro do mercado nacional de periódicos do período em questão; por ser uma revista semanal, como a *Aonde Vamos?*, e por ter, como já relatado anteriormente, grande número de sucursais em várias capitais ao redor do mundo, pouco comum em outras revistas, tendo em vista que era um investimento que demandava altos recursos. Assim sendo, possibilita um bom contraponto para análise da seção Os Judeus no Mundo, que por meio dos profissionais da *Aonde Vamos?* estabelecia contatos e tinha uma grande rede internacional de circulação de informações.

O relatório apresentado pelo secretário geral do Partido Comunista soviético Nikita Krushev no XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética, foi abordado de três formas na revista: 1) seis matérias assinadas por Theophilo de Andrade: “A declaração de Washington”, em 3 de março de 1956; “Perón, Stalin e as Estátuas”, em 10 de março de 1956; “A Dissolução do “*Cominform*”, em 5 de maio de 1956; “A Encruzilhada Russa”, em 14 de

julho de 1956; “Crise e Justificação Comunista”, em 21 de julho de 1956; “Mais do que Pão e Satélite no Drama Russo”, em 23 de novembro de 1956; 2) na seção de humor de Millôr Fernandes: O Pif-Paf de Emmanuel Vão Gôgo, em 28 de julho de 1956; 3) uma matéria de Austregésilo de Athayde, “O Espírito é Livre”, em 26 de janeiro de 1957.

Segundo Mateus Dalmáz (2010), os principais colaboradores de assuntos relacionados à política internacional na revista *O Cruzeiro* eram Austregésilo de Athayde, David Nasser, Drew Pearson e Theophilo de Andrade. Este último não era um jornalista consagrado quando começou a escrever na revista nos anos 1940, mas assinou a coluna “Política Internacional” até a década de 1970. Escrevia com pseudônimo, pois era irmão de Drault Ernanny, banqueiro e industrial que contribuía para a compra de obras de arte que Chateaubriand trouxera do exterior para montar o futuro Museu de Arte de São Paulo. Pertencia à ala reacionária da revista, juntamente com o jornalista americano Drew Pearson (Carvalho, 2001).

Na primeira vez que Theophilo de Andrade refere-se ao relatório deixou explícito seu posicionamento e a forma como classificava cada bloco da Guerra Fria:

[...] o mundo livre [Ocidental] contra a conspiração do imperialismo russo, que já subjugou tantos povos na Europa e na Ásia, servindo-se, para tanto, da ideologia comunista e que ameaça o mundo todo, como agora mesmo, acaba de afirmar, sem reboços, Nikita Krushev, no discurso que pronunciou no XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética... denuncia precisamente as forças do totalitarismo comunista, que ameaçam o mundo com a escravidão, da mesma maneira por que o ameaçou Hitler, ou seja, com a prepotência do Estado contra os direitos do indivíduo (Andrade, 1956, p. 34).

A afirmação de Andrade desqualifica e antagoniza o bloco comunista com a liberdade e aproxima-o da ideologia nazista, no sentido de retirar os direitos individuais. Em outros termos, assim como a revista *Aonde Vamos?*, não reconhece a autocrítica e não confere nenhum valor positivo às denúncias realizadas. Em outra matéria (Andrade, 1956, p. 40), questionou se realmente surgiu uma nova política em Moscou e que esta era, também, a pergunta dos estadistas das democracias ocidentais. Segundo o autor, depois da morte de Stalin, seus parceiros denunciaram-no como uma reencarnação de Ivan, o terrível. Mas o que se seguiu na política soviética seria uma verdadeira mudança ou somente uma alteração de método com os mesmos objetivos? Houve quem acreditasse, como o Ministro do Exterior da França, mas observadores internacionais mais habituados à política soviética salientaram que substancialmente a política de Stalin continuava. Isso principalmente porque os povos libertados permaneceram escravizados, a Alemanha permaneceu dividida e falou-se em desarmamento, mas não houve permissão de fiscalização por parte dos países do ocidente.

O que houve, de fato, segundo o autor, foi uma revolução interna na União Soviética e nos partidos comunistas estrangeiros, mas não se tratou de nada além disso, ou seja, um movimento intestino com consequências para a política interna. Isso porque as lideranças que se tornaram importantes durante o regime de Stalin temiam ter o mesmo destino dos antecessores e realizaram as denúncias para não se tornarem as próximas vítimas. A nova linha, após as denúncias, seria menos sanguinária que a anterior, com uma fachada mais liberal internamente. Para Andrade, as democracias não são agressivas e o imperialismo capitalista estava em declínio. Tudo que o ocidente fez de agressivo foi pela sua própria sobrevivência frente ao imperialismo comunista, cada dia mais expansivo. Resumindo, no artigo, a nova linha russa nada teria de novo, seria uma mudança de método, porque o ocidente já conhecia as estratégias anteriores que objetivavam a expansão do comunismo, que não mudaram (Andrade, 1956, p. 40).

O jornalista registrou que o relatório secreto foi publicado no *New York Times* (NY, 1851-atual) e no *Le Monde* (Paris, 1944-atual) no mesmo mês que foi veiculado pela revista *Aonde Vamos?*, a saber: junho de 1956. Tal dado demonstrou uma sintonia da revista brasileira com os grandes jornais internacionais, mesmo ao adotar orientações políticas diferentes da sua, uma vez que os dois jornais internacionais estavam mais à esquerda do que a revista carioca. Ainda segundo o jornalista, em resposta à publicação do jornal *Pravda* (URSS, 1912-1991), órgão oficial do governo soviético, publicou uma justificativa de duas páginas rebatendo os comentários da imprensa burguesa e comunista estrangeira. A resposta foi avaliada pelo autor como desculpa esfarrapada, pois o jornal comunista justificou que as condições da época não possibilitaram impedir ou cobrar Stalin por seus crimes em vida. Para Andrade, se era assim, a culpa seria do regime que colocou todo o povo na dependência do Estado, e “é justamente nisso que o comunismo é nefasto, assim como todos os crimes totalitários, tanto de esquerda como de direita”. Os atuais líderes soviéticos de então estariam utilizando os mesmos métodos do antecessor, “enganando as massas, denunciando a burguesia dos países democráticos” (Andrade, 1956, p. 42).

Theophilo de Andrade aproxima o regime comunista ao regime nazista mais de uma vez em seu texto, o que não foi encontrado nas análises da revista *Aonde Vamos?*, cuja consciência era que durante a Segunda Guerra Mundial, esses dois regimes eram adversários.

Quanto à seção humorística Pif-Paf, assinada por Emmanuel Vão Gôgo, publicada na revista de 1945 a 1963, cuja autoria era de Millôr Fernandes, comentou João Antônio Bühner¹⁹⁷, que afirmou:

A princípio, sua página foi escrita por Emmanuel Vão Gôgo, heterônimo dele, e ilustrada por Péricles. Isto aconteceu até mais ou menos 1955. Daí em diante, Millôr passou a desenhar e ilustrar suas páginas até que, no final dos anos 1950, seu desenho estava tão solidificado, que se deu ao luxo de transformar sua página dupla num exercício gráfico e textual sofisticado de alta criatividade plástica (Exposição [...], 2018).

Millôr Fernandes (RJ, 1923-2012) foi desenhista, humorista, tradutor, escritor e dramaturgo. Além da revista *O Cruzeiro*, ele também escreveu em *Veja* (SP, 1968-atual), *O Pasquim* (RJ, 1969-1991) e no *Jornal do Brasil* (RJ, 1891-atual). A análise bem-humorada de Millôr Fernandes sobre o relatório secreto foi distinta de Theophilo de Andrade.

Figura 37 - Seção Pif Paf, revista *O Cruzeiro*



Fonte: Seção Pif-Paf da revista *O Cruzeiro*, 28/7/1956.

¹⁹⁷ João Antônio Bühner, jornalista, pesquisador e colecionador de quadrinhos. Foi curador da exposição “O Pif-Paf de Emmanuel Vao Gôgo: a seção de humor de Millôr Fernandes na Revista O Cruzeiro” na Biblioteca Pública Municipal “Professor Ernesto Manoel Zink”, em Campinas, de 12 de novembro a 7 de dezembro de 2018.

Artigo do Fundo

Nota Sobre a Nova Linha Política da Rússia (Perdão da União Soviética!)

Afinal, das duas, uma – ou o país não chegou ao admirável estado de que falam esses viajantes que vão lá prontos para ficar boquiabertos ou a Rússia prova uma teoria realmente revolucionária (revolucionária, sobretudo, em relação ao próprio materialismo histórico) – um país pode perfeitamente ser governado durante muitos anos por um louco sem que isso diminua o índice de seu progresso.

‘E bem, a bomba estoura sempre nas minhas costas’ – diz lá com seus padronizados botões o homem da Enciclopédia Russa. ‘Enquanto esse pessoal não resolve até que ponto Stalin era monstruoso o jeito é incluir, na Enciclopédia, a biografia de Béria. Em Stalin, bem, retire-se Stalin e ponha-se: ‘Veja-se, provisoriamente, Nicolau II’.

E esse pessoal todo no mundo inteiro andou ganhando o Prêmio Stalin disto e daquilo? Ignoram o prêmio, agora? Ou se referem a ele como Prêmio Russo (perdão, soviético!) de Literatura? Ou preferirão falar do Prêmio ex-Stalin da paz?

Quanto à destruição do Mito, é realmente um passo genial na história da humanidade, o primeiro dado para acabar com essa primitiva necessidade do homem – a de idolatrar. No mundo do futuro, milhares e milhares de estátuas de Nikita Krushev atestarão a gratidão do povo a esse homem que acabou de uma vez por todas com o mito.

EMMANUEL VÃO GÔGO (Millôr, 1956, p. VIII).

Com muito humor, Millôr Fernandes comentava as reviravoltas da política internacional, além de realizar críticas sobre a transformação instantânea de mito para monstro, que ocorreu com a figura de Stalin e que, sem uma séria análise, a humanidade somente substituiria um mito por outro, sem realmente questionar-se sobre a necessidade de idolatrar lideranças cegamente. No texto, ironizou o próprio comunismo, o prêmio em nome da paz dado por um governo autoritário, ressaltando que o relatório trazia em seu interior justamente o abalo das convicções comunistas, bem como oferecia argumentos para os seus críticos.

Outro autor que abordou o relatório secreto na revista foi Austregésilo de Athayde (PE, 1898-RJ, 1993), foi professor, jornalista, cronista, ensaísta e orador. Era filho do desembargador José Feliciano Augusto de Athayde e bisneto do jornalista Antônio Vicente do Nascimento. Participou da comissão que redigiu a Declaração Internacional dos Direitos do Homem em 1948. Atuou na direção e foi colaborador de vários periódicos. Foi eleito presidente da

Academia Brasileira de Letras em 1959, cargo em que permaneceu até a morte. Autor de vários livros, entre outros: *Fora da imprensa* (1948) e *Mestres do liberalismo* (1952).

No artigo, Athayde relatou a existência de sinais de insubordinação e intranquilidade nos estudantes universitários russos, o que já era esperado, mas não com tanta demora. Segundo o autor, isso se deveu à repressão da política do regime. Para ele, “a teoria materialista da vida, com as consequências no campo social e político, não contenta o espírito humano” (Athayde, 1957, p. 18). O relatório teve a função de explicitar às novas gerações os horrores do stalinismo, de modo que a juventude russa percebeu que a “liberdade criadora do espírito é a própria essência do homem”. O autor realizou uma crítica, que “os marxistas acreditavam na possibilidade de resumir os fenômenos infinitamente complexos da evolução social em alguns princípios estáticos, em leis tão rígidas como as que governam a matéria pura” (Athayde, 1957, p. 18). Estes desprezaram que o espírito humano transcende os instintos animais. Dessa forma, as novas gerações russas desejavam romper com os grilhões do marxismo.

Pode-se verificar uma análise totalmente conservadora do relatório, alinhada com os Estados Unidos, ausência de reconhecimento de autocrítica e da possibilidade de construir uma nova perspectiva socializante sem os erros do passado. O autor antagonizou o espírito humano, a liberdade criadora do homem, sua transcendência, de um lado, e a teoria materialista, do outro. Ademais, retirou da juventude universitária seu caráter crítico e contestador independente do sistema político vigente, para enfatizar somente sua crítica ao regime soviético, na sua visão, oposto ao “espírito humano”. Uma postura calcada em uma análise ideológica do bloco capitalista, generalizante, que tinha como função desqualificar o regime vigente na União Soviética. Essa perspectiva estava em sintonia com a visão de Assis Chateaubriand, proprietário da revista.

Sobre o caso Eichmann foram encontradas, na revista, três matérias, respectivamente, denominadas: “Dezesseis anos depois Eichmann responde pelo extermínio de 6 milhões de judeus”, (Dezesseis [...], 1961, p. 126-129); “Eichmann na jaula de vidro”, (Eichmann [...], 1961, p. 132-135); “um crime que não foi só de um homem” (Andrade, 1961, p. 38), na seção Política Internacional. Dessa forma, pode-se ressaltar que a revista não se posicionou sobre a captura e o envio do nazista para Israel, questão que causou grande alvoroço na imprensa, como relatado na revista *Aonde Vamos?* e no jornal *Unzer Stime*. O julgamento foi objeto de artigo na revista, mas não com a mesma visibilidade apresentada na imprensa judaica brasileira, conforme fez-se questão de abordar.

Na primeira matéria, ressaltou-se a frieza e distância do nazista, classificada como arrogância. Abordou-se o impacto do julgamento no cotidiano de Israel, pois nos dias iniciais

do julgamento, as aulas foram suspensas, acompanhava-se com atenção as transmissões radiofônicas, haja vista que o evento foi qualificado de “O Processo do Século”, segundo o Premier do país, Ben Gurion. Relatou-se, brevemente, a captura na Argentina, a ida para Israel, com parada em Haia. Ressaltou-se a solidão do nazista que, uma vez em Jerusalém, não podia dirigir nenhuma palavra a ninguém, nem aos guardas. Abordou-se, também, que os historiadores do *Yad Vashem*, o Museu do Holocausto, estavam analisando cinquenta mil microfilmes de documentos nazistas encontrados nas ruínas de um prédio de Berlin. Quando, eventualmente, encontrava-se referência ao nazista, o microfilme era enviado para ser analisado pela acusação.

Ainda segundo a matéria, um em cada quatro israelenses havia escapado dos campos de extermínio e um de cada dois tinha um membro da família para lamentar a morte nos mesmos campos. Apresentou-se a primeira ação de defesa do advogado de Eichmann, Dr. Robert Servatius (Alemanha, 1894-1983), advogado de defesa no julgamento de Nuremberg¹⁹⁸, tema, aliás, discutido nos primeiros dias do julgamento em Jerusalém, classificando como ilegal o rapto de Eichmann, na Argentina, e questionando a competência de Israel para julgá-lo. Outra ação do advogado consistiu, segundo a imprensa europeia, no aconselhamento de que Eichmann deveria se declarar inocente e que somente recebia e era cumpridor de ordens superiores. Esse foi o argumento usado por vários nazistas no julgamento de Nuremberg, o que não convenceu os julgadores, pois foram todos condenados.

A revista considerava unânime, em todas as partes do mundo, que o processo de Eichmann deveria terminar em condenação do réu, frente à brutalidade dos crimes. O artigo ainda afirmou que “a massa de provas e de confissões do responsável pela execução da ‘Solução Final’ do problema judaico justificará o reconhecimento da sua culpabilidade. Essa é, praticamente, a opinião de todos os povos em todos os países” (Dezesseis [...], 1961, p. 126). Ainda acrescentou que “para os israelenses, o Processo Eichmann não é uma vingança, mas uma questão de princípios” (Dezesseis [...], 1961, p. 127). Dessa forma, apresenta para seus leitores sua posição em defesa da legitimidade do julgamento ser realizado em Jerusalém, e da inquestionável culpabilidade do nazista.

A segunda matéria (Eichmann [...], 1961, p. 132-135) apresentou a mudança do debate jurídico técnico para justificar a legitimidade da prisão e do julgamento em um tribunal em solo israelense - para a perplexidade dos fatos ocorridos durante a Segunda Guerra Mundial -, os

¹⁹⁸ Em 1945 e 1946, após o término da Segunda Guerra Mundial, alguns responsáveis pelos crimes cometidos durante o período do Holocausto foram levados a julgamento na cidade de Nuremberg, na Alemanha. Juízes das Forças Aliadas (Grã-Bretanha, França, União Soviética e Estados Unidos) presidiram os interrogatórios de 22 dos principais criminosos nazistas. (Os Julgamentos [...], [s. d.]).

depoimentos, além dos detalhes dos documentos. A segunda matéria relatou a grande cobertura dos meios de comunicação internacionais do julgamento, o impacto causado na sociedade israelense e mundial ao ouvirem do juiz de acusação e dos depoentes os crimes e atrocidades cometidos. Nessa altura, a revista, que teve acesso ao teor das acusações, não apresentou dúvidas da dimensão do que estava sendo julgado e posicionou-se sem pestanejar ao lado dos acusadores.

O texto de Theophilo de Andrade defende o julgamento ao afirmar que “O governo de Israel presta um grande serviço à Humanidade em ter caçado o carrasco nazista e em submetê-lo, agora, ao julgamento de um tribunal” (Andrade, 1961, p. 38). No artigo, realizou uma digressão para justificar que apesar do recente surgimento do termo “genocídio”, este se trata de um dos crimes mais antigos da história humana. Remonta, para tal, às guerras primitivas, como as das tribos, em luta por territórios e áreas de dominação para caça e pesca, a destruição de Cartago, as invasões dos mongóis e dos tártaros. Usou, inclusive, o termo Holocausto para classificá-los, e que foi para impedir tais atos que se começou a elaborar o Direito Internacional relativo às leis de guerra em concordância, segundo o artigo, com os “países civilizados”, que o assinaram na convenção de Haia. Inspirados na vida pacífica da Antiguidade Clássica greco-romana, conforme mais uma vez o artigo fez questão de mencionar, ignorando totalmente que eram sociedades escravistas e belicistas. A ruptura dessa civilidade deu-se com Hitler, que, baseado em sua superioridade racial, iludiu os alemães. E somente pela primeira vez cita um ato antissemita, os pogroms medievais contra os judeus. Relatou que o nazismo renunciou aos muitos anos de cristianismo e civilização ocidental, rompendo com as modernas leis da guerra ao voltarem-se contra os judeus, inclusive os de origem alemã, que haviam contribuído amplamente para a arte e a ciência no país europeu. Contudo, não citou, em nenhum momento, o antissemitismo cristão, expresso nos Tribunais da Inquisição em Portugal e Espanha durante longos séculos ou a tradicional e popular Malhação do Judas, realizada na Semana Santa pelos cristãos.

Theophilo ressaltou que o julgamento de Nuremberg ocorreu muito próximo ao final da guerra, segundo ele, os alemães consideraram-no um ato de vingança e, por isso, não puderam realizar a autocrítica ou mesmo arrepender-se dos crimes cometidos. Por sua vez, o julgamento de Eichmann com maior distância temporal dos acontecimentos poderia ser recebido com menos rejeição pelos alemães. Isso foi demonstrado na postura do Chanceler Konrad Adenauer (Alemanha, 1876-1967), que reconheceu a responsabilidade histórica da Alemanha e vinha cobrando reparações ao Estado de Israel. Para além da questão material, o mais importante seria a questão moral, que o nazismo fez desaparecer “os freios da Religião e da Polícia, ressurgiu o

troglodita, besta-fera das cavernas, capaz de todas as monstruosidades”, sendo assim, a exposição das monstruosidades cometidas deveria causar vergonha aos alemães, solidariedade aos judeus e toda humanidade.

Ao analisar os crimes perpetrados pelos nazistas durante a Segunda Guerra Mundial, Theophilo de Andrade trouxe seus valores conservadores, como moral, religião e política. Poder-se-ia citar outros, a exemplo de valores humanos e humanitários, direitos humanos, democracia, cidadania, liberdade de expressão, mas esses, talvez, não fossem os conceitos mais relevantes para ele, ainda que reconhecesse a monstruosidade dos atos. Estas foram as análises da revista nacional selecionada para o comparativo, mas como se deram essas publicações na esfera internacional?

c *Life Magazine*

A revista foi selecionada para comparativo neste estudo em função de ser, durante o período da pesquisa, um hebdomadário, assim como a revista *Aonde Vamos?*, por ter grande prestígio e grande tiragem, ter feito cobertura dos grandes eventos mundiais, com fotos icônicas, que não serão objeto de estudo, mas também por realizar matérias consagradas, sérias e em profundidade dos temas publicados. O fato de ter sido publicada nos Estados Unidos é relevante por ser o período em que esse país dominava politicamente o bloco capitalista e se pretendia como referência cultural para o ocidente. Acredita-se que ela pode ser um significativo representante da grande imprensa norte-americana, oferecendo possibilidades enriquecedoras de comparativo com as revistas *Aonde Vamos?*, o jornal *Unzer Stime* e a revista *O Cruzeiro*.

A revista *Life* foi fundada por John Ames Mitchell¹⁹⁹, em 1883, nos Estados Unidos, como semanário, de 1883 a 1972, com publicações intermitentes, de 1972 até 1978, e mensal, de 1978 até 2000, quando deixou de ser publicada. A longevidade é uma diferença em relação às outras duas revistas analisadas. Não se pode desconsiderar que a publicação consolidou-se pela tradição, bem mais que as outras duas revistas, o que permite posicionar *Life* como matriz das revistas magazines no mundo.

Na sua primeira fase, de 1883 até 1936, foi publicada de forma independente e ficou famosa por suas ilustrações, textos humorísticos e críticas de teatro e cinema. Grandes escritores, ilustradores e cartunistas de seu tempo colaboraram com a revista, como, por exemplo, Charles Dana Gibson (EUA, 1867-1944), ilustrador que ficou conhecido por suas

¹⁹⁹ John Ames Mitchell (EUA, 1845-1918) foi editor, arquiteto, artista, com trabalhos que colaboraram na revista *Life*, e romancista, tendo escrito vários romances.

imagens de mulheres, representações icônicas da bela e independente mulher euro-americana na virada do século XX, que deu origem ao termo “Gibson Girls”.

Mitchell foi acusado de antissemitismo, no final do século XIX, quando havia grande fluxo imigratório de judeus da Europa Oriental para Nova York. A revista acusou a equipe de Klaw & Erlanger pelo incêndio no Teatro Iroquois de Chicago em 1903. A Klaw and Erlanger foi uma parceria de produção e gerenciamento de entretenimento de Marc Klaw (EUA, 1858-UK, 1936), advogado, produtor e proprietário teatral e Abraham Lincoln Erlanger (EUA, 1859-1930), produtor, diretor, designer e proprietário teatral, sediado em Nova York entre os anos de 1888 a 1919. Foram figuras-chave no *Theatrical Syndicate*, associação de agências de reservas e proprietários de teatros que se uniram para controlar a maior parte da produção americana. Por meio da compra de uma agência de reservas existente, os sócios gradualmente obtiveram o controle do território sul, ancorado em Nova Orleans. Eles administravam negócios, produziam espetáculos da Broadway e possuíam vários teatros. Eram donos do Teatro Iroquois, que sofreu um grande incêndio em 1903, tendo causado a morte de mais de 600 pessoas, e, por consequência, trouxe críticas amargas a Klaw & Erlanger, algumas antissemitas, como a da revista *Life*. Depois, o crítico de drama da revista, James Stetson Metcalfe²⁰⁰, foi barrado nos 47 cinemas de Manhattan controlados pelo *Theatrical Syndicate*. Em resposta, a revista publicou caricaturas de judeus com narizes enormes.

Pode-se concluir em função do exemplo citado acima que em sua primeira fase a revista teve tendência antissemita e discriminatória. Usando estereótipos e criando antagonismos entre seus profissionais e o ramo de espetáculos teatrais.

Em 1918, John Ames Mitchell faleceu e, em função disso, Gibson tornou-se editor e proprietário da revista. Em 1936, Henry Luce²⁰¹ (China, 1898–EUA, 1967) - editor de revista que construiu um império editorial nos Estados Unidos, como as revistas *Time* (EUA, 1923-atual) e *Fortune* (EUA, 1930-atual) - adquiriu a revista *Life*²⁰². Realizou grande reestruturação na publicação, tornando-a a primeira revista de notícias totalmente fotográfica norte-americana, que dominou o mercado por décadas.

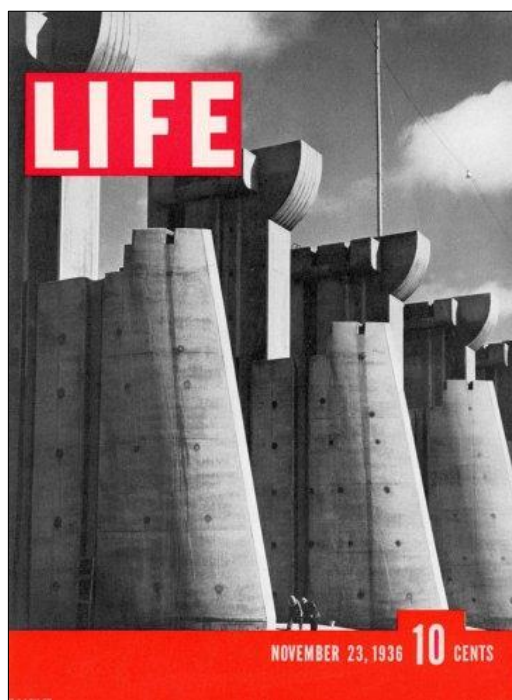
²⁰⁰ James Stetson Metcalfe (EUA, 1858-1927) foi crítico de teatro e editor da revista *Life*, de março de 1888 a maio de 1920, da *Judge*, de outubro de 1920 a abril de 1921, e do *The Wall Street Journal*, de dezembro de 1922 até sua morte em maio de 1927.

²⁰¹ Henry Luce (China, 1898–EUA, 1967) foi editor de uma revista que construiu um império editorial nos Estados Unidos, entre suas revistas estavam: *Time* (EUA, 1923- atual) e *Fortune* (EUA, 1930-atual). Tornou-se uma das figuras mais poderosas da história do jornalista americano.

²⁰² O acervo digital da revista *Life*, de 1936 a 2000, encontra-se disponível na página do Google: https://books.google.com.br/books?id=R1cEAAAAMBAJ&hl=pt-BR&source=gbs_all_issues_r&cad=1&atm_aiy=1955#all_issues_anchor. Acesso em: 24 jul. 2022.

A revista foi impressa em papel de qualidade e custava aos leitores apenas um centavo, A circulação da revista foi além do estimado pela empresa, passando de 380.000 exemplares da primeira edição para mais de um milhão por semana, quatro meses depois. Na capa da primeira edição, mostrava-se a foto da represa Fort Peck, em Montana, nos Estados Unidos, foto de Margaret Bourke-White (EUA, 1904-1971).

Figura 38 - Capa da revista *Life*, n. 1



Fonte: Capa da 1ª edição da revista *Life*, 23/11/1936.

O período de maior sucesso da revista deu-se, aproximadamente, entre os anos de 1936 até meados da década de 1960. Ela se tornou bastante respeitada, na década de 1950, em função da encomenda de trabalho de autores de renome. Publicou, por exemplo, em 1952, *The Old Man and Sea*, de Ernest Hemingway, contratando-o, imediatamente, para escrever um artigo sobre as touradas e, em 1959, outro texto dedicado à cobertura da disputa entre dois matadores famosos. Outro exemplo de seu prestígio foi em fevereiro de 1953, uma vez que após deixar o cargo de presidente, Harry S. Truman divulgou que a revista teria todos os direitos de suas memórias.

No final da década de 1950, a televisão tornou-se cada vez mais popular e os leitores da revista foram decrescendo, o que demonstra a diminuição do interesse pelas revistas de notícias. Uma estratégia foi adotada, em maio de 1959, quando a revista divulgou que iria reduzir seu preço na banca de jornais, para tentar contornar a situação. Durante a década de 1960, o declínio

continuou, mesmo com grandes reportagens e muito prestígio – como as reportagens e fotos das atrizes do cinema, do presidente John F. Kennedy e sua família, da Guerra do Vietnã, o programa Apollo. Em 1971, houve a decisão de reduzir a circulação de 8,5 milhões para 7 milhões, uma forma de contornar a queda dos anunciantes. Houve outro corte, no ano seguinte, para 5,5 milhões.

Com toda essa situação, em 1972, foi divulgado que a revista deixaria de publicar até o final do ano. Assim, de 1972 a 1978, foram publicadas dez edições da *Life Special Reports*, organizadas por temáticas, mas também não emplacou como nos tempos áureos. Somente a partir de outubro de 1978, a *Life* tornou-se uma publicação mensal. Permaneceu assim pelos 22 anos seguintes e com sucesso moderado, cuja natureza era dedicada a assuntos de interesse geral e notícias.

Dessa forma, em março de 2000, a empresa *Life Time Inc.* anunciou que estava abandonando sua publicação mensal e usaria o nome de *Life* para recursos especiais e livros. A última edição da revista *Life* foi intitulada “A Life Ends” (Sumner, 2010). Para os assinantes anuais da revista *Life*, as edições restantes foram substituídas por outras revistas da Time Inc. Em janeiro de 2001, esses mesmos assinantes receberam, em tamanho normal, a edição “*The Year in Pictures*” da revista *Time*, mas foi uma última edição especial da *Life*.

Sobre o XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética, ocorrido em fevereiro de 1956, foram encontradas quatro matérias, todas veiculadas no mesmo ano de realização do evento. A primeira, trata-se de uma análise no editorial da revista, “A nova linha comunista – é mais racional para a Rússia soviética – e mais perigosa para o ocidente”²⁰³ (The New [...], 1956, p. 44, tradução nossa). Mais três matérias, duas na edição de 22 de abril de 1956, respectivamente: “O segredo sensacional por trás da condenação de Stalin - o ex-general da KGB finalmente está livre para divulgar atos, então os vermelhos chocantes devem repudiar o velho ídolo”²⁰⁴ (Orlov, 1956, p. 34-42, tradução nossa), de Alexander Orlov, e “Um documento sobre Stalin como espião czarista – autoridade sobre os soviets conta a história de três anos de trabalho de detetive para verificar provas incriminatórias”²⁰⁵ (Levine, 1956, p. 45-49, tradução nossa), de Isaac Don Levine. O último artigo encontrado sobre o assunto saiu na edição de 30 de abril de 1956, “O fim de uma era das trevas traz novos perigos – a liquidação do stalinismo

²⁰³ [No original] “The new communist line – it is more rational one for Soviet Russia – and more dangerous for de West”.

²⁰⁴ [No original] “The sensational secret behind damnation of Stalin – ex KGB general is finally free to disclose deeds so shocking reds must disown old idol”.

²⁰⁵ [No original] “A document on Stalin as czarist spy – authority on soviets tells the story of three years of detective work to verify incriminating evidence”.

no 20º Congresso dos Vermelhos, diz uma famosa autoridade, significa ‘sem terceira guerra’, mas um impulso mais insidioso para conquistar o homem livre”²⁰⁶ (Chambers, 1956, 148-158, tradução nossa), de Whittaker Chambers.

Primeiramente, chamou atenção o número reduzido de matérias dedicadas ao assunto, mas o enfoque do editorial e os autores dos textos não deixaram dúvidas sobre o posicionamento da revista. O editorial de 5 de março de 1956, pouco depois da realização do Congresso, já antevê, em seu título, muito do conteúdo que será abordado: “A nova linha comunista – é mais racional para a Rússia soviética – e mais perigosa para o Ocidente”

Em sua aparição perante o Comitê de Relações Exteriores do Senado na semana passada, o secretário Dulles tentou conter o clima de crescente apreensão no Congresso sobre o estado da política externa dos EUA. Ele disse que o mundo livre está mais forte do que há um ano e que os soviéticos foram forçados a rever toda a sua estratégia porque esta falhou. Por mais verdadeiras que sejam essas afirmações, não podem dissipar a apreensão, que não se limita aos Democratas. Por mais falida que possa estar a velha estratégia soviética, a situação internacional permanece sombria e a nova estratégia soviética torna-a ainda mais sombria.

Para saber quão sombrio, podemos aprender menos com a audiência no Senado do que com o recente 20º Congresso do Partido Comunista Soviético em Moscou. Aí foi oficializada a nova linha comunista, desenvolvida desde os últimos dias de Stalin. É potencialmente uma linha muito mais eficaz para o comunismo, e mais perigosa para os EUA, do que qualquer outra desde a Frente Popular da década de 1930. [...]

O secretário Dulles diz que os soviéticos tiveram de ‘jogar fora a sua bíblia de 30 anos’. Essa é certamente uma metáfora equivocada. Quando o marxismo sofre uma nova interpretação, como agora há pouco por Krushev, o que é notável não é o cinismo ou a frivolidade, mas o rigor e a piedade com que isso é feito. Se a religião fosse medida pela seriedade dos seus crentes, o marxismo seria uma das grandes religiões mundiais. Tenta agora parecer menos tirânico, menos violento e menos irracional do que realmente é. Mas, a sua verdadeira força permanece exatamente o que era antes: o propósito indiviso do comunista crente, para quem o importante é ‘não apenas interpretar o mundo, mas mudá-lo’.

O propósito permeia tudo o que os soviéticos fazem, desde a formação de engenheiros até a definição de sua política externa. Os americanos, em geral, não parecem querer mudar o mundo, mas sim aproveitá-lo. Esse equilíbrio não é estável e não está a nosso favor (The New [...], 1956, p. 44, tradução nossa)²⁰⁷.

²⁰⁶ [No original] “The end of a dark age ushers in new dangerous – the liquidation of Stalinism at Reds’ 20th Congress, says famous authority, means ‘no third war’ but more insidious drive to win free man”.

²⁰⁷ [No original] In his appearance before the senate Foreign Relations Committee last week, secretary Dulles try to stem the mood of growing apprehension in congress about the state was US foreign policy. He said that the free world is stronger than a year ago and that Soviets have been forced to revise their whole strategy because it has failed. However true such atatements may be, they cannot dispel the apprehension, which is not confined to Democrats. However bankrupt the old soviet strategy may be, the international situation remains grim and the new soviet strategy makes it grimmer.

To know how grim, one can learn less from the senate hearing than from the recent 20th Congress of the Soviet Communist party in Moscow. There the new Communist line, developing ever since Stalin's last days, was made official. It is potentially a far more effective line for communism, and more dangerous to the US, than any since the Popular Front of the 1930s.

Secretary Dulles says the soviets have had to "throw out their bible of 30 years." That is surely a mistaken metaphor. When Marxism undergoes a new interpretation, as just now by Krushev, the remarkable thing is not the cynicism or frivolity but the thoroughness and piety with which it is done. If religion were measured by the seriousness of it believers, Marxism would be one of the great world religions. It is now trying to appear less tyrannical, less violent and less irrational than it really is. But is real strength remains exactly what is was before:

O artigo constrói uma oposição entre a nova linha da política soviética, de um lado, e os interesses do mundo ocidental, do outro, pois sugere que o principal objetivo da nova política seria conquistar o mundo ocidental. Ademais, cita análises do Congresso de John Foster Dulles, que, à época, era Secretário de Estado dos Estados Unidos e que foi duramente criticado pelo jornal *Unzer Stime* como fervoroso anticomunista, que ameaçava a todo momento desencadear uma guerra nuclear. Segundo Dulles, seria preciso a União Soviética abandonar no mínimo 30 anos de sua política, ele não acreditava na sinceridade do relatório, nem da postura da nova política soviética, ou seja, podiam parecer menos violentos e mais racionais, mas, na verdade, tudo continuava igual. Além disso, enfatizou que a luta entre os dois blocos, capitalista e comunista, que estavam em disputa, não foi atenuada com a nova política soviética, porque ela era somente um grande golpe de propaganda.

Os autores dos artigos estão relacionados e são eles: Alexander Orlov, Isaac Don Levine e Whittaker Chambers.

Alexander Mikhailovich Orlov (Bielorrússia, 1895–EUA, 1973) nasceu em uma família judia ortodoxa, foi coronel da polícia secreta soviética e agente no exterior do Comissariado do Povo para Assuntos Internos NKVD²⁰⁸ da URSS, na Segunda República Espanhola. Em 1938, durante o Grande Expurgo, quando Stalin e seu círculo íntimo tentaram exterminar todos os que consideravam suspeitos de serem opositores políticos, Orlov ficou preocupado quando colegas e amigos próximos foram presos, torturados e fuzilados. Ele, então, recusou-se a retornar à União Soviética com medo de ser executado e acabou escapando com sua família para os Estados Unidos. Após a deserção, Orlov, com medo de ser morto como outros desertores do NKVD, escreveu uma carta para Stalin prometendo manter todos os segredos que sabia se poupassem a vida dele e de sua família. Ele manteve sua palavra, pois publicou seu livro de memórias *A História Secreta dos Crimes de Stalin* somente após a morte de Stalin em março de 1953.

O artigo que escreveu na revista *Life*, em 22 de abril de 1956, aborda seu livro de memórias, ao afirmar que os agentes do NKVD encontraram documentos do período czaristas

the undivided purpose of the believing communist, to whom the important thing is "not just to interpret the world, but to change it".

The purpose pervades all the soviets do, from the training of engineers to the set theirs foreign policy. Americans, by and large, do not seem to want to change the world, but to enjoy it. That equilibrium is not stable, and is not in our favor (The New [...], 1956, p. 44).

²⁰⁸ O Comissariado do Povo para Assuntos Internos da URSS - NKVD foi o órgão antecessor do Comitê de Segurança do Estado - KGB, principal organização de serviços secretos da URSS, que existiu de 1954 a 1991.

que comprovaram que Stalin foi agente da Okhrana²⁰⁹ e, por causa dessa informação, alguns agentes do NKVD pretendiam dar um golpe de Estado. No entanto, Stalin descobriu o golpe antes da execução e, segundo Orlov, esse foi o verdadeiro motivo do julgamento secreto e execução do marechal soviético Mikhail Tukhachevsky (Rússia, 1893-URSS, 1937). Oficialmente, o marechal foi acusado de colaborar com os nazistas, sendo condenado e executado pelos Processos de Moscou – nome como ficaram conhecidos os julgamentos dos opositores de Josef Stalin ocorridos entre 1936 e 1938, durante o Grande Expurgo. Os documentos encontrados também foram o motivo por trás do Grande Expurgo, que consistiu em violenta campanha de repressão política na União Soviética, entre os anos de 1936 e 1938, feita pelo Secretário Geral do Partido Comunista da União Soviética Josef Stalin quando foram mortas em torno de 750 mil pessoas.

A revista *Life* optou, no lugar de debater o relatório, por oferecer espaço para um autor que já havia publicado um livro que abordava os crimes denunciados do XX Congresso do Partido Comunista Soviético. O escritor tem uma explicação para os crimes que não consta no relatório apresentado por Krushev, a saber: Stalin teria um passado na polícia czarista e o grande expurgo foi uma queima de arquivo. No entanto, foi comprovado que a única prova apresentada no livro de Orlov, de que Stalin era espião do czar, trata-se de uma falsificação (Lee, 1993; Montefiore, 2003). Ademais, o livro não apresenta outras fontes, era estruturado em forma de diálogo entre pessoas que já haviam sido eliminadas, as histórias não eram verificáveis. Mas, na época da publicação na revista *Life*, o livro e as informações foram considerados legítimos.

Mesmo assim, saiu na edição da matéria outro artigo de autoria de Isaac Don Levine sobre o livro *A História Secreta dos Crimes de Stalin*, que realizava um suposto levantamento documental a fim de comprovar que as informações contidas no livro de Orlov eram verdadeiras.

Isaac Don Levine (Bielorrússia, 1892-EUA, 1981) nasceu em uma família judia sionista. Emigrou para os Estados Unidos em 1911. Foi escritor e jornalista anticomunista, era especialista em União Soviética. Trabalhou com Walter Krivisky (Ucrânia, 1899-EUA, 1941), um oficial sênior da inteligência militar soviética na Europa Ocidental, que rompeu com as autoridades soviéticas em 1937, durante o Grande Expurgo. Foi quem revelou planos de assinar

²⁰⁹ *Okhrana* era a polícia secreta do regime do czar Alexandre III da Rússia, criada em 1881 e com sede em São Petersburgo. O seu nome significa “Departamento de Segurança”. Surgiu para perseguir os partidos políticos que faziam frente à autocracia do czar.

o Pacto Molotov–Ribbentrop²¹⁰ para o Ocidente. Depois, Levine trabalhou com Whittaker Chambers (EUA, 1901-1961), jornalista, que se desvinculou do Partido Comunista Americano, que revelou agentes comunistas no governo dos Estados Unidos.

Foi justamente Whittaker Chambers que escreveu a última matéria encontrada sobre o assunto, em que se lê análise do Congresso e do relatório propriamente dito. À época, Chambers já estava afastado da vida pública anticomunista e da profissional como jornalista, mas o receio de uma imagem positiva do governo soviético tirou-o do descanso. Escreveu na revista *Life* um artigo de dez páginas, em 30 de abril de 1956, denominado “O fim de uma era das trevas traz novos perigos – a liquidação do stalinismo no 20º Congresso dos Vermelhos, diz uma famosa autoridade, significa ‘sem terceira guerra’, mas um impulso mais insidioso para conquistar o homem livre”²¹¹, desqualificando de forma militante cada item do relatório e da nova política soviética, como mais uma jogada para dominar o mundo.

Com relação ao caso Eichmann, a revista produziu mais material, muito provavelmente pela grande visibilidade e importância do acontecimento. No entanto, o espaço cedido para a captura e julgamento do nazista foi menor que o concedido pela imprensa judaica, tanto na *Aonde Vamos?* como no *Unzer Stime*, mas muito maior que na revista *O Cruzeiro*. Mesmo que a *Life* não fosse uma revista de notícias, mas voltada à divulgação fotográfica, com grandes reportagens temáticas.

No ano de 1960 foram encontradas quatro matérias sobre o assunto, são elas: “Fim da caça ao ódio”²¹² (End [...], 1960, p. 41-42, tradução nossa); “Eichmann confessa – Harry Golden prevê um documento extraordinário para aparecer na LIFE”²¹³ (Eichmann [...], 1960, p. 133, tradução nossa); “Os Editores da Life apresentam um importante documento histórico: Adolf Eichmann conta sua própria história condenatória, parte I – ‘Eu os transporte... para o abatedouro’”²¹⁴ (Eichmann’s [...], 1960, p. 19-33, tradução nossa); “Eichmann sua própria história: parte II – ‘para resumir, não me arrependo de nada’”²¹⁵ (Eichmann’s [...], 1960, p. 146-161, tradução nossa).

²¹⁰ O Pacto Molotov–Ribbentrop, também conhecido como Pacto Nazi–Soviético, Pacto de Não Agressão Germano–Soviético ou Pacto de Não Agressão Germano Nazi–Soviético (oficialmente: *Tratado de Não Agressão entre a Alemanha e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas*), foi um pacto de neutralidade entre a Alemanha Nazista e a União Soviética assinado em Moscou, em 23 de agosto de 1939, pelos ministros dos Negócios Estrangeiros Joaquin von Ribbentrop e Viatcheslav Molotov.

²¹¹ [No original] “The end of a dark age – liquidation os Stalinism at reds’ 20th Congress”.

²¹² [No original] “End of a hunt hatred”.

²¹³ No original] “Eichmann confesses – Harry Golden previews an extraordinary document to appear in LIFE”.

²¹⁴ [No original] “The Editors of Life present a major historical document: Adolf Eichmann tells his own damning story, part I – ‘I transported them... in the butcher’”.

²¹⁵ [No original] “Eichmann’s own story: part II – ‘to sum it all up, I regret nothing’”.

O caso Eichmann foi tema da revista quando este já havia sido capturado e estava em Israel, ou seja, quando já era um acontecimento mundial. Durante a espera do julgamento, todo debate sobre a legitimidade ou não de ocorrer em Israel não foi abordado pela revista.

A revista repercutiu em suas matérias os atos realizados pelo nazista na execução dos judeus durante a Segunda Guerra, com muitas fotos de judeus sobreviventes do Holocausto, como na matéria de 6 de junho de 1960 (End [...], 1960, p. 41-42), deixando claro que as vítimas tinham direito à voz nas páginas da revista. A matéria seguinte anunciou que seriam apresentadas exclusivamente para a revista *Life* informações de Harry Golden (EUA, 1902-1981), editor do jornal *Carolina Israelite* (Charlotte, EUA, 1944-1980) e autor do livro *Only in America*. O jornalista teria viajado para a Alemanha Ocidental para conversar com judeus sobreviventes e lideranças comunitárias judaicas sobre o caso Eichmann e apresentaria, na revista, documentos que comprovavam que o nazista declarou ter elaborado pessoalmente a execução em massa dos judeus durante a Segunda Guerra Mundial. As duas últimas matérias daquele ano consistiam de grande levantamento de informações, desde a infância, juventude, formação e atuação de Eichmann, dividida em duas partes. A matéria veio acompanhada de muitas fotos, muitas delas dos campos de extermínio nazistas. A hipótese que a revista trouxe um levantamento de relevo para seu público sobre a trajetória e atuação de Eichmann, preparando-o para o julgamento que aconteceria em breve e fortalecendo a opinião pública da necessidade de uma punição severa ao réu.

Essas duas últimas matérias receberam grande quantidade de cartas dos leitores, elogiando a amplitude, esclarecimento e importância da matéria. Pode-se constatar, assim, a receptividade da matéria, ou seja, que havia um público que desejava informações sobre quem era e o que fez Adolf Eichmann, ainda que não estivesse tão interessado nas questões da legitimidade da captura ou do julgamento ser em Israel. Para a revista e seus leitores, pelo menos os que se manifestaram, o imprescindível era o esclarecimento dos acontecimentos hediondos que condenavam de forma determinante o nazista.

No ano seguinte, 1961, quando do julgamento, a revista realizou três matérias e três subitens na seção Notícias do Mundo, inaugurada naquele ano. São elas: “Minha busca por vingança”²¹⁶ (Friedman, 1961, p. 90-100, tradução nossa), de Tuviah Friedman; “Eichmann está à beira do julgamento: um estudo íntimo”²¹⁷ (Mili, 1961, p. 22-27, tradução nossa), com fotografias de Gjon Mili (ensaio fotográfico, que não será analisado); “Um estranho para a raça

²¹⁶ [No original] “My Search for Vengeance”.

²¹⁷ [No original] “Eichmann is at bay on eve of trial: an intimate study”.

humana”²¹⁸ (Golden, 1961, p. 43-46, tradução nossa), de Harry Golden. Os subitens na seção “Notícias do mundo”²¹⁹ são: “Carga desumana lembrando um pesadelo”²²⁰ (Inhuman [...], 1961, p. 51, tradução nossa); “Os pecados dos pais”²²¹ (The Sins [...], 1961, p. 36, tradução nossa); “Um arrogante Eichmann finalmente se levanta”²²² (An Arrogant [...], 1961, p. 46-47, tradução nossa).

A primeira matéria sobre Eichmann, datada de 1961, antes, ainda, do início do julgamento, foi um relato autobiográfico de Tuviah Friedman (Polônia, 1922-Israel, 2011), que perdeu praticamente toda a sua família durante o Holocausto e sobreviveu fugindo do Campo de Trabalho do Gueto Radom, na Polônia. Com a libertação da Polônia, em janeiro de 1945, integrou a Força Policial Polonesa, com identidade falsa. Dessa forma, começou o trabalho de uma vida inteira: caçar criminosos nazistas. Em 1946, foi para Viena, trabalhou em organizações judaicas que promoviam a emigração para a Palestina. Nessa época, aliou-se a Simon Wiesenthal (Ucrânia, 1908-Áustria, 2005), ambos começaram a rastrear criminosos nazistas. Capturaram em torno de 250 foragidos. Estabeleceu-se em Haifa, Israel, em 1952, onde liderou a filial local do *Yad Vashem* (Museu do Holocausto). Fundou e administrou o Instituto de Documentação para a Investigação de Crimes de Guerra Nazistas. Ele contribuiu para a captura de Adolf Eichmann, sendo que, no artigo, narrou as idas e vindas da perseguição ao nazista. Em sua autobiografia, *The Hunter* (1961), publicada em 1961, contou mais detalhadamente essa busca (Tuviah [...], [s. d.]).

A matéria do julgamento propriamente dito foi escrita pelo enviado especial da revista Harry Golden, que tinha sido anunciado no ano anterior para apresentar revelações sobre a culpabilidade de Eichmann. O artigo aborda as primeiras semanas do julgamento, quando estavam discutindo a legitimidade da captura, do local a ser realizado o julgamento e quem o faria. O jornalista trouxe várias opiniões sobre o assunto, sempre de judeus, inclusive de um rabino ortodoxo morador do bairro tradicional de Meah Shearim, em Jerusalém, que manifestou sua opinião, ou seja, de que pouco importava quem o acusava e onde, o importante era estudar a lei e esperar o Messias.

Uma mulher que sobreviveu a Auschwitz expressou a opinião de muitos israelenses: ‘Fiquei feliz quando o capturaram. Mas também fiquei muito triste.’
Outro me disse: ‘Nossos cérebros estão sendo abertos novamente’. À medida que essas lembranças do passado voltam para essas pessoas, elas são forçadas a reviver

²¹⁸ [No original] “A stranger to the human race”.

²¹⁹ [No original] “Newsfronts of the world”, tradução da pesquisadora.

²²⁰ [No original] “Inhuman burden of a nightmare remembered”.

²²¹ [No original] “The sins of the fathers”.

²²² [No original] “An arrogant Eichmann finilly gets on the stand”.

uma experiência que está além da compreensão humana, mesmo depois das montanhas de literatura que foram escritas sobre o assunto, e mesmo depois do testemunho dos julgamentos de Nuremberg.

Há também em Israel um corpo considerável de opinião conservadora. Expressa-se em termos de ‘não balance o barco’ e teria preferido que um dos comandos que capturou Eichmann tivesse atirado nele na Argentina, evitando assim quaisquer complicações adicionais.

[...]

Um segmento dos judeus em Israel permanece não impressionado com todo o processo. Visitei Meah Shearim, a região ultraortodoxa de Jerusalém, e tive uma audiência com o rabino Avron Blau. O rabino estava sentado num banco comprido na antiga sinagoga Beth Joseph. Ele estava cercado por alguns de seus discípulos, todos vestindo o tradicional preto [...] falando em iídiche [...] perguntei o que ele achava do julgamento de Eichmann. Houve uma longa pausa enquanto todos os outros olhavam para o rabino. Finalmente ele disse: “Não importa quem é o acusado ou quem é o acusado. Esses assuntos estão além da nossa compreensão que consiste apenas em ler a lei e aguardar o Messias.

[...]

Mas o próprio primeiro-ministro expressou a opinião que parece ser a atmosfera geral que rodeia o julgamento de Eichmann neste momento. ‘Nossa preocupação não é de vingança, mas apenas de documentar uma época em que o genocídio se tornou uma política de um Estado político’. E nesta base os israelitas estão dispostos a assumir todos os riscos envolvidos na tentativa de levar este homem de aparência comum à justiça pelo crime mais incrível da história (Golden, 1961, p. 44).

Ao que parece somente os ultraortodoxos ficaram indiferentes ao julgamento, pois de uma forma ou de outra ele mexeu com a sociedade israelense, mesmo com opiniões diversas. Ressaltando a diversidade e complexidade da sociedade israelense, que recebia e julgava o caso, e, provavelmente por essa razão, tiveram inclusive espaço nas páginas da revista *Life*. Mas a matéria termina com a resposta do então Primeiro Ministro de Israel, Bem Gurion: aqui não se trata de vingança, mas somente da documentação de uma época em que o genocídio foi promovido pela polícia como política de Estado.

Duas análises são pertinentes: primeiro, mesmo a revista não se tratando de publicação judaica, todos os artigos assinados foram produzidos por judeus, fossem os que vivenciaram os horrores do Holocausto ou não. Assim sendo, *Life* apresentava um ponto de vista e representações do mundo próximo com o da comunidade judaica. A segunda refere-se ao fato de a publicação não ter noticiado o veredicto do julgamento em dezembro de 1961, nem a apelação do advogado e a posterior negação da apelação, nem a execução de Eichmann, em 1962. Por esse motivo, fica compreendido que a revista não tinha natureza noticiosa, mas se configurava em divulgação fotográfica, com grandes reportagens temáticas. Mas isso não a isentou de ter uma opinião e divulgá-la ao seu público, ainda que não tenha se dedicado a cobrir em detalhes todas as etapas do julgamento. Em sua luta por representação e difusão de conceitos de veracidade, considerou sua cobertura no momento inicial do julgamento suficiente para tudo que se seguiu, o veredicto e a execução.

2.3 Considerações finais

Neste capítulo, tratou-se das seções da revista e foi constatada a existência de três principais eixos temáticos, partindo da própria comunidade judaica brasileira nas diversas cidades em que se localizavam, onde seu público leitor estava estabelecido e realizava casamentos, bar mitzvot, formaturas e outras atividades que seriam de interesse para a publicação constar nas seções sociais da revista. A segunda temática partiu das seções culturais, que surgiram na década de 1950, não abandonaram mais suas páginas e contavam com um público ansioso por suas informações. A terceira temática era formada pelas seções internacionais, que surgiram em meados da década de 1950, principalmente em função da nova conjuntura criada pela fundação do Estado de Israel. Esses espaços estavam sendo redefinidos, como ficou claro, pela necessidade da existência de seções distintas para cada uma dessas dimensões espaciais. A relação e distinção da seção com as outras seções internacionais, como Israel e Internacional, foi ao longo do período de sua existência não totalmente clara e definida, pois, de 1955 a 1962, o mundo judaico estava se ajustando à nova conformação mundial, o fim da centralidade das comunidades judaicas do Leste Europeu e a criação do Estado de Israel.

Posteriormente, a análise da seção Os Judeus no Mundo possibilitou compreender algumas posturas, posicionamentos e representações de *Aonde Vamos?*. A título de exemplo, seu caráter liberal do ponto de vista religioso e político, seu anticomunismo militante e a defesa do seu posicionamento de arauto primordial, na imprensa judaica e não judaica, nacional e estrangeira, de denunciador das injustiças perpetradas contra a comunidade judaica, fosse por nazistas ou não, inclusive por pessoas ou instituições dentro da própria comunidade judaica. A *Aonde Vamos?* acompanhou todas as etapas do julgamento de Eichmann, além das manifestações da imprensa nacional e internacional, como se a tarefa fosse uma missão a ser realizada.

Essa análise possibilitou um comparativo com as matérias internacionais e suas análises em periódicos nacionais e internacionais selecionados para essa finalidade. O jornal *Unzer Stime*, da comunidade judaica progressista de São Paulo, alinhava-se, no período da Guerra Fria, ao bloco comunista, o oposto da *Aonde Vamos?*. O jornal progressista trouxe para o seu público os eventos, comemorações, todo um mundo cultural dos países socialistas, o que possibilitou verificar a diversidade e intensidade das atividades das comunidades judaicas mundiais, tanto do bloco capitalista, trazido pela *Aonde Vamos?*, como pelo bloco comunista, apresentado pelo *Unzer Stime*.

A polaridade dos blocos distintos foi observada nas análises referentes ao XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética e nas interpretações sobre o relatório secreto, apresentado pelo secretário do partido. Se para a *Aonde Vamos?* o relatório só expôs a verdadeira face do comunismo, omitindo dados sobre a perseguição aos judeus, no relatório explicitou o antissemitismo soviético. Já para o *Unzer Stime*, tanto Congresso como relatório foram vistos de forma muito positiva e um passo importante para construção de um socialismo verdadeiro. O que os dois, a revista e o jornal, tiveram em comum foi o auxílio de intensa imprensa judaica internacional, mostrando grande intercâmbio de informações. Tanto um como o outro utilizaram para justificar suas plataformas ideológicas a imprensa aliada e a opositora, quando convinha a suas perspectivas análises.

Os dois veículos da comunidade judaica envolveram-se plenamente no caso Eichmann. *Unzer Stime*, com um pouco de atraso, foi disponibilizado amplo espaço para divulgação. Mas com perspectivas distintas, a revista aproveitou para criticar a política partidária interna de Israel, em favor do seu partido, os Sionistas Gerais. O jornal colocou holofote sobre as instituições dos países comunistas que ajudaram fornecendo documentação para a acusação. Informações inexistentes na revista. O jornal também aproveitou para criticar o Ocidente, a política de relações exteriores do Estado de Israel. Ambos em consonância com suas posturas ideológicas.

A revista *O Cruzeiro*, que além de seções específicas sobre notícias internacionais possuía sucursais em várias cidades ao redor do Globo, como Paris, Nova Iorque, Roma e Tóquio, para obter em primeira mão as notícias. Esse era um diferencial, não encontrado em outro veículo de comunicação da época. Dessa forma, a revista publicava grande número de informações internacionais. A análise da revista, sob a ótica de seus articulistas, que abordaram os aspectos do relatório secreto foi mais semelhante ao da *Aonde Vamos?*, uma vez que estavam alinhados às representações vinculadas às construções do bloco capitalista. Além de herdeiros da propaganda anticomunista radical e varguista desde a Intentona Comunista no Brasil, traziam algumas especificidades: primeiro, com relação à ausência da acusação de antissemitismo, que não pareceu ser em absoluto uma problemática; segundo, mais de um autor igualava o comunismo ao nazismo. A *Aonde Vamos?*, por mais que verdadeiramente alinhada com o capitalismo, sabia que nazistas e comunistas haviam lutado em lados opostos durante a Segunda Guerra Mundial, mesmo de posse da informação de que União Soviética perseguiu, e assassinou os judeus soviéticos, não se buscou igualar nazistas e comunistas.

Sobre o caso Eichmann, não houve grande mobilização, mas um posicionamento firme de apoio ao julgamento em Israel e à condenação do réu. Nossa hipótese é que a *Aonde Vamos?*

divulgou amplamente a visibilidade dada pela imprensa internacional, aproveitou para reforçar seu apoio e legitimidade ao Estado de Israel, com as notícias da prisão e tudo que se seguiu ao caso, destacado na imprensa mundial. Já *O Cruzeiro* fez apenas três artigos para marcar seu apoio. No último artigo publicado, Theophilo de Andrade realizou uma análise que opunha o nazismo ao cristianismo e a tradição greco-romana, sendo que somente no final do artigo mencionou os judeus e o antissemitismo. Abordagem totalmente distinta da encontrada nos periódicos judaicos. A hipótese é que a comunidade judaica brasileira, numericamente pequena e recentemente ascendendo economicamente – o que começou a ocorrer na década de 1950 (Grin, 1999) –, era bastante desconhecida ou de pouco interesse para a revista.

A revista norte-americana *Life*, também com larga tradição de cobertura de fotorreportagens no mundo todo, o que resultava num grande número de matérias internacionais, considerou relevante e publicou matérias sobre o relatório secreto, ainda que não tenha concedido ampla visibilidade ao assunto por tempo mais estendido, mas trouxe reportagens longas e bem documentadas, o que demonstra que buscou legitimar a sua leitura dos fatos. Para tanto, valeu-se bastante da voz de dissidentes do Partido Comunista soviético ou norte-americano, ou seja, militantes do bloco capitalista. Publicaram autores que apresentavam conhecimento sobre o assunto, em busca de reconhecimento intelectual no meio, o que dava mais credibilidade à notícia. Muitos deles possuíam obras publicadas e, coincidentemente ou não, eram majoritariamente judeus. Vale ressaltar que muitos dissidentes do sistema Soviético buscavam abrigo nos Estados Unidos, onde recebiam acolhida garantida e apoio para divulgar suas críticas ao comunismo.

Com postura inversa, a revista *O Cruzeiro* publicou várias reportagens sobre o relatório secreto e poucas sobre o caso Eichmann, enquanto *Life* concedeu pouco espaço para o relatório e grande visibilidade ao caso Eichmann. Mesmo antes do julgamento, no ano de 1960, a revista realizou uma grande investigação, percorrendo dados biográficos de Eichmann, desde sua infância até sua atuação no extermínio da população judaica nos países sob dominação da Alemanha Nazista. Todo esse material foi publicado em duas matérias divididas em duas partes e veiculadas em edições distintas. Fora essa matéria que foi realizada pela equipe editorial da revista, todas as outras foram escritas por autores judeus, inclusive um grande caçador de nazistas, Tuvia Friedmann. A revista encaminhou correspondente para cobrir o julgamento, mas esse só publicou uma matéria assinada. Chegou-se à conclusão que a revista não prezava pelo caráter noticioso, pois não publicou sequer o veredito do julgamento, em dezembro de 1961, tampouco o recurso solicitado pelo advogado de Eichmann, a recusa do recurso e as etapas de preparo que o levaram para o enforcamento. A revista já havia realizado grande pesquisa e

publicado matérias para o seu público com seu ponto de vista, ao que se conclui, nada mais teria para ser dito. A hipótese é que, nos Estados Unidos, a comunidade judaica por ser numericamente maior, quando se comparava com a que habitava o Brasil, nutria maior prestígio econômico e social, indicando sua presença nos meios de comunicação da época.

Agora que foi realizada a análise das temáticas e dos posicionamentos da revista *Aonde Vamos?* e de outros periódicos para um comparativo, verificando aproximações, afastamentos e explicitando pontos de vistas e representações, será possível, no próximo capítulo, investigar as pessoas e os grupos do ponto de vista ideológico e político, ou seja, quais eram suas representações, seus anunciantes e grupos de afinidade que orbitavam em torno da revista, para, somente assim, ampliar a compreensão do lugar e a função da revista *Aonde Vamos?*

CAPÍTULO 3 - MEDIADORES E REDES DE SOCIABILIDADE

Neste capítulo serão abordados grupos de pessoas e instituições envolvidos no projeto da revista, suas fontes de informações e seus mediadores culturais. Primeiramente, foram selecionados os diretores e redatores-chefes suas trajetórias e influências ideológicas; as instituições nacionais e internacionais com seções fixas e que publicaram suas atividades na revista, sempre que possível levantou-se a trajetória da instituição, posicionamento ideológico, político e função; nos anunciantes buscou-se compreender quem eram e se havia um perfil específico. Ademais, buscou-se apreender como se deram as redes nacionais e transnacionais, em torno de quais temáticas esses grupos mobilizaram e formaram essas redes de sociabilidade, procurando um mapeamento e uma racionalidade para elas. Foram arrolados os representantes das sucursais nacionais e depois os articulistas nacionais e internacionais que publicaram matérias assinadas dos anos de 1943, 1953, 1963 e 1973, um ano por década, para análise (as tabelas dos articulistas podem ser encontradas nos Apêndices C, D, E, F).

3.1 Os mediadores

Segundo Ângela de Castro Gomes e Patrícia Santos Hansen (2016), a produção historiográfica que explora a categoria da mediação cultural possibilita vislumbrar as práticas, funções, produtos e modos de operar desses sujeitos dentro de um espaço tempo – sempre de maneira social e política. Nessa perspectiva, os mediadores culturais não são entendidos como reprodutores, mas tidos por influenciadores políticos, ideológicos e culturais carregados de intenções as mais variadas.

Há de se ressaltar, por exemplo, que o termo mediador é ambíguo e inclui uma vasta gama de agentes (Guimarães, 2018a), pois se refere a um grupo variado de pessoas, instituições e meios. Adotou-se, neste trabalho, a tipologia que diferencia a mediação entre pessoas e instituições, para justamente distinguir estes grupos (Guimarães, 2018a, p. 324).

a Diretores e redatores-chefes de *Aonde Vamos?*

Para a análise dos diretores e redatores-chefes da revista, foram importantes os apontamentos de Sérgio Miceli (2001), segundo quem não se pode perder de vista no estudo desses indivíduos sua formação, o tipo de atividade antes exercida e, para o caso de imigrantes, o que realizavam antes e depois do processo imigratório. Ou seja, mantiveram-se na mesma

função ou necessitaram de se adaptar a uma nova realidade? Também há de se refletir sobre quais grupos ideológicos estavam por trás da revista, fosse implícita ou explicitamente, suas funções em instituições culturais e políticas e o grau de participação. O importante é não dissociar a possibilidade do trabalho intelectual das suas experiências que proporcionaram tais atividades. A dissociação dessas categorias, trabalhadas de forma separada, produz, segundo Miceli (2001), uma investigação insatisfatória, porque eram priorizadas somente suas obras ou ideias. Para a história social, por exemplo, são relevantes as posições institucionais disponíveis para atuação, ou seja, como atuaram, quais foram suas práticas sociais, intelectuais e políticas, além das obras produzidas por eles.

Considerando os apontamentos, foram selecionadas sete pessoas, que tiveram cargos fixos como diretores e redatores-chefes na *Aonde Vamos?*, exceção do primeiro, porque proprietário da revista, no período de 11 de março de 1943 a 15 de junho de 1944: Sabath Karakuschansky²²³. Os diretores e/ou redatores-chefes escolhidos para análise foram: Ladislau Vinhaes, primeiro diretor (11 de março de 1943 a 15 de junho de 1944); Leão Padilha, segundo diretor (22 de junho de 1944 a 14 de fevereiro de 1974); Aron Neumann, primeiro redator-chefe da revista (26 de junho de 1952 a 18 de janeiro de 1973)²²⁴; Esther Feldman, segunda redatora-chefe (7 de março de 1974 a 15 de março de 1976); Isaac Akcelrud, terceiro e último redator-chefe (30 de novembro de 1975 a 30 de julho de 1977), quando foi lançado o penúltimo exemplar da revista; Ronald Fucs, terceiro e último diretor da revista (7 de março de 1974 a 12 de setembro de 1977), quando de sua última edição.

O critério de seleção deu-se em função da importância desses diretores e redatores-chefes para as linhas políticas, sociais e culturais defendidas e divulgadas nas páginas da revista. Dada a discrepância do tempo que cada uma dessas pessoas esteve ativa em suas respectivas funções, isso corresponde, conseqüentemente, ao grau de influência que imprimiram na publicação.

Primeiro, faz-se necessário ressaltar uma questão recorrente sobre os fundadores da publicação. A revista *Aonde Vamos?*, na edição de 11 de março de 1943, informou aos seus leitores que este era o exemplar número 1 (um) de nova fase da revista. A partir daquela data, a publicação seria dedicada integralmente a temas de interesse da comunidade judaica. Sobre os responsáveis pela nova fase, ficou consolidada na produção da historiografia sobre a imprensa judaica no Brasil a ideia de que Aron Neumann e Sabath Karakuchansky foram os

²²³ A grafia dos nomes foi adotada conforme está na revista.

²²⁴ Ele faleceu em 23 de janeiro de 1973. Seu nome passou a constar como fundador da revista a partir da edição de 7 de março de 1974 até o fim da publicação, em 12 de setembro de 1977.

fundadores da revista. No entanto, essa afirmação sobre Aron Neumann tratou-se de uma construção difundida somente após a sua morte. Houve uma nota na edição de 19 de agosto de 1943 sobre o novo colaborador da revista, ou seja, Aron Neumann, somente cinco meses depois do surgimento da publicação. No relato autobiográfico, com o título sugestivo de “Como a Aonde Vamos? chegou a ser o que é” (Neumann, 1962, p. 46-63), republicado em 1º de fevereiro de 1973, após a sua morte, dividido, aliás, sequencialmente em vários exemplares, Neumann deixa claro que se associou à revista quando esta já existia. No entanto, na primeira edição do ano 1974, ele constou como fundador da revista e, assim, permaneceu até o final, em 1977. Tais dados fortaleceram a ideia equivocada que Neumann foi o fundador da *Aonde Vamos?*

Foi realizada uma entrevista com Ronald Fucs (2022), o último diretor da revista, que informou que trabalhava em *Aonde Vamos?* desde 1968, primeiro como tradutor e, na sequência, como assistente de redação, antes de assumir a direção. Na entrevista, ao ser perguntado se Aron Neumann foi o fundador da revista, ele respondeu categoricamente que sim, ou seja, essa era uma ideia convencionalmente aceita, mas que passou a reverberar a partir dos últimos anos do periódico, como levantado.

A confirmação de que Neumann não era proprietário da publicação sustenta-se, também, no fato de que um relatório confidencial da Polícia Civil do Distrito Federal, de 28 de novembro de 1943, denominado “Caso Aron Neumann” (Brasil, 1943), realizado pelo chefe do serviço secreto, informou que os sócios da revista, naquela data, eram: Ladislau Vinhaes, Bela Karakuschansky e Isidoro Waisman²²⁵.

Bela Karakuschansky, além de proprietária, realizou traduções para a revista entre os anos de 1943 e 1944. A princípio, tendo em vista os sobrenomes homônimos, imaginou-se que ela fosse esposa do jornalista Sabath Karakuchansky, que foi muito atuante na primeira diretoria. Mas depois, de posse da informação de que o profissional nunca se casou, que era o caçula de três irmãos e uma irmã (Dolinger, 2008, p. 489), pode-se indicar que não se tratava de esposa, mas de irmã, ainda que não tenha sido encontrado o nome dela para, de fato, comprovar a conjectura.

²²⁵ Isidoro Waisman era advogado, no relatório confidencial da Polícia Civil do Distrito Federal, consta que ele era filho de Rosa Waisman, presidente do Lar da Criança Israelita do Rio de Janeiro. Seu nome figurou na edição da *Aonde Vamos?* de 3 de março de 1944 como representante da sucursal de São Paulo, condição inalterada até 25 de maio do mesmo ano.

Shabath Karakuschanky²²⁶ imigrou para o Rio de Janeiro nos anos 1920, onde teve intensa atuação anterior na imprensa em língua ídiche, uma vez que foi redator do *Dos Ídiche Vochenblat* (RJ, 1923–1927), redator adjunto do *Brasilianer Ídiche Presse* (RJ, 1927–1929) e redator de seções, articulista e financiador do *Ídiche Volkszeitung* (RJ, 1927–1940). Também se dedicou à produção de livros tanto em hebraico quanto ídiche e português. Segundo Samuel Malamud (1988), Karakuschansky editou o primeiro livro em hebraico no Brasil, em 1925, cujo título foi *Ziun* (Registro), com textos de Karakuschansky e de Simon Landau, escritas em ídiche e traduzidas por Karakuschanky para o hebraico. Karakuschanky publicou, ainda, em ídiche *Aspectn fun idichn leben in Brasil* (Aspectos da vida israelita no Brasil), em dois volumes, pela editora Scopus, em 1956²²⁷. Também publicou os seguintes textos: a coletânea juvenil *Terra e Céu*, em português, em 1946; o romance *Der Turist*, em ídiche, em 1964; o livro *Ensaio bíblicos*, em português, publicado em 1968, o que bem demonstra sua longa atuação no ambiente das letras.

Samuel Malamud (1988) relata que na década de 1920, no Rio de Janeiro, um percentual reduzido dos imigrantes judeus possuía profissão. Majoritariamente pertencentes à classe média baixa, que em seu país de origem se dedicavam ao pequeno comércio e à intermediação de mercadorias. Por isso, uma vez no Brasil a atividade de vendedor ambulante representava uma ocupação mais fácil, senão atraente, mas promissora do ponto de vista financeiro. Os poucos profissionais que exerciam atividades de torneiros, sapateiros e mecânicos, no entanto, diante da baixa remuneração e da falta de perspectiva em ascensão na carreira, optaram pelo trabalho de vendedor ambulante. Os poucos que permaneceram em suas profissões, o que se deu em número reduzido, foram os linotipistas e gráficos, principalmente quando os periódicos judaicos em ídiche podiam pagar-lhes ordenados à altura do ofício.

A imprensa ídiche que surgiu no Brasil foi um significativo refúgio para os judeus ilustrados que vieram do Leste Europeu, onde havia uma pujante imprensa e importantes grupos literários nessa língua. Apesar da hostilidade do ambiente e das miseráveis condições de vida a eles impostas, o judaísmo polonês desse período conseguiu desenvolver manifestações culturais de extraordinária riqueza e vitalidade. Em 1930, por exemplo, cerca de 250 jornais judaicos aparecem com regularidade, anualmente eram publicadas centenas de obras em ídiche e hebraico, muitas cidades possuíam teatro judaico e o cinema ídiche teve expressivo florescimento.

²²⁶ Sobre o local e data de nascimento e morte de Sabath Karakuschansky, foram encontradas algumas variações: 1) Ucrânia, 1905-Rio de Janeiro, 1972; 2) Rússia, 1901-Rio de Janeiro, 1977; 3) Bessarábia, 1900-Rio de Janeiro.

²²⁷ Há conflito de informações a respeito da data de publicação deste livro. Falbel (2008, p. 480), a exemplo, considera o ano de 1956, enquanto Dolinger (2008, p.490), os anos de 1957-1958.

Segundo Malamud (1983), em meados dos anos de 1920, a vida judaica no Rio de Janeiro, fervilhava em todos os sentidos. Culturalmente houve um grande incremento, pois, havia um público sedento por teatro, conferências, debates, e que, desconhecendo o português, produzia as manifestações culturais em ídiche. Assim, no final dos anos de 1920 e durante o decênio seguinte, a vida cultural judaica no Rio de Janeiro tornou-se caracteristicamente dinâmica, sobretudo na língua ídiche.

Em 1941, a proibição da imprensa em língua estrangeira no Brasil foi um duro golpe para esses intelectuais mediadores, que vinham de uma forte tradição judaica ilustrada, cuja expressão transnacional dava-se em ídiche em periódicos, livros e peças de teatro, ao se discutir temáticas pertinentes ao grupo, suas visões políticas, questões locais e mundiais, a revista *Aonde Vamos?* constituiu-se enquanto uma tentativa de sobrevivência dessa imprensa ídiche, ainda sob a vigência do peso da lei imposta nos anos da ditadura de Vargas e no contexto impactante da Segunda Guerra Mundial. Uma vez que foi a única publicação judaica do período²²⁸, era uma empresa jornalística, com pretensões comerciais e de amplitude nacional. Não se pode esquecer que, com o término da ditadura de Vargas e da Segunda Guerra Mundial, o mundo judaico alterou-se significativamente, condição trazida pelo extermínio quase completo das comunidades judaicas do Leste Europeu, que marcou o fim de uma era para esses intelectuais.

Importante ressaltar que mesmo as interdições do DIP e a documentação encontrada na pesquisa da professora Maira Luiza Tucci Carneiro e publicada no livro, *O Antissemitismo na Era Vargas* (1988), como a circular secreta n. 1127, de 7 de junho de 1937, emitida pelo Ministério de Relações Exteriores que restringia a entrada de elementos semitas no país, essas restrições refletem o antissemitismo do Itamaraty, onde foi encontrado e produzido esse material, de camadas do governo estado novista e da elite brasileira. Há uma bibliografia, como a do Roney Cytrynowicz (2002), que afirma que apesar das restrições governamentais para entrada de novos imigrantes, a comunidade judaica estabelecida no país, em seu cotidiano, não sofria grandes restrições. Houve a necessidade de adequações, como por exemplo, substituição de membros da diretoria de estrangeiros para brasileiros natos ou naturalizados, nas instituições comunitárias, também as Atas deveriam ser redigidas em português. Mas, segundo levantamento institucional clubes, sinagogas, escolas e cemitérios judaicos funcionaram normalmente, com suas atividades regulares, sejam culturais, sociais, assim por diante.

²²⁸ Sobre a imprensa judaica no Brasil, ver Capítulo 1 o item “A revista na imprensa brasileira e a imprensa judaico-brasileira”.

Sabath Karakuschansky, no entanto, continuou sua luta de viver entre esses dois mundos e não desistir do ídiche enquanto língua do seu grupo após a retirada das restrições, condição que se constata na própria na *Aonde Vamos?*:

‘Jornal Israelita’

No mês passado, nossos colegas do ‘Jornal Israelita’ festejaram com a edição de um número especial, a existência de um ano desse semanário que conta com os esforços do Sr. Jacob Kutner, a direção de nosso confrade Arnaldo Sampaio e a colaboração jornalística judaica de Sabath Karacuchansky, que numa vida, quase completamente dedicada à imprensa judaica nesse país, soube conquistar meritoriamente títulos de intelectual sustentados por inegável força de caráter, ética profissional e senso de responsabilidade. Felicitamos os colegas do “Jornal Israelita” por tão grata efeméride. (Jornal [...], 1946, p. 15).

Na *Aonde Vamos?*, Karakuschansky escreveu o primeiro editorial, em 11 de março de 1943, e, na seção A Semana, inaugurada na segunda edição nas primeiras páginas da revista, escreveu de 18 de março de 1943 a 4 de maio de 1944, quando sua veiculação foi interrompida. Cumpre dizer que deixou em pouco tempo, ou seja, no dia 15 de junho daquele mesmo ano, de ser um dos proprietários da revista.

Referente às afinidades políticas, ideológicas e sociais de Karakuschansky, elas podem ser encontradas na revista *Aonde Vamos?*, atuou fortemente nos eventos e manifestações sionistas, era membro ativo do movimento sionista revisionista²²⁹ no Brasil. Pode-se citar, como exemplo, que, em 30 de outubro de 1946, compunha a chapa n. 4 da Organização Sionista Revisionista Unida do Brasil. Ademais, quando da criação do novo Conselho Sionista Emergencial no Brasil, seu nome consta entre os membros do executivo, a saber: presidente: Eduardo Horowitz; vice-presidente: Aron Neumann; secretário: Sabath Karakuschansky; comissão de propaganda: Aron Bergman (*Aonde Vamos?*, 1946b, p. 5). Além disso, tem-se a publicação de eventos do Movimento Juvenil *Betar*, do sionismo revisionista, com a participação ou palestra da equipe editorial da revista (*Aonde Vamos?*, 1947b, p. 11).

Após a saída dos antigos proprietários, uma poesia de Sabath Karakuschansky, denominada “Moisés”, foi veiculada na edição de 3 de agosto de 1944. Sendo assim, constata-se que a saída não se deu em função de litígio profundo, principalmente porque as atividades do Movimento Sionista Revisionista, linha ideológica de Karakuschansky, continuaram sendo amplamente divulgadas na revista, denotando um forte aliado político estratégico, que permaneceu próximo da publicação e a utilizou para divulgar sua pauta política e ideológica.

²²⁹ O movimento revisionista foi abordado no Capítulo 1, item “A revista e sua época”.

Sobre o segundo responsável pelo periódico selecionado para uma análise, faz-se necessário um comentário introdutório. Num período de vigência das restrições da imprensa em língua estrangeira, o governo não concedia alvará de licença nem para periódicos em português, com a intenção de impedir a publicação de novos impressos. Segundo Maria Helena Capelato: “A partir de 1940, 420 jornais e 346 revistas não conseguiram registro no DIP” (Capelato, 1999, p. 173). Como pontuado no capítulo 1, muito provavelmente a aquisição do periódico deu-se dessa forma para contornar as restrições do governo brasileiro em conceder alvarás para novas publicações e também devido à desconfiança do governo com os jornais das comunidades imigrantes. Dessa maneira, para a viabilização da imprensa judaica em português, naquele momento, era necessária uma interação, criação de estratégias e arranjos maiores do que as representadas pela imprensa em língua ídiche, com indivíduos ou grupos de fora da comunidade judaica.

Dessa forma, no primeiro ano de existência da revista *Aonde Vamos?*, o único nome que constava na revista era o de Ladislau Vinhaes, a quem se atribuía a função de diretor, até 15 de junho de 1944. Ladislau Vinhaes Weinberg, advogado, formado na Escola Livre de Direito do Distrito Federal, em 1937, jornalista e brasileiro nato. Foi nomeado, por decreto, para o cargo de oficial administrativo do Ministério da Justiça, em 1938 (O jornalismo [...], 1938, p. 4) recebeu o registro de jornalista profissional, em 1939 (Novos [...], 1939, p. 10), e foi nomeado pelo presidente Getúlio Vargas, também por decreto, escrivão classe F, em 1940 (Actos [...], 1940, p. 5). Um anúncio na *Aonde Vamos?* (1950, p. 11) torna pública sua atuação na advocacia:

O economista Manoel Ingber, prof. de contabilidade do Instituto Comercial do Rio de Janeiro põe à disposição do Comércio e da Indústria os seus serviços de Administração – contabilidade – contratos – distrato – marcas e patentes – repartições públicas. Imposto de renda e naturalizações. Departamento jurídico sob direção do advogado Ladislau Vinhaes causas cíveis, comerciais e trabalhistas.

Ladislau tentou vida política, mas não obteve êxito, participou da criação oficial da Aliança Social Democrata (1945–1964) (Ata [...], 1945), em 30 de maio de 1945, e tornou-se secretário-geral do Diretório Central do partido e seu representante junto ao TSE. No entanto, no final do ano, lançou-se candidato a deputado federal pelo Partido Agrário Nacional (1945–1947)²³⁰, não sendo eleito. Como jornalista, trabalhou nos jornais *Correio da Noite* (RJ,

²³⁰ Partido Agrário Nacional (PAN) foi um partido político brasileiro fundado em 1945 pelo fazendeiro Mário Rolim Teles. Em 1947, o PAN fundiu-se com o Partido Popular Sindicalista e o Partido Republicano Progressista, de Ademar de Barros, para formar o novo Partido Social Progressista (1946), que foi o quarto maior partido do país entre 1947 e 1965, quando foi extinto.

1935–1954), *Diário Carioca* (RJ, 1928–1965) e o *Imparcial* (RJ, 1935–1942). Faleceu em 17 de setembro de 1950, no Rio de Janeiro (Necrologia, 1950, p. 22).

Sendo assim, quando adquiriu a revista, certamente, possuía experiência e contatos para o exercício da atividade, mas não se sabe muito sobre seus grupos de afinidades no período em que esteve vinculado ao periódico, pouco mais de um ano. Depois que saiu da direção, não foram encontrados indícios de proximidade com a publicação. Pode ter sido por sua influência a presença de não judeus que escreveram artigos assinados na revista, sobretudo no ano de 1943, fato que não se repetiu em anos posteriores (dados disponíveis nos Apêndices B, C, D e E).

O relatório confidencial da Polícia Civil do Distrito Federal (Brasil, 1943) antecipava o motivo e a saída do diretor, explicitando que este não era de fato seu grupo de sociabilidade:

Aliás o diretor da revista, Ladislau Vinhaes, tem ideia de vender sua parte da revista, em virtude de suas ocupações como redator sub-secretário do Correio da Noite e Escrivão da Polícia Civil (para o qual voltou há pouco mais de um mês) não lhe permitem o cuidado que uma publicação semanal requer. Além disso, não tem grande entusiasmo pela mesma, pois é ESPIRITA (Brasil, 1943, p. 2).

Para Vinhaes, a aquisição do periódico poderia ter proporcionado a possibilidade de um jornalista galgar o posto de diretor de um veículo de comunicação, status acima de jornalista e escrivão. Assim, poderia selecionar os articulistas e as temáticas da sua própria revista. Mas, ao que tudo indica, a questão judaica era um fator identitário forte ao grupo vinculado à *Aonde Vamos?* e não o motivou, ou mesmo estimulou, a continuar na direção da publicação.

Na seção Carta aos Leitores, de 15 de junho de 1944, foi informado que a revista tinha novos proprietários.

Carta aos Leitores de “Aonde Vamos?”

A Revista “Aonde Vamos?” tem, como sabem os leitores, novos proprietários. Estes, no seu escopo de apresentar um trabalho construtivo, honesto e completamente independente, ofereceram suas páginas, gratuitamente, às entidades filantrópicas e pró-vítimas da guerra, para servir a fins elevados de solidariedade, independente de qualquer interesse econômico, podendo assim, ainda, criticar o que deve ser criticado e cooperar para o melhoramento constante destas entidades.

Se melhorou ou não, desde então, a apresentação material e intelectual da Revista, deixamos ao critério de nossos leitores que sabem – não o duvidamos – que nenhum esforço foi poupado para apresentar uma publicação viva e coerente, intelectual e sincera, cujo ideal máximo é cooperar para manter desperto o sentimento de solidariedade para com os que sofrem, acesa a chama espiritual e religiosa, moral e progressista, que constitui o ideal das Nações Unidas.

[...]

Há meses, porém, estamos sendo molestados por homens que não conhecemos, homens que com injúrias e calúnias procuram incomodar-nos.

Estes atos vão se acumulando e não podem ser mais por nós ignorados, por isso que a sua finalidade é paralisar esta revista, provocar escândalos em torno dela e de seus componentes.

[...]

Tudo isso nos parece incrível, fantástico, ainda mais porque não conhecemos os tais autores, seja pessoalmente, profissionalmente ou socialmente. A ação foi-nos explicada como sendo de caráter ideológico – o que nos parece sem pé nem cabeça. (Aonde Vamos? 1944, p. 23)

Como se pode constatar pelo exposto acima a transição se deu por meio de turbulências dentro e fora da revista e, ao que parece, por questões ideológicas. No entanto, na edição de 22 de junho de 1944, houve uma nota sobre a troca de diretor da revista, no lugar de Ladislau Vinhaes Leão Padilha passou a ocupar o cargo. Na ocasião, teceram-se os melhores comentários sobre o diretor que deu lugar a Padilha, cuja saída deu-se para se dedicar a “outros encargos”, e nada foi dito a respeito.

O nome do novo diretor e proprietário, Leão Padilha, surgiu na edição de 22 de junho de 1944, tendo permanecido no cargo por vinte e nove anos, até 14 de janeiro de 1974. José Leão Padilha (PI, 1906–RJ, 1986) formou-se em advocacia, contudo, sua vida foi bastante voltada²³¹ ao jornalismo, tendo ocupado cargos de importância em vários jornais cariocas. Foi secretário e coordenador dos jornais *O Dia* (RJ, 1951–atual) e *A Noite* (RJ, 1911–1957), foi jornalista e redator chefe de *A Notícia* (RJ, 1894–1930; 1938–1979; 1991–1997) e de outros periódicos. Sendo assim, José Padilha foi, concomitantemente, diretor da *Aonde Vamos?* e secretário de redação de *A Notícia* e, depois, de *O Dia*. Ademais, foi um dos fundadores da Associação Brasileira de Imprensa.

Padilha, também durante vários anos, ocupou o cargo de diretor da empresa do político Antônio de Pádua Chagas Freitas (Keller; Xavier, [s. d.]) (RJ, 1914–1991), jornalista, advogado e político. Como político, Chagas Freitas teve atuação nos seguintes cargos: deputado federal do Distrito Federal (1955-1960); deputado federal da Guanabara (1960-1971); governador da Guanabara (1971-1975) e do Rio de Janeiro (1979-1983).

Na imprensa, Chagas Freitas foi proprietário de dois veículos de informação, comprou o jornal *A Notícia* (RJ, 1894–1930; 1938–1979; 1991–1997), em 1949, cuja linha editorial baseava-se na publicação de denúncias sensacionalistas em linguagem popular, tendo Ademar de Barros como sócio, e como secretário de redação, José Leão Padilha. Manteve o estilo sensacionalista, já próprio do periódico, mas o utilizou como divulgação de seu partido, a saber: o Partido Social Progressista (PSP). Em junho de 1950, Chagas Freitas fundou outro jornal, *O*

²³¹ Em anúncio dos drs. Leão Padilha e Humberto A. Ribeiro, identificou-se que atuavam como advogados nas áreas Cível, Comercial, Criminal, Trabalhista e Administrativa. Além de Homologação de sentenças estrangeiras e naturalizações (AONDE VAMOS?, 1949, p. 22).

Dia (RJ, 1951–atual), mais uma vez em sociedade com Ademar de Barros, aproveitando o corpo de funcionários e os contratos de publicidade do veículo que já dirigia.

Em março de 1956, Adhemar de Barros exilou-se para escapar de uma pena de dois anos de reclusão, imposta pelo Tribunal de Justiça de São Paulo, por desvio de verbas públicas. Chagas Freitas aproveitou o exílio de seu sócio para excluí-lo da sociedade, tornando-se, assim, acionista majoritário e adquiriu o controle acionário dos jornais. Além do controle direto sobre *O Dia* e *A Notícia*, Chagas Freitas exercia grande influência nos meios jornalísticos cariocas e, em 1956, foi eleito presidente do Sindicato das Empresas Proprietárias de Jornais e Revistas, cargo em que permaneceu até 1970 (Keller; Xavier, [s. d.]).

O fato de o diretor e proprietário de *Aonde Vamos?*, por quase 30 anos, estar vinculado profissionalmente a grandes veículos de imprensa e a figuras do campo político, caso do Leão Padilha e, indiretamente o político Chagas Freitas, cuja influência foi forte na cena política nacional e estadual e no sindicato das Empresas Proprietárias de Jornais e Revistas, por longo período, certamente, proporcionou prestígio, poder e dinheiro para a viabilização da *Aonde Vamos?* em núcleos para além da comunidade judaica.

A partir do ano de 1969, a revista foi composta nas Oficinas Gráficas da Editora e Impressora de Jornais e Revistas S. A. No jornal *O Fluminense* de 18 de junho de 1982, página 13, tem-se a informação de que essa editora era a *holding* das empresas que integravam o conglomerado pertencente ao político Antônio de Pádua Chagas Freitas. A Associação Brasileira de Imprensa, no ano de 1975, por exemplo, fez uma relação das dez Maiores Empresas do Setor, e a Editora e Impressora de Jornais e Revistas S. A. figurou como a 9ª empresa citada na lista. O local de impressão da revista mudou algumas vezes após essa data, mas a realização da composição na empresa do político permaneceu até o derradeiro número de *Aonde Vamos?*, em 1977, muito provavelmente de forma gratuita. Ressalta-se que Leão Padilha saiu da direção e deixou de ser proprietário da *Aonde Vamos?* no começo de 1974.

No entanto, segundo Ronald Fucs (2020), último diretor da revista, o principal motivo da aproximação de Padilha com a comunidade judaica deve-se a seu trabalho como advogado, auxiliando nos processos de naturalização de estrangeiros. Segundo Jayme Szwarcfiter (2022), que trabalhou na *Aonde Vamos?* de 1964 a 1966, a revista e Neumann não tinha relação com o político, somente com Padilha. A hipótese é que, além das questões comerciais, citadas anteriormente, unia-os o apoio à questão sionista. Segundo Samuel Malamud (1983, p. 48-49), Leão Padilha integrava o Comitê Cristão-Brasileiro Pró-Palestina²³², criado em 1946,

²³² O jornal *A Noite* noticiou a criação do Comitê Cristão-Brasileiro Pró-Palestina, no Automóvel Club, e que era filiado ao Comitê Mundial Cristão, sediado em Washington (Fundado [...], 1946, p. 08).

instituição que apoiava a criação de um estado Judeu na Palestina. Esse comitê, depois da criação do Estado de Israel, transformou-se no Centro Cultural Brasil-Israel (Projeto [...], [s. d.]), que vinha ao encontro da proposta ideológica e política da revista fora da comunidade judaica.

Podem-se observar intensas relações da comunidade imigrante com a sociedade local, favorecendo a construção e criação de uma rede baseada num cruzamento de interesses legais, comerciais e afetivos, com o advogado envolvido nos processos de naturalização dos imigrantes, seu vínculo com empresas jornalísticas, que se articulavam e fortaleciam mutuamente, e que tinham também vínculos com a política, mesmo não diretamente, pois eram veículos de divulgação de perspectivas encampadas pelo político carioca Chagas Freitas. Dessa forma, Padilha foi um importante mediador da revista, porque deu suporte a ela e na qual divulgou a sua proposta ideológica, criando um diálogo de dentro para fora e de fora para dentro da comunidade judaica e, de inúmeras maneiras, também por meio de financiamento, ainda que boa parte dessa contribuição tenha advindo da prestação de serviços essenciais para seu funcionamento.

Em 26 de junho de 1952, surgiu o nome de Aron Neumann como redator-chefe juntamente com o do diretor Leão Padilha. Essa foi uma parceria de sucesso que durou 21 anos e só terminou com o falecimento do primeiro, em 23 de janeiro de 1973. Ele não foi o fundador, nem proprietário do periódico, mas teve grande protagonismo e deixou sua marca devidamente registrada. Sabe-se que escrevia na revista desde da edição de 19 de agosto de 1943, quando saiu uma nota de boas-vindas ao recém-chegado colaborador.

Aron Neumann nasceu em 1908, em Kempen, uma cidade pequena localizada no Norte da Alemanha. De família ortodoxa²³³ vinculada ao movimento Aguda Israel, que combatia o sionismo e o judaísmo reformista²³⁴, Neumann mudou-se para o Chile aos treze anos e com 23, veio para o Brasil, estabelecendo-se no Rio de Janeiro. Foi, ademais, grande ativista comunitário, colaborou com inúmeras outras instituições judaicas. A exemplo, em 1937, fundou o Lar da Criança Israelita, instituição em atividade até os dias de hoje, trabalhou na *Relief* (Sociedade Beneficente Israelita de Amparo aos Imigrantes)²³⁵ e colaborou com inúmeras outras instituições judaicas.

²³³ Os judeus ortodoxos são os que cumprem rigidamente os preceitos estipulados pela Lei Judaica, conhecida como *Halachá*.

²³⁴ O movimento reformista no judaísmo permanece fiel aos seus princípios originais de praticar o judaísmo em constante progresso e orientado para a justiça social. Aceita a lei judaica, porém, coloca ênfase na autonomia moral dos indivíduos para decidir quais leis têm significado religioso para eles.

²³⁵ Em 1912, foi fundada, no Rio de Janeiro, a Sociedade de Ajuda Fraternal *Achiezer*, que se tornaria, em 1920, a Sociedade Beneficente Israelita de Amparo aos Imigrantes (*Hilfs-Ferein-Relief*), ligada à *Jewish Colonization*

Tornou-se sionista já adulto, militou no movimento dos sionistas gerais²³⁶. O seu artigo “Porque sou sionista geral” (NEUMANN, 1947, p. 4, 18) não deixa dúvidas sobre sua afinidade com o movimento. Também foi publicado na revista, em 4 de novembro de 1948, que Aron Neumann era o representante do partido Sionistas Gerais, por que foi componente de uma mesa redonda sobre sionismo, da qual participaram todos os grupos ideológicos e seus representantes. Além disso, deu-se ampla cobertura das atividades do partido no Brasil e no mundo, bem como seu movimento juvenil, o *Hanoar Hatzioni Haklali*. Usou-se amplamente a revista como porta voz de sua plataforma ideológica.

No artigo em que afirmou ser sionista geral, relatou que era frequentemente criticado por ser dessa linha sionista. Linha que, segundo seus críticos dentro do próprio sionismo, era representada por “elementos reacionários, velhos burgueses interessados em manter o status quo social” (Neumann, 1947, p. 4). Neumann atribuiu esse comentário à má informação de muitos sionistas, pois, para ele, era lamentável que o sionismo fosse dividido em partidos e não organizado em uma frente única, que, ainda segundo advogava era a proposta de Theodor Herzl²³⁷. Achava impossível optar por outro partido, pois considerava que todos os outros partidos sionistas estavam fora de época e da realidade em que viviam. Com exceção do Mizrahi, partido religioso e ortodoxo que tinha outra proposta, todos os outros foram criados no início do século XX e a conjuntura mundial, bem como a situação dos judeus mudaram significativamente desde então.

Neumann afirmou ter simpatia pelo revisionismo sionista e o seu idealizador Jabotinsky, que pregava a saída dos judeus da Europa, o que poderia ter salvo muitas vidas no período da Segunda Guerra Mundial. No entanto, referente à política interna, era favorável aos partidos progressistas e liberais, que defendiam a liberdade de pensamento e o sistema democrático. Não se filiava ao Mizrahi²³⁸, por que não era ortodoxo. Quanto ao *Poalei Tzion*, estava em desacordo com a política externa progressista.

Depois, no mesmo artigo, passou a criticar, mas sem citar explicitamente, o partido trabalhista, maioria do governo em Israel desde sua fundação. Ressaltou que era favorável à premissa do partido de criar em Israel bases de justiça social, mas criticou, entre outros, o seu

Association (JCA), HIAS e *Emigdirect*, instituições judaicas internacionais. Em 1937, a *Relief* fundou a Policlínica Israelita, que, posteriormente, se transformou no Hospital *Israelita* Albert Sabin, em atividade até os dias de hoje.

²³⁶ Os Sionistas Gerais foram abordados no Capítulo 1, item “A revista e a sua época”.

²³⁷ Theodor Herzl (Hungria, 1860-Áustria, 1904) foi jornalista judeu fundador do sionismo político moderno.

²³⁸ O movimento sionista religioso *Mizrahi*, foi fundado no ano de 1902, quando sionistas religiosos se reuniram no *Movimento Sionista Mizrahi* em função de discordâncias com relação à educação judaica difundida pela Agência Judaica. O movimento político do sionismo religioso *Mizrahi*, assim como as outras diversas correntes religiosas, tinham como lema “O povo de Israel, com a Torá de Israel, na Terra de Israel”.

“classismo”, que só indicava membros do próprio grupo, deixando de utilizar profissionais mais preparados e adequados para funções específicas; a política externa dos trabalhistas, a exemplo, ignorava, entre outros, a América Latina; a política interna do gueto “idichista”, por sua vez, não considerava a cultura mediterrânea. O sionismo geral era, para ele, o único que realmente incluía todo o povo judeu: “as massas operárias, a juventude, a cultura, os elementos liberais, os conservadores e os socialistas numa união sagrada.” (Neumann, 1947, p. 18). Ainda segundo Neumann, só poderia participar do movimento sionista quem estivesse acima do partidarismo e finalizou o artigo afirmando:

Para finalizar, uma coisa quero esclarecer: **não sou conservador**. Ao contrário, pertenço à esquerda independente, baseada no progresso e na democracia político-econômico, no universalismo político entre as nações. Aspiro à criação de um Estado Judaico liberal, separado da religião e tendente a desenvolver a cultura judaica de raízes mediterrâneo-ocidental.
Sou pela mobilização da juventude e de **todas as camadas** do meu povo.
Por tudo isto – sou sionista geral (Neumann, 1947, p. 18).

Aron Neumann, como indica o texto, tenta vender ao seu público leitor que lutar por um Estado Judaico com política e economia liberal é um posicionamento político apartidário, no entanto, isso não está acima do partidarismo, mas muito pelo contrário, está bem inserido em uma proposta específica. Também no texto acima, diferentemente do sionismo tradicional que defendia que todo judeu deveria ir para Israel, mesmo sendo sionista não tinha como proposta sua adesão como imigrante para participar in loco da empreitada, somente uma visão distante dos acontecimentos. Singular foi o apoio de Neumann aos judeus provenientes do “mediterrâneo-ocidental”, sendo que ele não fazia parte do grupo mediterrâneo. Mas, por outro lado, o autor não tece referências aos judeus do Oriente Médio, que também sofriam apagamento cultural pela sociedade israelense, assim como os judeus mediterrâneos.

No relato autobiográfico, ele conta que “com pouco mais de 30 anos de idade, que comecei a aprofundar-me nos escritos de Theodor Herzl. Nunca fui sionista” (Neumann, 1962, p. 46). Talvez essa seja uma explicação para o fato de ele nunca ter ido para Israel, mesmo com a intensa atuação nos Congressos Sionistas e no partido dos Sionistas Gerais. Provavelmente por ser um homem casado e bem estabelecido profissionalmente, portanto, bem diferentemente dos jovens idealistas e sem vínculos que pudessem limitá-los a um espaço físico. Essa seria uma explicação do motivo de Neumann não ter se dirigido a Israel para colaborar com os debates da construção do novo Estado presencialmente.

A sua visão e atuação sionista não conferem com as diretrizes básicas e oficiais do sionismo moderno, o qual indica a ida para Israel e deixar a anomalia da diáspora no passado.

Isso de forma alguma significa que ele não era sionista, aliás, adepto dos mais fervorosos, mas não encarava o sionismo a partir dessas diretrizes, pois tinha a sua própria leitura e interpretação do significado e da atuação de que um sionista deveria ter e agir. E, dessa forma, divulgou nas páginas da revista a sua perspectiva sionista para os leitores brasileiros.

Sobre como Neumann aproximou-se de *Aonde Vamos?*, há duas fontes a explorar: o relatório confidencial da Polícia Civil do Distrito Federal, de 28 de novembro de 1943, denominado “Caso Aron Neumann”, e o artigo “Como a Aonde Vamos? chegou a ser o que é”, escrito por ele e publicado na *Aonde Vamos?* (Neumann, 1962, p. 46-63, 98-99, 102-103, 106-107, 118-125) e republicado em 1º de fevereiro de 1973 após a sua morte e dividido sequencialmente em vários exemplares. No relatório confidencial, Ladislau informa que foi apresentado a Aron Neumann por Shabath Karakuchansky, três meses antes, ou seja, em agosto, e, sendo elemento conhecido na coletividade israelita carioca, pediu para escrever uma coluna na revista para fazer críticas, mostrar os defeitos e as irregularidades nas sociedades de beneficência, maioria das quais fazia parte. A seção foi aprovada e denominada “DE PASSAGEM...”, no entanto, o mesmo relatório informava que desconhecia a vida pregressa de Neumann, relatando que ele causou confusão na coletividade em função das publicações na seção, e fez alusões, inclusive, aos rumores a respeito da má conduta de Neumann em relação aos negócios.

No artigo intitulado “Como a Aonde Vamos? chegou a ser o que é” (NEUMANN, 1962, p. 46-63), Neumann escreveu que sentiu forte ímpeto de se tornar jornalista para denunciar as supostas irregularidades das lideranças comunitárias, internacionais, nacionais e locais. Segundo ele, estava em boa situação profissional e econômica, mas, mesmo assim, decidiu abandonar sua vida confortável para entrar na vida pública judaica. Muito decepcionado com a postura das lideranças judaicas, resolveu usar sua escrita para dirigir-se ao povo, pretendia usar seu jornalismo como missão.

Foram encontradas outras fontes que corroboram com o texto de Neumann citado acima, que a motivação da sua transição profissional para jornalista se deu em função da sua profunda decepção com as lideranças judaicas, com relação à tentativa real de salvar os judeus da ação nazista na Europa. No livro de Rachelle Dolinger (2008, p. 97), bem como no relato de sua esposa, Mina Neumann (Wolff; Wolff, 1988, p. 34), observa-se que a ascensão do nazismo na Alemanha e o consequente desdobramento para os judeus europeus atingiram Neumann de forma brutal. Ele, nascido na Alemanha, segundo os dois livros citados, ficou profundamente abalado com os acontecimentos, e, por isso, tinha a expectativa de que se desenvolvesse uma grande ação comunitária de auxílio de seus conterrâneos no Brasil e no mundo, o que não

ocorreu na dimensão de sua expectativa. Os textos de Dollinger e Wolf também relatam outro duro golpe que colaborou com sua decepção: o surgimento do Estado Novo de Vargas, em 1937, era favorável ao governo nazistas e declarava apoio ao Eixo durante a Segunda Guerra Mundial, até 1942.

Assim, em 1942, Neumann decidiu criar um periódico para dirigir-se aos judeus do Brasil e sendo impossível inaugurar uma publicação nova sob o regime do Estado Novo, o único recurso era adquirir um título já existente. O que confirma a hipótese que a compra de *Aonde Vamos?* deu-se para driblar as imposições governamentais do período. Neumann, então, procurou um jornalista judeu proeminente dentre os seus contatos na área, Herbert Moses²³⁹, que o informou sobre uma revista chamada *Máquina Fotográfica*, à venda. No entanto, essa proposta não vingou e Moses não teve nenhum envolvimento com a revista *Aonde Vamos?* a que Neumann posteriormente se filiou. Outra possibilidade surgiu de “um não-judeu de elevadas qualidades morais e arraigada formação democrática”, José Leão Padilha, que lhe ofereceu para comprar o título *Coletânea*, quando foi procurado pelo grupo que publicava a *Aonde Vamos?*. Segundo Neumann, a revista, depois de três meses de publicação, estava sem condições econômicas para sobreviver e necessitava de apoio para reerguer-se. Ele hesitou, a princípio, pois não sabia se poderia sustentar sua independência jornalística associando-se a três pessoas que mal conhecia. Vinculou-se à revista, mas logo ficou decepcionado com o nível do periódico, que não atendia seus propósitos de debater os problemas comunitários. Pensou em largar a publicação e adquirir outro título, com intenção de pôr em circulação uma revista judaica independente, que, segundo sua visão, era indispensável devido à conjuntura. Mas percebeu que já era impossível desfazer do encargo assumido e permaneceu em *Aonde Vamos?* até a sua morte.

Em seu artigo, após o relato de como entrou na *Aonde Vamos?*, afirmou que se afastou gradualmente dos seus negócios e passou a se dedicar a construir a revista. Explica sua atividade profissional, sua situação econômica e a experiência jornalística anterior, que considerava bastante amadora, porque apenas havia editado uma pequena revista sobre cinema educativo. No entanto, no relato não deu maiores informações como, o nome da empresa, exatamente os anos que esteve vinculado à essa atividade ou o nome da revista que editava. Nada adicional foi encontrado sobre essas informações.

²³⁹ Herbert Moses (RJ, 1884-1972) advogado e jornalista, fundou juntamente com Irineu Marinho os jornais *O Globo* (RJ, 1925-atual) e *A Noite* (RJ, 1911-1957). Foi presidente da Associação Brasileira de Imprensa, a *ABI*, (1931-1965) e do Instituto Cultural Brasil-Israel.

Era eu o que se poderia chamar de homem de posses. Depois de me ter dedicado vários anos em atividades ligadas ao cinema educativo (minha profissão inicial) tornara-me sócio de uma tradicional firma, em fase de crescente prosperidade (Neumann, 1962, p. 50)

Minha experiência jornalística até então não passava do amadorismo. Antes editava uma pequena revista especializada em questões de cinema educativo (Neumann, 1962, p. 51)

Segundo o texto, ele não fazia ideia das dificuldades que iria encontrar para publicar uma revista judaica independente. E, ainda, teria cometido um erro fundamental ao se tornar jornalista judeu no Brasil, com uma comunidade pequena, com língua desconhecida do resto do mundo. Os centros judaicos, de onde aconteciam as decisões, nos EUA, na Inglaterra e na Palestina, as línguas para interagir com esses centros eram ídiche, hebraico e, principalmente, inglês. Dessa forma, o Brasil e a América Latina eram colônias das organizações judaicas mundiais, que se podiam governar de longe, com a ajuda de gente local que se prestava para tanto. Ele se considerava um jovem de formação cosmopolita, teve história distinta da maioria dos judeus que aportaram no Brasil. Isso segundo sua perspectiva, era garantia que não se envolveria com as irregularidades que ocorriam e pretendia denunciar em sua atuação como jornalista.

Algumas das dificuldades enfrentadas por Neumann para levar a cabo a publicação deviam-se ao fato de a revista judaica destinar-se a uma coletividade isolada, dividida em grupos de usos e costumes ou de lugares de origem, alguns com tendências “ideológicas” trazidas da Europa e outros mil fatores, que impediam uma coesão efetiva.

Não se pode desconsiderar que ele cogitou a respeito de seus investimentos, cuja cifra era dez vezes maior do que o acertado inicialmente. Sua sala era sublocada e pertencia a um judeu que fazia perucas, e, ainda que tivesse de dividir a sala para baixar os custos, a condição financeira não era favorável e os pagamentos eram feitos sempre com muito atraso. Com relação aos itens que herdou dos antigos proprietários da revista, Neumann conta que havia duas escrivaninhas, seis cadeiras, uma estante e uma lista de 800 nomes para envio semanal da revista. Desta lista de nomes para envios semanais, metade pagavam a assinatura, outros eram permutas de propaganda e boa parte – situados na Praça Onze – eram de endereços inexistentes. No texto Neumann informa que a lista de nomes para envio da revista era herança de uma publicação em ídiche que não existia mais. Muito provavelmente a lista herdada foi deixada por Shabath Karakuschanky, um dos antigos proprietários da revista, que foi redator de seções, articulista e financiador do jornal em ídiche *Iídiche Volkszeitung* (RJ, 1927–1940), publicação extinta em função da proibição da imprensa em língua estrangeira.

Após apresentar as dificuldades encontradas, Neumann discorre sobre o conceito de jornalista judeus na comunidade judaica local, que era desencorajador para quem pensasse em iniciar na profissão. Segundo sua opinião, no início da revista a comunidade judaica brasileira via os jornalistas judeus como marginais, *shnorer*²⁴⁰. Ele divide as visões em grupos.

os assimilantes (e estas – pasmem – eram os melhores) achavam desnecessária uma imprensa judaica. Consideravam um ato pretencioso o querer-se instituir jornais judeus. E viam no jornalista judeu um tipo inconveniente e mofino. Os semi-assimilantes consideravam que um jornal judeu deveria tratar de coisas brasileiras, como se os assuntos judaicos não tivessem seu lugar no clima social e cultural do país. Não entendiam que publicar-se um órgão de imprensa especial para judeus, que tratasse de assuntos da competência de outros órgãos de caráter geral, seria, aí sim, um ato de isolamento. Tais conceitos resultavam do desequilíbrio entre a cultura geral e a judaica desses indivíduos que punham a deitar verbo sobre coisas que não lhes haviam sido ensinadas, nem eles haviam aprendido (Neumann, 1962, p. 55)

Existia, porém uma terceira categoria: a dos que não eram assimilados, mas não tinham consciência dos problemas, dificuldades e que deles não queriam tomar conhecimento. Para estes o jornalista judeu era alguém que vinha lhes pedir dinheiro e chamar-lhes a atenção para a cultura judaica de que se achavam alheados.

Estas três categorias eram as mais inofensivas. Havia uma outra, a dos já mencionados “chefes de colônias”. Achavam a ideia de criar um jornal judeu bastante aceitável, principalmente em se tratando de um jornal seu ou sob seu controle. Neste caso diziam: “Pode contar conosco, nós o sustentaremos.” Como só se tratasse de caridade

Mas, se acaso ousasse esse órgão publicar informações não muito do seu agrado ou – o que seria uma heresia realizar críticas aqueles personagens ou a seus amigos, aí propunha-se a extirpar o herege [...]. Do jornalista esperavam eles que se ocupasse em escrever – mediante pagamento direto ou indireto – longas tiras laudatórias, descrevendo festas familiares ou sociais. A assinatura de um jornal era feita à guisa de “ajuda” – uma *mitzvah*²⁴¹. E o anúncio nunca era encarado como do interesse do próprio anunciante.

Era preciso ter estômago para ser jornalista judeu (Neumann, 1962, p. 56).

Como exposto na citação acima, para Neumann, esses três primeiros tipos de mentalidades eram considerados alienados e inofensivos em comparação aos chefes e o que ele chamava de “coronéis das colônias judaicas”. Estes achavam a ideia de um jornal judeu aceitável, desde que sob a sua batuta. Mas nada ofensivo ou com críticas poderia ser publicado sobre eles. Pois, do contrário, o jornalista seria tratado com toda a crueldade, caluniado e boicotado. A assinatura de um jornal era entendida como uma ajuda, uma boa ação em nome da fidelidade do jornalista. Era justamente neste lugar de caluniado e perseguido que Neumann se sentia dentro da comunidade judaica brasileira.

Com muita frequência, quando Neumann publicava sua orientação, mais da metade dos assinantes cancelaram a assinatura e ao longo dos anos vieram muitos outros cancelamentos, o

²⁴⁰ *Shnorer*, termo em ídiche que significa parasita, aproveitador e alguém que vive pedindo dinheiro.

²⁴¹ *Mitzvah* em hebraico significa literalmente mandamento, mas tem o sentido da prática de boas ações.

que deve ter tido impacto na saúde financeira do periódico. O primeiro caso de perda de assinantes em função de discordância das opiniões do redator-chefe publicada na revista será analisado no subitem representante, que aconteceu em 22 de dezembro de 1949, quando *Aonde Vamos?* perdeu o representante da sucursal de São Paulo e boa parte de seus assinantes daquela cidade. Mas, para ele, muitos acabaram voltando, pois, supostamente compreendiam que estava certo. Mesmo assim, os obstáculos eram muitos e o clima não era favorável. Recebia visitas de assinantes irados com o que havia escrito e sempre explicava seu ponto de vista. Quem não se convencesse de seus argumentos, ele devolvia o dinheiro da assinatura. Afirmou Neumann no texto.

Houve casos de cobrarem para publicar eventos sociais, principalmente com foto, o que recusava. Segundo afirmou no texto, matéria paga ele recusava por princípio. Na busca por reconhecimento e confiabilidade do conteúdo de sua publicação, Neumann procura passar ao público leitor uma impressão de seriedade e imparcialidade, o que não correspondia de todo com a linha editorial da revista, que tinha posicionamento político, ideológico e cultural bastante consciente e definido. Sendo assim, entre outras afirmações defendia que uma matéria deveria ser pesquisada por vários ângulos antes de ser publicada, como se isso garantisse a imparcialidade do conteúdo e não apenas um maior embasamento da defesa de suas convicções pré-existentes, assim como todo veículo de informação. Todo jornalista, sendo ele judeu ou não, deveria, para atuar na profissão, ter estudo universitário específico. Na perspectiva de Neumann, ele foi o maior batalhador pela profissionalização e reconhecimento do jornalista dentro da coletividade judaica. Afirmou que tal reconhecimento profissional não existia no Brasil. Sua frustração, muito provavelmente, se deu pelo conhecimento da existência de uma imprensa judaica pujante na Europa do pré-Segunda Guerra Mundial, que não encontrou no Brasil e que sofreu forte abalo ao fim da guerra, principalmente a imprensa escrita em ídiche, em função da destruição das comunidades do Leste Europeu pelo Holocausto.

No Brasil, segundo Petrarca (2005), a legislação sobre a profissão de jornalista se deu em 30 de novembro de 1938, durante o Estado Novo, juntamente com a assessoria dos sindicatos de jornalistas de São Paulo e Rio de Janeiro²⁴². Esse decreto regulamentou a duração e as condições de trabalho nas empresas jornalísticas, conceituando o jornalista como um trabalhador intelectual com funções como: busca de informações, redação de artigos e

²⁴² O Decreto-Lei número 910 determinava que a jornada de trabalho era de cinco horas, diurno e noturno. Poderia ser instituído contratualmente uma jornada de sete horas, com acréscimo de remuneração. O decreto determinava que o jornalista precisa ser brasileiro (nato ou naturalizado), maior de idade, sem antecedentes criminais ou com processo judicial em andamento. O sindicato solicitou a exigência de formação universitária para a categoria, mas esta exigência não constou no decreto. (ROCHA, 2003).

organização, orientação de direção dessas atividades. Em 1946 surgiu a Federação Nacional dos Jornalistas com a função de representar os sindicatos. As primeiras faculdades de jornalismo são dessa época, algumas criadas justamente por empresas de comunicação e instituições que reuniam jornalistas²⁴³.

Durante o Estado Novo dois outros decretos foram instaurados em 1943 e 1944²⁴⁴, na esteira da consolidação das leis do trabalho em 1943, são repetidas as diretrizes do decreto anterior, mas foi acrescido da criação dos cursos de jornalismo. O decreto de 1944 acrescentou a remuneração mínima daqueles que trabalhavam em atividades jornalísticas, incluindo como jornalistas, redatores da radiodifusão e na redação publicitária (Petrarca, 2005, p. 13). Já no Período Democrático outros decretos foram instituídos para regulamentar a profissão de jornalista, como os de 1961, 1962, 1963 e 1969²⁴⁵. No entanto, somente o decreto de 1969 instituiu a obrigatoriedade de diploma de jornalismo para o exercício da profissão e tornou o jornalismo profissão oficial no país, data posterior ao artigo e reivindicações de Aron Neumann, que foi publicado em 1962.

Ressaltou a carência de arquivos judaicos para pesquisas necessárias para produção das matérias sobre assuntos específicos e acontecimentos passados e de conhecimento histórico sobre os judeus no Brasil. Dessa forma, faltava aos jornalistas repertório judaico e arquivos disponíveis para a produção de artigos de qualidade. Em sua opinião, o judeu, no geral, era carente de politização judaica e desprovidos de fonte de informações. Apesar das críticas, avaliou que em 1963, quando da primeira publicação do artigo, houve muitas mudanças, o que atribuiu ao seu esforço e à dedicação dos demais responsáveis por *Aonde Vamos?*, cujo comprometimento foi importante para contribuir para a profissionalização da atuação do jornalista na comunidade judaica brasileira.

Ainda no artigo, Como a AONDE VAMOS? chegou a ser o que é, publicado em 1962, Neumann reflete o decurso do texto até que ponto vai o conhecimento do *back-ground* histórico do judaísmo por parte de não judeus e mesmo de judeus? Na sua leitura, é o conhecimento dos precedentes históricos que permite compreender as origens, motivações e interligações dos acontecimentos em suas diversas etapas. Criticou o fato de que os jovens judeus passavam

²⁴³ A Faculdade Cásper Líbero, primeira faculdade de jornalismo, surgiu em 1947, estava coligada à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. O jornal *A Gazeta* (SP, 1906 – atual) pertencia na época ao jornalista Cásper Líbero (SP, 1889 – RJ, 1943), que deixou no seu testamento verba destinada à criação de uma faculdade de jornalismo. Houve outras tentativas de criação de cursos de jornalismo pela Associação Brasileira de Imprensa e pela Associação dos Profissionais de Imprensa de São Paulo, mas não vingaram.

²⁴⁴ Respectivamente: decreto 5480/43, de 13 de maio e decreto número 7037 de 10 de novembro de 1944.

²⁴⁵ Decretos respectivamente: número 51218/61 de 22 de agosto; 1177/62 de 12 de junho; 53263/63 de 13 de dezembro; 972/69 de 19 de dezembro.

bastante tempo estudando a história do Brasil e do mundo, assim como outras matérias de conhecimentos gerais e muito pouco (ou quase nada) da história judaica. Acreditava que não existia, até sua época, uma obra capaz de suprir uma visão histórica objetiva e completa do judaísmo mundial. Historiadores, como Heinrich Graetz²⁴⁶, Dubnov²⁴⁷, Baer²⁴⁸ e Roth²⁴⁹ foram pioneiros no tema e contribuíram com significativo conhecimento para a área, ainda que continuasse uma visão fragmentada e parcial dos problemas históricos abordados por eles. O que, no seu ponto de vista, era um problema sério para ser discutido entre a comunidade judaica.

Assim, defende que, quanto menos versado o judeu for em questões próprias de seu grupo, menos consciente dessa carência ele estaria, e ainda mais distante de superá-la. O resultado do deficiente nível de compreensão cultural judaico era manifesto na tendência de transmitir aos jovens literatura meramente apologética, que ressaltava os aspectos épicos, gloriosos e heróicos. Segundo sua perspectiva, sempre de forma a valorizar seu veículo de comunicação, a revista *Aonde Vamos?* foi e era o grande repositório na tentativa de superar esse assunto.

Para sustentar sua argumentação, cita Carl K Friedrich²⁵⁰, para quem os povos ocidentais dos tempos modernos caracterizam-se pela tendência à objetividade do relato da história, o que se desdobra em meta a ser seguida pelos ocidentais. O autor citado distingue os

²⁴⁶ Heinrich Graetz (Alemanha, 1817-1891) foi um dos primeiros historiadores a escrever uma história abrangente do povo judeu a partir de uma perspectiva judaica. Frequentou a Universidade de Breslav, mas os judeus foram proibidos de receber doutorado nesta universidade, recebeu seu doutorado na Universidade de Jena. Em 1845, foi diretor da escola judaica ortodoxa de Breslav, mais tarde lecionou no Seminário Teológico Judaico de Breslav (1853) e na Universidade de Breslav, em 1869, foi nomeado professor honorário. Sua obra-prima, *História dos Judeus*, 1953-1876, de 11 volumes, foi a primeira publicação da história judaica que uniu uma história nacional, com a história das comunidades judaicas mundiais.

²⁴⁷ Simon Dubnow nasceu no Império Russo em 1860 e foi assassinado no gueto de Riga, na Letônia, em 1941. Autodidata, em função das restrições à entrada dos judeus nas Universidades, na Rússia. Em 1906 funda o partido *Folkspartei* (Partido do Povo Judeu), em São Petersburgo. Sua ideologia ficou conhecida como Autonomismo Judaico, foi adotado pelo BUND, além do *Folkspartei*, acreditava no autogoverno judaico nos países onde estivessem, era não sionista, anti assimilacionista e pregavam a centralidade da cultura ídiche. Entre 1925-29 publica sua obra magna, a *História Mundial do Povo Judeu*, 10 volumes, em Berlim.

²⁴⁸ Yitzhak Baer (Alemanha, 1888-Israel, 1980) foi um historiador alemão-israelense e especialista em história judaica espanhola medieval. Estudou filosofia, história e filologia clássica na Universidade de Berlim, na Universidade de Estrasburgo e recebeu seu doutorado na Universidade de Freiburg em 1912. Ele emigrou para a Palestina, em 1930, começou a lecionar sobre história judaica medieval na Universidade Hebraica de Jerusalém de 1932 a 1945.

²⁴⁹ Cecil Roth (Inglaterra, 1899-Israel, 1970) foi historiador e acadêmico britânico de religião judaica. Estudou história no Merton College, Oxford, obteve um BA em história moderna em 1922, e doutorado em 1924. Seu primeiro trabalho publicado, baseado em sua tese, foi *The Last Florentine Republic (1527-1530)*, publicado em 1925. Foi eleito *Fellow* da *Royal Historical Society*, no mesmo ano e membro da *Royal Society of Literature*, em 1941. Foi professor de Estudos Pós-bíblicos, em Oxford, de 1939 a 1964. Após se aposentar de Oxford foi professor visitante na Universidade Bar Ilan, em Israel, 1964 a 1965, e na Universidade da Cidade de Nova Iorque (1966-1969). Foi editor geral da *Encyclopedia Judaica* de 1965 até sua morte em 1970.

²⁵⁰ Sobre Carl K Friedrich foi encontrado somente que foi tradutor e editor do livro *The Philosophy of Kant*, pela New York Modern Library, em 1949, e foi autor do livro *Trend of Federalism in Theory and Practice*, editado pela Pall Mall Press, Londres, em 1968.

ocidentais dos povos egípcios, hindus e chineses, sendo que para os últimos, a exemplo, a História não existia, mas, ao contrário, se tratava de registro de crônicas e feitos de governos e dirigentes. Aron Neumann pergunta no artigo: onde se situam os judeus? Para ele os judeus desenvolveram uma dupla personalidade, quando se trata da história geral, exigem pesquisas objetivas. No entanto, quando o assunto é judaico, abordam somente os fatos positivos da história. Isso se deve, segundo Neumann, em função das hostilidades encontradas no exílio. Mas, para o autor, a falta de objetividade histórica é prejudicial, exemplifica com as histórias familiares do período medieval, que escondiam fatos históricos, ocultavam enfermidades, por vezes propagando a doença no lugar de a expor publicamente. Olhar para as próprias enfermidades poderá ajudar a saná-las quando trazidas ao conhecimento e analisado com objetividade. Para ele, a objetividade histórica era uma aquisição recente para os ocidentais, defende que sua origem era essencialmente judaica e advinda da Torá. “ Bíblia judaica, sem outras considerações, registrou as falhas do povo de Israel, de seus patriarcas, profetas, reis e outras personalidades de destaque” (Neumann, 1962, p. 50).

Para ele, a Torá permitia ver as debilidades históricas tornando, inclusive, ajuda na defesa do judaísmo mais eficaz. Primeiro, nessa afirmação toma a narrativa Bíblica como um relato ou produção histórica objetiva, depois, realiza a fusão de religião com objetividade científica. Neumann não está sugerindo uma análise acadêmica da Torá nos moldes do *Wissenschaft des Judentums*, movimento de intelectuais judeus de língua alemã, que fundaram o estudo científico moderno do Judaísmo, no século XIX. A proposta era colocar os estudos judaicos tradicionais sob análise das categorias de pensamento e percepção das ciências modernas (humanas).

Mas, para ele, qual seria o dado objetivo dos historiadores? A história anteriormente era ensinada por meio das grandes datas, dos senhores das guerras, dos vencedores e do insucesso dos maus. A guerra era considerada justa, moral e de alta envergadura entre os cristãos. Mas, indaga, seriam esses fatos verdadeiramente significativos em relação a outros acontecimentos como: fome, pragas, a moral das épocas respectivas e de cada lugar?

Para Neumann, escrever história era dar testemunho sincero, sem mentir, sem falsear para agradar ou desagradar a quem quer que seja. Os testemunhos dos acontecimentos históricos seriam avaliados pelos outros historiadores, assim como as sentenças dos juízes seriam objeto de frequentes reexames e avaliações sem sequer serem aceitas como verdades absolutas. Só o tempo avaliaria e incorporaria os fatos à galeria dos valores tacitamente aceitos. Mesmo que a perspectiva histórica de Neumann tenha a checagem pelos pares como uma forma de reconhecimento e validação, sua visão histórica carece dos debates e questões da época, pois,

em 1962, a discussão acadêmica já questionava a apreensão do real, de verdade. A concepção histórica de Neumann totalmente ingênua sem cientificidade ou problematização historiográfica, que já tinha seu debate bastante acentuado, a falta de perspectiva profissional e ausência de consonância com o debate ocorre da mesma forma em sua perspectiva jornalística sobre o “real dos fatos e o testemunho sincero”, como se a objetividade acadêmica ou jornalística estivesse permeada por essas questões simplistas, que não reconheciam a subjetividade, a intencionalidade e parcialidade do conhecimento produzido, tanto por historiadores, como por jornalistas.

Após esses esclarecimentos, destaca-se a publicação de pesquisas e análises históricas dos judeus no Brasil nas páginas da revista. Entre outros, cita o estudo de Samuel Usque²⁵¹ analisado pelo Dr. Salomão Serebrenick é publicado de forma inédita na revista sobre os judeus na Península Ibérica. Salomão Serebrenick formou-se em engenharia na Escola Politécnica de Salvador, em 1931. Foi diretor e editor das revistas *Revista Brasileira de Matemática Elementar* (BA, 1929-1931-RJ, 1931-1933) e *Revista Brasileira de Matemática* (RJ, 1932-1934). Em 1959, chefiou a Divisão de Estudos e Projetos da Comissão do Vale do São Francisco. Autor dos livros: *70 Segredos da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Bloch, 1991; *O Desenvolvimento Econômico do São Francisco*. Rio de Janeiro: Editora Comissão do Vale do São Francisco, 1961; *Aspectos geográficos do Brasil: (o clima, a terra e o homem)*. Rio de Janeiro: Serviço de Informação Agrícola; Ministério da Agricultura, 1942. Juntamente com Elias Lipner publicou: *Breve História dos Judeus no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora: Biblos, 1962. Juntamente com José Itamar Freitas publicou: *Enciclopédia Fatos e Fotos: Encartes Coisas do Brasil - Década 1960*. Rio de Janeiro: Editora Bloch, 1960. Ambos os autores são considerados pioneiros nos estudos sobre de judeus no Brasil dentro de uma perspectiva acadêmica.

Neumann considerava importante, pois, sendo a revista uma “publicação judaico-brasileira” e era justamente a sua obrigação focalizar os aspectos históricos vinculados ao país. Outro trabalho citado foi o da jornalista Esther Feldman, que realizou um sumário da crônica dos judeus no Brasil Colonial. Foram publicados também estudos inéditos de pesquisadores de

²⁵¹ Samuel Usque (Portugal, 1490-Itália ou Palestina, depois de 1555) judeu português, cujos antepassados fugiram de Castela, em função da expulsão dos judeus. Fugiu de Lisboa por causa de perseguições do Santo Ofício da Inquisição, viveu um período em Ferrara. Na Itália, publicou sua obra *Consolação às Tribulações de Israel* (1553), impressa por Abraão Usque, seu irmão e famoso impressor de Ferrara. O livro foi baseado em fontes judaicas e cristãs, uma vez que Samuel Usque tentou construir uma filosofia da história do judaísmo, baseada em três diálogos: o primeiro foca a história bíblica, o segundo a reconstrução e destruição do segundo templo de Jerusalém e o terceiro as tragédias da história judaica na Idade Média. A obra tenta refletir o desejo dos judeus expulsos da Espanha, Portugal e outros locais espalhados pelo mundo de regressar a Israel.

renome, como o professor Arnold Wiznitzer e o rabino Isaac Emanuel. Arnold Wiznitzer (Bucovina, 1896-EUA, 1975) historiador. Era rabino formado pela Escola Teológica Israelita de Viena, em literatura hebraica pelo Jewish Theological Seminary de Nova Iorque e em História, Filologia Românica e Filosofia pela Universidade de Viena. Em 28 de novembro de 1939, Aristides de Sousa Mendes, cônsul de Portugal em Bordeaux, concedeu visto não autorizado ao prof. A. Wiznitzer e sua família. Conseguiram chegar ao Brasil em junho de 1940. Posteriormente, mudaram-se para os EUA e, ao adquirir a cidadania americana, alteraram o sobrenome para Winter. Foi o primeiro caso conhecido de visto não autorizado pelo cônsul. Foi um importante historiador dedicado à pesquisa sobre a diáspora dos judeus portugueses, na História Moderna, e dos judeus no Brasil Colonial. Publicou o livro *Judeus no Brasil Colonial*. Nova York: Columbia University Press, 1960 e depois pela Editora Pioneira, no Rio de Janeiro em 1966. I. S. Emmanuel, historiador e rabino. Atuou na comunidade sefardi, no Rio de Janeiro, entre 1950 e 1953. Especializou-se na temática judeus caribenhos, judeus de Salônica e no período holandês, todos relacionados à História do Brasil.

Afirmou que a história dos judeus no Brasil era bastante lacunar e precisaria ser estudada por especialistas sérios e sensatos. Segundo Neumann, muitos abusos foram cometidos em nome da história e da cultura judaica no Brasil, ainda que não os tenha especificado.

Enumera algumas das deficiências, no seu ponto de vista, referentes à história judaica no Brasil e que ainda existiam, principalmente com relação ao período contemporâneo. Neumann faz um levantamento do que já foi pesquisado sobre os judeus no Brasil nesse período: 1) os primeiros imigrantes da Alsácia-Lorena, da Alemanha e do Marrocos por volta de 1870; 2) no final do século XIX, os judeus da Lituânia, principalmente depois da guerra russo-japonesa e dos pogroms na Bessarábia; 3) no início do século XX, judeus da Polônia e outros locais sob domínio do Czar russo e do Império Otomano, Europa e Oriente Médio; 4) a partir de 1904, a ação da *Jewish Colonization Association*, criação de colônias agrícolas no Rio Grande do Sul; 5) a chegada, no início do século XX, de elementos indesejáveis vindos da Argentina, mulheres judias exploradas como escravas brancas e indivíduos desse nefasto comércio; 6) a chegada de judeus de origens distintas, como os *sefaradim*, que pela primeira vez em século aqui encontraram judeus de outras origens, com usos e costumes diferentes.

O levantamento de Neumann corresponde às pesquisas históricas com relação aos judeus no Brasil. Vale destacar que, segundo Neumann, todo esse vasto conhecimento contou com o seu apoio e justamente por isso a publicação dessas pesquisas nas páginas de *Aonde Vamos?* foram estimuladas. Como por exemplo, as pesquisas do casal Egon e Frieda Wolff, que foram publicadas pela primeira vez na revista, ainda sob pseudônimo. O que distingue o

levantamento citado por ele dos estudos judaicos atuais é o fato dele incluir os estudos o comércio de escravas brancas, que, na grande maioria das vezes, era totalmente negligenciado ou abafado pela historiografia judaica tupiniquim. Este foi um assunto por muito tempo considerado tabu, na comunidade judaica, inclusive na academia no Brasil. Aron Neumann publica seu artigo em 1962 e o primeiro estudo acadêmico que abordou o assunto foi a dissertação de mestrado de Beatriz Kushnir: *Baile de máscara: mulheres judias e prostituição – as polacas e suas associações de ajuda mútua*, defendida no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, em novembro de 1994. Posteriormente, em 1996, a dissertação foi publicada. Apesar da aparente falta de preconceito com o tema das prostitutas judias de Neumann, isto se dava em uma camada bastante superficial, pois, em seu texto valoriza “os judeus aqui chegados no mesmo período, provenientes da Europa Oriental, que criaram uma comunidade totalmente isolada desses elementos desagradáveis e criaram instituições separadas, inclusive cemitérios” (Neumann, 1962, p. 51).

Sendo assim, a hipótese é que a revista e a atuação do seu redator-chefe, contribuíram para o debate com relação a formação do jornalismo judeu profissional, talvez nos moldes da imprensa que havia existido na Europa Ocidental e Oriental, um mundo já inexistente e que ele tentava implementar, ainda que à sua maneira, no Brasil. Inclusive reproduzindo os mesmos preconceitos existentes nos países europeus, como por exemplo, a exclusão das polacas. Outro setor em que ele não deixou de envidar esforços para transformar foi na conscientização da importância de se escrever a história dos judeus no Brasil como uma forma de fortalecer vínculos, combater o antissemitismo e empoderar a juventude e as lideranças judaicas no país.

Segundo ele, faltava preparo intelectual, social e administrativo para os jornalistas judeus, o que gerou chefes que se consideravam inquestionáveis, o que contribuiu para que se criassem um sistema do que ele chamou de “coronelismo” dentro de algumas comunidades judaicas, em clara alusão ao termo adaptado da esfera política republicana e usado pejorativamente para denunciar a arbitrariedade dos grupos de elite, com uma forte conotação negativa. Sugere que para a direção comunitária deveria existir “livre escolha, através de eleições gerais, secretas, proporcionais e diretas” (Neumann, 1962, p. 46).

Ao entrar na *Aonde Vamos?*, Aron Neumann tinha uma proposta não muito agregadora de realizar denúncias das irregularidades da comunidade judaica local, nacional e internacional, como já exposto em seu relato autobiográfico (Neumann, 1962). Dono de uma personalidade intempestiva ao longo de sua trajetória, teve mais inimigos do que amigos e foi perseguido, caso também relatado no texto autobiográfico (Neumann, 1962). Rompeu de forma radical com quase todas as instituições onde atuou, fazendo fortes denúncias públicas, como é o caso da

Relief (Sociedade Beneficente Israelita de Amparo aos Imigrantes). O que fez ainda mais relevante sua longa permanência na revista, pois, ao contrário, foi constante na crítica e acusação pública de todos que fossem opostos aos seus valores e opiniões. Não foi o fundador do periódico, o que não lhe tira o mérito de ter sido protagonista e deixado a sua marca registrada na publicação. Foi, ao longo do tempo, excluindo as vozes opositoras e sobressaindo-se a sua. Em função dessa tendência de não harmonizar com as lideranças da comunidade judaica local, nacional e internacional, em 24 de agosto de 1950, acrescentou ao título da *Aonde Vamos?* o subtítulo, em português e hebraico, na capa: “Semanário Judaico Independente do Brasil”.

Jayme Szwarcfiter, que trabalhou na revista na década de 1960, relatou que o escritório da revista era bem pequeno, com pouquíssimas pessoas. Mas forneceu informações que auxiliaram a compreender as posturas do Neumann.

O Neumann era uma pessoa difícil de trabalhar [...] Ele veio para o Brasil e achava-se, de certa forma, injustiçado. Ele julgava-se no nível daqueles que foram para Israel e que viraram os políticos que viraram, quase, um pouco abaixo do Ben Gurion. [...] Ele era cheio de si. Quando você conversava com ele, parecia que era dono e gerenciava uma rede de jornais e revistas, como o *Times*, algo assim (Szwarcfiter, 2022).

O jornalista Alberto Dines teceu comentários sobre a revista e seu redator-chefe: “[...] era uma grande revista que eu detestava, de extrema direita, rancorosa, às vezes desonesta, mas que acompanhou a vida judaica com espírito jornalístico” (Jornalismo [...], 2009, p. 9). Neumann tinha o costume de dar voz nas páginas da revista aos seus opositores, ainda que falassem mal dele ou coisa parecida, ele publicava e comentava, sempre de maneira bastante irascível. Outro comentário do jornalista Dines sobre o redator e a revista é importante mencionar: “cada semana, Aron Neumann, o editor da revista, inventava alguma denúncia” (Leal *et al.*, 2013, p. 9).

O depoimento do jornalista Alberto Dines contrapõe a narrativa de Neumann publicada em seu artigo (Neumann, 1962), que suas intenções ao se tornar jornalista judeu eram as mais neutras e imparciais no intuito de denunciar as irregularidades comunitárias. A hipótese aqui defendida é que Neumann tinha sua própria agenda e prioridades comunitárias, tanto para o Brasil como para Israel, e ao se deparar com ações, ideias e políticas opostas agia e publicava de forma bastante agressiva defendendo seu ponto de vista nada imparcial. Sua indignação com relação aos acontecimentos perpetrado pelos nazistas, o apoio de Vargas ao Eixo e a suspeita de irregularidades na gestão de recursos comunitários são legítimos, mas por vezes ele ampliava

uma suspeita para uma denúncia devastadora e sem comprovação efetiva, como no caso da verba de auxílio aos sobreviventes de guerra.

Um fato que Neumann relatou, em seu artigo autobiográfico, e que, segundo ele, marcou profundamente sua trajetória, foi quando completava cinco anos na revista, ou seja, em 1948. Na ocasião, houve um congresso sionista em Buenos Aires, oportunidade em que alguns sionistas brasileiros solicitaram sua expulsão do congresso, baseado em calúnias, e em troca de contribuição significativa. O congresso reprovou de forma unânime a proposta, pois, segundo ele, o grupo confiava em sua pessoa. Apesar do apoio recebido, este foi um forte baque que deixou sua saúde bastante fragilizada por mais ou menos um ano. Mas nos dois anos após o ocorrido se ocupava do trabalho da redação sem sair da cama, quando conseguia se levantar era para cuidar das questões administrativas da revista.

Relatou que, naquela época, já havia negócios obscuros com dinheiro do Magbit – *Keren Hayessod* e tinha suas razões para fazer campanha contra ele. Uma das muitas tentativas de destruir a *Aonde Vamos?* deu-se em São Paulo, ao mesmo tempo que preparavam o lançamento de uma nova publicação. Esses e outros boicotes foram uma constante, mas ele se reergueu juntamente com a revista. Tentaram, posteriormente, envolvê-lo nas instituições judaicas lideradas pelos seus inimigos, o que ele recusou e sempre que pôde denunciou as irregularidades. O que lhe causou animosidade, que inclusive se estendia aos seus amigos. Cita elementos ligados às empresas alemãs e ao Congresso Judeus Mundial, relacionado ao desvio de verbas destinado às vítimas da guerra.

Considerou que muitos dos seus opositores deveriam estar arrependidos, pois a vitória da revista era o seu triunfo. Sentia-se muito injustiçado, pois fez tudo para servir seu povo, pelos valores genuínos judaicos e pelos valores éticos. Reconheceu ser temperamental, ter sido contundente em suas críticas, excessivamente rigoroso e cometido muitos erros. Pediu, no artigo, que revelassem os que foram atingidos pelos seus erros, se fosse o caso pediria desculpas pessoalmente, além de estar disposto a retificar-se o equívoco publicamente. Procurava paz, mesmo aos que lhe fizeram mal. Suas divergências nunca foram pessoais, mas divergências por atuação política ou social, e nesse terreno os combateu. Mesmo seus amigos estão sujeitos à crítica. Mas, ele foi perseguido para além da vida pública, maldades vindas de judeus que se esperava uma conduta moral mais elevada.

Entre as suas revoltas estava o fato que a comunidade judaica brasileira foi a primeira comunidade nas Américas onde o sionismo foi proibido, ele coloca o ano de 1933, quando os judeus brasileiros ficaram sob dois totalitarismos, o do Estado-Novo (1937-1945) e o do “coronelismo judaico”. Por um lado, a censura do DIP, do outro o isolamento de outras

comunidades judaicas do mundo, que era do interesse do Congresso Judeu Mundial – CJM e Naum Goldmann, seu grande desafeto. Segundo Neumann, essa instituição se aproveitava da falta de comunicação entre as comunidades judaicas para realizar campanha de arrecadação para as vítimas de Guerra, que somente acabava por beneficiá-la internamente. Só ao final da Guerra e por intervenção de Neumann, as campanhas fraudulentas foram desmascaradas, o que acabou por falir o Centro Hebreu Brasileiro, instituição satélite do CJM. Essas campanhas circularam na América Latina e não nos Estados Unidos ou na Palestina, onde existia uma forte imprensa que apurava os fatos. Posteriormente, o CJM se calou apoiando a operação amnésia no caso Adenauer²⁵², o que, segundo afirmou no artigo, ajudou a impunidade de inúmeros nazistas e o estabelecimento destes na América Latina, entre outros com a realização das indenizações dadas pelo governo alemão aos judeus vítimas do nazismo. Segundo Neumann “Os homens de Nahum Goldman favoreciam a impunidade por meio da operação amnésia” (Neumann, 1962, p. 57,58). Nas páginas da revista denunciou que quando as empresas alemãs vieram a se estabelecer no Brasil, como a Mannesmann, os representantes eram judeus, inclusive alguns eram lideranças de sinagogas e representantes comunitários. Neumann ficou chocado, pois considerava que essa era uma estratégia de limpar o passado e conivência com o acontecido no Holocausto. Acusou o CJM de colaboracionismo e também as instituições por ela criada, caso da Confederação Israelita, que congregava as federações estaduais:

A empresa alemã Mannesmann foi fundada em 1890, na cidade de Berlim, como produtora de tubos de aço de carbono, seus produtos cresceram ao longo do século XX, para outros produtos de aço e comércio, engenharia mecânica e elétrica e automotiva. Durante a Segunda Guerra Mundial, a Mannesmann foi liderada pelo partido nazista e utilizou trabalho escravo em suas fábricas. Seu presidente Wilhelm Zangen (Alemanha, 1891-1971) foi preso de julho a novembro de 1945, por este crime. Mesmo assim, ocupou vários cargos de alto nível na Mannesmann até sua aposentadoria em 1966. No Brasil, a Companhia Siderúrgica Mannesmann foi inaugurada, em 12 de agosto de 1954, na cidade de Belo Horizonte. O que causou indignação e manifestações acusatórias por parte de Neumann nas páginas da revista (Neumann, 1962, p. 59).

Essas críticas publicadas na revista tiveram repercussão fora do Brasil. Dessa forma, se aliaram aos que já tentavam destruir Neumann e a revista. Acusou o CJM publicamente de

²⁵² Konrad Adenauer (Alemanha, 1876-1973) foi eleito primeiro-ministro da recém-criada Alemanha Ocidental, em 1949, aos 73 anos. Governou até 1963.

traição, juntamente com Adenauer no projeto de ocultamento e lavagem de dinheiro que era para as vítimas da guerra, principalmente na América Latina.

Neumann era obcecado em verificar as campanhas judaicas, pois considerava o judeu um povo carente de politização, exemplificou com o evento de arrecadação de fundos para uma escola, que deveria ser justificado com estudos aprofundados sobre onde e como melhor aplicar esse dinheiro para melhorar o ensino. No entanto, tudo era muito improvisado, essa improvisação era justificável em momentos de emergência, não poderia ser o *modus operandi* comunitário. Propunha uma reformulação total da estrutura comunitária judaica, reivindicava eleições gerais e livres dos programas e das lideranças, por todos os judeus homens e mulheres acima de 18 anos o direito de eleger e os maiores de 25 anos o direito de serem eleitos. Isso mudaria a representatividade comunitária tornando-a, de fato, mas democrática.

Por causa das carências de informações, um arquivo passou a ser organizado na redação da *Aonde Vamos?*, principalmente ao constatar que as informações advindas das agências de informações internacionais eram, dentro do ponto de vista do seu editor, parciais e cheias de lacunas. Seu trabalho na revista transformou-se em leituras intermináveis, checagens e confrontos de milhares de informações para chegar a uma afirmação que seria publicada.

Sobre a Relief, instituição em que atuou, denunciou que havia dois fundos de auxílios separados, um para os alemães e outro para provenientes de outros países. A *Jewish Colonization Association* tinha se comprometido de dar 2/3 da verba da Relief, juntamente com outras instituições, como Organização Hebraica de Imigração e Colonização – HICEM, onde alguns funcionários eram remunerados por essas instituições. Com relação aos fundos para os alemães, a JCA nunca cumpriu sua promessa. Este setor acabou por ser eliminado dois anos depois. Ou seja, Neumann denunciou que os judeus alemães, seus conterrâneos, foram aliçados da verba que lhes era destinada por incompetência das lideranças comunitárias.

Neumann, no artigo autobiográfico (Neumann, 1962, p. 99), relatou que em 1934, participou da criação da Confederação Israelita Brasileira, não a atual criada entre negociações de Adenauer, Naum Goldmann e CJM seus grandes desafetos, mas uma anterior. Num determinado plenário surgiu a proposta de dar plenos poderes a um grupo de três membros de grande prestígio e posses. O caso envolvia um acordo com os Integralistas, que após causar distúrbios antissemitas, no artigo não deu maiores detalhes somente que os integralistas procuraram essa Confederação e fizeram a seguinte chantagem aos judeus: 1) que dessem, de imediato, 200 mil cruzeiros e fosse combinado uma contribuição mensal; 2) fornecessem uma relação dos judeus de esquerda do Brasil. Houve um racha na instituição, mas a maioria preferia fechar a Confederação a realizar tal acordo. Segundo Neumann foi por causa desse e outros

eventos que surgiu sua defesa intransigente a qualquer representação comunitária que não fosse votada e decidida por todos e também a exclusão do cargo caso fosse necessário.

Ainda, segundo Neumann, no final do Estado Novo as atividades sionistas só foram permitidas no Brasil em função da sua ação, tendo ele, segundo defendia, pessoalmente rompido com o isolamento sionista brasileiro. Pois, segundo seu relato, era do interesse do CJM e Naum Goldmann que as atividades sionistas mundiais isolassem os brasileiros, não podendo as campanhas aqui realizadas serem checadas, pois o Brasil estava fora da ação da Organização Sionista Mundial e de outras organizações sionistas, que poderia integrar a comunidade judaica à comunidade judaica mundial em suas ações.

Aron Neumann faleceu vítima de um ataque cardíaco fulminante, em 23 de janeiro de 1973, bastante desiludido e deixando a publicação em sérias dificuldades financeiras. Provocou grande comoção na comunidade local, nacional e internacional, manifesta nas inúmeras publicações dedicadas à memória do redator-chefe. Ou seja, apesar de personalidade polêmica, ele construiu uma rede de sociabilidade por meio da *Aonde Vamos?* que lhe garantiu prestígio, para o bem e para mal.

Depois do falecimento de Neumann, José Padilha permaneceu na revista até 14 de fevereiro de 1974, quando apareceu pela última vez o seu nome como diretor. Na edição de 7 de março de 1974, juntamente com “Fundador Aron Neumann”, que surge desde o começo do ano, foi apresentada a nova equipe da revista: diretor, Ronald Fucs, redatora-chefe Esther Ita Feldman.

Esther Ita Feldman (Varsóvia, 1909–Israel, 1999) nasceu na Polônia, mas, foi com sua família para Palestina, em 1924, estimulados pelas dificuldades econômicas, pelo antisemitismo polonês e por um forte sionismo. Tinha também um avô estabelecido em Haifa, que os acolheu. Quando chegou, em Israel, tinha 14 anos e estudou no *Royal College of Haifa*, instituição de grande prestígio. No entanto, seus familiares não se adaptaram, nem encontraram trabalho, sendo assim, decidiram retornar para Varsóvia. Ela ficou estabelecida ali até concluir os estudos, em 1929, depois juntou-se à sua família. Na Polônia, estudou biblioteconomia na Universidade de Varsóvia.

Esther conheceu seu marido, Joseph Feldman em 1935, quando ele foi para Europa apoiado por membros da comunidade judaica carioca para trazer judeus ao Brasil, temiam pela vida dos judeus da Europa por causa da ascensão de Hitler ao poder. Joseph e Esther foram apresentados em Varsóvia e lá se casaram. Nesse ínterim, houve o golpe do Getúlio Vargas que dificultou a imigração de judeus para o Brasil. No entanto, Joseph conseguiu voltar para o Brasil e Esther ficou na casa de seus pais, onde nasceu seu primeiro filho, em 1936. Depois, Joseph

retornou à Varsóvia e levou Esther e o primeiro filho para o Brasil. A família de Esther permaneceu em Varsóvia e morreram no Holocausto. Posteriormente o casal teve mais dois filhos.

Joseph Feldman tinha um antiquário, era colecionador de peças judaicas e também se dedicava à fotografia. O casal não era religioso, mas era bastante sionista. Esther falava, além do português, hebraico ídiche, inglês, alemão e russo e era leitora assídua nestas línguas. Defendia politicamente o liberalismo, criticava a esquerda comunista, no mundo polarizado da Guerra Fria. Postura alinhada com a da revista e implementada por Aron Neumann (Dolinger, 2004).

Esther Feldman era biblioteconomista/ bibliotecaria, cuidou da casa e dos filhos. Em 1959, seu segundo filho faleceu de forma repentina de aneurisma cerebral e o casal entrou em profunda depressão. Seu filho, Guili Feldman, era músico e regente de coral, trabalhava na *Aonde Vamos?*, como tradutor e crítico musical. Por sugestão desse filho, Esther começou a trabalhar na revista, em 1960. Inicialmente, dedicava-se à tradução de textos em inglês, ídiche e hebraico, mas com o tempo assumiu atividades jornalísticas. Teve uma coluna denominada Sete Grifos, de variedades, assuntos judaicos e principalmente sobre Israel. Sua coluna apareceu pela primeira vez em 12 de maio de 1960 e foi publicada até 15 de março de 1977. A coluna saiu na revista mesmo depois de ela deixar o cargo de redatora-chefe, em 15 de março de 1976.

Figura 39 - Coluna 7 Grifos

7 grifos

1 DEPOIS de David Ben Gurion, chegou a vez de outro grande ancião judeu receber o doutorado honorário da Universidade Brandeis, o pintor Marc Chagall. Na realidade parece-nos um pouco incongruente associar este criador de um dos mundos mais desvairadamente poéticos e líricos que se conhece com o venerável título de doutor. Mas não vamos brigar com a Brandeis University por causa disso, e fazemos votos para que o "doutor" Chagall não se torne sisudo por força do seu novo título e que jamais abandone o seu adorável e comovente universo.

2 1959 foi o ano de Sholem de Aleichem. 1980 é o Ano Herzl. No que nos lembramos, nada de memorável foi promovido em nosso meio para homenagear a figura do primeiro, e oxalá se faça algo melhor para cultivar a memória do segundo, embora os prognósticos indiquem que 1980 será provavelmente lembrado como o o Ano Eichmann. Francamente, é uma lastima que, para sacudir-nos um pouco, seja necessária uma guerra de independência, uma campanha, algumas perseguições antissemitas ou casos Eichmann. A culpa não é toda nossa: yeshuvim fracos como este precisam de assistência e do estímulo de núcleos maiores e o pouco que recebemos não é eficiente nem organizado. Lemos, por exemplo, a res-



VARANDAS
diretamente com o fabricante EM DURO ALUMINIO e FERRO, PORTOES e PORTAS DE BOXE PARA BANHEIRO, GRADES, BASCULANTES, qualquer serviço na SERRALHEIRA.
ORÇAMENTOS SEM COMPROMISSO.
METALURGICA PAUL G. NYARI
RIO — Rua Frei Caneca, 117-119 — Tels. 32-2602 e 52-5545

RESTAURANTE E BAR JARDIM
Churrasco à Gaúcha e Pizzaria
MASSA AO SUGO e OUTRAS ESPECIALIDADES
As sextas-feiras, Gefilte Fisch
RIO — COPACABANA
Rua República do Peru, 225 — Tel. 37-9811

OUÇAM A HORA ISRAELITA BRASILEIRA
Fundada em 1939 — Diretor: JACOB PARNES
Através da RÁDIO MAUA, 1.130 kilociclos
TERÇAS E SEXTAS-FEIRAS: DAS 20 AS 21 HORAS — DOMINGOS: DAS 13,00 AS 14,30 HORAS — TEL. 37-0644

peito de vários importantes iniciativas planejadas para o Ano Herzl em Israel, mas nada sabemos de alguma utilidade prevista para a Diáspora.

3 FOI recentemente publicado um relatório dos estudos realizados em Israel, durante alguns meses, pela Igreja Protestante norte-americana, sobre a atitude daquele país em relação às minorias religiosas e nacionais. Não sendo esse relatório "propaganda sionista", podemos constatar suas conclusões com satisfação: "O Estado presta toda assistência às outras religiões, inclusive a restauração de igrejas e mesquitas e trata com cuidado dos lugares Santos". Em outro trecho, diz o documento: "80% dos camponeses árabes possuem terra própria e estão constantemente modernizando seus métodos de trabalho. Os operários árabes são protegidos pela lei social. Os representantes árabes no Knesset expressam-se em seu próprio idioma". Mais adiante, falando das leis especiais vigentes nas zonas fronteiriças, friza que essas leis se aplicam tanto a judeus como a árabes. Esclarece também que os árabes que vivem nas cidades grandes não estão sujeitos à lei militar.

4 A PROPOSITO da visita ao Rio de um dos nossos mais pitorescos proselitistas, Sammy Davis Jr., podemos constatar que há pessoas, tanto aqui como em outros países, que cuidam de não o deixar esquecer o fato de que, em boa ou má hora, resolveu juntar seu destino ao nosso. Se o anti-sionismo tivesse alguma coisa de lógico, poderíamos perguntar: por que é que um judeu que se converte a outra religião, continua, para todos os calamitosos efeitos, a ser judeu, ao passo que, no caso contrário, qualquer goy decente se transforma logo naquela coisa ruim que já se sabe? Bem, de fato, essa pergunta é um tanto retórica.

5 MAS, para consolo de Sammy (cuja resposta senta aos repórteres, acrésc de seu judaísmo, muito nos agradou), podemos dizer-lhe que já houve tempos piores para nossos novos irmãos: desde joguinhos da Inquisição até prisões e ostracismo social. Afinal de contas, as preocupações dos nossos proselitistas, pelo menos segundo o aneddotário surgido, não passam de uma busca intensa de melhores receitas culinárias: Elizabeth Taylor a Marilyn Monroe, no telefone: "Meu bem, quer me emprestar a sua receita de gefilte fish?" Responde a outra: "Sinto muito, querida, a minha está com Sammy Davis" ou podem ter consequências um tanto surpreendentes conforme este outro exemplo: um judeu admirava profundamente a estrita observância do sábado por parte de um seu amigo que pertencia à seita adventista, observância que tocava as ruas do sacrifício. Certa vez, porém, encontrou-o utilizando-se de um bonde em pleno dia de descanso. "Que houve?" pergunta o judeu. "Dem", foi a resposta, "agora já posso, pois me converti ao judaísmo".

6 PARA os imigrantes em qualquer país e por mais favorável que seja a sua situação econômica, é sempre de calor inestimável encontrar em sua nova terra o apoio, nem que seja apenas moral, de gente do mesmo background já estabelecida no país. Recentemente chegamos às mãos um relatório do benemerito e discreto trabalho realizado pela Hittachdut Olei Britannia em prol da rápida integração, em Israel, dos imigrantes de origem inglesa. A organização mantém um bureau de consultas pessoais, uma caixa de créditos para casos que não podem ser atendidos por outras agências e resolve tudo da maneira menos burocrática possível. E agora fará um levantamento a respeito de seus olim: seu número, ocupações, as regiões de sua preferência, etc. Seria muito interessante se o Irgun Olei Brasil promovesse uma iniciativa semelhante.

7 UM dos mais perigosos nazistas vivos — Otto Skorzeny, o pára-quedista que libertou Mussolini quando caiu o regime do ditador italiano — encontra-se atualmente na Espanha. Tendo acumulado uma fortuna de quinze milhões de dólares, em negócios de importação de produtos alemães, é agora uma figura semi-diplomática de considerável influência. Basta dizer que essa eminência parda está agindo nos bastidores da missão oficial alemã que se acha em Madri a fim de negociar o tratado para bases militares germânicas na Espanha.

Fonte: Aonde Vamos?, p. 22, 30/6/1960.

No item 1 da coluna 7 grifos, pode-se encontrar um exemplo do conteúdo publicado, no comentário referente ao título de doutorado obtido pelo pintor Marc Chagall pela Universidade de Brandeis, com o comentário de Esther sobre a incongruência do título de doutor acadêmico ao criador de mundos desvairadamente poéticos e líricos e o seu desejo que o novo doutor não se tornasse sisudo em função da titulação. Nos itens 3 e 4, da mesma coluna, faz comentários ligeiramente preconceituosos e cômicos sobre famosos que se converteram ao judaísmo, como

o cantor e ator Sammy Davis Jr (EUA, 1925-1990), as atrizes Marilyn Monroe (EUA, 1926-1962) e Elizabeth Taylor (Inglaterra, 1932-EUA, 2011). Finaliza com uma piada onde um judeu admirava a observância absoluta no *Shabat*²⁵³ de um adventista. Um dia o encontra no ônibus no sábado e lhe pergunta o que houve, ao que o outro responde ter se convertido ao judaísmo e agora podia andar de ônibus no *Shabat*.

Sendo assim, sua coluna tratava de temas judaicos de variedades, para as camadas médias da coletividade, informando sobre judeus de destaque mundial, com pretensões cosmopolitas e com toques de humor. Mas pode-se encontrar sua postura política sionista quando apresenta, no item 3, a publicação do relatório protestante que elogiava o tratamento dado às outras religiões em Israel, sem citar a causa palestina e a ausência de assuntos e questões nacionais. Trazia abertamente seus preconceitos referentes aos que se convertiam ao judaísmo, modos de viver e pensar.

Esther enviou uma carta ao *Jornal do Brasil* (Feldman, 1976, p. 2), criticando a matéria “A numerosa imprensa dirigida que muitos desconhecem” veiculada na última página do Caderno B, do dia 10 daquele mês, e fez os seguintes esclarecimentos: que trabalhava na revista *Aonde Vamos?* desde 1960 e, na condensação de suas palavras, na matéria foi omitido o papel preponderante que imprimiu à revista o seu fundador, Aron Neumann. Após seu falecimento, ela substituiu-o por três anos. Dessa forma, toma-se conhecimento, mais uma vez, que era consolidada, de maneira equivocada, a ideia de que Neumann era o fundador da revista.

O inédito no caso de Esther Feldman é o fato de uma mulher, a única, a ser redatora-chefe e ter sido quem substituiu Aron Neumann depois de sua morte. Foram encontradas muitas articulistas, escritoras, poetisas nas páginas da revista, mas redatora-chefe não. Foi uma mulher culta, poliglota e tinha longos e acalorados debates com Neumann (Dolinger, 2004). Esther ficou no cargo de 07 de março de 1974 até 15 de março de 1976.

Em 30 de novembro de 1975, apareceu o nome de mais um redator-chefe, Isaac Akcelrud, sendo assim ficaram impressos na revista os nomes dos redatores-chefes: Esther Feldman e Isaac Akcelrud. A presença desse redator na revista mostra claramente que ela estava em outro momento, Isaac Akcelrud (RS, 1914–RJ, 1994) filiou-se à juventude comunista gaúcha do PCB em 1936. Sua militância, durante os vinte anos seguintes concentrou-se na imprensa popular do PCB, tendo sido editor de vários de seus jornais, inclusive, diários no Rio

²⁵³ O *Shabat* é o sétimo dia da semana judaica e é dedicado ao descanso. Como o calendário judaico é lunar e solar, o sétimo dia começa na sexta ao anoitecer e termina no sábado ao anoitecer. No *Shabat* os judeus observantes não trabalham, não dirigem, não cozinham, não compram e não andam de ônibus. Esse é um dia dedicado à oração e à desconexão com o mundo cotidiano. Há diferenças com relação às regras de observância do *Shabat* nas várias correntes judaicas e nem todos os judeus as seguem.

de Janeiro e em São Paulo. Foi um dos líderes da dissidência do PCB após a divulgação do Relatório Krushev, em 1956, e passou a apoiar correntes anti stalinistas. Posteriormente, na década de 1980, filiou-se ao PT, pertenceu ao coletivo da tendência Democracia Socialista. Militou como jornalista e organizador no movimento dos Sem-Terra. Publicou milhares de artigos dedicados ao jornalismo de esquerda, além de um livro sobre o Oriente Médio e outro sobre a reforma agrária no Brasil. Pertencia ao movimento Paz Agora.

A entrada de Isaac Akcelrud no periódico iria mudar de forma acentuada o perfil ideológico político da sua linha editorial, trazendo debates e posturas sobre o Estado de Israel pouco ou nada abordado anteriormente, como por exemplo, a questão dos palestinos, questões mais estruturais da sociedade israelense e não somente as disputas partidárias, que mobilizou a publicação de forma intensa até então.

Na entrevista realizada com Ronald Fucs (2020), perguntou-se sobre a relação de Akcelrud com a revista, pois tinha um perfil bastante distinto da publicação do ponto de vista político, ao que ele respondeu que foi o redator que procurou a revista e candidatou-se para o cargo, pois ficou sabendo que estava numa situação difícil e queria ajudar. Considerava a revista de um bom nível e de importância dentro e fora da comunidade judaica. Após a morte de Neumann, ficou evidente a qualidade da equipe profissional da revista, que realizava traduções de artigos publicados em importantes veículos internacionais e matérias de um bom nível cultural e de interesse para comunidade judaica, o que possibilitou a aproximação de indivíduos de outras correntes ideológicas que manifestaram sua admiração por ela.

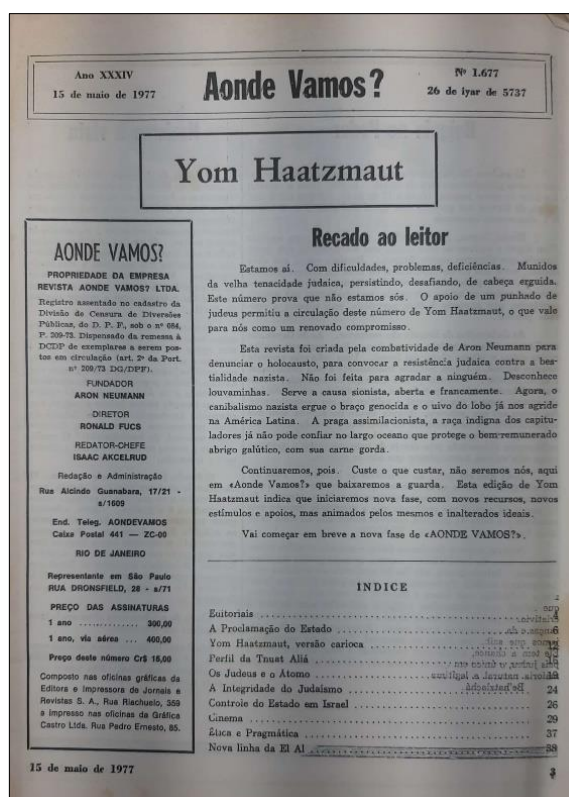
Akcelrud publicou pela primeira vez na revista, com um artigo na edição especial de *Rosh Hashaná*, em 30 de agosto e 5 de setembro de 1975, denominado “Dialética do Judaísmo”, cuja abertura justifica a abordagem:

Os materialistas sem grilheta costumam, não raro e às vezes por inesperados achados e motivações, ocupar-se de temas e problemas religiosos. Certamente, não o fazem como crentes e menos ainda como praticantes, mas com a confortável serenidade intelectual da maturidade e a simpatia humana para com uma realidade social que abarca milhões de seis semelhantes. Refiro-me, é claro, não ao materialismo gastro-intestinal e burguês corrente, em que se consumir se resume a deglutir e que desloca o centro de gravidade para o baixo ventre. Estou pensando naquelas pessoas para as quais o materialismo é uma fórmula cognitiva, moral independente de prêmios, um instrumento de integração num mundo em constante descoberta, ampliação e desdobramento. Nem a religião é aqui considerada como prática ritual ou instituição clerical, mas como sistema coerente de representação de mundo (Akcelrud, 1975, p. 34)

Três meses depois dividiu com Esther Feldman a chefia da redação da *Aonde Vamos?*. Mesmo com o depoimento de Ronald Fucs sobre a vinda dele para a revista, importa perguntar

se não estaria apenas procurando um emprego durante o período da ditadura civil-militar. A hipótese é que, primeiro, ele era sionista, pois foi um dos participantes da refundação do movimento sionista no Recife, em 1975. Depois, como será apontado na análise sobre Ronald Fucs, a revista estava em péssimas condições financeiras, não deveria ser vantajoso financeiramente trabalhar na publicação. E, como pode ser visto no editorial da edição especial de *Yom Haatzmaut*, edição de 15 de maio de 1977, a crise financeira da revista era de domínio público.

Figura 40 - Recado ao leitor



Fonte: *Aonde Vamos?*, p. 3, 15/5/1977.

Recado ao leitor

Estamos aí. Com dificuldades, problemas, deficiências. Munidos da velha tenacidade judaica, persistindo, desafiando, de cabeça erguida. Este número prova que não estamos sós. O apoio de um punhado de judeus permitiu a circulação deste número de *Yom Haatzmaut*, o que vale para nós como um renovado compromisso.

Esta revista foi criada pela combatividade de Aron Neumann para denunciar o holocausto, para convocar a resistência judaica contra a bestialidade nazista. Não foi feita para agradar ninguém. Desconhece louvaminhas. Serve à causa sionista, aberta e francamente. Agora, o canibalismo nazista ergue o braço genocida e o uivo do lobo já nos agride na América Latina. A praga assimilacionista, a raça indigna dos capituladores já não pode confiar no largo oceano que protege o bem-remunerado abrigo galútico²⁵⁴, com sua carne gorda.

²⁵⁴ Galut significa em hebraico exílio, designa a dispersão do povo judeu após a destruição do Segundo Templo, em 70 da era comum. O termo hebraico galut expressa a concepção judaica da condição e dos sentimentos de uma

Continuaremos, pois. Custe o que custar, não seremos nós, aqui em <Aonde Vamos?> que baixaremos a guarda. Esta edição de Yom Haatzmaut indica que iniciaremos nova fase, com novos recursos, novos estímulos e apoios, mas animados pelos mesmo e inalterados ideais.

Vai começar em breve a nova fase de <AONDE VAMOS?> (Recado, 1977, p. 3).

Em contrapartida, ao perceber que poderia ter liberdade temática e de abordagem em suas publicações, e para escolher os articulistas, ele pode ter achado interessante se vincular à revista. Dessa forma, com artigos longos, abordagens distintas do habitual, o novo redator-chefe assina artigos com frequência. Fica sozinho na função de redator-chefe de 7 de março de 1974 até o penúltimo número da revista, em 1977. Quando, provavelmente, somente Ronald Fucs ainda tinha esperança na continuidade da revista.

Ronald Fucs (BA, 1942) é matemático formado pela UFRJ, porém teve a vida dedicada ao jornalismo e à dramaturgia. Foi professor, roteirista da TV Globo, jornalista de economia e editorialista do jornal *O Globo* e, desde 2002, proprietário da editora Caravansarai. Escreveu os livros *Luta nas Classes* e *Enlouquecendo em Família*, em parceria com Bernardo Jablonski²⁵⁵, e *O passarinho que não sabia cantar*, dedicado à literatura infantil. No teatro, participou de peças como ator, autor e compositor da trilha.

Sobre como começou a trabalhar na revista, Fucs conta (em entrevista exclusiva para esta tese) que iniciou com traduções para empresas e editoras, foi contratado para traduzir o livro *Arte Judaica*, de Cecil Roth, publicado em 1967. Depois desse trabalho, aproximou-se da revista, em 1968, a princípio traduzindo textos, depois, a convite de Aron Neumann, como assistente de redação. Ressalta que, apesar de seu pai ser judeu, não teve educação judaica, foi criado como cristão e desconhecia completamente a dinâmica comunitária, as questões ideológicas sionistas e o subgrupo judaico ao qual a revista pertencia. Quando Aron Neumann faleceu, foi descoberto um número exorbitante de dívidas em nome da revista, que recaíam sobre Leão Padilha, então proprietário da *Aonde Vamos?*, como já mencionado. Depois de muitas negociações com o contador, uma parte dos débitos foi paga. Padilha tirou seu nome da revista e, para não ser responsável pelas dívidas, ela não poderia fechar até dois anos depois da saída dele. Foi nesse contexto que Fucs responsabilizou-se pela direção da *Aonde Vamos?* (Fucs, 2020).

nação desenraizada de sua terra natal e sujeita a um governo estrangeiro. A perda de um centro político-étnico e o sentimento de desenraizamento transformam a Diáspora (Dispersão) em galut (Exílio). Já o termo galútico significa diaspórico, remete a parte do povo judaico que vive fora de Israel disperso no exílio.

²⁵⁵ Bernardo Jablonski (RJ, 1952–2011) foi um ator, diretor teatral, escritor, crítico e roteirista. Doutor em Psicologia Social, professor universitário e autor de vários livros. Na TV, seu trabalho mais popular foi o papel de “Aderbal”, no extinto *Zorra Total* da Rede Globo, do qual era também roteirista.

Na edição de 7 de março de 1974, quando surgiu pela primeira vez seu nome como diretor da revista, não houve nenhum editorial ou menção. Muito provavelmente em função da enorme perda para revista com a morte súbita de Neumann, a descoberta das dívidas e a saída de Padilha. Um processo complexo, mas a chegada tímida não significou pouco engajamento por parte de Fucs, que assumiu a função lentamente, mas com determinação.

No último editorial, na edição especial de *Rosh Hashaná*, em 12 de setembro de 1977, o diretor da revista faz um apelo em tom esperançoso aos leitores. Este é o único editorial assinado por ele em toda sua trajetória como diretor da revista.

Recado ao leitor

A expressão ‘povo eleito’ nunca deixou de provocar acusações de racismo aos judeus: o anti-semitismo não deixou passar a oportunidade de traçar uma falsa analogia com o conceito nazista de ‘raça superior’. Que a ‘eleição’ por Deus nada tem a ver com as noções de raça e superioridade, demonstra-o de maneira enérgica e concisa Trude Weiss-Rosmarin, à pág. 39 desta edição.

O primeiro-ministro de Israel, e embaixador Erell e o prefeito dessa cidade dirigem suas saudações à comunidade judaica, reproduzidas nas primeiras páginas, e uma visão profunda do significado dos Dias Temíveis nos é apresentada pelo filósofo Franz Rosencweig (pág. 14). Além de outros artigos e notas de interesse, dois pontos de vistas complementares sobre Israel e a situação atual do sionismo são nos dados às págs. 10 e 25, e as seções habituais completam esta edição de Aonde Vamos?, cuja gradual recuperação da crise por que passou já se torna manifesta. R.F (Fucs, 1977, p. 2).

No editorial, pode-se perceber que a edição especial de *Rosh Hashaná* desse ano contou com apenas um articulista, o Weiss-Rosmarin, todos os outros citados no editorial eram traduções, primeiro de saudações de políticos de Israel e, depois, de um importante texto do filósofo, teólogo judeu Franz Rosencweig (Alemanha, 1886-1929). Apesar da afirmação que a crise instalada na revista havia passado a adesão e envio de artigos para serem publicados diz o contrário, que a crise persistia.

Essa edição de *Rosh Hashaná* de 12 de setembro de 1977 foi o último exemplar encontrado, tanto no Centro de Memória do Museu Judaico de São Paulo como na Biblioteca Nacional, constam somente os nomes: Fundador Aron Neumann e Diretor Ronald Fucs.

Neste item, foi abordado o grupo de pessoas envolvidas diretamente com a edição revista, quem eram seus diretores e redatores-chefes, quais eram as suas relações e redes pessoais, como no caso específico de Aron Neumann, que acabou por influenciar ideologicamente e politicamente o posicionamento da revista, resultando na ascensão da revista em determinados meios e, por fim, na derrocada dela com sua morte, o que em alguns poucos anos culminou com a finalização da publicação. No próximo item, serão abordados os grupos institucionais e ideológicos em torno da revista.

b Grupos de pertencimento

Oficialmente, a revista não tinha vínculo formal com nenhuma instituição, inclusive, enfatizou essa proposta quando, em 24 de agosto de 1950, acrescentou, ao seu título, o subtítulo em português e hebraico, “Semanário Judaico Independente do Brasil”. Mas, após 1943, tornou-se, inegavelmente, um veículo de comunicação voltado para a comunidade judaica. Sendo assim, pretende-se descortinar seus mediadores institucionais por meio dos grupos de afinidades e ideológicos dos proprietários, os grupos que tinham seções ou espaço garantido em suas páginas, as agências de informações citadas na seção Os Judeus no Mundo e, por último, as instituições citadas nos levantamentos dos anos 1943, 1953, 1963 e 1973 (ver tabelas no Apêndice).

Uma causa que congregou grupos e instituições em torno da revista foi a criação do Estado de Israel, o sionismo e suas correntes. Nesse caso, vinculados principalmente ao Sionismo Revisionista e aos Sionistas Gerais. Esses movimentos, após a criação do Estado, transformaram-se em partidos políticos, que representavam suas posturas ideológicas. As atividades desses dois grupos foram amplamente divulgadas na revista, mas também as das organizações sionistas brasileiras e mundiais.

A Organização Juvenil Sionista Unificada do Brasil, fundada em 1945, obteve uma página fixa na revista de 1º de maio de 1947 até 5 de fevereiro de 1948. Na página inaugural, por exemplo, (Aonde Vamos?, 1947, p. 4) informava que pretendia ser a expressão do pensamento dos jovens sionistas do Brasil. Apresentava inúmeras propostas que seriam expostas na próxima reunião da Organização Sionista Organizada Brasileira. Entre outras questões, registra-se a reformulação do ensino de todas as escolas judaicas do Rio de Janeiro, com a participação de representantes oficiais do sionismo, visando a divulgação do sionismo para a juventude; a criação de um seminário para formação de professores sob orientação de professores de Israel e a criação de cursos noturnos de hebraico, história judaica e sionismo.

Surgiu, assim, um amplo programa de padronização e construção ideológica do sistema educacional comunitário voltado para a consolidação dos valores que teriam profunda consonância com a futura construção do Estado judeu na Palestina. Porém, visto como um bloco uniforme e integrado. Foi exposta uma questão problemática da OJSUB, com relação aos grupos partidários e ideológicos (Aonde Vamos?, 1947, p. 19). A estrutura organizacional da OJSUB previa filiação individual de seus membros, não havia espaço para a manifestação dos representantes das diversas correntes do sionismo juvenil. Isso se deu, segundo a página, em função da inexistência dos partidos e dos movimentos no contexto brasileiro, que estavam

proibidos durante o Estado Novo (1937-1945), quando da fundação da Unificada, tornando a proposta mais viável. O texto, esclareceu, ainda, que via com bons olhos o surgimento dos movimentos juvenis das várias correntes, que exerciam importante função com os jovens na formação dos valores sionistas, mesmo com a ausência de representatividade dentro da organização.

O governo brasileiro emitiu o Decreto-Lei nº 383, em 18 de abril de 1938, que proibia a prática de qualquer atividade de natureza política por grupos ou indivíduos estrangeiros no país. Eles não poderiam organizar, criar ou manter sociedades, fundações, companhias, clubes e quaisquer estabelecimentos de caráter político, ainda que tivessem por fim exclusivo a propaganda ou a difusão, entre os seus compatriotas, de ideais, programas ou normas de ação de partidos políticos do país de origem. Mas, segundo Roney Cytrynowicz (2002), as instituições judaicas, inclusive as sionistas, continuaram suas atividades tendo, naturalmente, de se adaptar e adequar-se às novas diretrizes. Por meio de estratégias, como mudança de nome institucional, constituição de corpo diretivo exclusivamente de brasileiros natos ou classificando suas atividades como cultural-social, muitas das atividades sionistas continuaram, mas não denominadas como tal.

Os sionistas revisionistas tiveram duas páginas na revista em períodos distintos. Primeiro, em 25 de setembro de 1947, surgiu a página da Agremiação Juvenil Betar, publicada pela *Netzivut Betar* do Brasil, localizada na rua da Graça, 83, São Paulo. O texto pode ser visto na p. 23 e a periodicidade era quinzenal, tendo circulado até 9 de setembro de 1948²⁵⁶. O historiador Nachman Falbel (2008) cita uma publicação do Movimento Juvenil Betar, que traz um histórico do movimento no Brasil e afirma que, em 1930, já existiam núcleos do movimento em São Paulo, Porto Alegre e Rio de Janeiro. Naturalmente interrompido durante o Estado Novo (1937-1945), em função das restrições governamentais contra grupos políticos e ideológicos estrangeiros. Depois de finalizado o período ditatorial e a Segunda Guerra Mundial, retornaram as atividades e, em agosto de 1945, chegou o primeiro enviado do movimento ao Brasil, vindo de Israel.

Em 12 de setembro de 1957, começou a ser publicada a página da Organização Sionista Revisionista do Brasil (*Brith Herut Hatzoar*), Comitê Central, rua Sete de setembro, 209, Rio de Janeiro. Saíram publicados 31 números da página, a última em 8 de maio de 1958. Informou-se, na primeira edição da página, que a iniciativa da publicação foi o cumprimento da

²⁵⁶ A página teve um só formato até maio de 1948 e, nos meses de abril, maio e junho de 1948, os dois formatos, sendo que depois de julho de 1948, ficou o segundo formato que não constava publicado pela *Netzivut Betar* do Brasil.

recomendação da última Convenção Territorial do movimento de publicar uma página semanal “na combativa revista **AONDE VAMOS**” (Brith [...], 1957, p. 26), além da revista *Vanguarda*, editada em São Paulo, e da *Hora Israelita*, de Porto Alegre, para divulgar informações oficiais e o pensamento do movimento.

Tem-se, dessa forma, nas páginas da revista, divulgado o ideário de movimentos juvenis criados e consolidados fora do país, discutindo e debatendo como deveria ser o novo Estado judaico, com pautas voltadas para a realidade de Israel, mas também sensível aos conflitos e demandas locais, nacionais e latino-americanos. No Brasil, a criação dos movimentos sionistas mundiais contou com número maior de adeptos nos movimentos de esquerda que dos de direita. Ampliar esse número e difundir esses movimentos era uma das propostas que a revista pretendia realizar.

c Seções de instituições: nacionais e internacionais

Além dos grupos e instituições diretamente vinculados aos diretores e redatores da revista, foram verificados grupos e instituições que tinham espaço fixo dentro da publicação. Na maioria das vezes, o local em que eram publicados tratava-se de espaços pagos de instituições, ou seja, a veiculação acontecia por períodos, na ou ao lado da seção denominada Sociais. Essa seção surgiu, pela primeira vez, em 25 de março de 1943, ocupando a página 13, em que foram noticiadas informações das instituições: Clube Azul e Branco²⁵⁷; Agremiação das jovens judias; Noite de arte no Grêmio Cultural e Esportivo do Centro Hebreu Brasileiro Chaim Weizman, ou o Grêmio do Méier; Instituto Nacional de Ciência e Política e da Hora Seleccionada Israelita-Brasileira. Eram informações e, por isso, não estavam no local fixo institucional, como veio a ocorrer tempos depois. Somente nesta primeira edição compareceram instituições não judaicas, a partir do número seguinte, todas as informações eram de grupos ou instituições da comunidade judaica.

Os grupos e instituições encontrados, que publicaram em espaços fixos, foram divididos, neste estudo, em duas categorias: grupos e instituições nacionais e grupos e instituições internacionais, que constituíam representação no Brasil. Primeiramente, serão apresentados os nacionais e, posteriormente, os internacionais, aliás, arrolados nos anos de atividade da revista.

²⁵⁷ O Clube Azul e Branco foi fundado em 1926 por judeus sionistas no Rio de Janeiro.

Dentro da seção Sociais, surgiu, em 22 de abril de 1943, a subseção Semana em São Paulo, com informações das instituições e dos acontecimentos daquela cidade, além das informações referentes ao Rio de Janeiro. Logo, em 29 de abril de 1943, apareceu a subseção De Campos, com o mesmo objetivo, mas teve periodicidade efêmera. Ao longo do tempo, nesta seção, foram publicadas informações de várias cidades, como Belo Horizonte, Manaus, Salvador, Curitiba, porém, as recorrentes eram Rio de Janeiro e São Paulo, o que demonstra a preferência pelo principal eixo econômico do país.

O Lar da Criança Israelita apareceu pela primeira vez nessa seção em 10 de junho de 1943, mas não como um espaço institucional fixo. Sabe-se que Aron Neumann foi um dos fundadores do Lar da Criança Israelita, mas ele só se tornou articulista da revista em 19 de agosto de 1943, então não foi o responsável pela divulgação dessa informação. O Lar da Criança Israelita Religiosa Rosa Waisman foi criado em 1937, objetivava a proteção das crianças judias órfãs, filhos e filhas, de refugiados e crianças cujos pais encontravam-se em situação de vulnerabilidade socioeconômica.

O Lar da Criança Israelita publicou a relação de donativos recebidos em 1946, em páginas variadas da revista. No final do ano, ocupou um espaço mais permanente, dessa vez no local das instituições anunciantes, mas, em meados do ano seguinte, os dados deixaram de ser publicados. Somente em 4 de novembro de 1948, há de se destacar, o Lar da Criança Israelita obteve um espaço fixo, junto com outras instituições, por longo período. Em 12 de abril de 1956, a instituição mudou o nome para Lar da Criança Israelita Rosa Waisman, alteração acompanhada da explicação de que a diretoria resolveu homenagear a grande ativista e uma das fundadoras da instituição, no primeiro ano de seu falecimento.

A instituição permaneceu por 26 anos publicando na seção, somente em 26 de setembro de 1974, deixou de sair seu nome junto das instituições, mas retornou em menos de um mês, em 3 de outubro de 1974. Foi a instituição que ficou mais tempo no espaço institucional da revista, por 29 anos, apenas com um mês de ausência, isto é, no ano de 1974. Foi a única instituição que publicou no penúltimo exemplar, em 30 de julho de 1977, ocupando a página inteira e somente não saiu no último número da revista de 12 de setembro de 1977.

Apesar de provavelmente Aron Neumann não ter sido o responsável pelas primeiras publicações da instituição na revista, pois ainda não estava vinculado a ela, posteriormente a fidelidade institucional se deu em função da relação com o redator-chefe e sua memória após a sua morte. Neumann foi um dos fundadores do Lar, como pontuado acima. A não publicação

somente no último exemplar da revista demonstra que a próxima derrocada da publicação era evidente e o Lar da Criança Israelita que optou pelo por se desvincular da *Aonde Vamos?*.

A Sociedade Beneficente das Damas Israelitas – *Froien-Farian* foi citada na revista desde 1943, foram divulgadas as atividades e ações realizadas na cidade do Rio de Janeiro. A instituição realizava publicações de páginas inteiras, divulgando os nomes das pessoas e instituições que realizavam donativos em seu favor, desde 1946. A partir da edição de 11 de novembro de 1948, passou a constar na seção Sociais, juntamente com a instituição internacional WIZO, WIZO Juvenil e o Lar da Criança Israelita, entretanto, sua publicação era quinzenal. Na semana que não saiam informações da Sociedade das Damas, várias instituições apareciam no lugar, como, por exemplo, na edição seguinte ao surgimento, 18 de novembro de 1948, constou, no referido espaço, o Comitê de Socorro às Israelitas Vítimas da Guerra na Bessarábia, juntamente com a Sociedade Beneficente EZRA, de São Paulo.

A EZRA, também conhecida como Sociedade Israelita Amigos dos Pobres, foi fundada em 1916, em São Paulo. Seu objetivo era proporcionar condições dignas aos imigrantes recém-chegados, ajudando famílias na complementação dos aluguéis, além de distribuir alimentos mensalmente aos mais necessitados. Foi uma das instituições mais importantes da coletividade judaica de São Paulo, tendo desempenhado relevante papel na absorção de imigrantes chegados ao Brasil a partir da Primeira Guerra Mundial.

A partir de 13 de maio de 1954, no espaço da Sociedade Beneficente das Damas Israelitas, que já tinha se tornado semanal, compareceu como Sociedade Beneficente das Damas Israelitas e dos Lar dos Velhos. Os nomes das instituições permaneceram juntas até 22 de agosto de 1963, após essa data, constava somente o nome da Sociedade Beneficente das Damas Israelitas. Na edição de 5 de agosto de 1965 em diante, constaram as duas instituições em locais separados dentro da seção: Lar da Velhice, em dois endereços, Av. Rio Branco, 156 (Adm.) - Av. Gera Dantas, 278 (o Lar), e Sociedade Beneficente das Damas Israelita, Rua Afonso Pena, 171, acompanhada da informação de que a sede era própria.

Tanto a Sociedade Beneficente das Damas, como o Lar da Velhice permaneceram com seus espaços institucionais separados, além das matérias, fotos e avisos em outros locais da revista até a edição de 15 de março de 1977, no último ano de existência da *Aonde Vamos?*.

A Sociedade Beneficente das Damas Israelitas do Rio de Janeiro - *Froien Farain* foi fundada em 1923 por um grupo de senhoras com a missão de promover justiça social, por meio da assistência aos imigrantes oriundos da Europa, ajudando-os a encontrar moradia e trabalho,

além de fornecer-lhes alimentos, roupas e medicamentos. Com o passar do tempo, as damas continuaram amparando os menos favorecidos, em especial os idosos com comprometimento cognitivo-funcional. Em 1939, a Sociedade Beneficente das Damas Israelitas fundou o Lar da Velhice, a instituição permanece em atividade até os dias de hoje²⁵⁸.

Outra instituição que utilizou o espaço da seção Sociais de forma permanente foi a Policlínica Geral da Sociedade Beneficente Israelita, a partir de 30 de janeiro de 1952. Em 22 de dezembro de 1966, apareceu, pela primeira vez, citado o novo nome da instituição, Hospital Israelita e Policlínica, mas não no topo do espaço e, em 23 de fevereiro de 1967, mudou o nome no título do espaço institucional para Hospital Israelita e Policlínica. Já em 11 de outubro de 1973, mudou novamente o nome para Hospital Israelita, sem menção à Policlínica. O nome do hospital foi publicado no espaço institucional da revista pela última vez em 15 de março de 1977, juntamente com a Sociedade Beneficente das Damas Israelitas e o Lar da Velhice.

A história da Policlínica remonta à Sociedade de Ajuda Fraternal *Achiezer*, que foi fundada, em 1912, no Rio de Janeiro, e que se tornou, em 1920, a Sociedade Beneficente Israelita de Amparo aos Imigrantes (*Hilfs-Ferein-Relief*), ligada à *Jewish Colonization Association* (JCA)²⁵⁹, HIAS²⁶⁰ e *Emigdirect*²⁶¹, instituições judaicas internacionais. Seu objetivo era proteger o imigrante no que diz respeito à assistência: vestir, alimentar, dar um teto, proporcionar aulas de português, encontrar trabalho e ajudar na regularização do processo de imigração. O aumento da oferta de assistência pela Sociedade, bem como o crescimento do contingente de imigrantes judeus forçou a instalação dos três primeiros ambulatórios da Sociedade.

A chegada de novos imigrantes judeus no período após a Segunda Guerra Mundial e o crescimento do número de especialidades médicas, contribuiu para que as clínicas ambulatoriais se transformassem em Policlínicas. Dessa forma, em 1937, a *Relief* fundou a Policlínica Geral da Sociedade Beneficente Israelita. Em 1951, ao receber a doação de um aparelho de raios X, a Sociedade percebeu a necessidade de ampliação das instalações. A nova

²⁵⁸ No site, pode-se consultar o histórico da instituição: <http://www.froienfarain.org.br/linha-do-tempo>. Acesso em: 21 jul. 2022.

²⁵⁹ JCA ou ICA: instituição filantrópica judaica inglesa, fundada em 1891, com o objetivo ajudar os judeus que estivessem em situação de opressão em seus países de origem. Ela procurava retirar as famílias judias dos países opressores, adquirindo terras em outros locais mais favoráveis. Comprava terrenos para a construção de colônias agrícolas e ajudava na instalação dessas famílias. Entre outros, Argentina e Brasil foram locais de instalação dessas colônias agrícolas.

²⁶⁰ A HIAS (*Hebrew Immigrant Aid Society*) é uma organização judaico-americana sem fins lucrativos que fornece ajuda humanitária e assistência a refugiados. Foi estabelecida em 1881 para ajudar os refugiados judeus.

²⁶¹ A *Emigdirect* era uma organização de migração judaica sediada em Berlim. O triunfo do nazismo na Alemanha fez a *Emigdirect* encerrar as atividades em 1934.

casa foi adquirida, e permanece até hoje no mesmo local. O atendimento era gratuito para membros da comunidade, e a farmácia, que funcionava na Policlínica, distribuía remédios para os mais necessitados. Foi a partir desse período que a entidade passou a receber pacientes para internação, embora os leitos fossem destinados a casos cirúrgicos.

No final da década de 1950, houve a necessidade de nova expansão motivada, sobretudo, pelo aumento da demanda pelos serviços da Policlínica. Uma campanha de arrecadação de fundos, lançada em 1959, permitiu que a casa fosse reconstruída. O Hospital Israelita contava com 32 leitos, dos quais 24 eram destinados gratuitamente aos pacientes. Na época, o hospital mantinha uma sala para grandes e pequenas cirurgias, internação clínica, laboratório de análises, banco de sangue, entre outras instalações.

Na década de 1980, recebeu o nome de Hospital Israelita Albert Sabin em homenagem ao cientista, que visitou as instalações do hospital, a instituição está ativa atualmente, mas não mais como pertencente à comunidade judaica.

No ano de 1953, o Colégio Talmud Torá²⁶² publicou na seção Sociais, ainda que por curto período. Segundo As crônicas das comunidades no “Léxico” assinado por Henrique Iussim (1953-1955) e publicado no livro *Judeus no Brasil*, do historiador Nachman Falbel, a escola Talmud Torá era declaradamente hebraica e ortodoxa, em contraposição às escolas idichistas laicas ou não, e era financiada pelos grupos mais ortodoxos da coletividade judaica. Não foi possível estabelecer a conexão dessa escola com as escolas Talmud Torá em atividade, atualmente, no Rio de Janeiro, dessa forma, não foram levantadas mais informações sobre a instituição, como, por exemplo, o ano de sua fundação.

Os clubes judaicos cariocas também publicaram na seção Sociais, mas, no lugar dos nomes das pessoas e instituições que realizaram donativos, divulgavam sua programação, além de estarem presente em outras partes da revista. O clube Hebraica²⁶³ do Rio de Janeiro, fundado em 1951, teve um histórico de idas e vindas na seção da revista. O Centro Cultural Esportivo e Recreativo do Monte Sinai²⁶⁴, fundado em 27 de setembro de 1959, no bairro da Tijuca, também publicou sua programação no mesmo espaço.

²⁶² Nas edições de 25 de junho de 1953 e 16 de julho de 1953.

²⁶³ Começou a publicar em 4 de fevereiro de 1954 e permaneceu até 8 de julho de 1954; retornou de 17 de fevereiro de 1955 a 9 de dezembro de 1965; ressurgiu no ano seguinte, em 6 de outubro de 1966, permanecendo até 4 de janeiro de 1973; voltou em 12 de julho de 1973; criou uma subseção dentro da seção denominada “Hebraica Informa”, ressurgiu em 6 de março de 1975 ficando até 15 de dezembro de 1975; voltou com o anúncio do *Seder de Pessach*, em 15 de março de 1976 até a última vez que foi publicada a “Hebraica Informa” dentro da revista, em 15 de novembro de 1976.

²⁶⁴ Surgiu em 6 de abril de 1961 e circulou até 17 de outubro de 1963. Depois, voltou em 6 de abril de 1967 e, em 13 de outubro de 1972, parou a publicação definitivamente.

Durante o período que o Clube Monte Sinai era anunciante da seção, a revista publicou uma carta enviada pelo presidente do Monte Sinai endereçada ao redator-chefe, Aron Neumann, repudiando uma matéria anterior, que havia criticado o clube por autorizar uma palestra solicitada pelo grupo revisionista, do judeu russo Dov Sperling, sobre percalços vividos pelos judeus na antiga URSS e, posteriormente, ter mudado de ideia, na edição de 22 de julho de 1971. Na carta, o clube esclarecia que tinha sido omitida a informação que o judeu russo veio ao Brasil patrocinado por um partido político de Israel e, ao tomar conhecimento desse fato, voltou atrás para respeitar a pluralidade política de seus congregantes. A revista na mesma edição, na página seguinte, realizou uma análise praticamente parágrafo por parágrafo, desconstruindo e supostamente revelando os interesses ocultos do clube ao negar à comunidade judaica acesso às informações e denúncias que o jovem judeu russo tinha a oferecer. Pode-se notar que, apesar de toda essa tensão, o clube não suspendeu a publicação na seção Sociais.

Outro clube que utilizou esse espaço da revista para divulgar sua programação foi o Clube Israelita Brasileiro – CIB, que publicou em dois períodos, em Sociais, a saber: na primeira, iniciou em 4 de junho de 1970 e foi até 2 de julho de 1970, depois, retornou em 6 de maio de 1971, com publicações quinzenais, deixando de veicular em 2 de dezembro de 1971. O clube foi fundado em 2 de novembro de 1921, com o nome de Sociedade Sionista Bene-Herzl, mas, por razões políticas ocasionadas no ano de 1937, durante a ditadura do Estado Novo, foi obrigado a mudar seu nome para Centro Israelita Brasileiro – CIB. É o centro de atividade social, cultural e religiosa da comunidade sefardita turco-balcânica, em atividade até os dias atuais. Em 1º de julho de 1971, o CIB publicou sua programação e, ao lado, colocou uma nota de louvor à revista, que, em função da crise financeira do clube, vinha divulgando sua programação gratuitamente. Comprova-se, assim, mais uma vez, que o espaço da seção Sociais era pago.

Por mais que a revista tenha noticiado que fotos e informações de eventos seriam publicadas gratuitamente, muitas instituições publicaram, tanto em páginas diversas como em seções específicas, em que, ao que tudo indica, se tratava de espaços pagos. Servem, como exemplo: em 1948, o Comitê de Socorro aos Israelitas Sobreviventes da Guerra na Bessarábia, juntamente com a Sociedade Israelita de Beneficência EZRA, publicou os valores de arrecadação, as listas de nomes dos sobreviventes que deveriam ter sido publicadas gratuitamente.

Outras publicações administrativas de institucionais nacionais recorrentes eram: Relatório da Sociedade Israelita de Educação, representante das escolas judaicas do Rio de Janeiro, em 2 de março de 1944; Assembleia Geral da União – Associação Beneficente Israelita,

3 de fevereiro de 1949; Balanço Patrimonial da Sociedade Cooperativa de Crédito Popular do “Bom Retiro”, 5 de maio de 1949; Relatório Financeiro Comitê de Auxílio aos Imigrantes.

Algumas instituições eram recorrentes como a OFIDAS - Organização Feminina Israelita de Assistência Social – fundada em 1940 com a união de três entidades que já existiam: Sociedade Beneficente das Damas Israelitas de São Paulo, Gota de Leite e Lar da Criança. A OFIDAS assistia mulheres e crianças e tinha vínculo com o Serviço Social do Estado de São Paulo. Tem-se a EZRA, que já foi citada, a Associação de Senhoras Israelitas, sob o nome de Vita-Kempner, fundada em 1947, no Rio de Janeiro, propunha-se à finalidade de auxiliar órfãos judeus, vítimas da guerra na Europa. A iniciativa teve repercussão nacional. Foram fundadas organizações Vita-Kempner em São Paulo, Belo Horizonte, Santos, Niterói, Nilópolis, Curitiba e Recife. As campanhas da *Magbit*, organização sem fins lucrativos, coordenavam e organizavam a arrecadação de fundos para Israel. A partir de 1974, passou a utilizar o nome de Fundo Comunitário. Tratava-se de uma instituição nacional que realizava um caminho inverso da periferia para o centro, quando as comunidades de fora de Israel prestavam apoio financeiro para Israel, que supostamente seria o centro nevrálgico da ideologia sionista.

Numericamente, as instituições nacionais comparecem com maior frequência na revista, mas se for levado em conta que algumas objetivavam o além-mar como finalidade, como auxílio financeiro - caso do Comitê de Socorro aos Israelitas Sobreviventes da Guerra na Bessarábia e as campanhas da *Magbit*. Consideraram-se instituições nacionais, mas que tinham componentes transnacionais em suas finalidades. As instituições internacionais que publicaram na revista, por meio de suas representações nacionais, estão relacionadas abaixo.

No ano de 1946, foi noticiado amplamente o ressurgimento da WIZO, no Rio de Janeiro e em outras cidades. Pode-se encontrar, na edição de 7 de fevereiro de 1946, a autorização da Cruz Vermelha Brasileira para criação da WIZO – Escudo Vermelho de David – S. Paulo. A partir de 20 de junho de 1946, a WIZO passou a ter um espaço fixo dentro da seção Sociais, além de ampla cobertura de suas atividades dentro e fora da seção. Sendo assim, a WIZO esteve presente semanalmente na revista, assim como a WIZO Juvenil, ininterruptamente até a edição de 21 de agosto de 1958, sendo que, a partir dessa data, não houve mais referência à Organização na *Aonde Vamos?*.

Significativo para o vínculo entre a revista e a instituição o fato da esposa de Aron Neumann, Mina Neumann, ser grande ativista da WIZO, no Rio de Janeiro, noticiou-se o fato na revista: em 1º de agosto de 1946, ela recebeu certificado da WIZO RJ; em 10 de outubro de 1946, tornou-se representante da WIZO RJ, no comitê de Emergência pró-imigrante, na

comissão de procura de trabalho; em 24 de outubro de 1946, escreveu um artigo denominado Impressões sobre o 1º “*Kinus*”²⁶⁵. A hipótese que a liderança da esposa do redator-chefe formou uma forte rede de contato permanente, que envolviam matérias e seção fixa, em uma relação de benefício e interesses de mão dupla: matérias e informações atualizadas para a revista e visibilidade comunitária para a instituição.

A Organização Internacional da Mulher Sionista, WIZO²⁶⁶, foi fundada em 1920, por Lady Rebecca Sieff, Dra. Vera Weizmann (esposa do primeiro presidente de Israel, Dr. Chaim Weizmann), Edith Eder, Romana Goodman e Henrietta Irwell, na Inglaterra. Sensibilizadas com as condições de extrema dificuldade das mulheres que habitavam a antiga Judéia, elas mobilizaram um grupo feminino e fundaram as primeiras creches. Essa corrente de solidariedade espalhou-se pela Europa, Américas, África, Ásia e Oceania.

No *Brasil*, a WIZO foi fundada em 1926, na residência de Scylla e Jacob Schneider, no Rio de Janeiro, sendo que Sra. Scylla Schneider foi nomeada sua primeira presidente. A organização teve grande adesão da comunidade judaica carioca e paulista. No entanto, com o início do Estado Novo e a promulgação do Decreto-Lei nº 383, de 1938, que proibia manifestações políticas públicas de caráter estrangeiro no país, o sionismo foi caracterizado como atividade ilegal, pois fora identificado como indicador de fidelidade a um “governo”, assim sendo, as atividades da WIZO Brasil foram interrompidas. Somente em 1942, com a visita da representante da WIZO Mundial, a situação foi parcialmente revertida, em função da tutela da organização pela Cruz Vermelha Brasileira, com o nome de Escudo Vermelho de David, que, aos poucos, foi formando comitês em várias cidades brasileiras. Em 1946, a Escudo Vermelho de David tornou-se oficialmente WIZO e, no Rio de Janeiro, foi criado o grupo universitário feminino denominado WIZO Juvenil. A organização encontra-se em atividade até os tempos atuais e é reconhecida pela ONU como Organização Não-Governamental (ONG), tendo status consultivo junto ao Conselho Econômico e Social da ONU (ECOSOC) e ao Fundo Internacional da Criança da ONU (UNICEF).

Em 9 de novembro de 1950, na seção Sociais, no espaço das instituições, além da WIZO, da Sociedade Beneficente das Damas Israelitas e do Lar da Criança Israelita, surgiu a Amigos dos Cegos Israelitas, *Tormei-Or*²⁶⁷, no endereço Av. Presidente Vargas, 435, sala 567 – A, tendo havido agradecimento à constituição do Comitê de Campos, juntamente com o nome da diretoria. Foi publicado até 19 de outubro de 1950 e, posteriormente, noticiou-se, em 27 de

²⁶⁵ *Kinus* – Encontro nacional de discussões ideológicas.

²⁶⁶ Nome original em inglês: *Women's International Zionist Organization*

²⁶⁷ *Tormei-Or* em hebraico significa doadores de luz

março de 1952, que a Amigos dos Cegos Israelitas, *Tormei-Or* encerrou as atividades. Todavia, em 18 de setembro de 1958, a Amigos dos Cegos Israelenses, *Tormei-Or* no Brasil voltou à seção toda semana até o final do ano, com a observação: patrocínio sra. Luba Klabin. Infelizmente, nada foi encontrado referente à instituição, mas é interessante observar uma diferença no nome da instituição nos anos de 1950 e 1958, porque no primeiro, tratou-se de cegos israelita, referindo-se aos judeus de um modo geral, e, no segundo, israelenses, ou seja, moradores do Estado de Israel.

No ano de 1953, O Comitê das Damas Ort²⁶⁸ republicou na seção Sociais por curtíssimo período.

Em 1880, um grupo de judeus russos pediu permissão ao czar Alexandre II para iniciar um fundo para ajudar as escolas de comércio judaicas e estabelecer novas colônias, escolas agrícolas, a fim de ajudar a tirar da Rússia os cinco milhões de judeus que viviam em condições de extrema pobreza. O sucesso do apelo levou à criação da Sociedade para o Comércio e Trabalho Agrícola para os judeus da Rússia. Desse nome original, *Obschestvo Remeslenovo i. Zemledelcheskovo Trouda*, que a sigla ORT foi derivada. Em cada país em que se fixou, a sigla ORT foi traduzida de forma diferente, mas "ORT" foi mantida.

Em 1921, a União Mundial ORT foi formalmente estabelecida, seguida pela fundação da American ORT Society (precursora da American ORT) em 1922. No Brasil, a partir de 1943, foi traduzida como ORT - Organização, Reconstrução e Trabalho. Realizou (e ainda realiza), formação laica, pluralista e científica, junto a uma capacitação profissional, que habilita seus alunos a continuarem estudos universitários e incorporarem-se ao mercado de trabalho. A ORT brasileira é filiada à maior organização educacional não governamental do mundo, a World Ort, uma rede internacional de ensino, presente em mais de 30 países, dedicada à educação científica e tecnológica²⁶⁹.

Entre 6 e 13 de outubro de 1955, a Organização das Pioneiras publicou uma revista. Na'amat Pioneiras foi fundada em Israel, em 1921, é uma organização de mulheres israelenses, na época filiada ao Sionismo Trabalhista. Na'amat é uma sigla para *Nashim Ovdot U'Mitnadvot*, que, em hebraico, significa, literalmente, "Trabalho e Voluntariado de Mulheres". Suas fundadoras acreditavam na justiça social e na igualdade de oportunidades para as mulheres. Construíram e mantêm albergues para jovens, escolas profissionalizantes e escolas agrícolas, incentivam e ajudam jovens e mulheres adultas a frequentarem cursos superiores, atendem a uma extensa rede de creches para filhos de mulheres trabalhadoras, possuem centros

²⁶⁸ Nas edições de 28 de maio, 4 de junho, 10 de agosto e 15 de outubro.

²⁶⁹ A título de apresentação, compartilha-se página web da Instituição: <https://ort.org.br/>.

comunitários e clubes familiares. São o maior movimento feminino de Israel e atuam em diversos países do mundo.

No Brasil, Na'amat Pioneiras foi fundada em 1948, em Porto Alegre, sob inspiração dos ideais de justiça social, oferecendo às mulheres maior desenvolvimento cultural e oportunidade de autorrealização através do trabalho social. Sendo uma instituição cultural beneficente, tem, no trabalho voluntário, a sua maior ênfase, promovendo seminários, palestras e múltiplas atividades para poder concretizar a ajuda a creches e outras instituições carentes nas cidades onde hoje estão presentes.

Foi identificado, ademais, o Comitê Central da Organização Mizrahi²⁷⁰ do Brasil, organização sionista e partido político aliado aos sionistas gerais, que, como já citado, em 10 de setembro de 1951, fundiu-se com os Sionistas Gerais. Assim, ao ser incluído como rede de contatos da linha ideológica e política israelense defendida pela revista, as instituições representativas do partido Mizrahi também tinham sua visibilidade garantida na publicação. Fazendo, dessa forma, todo o sentido sua presença na revista.

De maneira geral, instituições nacionais e internacionais, como o Lar da Criança Israelita, WIZO, Sociedade Beneficente das Damas Israelitas – *Froien-Farian*, Lar da Velhice, Amigos dos Cegos Israelitas, *Tormei-Or*, Policlínica Geral da Sociedade Beneficente Israelita, Comitê das Damas Ort e o Colégio Talmud Torá publicaram na seção “Sociais” algumas informações pontuais das instituições, mas se constituíam de longas listas dos nomes de pessoas e instituições que tinham dado donativos a elas. Essas listas eram precedidas geralmente pela frase “agradecemos os seguintes donativos”, as grandes doações ficavam no topo, com o texto: nosso especial agradecimento, seguido dos nomes. Logo abaixo, separadas por curiosas categorias motivacionais do donativo, na sequência dos nomes dos doadores. Alguns exemplos das categorias: Promessas, Donativos, *Erev Yom Kipur*²⁷¹, *Iscor guelt*²⁷², Aniversários, Bodas de Casamento, *Yortzait*²⁷³, *Brit-Milah*²⁷⁴, Formaturas, Angariado na sinagoga, clube ou grupo judaico, Buques simbólicos, Nascimento, *Barmitzva*²⁷⁵, Em Memória, Noivado, entre outros.

Há de se imaginar que a revista oferecesse gratuitamente esse espaço às instituições, como citado acima pelo Clube Israelita Brasileiro – CIB, no entanto, na versão digital da revista

²⁷⁰ Partido das Comunidades Sefarditas e Orientais foram abordados no Capítulo 1, item “A revista e a sua época”.

²⁷¹ Véspera de Yom Kipur, o dia mais solene do calendário religioso judaico e jejum de 25 horas.

²⁷² Iscor é a reza em memória dos pais falecidos e guelt é dinheiro em ídiche.

²⁷³ Aniversário de falecimento no calendário judaico.

²⁷⁴ Cerimônia religiosa judaica na qual o prepúcio dos recém-nascidos é cortado no oitavo dia, como símbolo da aliança entre Deus e o povo de Israel.

²⁷⁵ Cerimônia judaica que marca a passagem de um garoto à vida adulta, aos 13 anos. A partir dessa idade, ele assume sua maioridade religiosa e passa a ter responsabilidades perante sua comunidade e suas tradições.

de 10 de janeiro de 1963, foram encontradas várias páginas com carimbos de pagamento, inclusive nas páginas das instituições. Pode-se subentender, dessa forma, que o espaço era cobrado das instituições. Muito provavelmente os doadores tinham orgulho do seu nome constar entre os doadores e mantenedores dessas instituições assistenciais, educacionais ou sionistas. Sendo a *Aonde Vamos?* uma revista de âmbito nacional, judaica e vinculada ao ideário mais à direita do sionismo, instituições e pessoas que se identificavam com essa perspectiva queriam participar e estar incluídos nesse veículo de comunicação.

Figura 41 - Anúncios com carimbo Pago e Figura 42 - Anúncios com carimbo Pago (2)

Figura 41 - Página 20 (10/1/1963):

- C.C.E.R. MONTE SINAI**: Anúncio de uma instituição sionista, com carimbo "Pago" em verde.
- BOHCLINICA**: Anúncio de uma clínica dental, com carimbo "Pago" em verde.
- LA ROSA WAIMAN**: Anúncio de uma loja de roupas, com carimbo "Pago" em verde.
- ANUNCIOS DE SERVIÇOS**: Vários pequenos anúncios de serviços, como aulas de inglês e aulas de dança.

Figura 42 - Página 21 (10/1/1963):

- BOHCLINICA**: Anúncio de uma clínica dental, com carimbo "Pago" em verde.
- LA ROSA WAIMAN**: Anúncio de uma loja de roupas, com carimbo "Pago" em verde.
- ANUNCIOS DE SERVIÇOS**: Vários pequenos anúncios de serviços, como aulas de inglês e aulas de dança.

Fonte: *Aonde Vamos?*, p. 20, 10/1/1963.

Fonte: *Aonde Vamos?*, p. 21, 10/1/1963.

O salário mínimo do ano de 1963²⁷⁶ era de 1962 Cr\$21.000,00, pode-se observar os valores das seções institucionais, como por exemplo, do espaço do C. C. E. R. Monte Sinai de Cr\$28.301, 00, ou da Policlínica de Cr\$28.303,00, e outros que giravam em torno desse valor, que se situava acima do valor do salário mínimo.

Pelo levantamento realizado, pode-se concluir que as grandes instituições nacionais e internacionais, assistenciais, sionistas, educativas e os clubes da coletividade judaica, principalmente as cariocas, a maior comunidade judaica brasileira até os anos de 1950 (Sundfeld, 1996), divulgaram amplamente na revista *Aonde Vamos?*

²⁷⁶ O salário mínimo do ano de 1963, baseado no Decreto nº 51631 de 1962. Disponível em: <https://www.oabsp.org.br/subs/saoluizdoparaitinga/noticias/valores-do-salario-minimo-nacional-desde-sua>

Ao folhear a revista, encontram-se instituições nacionais e internacionais e seus projetos ideológicos identitários constituindo e sendo constituídos, transformando-se e formando a comunidade judaica brasileira. Contribuindo financeiramente com os centros e meios de divulgação difusores ideológicos nacionais e internacionais, as instituições rompem com a lógica centro-periferia, gerando uma rica troca de influências das comunidades fora do EUA e Israel, colocando países Latino-Americanos, como no caso do Brasil, como importante mediador nesse processo global. Esse processo não se deu sem disputa, seja pela divulgação e busca da consolidação da visão do sionismo, amplamente defendido em texto, atividades e defesa de perspectiva na revista. Seja pela busca de sustentabilidade financeira, com a publicação dos doadores das instituições assistenciais, femininas, sociais e outras. Gerou-se, com isso, um misto de competição e orgulho entre os doadores, e estimulando possíveis futuros doadores. Também, entre a rede de sociabilidade da revista, encontraram-se os clubes da comunidade carioca divulgando e fidelizando seu público, suas atividades sociais, musicais ou recreativas.

Também é possível verificar a chegada de instituições internacionais, principalmente após o final da Segunda Guerra Mundial e do Estado Novo. Não sendo mais necessárias as estratégias para diluir a desconfiança do governo com as atividades dos grupos estrangeiros, o sionismo em suas várias manifestações como os movimentos juvenis, grupos femininos, agrupamentos partidários puderam se desenvolver. Assim, promover um amplo debate sobre as comunidades judaicas que queriam construir no Brasil, bem como acompanhar, interagir e apoiar o movimento internacional de surgimento do Estado de Israel dentro das suas perspectivas políticas identitárias.

Dessa forma, a revista é fonte privilegiada para o conhecimento do que era permitido durante esses anos de repressão e do renascimento da vida comunitária, institucional judaica e suas relações com a comunidade mundial no pós-Segunda guerra. Ao folhear suas páginas, o leitor encontra os grupos políticos ideológicos e instituições judaicas ou não que já atuavam e outras que surgiram, além de instituições estrangeiras que estendiam suas atividades em solo nacional, beneficiando-se dos novos ares democráticos.

Após o levantamento das instituições e grupos engajados na revista, será analisado o grupo dos seus anunciantes.

d Anunciantes

Sobre os anunciantes da revista, duas entrevistas auxiliaram na elaboração de hipóteses que podem abrir caminhos para a elucidação da contradição de a revista ter um número bastante expressivo de anunciantes da própria comunidade judaica, mas também de fora dessa comunidade e por outro lado, ser deficitária e ter dívidas exorbitantes.

Para iniciar, será citada a entrevista feita com Sérgio Megrich (2021), filho de José Megrich, representante publicitário da sucursal São Paulo e articulista da revista *Aonde Vamos?* de dezembro de 1949 a 12 de setembro de 1977. Segundo ele, toda semana Neumann ligava para o seu pai perguntando se tinha cheque para apoiar a revista. Ou seja, referia-se ao pagamento dos anúncios vendidos por José Megrich, para serem publicados na *Aonde Vamos?*. Afirmou, inclusive, que a publicidade de São Paulo era muito importante, praticamente mantinha a revista, pois, na capital paulista, era onde o dinheiro estava.

O relato de Megrich pode ter um duplo sentido, um de valorização da atividade paterna na revista, dando uma dimensão de sustentabilidade financeira à publicação. Mas, a afirmação de que os anúncios de São Paulo mantinham a publicação também foi relatada por outro entrevistado, Jayme Szwarcfiter, que trabalhou na revista nos anos de 1964 a 1966, que fez a mesma afirmação. O que demonstra que havia uma percepção subjetiva ou não, de que a comunidade paulista era mais rica e influente, sendo dessa forma, grande financiadora da revista.

Acho que os anúncios, pode ser, acho que São Paulo devia ter mais judeus anunciando na revista. O que eu lembro é que ele [Aron Neumann] sempre tinha dificuldade em conseguir anúncios, o que tinha muito era permuta, que não rolava grana. Inclusive, eu me lembro que casei enquanto eu trabalhava lá e ele me deu de presente uma estadia na Lua de Mel num hotel desses bacanétrimo. Era uma permuta, o hotel anunciava na revista e a revista ganhava diárias no hotel em troca (Szwarcfiter, 2022).

Uma análise dos anunciantes da primeira edição da revista, em 11 de março de 1943, em busca de um perfil empresarial ou profissional específico, quando ainda não tinha uma identidade ou nicho consolidado. No levantamento foi possível verificar que existiam pessoas e empresas que acreditaram e apoiaram a revista. A primeira edição, com 19 páginas, contou com 17 anunciantes²⁷⁷, todos do Rio de Janeiro, sendo 16 de membros da colônia judaica: médicos,

²⁷⁷ Anunciantes da 1ª edição: 1) Dr. Pedro Bloch, médico; 2) Dr. Gheler, médico; 3) Dr. Isaac Izecksohn, médico; 4) Dr. Fima Taviansky; 5) Fábrica de capas Tritão, Fucks & CIA; 6) Fábrica de Camisas Polar, Marjem Ramras Renner; 7) Modas e Confecção Markievitz; 8) Fábrica de Jessy e capas de borracha, J. Pildervasser; 9) Tecidos de seda e lã, Salvador Esperança; 10) Confiança fábrica de tecidos, Perlin 7 Doctor; 11) Escritório Técnico Comercial,

fábricas de tecidos, roupas, escritório comercial, restaurante, loja de bijuteria, joalheria e ótica, tipografia, programa de rádio e até corretor da bolsa. O único anúncio não pertencente ao grupo judaico era o da empresa Gillette, na contra capa, com anúncio de página inteira.

Os anunciantes da primeira edição da revista demonstram forte presença de membros da comunidade judaica, muito provavelmente entusiastas de uma publicação voltada para a comunidade judaica. A única no Rio de Janeiro e no Brasil, com exceção do jornal a *Crônica Israelita*, publicado pela Congregação Israelita Paulista de São Paulo. Mas também pode-se notar pouco apoio da sociedade mais ampla, isto é, para além da comunidade judaica.

Nos anos seguintes, as edições de 9 de março de 1944, 15 de março de 1945 e 14 de março de 1946, todas com 23 páginas, a primeira contou com 47 anúncios, a segunda publicou 27 anúncios e a terceira teve 51 anúncios. Em todos os casos, eram, majoritariamente, da própria comunidade, pequenos anunciantes que publicavam pequenos anúncios, com exceção da Gillette.

Um marco divisor e uma oportunidade de entrada dos grandes anunciantes foi a criação das edições especiais, que ofereciam a oportunidade de os membros da comunidade parabenizarem os seus e os anunciantes de fora ganharem “os bons olhos” do grupo. Por exemplo, na edição de *Rosh Hashaná* de 6 de setembro de 1945, na versão digital, verifica-se que tinha 46 páginas, contando com 113 anúncios, majoritariamente da própria comunidade das cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, mas também de Porto Alegre e Salvador.

Na década seguinte, na edição de 12 de março de 1953, com 20 páginas, publicaram-se 58 anúncios, provenientes das cidades de São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre, predominantemente da própria comunidade, foram encontrados anúncios dos próprios articulistas e representantes da revista, como: Samuel Malamud, Marcos Shechter, Fernando Levisky. O único anunciante da página inteira foi justamente outro periódico, o jornal *Diário da Noite*, que divulgou o periódico como espaço privilegiado de veiculação de anúncios.

A edição especial de *Rosh Hashaná* de 15 de setembro de 1955, com 106 páginas, como se encontra na versão digital, veiculou 385 anúncios. Contou com grandes anunciantes, entre eles, com página inteira, foram: Arnaldo Bloch e família; Família Klabin; Confecções Nigri Ltda e S. Nigri engenharia e construção; Metalurgia “Sacy” Irineu A. Levacov; jornal O Estado de São Paulo; Companhia Telephonica Brasileira; Helena Rubinstein, produtos de beleza S.A. Certamente, muitos dos representantes ou proprietários das empresas anunciadas pertenciam à

Marcos Schechter e Manoel Ingber; 12) Restaurante Israelita; 13) A Marquesa, bijuteria, joalheria ótica; 14) Tipografia Bela Esperança, B. Szajnchof; 15) A Hora Seleccionada Israelita Brasileira, primeira da capital federal, direção geral Jacob Kutner; 16) J.I. Primer corretor oficial da bolsa de imóveis e do Sindicato dos corretores; 17) Gillette.

coletividade judaica, como as famílias Nigri e Klabin, mas segundo o relato acima, boa parte tratava-se de troca de favores ou de permutas, sem dinheiro envolvido, como o caso de hotéis e restaurante que também anunciaram na revista. Dessa forma, nessas edições da década de 1950, durante o período democrático, quando já circulavam outras publicações da comunidade judaica pelo Brasil a fora, a *Aonde Vamos?* contava com o apoio dentro e fora da comunidade judaica. Eram membros da coletividade exteriorizando seu pertencimento e a comunidade maior felicitando, mesmo que em número menor de anunciantes, este subgrupo nacional, ou seja, encontrou-se uma penetração maior da inserção da revista na comunidade brasileira.

Na década seguinte, 14 de março de 1963, com 26 páginas, foram veiculados 30 anúncios, inclusive de companhias aéreas, como a Pan Am, logo, na primeira página inteira, Air France e Scandinavian Airlines System. Da mídia, foram publicados anúncios do jornal *Diário de São Paulo*, dois programas de rádio judaico e a Mosaico na TV. As companhias aéreas podiam trocar anúncios por passagens e as mídias por anúncio em seus veículos, em uma relação cruzada de divulgação de seus veículos de informação.

Nos anos seguintes, as edições de 12 de março de 1964 e 11 de março de 1965, a primeira com 26 páginas, publicou 23 anúncios, a segunda com 26 páginas, publicou 31 anúncios. Nessas duas edições, houve anúncios de empresas como a Semp - Rádio e Televisão e da Companhia Química Industrial de Laminados, além do jornal *Correio da Manhã* e do Banco de Habitação Nacional. A edição de 10 de março de 1966, com 26 páginas, publicou 26 anúncios, os anunciantes eram, entre outros, Air France, Companhia Nacional de Cimento Portland e Companhia Química Industrial de Laminados. A maioria dos anunciantes era, sobretudo, da comunidade, pequenos anunciantes, com pequenos anúncios. Porém, a presença da Air France, do Banco Holandês Unido S.A. e do Banco do Desenvolvimento Agro-Industrial-Cooperativa Central, do Grupo de Seguros Boa Vista, mostrou que a revista conquistou grandes anunciantes nessa década.

A edição especial de *Rosh Hashaná* de 16 de setembro de 1965, com 150 páginas, como se observou na versão digital, veiculou 304 anúncios. Houve um aumento substancial dos anunciantes de página²⁷⁸ inteira, provavelmente a opção com valor mais elevado. A hipótese é

²⁷⁸ Relação dos anunciantes de página inteira da edição de 16 de setembro de 1965: Família Klabin; Salvador Esperança e família; David Copenhagen e família; Dr. Moysés Kahan e família; Henrique Pekelman e família; Famílias Nuzman; Salo Brand e família; Alfredo Degens e família e Ricardo Degensejn e família; Samuel Gandelman e família; Jacob Gleizer e família; Barão Edmond de Rothschild e as Sociedades do seu grupo no Brasil; Companhia Química Industrial de Laminados; Mesbla; De Millus; Willys Overland S.A. Fabricante de Veículos de Alta Qualidade; Macife S.A., materiais de construção; Varig; Burroughs do Brasil; Paraizo Indústria de Moveis S.A.; Braniff Internacional Airways; Semp Rádio e Televisão; Oca; Império dos Fogões; I.E.L. Imobiliária Esperança Ltda; Maiatex S.A.; João Lopes e cia Ltda Industria Reunida de Mármore e Granitos; Frank fundações e infra-estrutura; Usem Azulejos Brancos e de Cores; Enciclopédia Delta-Larousse; Almeida&Almeida

que, durante o ano, várias trocas de favores aconteceram e ceder o espaço na edição especial de *Rosh Hashaná* era uma forma de retribuir o favorecimento. Pode-se levar em conta, também, que uma pequena parcela dos anúncios era paga.

A década de 1960, foi certamente a de maior reconhecimento da revista, tanto dentro quanto fora da sua comunidade. As grandes famílias judias, do ponto de vista empresarial, anunciavam na *Aonde Vamos?*, juntamente com grandes empresas nacionais e internacionais. Sendo a revista ideologicamente alinhada ao bloco capitalista, dentro do contexto da Guerra Fria, tendo leitores nas cidades onde havia comunidade judaica estabelecida, anunciar nela estabelecia um local definido de concepção judaica, ideológica e cultural. Fornecendo uma mão dupla de prestígio para a revista, em função da proeminência dos anunciantes, e para os próprios anunciantes, por participar desse empreendimento jornalístico considerado de qualidade e de afinidade em vários âmbitos.

Na década seguinte, a revista sofreu várias perdas na sua equipe. Aron Neumann, diretor de redação, que agregava grupos ao seu redor, faleceu no início de 1973; o diretor Leão Padilha, de longa data, afastou-se da revista em 1974; o novo diretor, Ronald Fucs, tentava dar continuidade à revista, mas com inúmeras dificuldades. As maiores delas eram de natureza financeira, uma vez que a publicação contava com muitas dívidas, aliás, deixadas em nome da revista por Neumann.

Foram arrolados os anunciantes da revista, nas edições comuns do ano de 1975, podendo-se verificar o número expressivo²⁷⁹. Apesar da maioria dos anúncios ser de pequenos anúncios e de anunciantes cujas empresas eram pouco expressivas do Rio de Janeiro e São Paulo, mas a revista contava com um público de anunciantes fiéis, pagantes ou não.

Na edição especial de *Rosh Hashaná*, de 1975, foram encontrados anúncios de grandes empresas, entre elas: Air France; Varig; El Al; Atlântica Boavista Seguros Grupo Associado ao Bradesco; Construtora Socico; Banco do Brasil; Klabin Irmãos & CIA.; Banco Mercantil de São Paulo; CCE; Brahma; Banco Brascan de Investimento; Estrela; Edições Bloch; Rede de

S.A.; Banco Lar Brasileiro S.A.; Cigarro Minister; Helena Rubinstein produtos de beleza; Willys-Overland; Gillette; British United; Julio Bogoricin corretagem; Companhia Nacional de Cimento Portland; IBESA; Griner S.A. engenheiros; Socico; Pan Am; Air France; Grupo Boavista de Seguros.

²⁷⁹ Relação dos anunciantes da mais assíduos do ano de 1975: Viação Cometa, Vigor, Marca de roupa Adonis Rio, advogado Alberto Salama, Agência Barcelense de Turismo, Org. Jurídico Contábil da comunidade, Cantina Ciccillo, Agente de Viagens, Kei AS - Materiais de Construção, Rio- Cor, Overground- carpetes, pisos e murais; Editora Arte Nova A.S.; Auditec – auditoria, contabilidade e administração de bens; Santa Helena tapetes; Programa de Rádio - A Hora Israelita Brasileira; Clínicas médicas, médicos e laboratórios de análises clínicas; Escrevente juramentado, Agências de Turismo; Advogado, Fotógrafo de casamentos, Terapia psiquiatria; Guarany Center Hotel, em Águas de Lindóia; Companhia de Seguros Porto Seguro; Copenhagen A.S.; D. D. Drin; Porcelana Monte Sião, em Águas de Lindóia; Hotel das Fontes, em Águas de Lindóia; Singer Machine, produtos industriais - representante; 02 restaurantes húngaros; Só Queijo; Aliança Francesa; Enciclopédia Delta-Larousse; Bolsas e malas, no Bom Retiro; Livraria Cohen, livros e artigos judaicos, em geral; Terraço Itália.

Hotéis; KLM; Companhia Nacional de Seguros; Banco Regional. Além de famílias, instituições da comunidade judaica e os pequenos anunciantes das edições ordinárias. No segundo semestre do ano, foram encontrados anúncios da Cia. Suzano de Papel e Celulose, que começou a publicar anúncio de página inteira e a CEBINCO – importação e exportação Ltda, provavelmente, para tentar ajudar financeiramente a revista.

Apesar de verificado que, no ano de 1975, a *Aonde vamos?* ainda contou com grandes anunciantes, em 1976, eles diminuíram drasticamente nas edições comuns. Na edição especial de *Yom Haatzmaut*, entre os grandes anunciantes, somente foi encontrado o Banco Mercantil, permaneceram os pequenos, como médicos e lojistas da própria comunidade. No ano seguinte, quando a revista encerrou suas atividades, a última edição coincidiu com a edição especial de *Rosh Hashaná* de 1977, sendo que publicaram, somente a WIZO, do Rio de Janeiro, a Julio Bogoricin Imóveis S. A., a Aviação Cometa, Air France de página inteira e alguns pequenos anunciantes médicos da comunidade.

Na década de 1970, o falecimento de Aron Neumann provocou forte abalo nas relações da revista, muitos dos grandes anunciantes da comunidade judaica do período, ao anunciar teriam um valor adicional: o de estarem salvando uma publicação judaica, com uma longa trajetória. Mas, após 1975, caíram significativamente o anúncio de grandes empresas. Coincidência ou não, a queda expressiva desse nicho empresarial correspondeu com a contratação do novo redator-chefe Isaac Akcelrud, que tinha uma orientação ideológica e perspectivas comunitárias distintas das defendidas até então pela publicação. Os anunciantes já estavam em declínio, mas a entrada de Akcelrud pode ter potencializado a debandada. Ao final, ficaram somente fiéis ao diretor, Ronald Fucs, muito poucos.

Pode-se constatar que a revista tinha uma boa rede de contatos publicitários que gerava anúncios ao longo de sua trajetória, teve anunciantes fiéis, contínuos, como médicos, contadores e empresas de confecção e varejo em geral pertencentes à comunidade judaica, que foram crescendo progressivamente, somente nos últimos anos que os anúncios decresceram drasticamente. Suspeita-se que o número expressivo deles não pagava o anúncio com dinheiro, como o relatado por Jayme Szwarcfiter (2022). Constatou-se que os anunciantes não se limitavam ao Rio de Janeiro, mas eram provenientes de várias partes do país, com destaque para São Paulo. Essa constatação foi fortalecida pelo relato do Sérgio Megrich (2021). Os anunciantes também davam prestígio à revista de os mencionar.

Uma vez analisados os anunciantes, serão analisadas as fontes internacionais que forneciam informações.

e Agências Internacionais de Notícias

Sobre as agências internacionais de informações que forneceram conteúdo para revista, foram encontradas: *Jewish Telegraphic Agency* (JTA), *Overseas News Agency*, Reuters (a grafia encontrada na revista foi com “h” Heuters) e Palcor. Esta última foi citada no artigo “Como a ‘Aonde Vamos?’ chegou a ser o que é”, de Aron Neumann (1962, p. 46-63), como “agência de correspondência da Palestina”, provavelmente antes da criação do Estado de Israel, nenhuma informação foi encontrada sobre ela.

Uma das principais fontes internacionais sobre a comunidade judaica era a JTA. A *Jewish Telegraphic Agency* (JTA) foi fundada no final da Primeira Guerra Mundial, em 6 de fevereiro de 1917, por Jacob Landau um jornalista de 25 anos, que criou, primeiramente, o *Jewish Correspondence Bureau*, em Haia, para informar as comunidades judaicas do mundo sobre o destino dos judeus, especialmente das frentes de guerra europeias. Em 1919, a JTA mudou para Londres, já com o nome atual. Em 1922, a agência mudou sua sede de Londres para Nova Iorque. De ambos os lados do Atlântico, correspondentes da JTA continuaram a relatar eventos cruciais que afetavam a comunidade judaica e o cenário político global, incluindo o antissemitismo na Europa e na América, a imigração para a Palestina e a crescente ameaça do nazismo. Por volta de 1925, mais de quatrocentos jornais (judaicos e não judaicos) inscreveram-se na JTA.

De 1949 a 1960, a JTA foi apoiada em grande parte pelo Conselho das Federações Judaicas. Após um acordo com a Agência Judaica em 1960, fez a transição para uma agência de notícias, transferindo a propriedade para uma fundação sem fins lucrativos em 1963. A JTA não possui ou defende linha política ou corrente judaica específica.

Sobre a JTA e sua atuação no Brasil, Aron Neumann informou, no relato autobiográfico publicado na revista, que, quando entrou na *Aonde Vamos?*, não havia fonte judaica de informações, a JTA estava proibida de atuar no Brasil e, segundo grandes esforços da sua parte, conseguiu, depois de um ano e meio, que fosse permitido difundir seu conteúdo legalmente para imprensa brasileira (NEUMANN, 1962, p. 46-63). Mais uma vez, pode-se encontrar esses grupos articulando-se e promovendo a circulação das informações de seus interesses. A hipótese é que, durante o Estado Novo, a JTA estava proibida no Brasil, com o final da II Guerra e do Estado Novo, houve um esforço para a difusão de suas notícias no país. Neumann e Padilha foram os prováveis promotores de sua viabilização, pois, à época, ambos já estavam vinculados

à revista e a atuação de Padilha como advogado pode ter facilitado os trâmites legais para permitir a ação da JTA em solo nacional.

A JTA é citada como fonte de informação pela primeira vez na edição de 27 de abril de 1944, como “Notícias telegráficas, (serviço da ITA, especial para Aonde Vamos?)”, posteriormente, passou a ser fonte citada com frequência. Ou seja, antes do final do Estado Novo e da Segunda Guerra Mundial, a imprensa judaica em português contava com a flexibilidade governamental, neste momento, as agências de notícias da comunidade judaica também.

A *Overseas News Agency* (ONA) foi criada pela JTA, em 1940, com escritório em Nova Iorque. Embora projetada para parecer uma agência de notícias normal, na verdade, foi secretamente financiada pelo serviço de inteligência britânico. A ONA forneceu credenciais de imprensa a espiões britânicos e plantou notícias falsas em jornais americanos (Wecker, 2018; Grisar, 2018).

Na edição de 2 de novembro de 1944, na seção Sociais, p. 11, saiu publicado “A ‘Overseas News Agency’ tem novo diretor-geral no Brasil”. O novo diretor da agência era Aron Neumann. A verdadeira função da ONA veio à tona com o livro *Bureau of Spies: The Secret Connections Between Espionage and Journalism in Washington*, do jornalista Steven T. Usdin, publicado em 2018. Enquanto pesquisava um livro sobre sites de espionagem, em uma visita ao *National Press Club*, sede da ONA, o jornalista descobriu o histórico de produção de *fake news* do veículo. No entanto, Neumann, como diretor-geral no Brasil, relatou irregularidades e discrepâncias na veracidade das informações fornecidas pelas agências de informações.

Referi-me antes, a inexistência de arquivos judaicos capazes de atender às necessidades do jornalista judeu [...] Este instrumento de trabalho tornar-se-ia mais útil na proporção em que se desfazia o equívoco inicial de acreditar que todas as notícias, especialmente as de fonte oficiais judaicas eram cem por cento fidedignas. Na medida que começavam a multiplicar-se as fontes de noticiário [...] vi a forma discrepante pela qual um mesmo assunto seria abordado pelas diversas fontes. Um mesmo acontecimento chegava-nos torcido de maneiras diferentes [...] Também não demorou e descobrimos que muitos acontecimentos eram negligenciados ou omitidos por determinadas fontes (Neumann, 1962, p. 46-63).

Ainda segundo o artigo, Neumann relatava que tentou contornar essa situação adquirindo o maior número possível de fontes de informação para poder ter uma visão dos confrontos presentes nas notícias. Tornando-o uma boa parte do trabalho semanal da revista, ler enorme quantidade de informações recebidas, das mais variadas fontes, para tentar não veicular notícias que atendiam a determinados interesses. Neumann, muito provavelmente, não

sabia dos acordos da ONA com o serviço secreto inglês, mas, segundo hipótese defendida, foi perspicaz o suficiente para perceber os ocultamentos e as análises tendenciosas das agências internacionais, principalmente as judaicas.

Outra agência citada na revista - outras agências podem ter sido fonte, mas não foram citadas - foi a Reuters. Foi fundada pelo imigrante alemão de ascendência judaica, Paul Julius Reuter, um dos pioneiros do serviço telegráfico, que, de seu escritório de Londres, em 1851, começou a transmitir informações do mercado de ações entre Paris e Londres. Tornou-se uma das maiores agências internacionais de notícias do mundo, sediada em Londres.

Apesar da Reuters defender sua imparcialidade e integridade jornalística, ela foi acusada por conservadores americanos e de direita, de parcialidade ora liberal, ora de esquerda. Também já foi acusada de posicionar-se pró-britânica e pró-americana, há farta documentação que comprova que a agência foi financiada pela Inglaterra durante o período da Guerra Fria. Em 2019, o Ministério das Relações Exteriores do Reino Unido divulgou documentos que comprovam que houve financiamento à agência de notícias, nos anos 1960 e 1970, para expandir sua cobertura na América Latina e no Oriente Médio. Esse financiamento foi coordenado pelo *Information Research Department*, organização de propaganda secreta do governo britânico (com atividades semelhantes à CIA) e com envolvimento direto com a ditadura civil-militar brasileira (Leigh, 1978, p. 13 *apud* David [...], [s. d.]; Mcevoy; Hunt, 2020). Apesar das críticas feitas por Aron Neumann às agências de notícias internacionais, pode-se afirmar que a Reuters tinha uma postura política e ideológica próxima das defendidas pela revista, um anticomunismo explícito.

Após terem sido elencadas, neste item, as pessoas e instituições que gravitavam em torno da revista, seus vínculos, afinidades ideológicas, comerciais, étnicas, cabe registrar que se constataram fortes vínculos com instituições judaicas nacionais e internacionais, principalmente, centradas no movimento sionista, instituições assistenciais e de cunho social-esportivo, além de ter se verificado ausência total dos grupos e instituições dos grupos judaicos progressistas. Com relação à publicidade, a revista possuía uma grande cartela de anunciantes, mas, majoritariamente, eram realizadas na forma de permuta. O que não permitia que a revista fosse lucrativa do ponto de vista financeiro para seus editores, mas do ponto de vista social e comunitário, pois publicava anúncios de Norte a Sul do país. São Paulo era uma exceção nesse contexto, pois veiculava na maioria dos anúncios pagos, fruto do representante comercial José Megrich.

A revista utilizou amplamente os serviços das agências internacionais de informações, inclusive o redator-chefe da revista foi representante da ONA, no Brasil, por um período. No

entanto, a discrepância no conteúdo das informações disponibilizadas pelas agências não passou despercebida pelo Aron Neumann, que, a crer em seu relato, recebia e lia o maior número possível de informações dos mais variados veículos para tentar verificar ocultamentos explícitos, exageros tendenciosos. Dessa forma, poderia divulgar informações compatíveis com a perspectiva adotada pela linha editorial da revista. Com todos esses dados levantados de pessoas e grupos em torno da publicação, será possível realizar uma análise na busca de compreender como se davam as redes de contato e as trocas de informações na revista. Uma vez que não são esses sujeitos e instituições isolados que interessa, mas sim quais os sentidos sociais de suas ações e redes que construíram em torno da revista.

3.2 Redes em torno da revista

a Redes de mediadores nacionais e internacionais

A revista *Aonde Vamos?* surgiu num momento muito específico da política brasileira e bastante dramático para as comunidades imigrantes, que se expressavam em uma língua distinta do português. A ditadura do Estado Novo (1937-1945) tinha como proposta ideológica o nacionalismo, rechaço e hostilidade de influências consideradas estrangeiras. Uma ação que impactou e coibiu todas as comunidades estrangeiras foram as proibições de publicações de língua que não a portuguesa. A imprensa judaica, que tinha dado seus primeiros passos na década de 1910, no final dos anos de 1930, quando das proibições destas publicações, já tinha longa trajetória, tanto em ídiche, como em português.

Com já relatado no capítulo 1, a imprensa judaica em português teve um caráter mais efêmero, as publicações em língua ídiche²⁸⁰ foram várias, majoritariamente de curto período, mas houve algumas mais perenes, como o *Ídiche Folkstzeitung* (*Gazeta Israelita*, RJ, 1927-1941), *Ídiche Presse* (*Imprensa Israelita*, RJ, 1929-1940, 1947-1988) e o *San Pauler Ídiche Tzeitung* (*A Gazeta Israelita de São Paulo*, SP, 1931-1941). Essa legislação que coibiu a existência das publicações estrangeiras encerrando suas atividades e destruindo uma parte importante da vida intelectual e cultural judaica. Os intelectuais que aqui chegaram nos anos de 1910, 1920 e 1930, e procuraram implementar uma imprensa ídiche, menor, mas semelhante à que conheciam na Europa do Leste, ficaram aliados de sua expressão comunitária, tão

²⁸⁰ A imprensa judaica publicada no Brasil foi objeto de análise no capítulo 1.

importante em se tratando de estrangeiros em terras distantes e distintas de onde vieram, independente das motivações da partida.

Como já afirmado anteriormente, em 1943, quando do surgimento da *Aonde Vamos?*, no Rio de Janeiro, a única publicação da comunidade judaica brasileira era a *Crônica Israelita* da Congregação Israelita Paulista de São Paulo. Era destinada aos associados da instituição, fundada por judeus refugiados do fascismo e do nazismo, que ascendeu na Europa nos anos 1930, que na sua maioria falavam alemão e italiano, não o ídiche. Inclusive o jornal foi, em seu primeiro ano, publicado em alemão, posteriormente passou para o português, em função das leis restritivas às línguas estrangeiras.

Sendo assim, quando surgiu a revista *Aonde Vamos?* em português, tratou-se, provavelmente, de um grande alento aos intelectuais judeus que tanto se esforçaram para criar uma imprensa ídiche no Brasil, que lutaram por suas orientações e convicções políticas, sionistas ou não, no período anterior às proibições do Estado Novo. Dessa forma, a revista congregou esses intelectuais, pois se encontra na revista como um dos primeiros diretores Sabbath Karakuschansky, jornalista com longa trajetória na imprensa ídiche carioca. Mas não foi somente ele, nem somente jornalistas, mas também ativistas e lideranças sionistas de variados matizes que integraram a *Aonde Vamos?* num primeiro momento. Nomes como Samuel Malamud (Ucrânia, 1908- RJ, 2000), grande ativista da comunidade judaica e advogado, e David José Perez (Pará, 1883-Rio de Janeiro, 1970), editor do primeiro periódico em português no Brasil *A Columna* (RJ, 1916-1917) e muitos outros. Isso na cidade do Rio de Janeiro, possibilitando, assim, a continuidade da vibrante imprensa ídiche, agora em português, e permitiu a continuidade das trocas com a imprensa ídiche ou não da Europa e em outros lugares como a Argentina. Na Polônia, por exemplo, em 1930, cerca de 250 jornais judaicos eram publicados com regularidade, anualmente eram publicadas centenas de obras em ídiche e hebraico, muitas cidades possuíam um teatro judaico e o cinema ídiche teve, nesse período, seu florescimento (Roth, 1967; Barnavie, 1995). Mundo este que seria totalmente destruído com a Segunda Guerra Mundial.

Pode-se apropriar da assertiva, expressa no livro *Intelectuais Mediadores: práticas culturais e ação política*, no capítulo: Prefigurações da paisagem historiográfica: revistas, coleções e mediação de Gisele Martins Venâncio, que também se aplica à produção da imprensa periódica “[...] é possível afirmar que assim como qualquer outra produção cultural, as obras históricas também necessitam de uma rede complexa de mediadores para que encontrem seu espaço de circulação e recepção, neste texto. ” (Venâncio, 2016, p. 457).

Dessa forma, mesmo não sendo a intenção de Neumann criar uma grande rede de contatos pelas cidades do Brasil, isso acabou por se efetivar. Em função da longevidade e da ausência de outros periódicos no período do Estado Novo, a revista acabou criando uma ampla conexão com as comunidades judaicas em várias cidades brasileiras, através da atuação de representantes e assinantes. E, assim, também ajudou a construir uma identidade judaico-brasileira, estimulou ou potencializou o movimento sionista de diversas matizes no Brasil e instigou debates em torno dessas questões, ainda que nem sempre harmônicas.

Na revista, é possível identificar os nomes dos representantes das sucursais das primeiras edições de publicação até 18 de junho de 1953, a partir dessa data, aparecem somente a equipe do Rio de Janeiro, a sede, o endereço da sucursal São Paulo e, de forma genérica, agentes por todo Brasil. Verifica-se a penetração da revista e a formação de uma rede pelo Brasil, comprovada pela longa lista de sucursais e representantes que possuía. Alguns lugares conseguiram uma estabilidade nessa representação, em outros, houve uma grande variação de representantes, em geral ativistas da comunidade judaica local e alguns membros proeminentes delas.

Em São Paulo, um mês depois do começo da revista, surgiu o primeiro representante, em 22 de abril de 1943, denominado correspondente Moisés Schwartzman²⁸¹. No mês seguinte, 20 de maio de 1943, o representante mudou para diretor Fernando Levisky (1910–1982), que foi escritor, jornalista, advogado e autor da Enciclopédia Judaica Resumida e de outras obras. Mantinha a Coluna Israelita no *Diário de S. Paulo* no ano de 1941. Na década de 50, promoveu uma campanha, conhecida como “A campanha dos dicionários”, com a finalidade de banir dos dicionários de língua portuguesa as referências ofensivas aos israelitas.

No entanto, a estabilidade do representante da capital paulista demoraria a chegar, no começo do ano seguinte não saiu publicado o representante e, na edição de 3 de março de 1944, apareceu, na sucursal de São Paulo, o nome de Isidoro Waisman. Seu nome consta no relatório confidencial da Polícia Civil do Distrito Federal de 28 de novembro de 1943, denominado “Caso Aron Neumann”, como um dos proprietários da revista. No entanto, como não foi encontrado nenhum outro documento, não foi possível verificar se, naquela data, de fato, ainda era proprietário da revista. Em 25 de maio de 1944, só constava o endereço da sucursal, sem menção ao representante. No começo de 1945, a partir de 25 de janeiro, apareceu o novo representante: Jacob Gordon. Seu nome foi encontrado na Ata de 24 de setembro de 1933, no

²⁸¹ Moisés Schwartzman faleceu em 29 de março de 1968. Encontra-se sepultado na quadra 49, setor D, sepultura 45, do Cemitério Israelita do Butantã, SP. (Levantamento realizado por Paulo Valadares e Guilherme Fainguenboim nos Cemitérios Israelitas da Vila Mariana e do Butantã, SP, e cedido à pesquisadora).

Fundo Ezra, sociedade de assistência mútua da comunidade judaica, no Centro de Memória do Museu Judaico de São Paulo, como sócio da instituição. Seu nome também foi encontrado no jornal *Crônica Israelita* de 14 de dezembro de 1944, como Secretário da Congregação Israelita Paulista.

Em 31 de maio de 1945, mais uma vez o representante mudou, cargo passado a Isac Wasserman²⁸². Quase dois anos depois, a sucursal de São Paulo ganhou um subagente, o Sr. M. Sonntag²⁸³, que atuou no período de 4 de setembro de 1947 até 27 de maio de 1948. Permaneceu, depois disso, somente Isac Wasserman.

Na edição de 6 de janeiro de 1949, só o endereço da sucursal de São Paulo aparece, sem o representante, e, a partir de 26 de junho de 1949, o nome de todos os representantes e seus endereços começaram a não aparecer na revista de maneira regular, e só voltando de forma definitiva em 5 de janeiro de 1950. Na edição de 24 de novembro de 1949, começaram a surgir indícios do que houve, justificando essa descontinuidade, pois foi publicada uma chamada, que, em função da mudança do quadro de funcionários, a sucursal São Paulo teria horário reduzido de funcionamento, das 15h às 18h, e não constando o seu endereço. Já em 22 de dezembro de 1949, publicou-se, em uma nota, que a comunidade de São Paulo, conforme o esperado pela revista, estaria respondendo plenamente ao apelo em defesa da imprensa judaica independente, seguindo-se a afirmação que, na semana, foram registradas mais sete renovações de assinaturas, somadas às 16 da semana anterior, o que perfaz o total de 23, e mais 11 novas assinaturas. Na mesma edição, encontra-se esse texto:

Pouco a pouco, com a ajuda dessas pessoas que sinceramente sentem necessidade da fiscalização da vida sionista, por intermédio de uma imprensa livre, sem outros compromissos além da defesa do interesse público, “Aonde Vamos?” recupera o terreno perdido por força das maquinações e da sabotagem com que tentaram colocá-lo à margem do “Ichuv”²⁸⁴ paulista (Aonde Vamos?, 1949, p. 14).

A hipótese é que o desentendimento se deu por divergências da linha sionista defendida pela revista e pelas denúncias realizadas pelo redator-chefe, Aron Neumann, que abalaram seu prestígio e a representação em São Paulo. O ano de 1950 em sua total extensão foi perpassado

²⁸² Isac Wasserman faleceu em 21 de janeiro de 1969. Encontra-se sepultado na Quadra 49, setor D, sepultura 131, no Cemitério do Butantã. (Levantamento realizado por Paulo Valadares e Guilherme Fainguenboim nos Cemitérios Israelitas da Vila Mariana e do Butantã, SP, cedido à pesquisadora).

²⁸³ Magnus Sonntag faleceu em 01 de setembro de 1954. Sepultado na Quadra 5, setor H, sepultura 50, no Cemitério Israelita do Butantã, SP (Levantamento realizado por Paulo Valadares e Guilherme Fainguenboim nos Cemitérios Israelitas da Vila Mariana e do Butantã, SP, cedido à pesquisadora).

²⁸⁴ *Ishuv* (em hebraico significa assentamento) é um termo que se refere aos assentamentos judeus existentes na Terra Santa antes da criação do Estado de Israel, no entanto, o termo é também usado genericamente para designar a comunidade judaica de uma região.

pela irregularidade das informações das sucursais e da nota sobre o horário reduzido da sucursal de São Paulo em função da troca de funcionários. Na edição de 30 de março, ainda nessa proposta de defesa da revista, saiu publicada a comemoração do 20º assinante da revista, morador de Israel, sendo que essa informação vinha acompanhada de outra, da que a revista possuía assinantes nas Américas e na Europa, mas sem a divulgação dos números. Em 27 de abril, uma nota apresentava que havia contratado um agente para São Paulo capital e outro para o interior, dessa forma, tem-se a informação sobre a existência de assinantes e anunciantes no interior do estado.

Em 1951, parece que a revista retomou seu prestígio junto aos leitores de São Paulo, mas, mais uma vez, com mudanças constantes dos representantes. Em 5 de abril, por exemplo, a revista teve dois endereços, sem o nome dos representantes: “para Sociais, Publicidade e Assinaturas Rua Xavier de Toledo, 316 e Agência no B. Retiro: Livraria Weltman”. A Livraria Weltman permaneceu até 26 de junho, quando foi substituída por “INTERIOR DE SÃO PAULO Revistas Especializadas do Brasil (representação exclusiva)”, que também teve curta duração — até 20 de novembro. Em 28 de junho, surgiu a sucursal de Santos, com o representante Jacob Chivindelman, mas só durou até 22 de novembro do mesmo ano. O que permaneceu foi o endereço da rua Xavier de Toledo.

No ano de 1953, houve uma mudança na diagramação e local de publicação das informações gerais da revista, sendo que, em 18 de junho, apareceu somente: “sucursal São Paulo, Rua Xavier de Toledo, 316 e agentes por todo Brasil”.

Todas as outras sucursais surgiram quando o Estado Novo já havia terminado, fossem estimulados pelos ares democráticos, pela maior segurança das comunidades estrangeiras com o governo ou pelo, já a essa altura, reconhecimento da revista como órgão jornalístico comunitário.

A sucursal de Curitiba apareceu em 1945, no exemplar de 25 de janeiro de 1945, representada pelo Boruch Bariach, que foi um importante nome do sionismo brasileiro, de origem polonesa, que desembarcou no Brasil em 1931. Em 1933, assumiu a direção da Escola Israelita Brasileira de Curitiba, permanecendo em sua direção por mais de uma década. A pedido da Organização Sionista do Rio Grande do Sul, em 1947, mudou-se para Porto Alegre, a fim de dirigir o Instituto de Educação e Cultura (Colégio Israelita, criado em 1922), ensinar a língua hebraica à juventude e desenvolver atividades de caráter sionista na comunidade local (Bartel, 2015, p. 142).

Somente em 1947, houve a mudança de representante de Curitiba, muito provavelmente em função da transferência de Bariach para Porto Alegre. Em 30 de janeiro, o novo

representante era Marcos Raisman, que ficou até 27 de maio de 1948. A revista permaneceu sem representante em Curitiba até 24 de junho de 1948, quando surgiu Isaac Schilklaupper, médico, que na faculdade de medicina, na Universidade Federal do Paraná, foi o fundador, com outros colegas, do primeiro curso preparatório para vestibular de Medicina, Odontologia e Farmácia, o curso Oswaldo Cruz (1949-1965). Portanto, foi representante da revista no período universitário e ficou como representante até 12 de julho de 1951. Só ressurgiu uma representação em 15 de janeiro de 1953, com Flora Gilda Orenbuch²⁸⁵, que desapareceu com as outras sucursais nas páginas da revista, substituídas por “agentes em todo Brasil”, em 18 de junho de 1953.

A cidade de Porto Alegre ganhou uma sucursal na mesma edição de Curitiba, 25 de janeiro de 1945, com Isidoro Frantzuski, que era correspondente da revista *Aonde Vamos?* desde 1943. Em 4 de setembro de 1947, mudou o representante para Marcos Netrovski (1930-2012), médico com um dos registros mais antigos no Conselho Regional de Medicina do Rio Grande do Sul. Ele assinava uma coluna quinzenal, denominada Quinzena Porto-Alegrense. Em 18 de maio de 1950, o representante mudou novamente para Samuel R. Wainer²⁸⁶, que permaneceu até 23 de abril de 1953.

Belo Horizonte também constou entre as sucursais da edição de 25 de janeiro de 1945, com o representante Jacob Grinberg, que participou da reorganização do sionismo em Minas Gerais, em 1945, com a formação, em Belo Horizonte, da comissão composta pelos seguintes dirigentes: Alberto Avritzer, presidente; Moisés Kraiser, vice-presidente; Jaime Kendler, 1º secretário; Jacob Grinberg, 2º secretário, Salomão Sternik, 1º tesoureiro, Samuel Kalichman, 2º tesoureiro, Isaac Cohen, prof. Abraam Chassim e José Margalith, Comissão cultural e propaganda (Bartel, 2015, p. 151). Na revista *Aonde Vamos?*, encontra-se o anúncio do advogado Jacob Isac Grinberg em Belo Horizonte. Nessa sucursal, não houve troca de representante, mas, da edição de 30 de abril de 1953 em diante, não saiu mais publicada a sucursal Belo Horizonte.

Em 6 de abril de 1945, surgiram outras sucursais, como a da Bahia, representada por Abraão Zaverucha²⁸⁷. No ano seguinte, na edição de 29 de agosto de 1946, mudou o representante para Saul Zaverucha²⁸⁸. Em 10 de julho de 1952, mudou o representante para

²⁸⁵ Flora Gilda Orenbuch (RJ, 1934–PR, 2015).

²⁸⁶ Não se trata do Samuel Wainer, criador do jornal *Última Hora*, mas de um homônimo.

²⁸⁷ Abraão Zaverucha (BA, 1922-PE, 2003).

²⁸⁸ Saul Zaverucha (BA, 1925–PE, 2013), engenheiro civil e professor do Departamento de Engenharia Civil da UFPE por trinta anos. Era irmão do representante anterior da Bahia, Abraão Zaverucha, informação cedida por David Paves.

Jaime Zaverucha²⁸⁹ até a edição de 18 de junho de 1953, quando deixaram de ser publicadas as sucursais na revista. Os representantes da sucursal da Bahia são irmãos que foram se alternando na representação da revista em Salvador.

Outra sucursal que teve origem na edição de 6 de abril de 1945 foi a de Recife, com o representante Elias Roitman. No entanto, não tardou para que David Fassberg assumisse a função, em 22 de novembro de 1945. Informações sobre a família de David Fassberg foram encontradas na dissertação de mestrado de Luciana Souza de Oliveira (2009, p. 90) sobre a comunidade judaica de Natal: Moisés Fassberg veio casado para Natal, tendo chegado em 1928. Tinha dois filhos, Netti Fassberg, que foi a primeira estudante judia natalense a frequentar a Universidade no Recife, fato prontamente anotado no livro da comunidade de Natal no dia 11 de julho de 1930; e David Fassberg, que estudava no Jardim de Infância Israelita. Moisés Fassberg chegou a ser presidente do Centro Israelita de Natal no ano de 1931. David Fassberg permaneceu na representação da revista por quase dois anos e, em 6 de fevereiro de 1947, o representante mudou para Manoel Averbuch²⁹⁰, sendo que, somente em 4 de janeiro de 1952, mudou para Mauricio Averbuch²⁹¹, que continuou até 18 de junho de 1953, quando deixaram de constar as sucursais na revista.

No ano de 1946, apareceu a sucursal de Belém representada por Samuel Benchimol, o que consta na edição de 5 de dezembro daquele ano, e que se tem registro até 8 de maio de 1947. Samuel Isaac Benchimol (Manaus, 1923–2002) foi um destacado membro e ativista da comunidade judaica de ascendência marroquina de Manaus, além de presidente do Comitê Israelita do Amazonas, professor Emérito da Universidade do Amazonas, catedrático da disciplina “Introdução à Amazônia” e co-fundador do grupo Bemol-Fogás, em 1942. Estudou a região amazônica, seus aspectos sociais na economia e no desenvolvimento sustentável no entorno do rio Amazonas, publicou 109 trabalhos e foi membro da Academia Amazonense de Letras. Dedicou-se também, de forma pioneira, ao estudo dos judeus marroquinos no Norte do país, no período do Ciclo da Borracha. Em 2006, foi criado o Prêmio (anual) Professor Samuel Benchimol e Banco da Amazônia de Empreendedorismo Consciente para apoiar pesquisas que contribuam para o entendimento e sustentabilidade da região amazônica.

²⁸⁹ Jaime Zarevucha foi engenheiro, irmão de Abraão e Saul Zaverucha, tornou-se, aliás, nome de rua em Salvador.

²⁹⁰ Nada foi encontrado sobre Manoel Averbuch, mas o pai de Maurício Averbuch chamava-se Marcos Averbuch. Não sabemos se adotou o nome Manoel ou se trata de outra pessoa com o mesmo sobrenome.

²⁹¹ Mauricio Averbuch (PE, 1924 – 1991).

Depois da saída de Benchimol, a revista ficou sem sucursal em Belém até 30 de dezembro de 1947, quando Isaac Ramiro Bentes²⁹² assumiu o cargo, ficando até 27 de maio de 1948. Mais uma vez, a revista ficou sem a sucursal até ressurgir em 16 de dezembro 1948 com Maluf Gabbay²⁹³. Em 16 de junho de 1949, mudou novamente o representante para José Lancry²⁹⁴. A transição de Maluf Gabby para José Lancry na representação da sucursal Belém deu-se de forma consecutiva. José Lancry era advogado e a partir da década de 1960 foi juiz do trabalho em Belém.

Em 19 de março de 1953, foi descontinuada a publicação da sucursal Belém. Sobre o representante dessa sucursal, no período em que não constam mais os nomes dos representantes, tem-se, por relato de Yehuda Benguigui e do antropólogo Wagner Lins, que, nas décadas de 1960 e 1970, o representante foi Manoel Kislanov²⁹⁵, de origem ucraniana, era um dos poucos asquenazitas (judeus de origem europeia) da comunidade judaica de Belém. No jornal *Unzer Stime*, de 30 de outubro de 1947, p. 10, publicado pela comunidade progressista de São Paulo, constam informações sobre a comunidade israelita do Pará. O jornal informa a futura instalação da Escola Israelita Brasileira Sarah Kislanov, da existência da Biblioteca Bacheva Kislanov, o nome da biblioteca foi dado em homenagem a mãe de “dois grandes beneméritos da comunidade Israelita do Pará, senhores Jacob e Manoel Kislanov” e noticia que os irmãos faziam parte da direção do Comitê Israelita do Pará.

A última sucursal a surgir foi a sucursal de Manaus, em 4 de setembro de 1947, com representação de Fortunato Siqueira (Manaus, ? - 1993). Seu nome aparece na *Folha Israelita* – órgão da Coletividade Israelita Brasileira no Amazonas de janeiro de 1949 como comerciante e representante da revista *Aonde Vamos?*, e como correspondente do Amazonas na revista da Associação Comercial – publicação mensal da Confederação das Associações do Brasil, da Federação das Associações Comerciais, Industriais e Agropastoris do Estado do Rio de Janeiro e da Associação Comercial do Rio de Janeiro, agosto e setembro de 1989. Foi membro da diretoria da Associação Comercial da Amazônia e membro ativo do Rotary Club. Foi membro destacado da comunidade amazonense, dentro e fora da comunidade judaica. Ele foi o único representante da sucursal Manaus, desde o início até o fim da publicação das sucursais na revista, em 18 de junho de 1953.

²⁹² Isaac Ramiro Bentes (PA, ? – 1956) descendente de judeus marroquinos que se estabeleceram no Norte do Brasil e irmão do Abraham Ramiro Bentes, oficial do exército brasileiro e autor de *Os Sefardim e a Hakitia* (1981); *Das Ruínas de Jerusalém a Verdejante Amazônia: Formação da 1a. Comunidade Israelita Brasileira* (1987); *Primeira comunidade israelita brasileira: tradições, genealogia, pré-história* (1989).

²⁹³ Maluf Gabbay (Breves, PA, 1924–Belém, PA, 1985).

²⁹⁴ José Lancry (PA, 1921-1982).

²⁹⁵ Manoel Kislanov (Rússia, 1896-PA, 1984).

Verifica-se, pela exposição dos representantes da revista, que ela mobilizou membros da comunidade judaica de oito capitais e, provavelmente, de outras cidades de Norte a Sul, a saber: São Paulo, Curitiba, Porto Alegre, Belo Horizonte, Salvador, Recife, Belém e Manaus, principalmente a partir de 1948, a investirem seu tempo procurando assinantes, vendendo anúncios, mandando informações para preencher as colunas dedicadas aos acontecimentos locais, seja de casamentos, bar mitzvot, nascimento, falecimento, eventos culturais e comemorações comunitárias. Os representantes eram, inicialmente, membros proeminentes dessas comunidades, provavelmente o prestígio que possuíam ajudava na penetração da revista carioca nessas comunidades e vice-versa. A interrupção da publicação dos nomes dos representantes na revista, acredita-se, deveu-se ao excesso de personalismo que essa função dava aos representantes, que, por vezes, rompia ou desentendia-se com os membros da comunidade local ou com os integrantes da revista. Dessa forma, acredita-se que se optou, a partir de 1953, por um formato mais profissional e menos centrado no prestígio do representante. Também, devido ao fato de o redator-chefe ter pretensões profissionais e empresariais para a publicação, como já analisado anteriormente, qualquer oposição aos seus princípios e valores era considerado uma traição, o que consequentemente, gerava o rompimento da relação de representação com a revista.

Outra rede construída pela revista e importante para análise de suas redes foram os colaboradores e articulistas. Para uma análise do perfil dos colaboradores que publicaram na revista, não pertencentes à equipe diretamente a ela vinculada, foi realizado um levantamento dos nomes dos autores de artigos assinados²⁹⁶, o que se seguiu a organização em tabelas. Pode-se afirmar que, em geral, todos os envolvidos diretamente com a revista escreviam nela, às vezes assinavam, outras não. Segundo Tânia de Luca (2005) “as revistas constituem-se, na maioria das vezes, em projetos coletivos, ponto de encontro de itinerários individuais unidos em torno de um credo comum.”

De forma sistemática, para possibilitar uma visão geral ao longo do tempo de publicação e para uma análise dos colaboradores, que não estavam diretamente vinculados à revista, foi estabelecido o seguinte critério: foram elencados nomes dos autores dos artigos de um ano completo de cada uma das décadas de publicação do periódico: o ano de 1943, data escolhida

²⁹⁶ Esse levantamento foi realizado na coleção digital existente da revista e não nos exemplares físicos. Portanto, algumas edições podem ter ficado de fora do levantamento, bem como algumas páginas dos exemplares. Foi constatado que a coleção digitalizada, assim como a coleção física não estão completas, ambas contêm edições inteiras faltantes e, em outros casos, páginas faltantes. O ideal para a pesquisa seria um cruzamento das duas coleções, mas não foi possível em função da pandemia, que obrigou as instituições que preservam o acervo físico a fecharem suas portas por longos períodos.

tendo em vista ser o início da publicação, há época voltada para a comunidade judaica e que serviu como marco para as décadas seguintes; 1953, da década de 1950; 1963, da década de 1960; 1973, da década de 1970 (Ver Apêndice).

No ano de 1943, foram encontrados 103 articulistas, que publicaram artigos, contos, crônicas, entrevistas e poesia. Após checar informações sobre esses articulistas, chamou a atenção o número deles que escreveram a partir do exterior. Dentre os nomes que foram levantados - em trinta deles não se localizou referência bibliográfica -, chegou-se a 37 estrangeiros com artigos assinados. Foram encontrados artigos de jornalistas, ou pessoas envolvidas com a imprensa, em geral judeus com histórias de grande mobilidade. Trajetórias, assim como a de Aron Neumann, que nasceu na Alemanha, foi para o Chile e, depois, para o Brasil, sem datas exatas de cada uma das partidas e chegadas, mas com datas aproximadas e consideradas mais acertadas. Pode-se citar neste perfil vários articulistas deste ano.

Abraham Mibashan é um deles, nasceu na Romênia, depois de casado, mudou-se para Tel Aviv, atuou como professor de hebraico. Foi secretário do primeiro prefeito de Tel Aviv. Depois, voltou para a Romênia e de lá foi para Buenos Aires. Tornou-se ativista comunitário e fundou a editora, Candelabro.

B. I. Goldstein (Podolia, 1879). Viveu em Kiev de 1900 a 1905, escrevia críticas de teatro. Após os pogroms de 1905, partiu para o Canadá, onde editou o jornal *Der yid* e publicou a peça “*Eyferzukunft*”. Em Montreal, escrevia na seção dramática de *Hazamir*. Mais tarde, foi para Nova Iorque, onde se tornou editor do *Der tog* e do *Teater-peydzh*, escreveu, também, resenhas do teatro iídiche.

Boris Smoliar (Ucrânia, 1897–EUA, 1986) era jornalista. Serviu no exército russo e trabalhou como correspondente de guerra durante a 1ª Guerra Mundial. Imigrou para os Estados Unidos, em 1919, estudou na *Medill School of Journalism* na *Northwestern University*. Pertenceu à equipe editorial da filial, de Chicago, do *Jewish Daily Forward*. Ingressou na Agência Telegráfica Judaica em 1924, como correspondente europeu. Foi editor-chefe do JTA de 1939 a 1967. Escreveu livros para crianças e adultos em iídiche e hebraico, bem como colunas de jornais semanais para o JTA e para o *Jewish Daily Forward*.

David Shub, (Ucrânia, 1887-EUA, 1974), jornalista e escritor. Imigrou para os EUA, em 1908. Começou a trabalhar no *Jewish Daily Forward*, em 1924, onde ficou por mais de 48 anos. Escrevia em iídiche, hebraico e inglês. Publicou, entre outros, os livros: *Heroes and Martyrs* (1939); *Lenin: a Biography* (1948); *Social Thinkers and Fighters* (1968); *Political Figures: Russia, 1850-1928* (1969). Suas memórias foram publicadas em 1970, sob o título *From Bygone Days*.

Hilel Rogof (Bielorússia, 1883-EUA, 1971) era um jornalista e escritor ídiche. Imigrou para os EUA em 1890. Atuou no movimento socialista. Foi editor do *Jewish Daily Forward* (NY, 1897- atual) de 1951 a 1964. Colaborou também com inúmeros jornais ídiche nova-iorquinos.

Negley Farson (EUA, 1890-Inglatera, 1960) era um autor e aventureiro americano. Pescador renomado, escreveu o clássico da literatura pesqueira, *Going Fishing* (1942). Cursou engenharia civil na Universidade da Pensilvânia, onde foi expulso e emigrou para a Inglaterra. Lá formou-se em jornalismo e viajou para a Rússia, presenciou a Revolução Russa. Tornou-se um dos correspondentes estrangeiros renomados de sua época.

Walter Duranty (Reino Unido, 1884-EUA, 1957) foi jornalista. Foi chefe do escritório de Moscou do *New York Times*, entre 1922 e 1936. Ganhou o Prêmio Pulitzer pelos relatos da URSS, em 1932. Posteriormente, foi duramente criticado por negar a fome existente na URSS.

Tem-se a hipótese que Neumann, de alguma forma, conhecia ou tinha relações indiretas com todos esses jornalistas, num forte intercâmbio de informações e mediadores dos jornais, na sua expressiva maioria, judaicos. Tem-se, assim, uma rede de jornalistas judeus, com grande mobilidade territorial, que produziam jornais, artigos e conectavam-se mundialmente. Três mulheres escreveram artigos nesse ano, não foi um número expressivo, mas se pode registrar que as portas não estavam fechadas para as articulistas mulheres. Dos artigos de autores nacionais também foram encontradas mulheres. Dessas articulistas estrangeiras, duas eram provenientes da Inglaterra, a outra com a trajetória marcada pela mobilidade, são elas: Caroline Alice Lejeune (Inglaterra, 1897–1973), escritora conhecida por servir como crítica de cinema para o *The Observer* de 1928 a 1960. Ela estava entre os primeiros críticos de cinema de jornais e acredita-se que tenha sido a primeira mulher britânica na profissão; Crystal Selwyn Herbert (Inglaterra, 1915-1999), feminista, participou da *Fabian Society*, sociedade socialista fundada em 1884 em Londres, tendo como objetivo o estabelecimento de um estado socialista democrático na Grã-Bretanha. Acreditava no socialismo evolucionário e não na revolução, em 1906, filiou-se ao Partido Trabalhista inglês (Fabian [...], [s. d.]); R. G. Waldeck (Alemanha, 1898–EUA, 1982) era jornalista e escritora. Escreveu vários livros, entre eles, *Prelúdio ao passado* (1934).

De forma sistemática, no ano de 1943, dos autores estrangeiros têm-se: dos Estados Unidos vinte e um articulistas; Inglaterra, nove; três da então Palestina; dois da Argentina e México e, com um único autor, tem-se Tchecoslováquia, Polônia, Bélgica, França e URSS. Pode-se concluir que, naquele ano, foram publicados inúmeros artigos de autores de fora do Brasil. Entre os articulistas do exterior, muito mais da metade é de origem judaica, mostrando

um forte intercâmbio e conexão entre jornalistas, escritores e comentaristas de várias partes do mundo com o grupo que publicava a *Aonde Vamos?*.

Verificou-se que 39 articulistas escreveram do Brasil, majoritariamente do Rio de Janeiro, no entanto, foram encontrados autores do Ceará e de São Paulo, estão, entre eles, brasileiros natos, imigrantes naturalizados e não naturalizados. Diferente dos autores estrangeiros, no Brasil, o número é equiparável entre judeus e não judeus. A hipótese que, em pleno Estado Novo e com a Segunda Guerra Mundial a todo vapor, constituía boa e prudente política ter número equiparável de articulistas de brasileiros natos.

Parece que a intenção da revista desde seu começo era de ser um grande veículo de comunicação, mesmo que destinado a uma comunidade imigrante, isso em função da diversidade de autores, com posturas políticas, por vezes, desarmônicas. Também a busca pelo reconhecimento profissional e sustentabilidade financeira, uma vez que foi desde o começo uma empresa jornalística e defendeu sua independência política e ideológica de forma veemente.

Outra questão relevante para o grande número de autores nacionais, muito provavelmente, se deve ao fato do primeiro diretor da revista, Ladislau Vinhaes, ser um jornalista não pertencente à comunidade judaica, com longa experiência na área. Certamente possuía uma significativa rede de contatos e ambições de constituir uma publicação que dialogasse com público brasileiro de origem diversificada e em contato com outros veículos de comunicação. Vale a ressalva, já citada neste trabalho, que esse primeiro diretor da revista se desvinculou dela por não ter interesse pelas questões judaicas.

No ano de 1953, constatou-se uma diminuição do número de articulistas, dos 103 de 1943, passou para 53, em 1953, ou seja, quase metade de dez anos antes. Ao analisar os articulistas, verificou-se que somente quatro autores continuaram a escrever na revista, pois, seus nomes foram encontrados no levantamento do ano de 1943. São eles: Boris Smolar jornalista judeu, residente nos Estados Unidos; Adolfo Schweitzer, Isaac Izecksohn e Manoel Ingner, todos da comunidade judaica brasileira. Pouca continuidade de colaboradores que não faziam parte da equipe vinculada com o periódico.

A relação entre articulistas estrangeiros e provenientes do Brasil mudou bastante. Os articulistas que escreviam do Brasil eram somente 12 e estavam concentrados nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, com a exceção de um tradutor, todos pertenciam à comunidade judaica. Uma alteração no destaque da tradução dos textos: em 1943, destacava-se o tradutor acima do texto e o autor original ficava em uma caixa separada. Nas edições de 1953, deu-se destaque ao autor traduzido e não ao tradutor. Provavelmente, isso se deve ao fato de que as

grandes lideranças comunitárias que realizavam consecutivas traduções na revista, já não estavam mais atuantes e, dessa forma, essa atividade foi perdendo o prestígio, sendo ressaltado o autor do texto traduzido.

Vale ressaltar que a tradução de textos de autores estrangeiros foi uma atividade importante na revista e um de seus marcos diferenciais. Muitos dos autores traduzidos foram apresentados pela primeira vez ao público brasileiro nas páginas da revista, confirmado como por exemplo, no relato de Jacob Pinheiro Goldberg, que afirmou que leu Kafka pela primeira vez na revista *Aonde Vamos?* (Dolinger, 2008, p. 101).

Uma observação importante com relação aos textos traduzidos se refere ao fato que muitos dos eram da literatura ídiche e hebraica, clássica ou moderna. Dessa forma, a revista moldou com a divulgação dessa literatura o repertório literário judaico da comunidade brasileira. Sendo assim, grande responsável pela circulação e transferência cultural dos textos judaicos no Brasil, sendo um importante mediador dessa literatura em território nacional.

Dos 53 articulistas de 1953, foram identificados 27 autores estrangeiros, sendo que 14 estavam vinculados ao mercado de impressos, como jornalistas, comentaristas, escritores ou editores e somente um não era de origem judaica, mas se aproximou do judaísmo. Tratava-se de Aimê Pallière (França, 1868-1949) escritor, jornalista e teólogo. Nascido de família católica, depois de uma visita à sinagoga de Lyon, no *Yom Kipur* (Dia do Perdão), começou a estudar o judaísmo. Foi discípulo do rabino italiano E. Benamozegh, tornou-se judeu observante e líder espiritual da sinagoga reformista de Paris. Foi presidente da União Mundial da Juventude Judaica. Editou o jornal *Chalom*, dava palestras, escrevia artigos e publicou vários livros. No fim da vida, aproximou-se do catolicismo. Mais uma vez de forma expressiva, a constituição de vínculos e sociabilidade ao redor do mundo, tendo como mote a imprensa judaica, oferecendo ao público brasileiro e em português grande diversidade de autores das mais variadas terras, provavelmente querendo reforçar seu cosmopolitismo e erudição enquanto veículo de comunicação.

No entanto, nenhuma mulher foi encontrada entre os autores, houve uma maior expressividade de professores acadêmicos que publicaram seus artigos, com relação à década anterior, são eles: Alvin Rosenfeld (EUA, 1938) professor e estudioso sobre o Holocausto e o novo antissemitismo. Professor do departamento de Estudo Judaicos da Universidade de Indiana e diretor do Instituto para o Estudo do Antissemitismo contemporâneo; Ernest Simon (Berkim, 1900–Jerusalém, 1988), educador e filósofo religioso. Fundou, nos anos 1920, um dos primeiros grupos de paz israelense, *Brith Shalom*, juntamente com Martin Buber. De 1930 a 1933, foi professor na Escola Hebraica Reali Haifa. Em 1942, foi um dos fundadores do partido

binacionalista *Ihud*; Leo W. Schwartz (EUA, 1906–1967), escritor e professor. Dirigiu as operações do Comitê Judaico Americano de Distribuição Conjunta (JDC) voltado aos judeus deslocados (DPs). Foi professor de Estudos Judaicos na Universidade de Iowa; Moses Hadas (EUA, 1900 - 1966), rabino e historiador especializado em História Antiga. Foi professor na Universidade de Columbia; Nathan Rotentreich (Áustria, 1914–Israel, 1993), docente de filosofia da Universidade Hebraica de Jerusalém; Shlomo Simonsohn (Alemanha, 1923–Israel, 2019), historiador israelense. Mudou-se com a família para Israel ainda criança, em 1933. Foi nomeado chefe do Departamento de História Judaica da Universidade de Tel Aviv, em 1957. Foi o criador do Museu da Diáspora, atual Museu do Povo Judeu, vinculado à Universidade Hebraica de Tel Aviv.

Percebe-se um estreitamento da relação da revista com os autores acadêmicos das diversas universidades nos Estados Unidos e em Israel, sempre vinculadas aos Estudos Judaicos. Chamou atenção o nome de Ernest Simon, militante pacifista, que era oposição a linha política defendida pela revista, mas em função do prestígio do filósofo e a proposta da publicação de estar situada na grande imprensa que acolhe todas as vertentes, foi do interesse do editor da revista deixá-lo publicar seu artigo, mesmo sendo de outra corrente política.

De maneira geral, pode-se observar que a revista consolidou sua rede de contatos transnacional nesses 10 anos de existência, pois, houve um número maior de articulistas de fora do país. Majoritariamente proveniente dos Estados Unidos, seguido de Israel - uma vez que o Estado já estava estabelecido, diferente da década anterior quando ainda não existia -, a Inglaterra ainda com alguns articulistas e França, Alemanha, Romênia e Grécia com um único articulista cada. Eram professores universitários, jornalistas e escritores que enviavam suas mais recentes linhas para serem impressas e conhecidas pelas comunidades judaicas distantes da América Latina.

Na segunda década de existência da *Aonde Vamos?*, o ano de 1963, houve, mais uma vez, grande queda no número de matérias assinadas por pessoas que não pertenciam à equipe permanente da revista. Foram apenas 26 articulistas, que, assim como no levantamento das outras décadas, não foram encontradas informações de todos. Provenientes do Brasil, foram quatro autores, todos pertenciam à comunidade judaica carioca. Somente um autor que escreveu em 1943 e 1953, permaneceu no ano de 1963, o Isaac Izeckson, A continuidade dos autores estrangeiros de 1953 para 1963 foi encontrada, mas, mesmo assim, em número pequeno somente dois autores: Itzhak Ben Zvi (Ucrânia, 1884-Israel, 1963), presidente do Estado de Israel de 1952 a 1963, e Maurice Samuel (Romênia, 1895-EUA, 1972) romancista, tradutor,

humanista, sionista e conferencista. A maior parte de sua obra trata do judaísmo, história judaica e sociedade moderna. Traduziu os clássicos da literatura ídiche para o inglês.

Os autores que escreveram de fora do país foram identificados 19, um número muito maior que os artigos escritos no Brasil. Segue a tendência de pessoas ligadas ao mundo dos impressos, desses 14 eram jornalistas, comentaristas, escritores ou editores. Também foram encontrados seis acadêmicos e quatro políticos. Destacam-se duas mulheres, uma escreve do Brasil e outra do exterior. A primeira, Elisa Lispector (Ucrânia, 1911–Brasil, 1989), escritora e jornalista. Ela publica na revista seu romance *No exílio* que saiu em livro em 1948, o texto que já havia sido publicado trechos na revista antes mesmo de sair em livro na edição de 18 de dezembro de 1947, de forma totalmente inédita. A publicação de 1963, foi uma condensação do livro feito pela própria autora especialmente para a *Aonde Vamos?*. Começou a sair na edição de 24 de janeiro de 1963, continuou sequencialmente por dez edições até 28 de março do mesmo ano. Permitindo assim, que um público bem maior tivesse acesso ao seu texto.

Dessa forma, constata-se que a publicação além de apresentar textos em outras línguas pela primeira vez aos leitores brasileiros, em função da publicação inédita em suas páginas, também dava espaço para textos, mesmo antes de saírem como livro de autores ou autoras judias nacionais. Atuando de maneira relevante para a circulação de textos literários, crônicas, poemas, textos políticos e outros, em solo nacional.

A outra autora foi Yael Dayan (Israel, 1939), escritora e política. Filha do general Moshe Dayan, foi membro do Knesset de 1992 a 2003, pelo Partido Trabalhista. Em 1993, foi a primeira parlamentar israelense a encontrar-se com Yasser Arafat, feminista, pacifista e membro do Paz Agora. Ressalta-se que apesar da revista ser politicamente de direita, houve espaço para as mulheres, feministas e pacifistas, mesmo em número expressivamente diminuto.

O que se pode afirmar desse ano é que os autores eram majoritariamente dos Estados Unidos e de Israel, mas se tem da Inglaterra, Suíça, Argentina e México. Algumas hipóteses podem ser levantadas para tal: primeiro, a revista além de seu corpo fixo tinha poucos contatos ou interesses em publicar artigos de residentes no Brasil, da comunidade judaica ou não. Dava, a cada década, mais espaço aos colaboradores estrangeiros em detrimento dos estabelecidos no solo nacional. O redator-chefe da revista era conhecido por não harmonizar com as lideranças locais e, também, mundiais. Talvez, esse fosse um obstáculo para o aumento do número de articulistas nacionais, além da possibilidade dos colaboradores estrangeiro não fossem remunerados, o que seria bom financeiramente para a revista. Outra questão, era comum os representantes das sucursais publicarem artigos assinados, dependendo do período, era um número considerável de representantes pelas capitais brasileiras, como já analisado. O fato é

que, ao longo de sua trajetória, a revista publicou mais artigos de autores residentes fora do país.

O ano de 1973 foi de grande abalo para a publicação, em função da morte repentina do redator-chefe, como já exposto, que era quem realmente liderava a revista. Foi o início do fim da revista. Mas se pode notar pelo aumento numérico significativo de articulistas, em relação ao ano de 1963, que teve 27 articulistas. O abalo da morte do redator-chefe não afetou tanto a revista nesse primeiro ano, com relação aos colaboradores ou até os estimulou a enviarem artigos para fortalecer a publicação naquele momento de fragilidade, pois contou com 106 articulistas.

Escreveram na década passada, 1963 e em 1973: Sh. I. Agnon (Ucrânia, 1887-Israel, 1970) foi um dos principais romancistas e contistas hebraicos modernos. Ganhou Prêmio Nobel, em 1966; Ephraim Kishon (Hungria, 1924– Suíça, 2005), que foi escritor, roteirista, dramaturgo e diretor de cinema de Israel e Elie Wisel (Romênia, 1928-EUA, 2016) escritor e professor. Foi sobrevivente de campo de concentração, escreveu vários sobre o Holocausto e recebeu o Nobel da Paz, em 1986, pelas obras publicadas. São escritores de renome, dois deles ganhadores do Nobel, isso sugere que o editor da revista tinha contatos e ambição de publicar em sua revista nomes proeminentes da comunidade judaica mundial, além de ser uma constatação do prestígio da publicação. Mais uma vez, o número bem superior de autores estrangeiros, 88, que do Brasil, com seis artigos, todos do Rio de Janeiro. Se forem levados em consideração que dois artigos eram homenagens ao redator-chefe recém falecido, fica-se apenas com quatro autores provenientes do país de publicação da revista. Sobre o ramo de atividade, segue a tendência dos numericamente mais expressivos, 62 do mercado de impressos e 24 acadêmicos.

Destacam-se dois autores estrangeiros que mais enviaram artigos para revista, para, dessa forma, desvelar as relações de afinidades desses mediadores. O primeiro, Moshé Ron, secretário geral do *World Federation of Jewish Journalists* de Tev Aviv, escreveu, nesse ano, 27 artigos. Um contato de relevância para uma revista na América do Sul, que priorizava autores judeus estrangeiros, Ron devia ser uma excelente fonte de informações e contatos para a *Aonde Vamos?*. O segundo, Carl Alpert (EUA, 1913-Israel, 2005), jornalista, escritor, ativista comunitário e especialista em relações exteriores. Mudou-se para Israel em 1952 e escreveu 25 artigos, na revista, em 1973. Um contato especializado, que se disponibilizou a enviar seus artigos para serem publicados e conhecidos no Brasil, uma troca de interesse e afinidades que trazia benefício para ambos.

Como já citado os locais de origem dos artigos, como sempre a predominância era por textos vindos dos Estados Unidos e de Israel. Abaixo desses dois países, mas com representação muito menor, está a Inglaterra, depois com apenas dois autores tem-se África do Sul e Alemanha. Países representados por um único articulista durante o ano todo foram: Argentina, Índia, Canadá, Suécia, União Soviética, França e Áustria.

Sobre a ascendência judaica dos autores, cinco confirmados dos 106 pode-se afirmar não serem de origem judaica. Em todos os anos o número de não judeus publicando artigos era muito baixo, mas sempre houve.

De modo geral, pode-se afirmar que os autores que publicaram na revista eram estrangeiros e muito provavelmente faziam parte de uma rede transnacional da imprensa judaica da qual a revista fazia parte. Geralmente os estudos da imprensa periódica das comunidades estrangeiras ou hifenizadas, como sugerido por Jeffrey Lesser (2015), por longo período privilegiou uma ótica nacional, debruçou-se menos sobre os periódicos como objetos de estudos e deixou para os estudos sobre imigração o interesse sobre eles. Ao abordar a imprensa numa perspectiva transnacional tem-se em conta que transferências culturais que se dão nos espaços midiático estão incluídas nos fluxos de circulação de ideias e transferências culturais que não conhecem fronteiras, são produzidas, apropriadas e recebidas num padrão de ampla escala espacial (Guimarães; Lucca, 2017). No caso judaico brasileiro transitou por vários continentes, quando foi ressignificada e influenciou padrões judaicos na comunidade aqui estabelecida. Levando em conta que “o étnico não é definitivo, mas processo dinâmico [...] nas trocas constituídas [...] nem lá, nem cá – mas conexões híbridas, modos de fazer-se, de fabricar-se.” (Luchese, 2017, p. 324)

Pode-se constatar que somente no primeiro ano analisado, o número de autores no Brasil era equiparável ao de estrangeiros, na década seguinte, dobrou o número de estrangeiros e, nas duas décadas seguintes, o número de autores estabelecidos no Brasil era bem pequeno, em comparação aos estrangeiros. Eventualmente mulheres e não judeus escreviam na revista, não de forma expressiva, mas houve espaço para suas publicações.

Buscou-se verificar o perfil do colaborador articulista e chegou-se à conclusão que ele era majoritariamente proveniente do exterior, principalmente, dos Estados Unidos e de Israel. Mas, foram enviados artigos de várias partes do mundo, principalmente, onde havia comunidade judaica organizada para publicar um periódico destinado à sua própria comunidade. Na maioria, também, eram homens e judeus, houve predominância para os homens das letras, seja jornalistas, poetas, escritores, editores ou acadêmicos.

A revista ao buscar nas redes nacionais e transnacionais seu reconhecimento como um veículo de informação sério e pela luta pela sua sobrevivência financeira procurou contatos pelo mundo afora de personalidades que pudessem agregar prestígio nacional e internacional à revista. Acabou por construir tanto no Brasil e fora uma ampla rede, por vezes com grande rotatividade, mas que de fato existiu.

b Redes temáticas

Referente às temáticas que mobilizaram grupos e pessoas em torno da revista será analisado em recortes específicos, quais temáticas nacionais e internacionais, tanto para pessoas, como representantes, colaboradores e instituições foram significativas

A revista sempre esteve posicionada como aliada à ideologia liberal, durante a Guerra Fria manteve-se do lado do bloco capitalista, na brigada anticomunista. Mas vale ressaltar que publicou eventos e ações do BUND, partido social democrata e os projetos socialistas para a questão judaica, como Birobjan, uma comunidade autônoma destinada aos judeus na União Soviética. Esses temas já foram abordados ao longo deste trabalho.

Certamente, o sionismo foi um forte componente agregador dos indivíduos e instituições em torno da revista. Acredita-se que a revista *Aonde Vamos?* contribuiu para a construção da identidade judaico-brasileira propriamente dita, ou seja, que realizou a transição entre uma comunidade de imigrantes para uma comunidade plenamente inserida na sociedade brasileira. Levando em consideração as diferenças das comunidades locais, que tinham, por vezes, períodos imigratórios distintos e nível de inserção na sociedade brasileira de níveis variados. Como por exemplo, a comunidade judaica das cidades de Belém, que surge no século XIX e a de Belo Horizonte que é bem posterior, durante o século XX. E, no entanto, ambas tiveram representantes na revista. Acredita-se que a publicação formou uma parcela significativa dessa comunidade judaica-brasileira, orientando-a para o apoio ao capitalismo e para as correntes sionista que defendia, como o sionismo revisionista e os sionistas gerais.

Um exemplo da relevância dessa temática foi a saída do primeiro diretor, Ladislau Vinhaes, em torno de um ano depois da criação da revista, que afirmou não ter interesse pela publicação porque professava a religião Espiritismo e, portanto, não estava interessado em judaísmo ou sionismo. Em contrapartida, tem-se a longa permanência do segundo diretor, Leão Padilha, que era militante da criação de um Estado Judaico na Palestina, ou seja, sionista, mesmo não sendo judeu. Sobre a questão do sionismo, é importante sempre lembrar, que a revista também publicou as atividades dos grupos sionistas de esquerda, como os sionistas

trabalhistas e socialistas. Depois da criação do Estado de Israel, com a hegemonia dos trabalhistas nos governos israelenses, a crítica e o boicote a esses grupos foi se tornando cada vez mais acirrada na publicação, o que se deu até a morte de Aron Neumann, quando essa orientação foi declinando gradualmente e acentuou-se com a entrada do redator-chefe Isaac Akcelrud. Desde então, observou-se o declínio da revista, isso porque provavelmente os grupos que a apoiavam não estavam totalmente alinhados com perspectivas mais progressistas das análises dos artigos sobre Israel sob a chefia do novo redator-chefe.

No âmbito nacional as temáticas podem ser verificadas analisando os representantes e o material publicado por eles. Um exemplo foi na edição especial de *Rosh Hashaná*, de 30 de agosto de 1948, página 24, uma reportagem de Maluf Gabbay, três meses antes de ser o representante oficial da cidade de Belém, relatava atividades sionistas na cidade. Foram publicadas, também, felicitações pelo ano novo judaico das seguintes instituições: sinagoga *Shaar Hashamaim*, que “congratula-se com todas as sinagogas do Brasil” pelo ano novo judaico; o Núcleo Juvenil Sionista Paraense, que “Saúda, neste próspero ano novo de 5709, todas as entidades juvenis israelitas brasileiras e especialmente ao seu setor sionista”; o Centro Israelita do Pará; a Comissão de Damas Israelitas do Pará e sua seção da Organização Feminina Sionista WIZO e o Grêmio Azul e Branco (Noticiário [...], 1948, p. 24).

Assim, a afirmação da identidade judaica sionista e as festividades religiosas eram um forte tema agregador da revista, que também pôde ser verificado no número significativo de anúncios publicados nas edições especiais de *Yom Haatzmaut*, *Rosh Roshaná* e as menos frequentes de *Pessach*, *Purim* e *Chanuka*²⁹⁷.

Na edição de 30 de dezembro de 1948, página 20, tem-se outro texto de Maluf Gabbay, em que mencionou a visita do sr. Josef Tchornitzky, representante de Israel, que deu início à Campanha de Emergência pela Defesa e Construção do Estado de Israel. Segundo o texto, na ocasião foram proferidas pelo representante duas palestras em datas distintas, “a qual compareceu a totalidade da comunidade israelita de Belém” (Sociais, 1948, p. 20). A campanha foi dirigida pela diretoria do Centro Israelita do Pará. Depois foi oferecido um jantar, no Grande Hotel, ao representante, pelas famílias da comunidade. Outra nota sobre os festejos de *Chanuka*, na comunidade de Manaus, publicado na edição de 30 de janeiro de 1949, página 15, relata que após o acendimento da *Menorá*²⁹⁸, as velas foram leiloadas em benefício da mesma Campanha. O evento foi seguido de uma animada festa dançante, com músicas judaicas. No texto, observa-

²⁹⁷ As edições especiais da revista foram analisadas no capítulo 1.

²⁹⁸ *Menorá*, o candelabro de sete braços, um objeto ritual do Templo de Jerusalém, mas nesse caso, da festa de *Chanuka*, o autor se refere à *Chanukia*, um candelabro de nove braços usado durante os oito dias da festividade judaica de *Chanuka*.

se a integração das atividades sionistas das comunidades do Norte do país. E, muito provavelmente, também, em todo o país, pois esses representantes de Israel vinham realizar campanhas de arrecadação em todas as cidades nacionais onde havia comunidade organizada. Demonstra-se, desse modo, uma rede de integração sionista nacional e internacional de eventos para arrecadação e atividades em torno dessa temática, que contou com enviados internacionais imbricados com os ativistas nacionais.

Da edição especial de *Rosh Hashaná* de 1948, que foi a primeira aparição das atividades e das instituições de Belém, surgem duas constatações: a primeira é a existência de uma intensa atividade organizacional e sionista na capital paraense, com a existência, inclusive, de dois grupos juvenis, o Núcleo Juvenil Sionista e o Grêmio Azul e Branco, vale ressaltar no primeiro ano de existência do Estado de Israel. Então, além de um tema agregador, era também um tema que gerava ações que mobilizavam essas comunidades, que consequentemente, produziam artigos e matérias publicadas na *Aonde Vamos?*. A outra é a hipótese de que até aquele momento a representação na revista consistia em centralizar a entrega da revista aos assinantes do Estado. Pois somente após essa data surgem notas sobre a comunidade do Pará, estimulando inclusive o surgimento de publicações sobre a comunidade de Manaus.

Importa ressaltar que não era qualquer sionismo, apesar de todas as correntes terem um lugar legítimo de exposição na revista, como os movimentos sionistas femininos, como a WIZO e outros, no entanto, as linhas defendidas por ela tinham maior visibilidade. Como pode ser constatado no surgimento das páginas fixas destinadas ao movimento sionista juvenil Betar, do sionismo revisionista, e da página da Organização Sionista Revisionista do Brasil. Apesar desse forte vínculo ideológico e a luta pela predominância dessa corrente sobre as outras, tanto no Brasil como em Israel, o sionismo defendido e publicado tinha suas especificidades, distintas do sionismo moderno clássico. Este preconizava a criação de um Estado Nacional, que iria resolver o problema judaico da diáspora, considerado uma anomalia, que colocava esse grupo em situação de fragilidade ao ser uma minoria étnica e cultural em países que não eram o seu. Com a criação desse Estado todos os judeus do mundo deveriam emigrar para lá, eliminando a anomalia de um povo sem Estado. Conforme está determinado na defesa pela autodeterminação dos povos²⁹⁹.

Esse sionismo específico defendido pela publicação, principalmente pela pena de seu redator-chefe, Aron Neumann, pode ser encontrado em vários artigos, inclusive já analisados

²⁹⁹ O princípio da autodeterminação dos povos é um princípio de Direito Internacional que procura assegurar a independência, a liberdade e o direito de organização própria dos povos. Visa proteger o direito dos povos de determinar o seu sistema de governo, organização econômica e sociocultural.

neste capítulo. Mas também pela forte presença de textos de lideranças partidárias do sionismo revisionista e dos sionistas gerais dos países diaspóricos, ou seja, fora de Israel. Assim a luta por hegemonia e a militância dentro da Organização Mundial Sionista tem na revista um peso importante, pois era a voz da diáspora, num Israel sob dominação do Partido Trabalhista. Esse sionismo singular, que olha e atua de longe para o Estado Judaico foi forte e atuante e de forma alguma dispersou seu interesse por ele. Muito pelo contrário, mobilizou trocas intelectuais - vinda de emissários -, criou redes nacionais e internacionais de influência e disputa pelo espaço público entre mediadores e instituições de afinidades.

Sobre as instituições, elas circulavam em torno das mesmas temáticas, a identidade judaica, o sionismo geral e o específico defendido pela revista. Isso ocorria no âmbito nacional, com entidades assistenciais, escolas, clubes, hospitais judaicos e outros. No caso internacional as instituições foco e tema da revista eram as sionistas, como as instituições femininas WIZO e Na'amat, de profissionalização como a ORT, mas, também o Congresso Mundial Judaico - CMJ e suas resoluções. No caso do CMJ e de algumas instituições representativas nacionais e internacionais, nem sempre eram vistas de maneira elogiosa, como o próprio CMJ visto pela linha editorial da revista como colaboracionista, no caso das indenizações oferecidas pela Alemanha, em função dos crimes nazistas, ou como desonestas, no caso das campanhas de arrecadação internacionais de auxílio às vítimas da Segunda Guerra Mundial. Toda essa problemática com o CMJ e outras instituições tinham como pano de fundo disputa de poder e conceitos do que deveria ser prioridade nas ações comunitárias. Para onde deveria ser destinada a verba arrecadada, foram grandes debates necessários, mas pouco comuns na vida comunitária, para Neumann poucos decidiam por muitos. Essa foi uma temática que mobilizou amizades e inimizades na *Aonde Vamos?*

Muita coisa se publicou, criticou e foi objeto de artigos referente às agências de informações. Como citado na análise sobre Neumann, depois de ter ajudado no estabelecimento da atuação da Agência Judaica no Brasil, ficou contra o nível ou direção das informações fornecidas por ela. Assim, procurou incansavelmente fontes diversas para complementar ou direcionar as matérias segundo seus valores e interesses. Em busca dessa complementação, pode ter sido um dos motivos, para além da questão comercial e de criação de redes internacionais e nacionais, o número expressivo de colaboradores com matérias assinadas que foram publicadas na *Aonde Vamos?*

Uma análise das temáticas da revista também foi realizada no material publicado pelos colaboradores. Foi realizado um levantamento dos artigos assinados na revista³⁰⁰, organizados em tabelas (no Apêndice). Pode-se afirmar que, em geral, as temáticas dos colaboradores impreterivelmente giravam em torno da cultura ou religião judaica. O sionismo também era uma temática que foi publicada por não judeus, importante para somar esforços para a defesa de Israel havendo a existência de não judeus favoráveis à sua existência e eventualmente expressando seu apoio na revista.

Como já informado anteriormente foram levantados os autores e os títulos dos artigos dos anos de 1943, 1953, 1963 e 1973. Aqui, serão analisadas as temáticas desses artigos.

No ano de 1943, as temáticas não giram unicamente em torno das questões judaicas ou ligadas ao sionismo, apesar de estarem representadas. Com formato bem variado, têm-se traduções, muitos contos, crônicas e poesia. Muitas dessas produções foram exclusivamente enviadas para publicação na revista, inclusive, muitas vindas de fora do país. No geral, tem-se a impressão de uma revista bastante literária, com pretensão à erudição, como em artigos sobre Dostoievsky, uma síntese do Romance Contemporâneo e os contos de Maupassant, de autoria do poeta brasileiro da chamada Geração de 1945 da Literatura Brasileira, Berek Gersen. Sobre as temáticas judaicas pode-se encontrar artigos sobre Maimônides e Baruch Espinoza, além de vários cujo tema é sobre política e sobre a Segunda Guerra, Hitler e a reconstrução da Europa. Fica perceptível uma pretensão comercial e cultural, em função das temáticas. Seu caráter judaico encontra-se na história e de pensadores judeus. Tem-se assim uma revista erudita, mais centrada nas temáticas da cultura universal e judaica. A preocupação com a causa sionista, forte nas décadas seguintes, neste ano não tem uma centralidade temática. Talvez nesse primeiro ano de publicação a revista ainda estivesse buscando seu posicionamento ideológico, cultural e consequentemente suas conexões.

Na década seguinte, em 1953, à temática, diferente do ano de 1943, o judaísmo em suas várias perspectivas predomina. O único artigo que não aborda qualquer aspecto judaico foi o publicado por Edidio Guertzenstein (SP, 1918–RJ, 1989) médico. Participou da Força Expedicionária Brasileira – FEB, durante a 2 Guerra Mundial. Prestou concurso para marinha e foi chefe do serviço de cirurgia torácica da marinha sobre o desenvolvimento da cirurgia do

³⁰⁰ Esse levantamento foi realizado na coleção digital existente da revista e não nos exemplares físicos. Portanto, algumas edições podem ter ficado de fora do levantamento, bem como algumas páginas dos exemplares. Foi constatado que a coleção digitalizada, assim como a coleção física não estão completas, ambas contêm edições inteiras faltantes e, em outros casos, páginas faltantes. O ideal para a pesquisa seria um cruzamento das duas coleções, mas não foi possível em função da pandemia, que obrigou as instituições que preservam o acervo físico a fecharem suas portas por longos períodos.

peito nos Estados Unidos. Os editores devem ter tido seus motivos para tal publicação, uma vez que o autor pertencia à coletividade judaica brasileira.

Fora esse artigo, publicou-se sobre as rezas, história judaica antiga e moderna, grupos israelitas ao redor do mundo, questões contemporâneas do Estado de Israel e assim por diante. Agora com um caráter menos literário e cultural universal, mas, mais acadêmico, cultural, político sionista e fortemente judaico³⁰¹.

No ano de 1963 já está totalmente consolidada a orientação da revista e as temáticas são todas judaicas. Questões políticas ou outros referentes ao Estado de Israel são abordadas por pessoas proeminentes, tem-se por exemplo texto de Ben Gurion, figura de expressão na política israelense, foi primeiro-ministro de Israel de 1948 a 1954 e depois de 1955 a 1963, e Itzhak Ben Zvi (Ucrânia, 1884-Israel, 1963) presidente do Estado de Israel de 1952 a 1963, além de outros correspondentes. Continua a publicação de textos jornalísticos e acadêmicos sobre as mais variadas temáticas judaicas, mas retoma a publicação de artigos literários. Podem ser encontrados, neste ano, traduções inéditas para o português dos textos: Cartas a meu pai de Kafka; A morte de meu pai de Elie Wiesel; vários artigos de Sh Y. Agnon e Inveja os que temem de Yael Dayan. Neste ano são publicados textos de importantes escritores judeus, apresentados pela primeira vez aos leitores brasileiros, tanto da literatura publicada em inglês, da moderna literatura israelense, como da literatura ídiche. Assim, a revista nessa perspectiva teve importância na produção e divulgação desta temática em solo nacional. Nesse ano também foi republicado, em várias edições, o romance Exílio da escritora naturalizada brasileira Elisa Lispector.

O ano de 1973, que foi arrolado para a análise da década seguinte, foi o ano do falecimento do redator-chefe e grande articulador da revista, por isso durante todo ano houve artigos enaltecendo sua pessoa e atuação. Mas, de modo geral sobre as temáticas, pode-se afirmar que o judaísmo, em seus vários aspectos, impera incontestemente. O Estado de Israel foi uma preocupação constante, sendo que é importante salientar que, naquele ano, houve a Guerra do *Yom Kipur*, em outubro, as preocupações da comunidade judaica brasileira deveriam, assim, estar voltadas, também, nessa direção. As análises internacionais deveriam preencher as necessidades da comunidade local e, conseqüentemente, dos leitores da revista, foram inúmeras as análises de jornalistas e acadêmicos sobre essa questão.

Mesmo assim, a temática literária seguiu de forma expressiva e significativa, tanto na literatura judaica em geral, na hebraica, como também em língua ídiche. Podem ser citados

³⁰¹ A relação dos artigos se encontram nas tabelas no Apêndice.

artigos traduzidos da literatura ídiche³⁰²: A árvore de Abraham Reisen; seis artigos de Isaac Bashevis Singer, O testamento de Adam Czerniakow de L. Shneiderman. Da literatura hebraica pode ser citada: A meu pai de Itzhak Lamdan; três artigos de Sh. I. Agnon. A moderna poesia hebraica também esteve presente na revista, como por exemplo com a publicação de “Aconteceu ontem...” de Uri Zvi Grinberg, bem como textos originais em inglês, como o O trem da morte de Elie Wiesel. A revista criou uma rede significativa em torno da literatura judaica, publicando de forma inédita textos de autores que seriam consagrados, muitos que receberiam prêmio Nobel e outros reconhecimentos por sua produção.

Contatou-se que não havia nenhum diálogo com revistas de resenhas e literárias brasileiras, mas somente no meio judaico. Muito provavelmente em função desse isolamento dentro do meio jornalístico a revista não teve o reconhecimento da sociedade mais ampla de seu ramo como um importante mediador cultural nessa área.

Nesse ano foi encontrado um artigo de outra temática cara ao redator-chefe, as pesquisas, também inéditas em torno da história dos judeus no Brasil. Este tema foi um dos investimentos da revista, em torno de fomentar e divulgar esse tipo de produção. Encontrou-se mais de um texto de E. & F. Low, um deles denominado A União Israelita do Brasil. Esses autores eram os futuros pesquisadores Egon e Frieda Wolff, que em suas primeiras pesquisas e publicações na revista assinavam ainda sob pseudônimo. Somente mais tarde, com o amadurecimento de suas pesquisas e a decisão de se dedicarem integralmente à pesquisa histórica, uma vez que eram empresários, foi que começaram a publicar com seus nomes verdadeiros (Wolff, 1999, p. 66).

De modo geral, pode-se afirmar que os autores/colaboradores que publicaram na revista eram parte de uma rede transnacional, uma vez que fora a equipe vinculada à revista o número de autores moradores no Brasil diminuiu sistematicamente. A predominância foi sendo por autores judeus ou não judeus que se dedicavam a assuntos sobre esse viés.

Os assuntos também sofreram mudanças numa mesma direção, o primeiro ano de publicação, que contou com um leque variado de temáticas, com enfoques culturais de forma mais geral foi, ao longo das décadas, focando suas temáticas ao grupo, ao qual fazia parte, seja religiosa, cultural, literária, política. Interessante notar que, apesar da publicação ter uma orientação ideológica bastante pontuada, a divulgação do sionismo nacionalista e secular, dos revisionistas, e a orientação neoliberal, dos sionistas gerais, faz-se presente entre articulistas que pertencem ao movimento Paz Agora, movimento pacifista em Israel, fundado oficialmente

³⁰² As biografias dos autores podem ser encontradas nas tabelas no Apêndice.

em 1978, mas que representava anseios antigos da esquerda israelense. A orientação religiosa é bastante plural, mesmo com maior espaço para os conservadores, foram encontrados autores reformistas e reconstrucionistas. Em geral, as linhas religiosas dentro do judaísmo, sejam elas, ortodoxas, conservativas ou reformistas, têm seus núcleos e são pouco permeáveis, não compartilhando espaços comuns. A academia e os jornais e revistas publicados por ela são um dos poucos espaços onde esse intercâmbio é possível, essa postura foi adotada pela *Aonde Vamos?* ao selecionar, convidar ou traduzir os autores das várias correntes religiosas do judaísmo. Isso provavelmente se deve ao fato da revista ter ambições de ser um grande veículo de informação, além das ambições comerciais, uma vez que era uma empresa jornalística.

3.3 Considerações finais

Este capítulo teve por objetivo verificar quem eram os mediadores da revista, primeiro de maneira direta, como seus diretores e redatores-chefes, ao longo da existência da publicação. Verificou-se que o redator-chefe, Aron Neumann teve uma influência bastante significativa, imprimindo na *Aonde Vamos?* sua perspectiva pessoal de sionismo, visão de mundo, criticando e denunciando desafetos e opositores. Mas, da mesma maneira e com a mesma intensidade criando redes com mediadores em todas as cidades onde houvesse comunidade judaica estabelecida no Brasil e com possibilidade de fortalecimento da identidade judaica e sionista de maneira geral.

A revista, como já defendido em vários momentos deste trabalho foi um elo entre os intelectuais, jornalistas e escritores judeus imigrantes radicados no Brasil, muitos deles se expressavam em ídiche, para intelectuais, jornalistas e escritores judeus-brasileiros na busca da criação e expressão de uma identidade judaica propriamente brasileira. Para isso, não foram somente criadas redes de pessoas, mas de instituições que ao publicar na revista reforçavam sua identidade étnica, fortalecendo e sendo fortalecida no seu caráter também sionista. Isso tanto se refere às instituições nacionais como internacionais judaicas, que durante a ditadura do Estado Novo tinha na revista seu único veículo nacional de comunicação. Após o período ditatorial e da Segunda Guerra Mundial, a revista tinha essa identidade fortalecida, foi se consolidando e criando representações formais nas cidades Brasil afora.

Internacionalmente, além das instituições, partidos, tem-se a expressiva publicação de artigos assinados por jornalistas, acadêmicos, escritores, poetas e outros. A revista foi relevante do ponto de vista de difusão da literatura judaica, seja rabínica, moderna ou contemporânea, nas mais variadas línguas. A difusão de estudos e pesquisas inéditos, sejam brasileiros ou de

fora do país, foi outro investimento temático relevante na revista. Dessa forma, sendo um importante mediador da cultura judaica mundial para seus leitores brasileiros, como fomentador da criação de mediadores nacionais dessa mesma cultura, mas em português criando um público familiarizado e sedento de conteúdo cultural e ideológico defendido pela *Aonde Vamos?*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desta tese foi analisar a revista *Aonde Vamos?* (RJ, 1943-1977) e sua seção bastante significativa, pelo conteúdo transnacional, Os Judeus no Mundo. A publicação era um semanário de grande projeção na comunidade judaica nacional, sobretudo devido às conexões nacionais e internacionais que manteve. A revista *Aonde Vamos?* surgiu em um momento específico da história da imprensa no Brasil, o Estado Novo (1937-1945), que coincidiu com a mudança das relações dos veículos de comunicação com o poder governamental, não se pode desconsiderar que essa mesma época presenciou maior intervenção censora do Departamento de Imprensa e Propaganda, de onde partia monitoramento sistemático e intensivo que visava atingir vários veículos de comunicação. Especialmente para o contexto da comunidade judaica, a revista veio a público num período de grandes transformações, como a integração e a afirmação desse grupo frente ao trágico legado do Holocausto e às expectativas da então recente e tensa fundação do Estado de Israel, cuja defesa se mostrou intensa em suas páginas.

Como se constatou, foi a única revista da comunidade judaica veiculada durante o Estado Novo, com exceção do jornal *A Crônica Israelita*, de São Paulo, que pertencia à Congregação Israelita Paulista - CIP, destinado principalmente aos seus associados, e o jornal *Hatikva*, de Porto Alegre, lançado no último ano da ditadura varguista. Dessa forma, pôde formar seu público leitor sendo o veículo da sua comunidade em âmbito nacional.

Com a redemocratização, a imprensa judaica brasileira ganhou fôlego, sobretudo a de língua portuguesa, falada predominantemente pelas novas gerações e pelos imigrantes judeus aclimatados. A revista, nessa altura, já tinha seu público leitor devidamente consolidado e primou por criar sua rede nacional de representantes.

O ambiente político brasileiro foi acompanhado pela *Aonde Vamos?*, que publicou informações a esse respeito, sempre ao lado dos liberais anti comunistas, aliada ao bloco capitalista no período da Guerra Fria, ainda que tentassem manter certa distância e evitassem realizar críticas às políticas brasileiras com receio de represálias às comunidades hifenizadas, no caso judaico-brasileira. A título de exemplo, convém lembrar que nada foi publicado a respeito do golpe civil-militar de 1964 e de seus respectivos Atos Institucionais, nem mesmo sobre o assassinato do jornalista judeu Wladimir Herzog, uma postura claramente de silenciamento. Uma das razões desse silenciamento, ao que tudo indica, foi o vínculo mantido com Leão Padilha e o político carioca Chagas Freitas, cuja acomodação ao golpe foi decisivo para seu benefício próprio. O que também pode justificar tal atitude é o fato de muitos dos seus leitores, a maioria pertencente às camadas médias da sociedade brasileira, terem sido

beneficiados no período com aumento de renda. Logo, criticar o regime poderia se tratar de atitude mal-recebida pelo público leitor.

Se a publicação se calou para essa temática, adotou postura totalmente distinta com relação à política israelense, pois houve posicionamentos diversos sobre as representações dos partidos israelenses no Brasil e no Mundo e a atuação do Congresso Sionista Mundial, outro tema muito defendido foi a luta anticomunista. Para essas questões a revista não media esforços na defesa intransigente da causa, visando defender suas posturas, criar amplo debate público e ser formadora de opinião a esse respeito.

Nesse estudo, a revista foi dividida em três fases: a primeira de 1943 a 1952, considerada de busca pela consolidação; a segunda, de 1952 a 1973, considerada período de prestígio da revista e quando Aron Neumann exerceu a função de redator-chefe; a terceira, de 1973 a 1977, considerada o momento de declínio e tentativa de superar a morte repentina de Neumann e as dívidas deixadas por ele.

Segundo os levantamentos dos dados, foram identificados os marcadores identitários escolhidos pelos editores, como a criação de edições especiais baseadas nas festividades do calendário judaico, como *Rosh Hashaná*, *Pessach*, *Purim* e também de Independência do Estado de Israel, o *Yom Haatzmaut*. Tais elementos contribuem para posicionar *Aonde Vamos?* como culturalmente judaica e sionista. No que diz respeito à localização no espaço físico da cidade, a revista esteve, ao longo de sua trajetória, sediada no centro histórico e comercial da cidade do Rio de Janeiro, onde também estavam situados outros veículos de imprensa, além de empreendimentos financeiros não judaicos, o que demonstra que a revista não ocupou um “gueto” espacial dentro da cidade, mas dividia seu cotidiano com a sociedade carioca mais ampla.

Com relação à materialidade, a análise revelou que a qualidade da impressão da revista era de bom nível e realizada em gráficas ou oficinas gráficas profissionais que ofereciam serviços de qualidade. Chegou-se à hipótese de que os editores a idealizaram para ser uma revista semanal destinada para as camadas médias da comunidade judaica e, por outros, judeus ou não, que tivessem interesse pela publicação. Essas gráficas possibilitaram um número expressivo de tiragem, o que também demonstra a ambição do crescimento do público leitor, ampliando, assim, a influência de sua mensagem. Além do fato de ser uma empresa jornalística, o que denota seu interesse em reconhecimento e sustentabilidade econômica.

Do ponto de vista do seu leiaute, que, aliás, se manteve inalterado ao longo de anos de veiculação – pois a única alteração ocorrida em seu formato em todos os anos de atividade deu-se em função de questões econômicas internas e externas –, considera-se, assim, a ausência de

ousadia na experimentação do aspecto gráfico. Internamente, em seus anúncios e artigos, ao contrário, utilizou-se amplamente de recursos gráficos para dar realce ao que fosse do seu interesse, inclusive para hierarquizar o preço da publicidade e determinar o que era mais relevante ou não. Com relação à impressão, a revista mudou constantemente de gráfica, provavelmente porque buscava local de confecção com preço mais atrativo, tendo conseguido estabilizar-se apenas quando começou a imprimir na gráfica do político carioca Chagas Freitas, em 1969, que tinha o diretor da revista Leão Padilha, era também um alto funcionário do político. O que se percebe é que mesmo a revista tendo seus marcos identitários ancorados na cultura e tradição judaica, as redes de contato não se limitavam à comunidade israelita.

Com relação à estrutura interna da divisão das seções da publicação, constatou-se a existência de três principais eixos temáticos, a saber: a própria comunidade judaica brasileira, estabelecida em diversas cidades do país, que publicava casamentos, *bar mitzvah*, formaturas e outras atividades; enfim, divulgava suas atividades e eventos nas seções sociais da revista. A segunda temática está presente nas seções culturais, como Teatro, Cinema, Literatura, a partir da década de 1950, tendo permanecido até o final da publicação. A terceira e última temática constitui-se de informações internacionais, que surgiram na mesma década das seções culturais, principalmente em função das mudanças após a extinção das comunidades judaicas do Leste Europeu e da criação do Estado de Israel. Essas mudanças obrigaram um reajustamento conceitual dos locais e funções das comunidades mundiais.

A análise da seção O Judeu no Mundo constatou alguns posicionamentos: o caráter liberal, do ponto de vista religioso; no político, o anticomunismo militante; a autodefinição como voz primordial da imprensa judaica e não judaica, tanto nacional quanto estrangeira. De maneira sistemática, procurava denunciar as injustiças realizadas contra a comunidade judaica, por quem quer que fosse, nazistas, pessoas ou instituições dentro e fora da comunidade ampliando a repercussão e exigindo posicionamento das lideranças comunitárias.

Foi realizado um comparativo da forma como foram publicados dois temas selecionados, que surgiram na seção Os Judeus no Mundo, e posteriormente ganharam amplo espaço na revista: o relatório Krushev, divulgado no 20º Congresso do Partido Comunista na União Soviética, em 1956, que foi publicado em primeira mão e na íntegra pela *Aonde Vamos?*; o outro tema foi o caso do nazista Adolf Eichmann, cujas etapas foram todas acompanhadas pela revista, desde a busca internacional por sua captura, o rapto na Argentina e todas as etapas do longo julgamento. Os periódicos escolhidos para o comparativo foram o jornal *Unzer Stime* e as revistas *O Cruzeiro*, nacional, e a *Life*, internacional.

O jornal *Unzer Stime*, da comunidade judaica progressista de São Paulo, que se alinhava ao bloco comunista, publicou versão bastante distinta referente ao XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética e nas interpretações sobre o relatório secreto, apresentadas pelo secretário do partido. Para a *Aonde Vamos?*, o relatório expôs a verdadeira face do comunismo, que não reconhecia a perseguição aos judeus, evidenciando o antissemitismo soviético. O jornal progressista via o relatório de forma muito positiva, acreditava no triunfo da construção de um socialismo verdadeiro. As duas publicações apoiaram suas reportagens e traduziram matérias de jornais da comunidade judaica internacional, salientando a existência de grande intercâmbio de informações. Tanto um como o outro periódico utilizaram, para justificar suas plataformas ideológicas, a imprensa aliada e a opositora, ainda que mobilizassem as notícias conforme bem lhes conviesse.

A revista *O Cruzeiro*, que publicava grande número de informações internacionais, quanto às análises do relatório Krushev, constatou-se que a abordagem mantinha alinhamento com a *Aonde Vamos?*, que tinha ampla difusão de críticas ao governo soviético uma vez que estavam em sintonia com as representações do bloco capitalista. A distinção marcante entre as duas revistas foi que em *O Cruzeiro* não houve em suas matérias a acusação de antissemitismo, que teve presença marcante nas análises de *Aonde Vamos?*. Mas, em contrapartida, as abordagens iam na direção de igualar o comunismo ao nazismo, o que não foi encontrado em nenhum dos periódicos judaicos. A hipótese está na falta de conhecimento sobre o Holocausto e o papel do exército soviético na libertação dos campos de extermínio da classe jornalística brasileira.

A revista norte-americana *Life*, famosa pelas fotorreportagens internacionais, versou sobre o relatório Krushev, ainda que timidamente. As reportagens que compareceram eram longas e bem documentadas, o que comprova que se buscou legitimar a abordagem com seleção de documentos e voz de dissidentes do Partido Comunista soviético ou norte-americano. Com tom de denúncia ao sistema comunista e alinhada, totalmente, com a brigada anticomunista.

O caso do nazista Adolf Eichmann na *Aonde Vamos?* recebeu grande espaço desde as primeiras notícias, com as suspeitas dos esconderijos. Tal visibilidade estava na intenção do redator-chefe de apresentar ao público nacional sua revista como um veículo de influência e projeção internacional e como o veículo de comunicação primordial e grande divulgador do julgamento para o seu público. Realizou, assim, ampla cobertura do julgamento e publicou os depoimentos de todas as testemunhas, de historiadores, das lideranças comunitárias judaicas, além de muitas matérias ao longo da revista. Realizou análises críticas no processo divulgado, procurando erros e possíveis brechas deixadas de lado no julgamento.

No *Unzer Stime*, o caso tornou-se assunto somente quando Eichmann foi capturado. A partir de então foi disponibilizado amplo espaço para divulgação sobre o assunto. Houve divulgação distinta, em comparação, a perspectiva da *Aonde Vamos?*, sendo que enquanto a revista aproveitou para criticar a política partidária interna de Israel, em favor do seu partido, os Sionistas Gerais, o jornal enalteceu as instituições dos países comunistas, que ajudaram fornecendo documentação para a acusação, o que não foi publicado na *Aonde Vamos?*.

Sobre o caso Eichmann, em *O Cruzeiro* não houve grande mobilização, mas um posicionamento firme de apoio ao julgamento em Israel e à condenação do réu. Foram apenas três artigos para marcar seu apoio. No último artigo publicado, uma análise opunha o nazismo ao cristianismo e a tradição greco-romana, somente no final do artigo mencionou os judeus e o antissemitismo. Abordagem totalmente distinta da encontrada nos periódicos judaicos. A hipótese é que a comunidade judaica brasileira, numericamente pequena e recentemente ascendendo economicamente, significativamente a partir de 1950 (Grin, 1999), era desconhecida ou de pouco interesse para a revista. Além da questão ideológica da elite brasileira com tradição antissemita.

A revista *Life* ofertou grande espaço para o caso Eichmann, mesmo antes do julgamento. A hipótese para tal escolha deve-se ao fato de que, nos Estados Unidos, a comunidade judaica era numericamente maior, quando se comparava com a estabelecida no Brasil, além de nutrir maior prestígio econômico e social em solo norte-americano, indicando presença significativa nos meios de comunicação não pertencentes à coletividade judaica. Espaço semelhante só foi dado às publicações vinculadas à comunidade israelita no Brasil.

Sendo assim, as duas publicações judaicas tinham abordagens políticas distintas em função das suas posições e apoios no contexto da Guerra Fria e, nos dois casos, noticiaram e enfatizaram aspectos não contemplados pelo outro periódico. As duas revistas, uma nacional e a outra internacional, com suas histórias e interações específicas com as populações imigrantes, tiveram viés distintos ao publicar, mesmo estando alinhadas ao bloco capitalista.

Este trabalho também se debruçou sobre os mediadores e as redes em torno da revista. Sobre os mediadores foram levantados os diretores e redatores-chefes da revista. Verificou-se que o primeiro redator-chefe, Aron Neumann, influenciou de forma significativa a publicação e imprimiu na *Aonde Vamos?* sua perspectiva pessoal de sionismo e visão de mundo, ao criticar e denunciar desafetos e opositores. Mas também criou ampla rede de mediadores em todas as cidades brasileiras onde havia comunidade judaica estabelecida, cuja possibilidade de fortalecimento da identidade judaica e sionista era ampla. O sionismo foi um forte componente agregador dos indivíduos e instituições, nacionais e internacionais, em torno da revista, pois se

defende a hipótese que a *Aonde Vamos?* contribuiu para a construção da identidade judaico-brasileira propriamente dita, ou seja, teve papel relevante na transição entre uma comunidade de imigrantes para uma comunidade plenamente inserida na sociedade brasileira.

Sendo assim, a hipótese é que a revista e a atuação do seu redator-chefe contribuíram para o debate com relação à formação do jornalismo judeu profissional, talvez nos moldes da imprensa que havia existido na Europa Ocidental e Oriental, um mundo já inexistente e que ele tentava implementar, ainda que à sua maneira, no Brasil. Outro setor em que ele não deixou de envidar esforços para transformar foi na conscientização da importância de se escrever a história dos judeus no Brasil como uma forma de fortalecer vínculos, combater o antissemitismo e empoderar a juventude e as lideranças judaicas no país. No entanto, o jornalista Alberto Dines contrapõe a narrativa de Neumann publicada em seu artigo (Neumann, 1962), que suas intenções jornalísticas, históricas e de críticas comunitárias eram as mais neutras e imparciais. A hipótese defendida é que Neumann tinha sua própria agenda e prioridades, tanto no Brasil como em Israel, e publicava suas ideias de forma bastante agressiva, defendendo seu ponto de vista nada imparcial e criando um rico debate em torno dessas questões.

Defende-se, também, que a revista foi um importante elo entre os intelectuais, jornalistas e escritores judeus imigrantes radicados no Brasil, muitos dos quais se expressavam em ídiche, e, posteriormente, foram obrigados a adotar o português como língua oficial, fortalecendo e influenciando, assim, uma identidade judaica propriamente brasileira. Para isso, não foram somente criadas redes de pessoas no Brasil e no mundo, mas em instituições nacionais e internacionais judaicas, que publicaram na revista, reforçando a identidade étnica coletiva.

Tem-se a hipótese que Neumann, de alguma forma, conhecia ou tinha relações indiretas com todos esses jornalistas, num forte intercâmbio de informações e mediadores dos jornais, na sua expressiva maioria, judaicos. Tem-se, assim, uma rede de jornalistas judeus, com grande mobilidade territorial, que produziam jornais, artigos e conectavam-se mundialmente.

Internacionalmente, além das instituições e partidos, têm-se a expressiva publicação de artigos traduzidos e assinados por jornalistas, acadêmicos, escritores, poetas e outros. A publicação revelou-se importante do ponto de vista de difusão da literatura judaica em português, fosse rabínica, moderna ou contemporânea, e nas mais variadas línguas. Promoveu, ademais, a difusão de estudos e pesquisas inéditos, brasileiros ou de fora do país, outra contribuição de *Aonde Vamos?*. Dessa forma, *Aonde Vamos?* foi um importante mediador da cultura para seus leitores brasileiros. No entanto, por ser um veículo de comunicação de uma comunidade hifenizada, sua difusão fora dela não promoveu o devido reconhecimento à revista como pioneira nacionalmente pela publicação de autores premiados por sua literatura, como

Isaac Bashevis Singer, que ganhou prêmio Nobel de Literatura em 1978, ou ter apresentado ao público brasileiro textos de Franz Kafka, mesmo não sendo a primeira tradução do autor no Brasil, ou, ainda, ter dado espaço para escritores e pesquisadores judeus brasileiros, caso de Egon e Frieda Wolff. Mas pelo levantamento realizado, pode-se constatar que a revista formou mediadores em português, ao ampliar e criar público familiarizado e sedento de conteúdo cultural e ideológico defendido pela revista.

No entanto, o falecimento repentino de Aron Neumann revelou a situação precária da publicação, a rede temática de mediadores e política em torno da revista foi sendo fragmentada. Um marco da mudança do posicionamento da publicação se deu com a chegada do último redator-chefe, Isaac Akcelrud, com forte vínculo com a esquerda no Brasil e em Israel. Essa mudança de posicionamento, questões econômicas mundiais dos anos de 1970 mas a ausência da posição centralizadora de Neumann potencializaram o término de *Aonde Vamos?*.

Para futuros estudos históricos da imprensa no Brasil, que são um campo repleto de oportunidades para novas pesquisas, principalmente no que se refere à imprensa judaica, com muitas possibilidades que ainda estão à espera de pesquisadores. A *Aonde Vamos?*, que tinha Aron Neumann como fundador incontestado, e, na verdade, se vinculou à revista quando ela já existia, tida como sionista revisionista, mas muito mais vinculada aos sionistas gerais. Sua análise salientou um rico debate, ação e disputas nacionais e internacionais dessa comunidade judaica brasileira em construção, lutando por imprimir sua visão ao mundo no seu entorno, criando agenda, dando relevância a determinados assuntos e ocultando outros que não eram do seu interesse.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bibliografia

Livros e capítulos

- ABREU, Alzira Alves; LATTMAN, Weltman; FERREIRA, Marieta de Moraes. *A imprensa em transição: o jornalismo brasileiro nos anos 50*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.
- ABREU, Maurício de Almeida. *Evolução urbana do Rio de Janeiro*. 4. ed. Rio de Janeiro: Instituto Municipal de Urbanismo Pereira Passos, 2013.
- AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- ARAÚJO, Emanuel. *A construção do livro: princípios da técnica de editoração*. Rio de Janeiro: Lexikon, 2012.
- BARNAVIE, Elie. *História universal dos judeus da gênese ao fim do século XX*. São Paulo: Cejup, 1995.
- BARON, Salo W. *História e historiografia do Povo Judeu*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1974.
- BARTEL, Carlos B. *O movimento sionista e a comunidade judaica brasileira (1901-1956)*. Curitiba: Editora Prisma, 2008.
- BENCHIMOL, Samuel. *Eretz Amazônia: Os judeus na Amazônia*. Manaus: Editora Valer, 1998.
- CAMARGO, Mário (org.). *Gráfica: arte e indústria no Brasil - 180 anos de História*. São Paulo: Bandeirantes Gráfica, 2003.
- CAPELATO, Maria Helena. Propaganda política e controle dos meios de comunicação. In: PANDOLFI, Dulce (org.). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1999. p. 167-178.
- CAPELATO, Maria Helena Rolim; PRADO, Maria Lígia Coelho. *O Bravo Matutino*. Imprensa e Ideologia: O jornal O Estado de S. Paulo. São Paulo: Alfa Ômega, 1980.
- CAPELATO, Maria Helena R. A imprensa como fonte e objeto de estudo para o historiador. In: VILLAÇA, Mariana; PRADO, Maria Ligia Coelho (org.). *História das Américas: fontes e abordagens historiográficas*. São Paulo: Humanitas; CAPES, 2015.
- CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *O antissemitismo na era Vargas: fantasmas de uma geração*, São Paulo: Brasiliense, 1988.
- CARVALHO, Luiz Maklouf. *Cobras criadas: David Nasser e O Cruzeiro*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2001.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1988.

- CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre certezas e inquietudes*. Porto Alegre: Universidade/UFRGS, 2002.
- CRAIG, James. *Produção gráfica*. São Paulo: Nobel, 1987.
- CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da C. Na oficina do historiador: conversas sobre a imprensa. *Projeto História*, São Paulo, n. 0, p. 225-272, 1981.
- CYTRYNOWICZ, Monica; CYTRYNOWICZ, Roney. *Senhor Mosaico: Francisco Gotthilf e o Programa Mosaico na TV*. São Paulo: Narrativa Um, 2008.
- DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- DOLINGER, Rachelle W. *Homens de valor, uma memória dos homens que se destacaram na comunidade judaica do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Imago, 2008.
- DOLINGER, Rachelle W. *Mulheres de valor, uma memória das mulheres que se destacaram na comunidade judaica do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.
- DREIFUSS, René Armand. 1964: a Conquista do Estado: Ação Política, Poder e Golpe de Classe. Petrópolis: Vozes, 1981.
- EBAN, Abba. *A História do Povo de Israel*. Rio de Janeiro: Editora. Bloch, 1975.
- ELDAD, Israel; AUMANN, Moshe. *Chronicles: news of the past*. Jerusalém: Fundação Reubeni, 1968.
- FALBEL, Nachman. *Judeus no Brasil – estudos e notas*. São Paulo: Humanitas: EDUSP, 2008.
- FALBEL, Nachman. *Jacob Nachbin*. São Paulo: Editora Nobel, 1985.
- FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (orgs.). *O Brasil Republicano: do início dos anos 30 ao apogeu do Estado Novo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. v. 2.
- FERREIRA, Jorge. *O Rio de Janeiro nos jornais: ideologias, culturas políticas e conflitos sociais, 1946-1964*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2011.
- FICO, Carlos. *O Regime Militar No Brasil. 1964-1985*. São Paulo: Savaira, 2009.
- FOLHA DE SÃO PAULO. *Primeira página – 95 anos de história nas capas mais importantes da Folha*. São Paulo: Publifolha, 2000.
- FRIDMAN, Fania. *Paisagem estrangeira: memórias de um bairro judeu no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2007.
- GILBERT, Martin. *A Segunda Guerra Mundial – os 2.174 dias que mudaram o mundo*. Tradução Ana Luísa Faria e Miguel Serras Pereira. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2014.
- GOLDBERG, David. *Os judeus e o judaísmo: história e religião*. RJ: Xenon Editora, 1989.
- GOMES, Ângela de Castro. *Olhando para dentro: 1930 – 1964*. São Paulo: Editora Objetiva, 2013.

- GOMES, Ângela de Castro; HANSEN, Patrícia Santos (orgs.). *Intelectuais Mediadores: práticas culturais e ação política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.
- GRANJA, Lúcia; LUCA, Tania Regina de (org.). *Suportes e mediadores: a circulação transatlântica dos impressos (1789–1914)*. Campinas, SP: Editora UNICAMP, 2018.
- GRIN, Mônica. Diáspora minimalista: a crise do judaísmo moderno no contexto brasileiro. In: SORJ, Bila (org.). *Identidades judaicas no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro: Imago, 1997. p. 103-124.
- GUIMARÃES, Valéria; LUCA, Tania Regina de. *Imprensa estrangeira publicada no Brasil*. São Paulo: Rafael Copetti, 2017.
- GUIMARÃES, Valéria. Agentes da circulação de jornais franceses no Brasil (passagem do século XIX ao XX). In: GRANJA, Lúcia; LUCA, Tania Regina de (orgs.). *Suportes e mediadores: a circulação transatlântica dos impressos (1789–1914)*. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2018a. p. 321-358.
- GUIMARÃES, Valéria. Messenger de St. Paul: un passeur des deux mondes. In: GALINDO, Juan Antonio García; ROMERO, Laura López (orgs.). *Los medios en lengua extranjera – diversidad cultural e integración*. 1. ed. Granada, Espanha: Editorial Comares, 2018b. p. 181-192. v. 1.
- GUIMARÃES, Valéria; BIONDI, Luigi; LUCHESE, Terciane Ângela. *Mediações transnacionais e imprensa estrangeira publicada no Brasil*. São Paulo: Editora Unesp, 2022.
- GUINSBURG, Jacó (org.). *O Judeu e a Modernidade – Súmula do pensamento judeu*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1970.
- HALPERN, Josef. *Contribuição para a história da imprensa judaica no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Instituto Cultural Judaico Marc Chagall: Museu Judaico de Porto Alegre, 1999.
- HANNUD, Giancarlo; MONZANI, Marcelo. *Museu Lasar Segall – 70 documentos do acervo*. São Paulo: Museu Lasar Segall, 2019.
- HIRSCHBERG, Alice. *Desafio e resposta: a história da Congregação Israelita Paulista*. São Paulo: Edição especial por ocasião do quadragenário da Congregação Israelita Paulista, 1976.
- HOBSBAWN, Eric. *Era dos extremos – O breve século XX 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- IGEL, Regina. Brazilian Jewish Women Writers at the Crossroads. In: AGOSÍN, Marjorie (ed.). *Passion, Memory, Identity: Twentieth-Century Latin American Jewish Women Writers*. Albuquerque-Novo México: University of New Mexico Press, 1999. p. 74-78.
- IGEL, Regina. Janette Fishenfeld: Imagens no meu espelho (crônicas). In: IGEL, Regina. *Imigrantes Judeus/Escritores Brasileiros*. São Paulo: Associação Universitária de Cultura Judaica, 1997. p. 144-146.
- KLEIMAN, Mauro. *Construtores do moderno Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: IPUR/UFRJ, 1994.
- KUSHNIR, Beatriz. Nem bandidos, nem heróis: os militantes judeus de esquerda mortos sob tortura no Brasil [1969/1975]. In: LEWIN, Helena (coord.). *Identidade e cidadania: como se expressa o judaísmo brasileiro*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2009. p. 701-711. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/583jd/pdf/lewin-9788579820182-61.pdf>. Acesso em: 7 ago. 2023.

- KUSHNIR, Beatriz. *Baile de máscaras: mulheres judais e prostituição*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- KUSHNIR, Beatriz. *Cães de guarda: Jornalistas e censores, do AI-5 à Constituição de 1988*. São Paulo: Boitempo, 2004.
- LAMARÃO, Sérgio. Coordenação da Mobilização Econômica. In: ABREU, Alzira Alves de et al. *Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro* (DHBB). 2. ed. Rio de Janeiro: FGV/CPDOC, 2001 v. III. Versão atualizada.
- LESSER, Jeffrey. *A invenção da brasilidade*. Identidade nacional, etnicidade e políticas de imigração. São Paulo: Editora UNESP, 2015.
- LIMA, Evelyn F. Werneck. *Avenida Presidente Vargas: uma drástica cirurgia*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro, 1990.
- LISPECTOR, Elisa. *No exílio*. Rio de Janeiro: Editora Pongetti, 1948.
- LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2008.
- LUCA, Tania Regina de. Periodismo cultural: a trajetória da Revista do Brasil. In: ABREU, Márcia.; SCHAPOCHNIK, Nelson (orgs.). *Cultura letrada no Brasil*. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: Fapesp, 2005. p. 293-312.
- LUCHESE, Terciane Ângela. Educar para a catolicidade e a italianidade: o jornal *Il Corriere d'Italia*, RS, Brasil (1913-1927). In: GUIMARÃES, Valéria; BIONDI, Luigi; LUCHESE, Terciane Ângela (orgs.). *Mediações transnacionais e imprensa estrangeira publicada no Brasil*. São Paulo: Editora Unesp, 2022.
- MACKENZIE, Donald F. *Bibliografia e a sociologia dos textos*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2018.
- MALAMUD, Samuel. *Recordando a Praça Onze*. Rio de Janeiro: Kosmos, 1988.
- MALAMUD, Samuel. *Do arquivo e da memória*. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1983.
- MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em revista – imprensa e práticas culturais em tempos de República*, São Paulo (1890-1922). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp: Imprensa Oficial do Estado, 2001.
- MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de (org.). *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013.
- MICELI, Sergio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- MIZRAHI, Rachel. Imigrantes judeus do Oriente Médio e sua inserção em São Paulo e no Rio de Janeiro. In: LEWIN, Helena (coord.). In: *Identidade e cidadania: como se expressa o judaísmo brasileiro*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2009. p. 160-173.
- MONTEFIORE, Simon S. *Stalin: The Court of the Red Tsar*. Londres: Orion Pub Co., 2003.
- MORIN, Edgar. *O mundo moderno e a questão judaica*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

- NEUMANN, Roseane M. Correio Serrano: órgão dos interesses regionais. In: DREHER, M.; RAMBO, A. B.; TRAMONTINI, M. J. *Imigração e Imprensa*. Porto Alegre: EST/São Leopoldo: Instituto Histórico de São Leopoldo, 2004. p.190-209.
- NOVAIS, Fernando A.; MELLO, João Manoel Cardoso de. Capitalismo tardio e sociabilidade moderna. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz. *História da Vida Privada no Brasil – contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998. p. 559-658. v. 4.
- PALATNIK, Rosa. Verde para Schevues. In: CYTRYNOWICZ, Hadassa; MIGDAL, Genha. (org.). *O conto iídiche no Brasil*. São Paulo: Humanitas, 2007.
- PESEZ, Jean Marie. História da cultura material. In: Le GOFF, Jacques (org.). *A História Nova*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- PINKUSS, Fritz. *Estudar, Ensinar, Ajudar*. Seis Décadas de um Rabino em Dois continentes. São Paulo: Cultura. 1990.
- RATTNER, Henrique. *Tradição e mudança*. São Paulo: Ática, 1977.
- REIS, Daniel Araújo. *Ditadura militar, esquerdas e sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- RIBAS, Cristina M. *Justiça em tempos sombrios – a justiça no pensamento de Hannah Arendt*. Ponta Grossa: Todapalavra, 2019.
- ROCHA, Clara. *Revistas Literárias do Século XX em Portugal*, Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.
- ROTH, Cecil. *Enciclopédia judaica*. M-Z. Rio de Janeiro: Tradição, 1967. v. 3.
- SAND, Shlomo. *A invenção do Povo Judeu*. São Paulo: Benvirá, 2011
- SANSON, Daniel. Características socioeconômicas da população judaica do Rio de Janeiro. *Cadernos de Língua e Literatura Hebraica*. Humanitas, São Paulo, 2001.
- SILVA, Lúcia Helena Pereira da. *Luzes e Sombras na cidade: no rastro do Castelo e da Praça Onze: 1920/1945*. Rio de Janeiro: Secretaria Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 2006. [coleção biblioteca carioca].
- SHAPIRA, Anita. *Israel uma história*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.
- SMITH. Anne-Marie. *Um Acordo Forçado: o consentimento da imprensa à censura no Brasil*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2000
- SOARES, Gláucio A. D. *A democracia interrompida*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001.
- SREBRNIK, Henry Felix. *Nationality Dreams: American Jewish Communists and the Soviet Birobidjan Project, 1924-1951*. Boston: Academic Studies Press, 2010.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.
- SORJ, Bernardo. *Judaísmo para todos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

- SUMNER, David E. *The Magazine Century - American Magazines Since 1900*. Nova York: Peter Lang Inc.: International Academic Publishers, 2010.
- SUNDFELD, Roberta A. (coord). *FISESP 50 anos: uma trajetória coletiva*. São Paulo: R. A. Sundfeld, 1996.
- TRAMONTINI, Marcos. J. *Imigração e Imprensa*. Porto Alegre: EST/São Leopoldo: Instituto Histórico de São Leopoldo, 2004.
- USDIN, Steven T. *Bureau of Spies: The Secret Connections Between Espionage and Journalism in Washington*. Nova York: Prometheus Books, 2018.
- VELTMAN, Henrique. *A história dos judeus no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Editora Expressão e Cultura, 1998.
- VENÂNCIO, Giselle. Prefigurações da paisagem historiográfica: revistas, coleções e mediação. In: GOMES, Ângela de Castro; HANSEN, Patrícia (orgs.). *Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016. p. 436-465.
- VIZENTINI, Paulo. *Relações Internacionais e desenvolvimento: o nacionalismo e a política externa independente (1951-1964)*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- WOLFF, Egon; WOLFF, Frieda. *Depoimentos um perfil da coletividade judaica brasileira*. Rio de Janeiro: Egon e Frieda Wolff, 1988.
- WOLFF, Frieda. *Nossas três vidas e outras histórias*. Rio de Janeiro: Imprimatur, 1999.

Dissertações e teses

- ALMEIDA, Nukácia Meire Araújo de. *Jornal das Moças: leitura, civilidade e educação femininas (1932-1945)*. 2008. 258 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/3186>. Acesso em: 10 mar. 2024.
- DALMÁZ, Mateus. *Democracia e Concerto Americano: visão de O Cruzeiro sobre a Argentina nas relações Interamericanas (1946-1966)*. 2014. 167 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014. Disponível em: <https://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/6813/1/000461288-Texto%2bCompleto-0.pdf>. Acesso em: 26 jan. 2024.
- DECOL, René. *Imigrações urbanas para o Brasil: o caso dos judeus*. 1999. 250 f. Tese (Doutorado em Demografia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1999.
- FREITAS FILHO, Almir Pita. *A industrialização no Rio de Janeiro, 1930-1945: indústria e industriais no antigo Distrito Federal*. 1986. 206 f. (Dissertação de mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1986.
- LEAL, Maria da Glória de F. *A construção do espaço urbano carioca no Estado Novo: a indústria da construção civil*. 1987. 205 f. (Dissertação de mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1987.

- LUZ, Marcio M. *Abençoados aqueles que vêm: imigração e beneficência judaica em São Paulo (1900-1950)*. 2011. 161 f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2011. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/798740>. Acesso em: 10 mar. 2024.
- OLIVEIRA, Julia Souza. *A Columna e o sionismo no Rio de Janeiro em princípios do século XX: reflexões acerca de uma identidade em construção*. 2019. 109f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual Paulista, Franca. SP, 2019.
- OLIVEIRA, Luciana Souza de. *A fala dos passos: imigração e construção de espaços judaicos na cidade de Natal (1919-1968)*. 2009. 196 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2009. Disponível em: <http://www.edufrn.ufrrn.br/handle/123456789/604>. Acesso em: 10 mar. 2024.
- SIMÕES, Gustavo da F. *Turbulência política interna e política externa durante o governo Castello Branco (1964-1967)*. 2010. 94 f. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) - Instituto de Relações Internacionais, Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2010. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UNB_ec6598133e091ef9d1cacce59db63834/Description. Acesso em: 10 mar. 2024.
- SOUZA, Maurício Maia de. *Henfil e a censura: o papel dos jornalistas*. 1999. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, 1999.
- TERDIMAN, Esther Wajskop. *Imprensa ídiche em São Paulo: vivência e dinamismo (San Pauler Iídiche Tsaitung: a gazeta israelita de São Paulo, 1937)*. 1997. 196 f. Dissertação (Mestrado em Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaica) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.
- Artigos de periódicos e Anais de evento**
- AZEVEDO, Dúnya. A evolução técnica e as transformações gráficas nos jornais brasileiros. *Mediação*, Belo Horizonte, v. 9, n. 9, jul./dez. 2009.
- BARRETO, Luis Carlos; CARNEIRO, Glauco; GIUDICELLI, Raul; MORAES, Mario. O Cruzeiro, a maior e melhor revista da América Latina. *Cadernos da comunicação*, Rio de Janeiro, n. 3, jun. 2002. Série Memória.
- CHERMONT, Lúcia. Revista *Aonde Vamos?* Rede ideológica e institucional. *Cadernos de Língua e Literatura Hebraica*, São Paulo, n. 20, p. 23-43, 2021. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cllh/article/view/192991/179221>. Acesso em: 7 ago. 2023.
- CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre a imprensa. *Projeto História*, São Paulo, n. 35, p. 253-270, dez. 2007. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/2221/1322>. Acesso em: 25 jan. 2024.
- CYTRYNOWICZ, Roney. Além do Estado e da ideologia: imigração judaica, Estado-Novo e Segunda Guerra Mundial. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 22, n. 44, p 393-423, 2002.
- DECOL, René. Judeus no Brasil: explorando os dados censitários. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 16, n. 46, p. 147-160, jul. 2001. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-69092001000200008>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/H5RTSJTXcxrhvssYXk3tmDp/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 4 ago. 2023.

- DELGADO, Lucília Almeida Neves. O governo João Goulart e o golpe de 1964: memória, história e historiografia. *Tempo*, Niterói, RJ, v. 14, n. 28, p. 125-145, jan./jun. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tem/v14n28/a06v1428.pdf>. Acesso em: 7 mar. 2024.
- ESPAGNE, Michel. La notion de transfert culturel. *Revue Sciences/Lettres*, Paris, v. 1, p. 1-9, 2013. Disponível em : <https://journals.openedition.org/rsl/219>. Acesso em : 25 jan. 2024.
- ESPAGNE, Michel. Transferências culturais e história do livro. *Revista Livro*, Cotia. n. 2, ago. 2012.
- FALBEL, Nachman. Deus Absconditus: Yossel Rakover fala com Deus de Zvi Kolitz - Em memória dos mártires do levante do Gueto de Varsóvia, 19 de abril de 1943. *Revista USP*, São Paulo, n. 57, p. 196-209, mar./maio. 2003. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/33842/36575>. Acesso em: 7 ago. 2023.
- FICO, Carlos. Versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 24, nº 47, p.29-60, jul. 2004. Disponível em <https://www.scielo.br/j/rbh/a/NCQ3t3hRjQdmgtJvSjLYMLN/?lang=pt> Acesso em: 10 jul. 2022.
- GARCIA, Paulo C. E. Sionismo e Identidade Judaica: análise da revista Seleções Sionistas (1961-1962). *Revista Âgora*, Santa Cruz do Sul, RS, v. 7, n. 2, p. 179-210, jul./dez. 2001.
- GHERMAN, Michel. O Sionismo e o Uso Político-Pedagógico da Memória da Shoá. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA: MEMÓRIA, TRAUMA E REPARAÇÃO, 2012, Rio de Janeiro. *Anais [...]*. Rio de Janeiro: PPGHIS/UFRJ, 2012. p. 1-19. Disponível em: <http://seminariomemoriatraumaereparacao.weebly.com/uploads/1/4/8/8/14881944/ghermmanmichel.pdf>. Acesso em: 22 fev. 2022.
- GUIMARÃES, Valéria. Da História Comparada à História Global: imprensa transnacional e o exemplo do *Messenger* de São Paulo. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro, a. 176, n. 466, p. 87-120, jan./mar. 2015.
- GUIMARÃES, Valéria. Revistas francesas no Brasil caminhos da modernidade: catálogos e mediadores (Rio de Janeiro e São Paulo, séculos XIX e XX). *Revista Territórios & Fronteiras*, Cuiabá, MT, v. 9, n. 2, jul./dez., 2016. Disponível em: https://periodicoscientificos.ufmt.br/territoriosefronteiras/index.php/v03n02/article/view/574/pdf_1. Acesso em: 26 jan. 2024.
- LEAL, Bruno; GRIN, Monica; Caraciki, Leonel; NOVA, Andréa C; KOIFMAN, Fabio. Conversando com Alberto Dines. *Revista Digital do NIEJ*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 6, p. 3-12, dez. 2012. Disponível em: <https://docplayer.com.br/36294110-Alberto-dines-conversando-com-entrevista-revista-digital-do-niej-ano-4-n-6-3.html>. Acesso em: 10 jul. 2022.
- LEE, Eric. The Eremin letter: Documentary proof that Stalin was an Okhrana spy? *Revolutionary Russia*, v. 6, n.16, p. 55-96, jun. 1993. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/09546549308575595>. Acesso em: 10 jul. 2022.
- LUCA, Tania Regina. de. As revistas de cultura durante o Estado Novo: problemas e perspectivas. In: IV ENCONTRO NACIONAL DA REDE ALFREDO DE CARVALHO, 2006, São Luís do Maranhão, MA. *Anais do IV Encontro Nacional de História da Mídia*. São Luís, MA: Rede Alfredo de Carvalho, 2006. p. 1-13. v. 1.
- MAUAD, Ana Maria; LOUZADA, Silvana; SOUZA JÚNIOR, Luciano Gomes de. Das revistas ilustradas ao fotojornalismo independente: itinerários da prática fotográfica no Brasil do século XX. *Fotocinema. Revista Científica de Cine y Fotografía*, Málaga, Espanha, n. 22, p. 221-254, jan. 2021. Disponível em: <https://revistas.uma.es/index.php/fotocinema/article/view/11713/12089>. Acesso em: 26 jan. 2024.

- MEYRER, Marlise. Revista *O Cruzeiro*: um projeto civilizador através das fotorreportagens (1955-1957). *História Unisinos*, São Leopoldo, RS, v. 14, n. 2, p. 197-212, maio/ago. 2010. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/historia/article/view/4719/1942>. Acesso em: 26 jan. 2024.
- NAPOLITANO, Marcos. O golpe de 1964 e o regime militar brasileiro – apontamentos para uma revisão historiográfica. *Revista Contemporânea - Historia y problemas del siglo XX*. v. 2, n. 2, p. 209-217, mar. 2011.
- PETRARCA, Fernanda R. O Jornalismo no Brasil: a gênese de uma profissão. *XII CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA*. Belo Horizonte, 31 maio a 3 de jun. 2005.
- SOUZA DA SILVA, P. Avenida Presidente Vargas: a fúria demolidora da reforma urbana do Estado Novo na cidade do Rio de Janeiro (1938-1945). *Revista Cantareira*, n. 29, p. 147-158, jul./dez. 2018.
- SIMON, Sergio D. Kol Israel – A voz sionista na Amazônia. *Morashá*, v. XXVI, n. 103, p. 61-64, abr. 2019.
- TAVARES, Maria da Conceição (coord.). O papel do BNDE na industrialização do Brasil – Os anos dourados do desenvolvimentismo, 1952-1980. *Memórias do Desenvolvimento*, Rio de Janeiro, ano 4, n. 4, p. 9-12, set. 2010. Disponível em: http://www.centrocelsofurtado.org.br/arquivos/image/201109231719550.MD4_0_007.pdf. Acesso em: 4 ago. 2023.
- TOLEDO, César de Alencar A. de e SKALINSKI, Oriomar Jr. A imprensa periódica como fonte para a história da educação: teoria e método. *HISTEDBR On-line*, Campinas, n. 48, p. 255-268, dez. 2012.
- VAISBIH, Renato. Entrevista com o rabino Henry Sobel, sim à dignidade humana. *Cadernos Conib*, São Paulo, n. 2, p. 33-39, jan. 2014.
- WIAZOVSKI, Taciana. *Cultura em comentário: uma revista de cultura e resistência (1960-1973)*. 2011. 213f. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

Publicações em meios eletrônicos (Sites)

- ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNAIS. *Imprensa Brasileira – dois séculos de história*. Brasília: Associação Nacional de Jornais – ANJ, 2008. Disponível em: <https://www.anj.org.br/wp-content/uploads/2021/04/Imprensa-Brasileira-Dois-Se%CC%81culos-de-Histo%CC%81ria.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2022
- CALANDRIN, Karina Stange. *O sistema parlamentar Israelense*. In: Site INSTITUTO BRASIL-ISRAEL. [S. d]. Disponível em: <http://institutobrasilisrael.org/colunistas/karina-calandrin/geral/o-sistema-parlamentar-israelense>. Acesso em: 10 jul. 2022.
- CHERMONT, Lúcia. Josef Halevi, idealizador dos primeiros periódicos em ídiche no Brasil. In: Site TRANSFOPRESS Brasil. 2018a. Disponível em: <http://transfopressbrasil.franca.unesp.br/verbetes/josef-halevi-idealizador-dos-dois-primeiros-periodicos-em-iidiche-no-brasil/>. Acesso em: 10 jul. 2022.
- CHERMONT, Lúcia. *Di Idiche Tzukunft* (O Futuro Israelita), segundo periódico em iídiche no Brasil. In: Site TRANSFOPRESS Brasil. 2018b. Disponível em: <http://transfopressbrasil.franca.unesp.br/verbetes/di-idiche-tzukunft-o-futuro-israelita-segundo-periodico-em-iidiche-no-brasil/>. Acesso em: 10 jul. 2022.

- CHERMONT, Lúcia. *Di Menscheit* (A Humanidade), a primeira publicação em língua iídiche no Brasil. In: Site TRANSFOPRESS Brasil. 2018c. Disponível em: <http://transfopressbrasil.franca.unesp.br/verbetes/di-menscheit-a-humanidade-a-primeira-publicacao-em-lingua-iidiche-no-brasil/>. Acesso em: 10 jul. 2022.
- DAVID Leigh recounts the 30-year history of the Foreign Office's covert propaganda operation. *Cambridge Clarion*, Estados Unidos, [S. d.]. Disponível em: https://www.cambridgeclarion.org/e/fo_deceit_unit_graun_27jan1978.html. Acesso em: 21 jul. 2022.
- ENTREVISTA com Hugueta Sendacz publicada na edição 1.012. Site *Nossa Voz*, São Paulo, 2015a. Disponível em: <https://jornalnossavoz.wordpress.com/2015/09/16/entrevista-com-hugueta-sendacz/>. Acesso em: 27 jul. 2022.
- ENTREVISTA com Jacob Guinsburg publicada na edição 1.014. Site *Nossa Voz*, São Paulo, 2015b. Disponível em: <https://jornalnossavoz.wordpress.com/2015/09/16/entrevista-com-jacob-guinsburg/>. Acesso em: 27 jul. 2022.
- ENTREVISTA com Marcos Ajzenberg edição 1.011. Site *Nossa Voz*, São Paulo, 2015c. Disponível em: <https://jornalnossavoz.wordpress.com/2015/09/28/entrevista-com-marcos-ajzenberg-edicao-1-011/>. Acesso em: 27 jul. 2022.
- EXPOSIÇÃO traz recorte de 'O Pif-Paf', a seção de humor de Millôr Fernandes na revista O Cruzeiro. *Carta Campinas*, Campinas, SP, 12 nov. 2018. Disponível em: <https://cartacampinas.com.br/2018/11/exposicao-traz-recorte-de-o-pif-paf-a-secao-de-humor-de-millor-fernandes-na-revista-o-cruzeiro/>. Acesso em: 27 jul. 2022.
- FABIAN society. In: *ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA*. Chicago: Enciclopédia Britânica, [S. d.]. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/Fabian-Society>. Acesso em: 10 jul. 2022.
- FERREIRA, Marieta de M. João Goulart. In: *DICIONÁRIO Histórico e Biográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro: FGV, [S. d.]. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdac/acervo/dicionarios/verbete-biografico/joao-belchior-marques-goulart>. Acesso em: 10 jul. 2022.
- GENERAL zionists. In: site *ENCYCLOPEDIA.COM*. [S. d.]. Disponível em: [General Zionists | Encyclopedia.com](https://www.encyclopedia.com). Acesso em: 13 jul. 2022.
- HISTADRUT history. In: Site *Histadrut* [S. d.]. Disponível em: <https://www.histadrut.org.il/eng>. Acesso em: 14 jul. 2022.
- JEWISH COLONIZATION ASSOCIATION. *Jewish Virtual Library*. Disponível em: <https://www.jewishvirtuallibrary.org/jewish-colonization-association-ica>. Acesso em: 10 jul. 2022.
- KELLER, Vilma; XAVIER, Libânia. Chagas Freitas. In: *DICIONÁRIO Histórico e Biográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro: FGV, [S. d.]. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdac/acervo/dicionarios/verbete-biografico/antonio-de-padua-chagas-freitas>. Acesso em: 10 jul. 2022.
- KINOSHITA, Dina Lida. O ICUF como uma rede de intelectuais. *Revista Universum*. Talca, n. 15, p. 377-398, 2000. Disponível em: <http://judaismohumanista.ning.com/forum/topics/o-icuf-iidicher-cultur-farband>. Acesso em: 7 ago. 2023.
- LEARNING Ashrei. In: *Temple Beth-El – Congregations Sons of Israel and David*. [Providence, RI, 2023]. Disponível em: <https://www.temple-beth-el.org/sghportal/ashrei>. Acesso em: 3 ago. 2023.

- MCEVOY, John; HUNT, Daniel. Britain and Brazil's Dictatorship. *In*: site *Brasilwire*. 9 jul. 2020. Disponível em: <https://www.brasilwire.com/britain-brazil-dictatorship/>. Acesso em 27 jul. 2022.
- NUMERUS Clausus. *In*: Site Dicionário Priberam. [S. d.]. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/numerus%20clausus>. Acesso em: 11 jul. 2022.
- OS JULGAMENTOS de Nuremberg. *In*: Site United States Holocaust Memorial Museum. [S. d.]. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/the-nuremberg-trials>. Acesso em: 27 jul. 2022.
- OUR HISTORY. [S. l.: s. d.]. Site Hausner School. Disponível em: <https://www.hausnerschool.org/about-us/school-history>. Acesso em: 26 jul. 2022.
- POALEI Tzion. *In*: Site CONFEDERAÇÃO ISRAELITA DO BRASIL. [S. l.: s. n.: s. d.]. Disponível em: <https://www.conib.org.br/glossario/poalei-tzion/>. Acesso em: 10 jul. 2022.
- PRAVDA. *In*: Site WIKIPÉDIA. [S. d.]. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Pravda>. Acesso em: 10 jul. 2022.
- PROJETO guia de fundos. *In*: Site *Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro*. [S. d.]. Disponível em: http://wpro.rio.rj.gov.br/arquivovirtual/web/fontes/relArquivoGeral.php?id_conjuntoArquivo=21147. Acesso em: 26 jul. 2022.
- SANDRONI, C. Quarenta; Portal O Dia Comercial (<http://www.odiacomercial.com.br/>; Acesso em: 15 out. 2009); Portal Imprensa (<http://portalimprensa.uol.com.br/>. Acesso em: 15 out. 2009); Portal M&M Online (<http://www.mmonline.com.br/>; Acesso em: 15 out. 2009).
- SEPHARDIM and Oriental Communities. *In*: Site WIKIPÉDIA. [S. d.]. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Sephardim_and_Oriental_Communities. Acesso em: 10 jul. 2022.
- SEPHARDIM and Oriental Communities. *In*: Site *The Israel Democracy Institute*. [S. d.]. Disponível em: <https://en.idi.org.il/israeli-elections-and-parties/parties/sephardim-and-oriental-communities/>. Acesso em: 10 jul. 2022.
- SIONISMO. *In*: Site CONFEDERAÇÃO ISRAELITA DO BRASIL. [S. d.]. Disponível em: <https://www.conib.org.br/glossario/poalei-tzion/>. Acesso em: 10 jul. 2022.
- TUVIAH Friedman. *In*: Site Gedenk-und Bildungsstätte geschlossen. Disponível em: <https://www.ghwk.de/en/exhibition/crimes-uncovered/tuviah-friedman>. Acesso em: 27 jul. 2022.
- VEIDLINGER, Jeffrey. *Mikhoels, Solomon Mikhailovich*. [S. l.], 2 jan. 2011. YIVO Encyclopedia of Jews in Eastern Europe. Disponível em: https://yivoencyclopedia.org/article.aspx/Mikhoels_Solomon_Mikhailovich. Acesso em: 8 jun. 2021.
- WECKER, Menachem. The true story of a Jewish news agency that peddled fake news to undo Hitler. *Religion News Service*, Missouri, Estados Unidos, out. 2018. Disponível em: <https://religionnews.com/2018/10/01/the-true-story-of-a-jewish-news-agency-that-peddled-fake-news-to-undo-hitler/>. Acesso em: 21 jul. 2022.
- YEMENITE Association. *In*: Site *The Israel Democracy Institute* [S. d.]. Disponível em: <https://en.idi.org.il/israeli-elections-and-parties/parties/yemenite-association/>. Acesso em: 14 jul. 2022
- YUUKURA, Fernanda. Uma Breve Introdução à Linotipia. [S. l.], 29 set. 2017. Medium. Disponível em:

<https://medium.com/deadlines/uma-breve-introducao-a-linotipia-a06bdfdc215>. Acesso em: 4 ago. 2023.

ZE'EV (Vladimir) Jabotinsky In: Site: *Jewish Virtual Library*.

Disponível em: <https://www.jewishvirtuallibrary.org/ze-ev-vladimir-jabotinsky>. Acesso em: 10 jul. 2022.

Entrevistas

FUCS, Ronald. Sobre a revista *Aonde Vamos?*. [Entrevista cedida a] Lucia Chermont e realizada através do aplicativo de mensagem *WhatsApp*. 20 set. 2020.

MEGRICH, Sérgio. Sobre a revista *Aonde Vamos?*. [Entrevista cedida a] Lucia Chermont e realizada através do aplicativo de mensagem *WhatsApp*. 25 jun. 2021.

ROZENCHAN, Nancy. Sobre a revista *Aonde Vamos?*. [Entrevista cedida a] Lucia Chermont e realizada por telefone. 24 mar. 2020.

STAROBINAS, Lilian. Sobre a revista *Aonde Vamos?*. [Entrevista cedida a] Lucia Chermont e realizada por telefone. 30 mar. 2022.

SZWARCFITER, Jayme. Sobre a *Aonde Vamos?*. [Entrevista cedida a] Lucia Chermont e realizada através do programa computacional *Zoom*. 11 mar. 2022.

Fontes bibliográficas

ATA DE CONSTITUIÇÃO DA ALIANÇA SOCIAL DEMOCRATA, 1945, Rio de Janeiro. *Ata [...]*. Rio de Janeiro: Aliança Social Democrata, 1945. Disponível em: https://www.tse.jus.br/hotsites/registro_partidario/asd/arquivos/ataConstituicaoASD.pdf. Acesso em: 21 jul. 2022.

BRASIL. Polícia Civil do Distrito Federal. *Relatório sobre o caso Aron Neumann*. Rio de Janeiro, DF: Polícia Civil do Distrito Federal, 1943. 7 p. Disponível em: <https://www.arqshoah.com/arquivo/505-arq-495-relatorio-sobre-o-caso-aron-neumann-ainda-incompleta>. Acesso em: 21 jul. 2022.

O LIVRO de Atas das Congregações Judaicas: *Zur Israel* em Recife e *Maguen Abraham* em Maurícia, Brasil, 1648-1653. (Trad. Arnold Wiznitzer). *Anais da Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional. 1955. v. 74.

RIO DE JANEIRO (DISTRITO FEDERAL). Relatório da Prefeitura do Distrito Federal, 1937- 1943. Departamento de Geografia e Estatística, 1943.

Fontes periódicas (jornais e revistas)

ABRAMOWITZ, Isidore. New Palestine Party: visit of Menachem Begun nd Aims of Political Movement Discussed. *New York Times*, Nova Iorque, v. VCVIII, n. 33.187, p. 12, 4 dez. 1948.

ACTOS do Presidente da República. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, ano XXXIX, n. 13.934, p. 5, 9 abr. 1940.

ADOLF Eichmann – assassino de judeus europeus – detido em Israel. *Unzer Stime*, São Paulo, ano XII, n. 837, p. 6, 26, maio 1960.

AN ARROGANT Eichmann finally gets on the stand. *Life*, New York, v. 50, n. 26, p. 46-47, 30 jun. 1961.

ANDRADE, Theophilo. Crise e justificação comunista. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXVIII, n. 40, p. 42, 21 jul. 1956a.

ANDRADE, Theophilo. A encruzilhada russa. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXXVIII, n. 39, p. 40, 14 jul. 1956b.

ANDRADE, Theophilo. A declaração de Washington. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXVIII, n. 20, p. 34, 3 mar. 1956c.

ANDRADE, Theophilo. Um crime que não foi só de um homem. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXXIII, n. 32, p. 38, 20 maio 1961.

S/A. Anti-semitismo pelo mundo. *Unzer Stime*, São Paulo, ano IX, n. 506, p. 10, 28 jan. 1955.

S/A. *Aonde Vamos?*, Rio de Janeiro, ano IV, n.11, p. 12, 20 maio 1943a.

S/A. *Aonde Vamos?*, Rio de Janeiro, ano IV, n. 81, p. 8, 13 maio 1943b.

S/A. *Aonde Vamos?*, Rio de Janeiro, ano V, n. 67, p. 23, 15 jun. 1944.

S/A. *Aonde Vamos?*, Rio de Janeiro, ano VI, n. 178, p. 11, 26 ago. 1946a.

S/A. *Aonde Vamos?*, Rio de Janeiro, ano VI, n. 167, p. 5, 4 jul. 1946b.

S/A. *Aonde Vamos?*, Rio de Janeiro, ano VII, n. 236, p. 27, 20 nov. 1947a.

S/A. *Aonde Vamos?*, Rio de Janeiro, ano VII, n. 225, p. 11, 4 set. 1947b.

S/A. *Aonde Vamos?*, Rio de Janeiro, ano VII, n. 212, p. 3, 5 jun. 1947c.

S/A. *Aonde Vamos?*, Rio de Janeiro, ano VII, n. 211, p. 19, 29 mai. 1947d.

S/A. *Aonde Vamos?*, Rio de Janeiro, ano VII, n. 207, p. 4, 1º mai. 1947e.

S/A. *Aonde Vamos?*, Rio de Janeiro, ano IX, n. 344, p. 14, 22 dez. 1949a.

S/A. *Aonde Vamos?*, Rio de Janeiro, ano IX, n. 342, p. 22, 08 dez. 1949b.

S/A. *Aonde Vamos?*, Rio de Janeiro, ano IX, n. 348, p. 11, 19 jan. 1950.

S/A. *Aonde Vamos?*, Rio de Janeiro, ano XIV, n. 617, p. 16, 21 abr. 1955.

S/A. As causas do silêncio sionista. *Unzer Stime*, São Paulo, ano IX, n. 510, p. 5, 25 fev. 1955.

- ATHAYDE, Austregésilo de. O Espírito livre. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXIX, n. 15, p. 18, 26 jan. 1957.
- S/A. Ataulidade sionista no Rio de Janeiro. *Aonde Vamos?*, Rio de Janeiro, ano VI, n. 161, p. 27, 23 maio 1946.
- BEGIN no Knesset. *Aonde Vamos?*, Rio de Janeiro, ano XXVI, n. 1284/85, p. 59-61, 25 abr. 1968.
- BRANDÃO, Luis. *Jornal O Dia; Dia*; INF. ARI CARVALHO; INF. MAGDA DE ALMEIDA; INF. RUTE DE AQUINO; INF. VILAS-BOAS CORREIA; *Rev. Comun.* (1987 e 1995).
- CANG, Joel. A situação dos judeus russos. *Aonde Vamos?*, Rio de Janeiro, ano XV, n. 669, p. 24, 19 abr. 1956.
- S/A. Cartas. *Aonde Vamos?*, Rio de Janeiro, ano XXI, n. 978, p. 10, 22 mar. 1962.
- CAU, Jan, O Monstro Nazi Adolf Eichmann. *Unzer Stime*, São Paulo, ano XIII, n. 840, p. 6, 16 jun. 1956.
- CHAMBERS, Whittaker. The end of a dark age ushers in new dangerous – the liquidation of Stalinism at Reds’ 20th Congress, says famous authority, means ‘no third war’ but more insidious drive to win free man. *Life*, New York, v. 40, n. 18, p. 148-158, 30 abr. 1956.
- S/A. Comentários nova etapa histórica. *Aonde Vamos?*, Rio de Janeiro, ano 6, n. 136, p. 23, 8 nov. 1945.
- S/A. Comunicado – ao público israelita. *Aonde Vamos?*, Rio de Janeiro, ano VIII, n. 262, p. 15, 20 maio 1948.
- S/A. Comunistas judeus atacam. *Aonde Vamos?*, Rio de Janeiro, ano XV, n. 681, p. 12, 12 jul. 1956.
- S/A. Continua o movimento ascensional da “Aonde Vamos?” em São Paulo. *Aonde Vamos?*, Rio de Janeiro, ano IX, n. 344, p. 14, 22 dez. 1949.
- S/A. Decide o Governo Israeli: Eichmann não será recambiado para Argentina – Pede a Argentina a convocação do Conselho de Segurança da ONU. *Unzer Stime*, São Paulo, ano XIII, n. 840, p. 6, 16 jun. 1956.
- S/A. Declaração de Líderes Judaicos de Quatro Países – Dever de cada judeu diante o Processo Eichmann. *Unzer Stime*, São Paulo, ano XV, n. 891, p. 6, 29 jun. 1961.
- S/A. Dentro de 50 dias o início do processo da besta-fera nazista Adolf Eichmann. *Unzer Stime*, São Paulo, ano XIII, n. 838, p. 6, 2 jun. 1960.
- S/A. Dezesesseis anos depois Eichmann responde pelo extermínio de 6 milhões de judeus. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXXIII, n. 28, p. 126-129, 22 abr. 1961.
- S/A. Diário religioso de Tel-Aviv escreve: não quer o ocidente que seja processado em Israel o monstro nazi Eichmann. *Unzer Stime*, São Paulo, ano XIII, n. 840, p. 6, 16 jun. 1956.
- S/A. Ecos e comentários. *Aonde Vamos?*, Rio de Janeiro, ano XII, n. 525, p. 3, 9 jul. 1953.
- S/A. Eichmann, assassino de milhões, enfrentará a justiça dos homens. *Aonde Vamos?*, Rio de Janeiro, ano XIX, n. 881, p. 7-12, 26 maio 1960.
- S/A. Eichmann confessa – Harry Golden previews an extraordinary document to appear in LIFE. *Life*, New York, v. 49, n. 21, p. 133, 21 nov. 1960.

S/A. Eichmann na jaula de vidro. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXXIII, n. 30, p. 132-135, 6 maio 1961.

S/A. Eichmann's The Editors of Life present a major historical document: Adolf Eichmann tells his own damning story, part I - "I transported them... in the butcher". *Life*, New York, v. 49, n. 22, p. 19-33, 28 nov. 1960.

S/A. Eichmann's own story: part II - "to sum it all up, I regret nothing". *Life*, New York, v. 49, n. 23, p. 146-161, 5 dez. 1960.

S/A. Em formação o bloco (árabe) do Oriente Médio. *Unzer Stime*, São Paulo, ano IX, n. 502, p. 6, 11 jan. 1955.

S/A. End of a hunt hatred. *Life*, New York, v. 48, n. 22, p. 41-42, 6 jun. 1960.

FELDMAN, Esther Ita. Carta do leitor. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, ano LXXXV, n. 200, Caderno B, p. 2, 15 jan. 1976.

FRIEDMAN, Tuvia. My Search for Vengeance. *Life*, New York, v. 50, n. 8; p. 90-100, 24 fev. 1961.

S/A. FUNDADO o Comitê Cristão Brasileiro Pró Palestina. *A Noite*, Rio de Janeiro, ano XXVI, n. 12.354, p. 8, 2 set. 1946.

GOLDEN, Harry. A stranger to the human race. *Life*, New York, v. 50, n. 16, p. 43-46, 21 abr. 1961.

GRISAR, P. J. Sharks defending Britain from Nazis? How 'Fake News' helped foil Hitler. *Forward*. Jewish, Independent, Nonprofit, Estados Unidos, 22 out. 2018. Disponível em: <https://forward.com/culture/412422/sharks-defending-britain-from-nazis-how-fake-news-helped-foil-hitler/>. Acesso em: 21 jul. 2022.

HAUSNER, Gideon. Íntegra da denúncia de Israel contra Eichmann. *Aonde Vamos?*, Rio de Janeiro, ano XX, n. 921, p. 12-14, 2 mar. 1961.

S/A. Imprensa Israeli Informa: Moscou, Praga e Varsóvia Fornecem Materiais Contra Eichmann. *Unzer Stime*, São Paulo, ano XIV, n. 861, p. 6, 10 nov. 1960.

S/A. Independência para todos. *Aonde Vamos?*, Rio de Janeiro, ano XXXIII, n. 1666/7, p. 73, 30 abr. 1976.

S/A. Inhuman burden of a nightmare remembered. *Life*, New York, v. 50, n. 23, p. 51, 9 jun. 1961.

S/A. Insistimos. *Aonde Vamos?*, Rio de Janeiro, ano VII, n. 238, p. 10, 4 dez. 1947.

S/A. Internacional. *Aonde Vamos?*, Rio de Janeiro, ano XIX, n. 886, p. 17-18, 30 jun. 1960.

S/A. Israel ao completar sete anos. *Aonde Vamos?*, Rio de Janeiro, ano XIV, n. 618, p. 4-5, 28 abr. 1955.

S/A. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, ano LIX, n. 158, p. 8, 9 jul. 1949.

S/A. Jornal Israelita. *Aonde Vamos?*, São Paulo, ano VI, n. 177, p. 15, 12 set. 1946.

S/A. Jornalismo judeu no Brasil. *Boletim ASA Associação Scholem Aleichem*, Rio de Janeiro, N. 120, set./out., 2009.

S/A. Krushev e o antissemitismo. *Aonde Vamos?*, Rio de Janeiro, ano XV, n. 681, p. 12, 12 jul. 1956.

S/A. Laconismo e falhas incríveis na inquirição policial de Eichmann. *Aonde Vamos?*, Rio de Janeiro, ano XX, n. 932, p. 16, 18 maio 1961.

LEVINE, Isaac D. A document on Stalin as czarist spy – authority on soviets tells the story of three years of detective work to verify incriminating evidence. *Life*, New York, v. 40, n. 17, p. 45-49, 22 abr. 1956.

MARQUES, Sarah. Partidos e Candidatos Brasileiros em face da questão judaica. *Aonde Vamos?*, Rio de Janeiro, ano VI, n. 139, p. 6-7, 29 nov. 1945.

MILI, Gjon. Eichmann is at bay on eve of trial: an intimate study. *Life*, New York, v. 50, n. 15, p. 22-27, 14 abr. 1961.

MILLÔR, Fernandes. Notas sobre a nova linha política da Rússia (perdão, da União Soviética!). *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XXVIII, n. 41, p. VIII, 28 jul. 1956.

S/A. Movimentada passagem do “IOM HAATZMAUT” em Israel. *Aonde Vamos?*, Rio de Janeiro, ano XI, n. 413, p. 1, 10 maio 1951.

S/A. Não há anti-semitismo na Alemanha Oriental. *Unzer Stime*, São Paulo, ano VII, n. 370, p. 6, 28 abr. 1953.

S/A. Necrologia. *O Jornal*, Rio de Janeiro, ano XXII, n. 9.331, p. 22, 24 set. 1950.

NEUMANN, Aron. Porque sou sionista geral. *Aonde Vamos?*, Rio de Janeiro, ano VII, n. 204, p. 4, 10 abr. 1947a.

NEUMANN, Aron. Parece fantasia. *Aonde Vamos?*, Rio de Janeiro, ano VII, n. 203, p. 3, 3 abr. 1947b.

NEUMANN, Aron. Mazal-tov. *Aonde Vamos?*, Rio de Janeiro, ano XII, n. 512, p. 5, 9 abr. 1953.

NEUMANN, Aron. Como a AONDE VAMOS? chegou a ser o que é. *Aonde Vamos?*, Rio de Janeiro, ano XXI, n. 1000, p. 46-63, 27 set. 1962.

S/A. No yishuv São Paulo. *Aonde Vamos?*, Rio de Janeiro, ano XXIII, n. 1077, p. 15, 6 abr. 1964.

S/A. Nossa capa. *Aonde Vamos?*, Rio de Janeiro, ano XXII, n. 1003, p. 3, 18 out. 1962.

S/A. Nota da redação. *Aonde Vamos?*, Rio de Janeiro, ano XV, n. 678, p. 8, 21 jun. 1956.

S/A. Notícias da URSS e Democracias Populares. *Unzer Stime*. São Paulo, ano IX, n. 553, p.8, 7 out. 1955.

S/A. Novos pontífices da política nacional. *Unzer Stime*, São Paulo, ano X, n. 660, p. 6, 18 dez. 1956.

S/A. Novos registrados na profissão jornalística. *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, ano XII, n. 3.310, p. 10, 25 mar. 1939.

S/A. Objetivos e critérios de certa imprensa. *Unzer Stime*, São Paulo, ano X, n. 619, p. 6, 3 jun. 1956.

S/A. O fluminense, Rio de Janeiro, ano CV, p. 13, 18 jun. 1982.

- S/A. O Instituto Histórico Judaico de Varsóvia informa sobre as monstruosidades de Eichmann. *Unzer Stime*, São Paulo, ano XIII, n. 844, p. 12, 14 jul. 1960.
- S/A. O jornalismo na administração pública. *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, ano XI, n. 3.150, p. 4, 15 set. 1938.
- S/A. Os judeus em face das eleições no Brasil. *Aonde Vamos?*, Rio de Janeiro, ano X, n. 371, p. 3-17, 6 jul. 1950.
- S/A. Os judeus no mundo. *Aonde Vamos?*, Rio de Janeiro, ano XIV, n. 633, p. 10, 11 ago. 1955a.
- S/A. Os judeus no mundo. *Aonde Vamos?*, Rio de Janeiro, ano XIV, n. 629, p. 20, 14 jul. 1955b.
- S/A. Os judeus no mundo. *Aonde Vamos?*, Rio de Janeiro, ano XIV, n. 627, p. 11, 30 jun. 1955c.
- S/A. Os judeus no mundo. *Aonde Vamos?*, Rio de Janeiro, ano XV, n. 681, p. 12, 12 jul. 1956a.
- S/A. Os judeus no mundo. *Aonde Vamos?*, Rio de Janeiro, ano XV, n. 669, p. 12, 19 abr. 1956b.
- S/A. Os judeus no mundo. *Aonde Vamos?*, Rio de Janeiro, ano XV, n. 664, p. 12, 15 mar. 1956c.
- S/A. Os judeus no mundo. *Aonde Vamos?*, Rio de Janeiro, ano XVIII, n. 798, p. 8, 9 out. 1958.
- S/A. Os judeus no mundo. *Aonde Vamos?*, Rio de Janeiro, ano XIX, n. 851, p. 13, 22 dez. 1959.
- S/A. Os judeus no mundo. *Aonde Vamos?*, Rio de Janeiro, ano XX, n. 926, p. 18-19, 6 abr. 1961.
- S/A. Os ocidentais pretendem transformar o Oriente Médio em Trampolim Agressivo contra a URSS. *Unzer Stime*, São Paulo, ano IX, n. 560, p. 6, 8 nov. 1955.
- ORLOV, Alexander. The sensational secret behind damnation of Stalin – ex KGB general is finally free to disclose deeds so shocking reds must disown old idol *Life*, New York, v. 40, n. 17, p. 34-42, 22 abr. 1956.
- S/A. Para onde vai o comunismo? *Última Hora*, Rio de Janeiro, ano VI, n. 1.555, p. 1, 17 jul. 1956.
- PERECMAN, Rafael. O processo Eichman – Acontecimento marcante na vida do povo judeu. *Unzer Stime*. São Paulo, ano XV, n. 883, p. 10, 27 abr. 1961.
- S/A. Por que a Venezuela não reconhece o Governo do Brasil? *Aonde Vamos?*, Rio de Janeiro, ano XXIII, n. 1079, p. 13, 23 abr. 1964.
- S/A. Presidência da República. *Aonde Vamos?*, Rio de Janeiro, ano XV, n. 658, p. 5-6, 2 fev. 1956.
- S/A. Prisão de médicos sabotadores. *Pravda*, Moscou, ano 41, [s. p.], 13 jan. 1953.
- S/A. Processo Eichmann. *Aonde Vamos?*, Rio de Janeiro, ano XXI, n. 977, p. 16, 15 mar. 1962.
- RABINOWITZ, Ezekiel. Os que sucumbiram: Destino dos intelectuais judeus. *Aonde Vamos?*, Rio de Janeiro, ano XV, n. 665, p. 9, 23, 22 mar. 1956.

S/A. Recado ao leitor. *Aonde Vamos?*, Rio de Janeiro, ano XXXIV, n. 1677, p. 3, 12 maio 1977.

S/A. Reforço da política pacifista. *Unzer Stime*, São Paulo, ano X, n. 585, p. 6, 17 fev. 1956.

S/A. Relatório. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, ano 121, n. 169, p. 12, 19 abr. 1948.

S/A. Repele a rádio de Moscou a calúnia sobre “antisemitismo”. *Unzer Stime*. São Paulo. Ano XII, n. 727. p. 12, 25 jan. 1958.

S/A. Repercussões do julgamento de Eichmann na imprensa brasileira. *Aonde Vamos?*, Rio de Janeiro, ano XX, n. 927, p. 14-16, 13 abr. 1961.

S/A. Repercussões no Mundo. *Aonde Vamos?*, Rio de Janeiro, ano XXI, n. 984, p. 20, 7 jun. 1962.

S/A. Resolução do Comitê Central do Partido Comunista Italiano. *Voz Operária*, Rio de Janeiro, n. 362, p. 6, 21 abr. 1956.

S/A. Resoluções do conselho mundial da paz. *Unzer Stime*. São Paulo., ano IX, n. 502, p. 6, 11 jan. 1955.

ROIZENTUL, Mariana. Depois de 5707. *Aonde Vamos?*, Rio de Janeiro, ano VII, n. 226, p. 18, 11 set. 1947.

S/A. Será que o povo judaico, em terras livres fez tudo o que estava a seu alcance para correr em auxílio a seus irmãos e soar o alarme pedindo socorro? *Aonde Vamos?*, Rio de Janeiro, ano XXI, n. 963, p. 12, 12 dez. 1961.

S/A. Tchecos mostram provas dos crimes de Eichmann e do nazismo. *Unzer Stime*, São Paulo, ano XIV, n. 863, p. 6, 24 nov. 1960.

S/A. The new communist line – it is more rational one for Soviet Russia – and more dangerous for the West. *Life*, New York, v. 40, n. 10, p. 44, 5 mar. 1956.

S/A. The sins of the fathers. *Life*, New York, v. 50, n. 25, p. 36, 23 jun. 1961.

S/A. Trágico desaparecimento do presidente Getúlio Vargas. *Aonde Vamos?*, Rio de Janeiro, ano XIII, n. 583, p. 5, 26 ago. 1954.

S/A. Varsóvia redimida! *Aonde Vamos?*, Rio de Janeiro, ano VI, n. 98, p. 3, 25 jan. 1945.

APÊNDICE A - Seções da revista *Aonde Vamos?* por ano de surgimento

1ª Fase	Título
1943	A semana (1943-1944);
	Revista da imprensa (1943-1944, 1952);
	Notícias da vida judaica (1943-1944);
	Homens e bichos (1943-1946);
	Aspectos brasileiros (1943-1944);
	De passagem... (1943-1944);
	Notícias da guerra (1943-1944);
	Sociais (1943-1977).
1944	Lista dos sobreviventes (1944-1945);
	Folha Paulista (1944-1945, 1954);
	Ecos (1944, 1953-1964);
	Comentários (1944-1946);
	Noticiário do exterior (1945-1948).
1946	Página juvenil, histórias da bíblia (1946-1947).
1947	Suplemento infantil (1947-1950, 1952).
1948	Da imprensa de Israel (1948-1950, 1953);
	Esportes (1948, 1955-1958);
	Notícias de Israel (1948-1951, 1954);
	O reflexo dos acontecimentos na imprensa brasileira (1948-1949).
1949	Israel ri (1949-1951);
	Notícias de Israel e do Mundo ou De Israel e do Mundo (1949-1950).
1950	Música (1950-1962, 1973-1977);
	Teatro (1950-1957, 1967-1968, 1974-1975);
	O filme da semana (1950-1954).
1951	Ecos da imprensa de Israel (1951-1952);
	Flashes" telegráficos da semana (1951-1953);
	Resumo do noticiário telegráfico da semana (1951-1955).
2ª fase	
1953	Livros (1953, 1955, 1964-167, 1974-1977);
	Noticiário (1953-1954);
	Cenário (1953-1955).
1954	Noticiário telegráfico (1954-1955);
	Artes plásticas; (1954, 1958-1960, 1962-1966);
	Filme (1954-1961, 1965, 1967).
1955	Literatura e arte (1955-1959);
	Internacional (1955-1964, 1968-1970);
	Israel (1955-1962);
	Os judeus no mundo (1955-1962);
	O Yishuv brasileiro (1955-1962).
1957	Teatro e Ballet (1957-1967);
	Discos (1957, 1959-1967).
1958	Hebraico sem mestre (1958-1959, 1962-1963, 1974).

1960	Música e ballet (1960-1962);
	7 grifos (1960-1977);
	Resenha bibliográfica (1960-1964).
1962	Aconteceu (1962-1964).
1963	Em Israel (1963-1971);
	No mundo (1963-1971);
	No Yishuv (1963-1970).
1964	A proposito (1964-1965);
	Cinema (1964-1965, 1973-1977).
1965	Imagens do meu espelho (1965-1968).
1969	Conto (1969-1970).
1970	Em cima da hora (1970-1974).
3ª Fase	
1975	Xadrez (1975-1977).
1976	Artes visuais (1976-1977).

Fonte: Elaborada por Lucia Ribeiro Chermont, 2021.

APÊNDICE B – Seções por ano

Seções 1943			
Quantidade de ocorrências na revista	Nome da seção	Observação	Nº de seções
Todas as edições do ano	A semana		1
2 vezes	Teatro e cinema; Crítica literária; Crítica e bibliografia; Aonde vamos domingo; Reflexões e pensamentos; Várias notícias.	(J. G. de Araujo Jorge)	6
3 vezes	Humor e sátira; Revista da imprensa; Notícias da vida judaica.		3
4 vezes	Reflexões e pensamentos.		1
6 vezes	Opiniões.	(Uriel)	1
9 vezes	Espelho de Ariel	(D’Almeida Vitor)	1
12 vezes	Aconteceu na história	(Hilcar Leite)	1
13 vezes	Homens e bichos	(Sara Marques)	1
15 vezes	Aspectos brasileiros	(imagem)	1
19 vezes	De passagem...	(Nora)	1
32 vezes	Notícias da guerra		1
34 vezes	Sociais		1
			Total 19 seções
Seções 1944			
Quantidade de ocorrências na revista	Nome da seção	Observação	Nº de seções
2 vezes	Ciência; Através da imprensa; Correspondência; Crônica Internacional.		4
3 vezes	Notícias da vida judaica		1
4 vezes	Salão Nacional de Belas Artes		1
5 vezes	Brasil dos nossos dias		1
7 vezes	Revista da imprensa; Comentários		2
9 vezes	Notícias da guerra; Écos		2
10 vezes	Lista dos sobreviventes		1
15 vezes	A semana		1
16 vezes	Folha Paulista		1
18 vezes	Noticiário do exterior		1
20 vezes	Aspectos brasileiros	(imagem)	1
27 vezes	Momento internacional		1
28 vezes	De passagem...	(Nora)	1
29 vezes	Noite e dia; Notícias	(sobre teatro, cinema)	2
46 vezes	Homens e bichos	(Sara Marques)	1
50 vezes	Sociais		1
			Total 22 seções
Seções 1945			
Quantidade de ocorrências na revista	Nome da seção	Observação	Nº de seções

2 vezes	Preceito da semana; Crônica da semana		2
4 vezes	Folha Paulista; Brasil dos nossos dias		2
13 vezes	Comentários	Ivone Diamante, 4 Aron Neumann, 6 sem autoria 3	1
17 vezes	Lista dos sobreviventes		1
40 vezes	Homens e bichos	(Sara Marques)	1
46 vezes	Noticiário do exterior		1
47 vezes	Sociais		1
			Total 09 seções
Seções 1946			
Quantidade de ocorrências na revista	Nome da seção	Observação	Nº de seções
2 vezes	Comentários; De Eretz Israel	(J. L. Teller especial para a revista)	2
9 vezes	Melodias hebraicas		1
23 vezes	Página juvenil, histórias da bíblia		1
33 vezes	Homens e bichos	(Sara Marques)	1
46 vezes	Noticiário do exterior		1
47 vezes	Sociais		1
		Um suplemento em ídiche 30/12/1946	
			Total 07 seções
Seções 1947			
Quantidade de ocorrências na revista	Nome da seção	Observação	Nº de seções
4 vezes	Página infantil; Toques e retoques, notas avulsas	(Flora Machman)	2
13 vezes	Página juvenil, histórias da bíblia		1
17 vezes	Suplemento infantil		1
44 vezes	Noticiário do exterior		1
51 vezes	Sociais		1
			Total 06 seções
Seções 1948			
Quantidade de ocorrências na revista	Nome da seção	Observação	Nº de seções
2 vezes	Canto do leitor; Entre jovens; Últimos acontecimentos em Israel; Últimas notícias sobre Israel; Da imprensa de Israel.		5
3 vezes	Esportes		1
7 vezes	Para a mulher; Notícias de Israel; Noticiário de Israel.	(Elisa Lispector)	3
18 vezes	Noticiário do exterior e Notícias do exterior		1

27 vezes	Palestina na imprensa brasileira; O reflexo dos acontecimentos na imprensa brasileira		2
41 vezes	Suplemento infantil		1
52 vezes	Sociais		1
			Total 14 seções
Seções 1949			
Quantidade de ocorrências na revista	Nome da seção	Observação	Nº de seções
1 vez	Dos jornais de Israel; Recortes da imprensa israeli; Ecos da imprensa israeli	Houve variações de nomes de seções sobre a temática da imprensa israelense	3
2 vezes	Comentários da imprensa de Israel; A atualidade judaica através da imprensa de Israel	Houve variações de nomes de seções sobre a temática da imprensa israelense	2
3 vezes	Da imprensa de Israel	Houve variações de nomes de seções sobre a temática da imprensa israelense	1
4 vezes	Revista de imprensa israelense	Houve variações de nomes de seções sobre a temática da imprensa israelense; a primeira vez que aparece é assinada por Mark M. Krug	1
1 vez	Notícias de Israel	Relevante ressaltar a 1º vez que aparece essa seção.	1
2 vezes	O <i>ishuv</i> deve saber		1
4 vezes	Israel ri; Carta de Israel	(Ada Oren, Tel Aviv, JTA)	2
12 vezes	O reflexo dos acontecimentos na imprensa brasileira		1
32 vezes	Notícias de Israel e do Mundo; De Israel e do Mundo.	29 03	2
37 vezes	Suplemento infantil		1
52 vezes	Sociais		1
			Total 16 seções
Seções 1950			
Quantidade de ocorrências na revista	Nome da seção	Observação	Nº de seções
2 vezes	Notícias de última hora		1
4 vezes	Da imprensa de Israel		1
6 vezes	Suplemento infantil; Suplemento juvenil	Houve variações de nomes no suplemento infantil e juvenil, agrupei-os: 5 1	2
9 vezes		Houve variações de nomes de seções sobre	3

	Noticiário de Israel; Últimas notícias de Israel; Notícias de Israel	notícias de Israel, agrupei-as: 1 1 7	
15 vezes	Israel ri		1
21 vezes	Música	(Rachel)	1
23 vezes	Teatro	(Abi Detcher)	1
24 vezes	O filme da semana	(G. G.)	1
28 vezes	Notícias de Israel e do resto do mundo; De Israel e do Mundo; Notícias de Israel e do Mundo.	Houve variações de nomes de seções sobre notícias de Israel e do mundo, agrupei-as: 1 1 26	3
31 vezes	Revista da imprensa de Israel		1
46 vezes	Sociais		1
			Total 16 seções
Seções 1951			
Quantidade de ocorrências na revista	Nome da seção	Observação	Nº de seções
2 vezes	Revista da imprensa de Israel		1
3 vezes	Reflexos da imprensa de Israel		1
4 vezes	Israel ri		1
5 vezes	Notícias de Israel; Noticiário; Ecos da imprensa de Israel		3
7 vezes	Última hora		1
9 vezes	Comentários da imprensa de Israel		1
12 vezes	Um pouco abaixo da superfície	(Ben Gad)	1
14 vezes	O filme da semana; Notícias de Israel e do Mundo	(G. G.)	2
27 vezes	Música	(Rachel e S.Z.)	1
29 vezes	“Flashes” telegráficos da semana		1
32 vezes	Resumo do noticiário telegráfico da semana		1
38 vezes	Teatro	(Abi Detcher)	1
47 vezes	Sociais		1
			Total 16 seções
Seções 1952			
Quantidade de ocorrências na revista	Nome da seção	Observação	Nº de seções
2 vezes	Ecos da imprensa de Israel; Crônica do passado		2
2 vezes	Suplemento infantil; Página infantil	Houve a tentativa de relançar a seção infantil, saíram duas vezes, com nomes distintos e não saiu mais	2
3 vezes	Comentários	(Boris Smolar)	1
5 vezes	Revista da imprensa de Israel		1
7 vezes	Revista da imprensa		1

24 vezes	“Flashes”		1
33 vezes	Música		1
43 vezes	O filme da semana	(G. G.)	1
47 vezes	Teatro	(Abi Detcher)	1
50 vezes	Resumo do noticiário telegráfico da semana		1
52 vezes	Sociais		1
			Total 13 seções
Seções 1953			
Quantidade de ocorrências na revista	Nome da seção	Observação	Nº de seções
2 vezes	Da imprensa de Israel; Música; Livros.		3
8 vezes	Noticiário		1
9 vezes	Cenário		1
19 vezes	“Flashes”		1
29 vezes	Ecos		1
38 vezes	Teatro	(Abi Detcher)	1
41 vezes	O filme da semana	(G. G.)	1
52 vezes	Resumo do noticiário telegráfico da semana; Sociais		2
			Total 11 seções
Seções 1954			
Quantidade de ocorrências na revista	Nome da seção	Observação	Nº de seções
2 vezes	Notícias de Israel; Página infantil		2
5 vezes	Noticiário; Notícias curtas; Noticiário telegráfico		3
6 vezes	Artes plástica		1
10 vezes	O filme da semana	(G. G.)	1
11 vezes	Cenário; Noticiário da Magbit	(Boris Smolar)	2
16 vezes	Filme	(G.G.)	1
22 vezes	Música		1
32 vezes	Teatro	(Abi Detcher)	1
42 vezes	Ecos; Resumo do noticiário telegráfico da semana		2
57 vezes	Sociais		1
			Total 15 seções
Seções 1955			
Quantidade de ocorrências na revista	Nome da seção	Observação	Nº de seções
2 vezes	Literatura e arte; Noticiário telegráfico		2
3 vezes	Esportes		1
4 vezes	Literatura; Livros		2
5 vezes	Panorama;		3

	Cenário; Resumo do noticiário telegráfico da semana.	(Boris Smolar)	
7 vezes	Notícias curtas		1
10 vezes	Ecos		1
13 vezes	Filme		1
16 vezes	Comentário	(A. Neumann)	1
21 vezes	Música		1
22 vezes	Teatro	(Abi Detcher)	1
43 vezes	Internacional		1
48 vezes	Israel		1
50 vezes	Os judeus no mundo		1
52 vezes	O Yishuv brasileiro		1
60 vezes	Sociais		1
			Total 19 seções
Seções 1956			
Quantidade de ocorrências na revista	Nome da seção	Observação	Nº de seções
2 vezes	Esportes; Revista da imprensa		2
6 vezes	Filme	(George Gurjan)	1
8 vezes	Sionismo		1
10 vezes	Música		1
16 vezes	Literatura e arte; Teatro	(Abi Detcher)	2
47 vezes	O Yishuv brasileiro; Ecos		2
48 vezes	Internacional		1
49 vezes	Os judeus no mundo		1
50 vezes	Israel		1
51 vezes	Sociais		1
			Total 13 seções
Seções 1957			
Quantidade de ocorrências na revista	Nome da seção	Observação	Nº de seções
4 vezes	Teatro	(Abi Detcher)	1
5 vezes	Filme	(George Gurjan)	1
12 vezes	Notas culturais		1
17 vezes	Literatura e arte		1
18 vezes	Teatro e Ballet	(Lisetta Levi, Abi Detcher ZL)	1
21 vezes	Esportes		1
28 vezes	Música		1
32 vezes	Ecos		1
36 vezes	Discos	(Alberto Jaffe)	1
47 vezes	Internacional		1
48 vezes	O Yishuv brasileiro		1
49 vezes	Israel		1
52 vezes	Os judeus no mundo; Sociais		2
			Total 14 seções
Seções 1958			

Quantas vezes aparece na revista	Nome da seção	observação	Nº de seções
3 vezes	Esportes; Economia		2
5 vezes	Artes plásticas; Medicina		2
12 vezes	Literatura e arte	(Sergio Milliet)	1
27 vezes	Música		1
31 vezes	Ecos		1
33 vezes	Filme	(George Gurjan)	1
38 vezes	Teatro e Ballet Hebraico sem mestre	(Coluna Abi Detcher, Luiza Barreto Leite)	2
45 vezes	Internacional		1
48 vezes	Israel; O Yishuv brasileiro		2
51 vezes	Os judeus no mundo; Sociais		2
			Total 15 seções
Seções 1959			
Quantidade de ocorrências na revista	Nome da seção	Observação	Nº de seções
3 vezes	As letras ou Letras	(Sergio Milliet)	1
4 vezes	Literatura e arte ou Arte e literatura	(Sergio Milliet)	1
10 vezes	Artes plásticas; Hebraico sem mestre		2
14 vezes	Filme	(George Gurjan)	1
20 vezes	Música	(Alexandre Feldman)	1
25 vezes	Ecos; Discos	(L P Braconnot)	2
33 vezes	Teatro e Ballet	(Coluna Abi Detcher, Luiza Barreto Leite)	1
43 vezes	Internacional		1
45 vezes	O Yishuv brasileiro		1
52 vezes	Israel		1
53 vezes	Os judeus no mundo; Sociais		2
			Total 14 seções
Seções 1960			
Quantidade de ocorrências na revista	Nome da seção	Observação	Nº de seções
2 vezes	Música e ballet		1
3 vezes	Artes plásticas		1
9 vezes	Ecos; Música	(Alexandre Feldman/ Fábio Silva)	2
13 vezes	Filme	(George Gurjan)	1
19 vezes	7 grifos; Teatro e Ballet	(E. F.) (Coluna Abi Detcher, Luiza Barreto Leite)	2
27 vezes	Internacional		1
29 vezes	Discos	(L P Braconnot)	1
34 vezes	Resenha bibliográfica		1

50 vezes	O Yishuv brasileiro		1
51 vezes	Os judeus no mundo; Sociais Israel		3
			Total 14 seções
Seções 1961			
Quantidade de ocorrências na revista	Nome da seção	Observação	Nº de seções
2 vezes	Teatro e Ballet	(Coluna Abi Detcher, Eliezer Strauch)	1
4 vezes	Música e ballet	(Flavio Silva)	1
6 vezes	Ecos; Filme	(George Gurjan)	2
10 vezes	Música	(Flavio Silva)	1
19 vezes	Discos	(L P Braconnot)	1
25 vezes	7 grifos	(E. F.)	1
33 vezes	Internacional		1
39 vezes	O Yishuv brasileiro		1
41 vezes	Os judeus no mundo		1
42 vezes	Resenha bibliográfica		1
46 vezes	Israel; Sociais		2
			Total 13 seções
Seções 1962			
Quantidade de ocorrências na revista	Nome da seção	Observação	Nº de seções
2 vezes	Ecos; Música e ballet	(Flavio Silva)	2
3 vezes	Aconteceu...		1
6 vezes	Internacional		1
7 vezes	Música	(Flavio Silva)	1
8 vezes			1
11 vezes	Artes plásticas; Lar judaico	(Michel B Kavanka) (Yvonne Herbach)	2
17 vezes	7 grifos	(E. F.)	1
19 vezes	Teatro e Ballet	(Coluna Abi Detcher, M. B. K.)	1
20 vezes	Discos; Hebraico sem mestre	(L P Braconnot)	2
24 vezes	Resenha bibliográfica		1
25 vezes	O Yishuv brasileiro; Os judeus no mundo		2
26 vezes	Israel; Sociais		2
			Total 16 seções
Seções 1963			
Quantidade de ocorrências na revista	Nome da seção	Observação	Nº de seções
5 vezes	Artes plásticas	(Michel B Kavanka)	1
6 vezes	Aconteceu		1
9 vezes	Ecos; Internacional		2
14 vezes	Discos	(L P Braconnot)	1

15 vezes	7 grifos	(E. F.)	1
16 vezes	Teatro e Ballet	(Coluna Abi Detcher, M. B. K.)	1
17 vezes	Hebraico sem mestre		1
26 vezes	Resenha bibliográfica		1
27 vezes	Em Israel; No mundo; No Yishuv; Sociais		4
			Total 13 seções
Seções 1964			
Quantidade de ocorrências na revista	Nome da seção	Observação	Nº de seções
2 vezes	Aconteceu		1
4 vezes	Ecos		1
11 vezes	Artes plásticas	(Michel B Kavanka)	1
12 vezes	Cinema	(George Gurjan)	1
13 vezes	Internacional		1
15 vezes	A propósito	(Eli Hasofer)	1
18 vezes	Resenha bibliográfica		1
27 vezes	Livros		1
29 vezes	7 grifos	(Esther Feldman)	1
33 vezes	Discos	(L P Braconnot)	1
34 vezes	Teatro e Ballet	(Coluna Abi Detcher, M. B. K.)	1
46 vezes	Em Israel		1
48 vezes	No mundo; No Yishuv; Sociais		3
			Total 15 seções
Seções 1965			
Quantidade de ocorrências na revista	Nome da seção	Observação	Nº de seções
2 vezes	Resenha		1
3 vezes	Filme	(George Gurjan)	1
7 vezes	Cinema; A propósito	(George Gurjan) (Eli Hasofer)	2
9 vezes	Imagens do meu espelho	(Janette Fishenfeld)	1
14 vezes	Artes plásticas	(Michel B Kavanka)	1
27 vezes	7 grifos	(Esther Feldman)	1
33 vezes	Discos	(L P Braconnot)	1
37 vezes	Teatro e Ballet	(Coluna Abi Detcher, Michel B. Kavanka)	1
45 vezes	No Yishuv		1
46 vezes	Livros		1
49 vezes	Em Israel; No mundo; Sociais		2
			Total 13 seções
Seções 1966			
Quantidade de ocorrências na revista	Nome da seção	Observação	Nº de seções
7 vezes	Artes plásticas	(Michel B Kavanka)	1

17 vezes	Discos	(L P Braconnot)	1
31 vezes	Imagens do meu espelho; 7 grifos	(Janette Fishenfeld) (Esther Feldman)	2
37 vezes	Teatro e Ballet	(Coluna Abi Detcher, Michel B. Kavanka)	1
41 vezes	Livros		1
42 vezes	No Yishuv		1
47 vezes	Em Israel; No mundo; Sociais		3
			Total 10 seções
Seções 1967			
Quantidade de ocorrências na revista	Nome da seção	Observação	Nº de seções
2 vezes	Filme		1
3 vezes	Ecos e ponderações	(Aron Neumann)	1
5 vezes	Discos	(L P Braconnot)	1
8 vezes	Cardápios		1
10 vezes	Teatro e Ballet	(Coluna Abi Detcher, Michel B. Kavanka)	1
11 vezes	Imagens do meu espelho	(Janette Fishenfeld)	1
23 vezes	Teatro	(Michel B. Kavanka)	1
25 vezes	Em Israel		1
30 vezes	Livros; (24) 7 grifos e (06) Sete grifos	(Esther Feldman)	2
31 vezes	No Yishuv; No mundo		2
45 vezes	Sociais		1
			Total 13 seções
Seções 1968			
Quantidade de ocorrências na revista	Nome da seção	Observação	Nº de seções
2 vezes	Internacional		1
3 vezes	Tome nota		1
4 vezes	Teatro	(Michel B. Kavanka)	1
7 vezes	Imagens do meu espelho	(Janette Fishenfeld)	1
15 vezes	Em resumo		1
28 vezes	Em Israel		1
30 vezes	No Yishuv		1
33 vezes	No mundo		1
40 vezes	(06) 7 grifos e (34) Sete grifos	(Esther Feldman)	1
45 vezes	Sociais		1
			Total 10 seções
Seções 1969			
Quantidade de ocorrências na revista	Nome da seção	Observação	Nº de seções
2 vezes	Juventude; Educação; Anti-semitismo; Ensaio literário		4
5 vezes	Judaísmo; Sátira; Civilização judaica		3

6 vezes	Internacional		1
9 vezes	Conto		1
13 vezes	No Yishuv		1
25 vezes	No mundo		1
41 vezes	Sete grifos; Em Israel	(Esther Feldman)	2
45 vezes	Sociais		1
			Total 14 seções
Seções 1970			
Quantidade de ocorrências na revista	Nome da seção	Observação	Nº de seções
2 vezes	Noticiário; Ensaio; Literatura; Poesia		4
3 vezes	Educação; Notas; Em cima da hora; Religião		4
5 vezes	No Yishuv		1
8 vezes	Internacional		1
12 vezes	Sionismo		1
19 vezes	Em Israel		1
20 vezes	No mundo		1
21 vezes	Conto		1
47 vezes	Sete grifos	(Esther Feldman)	1
48 vezes	Sociais		1
			Total 16 seções
Seções 1971			
Quantidade de ocorrências na revista	Nome da seção	Observação	Nº de seções
3 vezes	Em Israel		1
4 vezes	No mundo		1
39 vezes	Em cima da hora; Sete grifos	(Esther Feldman)	2
45 vezes	Sociais		1
			Total 05 seções
Seções 1972			
Quantidade de ocorrências na revista	Nome da seção	Observação	Nº de seções
40 vezes	Em cima da hora		1
46 vezes	Sete grifos; Sociais	(Esther Feldman)	2
			Total 03 seções
Seções 1973			
Quantidade de ocorrências na revista	Nome da seção	Observação	Nº de seções
7 vezes	Cinema	(M. L.)	1
10 vezes	Música	04 (Myrna Herzog Feldman) e 06 (M. F)	1

38 vezes	Em cima da hora; Sete grifos	(Esther Feldman)	2
39 vezes	Sociais		1
			Total 05 seções
Seções 1974			
Quantidade de ocorrências na revista	Nome da seção	Observação	Nº de seções
2 vezes	Notícias		1
8 vezes	Cozinha judaica		1
21 vezes	Em resumo		1
23 vezes	Cinema	(M. L.)	1
26 vezes	Teatro	(Sylvia Heller)	1
28 vezes	Livros	(Sonja Feldman)	1
37 vezes	Hebraico sem mestre		1
38 vezes	Música	07 (s.a.); 11 (Myrna Herzog Feldman); 20 (M. F)	1
41 vezes	Em cima da hora; Sete grifos; Sociais	(Esther Feldman)	3
			Total 11 seções
Seções 1975			
Nome da seção	Observação	Nº de seções	
Teatro	Sylvia Heller, sai até março	1	
Sete Grifos	Esther Feldman	1	
Cinema	M. L	1	
Música		1	
Livros		1	
Xadrez	s.A. e R. Moscovici, a partir de 25/06/1975	1	
Sociais		1	
		Total 07 seções	
Seções 1976			
Nome da seção	Observação	Nº de seções	
Sete Grifos	Esther Feldman	1	
Cinema	M. L	1	
Música		1	
Livros		1	
Artes visuais	Jacob Klintowitz	1	
Xadrez	R. Moscovici	1	
Sociais		1	
		Total 07 seções	
Seções 1977			
Nome da seção	Observação	Nº de seções	
Sete Grifos	Esther Feldman, sai pela última vez em 15/03	1	
Cinema	M. L	1	
Música		1	
Livros		1	
Artes visuais	Jacob Klintowitz	1	
Xadrez	R. Moscovici, continua até a última edição.	1	

Sociais		1
		Total 07 seções

Fonte: Elaborada por Lucia Ribeiro Chermont, 2021.

APÊNDICE C - Articulistas e artigos, 1943

Autor	Artigos	Informações
1 A. L. Liric	Os “grandes” e os “pequenos” povos.	
2 Abraham Mibashan nasceu na Romênia, depois de casado mudou-se para Tel Aviv, era sionista e atuou como professor de hebraico. Foi secretário do primeiro prefeito de Tel Aviv. Depois, voltou para a Romênia e de lá foi para Buenos Aires. Tornou-se ativista comunitário e fundou a editora, Candelabro.	Lord Wedgewood; As democracias têm a palavra; Apontamentos.	Observação do artigo publicado junto ao título: Condensado do <i>La Semana Israelita</i> de Buenos Aires.
3 Abraam Reisen (Bielo-Rússia, 1873 – EUA, 1953) poeta ídiche, contista, dramaturgo e editor. Era filho do poeta idichista e hebraísta Kalman Reisen (1848-1921), irmão da poetisa, contista e tradutora Sarah Reisen (1884-1974) e do filólogo e historiador da literatura ídiche, Zalman Reisen (1887-1941).	Duas esquises.	
4 Aderbal Tavora de Albuquerque servidor público do senado federal.	O destino da Bolívia é o destino das Américas.	Observação do artigo publicado junto ao título: Especial para <i>Aonde Vamos?</i>
5 Adolfo Schwertzer jornalista, escritor e poeta. Nascido na Bessarábia, chegou ao Brasil na década de 1930 e estabeleceu-se na cidade de Campos, RJ. Participou da fundação do Clube de Poesias de Campos, em 28/03/1954. Na edição de 25/03/1943, constou que Adolfo Schweitzer, seria novo colaborador da <i>Aonde Vamos?</i> .	O que é a vida?; O caso do capitão Dechamps; Num salão de baile; O caso do sargento Higgins; Da validade que não tem sexo; Futilidades.	Observações dos artigos publicados junto aos títulos: Conto Conto, especial para <i>Aonde Vamos?</i> Conto Crônica Crônica
6 Abba Hillel Silver (Lituânia, 1893 – EUA, 1963) rabino americano e líder sionista. Atuou de forma proeminente na mobilização do apoio americano para a fundação do Estado de Israel.	O desafio judaico aos neo-pagãos.	Observação do artigo publicado junto ao título: Condensado do <i>The World and Jewish Survival</i> .
7 Alcantara Nogueira (Ceará, 1918-1989) ensaísta, filósofo, advogado e professor na Faculdade de Direito da Universidade Federal do Ceará – UFC.	Da substância em Spinoza.	
8 Alfredo Tomé (SP, 1909 – RJ, 1992) jornalista, escritor e teatrólogo paulista. Foi proprietário, a partir de 1944, da revista social <i>Rio Magazine</i> (RJ, 1933-1964, 1970).	Stefan Zveig, o último romântico.	

9 Amarílio de Albuquerque (1902) advogado, jornalista e crítico de arte. Publicou os livros: <i>Pequena biografia dos grandes compositores</i> ; <i>Dedo Mendinho</i> ; <i>História de Papai Noel</i> ; <i>História do Hino Nacional</i> .	Vicente.	Observação do artigo publicado junto ao título: Especial para a <i>Aonde Vamos?</i>
10 Antonio di Monte	O teatro do estudante no Brasil; Da vida de um “Fan” de teatro; Um valor novo da cena brasileira; Teatro só para rir, Teatro de verdade, Teatro para o povo, Teatro só por verdade – Jaime Costa fala sobre o nosso teatro; Gente moça da Ribalta; Amelia Simone e Sergio Murilo – dois valores novos do rádio; Eros Volusia, a criadora do bailado brasileiro, começou pelo fim...; Uma curiosa personalidade artística Sergio Roberts; Dois jovens dedicados ao bailado. Theatre Loius Fouvet; Gravuras típicas do Chile; Sergio Roberts e seus poemas plásticos; Estão em cena “Os comediantes”.	
11 Armando Pereira	Na África, a decisão da guerra; Só os nossos filhos terão o mundo que almejamos; Escritora chilena amiga do Brasil.	Observação do artigo publicado junto ao título e assunto do artigo: Especial para <i>Aonde Vamos?</i> Sobre Letícia Repetto Baeza de Beltran
12 Arne Talberg	Estas pílulas produzem heróis, uma nova modalidade de guerra química.	
13 Ary Tartakover (Polônia, 1897 – Israel, 1982) historiador, sociólogo e ativista político israelense nascido na Polônia.	A reconstrução econômica da Europa.	
14 B. I. Goldstein (Podólia, 1879). Viveu em Kiev de 1900 a 1905, escrevia críticas de teatro. Após os pogroms de 1905, partiu para o Canadá, onde editou o jornal <i>Der yid</i> e publicou a peça “Eyferzukunft”. Em Montreal, escrevia na seção dramática de <i>Hazamir</i> . Mais tarde, foi para Nova York, tornou-se editor do <i>Der tog</i> e do <i>Teater-peydzh</i> , escreveu, também, resenhas do teatro ídiche.	Morrendo durante um discurso contra Hitler.	Observação do artigo publicado junto ao título: Especial para <i>Aonde Vamos?</i>
15 Baruch	Maimonides; O mundo marcha com ordem e progresso A tragédia da França e uma improvisação feliz.	

16 Berek Gerszwnhut (BERNARDO GERSEN), poeta da chamada Geração de 1945 da Literatura Brasileira.	A propósito de um livro de Dostoievsky; Notas sobre o Romance Contemporâneo; O Marquês de Folhas ao vento; Reflexões à margem de um livro; Recomendando um romance; Duas épocas históricas; Os contos de Maupassant; À margem de “O berço da “Juiverie” moderna”; O romance russo; Gladkov e a literatura proletária; Huxley e Steinbeck.	Observação do artigo publicado junto ao artigo: Conto
17 Bertrand Russel (Inglaterra, 1872 - 1970) influente filósofo do século XX, ensaísta e crítico social. Trabalhou, também, com a lógica matemática e filosofia analítica.	O sionismo e o mundo de post-guerra.	
18 Boris Smoliar (Ucrânia, 1897 – EUA, 1986) jornalista. Serviu no exército russo e trabalhou como correspondente de guerra durante a 1ª Guerra Mundial. Imigrou para os Estados Unidos, em 1919, estudou na Medill School of Journalism na Northwestern University. Pertenceu à equipe editorial da filial, de Chicago, do <i>Jewish Daily Forward</i>. Ingressou na Agência Telegráfica Judaica em 1924, como correspondente europeu. Foi editor-chefe do JTA de 1939 a 1967. Escreveu livros para crianças e adultos em ídiche e hebraico, bem como colunas de jornais semanais para o JTA e para o <i>Jewish Daily Forward</i>.	A conferência de Baltimore e os 600 mil israelitas da América do Sul.	
19 Busi Rosenblit (Rússia, 1900 – RJ, 1954) tradutor dos artigos. Estabelecido no Rio de Janeiro.	Abnegação; O Relógio da esperança; Jupter ou Jeová?; A Palestina como baluarte da democracia.	Observações dos artigos publicados junto ao título: Tradução de Iheoiosh Traduzido do hebraico juntamente com Pedro Geiger Tradução do livro Palestina, Inglaterra e América de Louis Adamic.
20 Caroline Alice Lejeune (Inglaterra, 1897 – 1973) escritora conhecida por servir como crítica de cinema para o <i>The Observer</i> de 1928 a 1960. Ela	É a cinematografia uma arte?	

estava entre os primeiros críticos de cinema de jornais e acredita-se que tenha sido a primeira mulher britânica na profissão.		
21 Cecilia Blumen casou-se, em 03/1949 com Dr. Samuel Laks, no Rio de Janeiro.	Mensagem; Caminhos que não se cruzam; Fuga.	Observação do artigo publicado junto ao título: Conto
22 Cipora Filho	A paz	
23 Charles Gorthwel	Berlin confessa o desastre na frente russa.	Observação do artigo publicado junto ao título: Texto original do <i>British News Service</i> .
24 Conrad Wrzos (Polônia, 1905 – Brasil, 1974), pseudônimo de Henryk Rosenberg. Foi um dos mais importantes representantes do jornalismo do período entre guerras. Em 1939, com o fim da Segunda República da Polônia, sua carreira chegou ao fim. Inicialmente, foi para Paris, depois se estabeleceu no Brasil. Tentou carreira de jornalista na grande imprensa, mas não deu certo. Assumiu o cargo de assessor de imprensa do presidente Juscelino Kubitschek. Publicou livros de romance histórico, não ficção e literatura de viagem.	Mussolini	
25 Crystal Pudney Crystal Selwyn Herbert (Inglaterra, 1915 - 1999), feminista, participou da Fabian Society, filha de A. P. Herbert, escritor e membro independente do Parlamento. Em 1932, casou-se com John Pudney, poeta, jornalista e escritor britânico. Divorciaram-se, em 1955. Posteriormente casou-se com Lionel Hale, crítico, locutor e dramaturgo inglês.	Jovens aliados.	
26 D’Almeida Vitor (BA, 1914 – DF, 1983) pseudônimo de Edgar Baiense, poeta, ensaísta, biógrafo, historiador, teatrólogo, contista, cronista, advogado, jornalista e professor. Foi um dos fundadores da Academia de Letras de Brasília, ganhou o Prêmio Governo do Distrito Federal de Reportagens, em 1975, e recebeu numerosas medalhas e comendas por sua atuação como jornalista.	A voz insuspeita do Deão de Canterbury; Crônica da vida e da tragédia judaica nos países do Eixo em 1942; Espelho de Ariel, notas sobre a pedagogia nazista e um romance “Educando para a morte” de George Ziemer; Espelho de Ariel, eu e a memória de Zweig; Espelho de Ariel, Coincidências de Pontos-de-vista. A propósito do êxito	Observação do artigo publicado junto ao título: Especial para <i>Aonde Vamos?</i>

	de “A montanha mágica” em português; Espelho de Ariel, Notas sobre dois romances; Espelho de Ariel, Setas sobre Hildebrando de Lima e Upton Sinclair; Espelho de Ariel, Stalin e Emil Ludwig; Um livro como poucos; Espelho de Ariel, um romance vazado nas lutas pela independência dos Estados Unidos; Espelho de Ariel, Nota sobre Gorki e sua obra.	
27 D. Druk de NY , jornalista. Nasceu na Polônia, participou do jornal <i>Der Moment</i> de Varsóvia, em 1920 ³⁰³ . Posteriormente, mudou-se para os EUA.	Moritz Rosental, o gênio da Tecla.	
28 D. Kaplan de NY	O prêmio Nobel e seus portadores; Como organizar a paz, depois de vencida a guerra?	Estudo sobre a situação mundial – “Patrulha Internacional” para controlar a psicologia dos povos do prof. S. Hombro, antigo presidente da Liga das Nações.
29 Dagmar Geny tradutora, estabelecida no Rio de Janeiro.	Mundo de Luz e de Sombras.	Conto de A. Birrabeau, traduzido em conjunto com Martins Castro.
30 Daniel Louis Schorr (EUA, 1916 – 2010) jornalista. Cobriu as notícias mundiais por mais de 69 anos e ganhou três prêmios Emmy por sua atuação jornalística na televisão.	Menuhin, o homem.	
31 David Golberg	Ruth e a truculência.	
32 David Shub , (Ucrânia, 1887 - EUA, 1974), jornalista e escritor. Imigrou para os EUA, em 1908. Começou a trabalhar no <i>Jewish Daily Forward</i> , em 1924, onde ficou por mais de 48 anos. Escrevia em ídiche, hebraico e inglês. Publicou, entre outros, os livros: <i>Heroes and Martyrs</i> (1939); <i>Lenin: a Biography</i> (1948); <i>Social Thinkers and Fighters</i> (1968); <i>Political Figures: Russia, 1850-1928</i> (1969). Suas memórias foram publicadas, em 1970, <i>From Bygone Days</i> .	A inteligência russa nos tempos do Tzar.	
33 Diva Moniz militante brasileira da União Feminina do Brasil – UFB, Movimento político criado em maio de 1935,	George Sand e a luta pela liberdade; Ambivalência.	Especial para <i>Aonde Vamos?</i> Especial para <i>Aonde Vamos?</i>

³⁰³ <https://vivoencyclopedia.org/printarticle.aspx?id=1173>

filiado à Aliança Nacional Libertadora (ANL). Foi fechada em 11/07/1935, juntamente com a ANL, pelo Decreto nº 229.		
34 Dupral Fiuzza	Hinos nacionais e suas origens; O Hino Nacional do Império Russo; Como nasceu a famosa canção “La Madelon”.	Especial para <i>Aonde Vamos?</i> Especial para <i>Aonde Vamos?</i> Especial para <i>Aonde Vamos?</i>
35 Dyson Carte jornalista canadense	Será o câncer causado por uma vitamina?	
36 E. L. Howard Williams comandante aéreo britânico durante a 2ª Guerra Mundial.	Bombas para a vitória	Correspondente do <i>Daily Telegraph</i>
37 Eduardo Benes (1884-1948) líder do movimento de independência da Tchecoslováquia, tornando-se, em 1935, o segundo presidente do país. Renunciou quando os nazistas invadiram a Tchecoslováquia e retornou quando a 2ª Guerra terminou, tornando-se presidente novamente. Renunciou novamente, quando houve o golpe comunista no país, em 1948.	O futuro das pequenas nações europeias; O futuro da Europa Central.	
38 Eloy Pontes jornalista, escritor, crítico e ensaísta. Em 1944, foi diretor de turismo do DIP.	Legislação social.	
39 Elsa Carron bailarina brasileira.	Pavlova – poetisa lírica da dança.	Crônica
40 Ezequiel Padilha , Ministro de Relações Exteriores do México	O imperialismo	
41 Ezequiel Straitman estabelecido em São Paulo, foi presidente da Organização Sionista Unificada de São Paulo.	Pesadelos; Caminhos contrários; Comissões...; Estranho presente.	Conto Conto Conto Conto
42 Fernando Lans Duret escritor mexicano	Uma entrevista com Ezequiel Padilla.	
43 Florencio Soares	Quase história de amor.	Conto
44 Gabriel Hacket jornalista húngaro, presentemente nos EUA	Eu fui repórter em Vichy.	
45 George Brintou Beal	A casa ideal em 1950	
46 George Ednizer	O advento de uma nova potência.	
47 Gustavo Simões Barbosa natural de Pernambuco, foi nomeado para o cargo de presidente da 9ª Junta de Conciliação e Julgamento do DF, 1945. Depois se tornou juiz.	Napoleão e Hitler; Schopenhauer, o pessimista; Francisco Alves, livreiro e autor.	
48 H. Lang	Roosevelt e a questão árabe, o Oriente Próximo em face da nova ordem a ser instituída pela democracia vitoriosa.	
49 H. Vital de NY	Israelitas célebres, da França refugiados nos EEUU.	
50 Rabino Henrique Lemle (Alemanha, 1909 – RJ, 1978)	A nobreza do povo.	Conto

jornalista judeu. Ganhou o Prêmio Lênin da Paz, em 1952.		
56 Isaac Izecksohn , nasceu na Polônia, foi médico e vereador do Distrito Federal (PSB), eleito em 1954, no ano seguinte perdeu o mandato por ser brasileiro naturalizado. Autor dos livros: História dos Judeus vols. 1, 2, 3 e 4; Os marranos brasileiros; Anti-semitismo: uma alergia social. Traduziu obras de Sigmund Freud.	O diabo em atividade; O Moinho de Potsdam; A Americanização da Europa; Os judeus americanos e o antissemitismo; Uma nova epidemia.	Análise do texto de um padre sobre o diabo, numa perspectiva psiquiátrica, parte 1 e 2.
57 J. G. de Araújo Jorge (AC, 1914 – RJ, 1987) professor, advogado, publicitário, escritor, jornalista e deputado federal.	Guerrilheiros, sua vida, sua técnica de lutar; Crítica e Bibliografia: Variações em torno de um livro da poesia e do modernismo “Ausência da poesia” de Povina Cavalcanti; Crítica e Bibliografia: Um acontecimento literário. História da literatura brasileira (5 vols.) Silvio Romero.	
58 Jacques Maritain (Paris, 1882 – Toulouse, 1973) filósofo francês católico (tomista). Suas obras influenciaram o conceito de Democracia cristã.	Crítica ao racismo.	Condenação ao racismo escrito na revista dos EUA <i>The Commonweal</i> e resumida pelo <i>The Catholic Digest</i> .
59 Dr. José Pacheco	Vai começar a Batalha; Dois povos que se abraçam.	Aborda a batalha da borracha na região amazônica. Especial para <i>Aonde Vamos?</i> Sobre a visita do general Higinio Morinigo. Especial para <i>Aonde Vamos?</i>
60 Leon Mintzis escreveu artigos para a revista <i>Leitura</i> (RJ, 1942 - 1968), de 1948, que homenageou o Estado de Israel. Estabelecido no Rio de Janeiro.	O povo do arado; Delenda Germania; Um libelo contra glorificação do germanismo; Raça ariana; Povo do Livro; Finis Prussia; “O israelita”, de Balzac; Judeu ou israelita?; William Shakespeare errou...; Antonio Jose da Silva (O judeu); Motivos judaicos na literatura francesa; O Talmud.	Especial para <i>Aonde Vamos?</i>
61 Leôncio Correia (Paranaguá, 1865 – RJ, 1950) advogado, escritor, jornalista e político brasileiro.	Onde esta?	Texto irônico sobre Adolphinho Hitler.
62 Leopold Infeld (Cracóvia, 1898 – Varsóvia, 1968) físico polonês. Trabalhou, principalmente, na Polônia e no Canadá (1938-1950). Foi bolsista da Fundação Rockefeller na	Nos dias de minha juventude.	Condensado do livro “Quest”.

Universidade de Cambridge (1933-1934) e membro da Academia de Ciências da Polônia.		
63 Lester Powell (Londres, 1912 – Devon, 1993) escritor e roteirista de romance policial.	Oásis de decência.	
64 Liuba Valinuck	Nelson de Araújo Lima, o poeta da <i>Ariação</i> .	
65 Luis Pinto pertenceu à Academia Paraibana de Letras.	Algumas monografias da Amazônia, (Paisagem econômica da região); Penetração Amazônica, O recenseamento de 1940 e as populações rurais; Meu encontro com Castro Pinto; Tavares Bastos e Alberto Torres; Manhã da vida; José Vieira; Os laços de amizade entre Canadá e Brasil;	Especial para <i>Aonde Vamos?</i> Especial para <i>Aonde Vamos?</i> Especial para <i>Aonde Vamos?</i> Especial para <i>Aonde Vamos?</i>
66 M. Green	A guerra e a China.	
67 Rabino M. Tzikinowsky atuou no Rio de Janeiro, foi rabino chefe da comunidade israelita.	As nossas preces.	Mensagem de Ano Novo judaico.
68 Manoel Ingber (RJ, 1922 - 1991) economista e prof. de contabilidade do Instituto Comercial do Rio de Janeiro. Oferecia serviços de administração, contabilidade, contratos, distrato, marcas e patentes, no Departamento jurídico sob direção do advogado Ladislau Vinhaes, diretor da revista.	A alguém... de um momento; Treze de Maio e o momento atual; Um anátema aos alemães; A Batalha do Riachuelo; Raimundo Corrêa; Guimarães Passos; Gonçalves Dias.	Poesia Especial para <i>Aonde Vamos?</i> Tradução do A.S. <i>Liric</i> de NY Especial para <i>Aonde Vamos?</i>
69 Marian Lid	Produção bélica ininterrupta.	
70 Marie Lyrkin	O caso Jacob Goldstein.	
71 Martins Castro tradutor	Mundo de Luz e de Sombras.	Conto de A. Birabeau, tradução conjunta com Dagmar Geny.
72 Martins Gomide (?, 1914 – RJ, 1961) jornalista, advogado e procurador. Colaborou com a revista <i>Carioca</i> e <i>Diário da Noite</i> . Autor de A coordenação econômica e sua legislação (1944).	Alucinação; Odiemos o racismo; Goethe, Heine e a Psicanálise; O sentimento de culpa na vida de Gauguin; Um escritor cego; A morte de Sócrates; Um besouro contra a vidraça; Nazismo- Paranéia de multidão; Livros de tumulto e tumulto com livros; Um amigo da humanidade; Beethoven; A saúde operária no atual Código Penal; Crimes e criminosos; Criminosos por escolha de modelo;	Conto Especial para <i>Aonde Vamos?</i> Especial para <i>Aonde Vamos?</i> Ensaio inédito Especial para <i>Aonde Vamos?</i> Sobre Antonio Cardoso Fontes Especial para <i>Aonde Vamos?</i>

	A evolução do nosso Fenômeno Jurídico nos seus Fundamentos Econômicos; O livro do Leão; Literatura anti-fascista; O que é a coordenação econômica?; “Laissez Aller” Emocional; Fixação; A filosofia de William James.	Especial para <i>Aonde Vamos?</i> Especial para <i>Aonde Vamos?</i> Especial para <i>Aonde Vamos?</i>
73 Mauricio Muzy tradutor	A biografia de Theodor Herzl até o processo Dreyfuss.	
74 Dr Moises Fish médico, pertenceu à Sociedade Brasileira de Urologia.	Medicina e literatura, 1; Medicina e literatura, 2; Um mundo só.	
75 Moisés Schertok existe a suspeita que seja um texto de Moshé Sharret (Ucrânia, 1894 – Israel, 1965). Segundo primeiro-ministro de Israel.	Palestina, um “ <i>Commonwealth</i> ” judaico	
76 N. P. Macdonal	O Marrocos espanhol é uma pequena possessão de Hitler na África.	
77 Negley Farson (EUA, 1890 – Inglaterra, 1960) autor e aventureiro americano. Pescador renomado, escreveu o clássico da literatura pesqueira, <i>Going Fishing</i> (1942). Cursou engenharia civil na Universidade da Pensilvânia, onde foi expulso e emigrou para a Inglaterra. Lá formou-se em jornalismo e viajou para a Rússia, presenciou a Revolução Russa. Tornou-se correspondente estrangeiros renomado de sua época.	Os vassalos do Reich.	do <i>Daily Mail</i> de Londres
78 Oscar Alsengart médico, fundador do Laboratório Frischmann Aisengar, em Curitiba (1945).	Deus, onde estás? Monólogo de uma mãe num gueto.	Traduziu o texto de Peretz Hirshbein
79 P. P. Kranc	Os caminhos de Romain Rolland; As chaves da África.	
80 Paul L. Bower	Como a peste chegou a Cagnac.	Artigo revela um episódio verídico, tempos em que a França, após o colapso de seus exércitos, ainda se encontrava dividida em duas zonas: a ocupada e a não ocupada.
81 Paul Tabori (Hungria, 1908 - Inglaterra, 1974) autor, romancista, jornalista e pesquisador psíquico judeu húngaro. Usou também o pseudônimo Peter Stafford.	Obrigado, Britânia!	

82 Paul Tschaffen advogado democrata belga. Foi presidente da Associação Internacional dos Advogados Democratas da Bélgica, em 1947.	Guerra sem canhões.	
83 Pedro Calmon (BA, 1902 – RJ, 1985) foi professor, político, historiador, biógrafo, ensaísta e orador.	O Brasil e a doutrina de Monroe.	
84 Pedro Geiger (RJ, 1923) geógrafo brasileiro.	O Relógio da esperança.	Traduzido do hebraico juntamente com Busi Rosenblit.
85 Pierre Bloch , deputado de l’Aisne, vice-presidente da comissão de inquérito parlamentar em Argélia, <i>Press Information Service</i> .		
86 Pierre Van Paassen (Holanda, 1895 – EUA, 1968) jornalista, escritor, ativista sionista e ministro religioso cristão unitarista holandês-canadense-americano.	A sentença. Um conto moralista, com o mérito de ser verdadeiro. Época: A Rússia ainda longe da guerra.	
87 R. G. Waldeck (Alemanha, 1898 – EUA, 1982) jornalista e escritora judia. Escreveu vários livros, entre eles, <i>Prelúdio ao passado</i> (1934).	Ela falava pelo Fuehrer.	
88 Raymond Daniell (EUA, 1901-1969) jornalista norte americano. Foi repórter do <i>New York Times</i> por 39 anos, sendo chefe do <i>Bureau</i> de Londres durante a 2ª Guerra e depois foi enviado ao Canadá.	Coisas de Churchill.	
89 Renato Homem	Cântico do homem prisioneiro.	Crônica
90 Robert Wathman jornalista britânico.	“Eletrônico”, moderno milagre.	
91 Rosa Palatnick (Schafran) (Polônia, 1904 - RJ, 1975) escritora ídiche. Chegou ao Brasil, em 1936, sua obra mais famosa foi <i>Kroschnik – Rio</i> . ³⁰⁴	A sexta etapa.	
92 Ross Holman	Magnésio, metal do futuro	
93 S. Krochmal de NY	Guerrilheiros indômitos, a figura lendária do general Michailovtch na palavra dos escritores John Gunter e Luís Akamik.	
94 Serra Pinto , João Serra Pinto jornalista, escritor crítico e crítico teatral.	Dois grandes obstáculos para o progresso do teatro	
95 Simão Assengart tradutor	O estatístico.	Texto de Avon Raizen
96 Sol Liptzin (Rússia, 1901 - Jerusalém, 1995) estudioso, autor e educador em literatura ídiche e alemã. Foi professor na Universidade de Columbia, NY.	Beer- Hofmann poeta da renascença judaica.	

³⁰⁴ (PALATNIK, 2007).

97 Waldemar Berditchevsky (Brasil, 1925 – 1999) ator de teatro e televisão.	Impressões de uma conferência.	
98 Walter Klein	Empréstimos sem juros (A história de uma ideia que não se originou no East Side de Nova York).	
99 Walter Duranty ((Inglaterra, 1884 – EUA, 1957) jornalista. Foi chefe do escritório de Moscou do <i>New York Times</i> , entre 1922 e 1936. Ganhou o Prêmio Pulitzer pelos relatos da URSS, em 1932. Posteriormente foi duramente criticado por negar a fome existente na URSS.	Um povo sem território.	
100 William Lawrence Shirer (Chicago, 1904 – Boston, 1993) jornalista, historiador e escritor. Ficou famoso tanto por ter coberto diretamente da Alemanha o início da Segunda Guerra Mundial e por ter escrito livros considerados dos mais completos sobre o conflito e sobre o nazismo.	Não vingança, mas justiça.	Especial para <i>Aonde Vamos?</i>
101 Wilson W. Rodrigues (BA, 1916) poeta, jornalista, folclorista, escritor, professor.	Educação artística; Educação artística – a poesia nas escolas.	
102 Wladimir Zenzinov (Moscou, 1880 – EUA, 1953) membro do Partido Socialista-Revolucionário da Rússia e escritor. Participou da 1ª (1905), 2ª (02/1917) e da 3ª Revoluções Russas. Publicou várias obras.	Um capítulo dramático da história da Rússia Tsarista.	
103 W W Schuetz	Numa livraria alemã.	Condensado do <i>World Digest</i> .
Total 103 articulistas em 1943		

Fonte: Elaborada por Lucia Ribeiro Chermont, 2022.

APÊNDICE D - Articulistas e artigos, 1953

Autor	Título do artigo	Informações
1 Adolfo Schweitzer jornalista, escritor e poeta. Nascido na Bessarábia, chegou ao Brasil na década de 1930 e estabeleceu-se na cidade de Campos, RJ. Participou da fundação do Clube de Poesias de Campos, em 28/03/1954. Na edição de 25/03/1943, constou que Adolfo Schweitzer, seria novo colaborador da <i>Aonde Vamos?</i> .	Caleidoscópio.	Escrevia na revista, em 1943, mas nada foi encontrado sobre este articulista.
2 Aimê Pallière (França, 1868-1949) escritor, jornalista e teólogo. Nascido de família católica, depois de uma visita à sinagoga de Lyon, no Yom Kipur, começou a estudar o judaísmo. Foi discípulo do rabino italiano E. Benamozegh, tornou-se judeu observante e líder espiritual da sinagoga reformista de Paris. Foi presidente da União Mundial da Juventude Judaica. Editou o jornal <i>Chalom</i> , dava palestras, escreveu artigos e publicou vários livros. No fim da vida aproximou-se do catolicismo.	A revelação da <i>Neilah</i> .	
3 Aleph V. Sherman jornalista, escreveu na revista americana <i>Commentary</i> (NY, 1945- atual), liberal e anticomunista, que se tornou símbolo do neoconservadorismo a partir de 1960.	O <i>kibutz Ain Harod</i> define-se perante os acontecimentos de Praga.	O local de onde o autor escreve apareceu entre parênteses, junto ao seu nome na revista: (Jerusalém)
4 Arnold Wiznitzer (1896-1975) historiador. Era rabino formado pela Escola Teológica Israelita de Viena, em literatura hebraica pelo Jewish Theological Seminary de NY. E, em História, Filologia Românica e Filosofia pela Universidade de Viena ³⁰⁵ . Em 28/11/1939, Aristides de Sousa Mendes, cônsul de Portugal em Bordeaux, concedeu visto não autorizado ao prof. A. Wiznitzer e sua família. Conseguiram chegar ao Brasil em 06/1940. Posteriormente mudaram-se para os EUA e, ao adquirir a cidadania americana mudaram o sobrenome para Winter. Foi o primeiro caso conhecido de visto não autorizado	Os judeus brasileiros na literatura de “Responso”; “Erigi um memorial aos milagres de Deus”, de Isaac Aboab (O primeiro poema hebraico escrito no Brasil – 1646); Benjamin Bueno de Mesquita; A Bíblia de Ferrara no Brasil; O Pinkes Brasil; A sinagoga do Recife Holandês (1641-1654); Os membros da comunidade judia no Brasil colônia, 1948-1653; O cemitério dos judeus no Recife Holandês; Uma lista nunca antes publicada de Brasileiros Judaizantes (Marranos) julgados pela Inquisição de Portugal	Titulações do que acompanham o nome do autor na revista, alternadamente: Ph. D. DHL e presidente do Instituto Judaico Brasileiro de Pesquisa Histórica.

³⁰⁵ O Livro de Atas das Congregações Judaicas: *Zur Israel* em Recife e *Maguen Abraham* em Maurícia, Brasil, 1648-1653. (Trad. Arnold Wiznitzer). **Anais da Biblioteca Nacional**. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional. Vol. 74, 1955

pelo cônsul ³⁰⁶ . Foi um importante historiador dedicado à pesquisa sobre a diáspora dos judeus portugueses, na História Moderna, e dos judeus no Brasil Colonial.	(1591-1769). (Publicado em várias edições).	
5 Alvin Rosenfeld (EUA, 1938) professor e estudioso sobre o Holocausto e o novo antissemitismo. Professor do departamento de Estudo Judaicos da Universidade de Indiana e é diretor do Instituto para o Estudo do Antissemitismo contemporâneo.	Não há paz em Sion.	
6 Boris Smolar (Ucrânia, 1897 – EUA, 1986) jornalista. Serviu no exército russo e trabalhou como correspondente de guerra durante a 1ª Guerra Mundial. Imigrou para os Estados Unidos, em 1919, estudou na Medill School of Journalism na Northwestern University. Pertenceu à equipe editorial da filial, de Chicago, do <i>Jewish Daily Forward</i> . Ingressou na Agência Telegráfica Judaica em 1924, como correspondente europeu. Foi editor-chefe do JTA de 1939 a 1967. Escreveu livros para crianças e adultos em ídiche e hebraico, bem como colunas de jornais semanais para o JTA e para o <i>Jewish Daily Forward</i> .	Eisenhower e o Oriente Médio; Preocupação em Washington; “New-look” no departamento de Estado; Washington projeta...; Comentários, assuntos sionistas; Seção Livros – Entre Oriente e Ocidente; Cenário, a cena diplomática; Cenário, panorama de Washington; Cenário, problemas sionistas; Cenário, o caso não-sionista; O auxílio americano; Cenário americano.	Escreveu na revista em 1943, mas com o sobrenome Smoliar e não Smolar, como neste ano.
7 Chaim Grade (Vilna, 1910 – NY, 1982) um dos maiores escritores da língua ídiche do século XX.	Minha guerra com Hershey Rasseynier. (Publicado em várias edições).	Tradução de Edson Ferreira Santos
8 Prof. David J. Perez advogado, jornalista, figura de prestígio na comunidade judaica brasileira, filho de judeus marroquinos que se estabeleceram no Pará. Fundador do primeiro jornal judaico, em português, publicado no Brasil, a Columna.	O Passado, O Presente... E o Futuro.	
9 David Jarvis	Perfil de uma jovem yemenita.	
10 Edidio Guertzenstein (SP, 1918 – RJ, 1989) médico. Participou da Força Expedicionária Brasileira – FEB, durante a 2ª Guerra Mundial. Prestou concurso para marinha e foi chefe do serviço de cirurgia torácica da marinha.	O desenvolvimento da cirurgia do peito nos Estados Unidos.	
11 Edwin Samuel, C.M.G. Visconde Samuel (Inglaterra,	Os judeus turcos – uma comunidade florescente.	

³⁰⁶ <http://sousamendesfoundation.org/family/wiznitzer>

1898 - 1978), filho do primeiro alto comissário da Palestina, Herbert Samuel, e primeiro judeu praticante nominal a servir como ministro do Gabinete e a se tornar o líder de um importante partido político britânico. Edwin foi para a Palestina depois da 1ª Guerra Mundial, foi o último diretor do Serviço da Radiodifusão da Palestina. Como Visconde atuou na Câmara dos Lordes. Foi ativista sionista.		
12 Eliezer Whatman jornalista do <i>Jerusalém Post</i> .	Pergaminhos de fogo.	
13 Ernest Simon (Berlin, 1900 – Jerusalém, 1988) educador e filósofo religioso. Fundou, nos anos 1920, um dos primeiros grupos de paz israelense, <i>Brith Shalom</i> , juntamente com Martin Buber. De 1930 a 1933, foi professor na Escola Hebraica Reali Haifa. Em 1942, foi um dos fundadores do partido binacionalista <i>Ihud</i> .	Ainda seremos judeus, nós, israelenses? (Publicado em várias edições); Fugindo de Deus – e o retorno, um comentário moderno sobre o livro de Jonas.	
14 Gerson Ben Shlomo	O ideal na prática.	Observação do artigo que foi publicado junto ao título: Reproduzido do <i>Israel News Service</i> . Esse jornal era uma publicação do Movimento Sionista Geral de Israel.
15 H. I. Ginsberg	Os pergaminhos da caverna e as seitas judaicas.	
16 H. Schmidt	Os novos historiadores de Israel.	
17 Herbert Weiner (Boston, 1919 – Jerusalém, 2013) rabino e escritor. Incluiu o misticismo judaico no judaísmo norte-americano.	Um filósofo místico em Nova York, A vida e os estudos de S. H. Setzer. (Publicado em várias edições).	
18 Rabino I. S. Emmanuel historiador e rabino. Atuou na comunidade sefardi no Rio de Janeiro, entre 1950 e 1953. Especializou-se em judeus caribenhos, judeus de Salônica e no período holandês, no Brasil.	A importância das elegias (<i>Kinoth</i>) do <i>Tisha B'av</i> ; <i>Rosh Hashanah</i> e <i>Yom Kippur</i> ; Abraham Coeh, um dos defensores do Brasil Holandês.	O local do autor apareceu entre parênteses, junto ao seu nome na revista: (NY)
19 Isaac Izecksohn nasceu na Polônia, foi médico e vereador do Distrito Federal (PSB), eleito em 1954, no ano seguinte perdeu o mandato por ser brasileiro naturalizado. Autor dos livros: História dos Judeus vols. 1, 2, 3 e 4; Os marranos brasileiros; Anti-semitismo: uma alergia social. Traduziu obras de Sigmund Freud.	Um mínimo de cultura judaica; A conferência do escritor Abraham Sutzkever; Abraham Sutzkever no Hebraica; Waksman e o câncer.	Escreveu na revista, em 1943.

20 Itzhak Ben Zvi (Ucrânia, 1884 – Jerusalém, 1963) presidente do Estado de Israel de 1952 a 1963.	Safed ontem e hoje.	
21 Jacob Lestschinsky jornalista, escreveu no <i>The New Leader</i> (NY, 1924-2010)	Religião, Educação, Cultura e Assimilação. (Publicado em várias edições).	
22 Jacques Maleh (Cairo, 1906-Inglaterra, 1989) banqueiro, escritor, jornalista. Foi editor-chefe do <i>L'aurore</i> jornal semanal judaico do Cairo.	As sinagogas do Cairo.	
23 Jeanne	Leonard Bernstein, três artistas em um; Villa Lobos a Israel – odisseia de uma raça.	
24 Joel Clang	O Levante do Gueto de Varsóvia	
25 Joseph Finkgestone	Os triunfos judeus no xadrez.	
26 Joseph Smilg	Viagem de ônibus em Israel.	
27 Leo W. Schwartz (NY, 1906 – Iowa, 1967) escritor e professor. Dirigiu as operações do Comitê Judaico Americano de Distribuição Conjunta (JDC) voltado aos judeus deslocados (DPs). Foi professor de Estudos Judaicos na Universidade de Iowa.	Os deslocados: ficção e realidade. (Publicado em várias edições).	
28 Leon Ehrenfreund (?, 1931 – SP, 2004)	Ambiguidades; “Os meus gloriosos irmãos”.	
29 Lore Scheer , delegado britânico no festival da juventude patrocinado pelos comunistas, moradora de Bucareste. Publicou um artigo no <i>Jewish Chronicle</i> de Londres, em 10/1953, com dados censitários da comunidade judaica da Romênia.	A vida judaica na Rumânia.	
30 Rabino M. Chitrik	Religião: dia de jejum; Religião: sitiados; Religião: A advertência; Religião: O milagre de Chanuka.	
31 Rab. M. Diesendruck , rabino austríaco, atuou em Portugal durante a 2ª Guerra Mundial. Depois veio para São Paulo, atuou em várias congregações.	Samuel Schwarz (historiador dos cripto-judeus de Portugal).	
32 Mary Reifer	Barão, milionário e sionista; Porque Pessach; A feiticeira Shosana “um empreendimento cultural”; Visita de bons amigos; O Hebraica e seus planos de desenvolvimento; O Hashomer Hatzair solicita uma entrevista com Aonde Vamos?; Cartas de crianças; Pais judeus, Chanuka.	Sobre a visita de uma jovem judia yemenita ao Brasil
33 Manoel Coslovsky nasceu na Alemanha. Em 1944, era do Conselho Administrativo da	O que vi e senti em dez dias como paciente da Policlínica Israelita.	

Sociedade Israelita de Educação, no Rio de Janeiro. Foi, também, ativista sionista, na comunidade carioca.		
34 Manoel Ingner (RJ, 1922 – 1991) economista e prof. de contabilidade do Instituto Comercial do Rio de Janeiro. Oferecia serviços de administração, contabilidade, contratos, distrato, marcas e patentes, no Departamento jurídico sob direção do advogado Ladislau Vinhaes, que foi diretor da revista de 1943 a 1944.	De passagem para Israel; A caminho de Israel, Barcelona, sua comunidade judaica, Gênova, Milão e sua feira internacional de amostras, última etapa da viagem finalmente Haifa; Primeiras impressões de Israel; Pelos caminhos de Israel; A Cidade Santa; Com o presidente de Israel; Nos bastidores do Knesset; Como funciona a justiça em Israel.	Enviado especial da revista para Israel. Escreveu na revista, em 1943.
35 Maurice Carr jornalista, escreveu em vários periódicos judaicos, da França e da Inglaterra, no pós-segunda guerra mundial.	Os órfãos Finally no novo lar.	
36 Maurice Samuel (Romênia, 1895 – EUA, 1972) romancista, tradutor, humanista, sionista e conferencista. A maior parte de sua obra trata do judaísmo, história judaica e sociedade moderna. Traduziu os clássicos da literatura ídiche para o inglês.	A cisão entre os judeus de Israel e o judaísmo americano. Terá o novo Estado rejeitado o seu passado judeu?; Porque Israel não compreende o judaísmo americano e da diáspora, alguma maneira de sanar a cisão.	
37 Meyer Levin (EUA, 1905 - 1981) romancista e jornalista. Trabalhou no <i>Chicago Daily News</i> como jornalista e editor no <i>Esquire</i> .	Quem precisa de um novo clube judeu? (Publicado em várias edições).	
38 Moses Hadas (EUA, 1900 - 1966) rabino e historiador especializado em História Antiga. Foi professor na Universidade de Columbia.	Virgílio, a profecia hebraica e o ideal romano, Enéias como o Moisés Romano. (Publicado em várias edições).	Tradução Edson Ferreira Santos
39 N. Stencl	A nostalgia do “Stedtl”.	
40 Nathan Rotentreich (Áustria, 1914 – Israel, 1993) docente de filosofia da Universidade Hebraica de Jerusalém,	Ahad Há-am, vinte e cinco anos depois.	
41 Peter Meyer	Os protocolos do processo de Praga. (Publicado em várias edições).	
42 Richard Goldhurst (EUA, 1927 - 1915) escritor e diretor teatral.	Entre dois mundos (reflexões de um filho de casamento misto).	
43 S. B. Unsorfer (Eslováquia, 1920 – Inglaterra, 1963) escritor e editor. Foi sobrevivente dos campos de extermínio de Auschwitz e Buchenwald. Ao final da guerra estabeleceu-se na Inglaterra, passou a escrever em jornais judaicos em todo o mundo, fundou o jornal <i>The Jewish Tribune</i> e publicou livro sobre o Holocausto.	Pessach em Buchenwald.	

44 S. Fine	A importância da alimentação na vida judia.	
45 Dr. S. M. Lehrman	Mulheres na história judaica.	
46 Shlomo Simonsohn (Alemanha, 1923 – Israel, 2019) historiador israelense. Mudou-se com a família para Israel criança, em 1933. Foi nomeado chefe do Departamento de História Judaica da Universidade de Tel Aviv, em 1957. Foi o criador do Museu da Diáspora, atual Museu do Povo Judeu, vinculado à Universidade Hebraica de Tel Aviv.	Uma comunidade moribunda.	Sobre comunidade judaica de Mântua
47 Sam Modiano (Salônica, 1895 – Atenas, 1979) jornalista e editor. Trabalhou no jornal francês <i>L'Opinion</i> , depois lançou o jornal, em francês <i>Le Progress</i> , em 1926. Durante a 2ª Guerra Mundial tornou-se correspondente <i>Reuters</i> , depois da guerra tornou-se o principal correspondente da Grécia e da Turquia.	Israel ajuda as vítimas da Grécia.	
48 Schlomo Riemer economista israelense. Escreveu na revista americana <i>Commentary</i> (1945-atual, NY), liberal e anticomunista, que se tornou símbolo do neoconservadorismo a partir de 1960.	O caminho da Independência econômica de Israel.	
49 Shoshana Persitz deputada, pelo Partido Sionista Geral, e presidente da Comissão de Educação do Knesset.	A revolução escolar.	
50 Simão Dain ativista sionista na comunidade judaica carioca.	Yom Kippur 5714; Exposição Bíblica	
51 Dr. Walter Eytan (Alemanha, 1910 – Israel, 2001) diplomata israelense. Foi Diretor Geral do Ministério de Relações Exteriores (1948-1959) e embaixador de Israel na França (1959-1970).	Israel e a Ásia.	
52 Grão Rabino Yacov Fink rabino atuou no Rio de Janeiro.	O significado de Pessach deste ano.	
53 Yoshua Auerbach ativista comunitário, líder do movimento sionista revisionista no Brasil. Seu nome consta no grupo envolvido com a criação da Sociedade Brasileira de História Judaica, no Rio de Janeiro, em 1953.	Religião sem política; Objetivo do chinuch; Notas Marginais; Max Nordau; Yair – Abraham Stern.	
Total 53 articulistas, em 1953		

Fonte: Elaborada por Lucia Ribeiro Chermon, 2022.

APÊNDICE E - Articulistas e artigos, 1963

Autor	Título do artigo	Informações publicadas na revista, assuntos e observações
1 A Ben Gad	O ano novo judaico.	
2 Alfred Werner historiador e crítico da arte do século XX, autor de vários artigos sobre arte contemporânea. Era da revista <i>Art Journal</i> (UK, 1941 – atual).	Perspectiva de Chagall.	
3 Ben Gurion (Plonk, 1886 – Ramat Gan, 1973) político israelense. Fundador do Estado de Israel e primeiro Primeiro Ministro de Israel (1º mandato 1948 a 1954, 2º mandato 1955 a 1963)	Diálogo entre o Primeiro Ministro Ben Gurion e Hayim Hazaz.	ex-catedra
4 E. A. Bayne foi representante do <i>American Universities Field Staff</i> , grupo que congregava faculdades e universidades americanas para enviar jovens qualificados como seus correspondentes	Consideram-se judeus os estudantes israelenses?	
5 Elie Wiesel (Romênia, 1928 - EUA, 2016) escritor e professor. Foi sobrevivente de campo de concentração, escreveu vários sobre o Holocausto e recebeu o Nobel da Paz, em 1986, pelas obras publicadas.	A morte de meu pai (narrativa pessoal). (Publicado em várias edições).	
6 Eliézer Livneh (Łódź, 1902 – Jerusalém, 1975) ativista sionista, jornalista, publicitário e político israelense. Foi um dos fundadores do movimento de direita denominado Grande Israel (Israel, 1967-1976)	Dilemas do 15º ano, economia e política; Que quer dizer levantismo?; Três debates com Menachem Begin; Por que decaiu o prestígio da sochnut; Dinheiro demais é nocivo; O Negev e o Galil; A Histadrut está se habituando à Medinah.	Escreve de Jerusalém
7 Elisa Lispector (Ucrânia, 1911 – Brasil, 1989) escritora e jornalista.	No exílio. (Publicado em várias edições).	Romance
8 Ephraim Kishon (Hungria, 1924 – Suíça, 2005) escritor, roteirista, dramaturgo e diretor de cinema de Israel.	Escreve.	
9 Dr. Ernst Wener Klimowsy (Konigsberg, 1904 – Tel Aviv, 1985) advogado internacional e numismático.	Símbolos religiosos em antigas moedas judaicas.	
10 Isaac Izeckson nasceu na Polônia, foi médico e vereador do Distrito Federal (PSB), eleito em 1954, no ano seguinte perdeu o mandato por ser brasileiro naturalizado. Autor dos livros: História dos Judeus vols. 1, 2, 3 e	A tragédia dos marranos (Publicado em várias edições);	Obs.: escrevia na revista desde 1943. Resumo da parte já publicada nos números: 988, 989. 990, 992, 994 e 996 de Aonde Vamos?

4; Os marranos brasileiros; Anti-semitismo: uma alergia social. Traduziu obras de Sigmund Freud.	A diáspora dos sefaraditas. (Publicado em várias edições);	
11 Itzhak Ben Zvi (Ucrânia, 1884 – Jerusalém, 1963) presidente do Estado de Israel de 1952 a 1963.	Minha juventude.	Obs.: escreveu na revista em 1953.
12 Itzhak Ivry escritor de livros de temática judaica e israelenses, publicado por editoras vinculadas à comunidade, como, Agência Judaica, Instituto Theodor Herzl e Conselho Sionista Americano.	O que leem os israelenses.	
13 Rabino Jack Riemer famoso rabino da Congregação Beth Tikvah da Flórida, fundou a Rede Rabínica Nacional, autor de editor de livros judaicos.	Kafka e Rabi Nachman, contrastes e confrontos. (Publicado em várias edições).	
14 Jacob Drucaroff professor de sociologia da Universidade de Mendoza, Argentina.	Para uma reestrutura da Universidade. (Publicado em várias edições).	
15 Jacob L. Halevi mestre e doutor (1959) pelo Hebrew Union College and Jewish Institute of Religion.	Kierkegaard e o Midrash	
16 Jayme L. Szwarcfiter (RJ, 1942) professor e escritor de Ciência da Computação.	A mocidade vista por um moço	
17 Joseph Berstein	50 anos após o processo Beilis na Rússia	
18 Leib Bayon escritor e professor, que se estabeleceu no México, em 1936.	Esboço da História do Yddish, unidade na variedade.	
19 Maurice Samuel (Romênia, 1895 – EUA, 1972) romancista, tradutor, humanista, sionista e conferencista. A maior parte de sua obra trata do judaísmo, história judaica e sociedade moderna. Traduziu os clássicos da literatura ídiche para o inglês.	Em Manchester (infância na Diáspora). (Publicado em várias edições).	Obs.: escreveu na revista em 1953.
20 Dr. N. Krauthamer	Um turista entre relíquias do judaísmo espanhol.	
21 Saul Carsonn (EUA, 1895 – 1971) jornalista, editor e escritor. Atuou em vários jornais norte-americanos.	Shukairy, o homem de lugar nenhum.	
22 Sh Y. Agnon (Ucrânia, 1887 – Israel, Israel) foi um dos principais romancistas e contistas hebraicos modernos. Ganhou Prêmio Nobel, em 1966.	<i>Kol dichfin...</i> ; A voz do shofar; A orquestra; Um outro talit	
23 Rabino Shabse Alpern rabino do movimento ortodoxo Chabad-Lubavitch, chegou no Brasil, em 1961, primeiro, atuou em uma escola ortodoxa. Em 1973, fundou, juntamente com um	Rosh Hashanah: julgamento divino e julgamento humano; Corpos sem almas; Sucot “para que saibam vossas gerações...”; União e igualdade; Três espécies de lealdade;	

grupo de congregantes, o Beit Chabad Central, em São Paulo.	O Judaísmo hoje; Ela rirá; A função da sinagoga; O segredo da sobrevivência; Queda e erguimento; Ontem e hoje (I) e (II); Judeu, israelita, hebreu; Barco sem timoneiro.	
24 Steven S. Schwarzschild (Alemanha, 1924 – EUA, 1989) rabino, filósofo, teólogo e editor. Foi professor de filosofia e estudos judaicos na Universidade de Washington, editou a revista <i>A Quarterly Journal</i> de 1961 a 1969.	A teologia da música.	
25 Yael Dayan (Israel, 1939) escritora e política. Filha do general Moshe Dayan, foi membro do Knesset de 1992 a 2003, pelo Partido Trabalhista. Em 1993, foi a primeira parlamentar israelense a se encontrar com Yasser Arafat, feminista, pacifista e membro do Paz Agora.	Inveja os que temem (cap. 1).	
26 Zvi Kolitz (Lituânia, 1912 – EUA, 2002) escritor, produtor de teatro e cinema. Escreveu <i>Yosl Rakover Talks to God</i> ", que se tornou um clássico da literatura do Holocausto. Publicado, em 1946, para um jornal judaico de Buenos Aires. Conta nos últimos dias do Gueto de Varsóvia, um judeu religioso que fica com raiva de Deus durante o Holocausto.	Apesar de tudo, meu Deus!	Relatado por
Total 26 articulistas, em 1963.	Total 51 artigos assinados, em 1963.	

Fonte: Elaborada por Lucia Ribeiro Chermont, 2022.

APÊNDICE F - Articulistas e artigos, 1973

Autor	Título do artigo	Informações publicadas na revista, assuntos e observações
1 Aba Kovner (1918,) poeta e ensaísta hebraico, membro do kibutz Eyn Hashoresh. Pertence à geração intermediária de escritores israelenses	O destino do espírito de Israel.	
2 Abraham I. Katsch (Polônia, 1908 – EUA, 1998) educador, escritor e arquivista. Coursou matemática na Universidade de Nova Iorque, tornou-se o primeiro professor de hebraico da universidade, em 1947. Fundou a Fundação da Cultura Judaica, o Departamento de Língua e Educação Hebraica e o Instituto de Estudos Hebraicos dessa universidade.	Os preciosos tesouros judaicos na Rússia.	
3 Abraham N. Gerbovoy jornalista e representante da <i>Histadrut</i> , nos EUA. Foi editor do <i>The Guardian: a literary monthly</i> de Filadélfia, 1924 - 1925.	O pacto Hitler-Stalin.	
4 Abraham Reisen ou Abraam Reisen (Bielorrússia, 1873 – EUA, 1953) poeta ídiche, contista, dramaturgo e editor. Era filho do poeta idichista e hebraísta Kalman Reisen (1848-1921), irmão da poetisa, contista e tradutora Sarah Reisen (1884-1974) e do filólogo e historiador da literatura ídiche, Zalman Reisen (1887-1941).	A árvore.	
5 Adam Sofer	O verdadeiro Bialik; Judeus silenciosos.	
6 Rabi Adin Steinsaltz (Jerusalém, 1937 - 2020) rabino chassídico, professor, filósofo, crítico social, autor, tradutor e editor. Estudou física e química na Universidade Hebraica, foi bolsista do Centro de Estudos Internacionais Woodrow, Centro de Estudos Internacionais, em Washington, e no Instituto de Estudos Avançados da Universidade Princeton. Em 1965, começou a tradução monumental do <i>Talmud</i> , finalizada em 2010.	Em busca de uma função.	
7 Alan D. Corre (Londres, 1931 – Miami, 2017) estudioso do hebraico medieval antigo, línguas semíticas e linguística. Ordenado rabino em Londres, foi fundador e	Os sefaradim.	

diretor do Programa de Estudos Sefaraditas da Yeshiva Universidade de Nova Iork e professor de Estudos Judaicos da Universidade Wisconsin-Milwaukee por 30 anos.		
8 Alisa Levenberg era professora em Kiryat Shmona, cidade ao Norte de Israel.	O voluntarismo em Israel.	
9 Ana Safadi	Uma guerra de surpresas.	
10 Asher Wallfish (Inglaterra, 1929 – Israel 1996) jornalista. Foi correspondente de Israel da Rádio BBC Londres e colunista do <i>Jerusalém Post</i> (Jerusalém, 1932 – atual).	Washington espera mais de Jerusalém que do Cairo.	
11 Aubrey Hodes (África do Sul, 1927- Israel, 2013) jornalista e escritor.	Martin Buber: profeta do diálogo e da paz.	
12 Avraham Shlonski (Ucrânia, 1900 – Israel, 1973) poeta, tradutor e editor. Colaborou com o desenvolvimento do hebraico moderno e sua literatura com a tradução dos clássicos da literatura para o hebraico.	A angústia na noite.	
13 Barry D. Schwartz médico americano. Defendeu doutorado no <i>Jewish Theological Seminary</i> , em 1979, sobre a perspectiva judaica da homossexualidade.	As sinagogas ocultas nos Açores.	
14 Barry Hyams (EUA, 1911 – 1989) produtor da Broadway, publicitário teatral.	O santuário.	
15 Ben Halpern (1912 - 1990) professor do Departamento de Estudos Judaicos, da Universidade Brandeis, por vinte anos. Lecionou também na Universidade de Tel Aviv e em Wellesley College, em Boston. Foi editor do <i>Jewish Frontier</i> (1934-2005, NY) e do <i>Midstream</i> .	O uso político da ética. O que impede um entendimento entre Israel e a Palestina.	
16 Beranard Postal (1906 -1981) jornalista, escritor, editor e publicitário americano.	Os esportes através do prisma bíblico e talmúdico.	
17 Bernardo Verbitsky (Argentina, 1907 – 1979) jornalista e escritor.	A visita.	
18 Berta Beck (RJ, 1930 – 2013) geógrafa. Produziu significativa pesquisa sobre a Amazônia.	Hassidim na vizinhança.	
19 Carl Alpert (EUA, 1913 – Israel, 2005) jornalista, escritor, ativista comunitário e especialista em relações exteriores. Mudou-se para Israel em 1952.	Quem controla a terra de Israel; O que dizem ao juiz; Fiquem de olho neste homem; Uma aldeia diferente; Advogados demais; Quem toma as decisões?; Theodor Herzl dormiu aqui; Maimon e sua missão;	[de] (Haifa) 25 artigos

	Idealista ou demagogo?; <i>Lomir reden Yidish</i>; O Zahal lavra novo tento; Através dos olhos do observador árabe; Uma nova profissão judaica; Dayan – alvo político; Aqui é a alfândega; Publicidade missionária maior que os resultados; A grande prévia eleitoral; Provando o erro dos peritos; Ambição de uma nova escola; A justiça prevalece; Árabes votam pelo Shabat e kashrut; Almogi cresce em importância; O capitalismo do sindicato trabalhista; Vinheta da frente e da retaguarda; Conversas sobre a paz, mas com Israel ainda em alerta.	
20 Chaim Bermant (Polônia, 1929 – Inglaterra, 1998) jornalista. Escreveu no <i>Jewish Chronicle</i> (Londres, 1841 - atual), <i>The Observer</i> (Londres, 1791 – atual) e o <i>Daily Telegraph</i> (Londres, 1855 – atual). Publicou 30 livros.	Os Montefiore; “O reino de Sharon”.	
21 Rabino Charles W. Steckel (Polônia, 1905 – EUA, 1987) ordenado na Universidade de Breslau, durante a 2ª Guerra Mundial trabalhou para a Cruz Vermelha Sueca, na Iugoslávia. Depois foi para os Estados Unidos, atuou em várias instituições judaicas.	A mente alemã.	
22 Charles Weiss professor da Universidade de Georgetown e consultor de Ciência e Tecnologia do Banco Mundial de 1971 a 1986.	Como alugar um camelo.	
23 Charlotte T. Schwartz	É bom crer... e pertencer.	
24 Chayym Zeldis (EUA, 1927 – Israel, 2008) autor e educador. Mudou-se Israel em 1948, foi professor na Universidade de Tel Aviv,	A fechadura e a chave.	
25 Colin Legum (África do Sul, 1919 - 2003) jornalista e escritor. Escreveu no <i>The Observer</i> (Londres, 1791 – atual) e foi ativista antiapartheid.	Por trás da política do Mar Vermelho.	
26 David Davidovitch escreveu o livro: <i>Ketuba</i>: o contrato judaico de casamento através das eras. Jerusalém/ Nova Iorque: Adama Books, 1968.	O casamento judaico.	
27 Daniel Gotlieb (França, 1939 – Israel, 2010) formou-se em física na Sorbonne, depois fez	Punhal ou espinho?	

formação rabínica, atuou como rabino na sinagoga <i>Ohel Abraham</i> , de Paris por 35 anos. Mudou-se para Israel em 2002.		
28 Cel. David Farhi foi conselheiro do Ministro da Defesa de Israel, Moshe Dayan, que ocupou o cargo de 1967 a 1974.	A estrutura social e as tendências políticas na Margem Ocidental.	
29 David Hirst (Inglaterra, 1936) jornalista e escritor. Correspondente do Oriente Médio, morou em Beirute. Escreveu em vários jornais, como, <i>The Guardian</i> (Londres, 1921 – atual), <i>The Irish Times</i> (Dublin, 1959 – atual), <i>St Petersburg</i> (Flórida, 1984 – atual), <i>Newsday</i> (NY, 1940 – atual) e <i>Daily Star</i> (Líbano, 1952 – atual). Escreveu livros sobre a região. Foi sequestrado duas vezes e foi proibido de visitar alguns países árabes.	Sadat entre dois fogos.	
30 Dev Murarka (Índia, 1931 –?, 1998) escritor e jornalista. Morou na URSS por 30 anos, foi correspondente de jornais indianos e internacionais.	Os dois grandes problemas dos judeus soviéticos.	(<i>The Observer</i> -Londres)
31 E. & F. Low pseudônimo de Egon e Frieda Wolff (Alemanha, 1910 – Brasil, 1991) e (Alemanha, 1911 – Israel, 2008). Casados vieram para o Brasil, como refugiados do nazismo, em 1936. Prosperaram no ramo ótico, tornaram-se ativistas comunitários. Depois dedicaram-se exclusivamente à pesquisa dos judeus no Brasil. Publicaram 44 livros.	Barbados: mais um cemitério do século XVII; A União Israelita do Brasil.	
32 Edward I. Parson	Um americano em Kfar Blum.	As cartas seguintes relatam a vida num kibutz israelense, Kfar Blum, onde viveu o autor, um advogado originário de Boston, EUA, em 1948.
33 Elie Wisel (Romênia, 1928 – EUA, 2016) escritor e professor. Foi sobrevivente de campo de concentração, escreveu vários sobre o Holocausto e recebeu o Nobel da Paz, em 1986, pelas obras publicadas.	O trem da morte.	Obs.: escreveu na revista em 1963
34 Eliézer Strauch , jornalista brasileiro de São Caetano do Sul. Mudou-se para Israel e foi correspondente de <i>O Globo</i> (RJ, 1925 – atual) durante vários anos. Cobriu as guerras de 1967 e do	Que esperam os árabes de Kissinger?; Tempo de chorar, tempo de enxugar as lágrimas...; Delinquentes juvenis recuperam-se sem ajuda;	[de] (Tel Aviv) 15 artigos

Líbano (1982). Entrevistou Arafat. Também foi correspondente do jornal israelense <i>Yedioth Aharonoth</i> (Tel Aviv, 1939 – atual). Na juventude, em função do seu envolvimento com o Partido Comunista, seu pai o mandou para os Estados Unidos morar com um tio. Poucos meses depois, tornou-se redator do <i>Daily Worker</i> (NY, 1924 – 1958) publicado pelo Partido Comunista americano³⁰⁷. Escreveu o livro <i>Serviço Secreto de Israel</i>, 1976.	A luta por Israel nos subterrâneos da espionagem. (Publicado em várias edições); “Festival da carestia” não faz israelense apertar o cinto; Israel descobre a paixão do futebol; O jovem israelense é “quadrado”; Por que voltam tantos <i>olim</i> brasileiros?; Crianças judias “estudam” com obras de má qualidade; Congresso de Goldmann gera confusão com o Brasil; Israel é solução para judeus com problemas pessoais?; Desnível social; Olim da URSS aprendem a usar a democracia; Como Israel vê a nomeação de Kissinger; Carta da linha de frente.	
35 Ephraim Kishon (Hungria, 1924 - Suíça, 2005) escritor, roteirista, dramaturgo e diretor de cinema de Israel.	Concorrência desleal; Sodoma e Gomorra; Proibido estacionar; Menashe, o barômetro ambulante; Uni-duni-tê; Salvando a paz familiar; Londres na penumbra; Sim, mas o que foi que ele disse?; Perdemos novamente a simpatia do mundo.	Obs.: escreveu na revista em 1963
36 Erwin Frenkel foi editor-chefe de 1975 a 1989 do jornal <i>The Jerusalem Post</i> (Jerusalém, 1932 – atual) e coeditor durante o primeiro ano do <i>The New Middle East Magazine</i> (Jerusalém, 1994 - ?), jornal palestino.	A pressão por um acordo.	
37 Ester Kosovski (Polônia, 1931) historiadora, professora universitária (UFRJ). Fundou o Museu Judaico do Rio de Janeiro, com seu marido e o casal Jorge e Bella Josef.	Uma visita em Buenos Aires.	
38 Evelyn Garfiel (NY, 1900 – 1987) psicóloga formada pela Universidade de Columbia, NY, esposa do rabino Max Kadushin. Nos anos de 1920 e 1930, foi professora nas Universidades de Chicago e Wisconsin. Posteriormente voltou para Nova Iorque, com a família, se dedicou à educação judaica e à atuação comunitária. Sem ser abertamente feminista, lutou e incentivou os direitos das mulheres dentro do judaísmo. Autora de vários livros.	A origem do <i>Sidur</i>.	

³⁰⁷ <https://fdinarcos.org.br/2013/06/05/lembrando-jacob-feldman/>

39 Eugene C. Weiner professor de sociologia da Universidade de Haifa.	Como Israel celebra seus heróis mortos.	
40 Fred Ferretti escritor e jornalista. Escreveu no <i>New York Times</i> (NY, 1851 – atual), publicou vários livros.	O milionário favorito do Kremlin.	
41 Fred Goldstein	Nas frentes síria e egípcia.	
42 George Schopflin (Hungria, 1939) trabalhou no <i>Royal Institute of International Affairs</i> de Londres de 1963 a 1967, depois na BBC, 1967 a 1976. Foi professor universitário, foi eleito Membro do Parlamento Europeu, em 2004.	Os dispensáveis comunistas árabes.	
43 Gladis Rosen (NY, 1924) historiadora de estudos judaicos. Fez doutorado em língua semítica e literatura na <i>Columbia University</i> . Lecionou hebraico e estudos judaicos no <i>Brooklyn College</i> , tornou-se associada executiva do <i>American Jewish History Center</i> do <i>Jewish Theological Seminary</i> de 1960 a 1970. Publicou livros sobre a temática.	Direitos iguais para a história judaica.	
44 Grigori Gerenstein (URSS, 1944) jornalista e escritor. Em 1973, mudou-se para Israel e depois para Inglaterra, em 1976. Em 2004, voltou para a Rússia.	A volta para casa.	
45 Hain Finkelstein , último editor do jornal polonês em ídiche <i>Haynt</i> (Varsóvia, 1908 -1939), jornal em ídiche com maior tiragem na Polônia, antes da guerra.	Haynt, o heroico jornal dos judeus poloneses.	Reminiscências por ocasião do 65º aniversário
46 Hanoch Bartov (Palestina, 1926 – Israel, 2016) escritor e jornalista. Entre 1966 a 1968 foi conselheiro cultural na Embaixada israelense em Londres.	O bloco.	
47 Howard Singer	O judeu “cômico”.	
48 Ieschaie Spiegel	Um cachorro no gueto. (Publicado em 2 edições).	
49 Igaël Ladin , general israelense nascido na Romênia.	As mulheres na minha vida.	
50 Immanuel Jakobovits (Königsberg, 1921 – Londres, 1999) rabino chefe das Congregações Hebraicas Unidas da Comunidade entre 1967 e 1991, união das sinagogas ortodoxas britânicas. Foi nomeado cavaleiro em 1981, o primeiro Rabino Chefe a entrar na	O sofrimento humano e a lei judaica.	

Câmara dos Lordes, 1988, denominado Barão Jakobovits.		
51 Isaac Bashevis Singer (Polônia, 1902 – EUA, 1991) escritor. Seu primeiro emprego foi em uma revista literária ídiche de Varsóvia, onde escreveu o primeiro livro. Mudou-se para os Estados Unidos, trabalhou na imprensa ídiche e publicou muitos livros. Mesmo depois de naturalizado americano continuou escrevendo em ídiche. Ganhou prêmio Nobel de Literatura em 1978.	O filho; Schloimele, o empresário sem teatro; Estranhos; O limpador de chaminés; Desaparecida; A peregrina.	(Tradução de Ester Kosovski)
52 Itzhak D. Gilat (Lituânia, 1919 – Israel, 1997) professor de Talmud na Universidade de Bar-Ilan, em Ramat Gan.	A halakha e a realidade social.	
53 Itzhak Lamdan (Ucrânia, 1899 – Israel, 1954) poeta, tradutor, editor e colunista em língua hebraica.	A meu pai.	
54 J. Z. Lurie	Um diário russo.	
55 Jacob Beller (Galícia, 1898 – Canadá, ?) jornalista canadense. Trabalhou como correspondente europeu no jornal hebraico e ídiche <i>HaMitzpah</i> de Cracóvia. Mudou-se para o Canadá, onde trabalhou para a Organização Sionista de 1928 a 1946. Depois tornou-se correspondente em vários periódicos da América Latina.	Uma visita aos judeus do Suriname.	
56 Jacob Dolinger (Bélgica, 1935 – Israel, 2019) especialista em direito internacional, foi professor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.	Aron Neumann – uma consciência a serviço de seu povo.	
57 Jacob Pinheiro Goldberg (MG, 1933) psicólogo, advogado, assistente social, escritor, poeta, professor e analista político. Recebeu o Prêmio Jabuti de Literatura em 2012. Publicou extensa bibliografia.	Aron Neumann – depoimento sobre um judeu; Auto-identificação judaica – o desafio de nosso tempo.	
58 Jack Luria jornalista. Foi colunista do <i>New York Times</i> (NY, 1951 – atual), editor do <i>Jewish Frontier</i> (NY, 1934 – 2005)	Minha mãe tinha inquilinos; A terapeuta.	
59 John French Jr. (EUA, 1913) psicólogo, professor da Universidade de Michigan. 60 Naftali Golomb (Israel, 1915-1984) escreveu <i>A sociologia do Kibutz</i> (estudo da sociedade israelense), 1983	Retrato do kibutz.	

61 José R. Rosembol	Os judeus do Marrocos, uma comunidade em declínio.	
62 Josephine Z. Knopp (?, 1941) professora universitária americana.	Os caminhos da Mentshlekhhayt, um estudo da moralidade na ficção de Bernard Malamud e Philip Roth.	
63 Judah J. Shapiro (EUA, 1912 – 1980) ativista, teórico e educador sionista. Foi escritor e locutor do programa de rádio “Destques e Antecedentes das Notícias Judaicas” no WEVD, na cidade de Nova Iork, de 1971 até 1980.	“Saúde clínica altamente suspeita...”.	
64 Lawrence L. Whetten (EUA, 1932) escritor e professor. Professor de Relações Internacionais da Universidade do Sul da Califórnia.	A paridade das superpotências no Mediterrâneo.	
65 Leo Heiman jornalista e escritor. Foi correspondente dos Jogos Olímpicos de 1936, na Alemanha. Também, em Israel, de vários jornais londrinos.	Os estranhos legados deixados a Israel.	
66 Leon Rafael	Fatos e ficções em torno do petróleo.	
67 Lothar Kahn (Alemanha, 1922 – EUA, 1990) professor de literatura moderna na Universidade Central do Estado de Connecticut. Escreveu vários livros.	Israel: em busca de uma nova imagem; Judeus na política exterior.	
68 Louis Linn (Japão, 1947) artista marcial, introduziu o Kung Fu na Suécia, em 1975. 69 Leo W. Schartz (Alemanha, 1931 – 2018) foi bispo auxiliar católico romano na diocese de Trier e depois bispo titular do Abbir Germaniciana.	O que se deve contar às crianças sobre a morte?	
70 Ludwig Lewisohn (Alemanha, 1888 – EUA, 1955) professor universitário, romancista, crítico literário, crítico de teatro. Atuou como crítico no <i>The Nation</i> (NY, 1865 – atual), depois tornou-se diretor associado. Foi o último editor do <i>New Palestine</i> (NY, 1919 – 1949).	Terra Santa.	
71 Lyn Owen	China e Rússia: o equilíbrio do poder na Ásia	
72 Mark Segal jornalista do <i>Jerusalem Post</i> (Jerusalém, 1932 – atual).	“Sepharad” na Espanha.	
73 Masha Grinbaum nasceu na Lituânia, foi sobrevivente do Holocausto, escreveu um livro sobre os judeus da Lituânia. Faleceu em 2008, em Nova Iorque.	Um seder para ser lembrado.	

74 Mathew Nesvisky fez verbetes para enciclopédias judaicas publicadas em Israel.	O novo tipo de kibutz.	
75 Max F. Baer escreveu livros sobre a comunidade norte-americana, publicados principalmente em Washington.	O confronto de gerações.	Condensado de um artigo
76 Mendel Kohansky (Polônia, 1911 – Israel, 1982) escritor.	Contra o boicote e o terror, uma história pessoal.	
77 Meyer Levin (EUA, 1905 – Israel, 1981) jornalista e romancista.	Egito, 1937.	
78 Mosé Kohn jornalista. Nasceu nos Estados Unidos, foi para Israel no final dos anos 1950. Trabalhou no <i>Jerusalem Post</i> (Jerusalém, 1932 – atual).	Na pegada de Abraham e Ruth.	
79 Mosha Ater	Inflação, salário e o desnível social; A crise do dólar	
80 Moshé Ron secretário geral do <i>World Federation of Jewish Journalists</i> de Tev Aviv.	Divergências entre Weizman e Beigin; O “acordo de paz” entre Beigin e Weizman; Boatos nos bastidores dos partidos; Ida à URSS e volta a Israel; Aproxima-se o “Yom Hadim” das eleições; Matéria paga desperta protestos em Israel; Igal Alon em conflito com os religiosos; Na arena israelense; Memorável sessão no Knesset; Os problemas do Partido Avodá; A vida cultural e artística em Israel; A estratégia dos dois grandes partidos; Os primeiros passos do novo presidente; A tragédia de Orlozorov novamente na ordem-do-dia; O turismo árabe no território ocupado; Árabes de Israel preparam-se para as eleições; Um esboço de partidos burgueses para as eleições?; Confusão em torno do Maarakh da direita; Ferve o caldeirão pré-eleitoral; O futuro de Ben Aharon; Repercussões das eleições para a Histadrut; O Avodá às voltas com Ben Aharon; A extraordinária carreira de Ikotiel Federman; Assim começou a Guerra de Yom Kipur; Reinício precoce das “Guerras Judias”; Debate sobre os erros cometidos na guerra; Da frente de batalha.	27 artigos

81 Moshé Starkman (Polônia, 1906 – EUA, 1975) escritor em ídiche e hebraico, bibliógrafo, jornalista. Foi editor de vários livros do <i>Day-Morning Journal</i> (NY, 1901-1971) e colaborou com vários jornais ídiche.	Haim Nakhman Bialik	
82 Neal Weinberg rabino. Nascido em Los Angeles, obteve bacharelado em música e mestrado em estudos de religião. Formou-se rabino no <i>Reconstructionist Rabbinical College</i> . Foi rabino em sinagogas em vários lugares nos EUA, fundou o <i>Judaism by Choice</i> , 2005, e atua como diretor Rabínico da instituição.	Como os sabras não-religiosos encaram a tradição judaica.	
83 Paul Johnson (Inglaterra, 1928) escritor, jornalista e historiador. Escreveu e foi editor da revista <i>New Statesman</i> (Londres, 1913 - atual), autor de vários livros	Israel: da sobrevivência à supremacia.	
84 Paul Manning jornalista, escritor americano. Foi correspondente de guerra da rádio CBS, trabalhou com Edward Murrow durante a 2ª Guerra Mundial. Foi um dos 8 jornalistas treinados para voar em missões a bordo de bombardeios com a 8ª Força Aérea, em 1943. Após a guerra escreveu para o <i>New York Times</i> , era o redator de discurso de Nelson Rockefeller ³⁰⁸ . Escreveu livros sobre o período nazista na Alemanha. Faleceu em 1995, nos Estados Unidos.	Martin Bormann e o futuro da Alemanha.	
85 Philip Gillon (Joanesburgo, 1913 – Jerusalém, 2003) colunista do <i>Jerusalem Post</i> (Jerusalém, 1932 – atual).	Weizmann – com verrugas e tudo.	
86 Pierre Van Paassen (Holanda, 1895 –EUA, 1968) jornalista, escritor, ativista sionista e ministro religioso cristão unitarista holandês-canadense-americano.	Wladimir Jabotinski- reminiscências.	Trechos de um artigo Obs.: escreveu na revista em 1943.
87 Robert Michael Burrell (EUA, 1943 - 1999) professor e editor. Membro do Conselho Editorial de Estudos do Oriente Médio, vinculado ao Centro de Estudos Internacionais da Universidade Georgetown, Washington.	Produtores e consumidores do mundo, uni-vos!	

³⁰⁸ Nelson Rockefeller (1908-1979) empresário e político americano. Foi governador de Nova Iorque (1959-1973) e vice-presidente dos EUA (1974- 1977).

88 Reuben Ainstein escritor do período do Holocausto.	O levante em Auschwitz (I).	
89 Robert A. Hammer americano, escreveu no <i>The Observer</i> .	Impressões de Jerusalém.	
90 Robert Graham (EUA, 1915 – 1990) advogado. Famoso pela campanha antitruste, escreveu em periódicos jurídicos e foi professor na Universidade de Washington. O presidente Lyndon Johnson ³⁰⁹ o encarregou de revisar o processo de burocracias federais, depois para revisar as operações da embaixada no Extremo Oriente.	Da inércia à riqueza: um sonho árabe.	
91 Romain Gary (Vilna, 1914 – Paris, 1980) romancista, diretor de cinema e diplomata francês.	A mais velha história jamais contada.	
92 Rosanne Klass (EUA, 1929 - 2015) escritora e jornalista. Defensora do povo afegão.	Os judeus do Afeganistão.	
93 Saul B. Cohen (EUA, 1925) geógrafo humano.	As perspectivas de paz.	
94 Sh. I. Agnon (Ucrânia, 1887 – Israel, 1970) foi um dos principais romancistas e contistas hebraicos modernos. Ganhou Prêmio Nobel, em 1966.	A história de Avriel Mosché, o guardião dos livros; A grande sinagoga; Após o Banquete. (Publicado em várias edições).	Obs: escreveu na revista em 1963.
95 Shmuel N. Eisenstadt (Varsóvia, 1923 – Jerusalém, 2010) sociólogo. Foi professor de sociologia na Universidade Hebraica de Jerusalém.	Israel: mudança e continuidade.	
96 S. Izhhar (Israel, 1916 – 2006) escritor e político. Atuou no Partido MAPAI de 1949 a 1967.	Um bosque na colina.	
97 S. L. Shneiderman (Polônia, 1906 – Israel, 1996) jornalista, poeta e ensaísta ídiche.	O testamento de Adam Czerniakow.	
98 Stanley R. Brav (EUA, 1908 - 1992) rabino formado pelo Hebrew Union College, em 1934. Foi rabino da Congregação Anshe Chesed de Vicksburg, no Mississippi (1937 - 1948). Depois, em Cincinnati, atuou no Templo Rockdale e fundou o Templo Shalom. Foi ativista pelos direitos civis, pela paz e justiça	A precursora do Women's Lib.	
99 Trude Weiss-Rosmarin (Alemanha, 1908 – EUA, 1989) escritora, editora e ativista feminista. Fundou com seu marido, em 1933, a <i>School of The Jewish Woman</i> , em Nova Iorque. Em 1939, fundou a revista <i>Jewish</i>	O rabino como político; A Bíblia e Darwin; Heroísmo e martírio; Tu nos escolheste...; Palavras e significados.	

³⁰⁹ Lyndon Johnson (1908–1973) foi presidente dos EUA de 1963 a 1969.

<i>Spectator</i> que editou por 50 anos. Escreveu vários livros.		
100 Uri Zvi Grinberg (Hungria, 1896 – Israel, 1981) poeta, jornalista e político israelense, que escrevia em ídiche e hebraico. Considerado um dos maiores poetas de Israel, foi amplamente premiado. Participou do Partido Herut, sionista revisionista.	Aconteceu ontem...	
101 W. Oschlis (Konigsberg, 1941) cientista político e jornalista. Foi professor da Universidade de Giessen, na Alemanha.	O difícil caminho dos judeus romenos.	
102 Wilfried Daim (Viena, 1923 – 2016) psicólogo, psicoterapeuta, escritor e colecionador de arte. Atuou na resistência católica na Áustria de 1940 a 1945. Em 1956, fundou o Instituto de Psicologia Política.	Moisés no deserto.	
103 Dr. William Watters , pastor da Igreja Metodista Unida, formou-se nos Estados Unidos, fez doutorado sobre judaísmo na Universidade de Iowa. Foi bolsista do Instituto Ecumênico de Tantur, em Jerusalém.	Novamente guerra, novamente silêncio.	
104 Y. Peres	Meu caro Ibrahim... Carta de um amigo israelense.	
105 Yehuda L. Bialer (Polônia, 1896 – Jerusalém, 1977) escritor de livros sobre arte judaica.	Os símbolos na arte e na tradição judaica.	
106 Yeshayahu Ben Porat (Viena, 1927 – Tel Aviv, 2007) escritor, jornalista e comentarista. Mudou-se para Israel, em 1945 e iniciou a carreira de jornalista, em 1950.	Cresce o debate sobre os territórios ocupados.	
Total 106 articulistas, em 1973	195 artigos assinados, sendo 03 homenagens ao Aron Neumann, que faleceu repentinamente.	

Fonte: Elaborada por Lucia Ribeiro Chermont, 2022.